3 1761 09701590 3

ANTERO DE QUENTAL

PROSAS

VOLUME II

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1926

PQ
9261
Q4A15
1923
v. 2-3

LIBRARY
MAR 8 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

1055769

PROSAS

Edição e propriedade de Couto Martins
Lisboa

ANTERO DE QUENTAL

PROSAS

VOLUME II

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1926

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 200 exemplares numerados.

N.º 1

PROSAS

PUBLICADAS ENTRE OS ANOS

DE

1866-1881

O SENTIMENTO DA IMMORTALIDADE

Carta ao sr. Anselmo d'A. (1)

Meu amigo.—Além dos philosophos que indagam, ha ainda no mundo uma outra classe, menos brilhante mas mais numerosa d'homens — são os tristes que choram.—

Lembro-me de pesarmos ha dias em commum as provas contra e a favor d'esta grande these da immortalidade. De tantas cousas que lhe disse, lidas nos livros dos grandes sabios, esqueceu-me esta, que por vezes me tem segredado o coração dos grandes infelizes. Para nós, que philosophavamos, a questão reduzia-se a um problema de metaphysica. É um trabalho d'artista este de discutir — brilhante mas frio. Os pensamentos ajunctam-se como as pedras de que se compõe o mosaico. A estas procuram-se-lhes cuidadosamente as faces por onde se ajustam umas ás outras: e, com tanto que se harmonisem naquella exacta proporção que se chama logica, a obra é boa. Boa, certamente, e perfeita: mas o que ao artista lhe não importa (nem elle poderia se quizesse) é aquecer aquelle marmore primoroso mas gelado. Excellente conjuncto, na verdade, pulido e lavrado a primor — mas lavrado e pulido em pedra, pedra fria como a dos tumulos!

(1) Andrade. *(Nota do editor.)*

O pensamento metaphysico é assim: um mosaico de diamantes. Diamantes brilhantissimos, mas cortantes e destruidores. Reflectem a luz toda do sol, e mais pura ainda se pode ser, mas não dão um raio de calor. Como o diamante, corta o syllogismo direito e fundo, mas é por isso que fere tambem. Na geometria da dialectica são tudo rectas: seguras, mas inflexiveis e monotonas. Pode ser que a recta seja o caminho da verdade ideal — mas a verdade humana, essa, como as voltas d'um doce ribeiro, ora costeando montes, ora ao longo dos valles, incerto na largura e na rapidez, essa segue todos as curvas caprichosas mas necessarias do sentimento. Deste methodo sei que é mais natural e humano. Agora o que não sei bem é se será tambem metaphysico. Quem se lembra do humilde suspiro do coração, quando se ergue esplendida e imponente a grande, a auctorisada voz da intelligencia? A commoção distrae e perturba: e o pensamento precisa de ter o olhar firme para ver; constante para penetrar; inflexivel para julgar.

Eis aqui porque, entre tantas cousas difficeis e intrincadas que, nessa noite, com esforço arrancava da memoria e da intelligencia, me esqueceu esta simplicissima, e que me acompanha sempre o espirito como uma companheira mysteriosa — a lembrança dos que choram.

E todavia, meu amigo, se um bom syllogismo vale muito, uma lagrima bem quente, bem viva e bem sentida, deve valer tanto — ou muito mais ainda. O peso d'uma lagrima! Leve cousa, talvez, na palma da mão do philosopho, acostumada a levantar a mole espantosa dos argumentos, dos systemas, das sciencias. Mas quando sobre o coração nos cae, d'uns olhos que Deos fizera para a luz e para a ventura, e a que a vida só

deu sombras e abrolhos — então! sente-se-lhe bem o peso, a essa pobre gotta d'agua, e não ha ahi já peito de bronze que não vergue e se abale, como se o tocasse o dedo invisivel de uma divindade...

Nesse estreito crystal se reflecte um mundo de desventuras sem nome, de sortes incomprehensiveis, de desesperos sem voz, de consumições solitarias, para que não ha consolação possivel na terra, porque a terra as ignora, porque são sombras de destinos violentamente despedaçados, porque são terriveis e irremediaveis como a morte! Como esse mollusco do mar das Indias, de cuja putrida consumpção nasce a perola nacarada, assim da espantosa decomposição das miserias humanas sae, como symbolo de toda a melancolia da vida, a viva perola de triste e doce reflexo — uma lagrima! Como os milhões de glóbulos numa só gotta de sangue, movem-se alli, agitam-se e passam todas as tragedias, cuja catastrophe nenhum braço de ferro pôde evitar; todas as luctas, em que a virtude e a verdade se viram sempre esmagadas, como sob o peso de maldição desconhecida; todas as funebres agonias das grandes almas ignoradas; todos esses dramas sem nome, que no mais baixo, no mais fundo da sociedade se revolvem mysteriosos e terriveis!

Que assombrosos quadros de miseria não allumia o doce raio de luz, que atravessa a agua pura d'uma lagrima! É o espantoso kaleidoscopo das dores da humanidade! E tudo isto, meu amigo, todas estas realidades ardentes, palpitantes, sangrentas, deixarão de existir, de bradar, de se estorcer, porque um dia, no fundo do cadinho metaphysico, aonde uma sciencia cruel lançara estas grandes ideias, Alma, Deos, Vida, se achou esse residuo, essa escura abstracção, essa

cousa que nenhuma palavra diz bem — uma negação, *nada?!*

Não pode ser. O coração levanta-se de salto e não pode ler essa irrisão feroz, escripta no céo com lettras d'oiro com lettras de harmonia. A razão não quer ouvir essa gargalhada delirante e crudelissima, soltada contra a sua fé, a sua lei, ella mesma, a *ordem*. Só a intelligencia, depois de ter recolhido as suas redes vazias, dirá, olhando para o vapor que exhalam ao enchugal-as o sol: «eis ahi o destino dos homens; como este fumo se evaporam e somem no ar vazio as dores da humanidade?...».

Vir-se ao mundo para amar, crer, sentir, ser bom, e feliz, e forte, que tanto quer dizer *homem*, e achar um leito de espinhos, e endurecer-se-lhe o corpo e a alma, e descrer e chorar, e ser máo e ignorante e misero — uma existencia a si mesmo traidora — um ser que renega sua propria lei — uma cousa feita para ser exactamente o contrario do seu destino — que é isto, senão a contradicção terrivel de tudo quanto temos por justiça, por verdade, por principio e harmonia dos mundos?

É a negação dos sentimentos mais intimos, das ideias mais essenciaes. Ou o universo é o delirio d'um demonio, ebrio de sua mesma maldade; ou para além do extremo arco da ponte da vida nos espera o seio vasto d'uma Bondade, a quem não esquece um ai, um suspiro só; uma mão, que ate com amor os destinos partidos; uma lei de justiça, a que chamamos Compensação.

Sem este equilibrio d'além-tumulo o mundo moral inclina-se sob o peso de suas ruinas accumuladas de seculos, e tomba e rola desamparado nos abysmos do

nada! Quando num prato da balança eterna se lança toda essa massa espantosa das desgraças humanas, tamanho peso só se compensa, pondo no outro o amor infinito — Deos.

Sim, Deos! Espirito, Força, Principio, Essencia, Jehová ou Brahama, que me importa um nome? Eu chamo a Deos justiça! Na queda e triste ruina das illusões antigas, das velhas crenças das gerações, fica-nos eterna essa grande palavra. — É que está gravada no coração. Só arrancando-o a poderão tirar de lá. E nem assim. No deserto das alturas a aguia que o empolgasse leria *justiça* nas carnes palpitantes... e cahiria assombrada!

Pois que! não se concebe que metade do céo, um sol com os seus planetas errassem o caminho do espaço, se sumissem para sempre na inercia, mentindo ao seu fim, á sua lei — e concebe-se que um insecto caia sobre um grão de pó a ser alguma cousa, e não o possa ser, e lucte, e se desespere, e morra emfim para não mais viver, para nunca mais cumprir essa sombra d'um destino, que lhe deram, e esqueceu todavia, e nem bem chegou a ser? Pois que! haverá ordem para os astros immensos, e não a poderá haver para um atomo de areia?

A Justiça do universo é outra. E quanto de maior e mais perfeito concebe o homem, tudo isso é ainda sombra e erro e desvario, baço crepusculo ao pé da eterna luz de verdade, e amor que allumia a immensidade. E, todavia, sonha-nos a alma uma compensação para as dores do mundo; presente, para além do céo visivel, um outro que não se vê, mas cujas glorias adivinha o coração — o céo da Immortalidade. Concebemos essa cousa bella... e Deos não teria força para

o executar? e não chegaria a realidade até aonde pôde ir o desejo do homem?

A cada ser o seu destino — a cada destino o seu cumprimento. Aqui, alli, agora ou logo, com esta ou aquella forma, que importa? Se esta hora, chamada vida, nos mentiu, outra virá por certo, e a mão de luz e bem nos conduzirá no nosso verdadeiro caminho. Se este palmo de terra se recusa ao peso da nossa sorte, ha mundos espalhados nos espaços, ha soes, criações, formas que nem se sonham, e alguem num vôo ineffavel nos levará lá, aonde saciemos a sede e a fome de venturas que nos ficar d'este desterro...

— Ah! não se é pó depois de tanta magoa!
Senão diga-me alguem que allivio é este
Que eu sinto quando á abobada celeste
Alevanto meus olhos rasos d'agoa?

. . . . . .

Ha depois desta vida inda outra vida:
Não se aniquila um atomo de areia:
E havia de a nossa alma, a nossa ideia,
Nas ruinas do pó ficar sumida? (1)

. . . . . .

Por grande, por sublime que seja este nobre poeta, que todos amamos como a um ser á parte, nunca sua alma conceberia cousa tão bella que Deos não possa realisar. Não será nunca a creatura maior do que o creador: e *todo* o espirito divino pode dispor de maiores consolações do que a *parte* d'elle, que docemente se revolve no seio do grande inspirado!

(1) João de Deus.

Sei que não será talvez argumentar, isto. Mas commovem-me estas cousas e abalam-me como nenhuma demonstração fria de não sei quaes leis nebulosas, com que uma philosophia cruel nos quer envolver a vida numa cerração de desalento e treva que suffoca o coração.

É o ai d'um triste, dirão; o sonho vago e doentio, que sae d'uma alma magoada pelas dores... Que pode isso provar? que pode provar uma lagrima? E com que direito, perguntarei tambem, hão de os frios argumentadores da sciencia da terra desprezar essa viva e ardente voz de justiça, que se ergue para o céo e é a voz das desgraças do mundo? Ardente e viva! que mais lhe faltará para ser a verdade? Falta-lhe talvez aquelle austero compasso, aquella monotonia do espirito, chamada logica, por onde a philosophia mede o rythmo impassivel de suas palavras fatidicas... Mas logica é proporção, harmonia e ordem — e a voz dos desgraçados só a pedir ordem e harmonia se levanta para o céo. É logica tambem: mas d'uma logica sancta, sentida e quente como o seio das mães, como o coração dos amantes. Não é o methodo da sciencia? é o methodo da vida! E a sciencia, se o desprezar, será scientifica muito embora, mas não será viva nem humana...

Que philosophia nos saia de dentro do coração, quente e luminosa, como uma extensão da nossa mesma alma em volta de nós, a nossa aureola, o nosso esplendor! Porque ha de o pensamento temer a commoção como uma vergonha? Nunca se commoverá tanto, nunca será tão doce e humano, que em doçura e amor exceda a alma immensa do universo. Todos os argumentos de todas as escolas do mundo, amontoados, a que

altura chegariam? Mas o olhar d'uma mulher sobe, eleva-se no céo a taes distancias, que não ha já ahi mathematica bastante para lhe medir a largura do vôo!

Será isto só poesia? a poesia é tambem verdadeira: é a evidencia da alma. Se o pensamento indaga, o coração adivinha. Áquelle podem illudil-o os erros, que um desvio lhe introduza no calculo atrevido. Mas a este não, que não calcula nem compara: vê e sente. Não é livre, não é activo; mas por isso mesmo se não pode enganar. É lá que a mesma lei da existencia vive occulta, e d'alli solta os seus oraculos sempre certos. Da ruina das sociedades antigas quanto resta, quanto acceita o futuro, como parcella d'oiro, depurada de tantas fezes seculares?... Serão os systemas, as abstracções, as *certezas?* Não: as *illusões* apenas — a Poesia. A poesia! o sonho da humanidade no berço infantil de sua primeira innocencia! a fada que lhe embalou os sonhos de creança! a sybilla reveladora das palavras mysteriosas, cujas glosas foram as primeiras crenças, as primeiras religiões, as primeiras sociedades! Do regaço d'ella nos caíu sobre as mãos o mundo antigo, ardente, bello, luminoso, pelo contacto d'aquelle seio divino. Sobre esse candente alicerce firmámos nós as frias construcções do nosso mundo moderno. O chão, sobre que assenta a *certeza* de hoje, formou-se pelas alluviões successivas da *intuição* antiga. O que é sciencia foi já poesia: o sabio foi já cantor: o legislador, poeta: e a evidencia, uma adivinhação, um admiravel *palpite*, cujas profundas conclusões são ainda o espanto, e porventura o desespero das mais rigorosas philosophias. E, se nadamos hoje em plena luz de razão, foi entretanto a poesia, foi essa doce mão, que

nos guiou por entre o pallido crepusculo dos velhos sonhos. Velhos? não: sonhos eternos! Vestido de gaze multicor da primeira infancia, não, não te lançaremos no monturo, só porque crescemos e nos cobre agora os membros a tunica viril da idade madura! Porque és bello, porque és innocente, porque a doce alma da creança passou para o tecido, e o fez ainda mais puro — por isso serás conservado como talisman, como cousa sancta e immaculada — de vestido feito reliquia. — Sonharemos sempre! que o sonho consola, dá fé e virtude. Luminoso e bello, deixará de ser tambem verdadeiro só por não ser rigorosamente *logico?* Ha muitas logicas. O sentimento tem a sua; diversa, só, mas nem porisso menos segura. É assim que a intelligencia de hoje tem confirmado todas as intuições da antiga poesia. A religião, o direito, a liberdade, o amor, tudo isso nos legou o velho mundo poetico: não o descobrimos nós. Aquilatamos novamente o valor d'esse ouro, d'essas pedras finas, pelos nossos processos: e o valor não se achou minguado; cresceu talvez. A nobre confiança, que a antiguidade depositára no sentimento, não a illudiu, não lhe mentiu. O que o coração segredou ao homem no doce crepusculo das eras instinctivas, pode hoje dizer-se, repetir-se bem alto, á grande luz d'esse céo de clareza e de razão, é a verdade!

É que a belleza tem tambem a sua certeza: é uma evidencia tambem. O que é bello não o é só porque alegra o olhar e falla aos sentidos a linguagem da perfeição. É-o, sobre tudo, porque o coração lhe sente a verdade eterna que o anima. *O resplendor da verdade* — assim definiu a belleza um dos mais profundos genios antigos, e que mais a amou e seguiu. Um ins-

tincto incomprehensivel nos leva sempre para o lado da luz, muito antes ainda que a sciencia saia do limbo dos factos, e a razão das fatalidades da natureza. Anteriores ás ideias estão os sentimentos — thesouro occulto, a que a pobreza da intelligencia recorre cada vez que tem de apparecer no mundo, radiante d'aquella formosura que só prende as vontades e arrebata os corações. São o mesmo fundo essencial da alma. A alma é a verdade no homem. Porisso, quando por defronte d'ella passa, desenrolando-se como uma tela de mil figuras, o universo em suas mil formas, tudo aquillo que ella escolher e saudar pelo nome de irmão, tudo isso será verdade tambem. Renegar do sentimento é regeitar metade do mundo, a poesia, Homero ou Isaias: metade da historia, e trabalho dos *simples*, Bouddha, Christo, ou Joanna d'Arc: metade do homem, o coração!

Porque será essa metade condemnada, porque não terá ella razão, e ha de a ter a outra, a mais fria, a mais incerta e a mais fraca tambem? E poderá estar assim a alma em contradicção comsigo mesma, a alma, a harmonia por excellencia?

Grave, intrincada questão para os impassiveis argumentadores, que medem a extensão do universo pela medida de seus syllogismos! Para quem lhe sente a ordem maravilhosa, sem lhe importar que exceda o circulo estreito que a impotencia humana traça em volta de suas ideias, para esses basta-lhes o bom senso, a confiança na perfeição absoluta do mundo moral...

Orgulhosas gerações, que quando se oppõem á natureza, lhe chamam a ella falsa e desordenada! Ella, porem, fica eterna: e os systemas, que a condemnavam,

são esses que em vez de a esmagarem, estalam, porque a não podem conter dentro do apertado annel que tomarám pela cintura do mundo.

E, neste grande pleito da immortalidade, é a sciencia que está fóra da natureza, é ella que se engana, porque é feitura nossa, e não o sentimento humano, que esse mal nos pertence, e foi Deos quem o creou, assoprando um sonho de luz sobre a alma adormecida. Philosophia, que despreza a historia, que fecha os ouvidos a essa grande voz do instincto espiritual da humanidade, que, de seculo em seculo, se lançam as gerações, e cada vez mais forte e mais clara, uma tal philosophia será methodica e rigorosa muito embora, será boa na escola, mas na vida é falsa, porque a vida vivem-na os homens — e ella não é humana.

Fóra da escola, fóra da sciencia, que importa? mas no meio dos homens, no ajunctamento dos que sentem, com a cabeça banhada pela doce atmosphera de crenças que todos respiramos — é ahi, meu amigo, que eu assentarei a minha humilde tenda de crente. Humilde mas luminosa: que a banha o sol da confiança todo o dia, e, á noite, sob o céo, visitam-na com sua meiga luz todas as serenas estrellas da esperança. Para ellas ergueram os olhos, levantando as faces pallidas, quantos homens têm sentido dentro em si, como possessos d'um deos, esse desconhecido mas irresistivel hospede chamado o Ideal. Fitou-as Christo muita vez, por entre a ramagem das oliveiras do seu monte de paz e recolhimento. Contemplou-as Socrates, cheio de espanto, quando começavam a surgir no céo da Grecia, como no mar uma armada victoriosa que se aproxima. E Zoroastro, do alto da sua montanha sublime, viu-as bem, e pôde contar uma a uma todas essas *ovelhas do*

rebanho de Deos (1). Assim passaram na terra: acompanhou-os esta grande confiança, como misterioso enviado d'outro mundo desconhecido, até á ultima fronteira da vida. Lá, d'esse extremo confim, nos traz o vento o som de suas derradeiras passadas, e esse som é como um echo de immortalidade!

Os maiores, os melhores d'entre nós creram nisto, como crêem os mais simples e mais humildes. E será possivel que a alma mentisse e errasse exactamente naquelles em que mais brilhou, por quem se revelou, na hora do seu maior esplendor?

Pensemos nisto, meu amigo. Que as maiores explosões de verdade no mundo sejam os momentos do mais triste desvario humano, isto é o que deve espantar e encher de confusão toda a alma crente ainda em alguma cousa de harmonico e ordenado no mundo! Que os nossos guias, esses que vem por favor do céo de seculos em seculos a mostrar-nos o caminho, sejam os primeiros a transviar-se, e a nós com elles, eis a summa decisão, lançada por um destino infernal sobre a fraqueza e escuridade dos homens! As mais bellas, as mais vivas e bem dotadas raças de homens só depois d'um trabalho secular de aperfeiçoamento e consciencia chegam a esta conclusão, e fecham a abobada das maiores civilisações com esta grande chave — Immortalidade. E todo esse trabalho, dolorosamente perseguido, será baldado? e o fecho da construcção será de vento? e será o epilogo das mais bellas civilisações esta palavra *illusão?* e só hão de ter razão, em face da India harmoniosa, da Judeia apaixonada, da Grecia luminosa, das raças humanas por excellencia, as hordas

(1) Expressão da poesia popular.

selvagens da Africa occidental, formas confusas, esboços grosseiros, menos ainda que animaes, porque nem a belleza animal possuem?

Não posso crer tal, meu amigo. Se o universo e a vida tinham de ser isto, não valia a pena que existissem. Outra conclusão deve sair, por certo, d'estes confusos, mas não contradictorios factos humanos. Uma negação não pode ser o ultimo verso do poema dos destinos. E a *existencia* atravessaria os espaços com seu ardente vôo d'aguia, só para no fim encontrar o *nada* e precipitar-se nelle?

Outra, e maior, e mais digna da alta ideia que fazemos do universo, deve ser a resolução do fatal problema. Não por certo a conclusão fixa, determinada e immovel das theologias, e, principalmente, da theologia christã. Uma conclusão moral e não doutrinal. A *confiança* e não o *céo*. Uma crença do coração, e não o codigo d'uma Egreja...

Isto basta, porque isto é o essencial. Nos problemas fundamentaes da vida uma resolução determinada e rigorosa, longe de animar o espirito no seu trabalhoso caminho, antes o esmaga sob o peso do absoluto, e enfraquece a vontade que mal pode já desejar o que tão bem conhece. Dizer tudo, aqui, é dizer de mais. É o imperio crepuscular do sentimento, o mundo do mysterio. Mysterio sancto e benefico! Basta uma pequena luz ao longe para se ver *aonde* vamos. *Como*, isso é o imprevisto da viagem, o drama, a vida — é a sublime surpreza da alma. O futuro todo desvendado, essa grande certeza, essa immensa luz, cegariam o espirito com o brilho excessivo. A ancia humana de ver e saber, se a não sacia o fundo oceano da verdade, é que bebe gotta a gotta essa maravilhosa agua de vida;

toda, e d'uma vez, fora seguramente a morte. O vago convem ás grandes cousas, como vae bem em volta do vulto dos heroes o nevoeiro das legendas. Pede-se ao coração uma palavra de animadora confiança, que mais não pode nem deve elle dizer. É por isso que a philosophia moderna nega a immortalidade, indagando de mais: em opposição com o christianismo, que a affirmara, crendo mais do que se pode crer.

Uma verdadeira sciencia, que meça o rythmo de suas ideias pelo pulsar compassado do sangue no coração, não entra, como louca e impaciente crença, impetuosa e audaz no templo, no recesso mais intimo e sagrado, onde a providencia mysteriosa do mundo guarda os ultimos destinos do homem. É o sacrario do sentimento. O sabio respeita as cousas sanctas, ainda quando as interroga. *Saber até qual limite se pode saber* — eis ahi a grande, a primeira das philosophias.

Estude-se, revolva-se o vasto universo d'um ao outro confim do espaço; o mundo nos seus fundamentos; a natureza nas suas formas; a alma nas suas faculdades; mas o ultimo mysterio do homem, esse basta *sentil-o* — porque é já o mysterio de Deos! (1)

(1) Publicado *in*-O Instituto, vol, xiii, n.º 2. Coimbra, 1866. *(Nota do editor.)*

ESPONTANEIDADE

A Philosophia do seculo XVIII escreveu no seu pendão aventureiro esta legenda audaciosa — independencia absoluta do espirito humano. A liberdade, por toda a parte comprimida nesse tempo sob o guante de ferro de governos tyrannicos, suffocada no mundo dos factos, reage fortemente e triumpha no mundo das ideias, nas sciencias. É a hora solemne da razão. Diante d'ella comparece o mundo; tanto a historia como a natureza; tanto os phenomenos da terra como os deoses do céo. Ante seus olhos desfilam confusamente os factos, as ideias, as religiões, os systemas, as theogonias, os governos — e recebem todos a sua lei. A lei da razão é o *razoavel*. Quer isto dizer que o resultado d'esse exame universal da natureza, do espirito e da historia, foi o desapparecimento do vocabulario humano d'uma pequena palavra, pequena em verdade, mas pesada para a intelligencia como vinte seculos de ignorancia e escravidão — o *sobrenatural*. Foi o acto de abdicação do maravilhoso: na historia, o milagre; no espirito, o mysterio.

Esta desenthronisação é a grande obra do seculo XVIII. Na ordem das ideias abstractas é o triumpho completo da *Lei*. Este principio realisado nos factos do mundo material chama-se Lei natural ou Força. Nos successos humanos toma o nome de Consciencia e Liberdade.

Esta revolução começa pelas serenas regiões da philosophia pura. Locke apaga do espirito, com mão ousada, os ultimos vestigios das *ideias innatas.* E Condillac, reconstruindo artificialmente o edificio maravilhoso da consciencia, *cria* uma alma, um homem metaphysico, sobrepondo e combinando sensações, como quem compõe um mosaico, peça por peça, enxadrezando seixos cortados e polidos. A intelligencia faz-se conhecimento: a intuição transforma-se em experiencia. O espirito humano deixa de ser a obra anonyma, onde um artista desconhecido escreveu as concepções quasi inintelligiveis d'uma caprichosa inspiração pessoal. Tornou-se uma tela branca, onde as percepções do mundo visivel, entrelaçando-se, desenham os complicados hieroglificos que se chamam ideias. Por este processo a consciencia mingua muito, é verdade, do lado do mysterioso, do sobrenatural: mas outro tanto cresce do lado da liberdade. É a filha do seu mesmo trabalho: a sua grandeza é uma obra propria, uma laboriosa creação sua; não é um dom gratuito de potencia desconhecida e parcial.

Este nobre espirito de liberdade é a gloria da philosophia do seculo passado. Se as suas illusões, o seu methodo exclusivo, os seus processos empiricos lhe não podem dar senão um logar secundario nos fastos da metaphysica, abre-lhe a historia uma pagina honrosa, porque bem mereceu da humanidade nas suas luctas pela emancipação do espirito. O sensualismo, negando a alma, serviu-a melhor do que todos os idealismos theologicos que só a affirmam para melhor nos prenderem, prendendo-a a ella primeiro, no triste e nubloso paiz das revelações e do maravilhoso. As armas d'essa philosophia vencida estão hoje gastas e partidas. Mas

podem mostrar-se sem vergonha, porque se não romperam nem gastaram em combates estereis. A philosophia do sobrenatural, ferida de morte por aquellas armas, se vê o seu inimigo moribundo, não pode todavia alegrar-se, porque o seu proprio sangue ensopa tambem a terra que bebe o sangue do contrario.

Forçada pela mão poderosa da metaphysica, a porta da experiencia abre-se de par em par diante do espirito do homem. Por ella se precipitam ruidosamente todas as sciencias do seculo passado. É uma porta estreita; será: mas era a unica, nesse tempo, por onde se podia sahir para a liberdade. Os homens de genio, as altas estaturas da humanidade, têm de se curvar um pouco, de se fazerem menores — mas passam! Eil-os fóra dos portaes gothicos do templo, das frias abobadas da eschola; eil-os livres! O grande ar que se respira agora é dilatado e purissimo — é a atmosphera da Razão.

«O mundo e as suas leis, o homem e as energias da sua natureza, bastam a explicar os phenomenos do mundo e os factos do homem.» É este o principio simples mas inabalavel sobre que se move todo o seculo XVIII. Entre os defeitos e as desharmonias das construções que se lhe elevaram em cima ficará eterna esta base, porque é a mesma base indestructivel da razão. É a concordancia do universo comsigo mesmo. No meio da natureza só podem haver effeitos e causas naturaes. A historia, as sociedades, as religiões, os governos nascem, crescem e declinam por uma força propria no seio da humanidade, como as arvores no seio da terra. O sobrenatural é aquella hypothese que Laplace dispensava na reconstrucção do Systema do Mundo, simplesmente porque podia explicar tudo

sem recorrer a ella. O milagre no homem, com effeito, pede naturalmente o milagre no astro e o milagre no insecto.

Foi isto o que proclamou a grande voz do bom senso, a voz soberana de Voltaire. Para elle a historia não é já, como para Bossuet, um templo mysterioso elevado por Deos á sua mesma gloria, e onde a humanidade escuta curvada as palavras sybillinas de cima. É a habitação do homem, por elle, por seu trabalho e industria levantada, mais modesta sim, mas onde só elle governa e é senhor.

O que se vê, até onde os olhos podem ir através do nevoeiro dos tempos, tudo isso é obra da intelligencia, da vontade, do esforço humano. As religiões, clama elle, as religiões são outros tantos systemas. E Rousseau responde-lhe com a sua voz de propheta — as sociedades, os governos são outros tantos pactos que se podem solver tão livremente como se ataram. Vico ergue-se então na terra do Dante, e, como uma sybilla de Virgilio, conclue com este profundo oraculo — o homem é o seu mesmo creador.

Soberano esforço do genio! Todos os que vieram depois, Hegel, Michelet, não fizeram mais do que confirmar a intuição maravilhosa do grande Italiano. O poderoso espirito de liberdade e vida, que anima o seculo XVIII, parece encarnar naquelle homem mysterioso, que, dando a alta formula da philosophia do seu tempo, dá junctamente a base da razão de todos os tempos — a affirmação do *eu* humano.

Para as grandes luctas os grandes athletas. Eram precisos um Vico, um Montesquieu, um Voltaire, um Rousseau, esses robustos *pioneiros* da ideia, para abrirem através das florestas da velha theologia o caminho

das edades novas, o caminho da revolução. «O que é o seculo XVIII? pergunta Victor Cousin (1), qual foi a sua acção? nada menos do que a creação da historia moderna — separar radicalmente os tempos novos dos tempos antigos, isto é, da edade-media.» E Michelet accrescenta (2). «O inimigo é o escuro passado, a barbara edade-media. A missão do seculo XVIII é a *humanisação* do mundo pela ruina dos dogmas *deshumanos* (em politica como em philosophia e religião).»

Vencido o grande combate, vê-se porem que as armas se gastaram, e rendidas em mais de um ponto, não têm já aquelle brilho antigo do aço fino e estreme. Boa é a lamina certamente, e certeiros são os golpes. Mas não é, ainda assim, a espada fatidica de Roland com que o heroe abrio ao meio o monte das lendas, o monte Doll, sem que se resentisse sequer aquelle aço purissimo ao contacto do granito. Aqui e alli vê-se fendida aquella boa folha que atravessou o duro coração d'um mundo impedrenido — e isto bastou para se lhe pôr em duvida a virtude magica.

O ponto de partida da philosophia do seculo XVIII é eterno porque é a Razão. Essa base nenhuma reacção posterior a pôde ainda abalar. E as sciencias contemporaneas acceitaram-na, e confiadamente construiram sobre ella. Mas as conclusões é que eram excessivas: excessivas e absolutas como o espirito de reacção que as produziu e que sobreexcitava, quasi até ao phrenesi, aquella epocha revolucionaria e creadora.

A edade-media tinha dicto: *inspiração*, *graça*, *revelação*. A isto respondeu ousadamente o seculo XVIII:

(1) *Histoire Générale de la Philosophie.*
(2) *Histoire de France au XVIII siècle.*

consciencia, *responsabilidade*, *vontade*. Deos cedeu a palavra ao homem. A humanidade tornou-se responsavel pela sua obra. No fundo da grande e mysteriosa pagina que se chama Historia, viu-se esta inesperada assinatura — liberdade.

Até onde? Toda a questão está nesta pergunta. O que ha de voluntario na obra humana? e o que ha de fatal, de inconsciente? Esse limite não o marcou, nem Voltaire, nem Montesquieu, nem Rousseau. Para elles onde ha *acção* ha *reflexão* por força: á obra precedeu sempre a vontade. Entre as creações humanas mais primitivas, as primeiras sociedades, os primeiros cultos, e as organisações contemporaneas, filhas da meditação e livremente debatidas, não vêem outra differença senão de tempo e de perfeição relativa. O processo suppõem-no o mesmo: reflexão, experiencia, vontade. Dão aos primeiros homens, obscuros e pequenos no meio de uma natureza impenetravel, a robusta consciencia do homem metaphysico de Condillac, formada, engrandecida por mil sciencias, mil victorias sobre essas inflexiveis forças naturaes, mil segredos arrancados á vida e ao mundo depois de seculos de luctas e dores sem conto. São outros tantos *encyclopedistas*, que, nos primeiros dias, argumentam, debatem e fixam as leis, os governos, os cultos e as linguas! Os creadores das primeiras ideias são sabios e philosophos como Descartes e Leibnitz! Os chefes das primeiras tribus precisam da dupla experiencia de um Marco-Aurelio e de um Machiavel!

É assim que para Voltaire as religiões não passam de systemas, que uma politica cautelosa occultava sob o véo de allegorias populares, mas gerados por uma profunda sciencia da Natureza. E para Rousseau as

sociedades são apenas um *contracto*, um *pacto livre*, isto é, todo um direito publico e civil antes das primeiras cidades e das primeiras leis. Para ambos, para todos, a historia é uma longa combinação reflectida, um quadro onde o artista combinou sabiamente e em plena consciencia as varias cores, as sombras e a luz, em vista d'um effeito previsto.

É este o ponto verdadeiramente fraco d'aquella philosophia. Grande, poderosa na analyse faltou-lhe completamente o melindroso sentimento do concreto, isto é, a ponte delicada por onde se passa das *ideias* para a *vida*. As suas conclusões têm alguma cousa da inflexibilidade do dogma: são absolutas. As differenças de tempo e de raça, os periodos successivos da consciencia humana, os movimentos occultos do espirito até por elle mesmo ignorados, as distancias, em fim, que ha entre as leis e os factos, todas estas coisas a incommodavam na sua rigidez ideal, e preferiu negal-as a explical-as. Mas tudo isto é a mesma atmosphera da vida, as condições do movimento humano, *a alma*, em fim, *no tempo e no espaço*. Sem isto a embryogenia do espirito tinha sido impossivel, porque sem successão não ha movimento, e só gradualmente se cresce. A humanidade teria parado desde o seu primeiro dia. Não teria havido historia.

Havia nisto tudo mais que um defeito de critica. Havia um erro de metaphysica. Considerou-se a reflexão como o ponto central do espirito, quando ella é apenas um instrumento, ou melhor, um modo de ser d'essa força mysteriosa que faz o homem interior. A consciencia, que é um resultado, tomou-se por um principio. D'uma *hora* fez-se *sempre:* d'uma circumstancia, uma condição eterna. Suppoz-se que a alma não

podera existir um momento só ignorando-se, vivendo sem saber o que é vida, creando, obrando, sem fazer ideia do movimento. D'aqui a impossibilidade de separar a reflexão da mesma existencia do espirito. Faziam um: e, d'este modo, a mesma hora vira o apparecimento de ambos no mundo, não se concebendo um só acto, ainda na infancia da humanidade, senão consciente e voluntario.

A reacção philosophica do principio de seculo XIX, revolucionando a metaphysica, tornou possivel a critica das origens da humanidade. Viu-se que a consciencia é o termo ultimo, a mais energica expansão da força espiritual, mas não o mesmo espirito. Longe de ser a origem das primeiras concepções, das primeiras ideias, viu-se ser ella mesma o resultado, o producto d'esses obscuros e confusos movimentos. E a hora solemne da alma, o seu dia esplendido — mas antes d'elle quantos duvidosos crepusculos, quantas sombras indecisas, quantas noites cerradas, talvez? E, todavia, a noite é ainda parte do dia, e tem seus astros, suas vozes, seus encantos tambem. Antes da consciencia, por detrás d'ella, o olhar do philosopho percebe no luscofusco, nos sonhos das primeiras impressões, alguma cousa incerta e pallida, mas viva todavia, que se agita, se precisa de hora em hora, se clareia e affirma cada vez mais. Essa cousa é já o espirito — o espirito menos a reflexão.

A esta hora vaga e mal firme da alma humana corresponde na historia (cousa extranha á primeira vista) a edade creadora por excellencia, a incubação dos germens escuros d'aquillo a que mais tarde se ha de chamar religião, philosophia, legislação e poesia. O alimento eterno do espirito prepara-se alli, naquellas

sombras, antes, muito antes ainda de se elle conhecer e como que tomar posse de si. A reflexão só apparece depois. Antes, fora um effeito sem causa. A cada uma d'aquellas manifestações corresponde uma faculdade — e só pelo trabalho combinado d'ellas, com seu auxilio, pode o espirito affirmar-se, possuir-se até áquelle ponto soberano, chamado consciencia. Aquella edade ante-reflexiva podemol-a definir um recolhimento solemne da alma em si mesma, preparando-se em silencio para o grande combate da liberdade moral — o conhecimento.

Assim resolveu a philosophia do nosso seculo este velho pleito das origens espirituaes da humanidade. Á infancia da alma corresponde, no tempo, uma edade infantil, confusa, ou melhor, escura, mas fecunda em impressões, a *edade instintiva*. É ella que fixa por uma vez, e ainda no berço, o caracter de cada raça, as suas aptidões, quem, emfim, lhe determina a *vocação historica*. Synthetica, porque precede as epochas analyticas, as suas criações têm uma feição de unidade, e, por isso que não são filhas do capricho da vontade, um cunho de persistencia e eternidade. O principio intimo que gera esses mysteriosos movimentos, a lei d'essa hora primeira do espirito, chama-se *espontaneidade* (1).

As ideias e as linguas, sem as quaes não ha religiões nem sociedades, não poderam ser creadas por um trabalho artificial e reflexivo, por isso mesmo que um trabalho d'essa ordem presuppõe conhecimentos e meios, isto é, linguas e ideias. A hypothese de uma inter-

(1) V. Cousin: *Cours de Philosophie*, leçons de 1818 et 1822. Max Muller: *Lectures on the science of language*. Michelet: *Origines du Droit — Biblie de l'Humanité*. Renan: *De l'origine du langage — Études d'histoire religieuse*.

venção directa, de uma revelação, como se usa dizer, está, por um lado, em opposição com o principio fundamental da sciencia moderna, a universalidade das leis naturaes, e, por outro lado, não resolve ainda assim a questão, como bem observa V. Cousin (1), a respeito da supposta revelação da primeira lingua. «A revelação da linguagem, diz elle, desloca a difficuldade sem a resolver. Signaes inventados por Deos seriam para nós, não *signaes*, mas *cousas* que era mister depois elevar ao estado de signaes, ligando-lhes tal ou tal significação.»

Se, pois, as primeiras creações humanas não são nem uma invenção artificial e consciente, nem a sublime lição d'um pedagogo divino, não podemos senão attribuil-as ás faculdades humanas, obrando espontaneamente sob a influencia de suas forças proprias e imanentes. É esta exactamente a explicação da critica moderna, a theoria da Espontaneidade.

Só ella tem um cunho de verdade, porque, longe de ser exclusiva, abraça, modificando-as, as outras duas, na sua synthese larga e generosa. «Sem duvida, diz Renan (2), o homem produz tudo o que sae da sua natureza. Concorre com a sua actividade; fornece a força bruta que produz o resultado. Mas a direcção d'essa força não lhe pertence. Dá a materia: a forma, porem, vem d'outra parte. O verdadeiro auctor das obras espontaneas é a natureza humana, ou, se se quizer, a causa superior da natureza. Neste ponto torna-se indifferente attribuir a causalidade a Deos ou ao Homem. O espontaneo é á uma humano e divino.

(1) Prefacio ás Obras Philosophicas de Maine de Biran.
(2) *Origine du langage.*

Está nisto a conciliação de opiniões, antes incompletas do que contradictorias, que, segundo dizem respeito a uma ou outra face do phenomeno, têm egualmente uma parte de verdade. »

Estas conclusões, como se vê, em nada invalidam o grande principio de Vico — o homem é o seu mesmo creador. Completam-no porque o explicam. As primeiras obras, cujo berço quasi se confunde na imaginação com o mesmo berço do tempo, apparecem-nos claras e naturaes e, o que é mais, seguras e revestidas d'um divino caracter de eternidade. A sua espontaneidade é uma garantia da verdade absoluta que têm em si. Ligadas, por sua origem, com as forças mais vivas da natureza, são, como ella, reaes e eternas.

Vê-se que a obra do homem tem por fundamento os mesmos fundamentos do Universo. A alma sente-se irmã no meio de todas as forças do mundo, e segue crente e confiada nos destinos communs da familia universal. Isto basta para a segurança do espirito como para a paz do coração (1).

(1) Publicado *in*-O Instituto, vol. xiii, n.º 8. Coimbra, 1866. *(Nota do editor.)*

O FUTURO DA MUSICA

I

A queda da edade-media, o esphacelamento da sociedade feudal e christã, começado no seculo XVI e continuado até á catastrophe final e decisiva da revolução franceza, é um facto muito complexo e que, pelo numero de elementos que contém, estende as suas consequencias à largas distancias e onde mal lhe suspeitariamos a influencia. Como um d'esses troncos seculares de cuja seiva se nutrem milhares de plantas parasitas, a queda da grande arvore gothica arrastou comsigo milhares de vidas dependentes, determinando uma das mais vastas desorganisações de instituições e ideias de que a historia faça mènção.

É que a edade-media não era só um systema politico e economico, um modo apenas de organisação social. Era um mundo completo e uma grande phase do espirito humano. Acima do cahos barbaro, d'uma tão confusa e contradictoria sociedade apparece alguma cousa que dê unidade a tantos desencontrados elementos, e luz áquella desordem apparente. Vê se que é um organismo, monstruoso sim e desproporcionado, mas vivo e completo. Tem um movimento proprio e uma alma sua: uma politica e uma religião: a aristocracia feudal e o christianismo. D'aqui uma sciencia e uma industria, uma arte, uma litteratura, codigos,

leis, poesia, um mundo, emfim, independente e perfeito.

Fora muito longo enumerar todas as circumstancias economicas e religiosas, o concurso das condições, desde a raça até ás ideias dominantes, desde a politica até á theologia, que produziram e fizeram desenvolver o estado particular dos espiritos e das instituições a que damos o nome de edade-media. Basta dizermos que essas circumstancias, ou pelo enfraquecimento gradual das forças que as determinavam, ou pela lucta mortal d'umas com outras, em parte extinctas e em parte sem a antiga energia, tinham emfim perdido, no seculo XVI, todo o poder, cedendo o passo a novas e inesperadas condições, novas ideias, novas industrias, novas formas politicas, outros sentimentos e outros conhecimentos, que de todos os lados do chão e do peito humano, rebentavam em explosão desordenada mas promettedora de esplendida fecundidade. A edade-media tinha-se gasto e destruido a si mesma, dilacerando as proprias entranhas como o dragão raivoso da fabula. A monarchia contra o feudalismo, a egreja contra a monarchia, um furioso combate de gigantes durante mil annos, no meio da tristeza, do terror, da desolação d'um mundo vacillante... se a historia de uma epocha se podesse conter em tão poucas palavras, talvez a d'aquelle tempo coubesse nesta formula.

Este mundo desharmonico tinha comtudo uma extraordinaria força de vitalidade. Firmava-se no que ha de mais tenaz e resistente no mundo; o mal e a ignorancia; a miseria e a superstição. E, como o abuso e a tyrannia tambem têm os seus fieis, e o erro e a illusão os seus crentes, a edade-media, ao soar a sua ultima hora, tinha ainda muito quem a amasse, quem d'ella e por

ella vivesse, respirando contente suas nevoas ainda as mais pesadas. As almas viram-se nuas, despojadas do brando conchego das antigas crenças. As tradições quebraram-se uma a uma e os homens, deixando de suster nas mãos esses fios conductores no labirintho da vida, sentiram-se isolados e fracos. A lousa cahiu, pois, sobre o cadaver da edade passada no meio d'um côro tristissimo de soluços, dos suspiros e das lamentações dos seus fieis desolados.

Por outro lado o futuro parecia incerto e cheio de duvidas. Os peitos experimentavam aquella oppressão, que afflige sempre os que se dispõem a uma viagem longa e mysteriosa. Opprimia-os a visão do desconhecido. Incertos entre dois mundos, tamanha repugnancia lhes inspirava o moribundo, quanta desconfiança o que estava por nascer. Duvidava-se: e o ardor febricitante com que os espiritos se precipitavam na direcção do horisonte encuberto, essa violencia desordenada, esse excesso de audacia era ainda uma forma da duvida. Procurava-se uma religião nova no meio das saudades da velha religião, em que já ninguem cria, e por que muitos comtudo suspiravam. Caminhava-se com a consciencia da impossibilidade do retrocesso e com as preoccupações da incerteza do que no fim do caminho se encontraria. Os peitos transbordavam de aspirações, mas as almas sentiam-se vazias de realidades e de crenças.

Tal é a physionomia moral do seculo XVI. Renascença e Reforma eis os nomes das duas grandes correntes espirituaes que o atravessam. Uma, ebria de futuro, põe o pé com um arrojo que assusta nos caminhos ainda não trilhados, renegando dos deoses velhos, fiada só na religião dos aventureiros, a audacia. A

outra sopra com sua bocca piedosa as cinzas esfriadas do altar arruinado, cuida que basta, para resuscitar as divindades extinctas, baptisa-las com nomes novos, e ama tanto o passado que na cegueira d'esse amor é quem mais inquieta com choros e gemidos a ultima hora do moribundo.

Tudo isto no meio d'uma revolução immensa nas condições economicas e politicas. A burguezia, tornada forte á sombra da realeza, leva a audacia até sentar uma rainha tirada do seu seio plebeu no throno de França (1). Um poder novo surge, que se faz obedecido pelos mais desdenhosos senhores, o commercio; a banca apparece e o ouro dos negociantes italianos e allemães pesa mais nos destinos da Europa do que a nobre espada dos reis e dos imperadores (2). O feudalismo transforma-se em nobreza. A classe-media apparece formada, e começa já a agitar surdamente dentro em si as pretenções, as queixas e as vinganças que tres seculos depois têm de rebentar na tempestade de 1789. Em fim um espirito mysterioso accorda nas camadas mais humildes da sociedade, e manifesta-se desordenado e furioso, mas grande e forte, na revolta dos servos de Allemanha, na insurreição dos communeros de Hispanha, em mil sedições particulares. Tudo isto favorece o espirito de revolta e de innovação — e o seculo XVI figura-se-nos como um disforme gigante de pé ás bordas d'um oceano insondavel e desconhecido.

Que espirito lhe agita o grande mas tumultuoso

(1) Catherina de Medicis, dos Medicis de Florença, principes-mercadores, burguezes de raça e de caracter.

(2) Isto vê-se claramente em Michelet, *Histoire de France*, vol. VIII.

coração? Resumamos a situação para podermos responder.

A velha machina politica desconjunctada; e a nova organisação social luctando por se formar, feita ainda um cahos de elementos, um vacuo só cheio de violencia e arbitrariedade. No mundo das ideias todas as opiniões antigas por terra, os factos desmentindo a sabedoria tradicional, mas sem se ver ainda a unidade creadora que tem de sahir de tantas destruições. No mundo religioso, em fim, um terrivel e irreverente espirito de exame, arma aguda e inflexivel dirigida contra as cousas e as pessoas, os dogmas e os seus interpretes; a quebra da grande unidade catholica; a fé, os symbolos primitivos interpretados, revolucionados, o que vale o mesmo que dizer — destruidos: e os symbolos, a fé futura da humanidade por definir, obscuros, no estado de sentimento quando muito em alguns privilegiados corações. Ao mesmo tempo a falta d'um alimento, que satisfaça, tanto mais activamente excita a aspiração, o desejo ardentissimo d'um mundo que concebe o infinito no meio das sombras do seu vacuo.

Eis, em resumo, a situação. Vê-se por ella claramente quaes podessem ser os sentimentos dominantes do tempo: a aspiração e a incerteza: a saudade de quanto se amava e se vê sumir aos poucos no horisonte e a desconfiança, a falta de fé no que possa encobrir o lado ainda escuro e vago para onde se caminha. Este contraste inaudito de esperança sem termo e profunda melancolia, este paradoxo do maior desejo e a maior descrença, unidos num mesmo sentimento e dentro d'um mesmo coração, é isto o que faz a alta originalidade do espirito dos ultimos tres seculos, e o fundo mesmo da alma moderna.

Essa alma fez a sua entrada no mundo com um grito indefinivel, a mais profunda e a mais ardente explosão de sentimento que jámais rebentou do coração da humanidade. Para um novo e desconhecido espirito precisava-se d'um verbo tambem novo. Era preciso dar um corpo, uma realidade ás concepções, aos sentimentos que, apparecendo pela primeira vez entre os homens, não encontravam ainda a linguagem propria com que se fizessem percebidos no mundo, com que o seduzissem e conquistassem. E não só uma linguagem que reproduzisse apenas os traços geraes da ideia, como que só a direcção vaga do movimento interior. Aquella alma ardente na impaciencia de se revelar, necessitava expandir-se toda, dizer os seus mais intimos segredos, o fundo mesmo do seu sentir, precisar-se em fim; e ao mesmo tempo, todavia, deixar ver aquillo que ella mesma ainda em parte ignorava, o sonho, a vaga intuição, um capricho, o indefinivel. Isto nenhuma lingua o faz: fal-o a arte só, a poderosa, a irresistivel magica. E como a cada momento da alma humana corresponde, como expressão completa d'ella, uma forma differente da Arte, o pensamento moderno tinha de achar uma que o revelasse na extensão da sua originalidade, no imprevisto de tanta cousa nunca dicta e nunca suspeitada. Esse milagre fez-se: uma arte nova appareceu para dizer o que já não cabia em palavra alguma conhecida.

O espirito torturado d'uma edade creadora agitou-se nas suas dores, soltando um grito immenso — e a musica tinha nascido . . .

Nascido: esta expressão é rigorosa. A Grecia e toda a antiguidade, tão harmonicas, não tinham comtudo conhecido da musica mais do que o rithmo, a melodia,

isto é, os elementos; mas não a cousa em si, não o todo vivo e animado que só merece o nome de arte. Para essas nações *poeticas*, mas pouco *sentimentaes*, nunca a musica passou de simples auxiliar da poesia e da dança. Essas, sim, eram artes sagradas e nacionaes, cujo extraordinario desenvolvimento deixou sempre a outra no estado de embrião. Depois, o espirito classico da alegre antiguidade, tão equilibrado, tão proporcional, como poderia elle chegar á sublime desproporção, ao romantico excesso do grito, da lyrica explosão de sentimento, do transbordar d'alma, que é a verdadeira musica?

Menos então a symbolica edade-media, na rigidez marmorea de seus dogmas, fixos, inalteraveis, como que chrystalisados, na imutabilidade das suas gerarchias, na estabilidade desesperadora de suas classes definidas e quasi eternas. Uma grande liberdade de coração, uma soltura de phantasia, uma audacia de intelligencia extraordinaria, eis o que pede sobre tudo a livre, a solta, a audaciosa musica, essa filha do vôo, do sonho... As crenças da edade-media eram muito definidas; as suas esperanças sabiam muito determinadamente qual a banda do horisonte para onde se deviam virar; a vida conhecia fixamente cada um dos seus problemas, e para cada um tinha uma certa e prompta resolução dogmatica; a alma, em fim, tinha o seu caminho muito marcado, muito orlado de balisas e signaes certos para que se podesse perder na encantada floresta, na mysteriosa espessura, de echos longinquos, de subitos gritos, de ais e risos inexplicaveis, que é a musica. Por outro lado a contemplação mystica é muito passiva, muito estatica para sympathisar com o grande movimento, variado, crescente do rithmo,

da harmonia. É inalteravel e sem successão: uma luz constante e fixa sem sombras, sem a menor cambiante. Em fim a edade-media *desesperara* (1) e a musica mesmo a mais desolada, a mais repassada de angustia, é ainda, é sempre uma esperança... A edade-media é um grande silencio. O servo diante de seu senhor, eis o symbolo d'esse triste tempo. O leigo diante da egreja, o vassallo diante do suzerano, o peão diante do nobre, a intelligencia diante do dogma, o homem diante de Deus... tudo isto são servos, e servos mudos. Que voz pode ser a do escravo? Um murmurio, um gemido abafado... (2).

Uma voz, uma grande voz de liberdade, é isso sobre tudo o seculo XVI. O passado, se o opprime ainda, é já como uma sombra, uma triste mas obscura lembrança, uma impressão moral; não um braço, uma mão de ferro pesando physicamente sobre o peito. Deixa-o por isso livre de movimentos, solto para vaguear d'um lado a outro, perder-se em todas as direcções. E o futuro, mal definido, longinquo, não lhe contém ainda a desordenada ambição de espaço, de movimento, a irrequieta, quasi frenetica curiosidade do desconhecido. Quebrado o cinto dos dogmas, atrevida e irreverente, desdenhosa de um jugo que não respeita, a alma, de virgem, fez-se quasi bachante, e não respira mais do que novidade, aventura, maravilhas que lhe saciem a doida curiosidade.

(1) Sobre o *desespero* da edade-media veja-se Michelet, — *La Sorcière* e *Bible de l'Humanité:* H. Heine, — *de l'Allemagne:* A. Maury, — *Lègendes pieuses du moyen-âge,* Introduction: Feuerbach — *Essence du Christianisme.*

(2) Sobre a musica até ao seculo XVI veja-se Michelet, nota ao vol. 8.º da *Historia de França.*

Este genio aventureiro, esta intemperança de audacia de quem tudo procura por que nada tem já, é um dos mais salientes caracteres do espirito novo. Dahi por diante o grande homem, o heroe, deixa de ser o *sancto*, o obediente, o que affirma, para ser o *inventor*, o revolucionario, o herege, que nega, combate e destroe. A alma adquire duas grandes virtudes que sabe extrahir dos dois grandes males d'esta situação: da incerteza tira o desejo, a ambição de certeza, e torna-se activa: da negação, do vazio moral, tira a liberdade, a escolha d'uma direcção propria e não imposta.

A este grande caracter do tempo novo, a liberdade interior, juntemos um outro não menos importante, que se une com elle em ligação original mas não inexplicavel. É juncto com a ambição illimitada um doloroso soffrimento, uma fraqueza morbida, uma vaga e e indefinivel doença, alguma voz mysteriosa que geme chora dentro em nós, ainda nas horas mais felizes, a cousa essencialmente moderna em fim, o *sentimento*, a *melancolia*, desconhecida pela alegre antiguidade e, no outro extremo, pela desesperada edade-media. Mas não extranhemos esta fraqueza morbidamente deitada aos pés da audacia erguida, estreitando-a, abraçando-a, impedindo-lhe os movimentos.... Com rostos tão diversos são comtudo irmãs. Fel-as accordar na alma uma mesma hora: aquella que marcou a queda inevitavel d'um mundo, a ruina d'uma sociedade condemnada. Sentiu-se então um grande desalento — e comtudo alguma voz secreta diz ainda, mais do que nunca, avante; confiança; e mais do que nunca se espera...

Estas duas faces tão dependentes, mas tão differentes do espirito moderno, é que nenhuma forma conhecida d'arte saberia representar. O que é a pesada,

symbolica architectura indica; a precisa, realissima estatuaria grega; a heróica tragedia, o poema crente e popular dos helenos; a architectura gothica, em fim, mystica mas tão determinada e fixa em suas aspirações; o que são todas estas velhas linguas para dizerem ao mundo o novo, incomprehensivel mysterio d'um espirito tão cheio de esperança e tão vazio de crenças, alimentando de sonhos um infinito desejo de realidades, triste até á morte, alegre até ao frenesi, atrevido, intemerato — e desolado?

A musica, só essa fada poderia achar essa linguagem de puros espiritos. Os seus dois caracteres mais salientes são feitos para reproduzirem inteiramente aquellas duas grandes expressões, a incerteza audaciosa e a morbida melancolia. Esses dois caracteres são d'um lado, o vago, a illimitada liberdade que não imitando forma nenhuma determinada da natureza, mas só uma relação ideal, pode por isso, interpretar-se num sem numero de sentidos, subir, descer, oscilar entre mil sentimentos, e a todos satisfazer. Nenhuma expressão diria melhor o estado fluctuante, incerto dos pensamentos, das crenças modernas, a cheia de ideias, de desejos desordenados, mas vagos, que transborda d'esses corações ambiciosos — por outro lado, a elevação extraordinária de seus gritos, o contraste da melodia e do choro, uma harmonia feita de suspiros, a medida que volta e se repete, como vão e tornam a vir as lembranças num coração saudoso, tudo isto accorda e desenvolve com uma força imensa o mal secreto das almas, a tristeza, os longos scismas, a melancolia em fim. Só esses ais, que sobem até se perderem no vago do espaço, dariam a medida da queixa dolorosa d'uma humanidade orphã de seus deoses, da

cortante lamentação d'um mundo que se esvae, como se fora uma sombra leve.

A musica, pois, reproduzindo os dois caracteres essenciaes e originaes do espirito novo, e reproduzindo-os não accidentalmente, mas tambem pelos seus proprios caracteres essenciaes, ligou intimamente os seus destinos com os do sentimento moderno, nascidos na mesma hora um para o outro e um pelo outro, caminhando e crescendo dia a dia (1). A historia da musica, para quem a fizesse com a intuição d'estas intimas relações occultas, seria a mais completa historia do espirito humano nos ultimos tres seculos.

As alturas proporcionaes das duas grandes correntes, audacia e desalento, em suas cheias, estão alli marcadas mais do que em nenhuma escala mathematica. É como o pulso que indica as phases d'uma circulação febricitante, Morbida, ás vezes, em certas horas de cançaço, cresce, excita-se num desordenado movimento nas horas ardentes da lucta e da exaltação. Verdi é o contemporaneo de Garibaldi: Mozart interrompia as suas harmonias para escutar os echos terriveis da voz leonina de Mirabeau. Forte em Goudimel, energica e ao mesmo tempo virginal, como a esperança da renovação religiosa, nos primeiros dias da Reforma que ella alegra e conforta, a musica é ao mesmo tempo morbida e froxa em Palestrina, como symbolisando a doença incuravel, o desgosto mortal do catholicismo que se dissolvia; e já nos primeiros dias exprime os dois grandes caracteres de força e fraqueza, que ora unidos e ora separados a caracterisam a ella e á epocha.

(1) Esta relação necessaria da musica e da sociedade moderna acha-se magistralmente analysada por H. Taine no seu livro *Philosophie de l'Art*, parte 2.ª, cap. 8.º

Dahi em diante esta expressão não se torna a alterar. Ha apenas proporção diversa nos dois elementos, predominio d'um ou outro, conforme a oscilação dos sentimentos do tempo, mas no fundo um mesmo espirito nos diz que a transformação moral e social não terminou ainda, que a humanidade presente não arrancou ainda do coração aquelle fundo espinho do passado que faz a sua grandeza e que faz tambem o seu maior padecimento. Tudo isto se torna bem patente na última crise por que o espirito moderno acaba de passar e na transformação parallela da arte dominante. Falo da revolução franceza: e quem sabe do abalo extraordinario imprimido por aquelle temeroso choque ás ideias, aos sentimentos, aos desejos, ás crenças das gerações que se lhe seguiram; quem sabe do tumulto indiscriptivel dos peitos que escutaram os echos d'aquella voz dominadora, não estranhará certamente os gemidos, os gritos, os delirios de lyrismo e as torrentes de paixão da musica contemporanea. Nunca uma arte se estorceu assim, convulsiva, frenetica, quasi impudica nas expansões d'uma sensibilidade desordenada e doentia. É que nunca tambem tantas luctas, tantos estremecimentos, tantas loucuras, tantas grandezas e tamanhos delirios atravessaram a cabeça e o coração dos homens, como nesta edade creadora mas cheia de illusões e de dores. Shakspeare encontra quem compreenda, quem exceda talvez a seus heroes: e acha-se uma musica que chegue a cantar as allucinações crueis de Macbeth, o ciume de Othelo, as mais terriveis revoluções que podem abalar um peito de homem. O futuro ha de pasmar d'isto; d'isto que a todos nós nos parece corrente e simples. O fumo do grande incendio de 1793 fez-nos uma nova atmosphera,

ardente, impossivel; mas os nossos pulmões affizeram-se a ella, e respiramos o fogo, como se fosse o ar fino e saudavel das livres montanhas. Que admira pois o triumpho do romantismo? e o predominio quasi exclusivo da arte romantica por excellencia, da musica? É que nunca o espirito moderno se revelou tanto como nesta hora, concentrado, immenso nestes poucos annos que fazem o meio seculo actual. O nosso tempo, classificou-o um poeta, é *um paroxismo* (1). Que febre de audacia! e que prostração de fraqueza! Os dois elementos geradores dos ultimos tresentos annos chegaram ao seu maior estado de tensão. Isto indica a proximidade de uma crise. A arte indica-o tambem. A musica não pode mais com tanta paixão, com tamanhos pezadelos de harmonias. De todos os sentimentos que pode exprimir tem ido abandonando, á maneira que a febre crescente do seculo a exalta, os mais serenos, os mais fixos. A musica classica morreu: ficou a romantica, isto é, a musica reduzida exclusivamente á paixão e ao vago. Eil-a emfim, depois de trezentos annos de trabalho, chegada a simplificar-se, a reduzir-se exclusivamente aos seus dois elementos geradores. É que o espirito de que ella vive se simplificou tambem, se reduziu tambem nos seus elementos essenciaes para adquirir e concentrar nelles todas as forças para um ultimo e decisivo combate. Vencido elle, a mesma victoria lhe impõe a condição de se transformar. Essa transformação é o problema do futuro. E o caracter d'ella determinará tambem o sentido em que as artes se têm de revolucionar.

Estamos pois chegados, depois de tresentos annos

(1) Nestor Roqueplan.

de doloroso caminho, ás portas d'uma nova edade. Qual será o espirito, a alma da humanidade ao transpor essas barreiras fatidicas? E a arte, a companheira d'esta longa viagem, a consoladora de seus desgostos e de suas dores, que logar lhe dará no seu pantheon do futuro a edade que se aproxima?

É a isto que vamos tentar responder.

II

E, antes de tudo, a transformação é inevitavel.

Lembremo-nos de que as duas expressões da physionomia do tempo não são de modo algum as mesmas expressões naturaes da alma humana, mas antes contracções excessivas, filhas d'uma situação forçada, excepcional.

O que é o movimento dos ultimos tres seculos? Alguma cousa de fixo e determinado, a entrada, a posse d'um mundo estavel e ordenado? Tudo mostra que não. É, pelo contrario, uma ardente procura, uma oscillação entre muitas incertezas egualmente possiveis. Os grandes acontecimentos e as grandes palavras do tempo, as revoluções e as ideias, tudo nos falla d'esta instabilidade presente, tudo nos mostra no futuro uma era que se sonha de crença e segurança, tudo nos conta o desequilibrio das almas, a angustia d'um mundo cruelmente lançado fóra do seu centro, vacillante e escurissimo. A mesma força irresistivel, que fez quebrar violentamente o laço que nos prendia ao passado, essa mesma dará o laço que nos una indissoluvelmente ao futuro. Só para esse fim, para formar um mais estreito pacto com a verdade do destino humano, se rasgou a folha onde se escrevia o estranho poema, mas

todavia filho de tanto amor, chamado edade-media. A certeza é que é o ar vital do espirito do homem. Tres seculos de scepticismo e dor, que é isso na vida da humanidade? O futuro pertence á confiança, a uma verdade qualquer, não á fluctuação, ás nevoas d'esta hora que têm de passar por força.

Se olharmos em volta, a face das cousas transforma-se, renega já da expressão que tinha ainda ha pouco. E o vulto demudado da physionomia social diz-nos claramente que o velho espirito, depois da ultima e terrivel explosão a que acabámos de assistir, começa já esfriando, que a alma volta a si do longo pesadelo, que a dolorosa ancia vai emfim applacar-se nos corações que começam a sentir o calor benefico da paz e da confiança. Na massa confusa e liquida vêem-se alguns pontos que se solidificam, algumas formas regulares precursoras da esplendida chrystallisação que breve apparecerá. São os lineamentos do futuro. Uma hora ainda, e atraves da limpidez do que era ha pouco baço e opaco, ver-se-ha no fundo a maravilha esperada, uma luminosa arborescencia, um vivo e harmonico organismo, uma alma nova, em fim.

Fixa-se finalmente o desejo, a ancia humana ha tres seculos vagabunda e triste de lado em lado, de sombra em sombra. O vulto das illusões desvanece-se mostrando por de trás uma realidade que se pode ver e palpar, uma nova sociedade, estavel, definida, uma crença fixa, ideias e sentimentos determinados, uma philosophia, uma politica, uma poetica, e em todos os peitos um repousado coração pulsando no rithmo dos outros todos.

Uma d'estas completas renovações do espirito humano, um modo de ver systematico do mundo e do

homem, nôvo, differente de quantos têm precedido, uma ultima e mais completa interpretação da realidade, de tudo isto se fazem aquellas grandes revoluções que são como os capitulos naturaes da historia, os que escreve a mão do destino, não a de nenhum de nós, por sabio e lido que seja. Em cada um d'esses grandes periodos se contem um mundo perfeito, um modo de ser completo do espirito, como que uma humanidade nova. Uma grande, uma immensa ideia synthetica penetra então todas as partes dispersas do organismo social, dá-lhes unidades, fal-as obedecer a uma impulsão constante, juncta-as num corpo, move-o num sentido certo, com uma vontade, um desejo, uma ideia: e vemos então o vulto enorme composto de milhares de annos, de milhões de individuos, girar passando com a segurança, a unidade d'um corpo inteiriço e unico. A forma real d'estas abstracções é uma philosophia, uma politica, uma arte.

Não é outro o problema que a humanidade contemporanea tenta resolver; e já quasi lança a mão sobre o magico ramo de ouro que abre a porta dos mundos desconhecidos... Mas que sentir animará essa sociedade que já começa a rasgar o chão donde vai sahir inteira e forte? Que feição será a sua? e que lado ainda não visto mostrará ao mundo a sua eterna namorada, a alma?

A resposta só a pode dar a magica, ou antes o alchimista a quem compete compor a grande obra com os elementos, que já ahi abundam e estão quasi em numero completo. Nas mãos da sciencia está o molde; ella só fundirá a estatua da futura sociedade. Ao elemento critico, que destruiu, gastando-o, o mundo velho, só a esse compete reconstruir sobre as ruinas, levantar

um edificio em vez d'aquelle de que a sua terrivel curiosidade nos privou. Já nenhuma revelação, nenhum sonho divino tem o poder de ajunctar os povos e leval-os atrás de si no rastro de uma palavra luminosa. A analyse, a reflexão, a sciencia, eis ahi o verbo novo. A consciencia, na sua constante evolução, passou do estado intuitivo, maravilhoso, para uma phase superior, reflectida, eminentemente positiva e naturalista. Do sentimento subiu-se até á razão: e é d'ella que se espera agora tudo quanto se estava acostumado a pedir ao vago presentimento, ás intuições sublimes mas illusorias...

Não esperemos pois que o codigo do futuro nos desça já de alguma nuvem mysteriosa, trazido por mãos de algum propheta sobrehumano. Letra a letra, pelo esforço da nossa attenção, temos de o escrever, por nossa mão, na lingua e segundo as ideias dos homens. Não se quer no edificio uma só pedra que a intelligencia não peze primeiro, cujo valor e utilidade não aquilate e approve. Uma creação voluntaria, consciente, exclusivamante humana, deduzida não de suppostos e sonhados preceitos divinos, mas d'um conhecimento profundo e rigoroso das realidades, da natureza e da alma, eis ahi o lado novo do problema, a originalidade da obra que se prepara. Este movimento por sua natureza se vê não poder ser subordinado senão á cousa razoavel e positiva por excellencia, a sciencia. D'ella só sahirá o plano e sobre suas vistas se irá executando. Por outras palavras, tracta-se de organisar o mundo humano, em opposição com as edades religiosas e intuitivas, sobre a base exclusiva da razão e da experiencia.

Eis deduzido e posto a claro o caracter essencial

que procuravamos. E se na ordem philosophica tem este caracter de se manifestar, na organisação sinthetica de todas as sciencias (1); na politica de revestir a forma da democracia pura; é força tambem que haja uma arte especialmente propria para o interpretar e reproduzir.

Essa forma d'arte deve ser determinada pela ordem de sentimentos a que der origem uma tal sociedade. A arte, que não passa d'um modo de interpretação, deve variar com o ponto de vista novo, seguir a corrente das ideias e das paixões. Como um vestido justo, ha de obedecer ás posições do corpo, deixando ver o jogo dos musculos, á menor contracção.

Combinarão os caracteres essenciaes da sociedade que tem de vir, as suas tendencias e expressões, com a expressão principal, as tendencias e o caracter da musica? Ou, como uma lingua que já não pode conter um pensamento complicado e que a excede, vel-a-hemos luctar contra uma forma mais rigorosa, ser cada vez menos usada, tomar um logar secundario, e esquecer por fim?

Eis o que não é muito difficil prever. Numa tal sociedade, como a que imaginamos (fundada toda sobre a sciencia) uma rigorosa adaptação á realidade, uma determinada fixidez de ideias e de classificações, um

(1) Não creio que o positivismo um tanto estreito de A. Comte, Littré e da ultima eschola franceza, nos dê completa a philosophia do futuro. Mas se o alargarmos, segundo o espirito de hegelianismo, a ponto de caber nelle a metaphysica excluida por A. Comte (tendencia que já se nota em Taine, Renan e Vacherot e no positivismo inglez de que é chefe Stuart Mill) nesse caso tenho para mim que a philosophia assentará numa base tão solida, que não será muito aventurar dizer que está achada e definitivamente constituida a philosophia do futuro.

equilibrio sensato entre os desejos e as possibilidades de realisação, um predominio, para tudo dizer, de prudencia e de razão, definindo cada vez mais os phenomenos do mundo e os sentimentos do homem, ha de ir proporcionalmente estreitando dia a dia o circulo de acção da phantasia, os dominios do vago e do imprevisto, não deixando ao capricho da imaginação, ao sonho, ás intuições mais do que um logar secundario e insignificante — Os sentimentos, ainda os mais livres e espontaneos, esses mesmos irão tomando um repouso e uma gravidade em harmonia com as outras formas do espirito. A paixão será razoavel; o enthusiasmo medido: e ainda nos mais violentos affectos se deixará ver o rithmo sereno d'uma alma ordinariamente firme e consciente — Resolvidos os problemas, cuja incerteza mais nos angustia, uma confiança maior e uma crença descançada nas leis do universo tomarão naturalmente o lugar d'esta ancia angustiosa, d'esta dolorosa instabilidade, que tanto opprime o sentimento contemporaneo. Postos os espiritos no estado de equilibrio moral que se chama crença, e, por outro lado, assente a sociedade nas bases da justiça e da verdade, deixarão de pungir os corações os dois mais agudos espinhos, o scepticismo e a desegualdade, nos dois lados mais sensiveis e doridos, o sentimento religioso e o sentimento da justiça. Isto não é outra coisa mais do que a paz com o céo e com a terra: a ordem nas coisas divinas e nas humanas — Como consequencia de todas estas condições de harmonia e fixidez ver-se-ha a alegria e a serenidade consolar o mundo da pallidez d'estes nossos tempos de melancolia e de duvida. Chorar-se-ha menos; já pelo desapparecimento de muitos motivos de desgosto; já pela disposição interior dos

homens, mais ligados com a realidade e menos inclinados á paixão e ao desespero.

Eis, em traços geraes, a provavel physionomia do espirito humano numa sociedade fundada sobre a sciencia. O contrario d'isto tudo é exactamente a musica. O vago e o sentimento são os seus dois caracteres dominantes; e são elles precisamente que a tem feito tão cara á nossa edade sceptica e desalentada. Por isso que é o melhor instrumento para exprimir a incerteza e a dor, por isso mesmo é incapaz de reproduzir um estado de espirito fixo, sereno e alegre. O vago das notas, dos compassos, sem typo na natureza, e por outro lado o grito, o gemido (1), fazem da musica a ultima forma com que se exprima um estado de crenças definidas, sentimentos precisos e conscientissimos, contentamento e repouso. É a arte remantica por excellencia; a voz eterna do lyrismo e da phantasia dolorosa. Com os phantasticos ideaes e para elles nasceu; com elles tem de morrer. Companheira fiel do espirito tumultuoso da transformação social, será o seu ultimo gemido o extremo ai exhalado pela moribunda alma antiga. O seu excesso d'hoje é uma crise: agita-se para morrer. A ultima musica será um gemido sobre a campa de uma edade finda. O futuro precisa d'uma voz mais energica e menos quebrada pelos soluços para revelar o grave e forte pensameato que nutrir a sua alma d'heroe.

Não ha pois logar para lamentações. São as vagas brumas da noite, as phantasticas, formosas sombras do luar entre montes, as gases do nevoeiro, as criações vaporosas, delicadas, indefinidas, é toda esta poesia de

(1) H. Taine, *Philosophie de l'Art.*

sonhos e nuvens que morre; mas quem a desfaz é a aurora precursora d'uma grande luz, a aurora da verdade e da razão.

Todas as phantasias esplendidas da noite não valem um raio da simples luz do dia (1).

(1) Publicado *in*-O Instituto, vol, xiii, n.º 10. Coimbra, 1866. *(Nota do editor.)*

PORTUGAL
PERANTE A REVOLUÇÃO DE HESPANHA

CONSIDERAÇÕES
SÔBRE O FUTURO DA POLÍTICA PORTUGUESA
NO PONTO DE VISTA DA DEMOCRACIA IBÉRICA

Alea jactea est.

I

Ha dois mezes que admiramos a revolução de Hespanha: será tempo talvez de tratarmos de a entender. O enthusiasmo é bom, porque eleva o espirito; mas a critica é melhor ainda, porque o esclarece. As revoluções, sem por isso desdenharem a commoção e o applauso, não pedem ao mundo senão uma coisa: serem comprehendidas. Dramaticas, épicas, phantasticas, as revoluções não são todavia nem dramas, nem epopeias, nem contos de Hoffman: sob as apparencias ardentes e brilhantes da paixão e da poesia são simplesmente, friamente *problemas.* O olhar impassivel d'essas esphinges não diz aos povos-edipos, que as encontram no seu caminho secular, *ama-me* ou *odeia-me:* dizem apenas *explica-me.* Sómente o abysmo que se abre ao lado, lá está commentando, com a sua bocca tenebrosa, aquella serena palavra...

Reduzido aos seus termos mais simples, o problema que a nação hespanhola acaba de escrever nas paginas

da historia do seculo XIX, póde formular-se d'este modo: «menos um throno em Hespanha; mais uma mulher em França; mais um povo livre no mundo». A incognita do problema vem envolvida n'esta ultima proposição: mais um povo livre. Traduzindo-a para a sua verdadeira forma, que é a interrogativa, fica-nos isto: o que vae a Hespanha fazer da sua liberdade?... O destino de 18 milhões d'homens depende da palavra que se escrever adiante d'aquella interrogação. E depende irremediavelmente, fatalmente. Irremediavelmente, porque n'este caminho d'uma nação que abandona uma fórma social condemnada, como a familia de Loth a condemnada Sodoma, não ha retroceder, não ha mesmo volver atraz um olhar saudoso ou simplesmente curioso: fatalmente, porque todos os interesses, todas as questões, todas as paixões, crescidas, accumuladas, em fermentação no seio da sociedade hespanhola desde 1812, acabam de ser por ella jogadas, n'uma hora só e sobre uma só carta, no jogo sangrento das revoluções...

Alea jactea est.

II

Entretanto essa resposta, essa palavra, é o mysterio do destino. Ámanhã póde radiar brilhante como a consciencia visivel d'uma grande raça. Hoje é ainda obscura como uma inerte possibilidade. O que a Hespanha fará da sua liberdade é o seu segredo d'ella. É um problema que agitado no mundo dos factos, só os factos têem de resolver. Mas, para a philosophia politica, que vive de idéas, é no ponto de vista das idéas que o problema tem de ser formulado. Não perguntaremos pois *o que vae*, mas sim *o que deve* a Hespanha

fazer de sua nova liberdade... Isto só nos interessa. Os factos sociaes, sem as idéas que os vivificam, são inertes e incomprehensiveis, são corpos sem alma. Ora a alma, no mundo da politica, chama-se logica. A revolução de Hespanha, consequente, é uma coisa viva, cheia de luz, de espirito, de palavra fecundissima. Inconsequente, é uma massa desorganisada, sombria, informe, tediosa para si mesmo, e para o resto do mundo despresivel e vã... A philosophia politica, hoje, e já ámanhã a philosophia da historia, passarão por ella sem a verem, ou, se a virem por acaso, um sorriso de desdem com estas palavras *não fostes logica*, serão o epitaphio miserando das vidas, do sangue, das paixões, que uma manhã se ergueram ardentes ao bello sol da liberdade, para cairem á tarde extenuadas, descrentes, exsangues, só por isto, porque não foram logicas. Sim, Hespanhoes! a magnanimidade da vossa revolução, a fraternidade, o heroismo, tantos rasgos admiraveis, tantas veneraveis dedicações, tudo isso será vão e esteril no momento em que não fôr consequente, assim como o melhor grão, caido no chão mais fecundo, não germina apodrece, morre, se lhe falta o calor e a luz eterna do sol... O sol da seara das revoluções é a coragem dos principios.

III

Mas o que é a logica para um povo em revolução? Facil resposta: ser revolucionario.

Ser revolucionario! grande palavra, e coisa maior ainda! mas coisa tão terrivel quanto grande! momento solemne, mas fatal, e cheio d'uma responsabilidade tamanha, que não é raro encontrarem-se na historia

dez seculos votados á miseria e ás luctas, e vinte gerações condemnadas á oppressão e á dôr, só pelos erros ou pelas traições commettidas n'um d'estes momentos rapidos e sinistramente decisivos...

Se apenas se tratasse, com effeito, de exalar no ar ardente das praças publicas a alma enthusiasta e fraternal que ainda os mais frios e os mais timidos sentem agitar-se-lhes dentro n'estes momentos de fermentação universal; se apenas se tratasse de nobres sentimentos, de inspirações formosas, de palavras de fé — nenhuma missão tão bella como a do revolucionario e nenhuma tão facil...

Se se tratasse ainda de concentrar todas as forças da revolução, as boas como as más, as violentas com preferencia ás outras todas, n'um momento de lucta suprema, louca, feroz; se se tratasse de *metter medo* como Mario em Roma e Danton em Paris — a missão do revolucionario seria formidavel; tremenda, mas era, ainda assim, facil...

Mas essa missão é, pelo contrario, de paz, de reflexão, quasi de sciencia. N'isto está a sua superioridade, mas n'isto tambem a sua difficuldade suprema. Não se trata de palavras, mas de obras; de proclamações sonoras, mas de estabelecimentos duraveis; de sentimentos, mas de instituições. Uma das muitas traducções livres da palavra revolução é esta: *revelação.* No momento da crise apaixonada, as forças mais intimas, os elementos mais profundos da sociedade revolvida nos seus abysmos, agitando-se por chegar á claridade, sobem até á superficie e mostram-se á luz do dia com uma energia, uma verdade irresistiveis. É uma revelação: vê-se o que ha, e vê-se com que tem de se contar, em bem e em mal, durante o longo periodo que

se segue sempre áquelles momentos de impulso decisivo. Por vinte, por quarenta annos, por um seculo ás vezes, a vida nacional não é mais do que o desenvolmento, a combinação ou a lucta d'aquelles elementos revelados na hora prophetica da revolução. A França do seculo XIX viu-se toda, sem lhe faltar um traço, como reflectida n'um espelho concentrador, nos dez annos terriveis mas gigantescos de 89 a 99.

E Roma, a Roma imperial e plebeia, que tinha de durar quinhentos annos, revelou-se inteira no dia em que Julio Cesar, apoiando-se no hombro rude dos seus legionarios, atravessou o Rubicon para inaugurar sobre as ruinas da legalidade aristocratica a egualdade despotica dos Cesares. N'estes momentos de crise, parece que cada um dos elementos da nova sociedade, cada uma das classes, cada um dos interesses que se repartem o chão e o sol da patria, levanta a mão diante da estatua velada do futuro, com esta exclamação: *contae commigo!*

Tomar nota de cada um d'estes gritos supremos, dar o seu logar, na constituição futura, a cada uma d'estas forças, pôr em harmonia, como diz Proudhon, a *politica* com a *economia*, crear uma *fórma* á imagem da *substancia* social revelada, um governo, emfim, que seja a expressão completa da vida intima da nação — eis a alta, a verdadeira missão do revolucionario, ou antes, a missão das gerações revolucionarias. Uma grande epoca historica, ou um miseravel aborto, podem sair (e irremediavelmente) das mãos d'aquelles que recebem nos seus braços o recemnascido das revoluções, o futuro, conforme — intelligentes ou inhabeis, generosos ou perfidos — o envolvem em veste que, acalentando-o, o deixe mover-se á vontade, crescer e desen-

volver-se, ou o apertam em faichas estreitas e duras aonde se atrophia, estrebucha e morre. Ai da nação, que no dia seguinte ao do seu renascimento revolucionario, só encontrou nas fontes do baptismo politico, traidores ou imbecis por padrinhos! Os maiores heroismos tornam-se então infecundos. Um sophisma gangrena todos os centros da vida nacional. Os protestos e as revoltas estereis, as repressões e as tyrannias absurdas succedem-se, redobram-se, tão inuteis uns como os outros, porque o mal é intimo e indestructivel. A politica não corresponde á economia, o governo é uma coisa e outra coisa a sociedade, os interesses são de uma naturesa e a direcção dos interesses obedece a principios de naturesa opposta, povo e administração, governados e governantes, como duas raças hostís, sentindo e pensando de modos desvairados, fallando diversas linguas, adorando deuses diversos, não fazem em cada dia senão cavar o abysmo aonde se affundem a liberdade, a honra, a moral, a riqueza, a intelligencia e, a final, o corpo todo da nação. Este é o segredo das grandes decadencias que têem affligido e escandalisado a humanidade. Por aqui se têem arruinado as mais florescentes civilisações, porque nenhum organismo, por mais robusto que seja, resiste a esta dilaceração intima de cada dia e de cada hora, em cada membro e em cada parte de cada membro...

É n'este abysmo que não quizeramos ver despenhar-se a nobre, a heroica, a inspirada Hespanha. Para isso só temos a dar-lhe um conselho: é o da philosofia politica d'este seculo: o conselho que lhe dá Victor Hugo, Girardin, Cremieux; que lhe dariam Tocqueville e Proudhon, ou antes, que lhe dão através do tumulo, e mais alto e mais eloquente ainda, porque

o espirito d'estes nobres apostolos vive e cresce, á maneira que se desenvolvem e frutificam as verdades descobertas por elles, e por elles depositadas no seio da sciencia, entre todas humana e entre todas divina, a sciencia da Justiça social.

Eis aqui o que ella diz, a sciencia, e o que elles repetem, os seus prophetas. « Não atraiçoeis com fórmas timidas e mentirosas a originalidade e a franqueza da vossa revolução. Hespanhoes, não encarcereis nas vestes estreitas da Hespanha velha e rachitica, a Hespanha rejuvenescida e engrandecida. O moço coração d'esta, que quer bater em liberdade, estalaria comprimido pelo duro espartilho de que aquella, impotente e senil, precisava para se suster direita. Não comeceis por baptisar a nova sociedade com um nome de contradicção e de guerra. Olhai para ella na sublime nudez d'este momento unico, e tal como a virdes, o que virdes que ella é, seja esse o seu nome de baptismo, embora estranho e incomprehensivel para uns, inaudito e terrivel para outros, com tanto que seja o seu nome verdadeiro. O governo é para a nação, não a nação para o governo. A nação é o navio, o governo a vella. E dareis vós á nau alterosa, para a levar pelos mares aparcelados da historia, a vella esguia e estreita do humilde barco costeiro? E essas construcções simples, geometricas, rigorosas da arte nautica do seculo XIX, sobrecarrega-las-heis vós com a armação pesada, grosseira e complicada dos galeões do seculo XVI?

Cada momento da historia dos povos tem a sua fórma, o seu governo, assim como a cada edade correspondem as suas aptidões, os seus sentimentos, os seus modos particulares. Chegastes á virilidade? fallai como homens! andai, obrai como homens feitos!

Não imiteis a Europa illudida ou timorata: espantae-a. Não lhe aceiteis os conselhos de prudencia senil: não sejaes discipulos, sêde mestres. Admira-vos já na coragem, na generosidade, na força serena: pois bem! que vos tome agora por exemplo n'uma coisa tão bella como essas, e maior ainda que qualquer d'ellas: na *logica*».

IV

Mas essa sociedade hespanhola, de cuja intima essencia deve sair a fórma do novo governo, e de cujo pensamento elle deve ser apenas a palavra (sob pena de uma disformidade tão monstruosa, na ordem dos organismos politicos, como na ordem dos organismos naturaes, seria um animal com membros e entranhas de uma especie e cabeça de uma especie diversa), essa sociedade hespanhola o que é ella então, e como acaba a Revolução de 1868 de nol-a revelar?

«La démocratie est comme le soleil: aveugle qui ne la voit pas.» O facto mais decisivo da historia da peninsula, tão irresistivel como a cavallaria do Cid, tão caracteristico como a Inquisição, tão dominador como a unidade de Filippe II, o *suffragio universal*, acaba de collocar a Hespanha n'uma das situações mais francas, mais logicas, mais decididas, entre os actores do grande drama democratico da Europa occidental. Facto sobre tudo indestructivel. A soberania popular tornada agora instrumento ou condição de tudo em Hespanha, todas as eventualidades são possiveis, menos a queda d'essa soberania, fóra da qual não se concebe já um movimento, uma vontade, uma ideia sequer. A philosophia politica, ainda mesmo que o considere extemporaneo, tem de o aceitar como se aceita uma coisa superior á

razão, que a domina, ainda quando ella a condemne, com a omnipotencia dos acontecimentos, contra que não ha revolta nem protesto e com que não póde deixar de contar nos seus calculos, sob pena de se tornar incompleta, parcial, estreita, isto é, de não ser já *a razão*. Se fosse possivel á Hespanha feudal de Fernando, *o santo* e Affonso, *o sabio*, ou á Hespanha absolutista e theocratica de Filippe II, achar-se, de um para o outro dia, nivelada e senhora de si, pela intervenção milagrosa do *suffragio universal*, caído uma noite do ceu, como chuva de oiro, desde o castello do fronteiro e dos paços conventuaes do abbade, até á loja do burguez e á choça do pastor, se esta coisa sobrenatural fosse possivel, por mais violenta e mais absurda que tal revolução nos parecesse, tinhamos ainda assim de a aceitar, de contar com ella, de a proclamar á face do mundo, porque era *irrevogavel*. Tecto por tecto, homem por homem, cada qual se tinha magicamente tornado, na sua pessoa, bens, ideias, senhor da sua inteira e absoluta personalidade. N'esse momento, feudalismo, absolutismo ou theocracia, sumia-se por encanto no abysmo mysterioso e a Hespanha ficava sendo, e sem remedio, uma democracia.

Mas não é esse o caso da democracia inaugurada pela Revolução de 1868, Aqui, a proclamação da soberania popular não é um phenomeno phantastico e imprevisto: é, pelo contrario, o termo ultimo e naturalissimo de uma serie de movimentos accidentados mas progressivos, que durante meio seculo constituem a historia social da Hespanha no seculo XIX. Com uma rigida disciplina (que só espanta a quem não conhecer as leis irresistiveis que se encobrem sob a apparencia dos factos inconsistentes), homens e instituições,

revoltas e reacções, interesses e ideias, tudo se encaminhava surdamente para aquelle grande desfecho. O que hoje se vê póde dizer-se afoitamente que foi o sonho, vago e inconsciente, mas constante, da sociedade espanhola durante meio seculo. 1812 é o ponto de partida. Quem dissesse então aos bispos, generaes, altos dignatarios, e grandes possuidores do solo, reunidos na ilha de Leon, que o edificio conservador da sua constituição não era mais do que o alicerce de uma futura construcção democratica e radical, quem tal dissesse faria por certo sorrir com grave desdem os solemnes e prudentissimos revolucionarios de 1812.

Mas tal é a lei da historia. A liberdade dos homens serve-lhe apenas de instrumento para as suas combinações inexoraveis. A constituição de Cadiz era o primeiro passo na senda escorregadia da revolução democratica. Que se dizia ali, com effeito? «Soberania da nação: liberdade de imprensa: abolição dos privilegios em materia de imposto.» E o que é isto senão um programma democratico — sómente um programma democratico redigido por um conservador? Da *soberania da nação* á *soberania popular* que distancia vai? Em ideias, nenhuma: questão de tempo, apenas. E da *liberdade de imprensa* á *liberdade de cultos*, da abolição dos *privilegios fiscaes* á abolição de todos os *privilegios civis*, que outra distancia ha mais do que a que medeia entre as premissas e a conclusão? Foram precisos cincoenta annos para que a conclusão apparecesse. Cem ou mil que se gastassem, pouca importa: tudo está em que havia de apparecer, por que lá se continha nos principios. E esses principios faz gosto ver como a Hespanha, no meio da sua apparente anar-

chia, ao som da fuzilada das barricadas e por entre a vozearia dos partidos delirantes, os desenvolve dia a dia com uma tenacidade tão extraordinaria que bem se deixa ver que não é a ephemera liberdade dos individuos, mas a fatalidade lucida das leis sociaes, quem desenrola uns após outros os termos d'aquella deducção soberana. De 1812 a 1820, para quem considerar apenas a superficie da politica, tudo parece retrocesso e reacção. Mas o trabalho da renovação social, proseguiu-se surdamente, superior ao despotismo, ajudando-se d'elle até muitas vezes, e a constituição de 1820, pela expulsão dos Jesuitas, pela extincção do Santo Officio, cujos bens são secularisados, tornados propriedade da nação e vendidos, dá um passo adiante dos constituintes da ilha de Leon e prova ao mundo que a revolução democratica, na sua corrente profunda, é superior aos diques artificiaes de uma politica de interesses relativos e de influencias pessoaes. Mas a constituição de 1820 cáe por terra com o mesmo golpe que decepa a cabeça inspirada de Riego. A Hespanha parece desandar violentamente: tudo são trevas e oppressão —. Entretanto em 1834 apparece o *Estatuto Real*, dado (note-se), concedido pela realeza. Que diz elle? Seguramente, depois de quinze annos de reacção, proclama os principios da monarchia dos Filippes e a politica theologica do cardeal Ximenes? Admirae a força irresistivel das leis economicas! O estatuto real fixa definitivamente em Hespanha o principio e a pratica da representação nacional, estabelece d'um modo quasi inabalavel as classes medias no governo, e abaixando consideravelmente o censo eleitoral, dá entrada na vida politica á pequena propriedade e á pequena burguezia. O estatuto real, apesar de doctrinario e

moderado, marca uma notavel acceleração na carreira da revolução democratica. De 1834 em diante o chão parece fugir debaixo dos pés a tudo quanto em Hespanha tenta recuar ou apenas parar um momento. A vertigem apodera-se da velha sociedade, que levada em dança phantastica, vae semeando ao acaso os pedaços d'aquellas insignias que marcavam outr'ora a sua dignidade, os seus privilegios ou os seus abusos. Em 1837 extincção dos conventos; em 1838, constituição nova, mais niveladora; extincção dos dizimos ecclesiasticos; os bens do clero considerados bens nacionaes: em 1855, finalmente, os bens do clero definitivamente secularisados; abolição dos morgados; a tolerancia religiosa proclamada...

Que quadro este! e como todas estas cores se combinam, se dispõem de fórma a exigirem aquelle toque final e decisivo, que, assim preparado, tem por seu lado tambem de dar ao todo a sua expressão, enchendo a tella de luz e vida — o *suffragio universal!*

Assim pois, pelo facto e pela ideia, pela revolução e tradição, é a Hespanha (e não póde já ser outra coisa) uma *democracia*, uma vasta democracia de 18 milhões de homens. São 18 milhões de homens, livres e em face uns dos outros armados de direitos iguaes. Todas as velhas cathegorias, degraus, grupos particulares, tudo isso desappareceu, fundiu-se na uniformidade d'um vasto pantheismo social. Grande situação, por certo, mas cheia de perigo; porque, para este mundo novo, é necessaria uma nova fórma; porque para fechar esta abobada de tão diversa construcção, não podem já servir as pedras talhadas pelos moldes antigos; porque finalmente não se encontram nos livros canonicos da velha politica as formulas do exorcismo com que se

faça curvar á obediencia aquelles 18 milhões de cabeças erguidas...

É que são, com effeito, 18 milhões de cabeças livres. Agora só a liberdade poderá arrogar-se o direito de as guiar. Por outras palavras: trata-se de dar á democracia hespanhola um governo democratico.

V

N'este ponto ha uma palavra que sae de todas as boccas: a Republica. No centro dos encruzilhados caminhos do mundo politico, levanta-se esta grande figura, como a estatua colossal do deus Termo, conciliação para tantas discordias, luz para tantas trevas, erecta na sua base inabalavel e visivel dos quatro pontos do horisonte. Ella tambem é como o sol «aveugle qui ne la voit pas». Quem diz *democracia* diz naturalmente *republica*. Se a democracia é uma ideia, a republica é a sua palavra; se é uma vontade, a republica é a sua acção; se é um sentimento, a republica é o seu poema. Dos longinquos caminhos do desterro é para ella que se levantam os olhos de todos quantos na terra padecem fome e sede de justiça. Sem a conhecerem, prophetisaram-na heroes, philosophos e poetas. E se á rectidão do seu codigo, copiado do direito absoluto, ajuntarmos a fé dos seus crentes e a santidade dos seus martyres, a republica deixa de ser um governo para se tornar uma religião.

Mas como se organisa a republica? Aqui, á claridade de um sentimento divino, succede-se o nevoeiro dos systemas humanos. E o systema, o espirito systematico matou a republica. Rousseau, e atraz d'elle Robespierre, *o bastardo de Rousseau,* como disse Mi-

chelet, os Jacobinos, Danton e a Convenção, na energia do seu plebeismo, conceberam a republica como uma dictadura permanente, executada em nome da multidão pelos chefes da sua escolha. Foi assim que, julgando consolidar a egualdade, fundavam apenas o peior dos despotismos, o despotismo da plebe. A razão scientifica é facil de colher-se. Pela *delegação* aglomeravam todos os poderes, todas as forças collectivas no centro poderoso da *republica una e indivisivel.* Esse centro, e só elle, legislava, administrava, julgava, absorvendo no seu immenso pulmão o ar e a vida que devera animar o corpo inteiro da sociedade. Mas não se julga, legisla, administra sem força; e força tanto maior quanto mais concentrado está o poder, quanto mais tem que governar, que impor, por conseguinte, a vontade omnipotente com que o armou a nação. Mas impor a quem? á mesma nação! Contradicção estranha! a *delegação* tornou-se *tyrannia:* o suffragio universal converteu-se n'uma arma de dois gumes com que o povo, brandindo-a, se fere, e tanto mais se fere quanto mais valente é o braço com que a brande. O divorcio entre o governo e a nação succede-se rapido. Elle, armado com o seu direito, a *delegação*, quer ser obedecido e faz-se em todo o caso temido: ella, armada com a sua *liberdade*, accusa o governo de traição e tyrannia, revolta-se e a republica cae estrebuchando n'um lago de sangue. Qual dos dois tem rasão? nenhum d'elles ou ambos. Mas quem, com certeza, não tem rasão é o systema, o rude e estreito systema da unidade e da concentração. Tem razão Robespierre e têem-na tambem os *thermidorianos* que o guilhotinam: quem não a tem, em todo o caso, é Rousseau dando no *Contracto social* as formulas da *Republica*

una e indivisivel. Ah! grande mas desvairado philosopho! a tua liberdade é a selvageria e a tua igualdade o despotismo! É do teu doce mas louco coração que saíu a peçonha, que envenenou as fontes vivas rebentadas, em hora de bençãos, da nobre, da heroica, da eterna Revolução Franceza!...

O mundo, entretanto, seguiu Rousseau. Ninguem viu que a *unidade* matava a *liberdade,* a *delegação* a *iniciativa,* a *organisação republicana* a *republica democratica.* Ninguem viu que era esta contradicção, e só ella, que explicava o phenomeno extraordinario da decadencia rapida das instituições republicanas, criadas para serem eternas pelo enthusiasmo das multidões, e abandonadas em poucos annos pelas mesmas multidões, scepticas e desmoralisadas. Tudo serviu de explicação, as paixões dos homens, a cegueira das massas, a ambição dos chefes, tudo, menos a unica explicação simples — que não era aquillo republica, mas uma tyrannia plebeia, e nada mais.

Armand Carrel e a geração revolucionaria da primeira metade d'este seculo seguiram cegamente o mesmo ideal: para elles a republica é sempre a Convenção, dispondo da pessoa e dos bens do povo em nome do povo, *salus populi suprema lex:* para elles o chefe republicano é sempre Robespierre, concentrando n'uma mão todos os poderes politicos e estendendo já a outra para a auctoridade religiosa. Esse ideal viu-se um momento realisado em 1848. Cruel, cruelissimo desengano! A bella, a poetica, a inspirada Republica de fevereiro afunde-se no meio de um rio de sangue, condemnada pela sombra de Rousseau, que ainda de longe a cobria, porque não houve um só dos chefes do povo que em 1851 preferisse a *liberdade* á *unidade,*

porque não houve um só que não temesse mais a descentralisação absoluta, o provincialismo e o desmembramento da França, do que o espectro sinistro de cezarismo que se approximava! Salvou-se ainda uma vez a centralisação! a liberdade, essa ficou sendo o mitho, a visão apenas da politica franceza...

Cruel, amarga experiencia foi aquella, mas salutar. E como aproveitou com ella a robusta geração revolucionaria saída d'essa terrivel provação de quatro annos de sangue e desespero! Proudhon, Vacherot, Simon, Frederico Morin, Tocqueville, Renan, não são já, como os poetas do governo provisorio, os amantes platonicos de uma republica ideal, ajuntamento hybrido de bellos sentimentos e de pessimas instituições, aonde a selvagem *razão d'estado* se mascarava com as flores candidas da corôa da fraternidade... Estes vêem os phenomenos sociaes na sua dura realidade: conhecem que o mal não está tanto em ser este ou aquelle *quem nos governe*, como no facto de *sermos governados*. Que importa que o poder saia do seio da nação, se é sempre *poder?* e a tyrannia, porque somos nós que a criamos, deixa de pesar menos por isso, de ferir, de rebaixar a nossa dignidade de homens livres? Não é pois na substituição da dictadura de Sylla á de Mario, da de Napoleão á de Robespierre, da de Espartero á de Isabel II, que está o segredo das revoluções, mas na extincção total da dictadura, fosse ella a de um santo, da tyrannia, fosse ella a de um deus. Ora tyrannia e dictadura é a unidade politica, a centralisação dos poderes; tyrannia e dictadura da peior especie, porque são systematicas, legaes, organisadas, destruindo a ordem natural com o pretexto da ordem politica, esmagando toda a iniciativa, toda a individualidade, toda

a nobreza, e reduzindo uma nação ao estado de um rebanho paciente e uniforme a que, por unica consolação, se deixasse o direito de eleger o pastor que o guia, e o cão que ás dentadas o faz entrar na fórma. Será isto um ideal humano?

Na uniformidade, na homogeneidade de composição das sociedades democraticas é que está o perigo todo. Como já não ha grupos, classes, variedade de interesses e de individualidades, que equilibrem o poder central e lhe opponham resistencia, a pressão do governo não encontra obstaculos, communica-se, estende-se, com rapidez e força incalculaveis, n'aquella massa homogenea. Uma aristocracia, um clero livre e organisado, uma burguezia com seus privilegios, cidades com seus fóros, tudo isto eram barreiras formidaveis que a auctoridade central, durante a idade media, encontrou erguidas contra si cada vez que tentou alargar-se e absorver a actividade da nação. Mas aquellas barreiras, salutares no ponto de vista da liberdade, eram, no ponto de vista da igualdade, abusos e vexames, porque eram outros tantos privilegios. A questão hoje, para a philosophia politica, reduz-se a isto: criar na sociedade esses diversos grupos, por onde se reparta a auctoridade e se equilibre a força expansiva do centro, sem que por isso se altere a simplicidade intima do meio social, a igualdade absoluta de direitos, filha da revolução democratica do seculo XIX. Noutros termos: trata-se de conciliar a *igualdade* e a *liberdade*, cujo divorcio tem causado a ruina das mais heroicas republicas, o abatimento das mais florescentes democracias. Para isso o que é preciso? criar tantos centros de autoridade local quantos forem os centros naturaes da vida nacional. Somente esses grupos

devem estar uns para com os outros na mesma razão juridica, possuir os mesmos direitos, ser semelhantes ainda que independentes, e formando outras tantas individualidades, devem essas individualidades ser uniformes e iguaes. Por outras palavras: trata-se de criar a *diversidade* (garantia unica da liberdade) na massa da nação, fundando-a d'esta vez, não sobre o privilegio odioso e alem d'isso instavel, mas sobre a base mais solida e mais natural, a igualdade.

Dito isto, o nome da coisa sáe de todas as boccas: chama-se *federação*. Conciliação para todos os interesses, garantia para todas as liberdades, campo aberto para todas as actividades, equilibrio para todas as forças, templo para todos os cultos, a federação é a unica fórma de governo digna de homens verdadeiramente iguaes, porque é a unica fórma de governo verdadeiramente livre. Ella extingue os velhos odios, supprime os velhos partidos, não destruindo-os violentamente, mas, ao contrario, fazendo-os viver em commum, conciliando-os, mostrando que podem coexistir no seu vasto seio, no seu espirito comprehensivo e amplissimo. Estas palavras *federação democratica* resumem hoje o credo revolucionario, como ha oitenta annos as de *republica indivisivel* resumiam as aspirações da geração heroica, mas pouco experiente, que criou na historia a grande data de 1793. Quem hoje percorrer com a vista as legiões do grande exercito revolucionario europeu, raro topará com uma bandeira em que se não leia a magica legenda *republica democratica federativa*. Estes pendões são hasteados por mãos que têem feito, já no mundo dos factos, já no mundo das ideias, um trabalho formidavel. São homens que se chamam Proudhon, Shultz-Delitz, Gladstone,

Vacherot, Morin, Simon, Littré, Bright, Langlois, e que são para o drama final a que se encaminha o seculo XIX o mesmo que Rousseau, Sieyès, Condorcet, Volney, foram para a tragedia dos ultimos annos do seculo XVIII. O sonho unitario dissipou-se. Uma amarga experiencia lhes mostrou que a existencia d'essa entidade puramente geographica de uma grande nacionalidade compacta não compensa a falta d'aquella outra entidade realissima, necessaria, vital, o *cidadão livre*. O *homem*, o homem no goso pleno das suas liberdades, das suas forças variadissimas, industriaes, scientificas, politicas, religiosas, esse homem não o criam as unidades artificiaes e violentas organisadas segundo o principio das grandes nações centralisadas. Era escusada, para chegarmos a isto, a experiencia custosa da França de Napoleão III. Bastava a historia, que não nos offerece o exemplo de uma unica republica democratica centralisada que chegue a durar a vida de uma geração. Fluctuam entre a anarchia e a tyrannia, até acabarem pela morte da nacionalidade, ou pela abdicação nas mãos de um chefe absoluto, pelo cezarismo. No dia em que a republica aristocratica de Roma se transforma em democracia unitaria, a sociedade romana, perdido o equilibrio, passa violentamente de tyrannia para tyrannia, até que os Cezares a acolhem á sombra mortal do seu despotismo nivelador. Florença abdica nas mãos dos Medecis: e a França, em menos de cem annos, abdica tres vezes nas mãos dos seus chefes populares e republicanos; em 1793, Robespierre; em 1804, Buonaparte; em 1851, Luiz Napoleão. Eis como vivem e quanto duram as republicas unitarias! As unicas republicas democraticas, cuja vida serena absorve já a vida de muitas gerações, são duas republicas fe-

derativas: a Confederação Suissa, na Europa; na America, os Estados-Unidos. Ricas, pacificas, intelligentes, não é ainda assim a riqueza, nem a sciencia, nem a paz quem as mantem: é a liberdade; a liberdade que sabem conservar na igualdade. Typos ainda incompletos em relação ao ideal que abstractamente formamos das sociedades humanas, são todavia, para as informes agglomerações de homens, a que no resto do mundo se chama nações, verdadeiros ideaes, modelos admiraveis e quasi columnas de fogo no deserto das miserias politicas. É para ali, Hespanhoes, que deveis virar os olhos! E essa federação que é para o resto do mundo uma aspiração, um sonho apenas, é para vós uma realidade secular, uma tradição do vosso solo, um caminho por muito tempo aberto e trilhado na vossa historia, desde o Cid até Padilha, até aos heroicos *communeros*, até á grande revolta dos Catalães, até Palafox, até á revolução actual, que partindo das extremidades e arrastando o centro no seu movimento, tem um caracter eminentemente senão exclusivamente federal...

Assim pois, a philosophia e a tradicção secular combinam-se no conselho que vos dão. É o espirito novo abraçando-se com a antiga virtude. É o seculo XIX que, para vós, póde sem esforço ser quasi uma deducção dos seculos XI e XVI. Duas edades em tudo mais hostis, o passado feudal e o presente democratico, n'esta só coisa poderam concordar, apontando-vos como o caminho da justiça, da paz, da força, da liberdade, do progresso, um unico caminho: a Federação.

VI

Mas Portugal, membro amputado desnecessaria-

mente, ainda que sem violencia, do grande corpo da peninsula iberica, vivendo desde então uma vida particular, estreita talvez mas sua e original, e tão apartado do movimento dos outros povos hespanhoes como se fosse a fronteira, que d'elles, o separa um insondavel oceano, que tem que ver Portugal com a revolução que acaba de trazer á superficie da sociedade hespanhola, como em tumultuosa fermentação, os maiores problemas da politica moderna, e com as resoluções que a philosophia e a necessidade, os principios e os acontecimentos, impoem aos chefes em cujas mãos vão caír as redeas agitadas d'essa revolução?

É sobre tudo para este ponto que eu invoco a attenção de todos os homens que, vendo na historia leis fixas e não acontecimentos fortuitos, sabem comprehender que a politica é uma questão de ideias e não de paixões, de necessidade e não de sentimento. Por uma coincidencia, a que chamariamos providencial se houvesse para as nações outra providencia alem da força inexoravel das coisas, coincidencia unica em toda a historia de Portugal e da Hespanha, as duas sociedades, ainda que postas em face de problemas differentes, acham-se hoje obrigadas a uma mesma solução, exactamente como dois doentes que, padecendo males diversos, encontrassem a salvação n'um mesmo e unico remedio. O ideal da Hespanha em revolução confunde-se com o ideal de Portugal que precisa ser revolucionado. A politica, morta entre nós ha tantos annos para os principios e para a justiça, renasce, tem outra vez alma e palavra, e essa palavra affirma o mesmo que alem da fronteira sáe dos corações que melhor sentem, das intelligencias que melhor comprehendem os verdadeiros destinos da peninsula. Para portu-

guezes como para hespanhoes não ha hoje senão um ideal politico: democracia e federalismo. A differença está só em que para a Hespanha metade do programma é já um facto inabalavel e a outra uma necessidade fatalmente imperiosa; em quanto que para nós, portuguezes, o programma todo, ainda que igualmente imperioso e fatal, não passa por ora de uma indicação da pura logica, é simplesmente uma aspiração.

Portugal é uma nação enferma, e do peior genero de enfermidade, o languor, o enfraquecimento gradual que, sem febre, sem delirio, consome tanto mais seguramente quanto se não vê orgão especialmente atacado, nem se atina com o nome da mysteriosa doença. A doença existe, todavia. O mundo portuguez agonisa, affectado de *atonia*, tanto na constituição intima da sociedade, como no movimento, na circulação da vida politica. Na sociedade, a estagnação de todas as classes, incapazes do menor desenvolvimento, pelo predominio de uma classe gasta e impotente, mas que tem monopolisado, desde 1834, a direcção dos negocios, a *burguezia,* dá-nos essa paz e liberdade apparentes que não são no fundo outra coisa mais do que a immobilidade e a indifferença, symptomas de morte proxima, não harmonias de uma existencia cheia e ordenada! No mundo politico a *atonia* manifesta-se pelo abatimento de todos os centros locaes, pelo desapparecimento de qualquer iniciativa independente da direcção official, pela substituição de um mecanismo artificial e mesquinho á bella e rica manifestação espontanea das forças livres e originaes, pelo arrefecimento, pelo empobrecimento da vida nacional em proveito de uma coisa falsa, artificiosa e esteril, a *centralisação.* A *centralisação* como meio, os *interesses burguezes* como fim, eis o mi-

seravel resumo da nossa actividade social ha perto de quarenta annos. Hoje a burguezia está rica; a centralisação, constituida; mas o paiz, esse, está pobre, fraco, indifferente, vulgar, e mais miseravel e triste, na sua paz e liberdade convencionaes, do que muitos outros no meio das luctas e das tempestades da guerra civil e da tyrannia.

É n'esta hora de abatimento profundo que uma revolução, para nós quasi providencial, faz rebentar a democracia do solo ardente da Hespanha, e encaminha fatalmente essa democracia para a sua unica fórma, a federação. Maravilhoso acaso, que a ponto nos deixa caír no regaço o remedio que exigem os nossos males, e une finalmente os dois povos da peninsula, por uma mesma necessidade, n'uma mesma aspiração, n'um mesmo ideal. A democracia e a federação vão resolver em Portugal a crise que chocavamos ha quarenta annos, porque a *democracia* é a queda do reinado burguez, e a *federação*, o renascimento da vida local e a ruina da unidade centralisadora.

VII

A burguezia europea tinha uma bella missão no seculo XIX. O edificio feudal fôra derrocado, mas o povo continuava no miseravel estado de indifferença e incapacidade politica a que o tinham reduzido, em acção combinada, a monarchia absoluta e a exploração aristocratica. Tornada assim a igualdade um direito popular e ao mesmo tempo um perigo para a civilisação, incumbia á burguezia, assumindo uma especie de dictadura philosophica, aproveitar-se d'este interregno para guiar a multidão ao encontro do seu direito, para esta-

belecer sem grande abalo a passagem da antiga incapacidade para a nova soberania, encaminhando, illustrando, moralisando, fazendo-se, emfim, não classe dominadora, mas simplesmente classe iniciadora. Mas esta casta avida e egoista, incapaz de comprehender uma tão alta missão, preferiu exercer a dictadura, que o acaso lhe offerecia, em proveito exclusivo dos seus interesses e das suas paixões, considerando como uma conquista eterna o que era apenas uma concessão momentanea da força das coisas. Achou mais simples, em vez de iniciar e illustrar, explorar e desmoralisar. Estabelecido assim o divorcio entre os interesses burguezes e os populares, a ruptura das vontades era facil de prever. Assim succedeu. A revolução franceza de 1848 deu o signal; e desde então para cá a burguezia, caída em França, no resto da Europa vacilla desequilibrada, sustendo-se apenas pela inercia ou pela incapacidade popular.

A burguezia portugueza tem sido talvez uma das mais ineptas, o seu dominio certamente um dos mais estereis. Pelo lado economico, fugindo systematicamente a todo o trabalho oneroso, a toda a exploração que peça intelligencia e actividade, estabeleceu-se commodamente no funccionalismo, a que tem dado um desenvolvimento fatal, e na divida publica, que absorve d'este modo os capitaes destinados a fecundar a industria e a producção nacionaes. É assim que se creou no paiz uma massa formidavel de consumidores absolutamente estereis, e se estabeleceu esse desequilibrio entre a producção e o consumo, causa principal da nossa pobreza, origem da divida que nos corroe, e da estagnação assustadora do movimento industrial. Não ha capitaes para tantas explorações necessarias, por

que um Estado famelico premeia os seus credores com juros fabulosos, cuja concorrencia nenhuma empreza particular pode sustentar. Não ha homens para essas explorações, por que um Estado governado em familia, considerado padrinho universal dos filhos d'uma classe sedentaria e inactiva, abre na *meza do orçamento* um logar commodo para quem, sobre tudo, evita pensar, calcular e agitar-se. Este é o lado economico: quanto ao lado moral, a decadencia é mais profunda ainda. Quem dirá jámais a pobreza e o abaixamento a que o proprietario avaro e o empregado oppressor têem reduzido o povo dos campos? E o povo das cidades, quantas miserias não deve elle á dura avidez do capitalista, quantas indignidades ao orgulho do funccionario, quantas corrupções ao exemplo dos vicios d'um e do outro? Assim é que elles educam e iniciam. A instrucção é esta: por que a burguezia portugueza pode, por ostentação, levantar uma estatua a Luiz de Camões; mas o povo portuguez, esse, não sabe soletrar o titulo do poema que o poeta consagrou ás suas glorias...

Resumindo: o privilegio, sem se atrever a negar em face o direito, estabelecendo-se de facto e enchertando-se surdamente na grande arvore da igualdade social: o luxo e riqueza improvisada d'um pequeno numero mascarando a pobreza universal: os capitaes, desviados do seu verdadeiro curso, deixando que se esterilisem, em vez de as fecundarem, as industrias nacionais: todas as grandes emprezas, navegação, exploração de minas, nas mãos de companhias estrangeiras, verdadeira abdicação economica do povo portuguez: o desequilibrio crescente entre o consumo e a producção, pelo desenvolvimento extremo de duas classes, os empregados e os credores do Estado, que, sem

entrarem com um só elemento para a riqueza publica, absorvem inexoravelmente a melhor parte d'ella: a agiotagem substituida ao commercio e a intriga ao trabalho: o abatimento economico prostando o paiz, no meio da agitação febril de meia duzia de especuladores: o abatimento moral, pela indifferença, pela inercia, gastando os caracteres, amolecendo as vontades, tornando impossivel toda a iniciativa e toda a originalidade: o povo sceptico e desmoralisado: a ociosidade tornada o ideal d'aquelles mesmos que trabalham: a ignorancia real mascarada pela illustração ficticia dos programmas officiaes: muito sophisma: muita illusão: muita miseria: eis onde nos achamos depois de 40 annos de tutela burgueza, eis o saldo de contas da gerencia d'estes nossos curadores officiosos...

Para esta obra de decadencia houve um instrumento digno d'ella, por que é um instrumento de compressão, a centralisação. A dictadura das classes *soi-disant* superiores torna-se impossivel sem essa apertada rede administrativa, que por todos os lados envolve o corpo da nação, e no centro da qual uma minoria compacta e audaciosa, uma vez estabelecida, póde á vontade dirigir, governar e explorar. N'este ponto de vista, a historia do periodo constitucional entre nós póde definir-se uma administração centralisada, explorando o paiz no sentido dos interesses d'um pequeno numero de monopolistas politicos. A primeira consequencia d'este estado de coisas é a extensão progressiva, incalculavel, verdadeiramente phenomenal do funccionalismo. Ha uns annos que a consciencia e o interesse populares reagem contra esta monstruosidade, este aleijão da nossa sociedade. Depois do movimento de janeiro, sobre tudo, o clamor tornou-se universal. Mas pe-

dem-se reducções, e n'isto é que está o engano. O funcionalismo não é uma anomalia, um facto exclusivamente portuguez. É um dos elementos essenciaes dos governos centralisados. Foi elle quem devorou o mundo romano, nos ultimos dois seculos do imperio. É elle que abate a França debaixo d'um montão de parasitas officiaes, que lhe não deixam completar a sua reorganisação economica. É elle, emfim, que nos tem assim exsangues e pallidos á beira do nosso sepulchro entreaberto. Mas quem acceitar a unidade e a centralisação não póde logicamente recusar o que é o elemento essencial da sua acção, o instrumento das suas concepções, o organismo com que vive, respira e se move. Com effeito, desde que se admitte *governo*, um centro que se encarrega de todas as funcções sociaes, as innumeras forças, que a liberdade individual, abdicando, concentra n'aquella individualidade absoluta, tendem a encarnar-se em symbolos visiveis, que lhes deem acção e vida, e a ajuntarem outros tantos membros ao ser prodigioso aonde se resume a existencia de muitos milhões de homens. A cada um dos elementos da actividade individual vem a corresponder no estado, que os absorve, outras tantas funcções. O que o cidadão deixa de fazer por si, fal-o o estado por meio d'um organismo novo, por que a sua força e complexidade estão na razão inversa da força e do desenvolvimento da esphera de acção de cada cidadão. Ora a força do estado não póde existir senão organisada; isto é, não existe sem repartições e sem empregados, repartições tanto mais complicadas quanto mais perfeita é a organisação, empregados tanto mais remunerados quanto são mais importantes os negocios de que se occupam. O funccionalismo é pois o triumpho da

centralisação, a sua expressão mais completa, e póde sem ironia dizer-se que uma nação centralisada não chega á sua plenitude, não é, por conseguinte, perfeita, em quanto uma metade dos cidadãos não estiver constantemente occupada em vigiar, governar e corrigir a outra metade...

Mas toda essa gente vive: vive, absorve... e não produz. A ruina das nações centralisadas começa por aqui. Não ha relação entre o que sáe do trabalho e o que exige o consumo. Para accudir ás necessidades do dia é necessario hypothecar o futuro. Mas o futuro ha uma hora em que chega a ser presente, e n'essa hora apparece por tal forma enfraquecido e sobrecarregado, que já para viver precisa pedir a um outro futuro mais longinquo o dobro e o triplo do que lhe tinham pedido a elle. Eis a progressão terrivel da divida publica! *Progressivamente*, não proporcionalmente, crescem as exigencias do estado: e *progressivamente*, não proporcionalmente, diminuem os recursos do paiz, onerado, compromettido n'uma razão mathematicamente assustadora. É n'este momento que o fisco, até ali simples organismo como os outros, se desmascara e deixa ver o monstro cruel, tyrannico e disforme que é realmente. N'esse momento de brutal fraqueza, toda a politica se resume n'uma unica palavra: *dinheiro!* todo o programma de governo se resume n'uma unica phrase: *é necessario que o povo pague!* O estado transforma-se n'uma horrivel machina de triturar fortunas, homens, vontades, com tanto que d'esses restos sangrentos possa extrair um pouco de ouro. Mas para isso é necessario ser forte: e o estado fatalmente se concentra, toma a feição d'um exercito sempre em armas no meio d'um povo mal

submettido, até assumir a sua verdadeira forma, a *tyrannia*, uma tyrannia administrativa e fiscal, como a de Diocleciano em Roma, como a de Luiz XIV em França, como a que talvez vejamos dentro em poucos annos em Portugal. Mas a tyrannia do governo dá origem irremediavelmente á sua antithese, a anarchia na sociedade. Como o centro vê tudo, póde tudo, é tudo, como é a unica cabeça, o unico pulmão, o unico braço, todos os grupos de interesses, todos os partidos, privados de qualquer acção fóra da esphera governamental, empenham os maiores esforços em se apoderarem da formidavel machina, e não têem outro fito senão serem um dia *poder*. Conspiram, intrigam, combatem, até lançarem mão das chaves fataes com que se abrem todas as portas e todas as consciencias. O governo, sempre forte, sempre concentrado, passa assim rapidamente de tyrannia em tyrannia, representando de hora para hora os interesses diversos de classes e de partidos, que, succedendo-se vertiginosamente, apenas têem tempo para as represalias e para a oppressão...

Será isto um quadro de phantasia? não: leia-se a historia dos ultimos dois seculos do imperio romano: leia-se, sobre tudo, a historia da decadencia byzantina, e ver-se-ha que ainda encobrimos mais de metade das miserias, das desordens, das corrupções, a que arrasta fatalmente as nações o funesto principio do estado centralisado. E Portugal, quem ha ahi que não lhe veja já distinctamente nas faces a pallidez sinistra d'uma inexoravel decadencia? Quem não presente, pelas sombras do horizonte, que vamos entrando no passo temivel da tyrannia fiscal e da anarchia dos interesses hostis? A centralisação dá os seus fructos: e, á sombra d'essa arvore de morte, quantos não nos sentimos já enfra-

quecidos e cheios d'uma tristeza e d'um desalento mortaes?...

Não é com reformas, com *economias*, que se sáe d'uma tal situação. A arvore peçonhenta só cortada pela raiz deixará de cobrir a terra da patria com a sua sombra funesta. O mal é intimo e profundo. Só um revulsivo energico poderá chamar á vida o sangue que se gela nas veias d'este corpo, mais intorpecido ainda do que envelhecido. Por outras palavras: a philosophia politica não indica uma *reforma,* mas uma *revolução,* para a situação desesperada em que nos achamos. E como os dois elementos de morte, que temos em nós, são a *burguezia* e a *centralisação,* appellando para dois principios de vida, a *democracia* e a *federação,* não faremos senão seguir as indicações mais claras da sciencia, e as leis mais evidentes do mundo economico e politico. Tanto pelos principios como pelos acontecimentos um caminho está traçado para a politica portugueza, de que não ha desviar-se. Quebrando, por meio do *suffragio universal,* os diques estreitos entre os quaes a vida publica tem até hoje corrido apertada; profundando-lhe o leito, e fazendo entrar na sua corrente, com as multidões triumphantes, esses elementos de força e de vida que ainda possa conter o mundo portuguez; a *democracia* abate ao mesmo tempo a oligarchia burgueza, e realisa entre nós o unico progresso que nos póde pôr á altura da Hespanha rejuvenescida pela sua revolução. Mas a democracia com a centralisação não é mais do que a igualdade sob uma mesma tyrannia. A descentralisação, quebrando nas mãos da *razão de Estado* a temivel arma da unidade, restituindo á provincia e á iniciativa local todas as funcções de que tinha sido ca-

vilosamente despojada, ou de que cegamente abdicára, appellando fortemente para a energia individual, é quem só póde acabar por uma vez com o parasitismo do funccionario, chamar os capitaes e as vontades para o trabalho, restabelecer o equilibrio economico alterado, e revestindo Portugal da luz serena e immaculada da republica democratica, fazel-o brilhar, gravitando, entre os astros da constellação iberica.

A republica sáe assim naturalmente da democracia; e, da republica, a federação.

VIII

Chegados a estas conclusões, vemos o ideal revolucionario de Portugal tocar-se, confundir-se com o ideal da revolução hespanhola. Para toda a peninsula não ha hoje senão uma unica politica possivel: a da federação-republicana-democratica. E, em face d'esta formidavel unidade de interesses, de ideas, de vontades, e de aspirações, que podem as *barreiras da nacionalidade* significar mais do que uma tradição, um symbolo poetico, cujo sentido se perde de dia para dia, até se tornar de todo incomprehensivel, até desapparecer? Moralmente essas barreiras cairam já. Para as consciencias mais rectas, para as intelligencias mais seguras dos dois povos, unidas nos mesmos desejos e n'um pensamento commum, a nacionalidade não passa d'um obstaculo desgraçado, resto das hostilidades fataes de seculos barbaros, e que só por um lamentavel accordo dos interesses da minoria dominante e dos prejuizos da multidão inintelligente se tem podido sustentar. Mas esse accordo desfez-se. O irresistivel movimento democratico da nossa sociedade vai tornar

inevitavel a queda da nacionalidade, nas opiniões, a principio, e mais tarde nos factos, no grande dia do abraço fraternal das populações da peninsula iberica. A revolução social é identica para os dois povos: identica, para os dois povos, deve ser a revolução politica. E o successo ou insuccesso da actual revolução hespanhola, o seu desfecho feliz ou infeliz, em nada altera este ponto de vista puramente ideal da politica iberica. Organisado o federalismo democratico em Hespanha, é um facto, um facto visivel e soberano, que se torna o alvo das nossas aspirações, o nosso exemplo, o programma do unico partido com vida e significação em Portugal. Nem, em tal caso, é só um partido, mas a nação toda, que levada por um impulso irresistivel gravita para o centro de attracção da constellação federal. — Mas, perturbado o desenvolvimento logico da revolução pela ignorancia, a pusilanimidade, ou a intriga, como nenhum governo estavel, alem da federação, se póde estabelecer em Hespanha, a violenta anarchia, que se seguir, será ao mesmo tempo uma prova irrefutavel, ainda que indirecta, da verdade do programma que traçámos á revolução, e um signal para todos os homens intelligentes, sinceros, e corajosos se unirem, sem distincção de nacionalidade, em volta da bandeira da republica democratica e federal. Em qualquer dos dois casos, a politica, para nós portuguezes, é sempre a mesma: o nosso caminho está traçado, invariavel e superior ainda ás oscilações e tremores do terreno por onde a força inexoravel das coisas o obriga a passar. Em qualquer dos dois casos, a nacionalidade, esta estreita nacionalidade dentro da qual nos está comprimindo a monarchia burgueza, tem de ser sacrificada, quer no facto d'uma revolução, quer no

programma d'um partido revolucionario, a uma forma mais larga, mais livre, e mais fraternal. Em qualquer dos dois casos, para todos os elementos moços, intelligentes, activos da sociedade portugueza, não ha outra saida aberta senão esta: a democracia iberica; nem outra politica, politica capaz de idéas, de futuro e de grandeza, possivel em Portugal, senão esta: a politica do iberismo.

IX

E agora, por despedida, duas palavras sinceras aos patriotas portuguezes. O patriotimo póde symbolisar-se hoje n'uma ideia falsa e estreitissima: mas nem por isso deixa de ser um sentimento respeitavel. Certamente que, para os Fuas Roupinhos e os Espadeiros do jornalismo a tanto por linha, o patriotismo não passa de uma palavra sonora, o enthusiasmo nacional de uma boa especulação. Assim tambem não é com elles que fallo. Dirijo-me aos espiritos candidos e rectos, mas cheios de illusões e pouco esclarecidos sobre a natureza dos movimentos sociaes, ás vontades energicas, mas falsamente encaminhadas, aos homens verdadeiramente bons e dedicados das nossas provincias, que, obedecendo a um dos mais bellos sentimentos humanos, o amor da patria, tomam a *nacionalidade* pelo symbolo unico, pela fórma mais perfeita d'esse sentimento.

Sem faltar ao respeito devido a tão honestas convicções, atrever-me-hei a ponderar-lhes que o amor da patria não coincide rigorosamente com o facto da nacionalidade: são duas coisas distinctas, ainda que ligadas estreitamente e servindo uma de manifestação á outra, como serve a palavra de manifestação ao pensa-

mento. Mas são distinctas: e assim como a palavra falta mais de uma vez ao pensamento, e o atraiçôa, póde uma nacionalidade gasta ou acanhada faltar ao amor da patria com as condicções do seu inteiro desenvolvimento, atraiçoando as suas mais formosas aspirações, os seus mais intimos impulsos. A patria, com effeito, não é o chão, o ar, o sol, os rios e os montes nataes: patria assim tem-na igualmente as arvores d'esses campos e os musgos d'essas rochas: o patriotismo, n'esse caso, deixava de ser um sentimento exclusivamente humano, para se confundir com as simples leis do mundo organico. É no homem, na sua natureza moral, que se devem procurar as razões intimas d'este facto universal e até hoje indestructivel. Ao ceu dos campos e dos montes patrios, á sombra das suas igrejas e dos seus castellos, á lingua dos seus habitantes, aos costumes, ás tradicções, não nos prende um instincto cego, uma fatalidade de especie, ou uma attracção poetica da phantasia. Tudo isso, se é bello para nós, é só por que nos representa, em symbolo harmonioso, o pensamento intimo do nosso ser, e parece traduzir-nos o segredo mysterioso da nossa consciencia. N'esse conjuncto de coisas, ideias, e sentimentos, vemos as condições do desenvolvimento mais perfeito da nossa natureza moral, o instrumento da exaltação da nossa personalidade, na sua mais rica complexidade, como homens perante os homens, criaturas perante a criação, espiritos perante o nosso proprio espirito. Por isso, e só por isso, amamos a patria. Ella não é somente o berço das nossas affeições instinctivas: é mais: é o ninho aonde crescem e vigoram os filhos mais queridos da nossa alma, as energias da nossa livre actividade. A patria não é um accidente

da natureza material, mas um facto da consciencia humana.

A nacionalidade, essa, é apenas a fórma passageira e artificial de tudo isto. É um facto do mundo politico e, como elle, transitorio e alteravel. No momento em que muitos interesses se reconhecem semelhantes, muitos *patriotismos* irmãos, tendo em commum o mesmo ideal e as mesmas condicções de o realisar, agrupam-se, fundem-se, levados pela attracção irresistivel entre naturezas homogeneas, e pela necessidade de se deffenderem e affirmarem em face do mundo. Eis uma nacionalidade, obra de momento, sugeita á dupla acção do tempo e do movimento humano, e por isso instavel e transitoria como o correr dos annos e o transformar-se dos interesses e das ideias sociaes. Concebe-se facilmente que esses interesses deixem de ser homogeneos, que essas ideias se possam contradizer: concebe-se que a fórma nacional, em vez de realisar o ideal de pleno desenvolvimento material e moral symbolisado no amor patrio, lhe suffoque os impulsos mais generosos, e atraiçoe as suas mais legitimas aspirações. A nacionalidade deixa então de ser o pavilhão luminoso, que sob os seus tectos doirados cobria muitas cabeças irmans, para se transformar n'uma abobada escura e fria de ergastulo, aonde gemem muitos miseraveis escravos...

Será este o caso de Portugal? Atrevo-me a dizer que é. As forças mais vivas, as energias mais moças e intelligentes, os elementos mais generosos da nossa sociedade, estão comprimidos, asphixiados por esta forma estreita da velha nacionalidade. Entre uma coisa e outra é necessario escolher. Ora eu sustento que, entre as realidades eternas da natureza humana, de um lado, e, do outro, a criação artificiosa e anti-

quada da politica, não ha que hesitar. Se não é possivel sermos justos, fortes, nobres, intelligentes, senão deixando caír nos abysmos da historia essa coisa a que já se chamou *nação portugueza*, cáia a nação, mas sejamos aquillo para que nos criou a natureza, sejamos intelligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portuguezes. Uma nação moribunda é uma coisa poetica: infelizmente a melhor poesia, em politica, não passa de uma politica mediocre. Chorar, recordar-se, ou ameaçar em sonoros versos, póde ser extremamente sentimental: mas não adianta uma polegada os nossos negocios... Eu, por mim, pondo de parte toda a poesia e toda a sentimentalidade, contentar-me-hei de affirmar aos patriotas portuguezes esta verdade de simples bom senso: que, nas nossas actuaes circumstancias, o unico acto possivel e logico de verdadeiro patriotismo consiste em *renegar a nacionalidade* (1).

(1) Reedição do opúsculo: *Portugal perante a revolução de Hespanha, considerações sobre o futuro da democracia portugueza no ponto de vista da democracia iberica* por Anthero de Quental. Lisboa, typographia portugueza. Travessa da Queimada, 35. 1868. *(Nota do editor).*

POEMAS DO MACADAM

Por especial obsequio do auctor, publicamos algumas poesias do nosso amigo e originalissimo poeta Carlos Fradique Mendes, as quaes fazem parte da collecção que, sob o titulo expressivo de *Poemas do Macadam*, verão brevemente a luz da publicidade. O snr. Mendes é um dos poetas mais bem dotados da nova geração.

Como amigo e como critico, apraz-nos confessar isto. Mas, feita esta reserva sobre as qualidades puramente estheticas do nosso amigo, a sua originalidade d'estylo, facilidade de rythmo, colorido de phrase, e aquelle *não sei quê* que caracterisa o verdadeiro talento *né artiste*, feitas estas reservas, a nossa consciencia manda-nos em nome de alguma coisa superior á simples esthetica, em nome do *ideal na arte*, que é a sua lei suprema, protestar amigavelmente, mas energicamente, contra a *idea mãe* da sua poesia, o fundo mesmo de sentimentos sobre que assenta a sua inspiração.

O snr. Mendes pertence a uma grande escola, que por toda a Europa veio substituir em parte, e em parte oppôr-se á escola romantica. Sabemos que essa escola tem uma esthetica sua, uma poetica, tudo em fim quanto caracterisa um verdadeiro *movimento* no mundo do espirito, e conta á sua frente chefes do maior talento, dos mais variados recursos. Baudelaire é hoje

um nome europeu: critico e poeta, legislou e poz em obra as doutrinas da nova *pleiade*.

Van Hole, Hulurugh, Schatchlich em Alemanha, em França Leconte de Lisle e Barrillot, seguiram, exagerando-o ainda, o principio do auctor das *Flores do mal*. O *satanismo* é hoje um facto litterario europeu, um grande movimento. Pois bem, dizemos nós, é por isso mesmo que o devemos combater.

Ser uma grande tendencia não quer dizer ser uma boa tendencia. Uma escola não é um dogma; e se a poesia por toda a parte segue uma errada direcção, por toda a parte se deve levantar o conselho, a doutrina e o protesto. O *satanismo* pode dizer-se que é o *realismo* no mundo da poesia. É a consciencia moderna (a turva e agitada consciencia do homem contemporaneo!) revendo-se no espectaculo das suas proprias miserias e abaixamentos, e extrahindo d'essa observação uma psychologia sinistra, toda de mal, contradicção e frio desespero. É o coração do homem torturado e desmoralisado, erigindo o seu estado em lei do Universo...

É a poesia cantando, sobre as ruinas da consciencia moderna, um *requiem* e um *dies irae* fatal e desolador!

Ora, francamente, será esta a missão da Poesia?

O seu ideial, isto é, a sua lei suprema, não será, pelo contrario, consolar, moralisar, apontar o bello espiritual, a esperança e a crença? Que quer dizer a fria contracção da ironia, nos labios da virgem feita para sorrir e cantar? A poesia não póde ser o grito da agonia: é a voz mais pura e mais intima do coração: é mesmo nas vascas da morte, é sobre tudo nas horas da provação, um hymno, *carmen*.

Não estará pois a nova escola, com todo o seu talento

e originalidade poderosa, arrastando a Arte para um caminho de perdição, no fim do qual não pode estar senão a ruina do mundo moral e a morte da mesma poesia? Nao será comprometter os destinos da Musa, fazel-a assim vestir trajos tão desvairados, apresentando-a n'um teatro tão estranho aos seus intimos instinctos, ás suas aspirações, á sua tradição?

É o que firmemente acreditamos. O nosso amigo tem um espirito muito alto e muito esclarecido, para que não entre (passado o primeiro periodo de ardor, proprio das vocações verdadeiramente originais) no caminho eterno da grande poesia, o caminho largo, sereno e luminoso do Ideal. Com os seus bellos dotes, o seu gosto, e a sua já hoje vasta instrucção, prevemos-lhe então um grande futuro e prevemos á nossa epoca um verdadeiro poeta.

A. Q.

A CARLOS BAUDELAIRE

(AUCTOR DAS «FLORES DO MAL»)

Ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassivel!
Fino labio a sorrir, sob um estranho olhar!
Tua bocca descreve o criminoso, o horrivel,
Emquanto a tua voz parece só cantar...

Indifferente vaes como a desdem pisando
Um chão de vicio e horror, com passo virginal;
Na tua mão *gantée*, trazes, como brincando,
Um sinistro *bouquet*, a negra *flor do mal!*

O tectrico — o que faz tremer dentro do peito
O coração dos mais — poeta, é para ti
Só pretexto talvez d'algum feliz conceito,
Um verso original, uma rima que ri...

Dante do Boulevard, cantas o desespero,
Ao som d'uma aria vã, como um futil rondó...
Pintor, deixas-nos vêr a alma escura de Nero,
Com o *négligé* e a côr de Boucher ou Watteau.

Essa fronte de neve, esse craneo de gelo,
Se os estalasse alguem veria, creio eu,
Surgir estranho ser — Byron, Polichinello,
Confundidos n'um só, c'o a face d'Asmodeu!

É o mal com consciencia, e tanta, e tão terrivel,
Que cae na affectação, nas phrases *rococó*...
E esse olhar fixo e estranho e essa fronte impassivel
Dão um frio mortal, peior que pranto e dó...

Sim, descer onde tu desces — na primavera
Vêr só o insecto vil, que roe a bella flor —
(Em despeito do estylo e da rima sevêra)
Não se faz sem soffrer... tu conheces a dôr!

Tu sabes o que é dor, ó sereno estylista!
Sob o fraque do dandy ha em ti, bem o vês,
Um poeta, um leão, um demonio, que o artista
Póde a custo conter, domar, calcar aos pés!

És o symbolo, tu, d'um século phantasma,
Tão sábio que é atheu, e já não quer chorar...
Que tem cans sem ser velho, e que de nada pasma
Olhando o mundo á luz do gaz do Boulevard...

Somos todos assim — um triste olhar que chora
E encobre, chocarreira, a luneta do tom...
Um esqueleto frio e horrivel — mas por fóra
Irreprochablement vestido á Benoiton!...

Paris: dia do enterro de Baudelaire: 7 de Setembro de 1867.

INTIMIDADE

Quando no Boulevard passas, e toda
Essa gente te mira cubiçosa,
És bella — e se te não comparo á rosa
É que a rosa, bem vês, passou de moda...

Anda-me ás vezes a cabeça á roda
Atrás de ti também, flor caprichosa!
Nem pode haver, na multidão ruidosa,
Coisa mais linda, mais absurda e douda.

Mas é na intimidade e no segredo,
Quando tu córas e sorris a medo,
Que me apraz ver-te e que te adoro, flor!

E não te quero nunca tanto (ouve isto)
Como quando por ti, por mim, por Christo,
Juras — mentindo — que me tens amor...

Paris, 1867.

AS FLORES DO ASPHALTO

As flores que nossa alma descuidada
Colhe na mocidade com mão casta,
São bellas, sim: basta aspiral-as, basta
Uma vez, fica a gente enfeitiçada.

Nascem n'um prado ou riba socegada,
Sob um ceu puro e luz serena e vasta:
Tem fragancia subtil, mas nunca exhausta.
Fallam d'Amor e Bem á alma enlevada...

Mas as flores nascidas sobre o asphalto
D'essas ruas, no pó e entre o bulicio,
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que tem ellas, que assim nos endoideeem?
Tem o que mais as almas appetecem...
Tem o aroma irritante e acre do Vicio!

Paris, 1867.

NOITES DE PRIMAVERA NO BOULEVARD

Quando em tardes d'Abril, á luz crepuscular,
Saio de casa e vou buscando um pouco d'ar,
Que tumulto na rua! e que inferno de gente,
Que levam mil paixões, confusa, douda, ardente!
É um mundo que sahe, parece, das visões
De Dante ou São João, ruindo entre baldões
D'um circulo infernal para outro mais profundo.
E outro, e dez, e mil buscando sempre o fundo!
E, em volta, a luz vibrante e vivida do gaz
Inunda a multidão, inimiga da paz!
Sae d'esta confusão uma horrivel poesia,
Uma volupia atroz, uma estranha magia,
Que irrita, acende e faz os sentidos arder.
Exhalação magnetica, aromas de mulher,
O contacto que excita, um fluido de desejos,
E como que no ar um trocar-se de beijos,
Sem destino e sem dono, ardentes e crueis...
É o povo, outra vez, das antigas Babeis,
É Gomorra, outra vez, e o lago de Sodoma,
E as Bachantes febris da desgrenhada Roma.
Com mais força sómente, e essa nova paixão
Que sae do fóco a arder da Civilisação!
Sim, ha paixão alli, e vida, intensa vida,
Por mil caminhos vãos espalhada e perdida,
Mas magnetica, activa e enchendo todo o ar
D'um fluido de delirio, em vortice a girar...
Em volta da cidade é como uma cintura
De loucura e d'amor, sobre a extensão escura...
É outro o mundo alli! outra ideia! outro ser!
O Bem, o Mal, não tem o aspecto que usam ter...

O vicio é formosura — o vicio é poesia —
Parece a creação ter por lei a folia.
E sentidos, e alma, e tudo, em confusão
Bradam — « o Universo, é filho da paixão!
« Amae, vivei, clamae! rugi, se nos rugidos
« Ha uma força mais, que levante sentidos!
« Se o Vicio não bastar, no Crime póde haver
« Magia e atracção e fonte de prazer!
« Em nós habita Deus! — o mais, materia morta!
« Que o mundo caia em volta e se abra, que importa?
. . . . . .
. . . . . .
E lá de cima o ceu, immenso e fundo, está
Olhando, com olhar d'estrellas, para cá...
Mas o mais triste, ó ceu! ó astros! é que o abysmo,
Que tenho em torno a mim, é no que penso e scismo!
A vertigem tambem minha alma me tomou...
Sinto o terrivel fluido... e vou, e vou, e vou...
E desejo e estremeço... e o delirio parece
Que me enche o coração, e a vida me endoidece!
Sim! a Paixão governa e o Prazer é rei!
O mundo é artificio! — e, incerto, nem já sei
Se estes bicos de gaz são realmente estrellas,
Ou só bicos de gaz essas espheras bellas!

Paris: abril de 1867.

C. Fradique Mendes (1).

(1) Publicado como folhetim em *O Primeiro de Janeiro*, de 5 de Dezembro de 1869. Devemos o conhecimento dêste folhetim, não citado nas bibliografias anterianas, ao sr. dr. Hernani Cidade, prof. da Universidade do Pôrto. Para a sua interpretação convirá ter presente o artigo do sr. Jaime Batalha Reys — *Annos de Lisboa* in-*Anthero de Quental — In Memoriam.* Porto, 1896, págs. 461-462. *(Nota do editor.)*

PROGRAMMA
DAS CONFERENCIAS DEMOCRATICAS

Ninguem desconhece que se está dando em volta de nós uma transformação politica, e todos presentem que se agita, mais forte que nunca, a questão de saber como deve regenerar-se a organisação social.

Sob cada um dos partidos que luctam na Europa, como em cada um dos grupos que constituem a sociedade de hoje, ha uma ideia e um interesse que são a causa e o porquê dos movimentos.

Pareceu que cumpria, emquanto os povos luctam nas revoluções, e antes que nós mesmos tomemos nellas o nosso logar, estudar serenamente a significação dessas ideias e a legitimidade dêsses interesses; investigar como a sociedade é, e como ella deve ser; como as Nações têm sido, e como as pode fazer hoje a liberdade; e, por serem ellas as formadoras do homem, estudar todas as ideias e todas as correntes do seculo.

Não pode viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preoccupações intellectuaes do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vae trabalhando, deve tambem ser o assumpto das nossas constantes meditações.

Abrir uma tribuna, onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterisam este momento do seculo, preoccupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e politica dos povos;

Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitaes de que vive a humanidade civilisada;

Procurar adquirir a consciencia dos factos que nos rodeiam, na Europa;

Agitar na opinião publica as grandes questões da Philosophia e da Sciencia moderna;

Estudar as condições da transformação politica, ecomica e religiosa da sociedade portugueza:

Tal é o fim das Conferencias democraticas.

Tem ellas uma immensa vantagem, que nos cumpre especialmente notar: preoccupar a opinião com o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução, de modo que para ella a consciencia publica se prepare e illumine, é dar não só uma segura base á constituição futura, mas tambem, em todas as occasiões, uma sólida garantia á ordem.

Posto isto, pedimos o concurso de todos os partidos, de todas as escólas, de todas aquellas pessoas que, ainda que não partilhem as nossas opiniões, não recusam a sua attenção aos que pretendem ter uma acção — embora minima — nos destinos do seu paiz, expondo publica mas serenamente as suas convicções e o resultado dos seus estudos e trabalhos.

Lisboa, 16 de maio de 1871. — *Adolpho Coelho — Anthero de Quental — Augusto Soromenho — Augusto Fuschini — Eça de Queiroz — Germano Vieira de Meirelles — Guilherme de Azevedo — Jayme Batalha Reis — J. P. Oliveira Martins — Manuel de Arriaga — Salomão Saragga — Theophilo Braga* (1).

(1) Reproduzido do *Ensaio de uma bibliographia Antheriana*, de Joaquim de Araujo, pág. XVII, publicado in-*Anthero de Quental — In Memoriam.* Pôrto, 1896. *(Nota do editor.)*

CAUSAS DA DECADENCIA DOS POVOS PENINSULARES NOS ULTIMOS TRES SECULOS

DISCURSO

PRONUNCIADO NA NOITE DE 27 DE MAIO,

NA SALA DO CASINO LISBONENSE

ADVERTENCIA

Foi reconstruido este discurso sobre os apontamentos que serviram para o recitar, os extractos publicados por varios jornaes, e as notas d'alguns amigos. As ideas e os factos citados são rigorosamente os mesmos: é igualmente a mesma a ordem da deducção. O estylo é que é, nem podia deixar de ser, diverso: falla-se d'um modo e escreve-se d'outro. O essencial é que se não alterasse o pensamento, e a isso se attendeu escrupulosamente. Podem agora as pessoas, que não assistiram á Conferencia, e que seguindo as informações menos leaes d'alguns periodicos, fazem uma idea erronea ou desfavoravel da doutrina e das intenções do orador, formar por si o seu juizo; juizo que — simpathico ou hostil — é sempre respeitavel, uma vez que seja consciencioso.

Meus Senhores:

A decadencia dos povos da Peninsula nos tres ultimos seculos é um dos factos mais incontestaveis, mais evidentes da nossa historia: pode até dizer-se que essa decadencia, seguindo-se quasi sem transição a um periodo de força gloriosa e de rica originalidade, é o unico grande facto evidente e incontestavel que n'essa historia apparece aos olhos do historiador philosopho, Como peninsular, sinto profundamente ter de affirmar, n'uma assemblea de peninsulares, esta desalentadora evidencia. Mas, se não reconhecermos e confessarmos francamente os nossos erros passados, como poderemos aspirar a uma emenda sincera e definitiva? O pecador humilha-se diante do seu Deos, n'um sentido acto de contrição, e só assim é perdoado. Façamos nós tambem, diante do espirito de verdade, o acto de contrição pelos nossos pecados historicos, por que só assim nos poderemos emendar e regenerar.

Conheço quanto é delicado este assumpto, e sei que por isso dobrados deveres se impoem á minha critica. Para uma assemblea de estrangeiros não passára esta d'uma these historica, curiosa sim para as intelligencias, mas fria e indifferente para os sentimentos pessoaes de cada um. N'um auditorio de peninsulares, não é porém assim. A historia dos ultimos tres seculos perpetua-se ainda hoje entre nós em opiniões, em crenças, em interesses, em tradições, que a representam na nossa sociedade, e a tornam d'algum modo actual. Ha em nós todos uma voz intima que protesta em favor do passado, quando alguem o ataca: a razão póde condemnal-o: o coração tenta ainda absolvel-o.

É que nada ha no homem mais delicado, mais melindroso do que as illusões: e são as nossas illusões o que a razão critica, discutindo o passado, offende sobre tudo em nós.

Não posso pois appellar para a fraternidade das ideas: conheço que as minhas palavras não devem ser bem aceitas por todos. As ideas, porém, não são felizmente o unico laço com que se ligam entre si os espiritos dos homens. Independente d'ellas, senão acima d'ellas, existe para todas as consciencias rectas, sinceras, leaes, no meio da maior divergencia de opiniões, uma fraternidade moral, fundada na mutua tolerancia e no mutuo respeito, que une todos os espiritos n'uma mesma communhão — o amor e a procura desinteressada da verdade. Que seria dos homens se, acima dos impetos da paixão e dos desvarios da intelligencia, não existisse essa região serena da concordia na boa fé e na tolerancia reciproca! uma região aonde os pensamentos mais hostis se podem encontrar, estendendo-se lealmente a mão, e dizendo uns para os outros com um sentimento humano e pacifico: *és uma consciencia convicta!* É para essa communhão moral que eu appello. E appello para ella confiadamente, por que sentindo-me dominado por esse sentimento de respeito e caridade universal, não posso crer que haja aqui alguem que duvide da minha boa fé, e se recuse a acompanhar-me n'este caminho de lealdade e tolerancia.

Já o disse ha dias, inaugurando e explicando o pensamento d'estas Conferencias: não pretendemos *impor* as nossas opiniões, mas simplesmente *expol-as:* não pedimos a adhesão das pessoas que nos escutam; pedimos só a discussão: essa discussão longe de nos assustar, é o que mais desejamos; por que, ainda que

d'ella resultasse a condemnação das nossas ideas, com tanto que essa condemnação fosse justa e intelligente, ficariamos contentes, tendo contribuido, posto que indirectamente, para a publicação de algumas verdades. São prova da sinceridade d'este desejo aquelles logares e aquellas mezas, destinadas particularmente aos jornalistas, aonde podem tomar nota das nossas palavras, tornando-lhes nós assim franca e facil a contradicção.

Meus Senhores: a Peninsula, durante os seculos 17, 18 e 19, apresenta-nos um quadro de abatimento e insignificancia, tanto mais sensivel quanto contrasta dolorosamente com a grandeza, a importancia e a originalidade do papel que desempenhámos no primeiro periodo da Renascença, durante toda a Idade Media, e ainda nos ultimos seculos da Antiguidade. Logo na epoca romana apparecem os caracteres essenciaes da raça peninsular: espirito de independencia local, e originalidade de genio inventivo. Em parte alguma custou tanto á dominação romana o estabelecer-se, nem chegou nunca a ser completo esse estabelecimento. Essa personalidade independente mostra-se claramente na litteratura, aonde os hespanhoes Lucano, Seneca, Marcial, introduzem no latim um estylo e uma feição inteiramente peninsulares, e singularmente caracteristicos. Eram os pronuncios da viva originalidade que hia apparecer nas epocas seguintes. Na Idade Media a Peninsula, livre de estranhas influencias, brilha na plenitude do seu genio, das suas qualidades naturaes. O instincto politico de descentralisação e federalismo patentea-se na multiplicidade de reinos e condados soberanos, em que se divide a Peninsula, como um protesto e uma victoria dos interesses e energias locaes, contra a unidade uniforme, esmagadora e artificial. Dentro de

cada uma d'essas divisões, as Communas, os Foraes, localisam ainda mais os direitos, e manifestam e firmam com um sem numero de instituições, o espirito independente e autonomico das populações. E esse espirito não é só independente: é, quanto a epoca o comportava, singularmente democratico. Entre todos os povos da Europa central e occidental, somente os da Peninsula escaparam ao jugo de ferro do feudalismo. O espectro torvo do castello feudal não assombrava os nossos valles, não se inclinava, como uma ameaça, sobre a margem dos nossos rios, não entristecia os nossos horizontes com o seu perfil duro e sinistro. Existia, certamente, a nobreza, como uma ordem distincta. Mas o foro nobiliario generalisára-se tanto, e tornára-se de tão facil accesso, n'aquelles seculos heroicos de guerra incessante, que não é exagerada a expressão d'aquelle poeta que nos chamou, a nós hespanhoes, um *povo de nobres*. Nobres e populares uniam-se por interesses e sentimentos, e diante d'elles a coroa dos reis era mais um symbolo brilhante do que uma realidade poderosa. Se n'essas idades ignorantes a idea do Direito era obscura e mal definida, o instincto do Direito agitava-se energico nas consciencias, e as acções surgiam viris como os caracteres.

A taes homens não convinha mais o despotismo religioso do que o despotismo politico: a oppressão espiritual repugnava-lhes tanto como a sujeição civil. Os povos peninsulares são naturalmente religiosos: são-no até d'uma maneira ardente, exaltada e exclusiva, e é esse um dos seus caracteres mais pronunciados. Mas são ao mesmo tempo inventivos e independentes: adoram com paixão: mas só adoram aquillo que elles mesmos criam, não aquillo que se lhes impõe. Fazem

a religião, não a acceitam feita. Ainda hoje duas terças partes da população hespanhola ignora completamente os dogmas, a theologia e os mysterios christãos: mas adora fielmente os santos padroeiros das suas cidades: por que? por que os conhece, por que os fez. O nosso genio é criador e individualista: precisa rever-se nas suas criações. Isto (junto á falta de cohesão do maquinismo catholico da Idade-media, ainda mal definido e pouco desciplinado pela inexoravel escola de Roma) explica suficientemente a independencia das igrejas peninsulares, e a attitude altiva das coroas da Peninsula diante da curia romana. Os Papas eram já muito: mas os bispos e as cortes eram ainda bastante. Para as pretenções italianas havia um *não* muito franco e muito firme. E essa resistencia não saia apenas da vontade e do interesse de alguns: saía do impulso incontrastavel do genio popular. Esse genio criador via-se no apparecimento de rituaes indigenas, n'uma singular liberdade de pensamento e interpretação, e em mil originalidades de disciplina. Era o sentimento christão, na sua expressão viva e humana, não formal e inintelligente: a charidade e a tolerancia tinham um logar mais alto do que a theologia dogmatica. Essa tolerancia pelos Mouros e Judeus, raças infelízes e tão meritorias, será sempre uma das glorias do sentimento christão da Peninsula da Idade Media. A charidade triumphava das repugnancias e preconceitos de raça e de crença. Por isso o seio do povo era fecundo; saiam d'elle Santos, individualidades á uma ingenuas e sublimes, symbolos vivos da alma popular, e cujas singelas historias ainda hoje não podemos ler sem internecimento.

No mundo da intelligencia não é menos notavel a ex-

pansão do espirito peninsular durante a Idade-media. O grande movimento intellectual da Europa medieval comprehende a Philosophia escolastica e a Theologia, as creações nacionaes dos Cyclos epicos, e a Architectura. Em nada d'isto se mostrou a Peninsula inferior ás grandes nações cultas, que haviam recebido a herança da civilisação romana. Démos á Escola philosophos como Raimundo Lulio; á Igreja, theologos e papas, um d'estes portuguez, João XXI. As escolas de Coimbra e Salamanca tinham uma celebridade europea: nas suas aulas viam-se estrangeiros de distincção, atraidos pela fama dos seus doutores. Entre os primeiros homens do seculo 13.º está um monarca hespanhol, Afonso o Sabio, espirito universal, philosopho, politico e legislador. Nem posso tambem deixar esquecidos os Mouros e Judeus, porque foram uma das glorias da Peninsula. A reforma da Escolastica, nos seculos 13.º e 14.º, pela renovação do aristotelismo, foi obra quasi exclusiva das escolas arabes e judaicas de Hespanha. Os nomes de Averroes (de Cordova) de Ibn-Tophail (de Sevilha) e os dos judeus Maimonides e Avicebron serão sempre contados entre os primeiros na historia da philosophia na Idade Media. Ao pé da philosophia, a poesia. Para oppor aos Cyclos epicos da Tavola redonda, de Carlos Magno e do Santo Graal, tivemos aquelle admiravel Romancero, as lendas do Cid, dos Infantes de Lara, e tantas outras, que se teriam condensado em verdadeiras epopeas, se o espirito classico da Renascença não tivesse vindo dar á Poesia uma outra direcção. Ainda assim, grande parte, a melhor parte talvez, do Theatro hespanhol saio da mina inexgotavel do Romancero. Para oppor aos trovadores provençaes, tivemos tambem trovadores peninsulares.

Dos nossos reis e cavalleiros trovaram alguns com tanto primor como Beltrão de Born ou o conde de Tolosa. Quanto á Architectura, basta lembrar a Batalha e a Cathedral de Burgos, duas das mais bellas rozas gothicas desabrochadas no seio da Idade Media. Em tudo isto acompanharamos a Europa, a par do movimento geral. N'uma coisa, porem, a excedemos, tornando-nos iniciadores: os estudos geographicos e as grandes navegações. As descobertas, que coroaram tão brilhantemente o fim do seculo 15.º, não se fizeram ao acaso. Precedeu-as um trabalho intellectual, tão scientifico quanto a epocha o permittia, inaugurado pelo nosso infante D. Henrique, n'essa famosa escola de Sagres, de aonde saiam homens como aquelle heroico Bartholomeu Dias, e cuja influencia, directa ou indirectamente, produzio um Magalhães e um Colombo. Foi uma onda, que levantada aqui, cresceu até ir rebentar nas praias do novo mundo. Viu-se de quanto era capaz a intelligencia e a energia peninsular. Por isso a Europa tinha os olhos em nós, e na Europa a nossa influencia nacional era das que mais pesavam. Contava-se para tudo com Portugal e Hespanha. O Santo Imperio allemão offerece a orgulhosa coroa imperial a um rei de Castella, Affonso o Sabio. No seculo 15.º, D. João 1.º arbitro em varias questões internacionaes, é geralmente considerado, em influencia e capacidade, como um dos primeiros monarcas da Europa. Tudo isto nos prepára para desempenharmos, chegada a Renascença, um papel glorioso e preponderante. Desempenhamol-o, com effeito, brilhante e ruidoso: os nossos erros, porem, não consentiram que fosse tambem duradoiro e proficuo. Como foi que o movimento regenerador da Renascença, tão bem

preparado, abortou entre nós, mostral-o-hei logo com factos decisivos. Esse movimento só foi entre nós representado por uma geração de homens superiores, a primeira. As seguintes, que o deviam consolidar, fanatizadas, entorpecidas, impotentes, não souberam comprehender nem praticar aquelle espirito tão alto e tão livre: desconheceram-no, ou combateram-no. Houve, porem, uma primeira geração, que respondeu ao chamamento da Renascença; e em quanto essa geração occupou a scena, isto é, até ao meado do seculo 16.º, a Peninsula conservou-se á altura d'aquella epoca extraordinaria de criação e liberdade de pensamento. A renovação dos estudos, recebeu-a nas suas universidades novas ou reformadas, aonde se explicavam os grandes monumentos litterarios da antiguidade, muitas vezes na propria lingua dos originaes. Entre as 43 Universidades estabelecidas na Europa durante o seculo 16.º, 14 foram fundadas pelos reis de Hespanha. A philosophia neo-platonica, que substituia por toda a parte a velha e gasta Escolastica, foi adoptada pelos espiritos mais eminentes. Um estylo e uma litteratura nova surgio com Camões, com Cervantes, com Gil Vicente, com Sá de Miranda, com Lope de Vega, com Ferreira. Demos ás escolas da Europa sabios como Miguel Servet, precursor de Harvey, philosophos como Sepulveda, um dos primeiros peripateticos do tempo, e o portuguez Sanches, mestre de Montaigne. A familia dos humanistas, verdadeiramente caracteristica da Renascença, foi representada entre nós por André de Resende, por Diogo de Teive, pelo bispo de Terragona, Antonio Augustin, por Damião de Goes, e por Camões, cuja inspiração não excluia uma erudição quasi universal. Finalmente, a Arte pe-

ninsular ergue n'essa epoca um vôo poderoso, com a architectura chamada manuelina, creação d'uma originalidade e graça surprehendentes, e com a brilhante escola de pintura hespanhola, imortalisada por artistas como Murillo, Velasquez, Ribera. Fora da patria guerreiros illustres mostravam ao mundo que o valor dos povos peninsulares não era inferior á sua intelligencia. Se as causas da nossa decadencia existiam já latentes, nenhum olhar podia ainda então descubril-as: a gloria, e uma gloria merecida, só dava logar á admiração.

D'este mundo brilhante, criado pelo genio peninsular na sua livre expansão, passâmos quasi sem transição para um mundo escuro, inerte, pobre, inintelligente e meio desconhecido. Dir-se-ha que entre um e outro se metteram dez seculos de decadencia: pois bastaram para essa total transformação 50 ou 60 annos! Em tão curto periodo era impossivel caminhar mais rapidamente no caminho da perdição.

No principio do seculo 17.º, quando Portugal deixa de ser contado entre as nações, e se desmorona por todos os lados a monarquia anomala, inconsistente e desnatural de Filippe 2.º; quando a gloria passada já não pode encubrir o ruinoso do edificio presente, e se afunde a Peninsula sob o peso dos muitos erros accumulados, então apparece franca e patente por todos os lados a nossa improcrastinavel decadencia. Apparece em tudo; na politica, na influencia, nos trabalhos da intelligencia, na economia social e na industria, e como consequencia de tudo isto, nos costumes. A preponderancia, que até então exerceramos nos negocios da Europa, desapparece para dar logar á insignificancia e á impotencia. Nações novas ou obscuras erguem-se, e conquistam no mundo, á nossa custa, a influencia de

que nos mostrâmos indignos. A coroa de Hespanha é posta em leilão sangrento no meio das nações, e adjudicada, no fim de doze annos de guerra, a um neto de Luiz 14.º Com a dynastia estrangeira começa uma politica anti-nacional, que envilece e desacredita a monarchia. E esse rei estrangeiro custa á Hespanha a perda de Napoles, da Sicilia, do Milanez, dos Paizes Baixos! Em Portugal, é a influencia ingleza, que, por meio de cavilosos tratados, faz de nós uma especie de colonia britanica. Ao mesmo tempo as nossas proprias colonias escapam-nos gradualmente das mãos: as Molucas passam a ser hollandezas; na India lutam sobre os nossos despojos hollandezes, inglezes e francezes: na China e no Japão desapparece a inflencia do nome portuguez. Portuguezes e Hespanhoes, vamos de seculo para seculo minguando em extensão e importancia, até não sermos mais do que duas sombras, duas nações espectros, no meio dos povos que nos rodeiam!... E que tristissimo quadro o da nossa politica interior! Ás liberdades municipaes, á iniciativa local das Communas, aos Foraes, que davam a cada população uma phisionomia e vida proprias, succede a centralisação, uniforme e esterilisadora. A realeza, deixa então de encontrar uma resistencia e uma força exterior que a equilibre, e transforma-se no puro absolutismo; esquecendo a sua origem e a sua missão, crê ingenuamente que os povos não são mais do que o patrimonio providencial dos reis. O peior é que os povos acostumam-se a crel-o tambem! Aquelle espirito de independencia, que inspirava o firme *si no, no!* da Idade media, adormece e morre no seio popular. O povo emmudece; negam-lhe a palavra, fechando-lhe as Cortes; não o consultam, nem se conta já com elle. Com

quem se conta é com a aristocracia palaciana, com uma nobreza cortezã, que cada vez se separa mais do povo pelos interesses e pelos sentimentos, e que, de classe, tende a transformar-se em casta. Essa aristocracia, como um embaraço na circulação do corpo social, impede a elevação natural d'um elemento novo, elemento essencialmente moderno, a classe media, e contraria assim todos os progressos ligados a essa elevação. Por isso decae tambem a vida economica: a producção decresce, a agricultura recua, estagna-se o commercio, deperecem uma por uma as industrias nacionaes; a riqueza, uma riqueza faustosa e esteril, concentra-se em alguns pontos excepcionaes, em quanto a miseria se alarga pelo resto do paiz: a população, decimada pela guerra, pela emigração, pela miseria, diminue d'uma maneira assustadora. Nunca povo algum absorveu tantos thesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre! No meio d'essa pobreza e d'essa atonia, o espirito nacional desanimado e sem estimulos, devia cair naturalmente n'um estado de torpor e de indifferença. É o que nos mostra claramente esse salto mortal dado pela intelligencia dos povos peninsulares, passando da Renascença para os seculos 17.º e 18.º A uma geração de philosophos, de sabios e de artistas criadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores. Saimos d'uma sociedade de homens vivos, movendo-se ao ar livre: entramos n'um recinto acanhado e quasi sepulcral, com uma atmosphera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores. A poesia, depois da exaltação esteril, falsa, e artificialmente provocada do Gongorismo, depois da affectação dos conceitos (que ainda mais revelava a nullidade do pensamento), cae

na imitação servil e inintelligente da poesia latina, n'aquella escola classica, pesada e fradesca, que é a antithese de toda a inspiração e de todo o sentimento, Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação theologica. Traduzir é o ideal: inventar, considera-se um perigo e uma inferioridade: uma obra poetica é tanto mais perfeita quanto maior numero de versos contiver traduzidos de Horacio, de Ovidio. Florescem a tragedia, a ode pindarica, e o poema heroi-comico, isto é, a affectação e a degradação da poesia. Quanto á verdade humana, ao sentimento popular e nacional, ninguem se preocupava com isso. A invenção e originalidade, n'essa epoca deploravel, concentra-se toda na discripção cynicamente galhofeira das miserias, das intrigas, dos expedientes da vida ordinaria. Os *Romances picarescos* hespanhoes, e as *Comedias populares* portuguezas, são os irrefutaveis actos de accusação, que, contra si mesma, nos deixou essa sociedade, cuja profunda desmoralisação tocava os limites da ingenuidade e da inocencia no vicio. Fóra d'esta realidade pungente, a litteratura official e palaciana, expraiava-se pelas regiões insipidas do discurso academico, da oração funebre, do panegirico encommendado — generos artificiaes, pueris, e mais que tudo soporificos. Com um tal estado dos espiritos, o que se podia esperar da Arte? Basta erguer os olhos para essas lugubres moles de pedra, que se chamam o Escurial e Mafra, para vermos que a mesma ausencia de sentimento e invenção, que produzio o gosto pesado e insipido do Classicismo, ergueu tambem as massas compactas, e friamente correctas na sua falta de expressão, da architectura jesuitica. Que triste contraste entre essas montanhas de marmore, com que se julgou

atingir o grande, simplesmente por que se fez o monstruoso, e a construcção delicada, aerea, proporcional e, por assim dizer, espiritual dos Jeronymos, da Batalha, da cathedral de Burgos! O espirito sombrio e depravado da sociedade reflectio-o a Arte, com uma fidelidade desesperadora, que será sempre perante a historia uma incorruptivel testemunha de accusação contra aquella epoca de verdadeira morte moral. Essa morte moral não invadira só o sentimento, a imaginação, o gosto: invadira tambem, invadira sobre tudo a intelligencia. Nos ultimos dois seculos não produzio a Peninsula um unico homem superior, que se possa pôr ao lado dos grandes criadores da sciencia moderna: não saio da Peninsula uma só das grandes descobertas intellectuaes, que são a maior obra e a maior honra do espirito moderno. Durante 200 annos de fecunda elaboração, reforma a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a phisiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia: apparecem os Newton, os Descartes, os Bacon, os Leibniz, os Harvey, os Bufon, os Ducange, os Lavoisier, os Vico — onde está, entre os nomes d'estes e dos outros verdadeiros heroes da epopea do pensamento, um nome hespanhol ou portuguez? que nome hespanhol ou portuguez se liga á descoberta d'uma grande lei scientifica, d'um systema, d'um facto capital? A Europa culta engrandeceu-se, nobilitou-se, subiu sobre tudo pela sciencia: foi sobre tudo pela falta de sciencia que nós descemos, que nos degradámos, que nos annullámos. A alma moderna morrêra dentro em nós completamente.

Pelo caminho da ignorancia, da oppressão e da miseria

chega-se naturalmente, chega-se fatalmente, á depravação dos costumes. E os costumes depravaram-se com effeito. Nos grandes, a corrupção faustosa da vida de corte, aonde os reis são os primeiros a dar o exemplo do vicio, da brutalidade, do adulterio: Affonso VI, João V, Philippe V, Carlos IV. Nos pequenos, a corrupção hipocrita, a familia vendida pela miseria aos vicios dos nobres e dos poderosos. É a epoca das amasias e dos filhos bastardos. O que era então a mulher do povo, em face das tentações do ouro aristocratico, vê-se bem no escandaloso Processo de nullidade de matrimonio de Affonso VI, e nas Memorias do cavalleiro de Oliveira. Ser rufião é um officio geralmente admittido, e que se pratica com aproveitamento na propria corte. A religião deixa de ser um sentimento vivo; torna-se uma pratica inintelligente, formal, mechanica. O que eram os frades, sabemol-o todos: os costumes picarescos e ignobeis d'essa classe são ainda hoje memorados pelo Decamerone da tradição popular. O peor é que esses histriões tonsurados eram ao mesmo tempo sanguinarios. A Inquisição pesava sobre as consciencias como a abobada d'um carcere. O espirito publico abaixava-se gradualmente sob a pressão da terror, em quanto o vicio, cada vez mais requintado, se apossava placidamente do logar vasio que deixava nas almas a dignidade, o sentimento moral e a energia da vontade pessoal, esmagados, destruidos pelo medo. Os *Casuistas* dos seculos 17.º e 18.º deixaram-nos um vergonhoso monumento de requinte bestial de todos os vicios, da depravação das imaginações, das miserias intimas da familia, da perdição de costumes, que corria aquellas sociedades deploraveis. Isto por um lado: por que, pelo outro, os

Casuistas mostram-nos tambem a que abaixamento moral chegára o espirito do clero, cavando todos os dias esse lodo, revolvendo com afinco, com predilecção, quasi com amor, aquelle montão graveolente de abjecções. Todas essas miserias intimas reflectem-se fielmente na litteratura. O que era no seculo 17.º a moral publica, as intrigas politicas, o nepotismo cortezão, o roubo audaz ou sobrepticio da riqueza publica, vê-se (e com todo o relevo d'uma penna sarcastica e inexoravel) na *Arte de Furtar* do P.e Antonio Vieira. Em quanto aos documentos para a historia da familia e dos costumes privados, encontramo-los na *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel, nas *Farças populares* portuguezas, e nos *Romances picarescos* hespanhoes. O espirito peninsular descêra de degrau em degrau, até ao ultimo termo da depravação!

Taes temos sido nos ultimos tres seculos: sem vida, sem liberdade, sem riqueza, sem sciencia, sem invenção, sem costumes. Erguemo-nos hoje a custo, hespanhoes e portuguezes, d'esse tumulo onde os nossos grandes erros nos tiveram sepultados: erguemo-nos, mas os restos da mortalha ainda nos embaraçam os passos, e pela palidez dos nossos rostos pode bem ver o mundo de que regiões lugubres e mortaes chegâmos resuscitados! Quaes as causas d'essa decadencia, tão visivel, tão universal, e geralmente tão pouco explicada? Examinemos os phenomenos, que se deram na Peninsula durante o decurso do seculo 16.º, periodo de transição entre a Idade-Media e os tempos modernos, e em que apparecem os germens, bons e maus, que mais tarde, desenvolvendo-se nas sociedades modernas, deram a cada qual o seu verdadeiro caracter. Se esses phenomenos forem novos, universaes, se abrangerem

todas as espheras da actividade nacional, desde a religião até á industria, ligando-se assim intimamente ao que ha de mais vital nos povos — estarei auctorisado a empregar o argumento (n'este caso, rigorosamente logico) *post hoc, ergo propter hoc*, e a concluir que é n'esses novos phenomenos que se devem buscar e encontrar as causas da decadencia da Peninsula.

Ora esses phenomenos capitaes são tres, e de tres especies: um moral, outro politico, outro economico. O primeiro é a transformação do *Catholicismo*, pelo concilio de Trento. O segundo, o estabelecimento do *Absolutismo*, pela ruina das liberdades locaes. O terceiro, o desenvolvimento das *Conquistas* longiquas. Estes phenomenos assim agrupados, comprehendendo os tres grandes aspectos da vida social, o *pensamento*, a *politica* e o *trabalho*, indicam-nos claramente que uma profunda e universal revolução se operou, durante o seculo 16.º, nas sociedades peninsulares. Essa revolução foi funesta, funestissima. Se fosse necessaria uma contraprova, bastava considerarmos um facto contemporaneo muito simples: esses tres phenomenos eram exactamente o opposto dos tres factos capitaes, que se davam nas nações que lá fora cresciam, se moralisavam, se faziam intelligentes, ricas, poderosas, e tomavam a dianteira da civilisação. Aquelles tres factos civilisadores foram a *liberdade moral*, conquistada pela Reforma ou pela Philosophia: a elevação da *classe media*, instrumento do progresso nas sociedades modernas, e directora dos reis, até ao dia em que os destronou: a *industria*, finalmente, verdadeiro fundamento do mundo actual, que veio dar ás nações uma concepção nova do Direito, substituíndo o trabalho á força, e o commercio á guerra de conquista. Ora, a *liberdade*

moral, appellando para o exame e a consciencia individual, é rigorosamente o opposto do Catholicismo do concilio de Trento, para quem a razão humana e o pensamento livre são um crime contra Deos: a *classe media*, impondo aos reis os seus interesses, e muitas vezes o seu espirito, é o opposto do Absolutismo, esteiado na aristocracia e só em proveito d'ella governando: a *industria*, finalmente, é o opposto do Espirito de conquista, antipathico ao trabalho e ao commercio.

Assim, em quanto as outras nações subiam, nós baixavamos. Subiam ellas pelas virtudes modernas; nós desciamos pelos vicios antigos, concentrados, levados ao summo grau de desenvolvimento e applicação. Baixavamos pela industria, pela politica. Baixavamos, sobre tudo, pela religião.

Da decadencia moral é esta a causa culminante! O Catholicismo do concilio de Trento não inaugurou certamente no mundo o despotismo religioso: mas organisou-o d'uma maneira completa, poderosa, formidavel, e até então desconhecida. N'este sentido, póde dizer-se que o Catholicismo, na sua forma definitiva, immobilisado e intolerante, data do seculo 16.º As tendencias, porém, para esse estado vinham já de longe; nem a Reforma significa outra coisa senão o protesto do sentimento christão, livre e independente, contra essas tendencias auctoritarias e formalisticas. Essas tendencias eram logicas, e até certo ponto legitimas, dada a interpretação e organisação romana da religião christã: não o eram, porém, dado o sentimento christão na sua pureza virginal, fóra das condições precarias da sua realisação politica e mundana, o sentimento christão, n'uma palavra, no seu dominio natural, a consciencia religiosa. É necessario, com effeito, estabelecermos

cuidadosamente uma rigorosa distincção entre *christianismo* e *catholicismo*, sem o que nada comprehenderemos das evoluções historicas da religião christã. Se não ha christianismo fóra do gremio catholico (como asseveram os theologos, mas como não pode nem quer aceitar a razão, a equidade e a critica) n'esse caso teremos de recusar o titulo de christãos aos lutheranos, e a todas as seitas saidas do movimento protestante, em quem todavia vive bem claramente o espirito evangelico. Digo mais, teremos de negar o nome de christãos aos apostolos e evangelistas, por que n'essa epoca o catholicismo estava tão longe do futuro, que nem ainda a palavra *catholico* fôra inventada! É que realmente o christianismo existio e póde existir fóra do catholicismo. O christianismo é sobre tudo um *sentimento:* o catholicismo é sobre tudo uma *instituição.* Um vive da fé e da inspiração: o outro do dogma e da disciplina. Toda a historia religiosa, até ao meado do seculo 16.º, não é mais do que a transformação do *sentimento christão* na *instituição catholica.* A Idade-Media é o periodo da transição: ha ainda um, e o outro apparece já. Equilibram-se. A unidade ve-se, faz-se sentir, mas não chega ainda a suffocar a vida local e autonomica. Por isso é tambem esse o periodo das Igrejas nacionaes. As da Peninsula, como todas as outras, tiveram, durante a Idade-Media, liberdades e iniciativa, concilios nacionaes, disciplina propria, e uma maneira sua de sentir e praticar a religião. D'aqui, dois grandes resultados, fecundos em consequencias beneficas. O dogma, em vez de ser *imposto*, era *aceito*, e, n'um certo sentido, criado: ora, quando a base da moral é o dogma, só pode haver boa moral deduzindo-a d'um dogma aceito, e até certo ponto criado, e nunca

imposto. Primeira consequencia, de incalculavel alcance. O sentimento do dever, em vez de ser contradito pela religião, apoiava-se n'ella. D'aqui a força dos caracteres, a elevação dos costumes. Em segundo logar, essas Igrejas nacionaes, por isso mesmo que eram independentes, não precisavam oprimir. Eram tolerantes. Á sombra d'ellas, muito na sombra é verdade, mas tolerados em todo o caso, viviam Judeus e Moiros, raças intelligentes, industriosas, a quem a industria e o pensamento peninsulares tanto deveram, e cuja expulsão tem quasi as proporções d'uma calamidade nacional. Segunda consequencia, de não menor alcance do que a primeira. Se a Peninsula não era então tão catholica como o foi depois, quando queimava os Judeus e recebia do Geral dos Jesuitas o santo e a senha da sua politica, era seguramente muito mais christã, isto é, mais caridosa e moral, como estes factos o provam.

Rasga-se porem o seculo 16.º, tão prodigioso de revelações, e com elle apparece no mundo a Reforma, seguida por quasi todos os povos de raça germanica. Esta situação cria para os povos latinos, que se conservavam ligados a Roma, uma necessidade instante, que era ao mesmo tempo um grande problema. Tornava-se necessario responder aos ataques dos protestantes, mostrar ao mundo que o espirito religioso não morrera no seio das raças latinas, que debaixo da corrupção romana havia alma e vontade. Um grito unanime de *reforma* saio do meio dos representantes da orthodoxia, oppondo-se ao desafio, que, com a mesma palavra, haviam lançado ao mundo catholico Luthero, Zwingle, Œcolampado, Melanchthon e Calvino. Reis, povos, sacerdotes clamavam todos *reforma!* Mas aqui

apparecia o problema: que especie de reforma? A opinião dos bispos e, em geral, das populações catholicas pronunciava-se no sentido d'uma reforma liberal, em harmonia com o espirito da epoca, chegando muitos até a desejar uma conciliação com os protestantes: era a opinião *episcopal*, representante das Igrejas nacionaes. Em Roma, porém, a solução, que se dava ao problema, tinha um bem differente caracter. O odio e a colera dominavam os corações dos successores dos apostolos. Repelia-se com horror a idêa de conciliação, da mais pequena concessão. Pensava-se que era necessario fortificar a orthodoxia, concentrando todas as forças, disciplinando e centralisando; impedernir a Igreja, para a tornar inabalavel. Era a opinião *absolutista*, representante do Papado. Esta opinião (para não dizer este partido) triumphou, e foi esse triumpho uma verdadeira calamidade para as nações catholicas. Nem era isso o que ellas desejavam, e o que pediram e sustentaram os seus bispos, lutando indefesos durante 16 annos contra a maioria esmagadora das criaturas de Roma! Pediam uma verdadeira reforma, sincera, liberal, em harmonia com as exigencias da epcoa. O programma formulava-se em tres grandes capitulos fundamentaes. 1.º Independencia dos Bispos, autonomia das Igrejas nacionaes, inauguração d'um parlamentarismo religioso pela convocação amiudada dos Concilios, esses Estados Geraes do christianismo, superiores ao Papa e arbitros supremos do mundo espiritual. 2.º O casamento para os padres, isto é, a secularisação progressiva do clero, a volta ás leis da humanidade d'uma classe votada durante quasi mil annos a um duro ascetismo, então talvez necessario, mas já no seculo 16.º absurdo, perigoso, desmo-

ralisador. 3.º Restricções á pluralidade dos beneficios ecclesiasticos, abuso odioso, tendente a introduzir na Igreja um verdadeiro feudalismo com todo o seu poder e desregramento. D'estas reformas saía naturalmente a humanisação gradual da religião, a liberdade crescente das consciencias, e a capacidade para o christianismo de se transformar dia a dia, de progredir, de estar sempre á altura do espirito humano, resultado immenso e capital que trouxe a Reforma aos povos que a seguiram. Os graves prelados, que então combatiam pelas reformas que acabo de apresentar, não desejavam, certamente, nem mesmo previam estas consequencias: o proprio Luthero as não previo. Mas nem por isso as consequencias deixariam de ser aquellas. Bartholomeu dos Martyres e os bispos de Cadiz e Astorga não eram, seguramente, revolucionarios: representavam no concilio de Trento a ultima defesa e o protesto das Igrejas da Península contra o Ultramontanismo invasor: mas a obra d'elles é que era, pelas consequencias, revolucionaria; e, trabalhando n'ella, estavam na corrente e no espirito do grande e emancipador seculo 16.º Se houvessem alcançado essa reforma, teriamos nós talvez, hespanhoes e portuguezes, escapado á decadencia. Quem póde hoje negar que é em grande parte á Reforma que os povos *reformados* devem os progressos moraes que os collocaram naturalmente á frente da Civilisação? Contraste significativo, que nos apresenta hoje o mundo! As nações mais intelligentes, mais moralisadas, mais pacificas e mais industriosas são exactamente aquellas que seguiram a revolução religiosa do seculo 16.º: Allemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Suissa. As mais decadentes são exactamente as mais catholicas! Com a Reforma estariamos hoje

talvez á altura d'essas nações: estariamos livres, prosperos, intelligentes, moraes... mas Roma teria caido!

Roma não queria cair. Por isso resistio longo tempo, illudio quanto pôde os votos das nações, que reclamavam a convocação do concilio reformador. Não podendo resistir mais tempo, cede por fim. Mas como o fez? como cedeu Roma, dominada desde então pelos Jesuitas? Estamos em Italia, meus senhores, no paiz de Machiavello!... Eu não digo que Roma usasse deliberada e conscientemente d'uma politica machiavellica: não posso avaliar as intenções. Digo simplesmente que o parece; e que, perante a historia, a politica romana em toda esta questão do concilio de Trento apparece com um notavel caracter de habilidade e calculo... muito pouco evangelicos! Roma, não podendo resistir mais á idêa do concilio, explora essa idêa em proveito proprio. D'um instrumento de paz e progresso, faz uma arma de guerra e dominação; confisca o grande impulso reformador, e fal-o convergir em proveito do Ultramontanismo. Como? D'uma maneira simples: 1.º, dando só aos legados do papa o direito de propor reformas: 2.º, substituindo, ao antigo modo de votar *por nações*, o voto *por cabeças*, que lhe dá com os seus cardeaes e bispos italianos, criaturas suas, uma maioria compacta e resolvida sempre a esmagar, a *abafar* os votos das outras nações. Basta dizer que a França, a Hespanha, Portugal e os Estados catholicos da Allemanha nunca tiveram, juntos, numero de votos superior a 60, em quanto os italianos contavam 180, e mais! N'estas condições, o concilio deixava de ser universal: era simplesmente italiano; nem italiano, romano apenas! Desde o primeiro dia se pôde ver que a causa da reforma liberal estava perdida.

Provocado para essa reforma, o concilio só servio contra ella, para a sophismar e annullar!

Composta e armada assim a maquina, vejamol-a trabalhar. Para sujeitar na terra o homem, era necessario fazel-o condemnar primeiro no ceu: por isso o concilio começa por estabelecer dogmaticamente, na sessão 5.ª, o *peccado original*, com todas as suas consequencias, a condemnação hereditaria da humanidade, e a incapacidade do homem se salvar por seus merecimentos, mas só por obra e graça de J. Christo. Muitos theologos e alguns poucos synodos particulares se haviam já occupado d'esta materia: nenhum concilio ecumenico a definira ainda. Um concilio verdadeiramente liberal deixava essa questão na sombra, no indefinido, não prendia a liberdade e a dignidade humanas com essa algema: o Concilio de Trento fez d'essa definição o prologo dos seus trabalhos. Convinha-lhe, logo no começo, condemnar sem appellação a Razão humana, e dar essa base ao seu edificio. Assim o fez. D'então para cá, ficou dogmaticamente estabelecido no mundo catholico que o homem deve ser um corpo sem alma, que a vontade individual é uma suggestão diabolica, e que para nos dirigir basta o Papa em Roma e o confessor á cabeceira. *Perinde ac cadaver*, dizem os estatutos da Companhia de Jesus.

Na sessão 13.ª confirma-se e precisa-se o dogma da Eucharistia, já definido, ainda que vagamente, no 4.º concilio de Latrão, e vibra-se o anathema sobre quem não crer na *presença real* de Christo no pão e no vinho depois da consagração. É mais um passo (e este decisivo) para fazer entrar o christianismo no caminho da idolatria, para collocar o divino no absurdo. Poucos dogmas contribuiram tanto como este materia-

lismo da *presença real* para embrutecer o novo povo, para fazer reviver n'elle os instinctos pagãos, para lhe sophismar a razão natural! Parece que era isto o que o concilio desejava!

Na sessão 14.ª trata-se detidamente da Confissão. A confissão existia ha muito na Igreja, mas comparativamente livre e facultativa. No 4.º concilio de Latrão restringira-se já bastante essa liberdade. Na sessão 14.ª de Trento é a consciencia christã definitivamente encarcerada. Sem confissão não ha remissão de peccados! A alma é incapaz de communicar com Deos, senão por intermedio do padre! Estabelece-se a obrigação dos fieis se confessarem em epocas certas, e exortam-se a que se confessem o mais que possam. Funda-se aqui o poder, tão temivel quanto misterioso, do confessionario. Apparece um typo singular: o *director espiritual*. D'ahi por diante ha sempre na familia, immovel á cabeceira, invisivel mas sempre presente, um vulto negro que separa o marido da mulher, uma vontade occulta que governa a casa, um intruso que manda mais do que o dono. Quem ha aqui, hespanhol ou portuguez, que não conheça este estado deploravel da familia, com um chefe secreto, em regra, hostil ao chefe visivel? quem não conhece as desordens, os escandalos, as miserias introduzidas no lar domestico pela porta do confessionario? O concilio não queria isto, de certo: mas fez tudo quanto era necessario para que isto acontecesse.

Na parte disciplinar e nas relações da Igreja com o Estado, predomina o mesmo espirito de absolutismo, de concentração, de invasão de todos os direitos. Na sessão 5.ª, tornam-se as Ordens regulares independentes dos Bispos, e quasi exclusivamente dependentes

de Roma. Que arma esta na mão do Papado, que já de si não era mais do que uma arma na mão do Jesuitismo! Na sessão 13.ª só o Papa, pelos seus commissarios, pode julgar os bispos e os padres. É a impunidade para o clero! Na sessão 4.ª põem-se restricções á leitura da Biblia pelos seculares, restricções taes que equivalem a uma verdadeira prohibição. Ora, o que é isto senão a suspeição da Razão humana, condemnada a pensar e a ler pelo pensamento e pelos olhos de meia duzia de eleitos? Nas sessões 7.ª, 9.ª, 18.ª, 24.ª, estabelecem-se igualmente disposições tendentes todas a sujeitar os governos, a impor aos povos a policia romana, apagando implacavelmente por toda a parte os ultimos vestigios das Igrejas nacionaes. Finalmente, a superioridade do Papa sobre os Concilios triumpha nas sessões 23.ª e 25.ª, pela bocca do jesuita Lainez, inspirador e alma do concilio... se é permittido, ainda methaforicamente, fallando d'um jesuita, empregar a palavra alma... A redacção d'um Cathecismo vem coroar esta obra de alta politica. Com esse Cathecismo, imposto por toda a parte e por todos os modos aos espiritos moços e simples, tratou-se de matar a liberdade no seu germen, de absorver as gerações nascentes, de as deformar e torturar, comprimindo-as nos moldes estreitos d'uma doutrina secca, formal, escolastica e subtilmente inintellegivel. Se se conseguio ou não esse resultado funesto, respondam umas poucas de nações moribundas, enfermas da peior das enfermidades, a atrophia moral!

Sim, meus senhores! essa machina temerosa de compressão, que foi o catholicismo depois do concilio de Trento, que podia ella offerecer aos povos? A intolerancia, o embrutecimento, e depois a morte! Tomo

tres exemplos. Seja o primeiro a Guerra dos Trinta annos, a mais cruel, mais friamente encarniçada, mais systematicamente destruidora de quantas tem visto os tempos modernos, e que por pouco não aniquila a Allemanha. Essa guerra, provocada pelo partido catholico, e por elle dirigida com uma perseverança infernal, mostrou bem ao mundo que abysmos de odio podem occultar palavras de paz e religião. O padre não dirigia somente, assistia á execução. Cada general trazia sempre comsigo um *director* jesuita: e esses generaes chamavam-se Tilly, Picolomini, os mais endurecidos dos verdugos! Salvou então a Allemanha e a Europa a firmeza indomavel d'um coração tão grande quanto puro, sereno em face d'essas hordas fanaticas. O verdadeiro heroe (e unico tambem) d'essa guerra maldita, o verdadeiro santo d'esse periodo tenebroso, é um protestante, Gustavo Adolpho. Em quanto ao Papa, esse applaudia a matança! O segundo exemplo é a Italia. O terror que inspirava ao Papado a criação em Italia d'um Estado forte, que lhe pozesse uma barreira á ambição crescente de dia para dia, tornou-o o maior inimigo da unidade italiana. É o Papado quem semeia a discordia entre as cidades e os principes italianos, sempre que tentam ligar-se. É o Papado quem convida os estrangeiros a descerem os Alpes, na cruzada contra as forças nacionaes, cada vez que parecem querer organisar-se. «O Papado, diz Edgard Quinet, tem sido um ferro sagrado na ferida da Italia, que a não deixa sarar.» Hoje mesmo, se essa suspirada unidade se consumou, não foi no meio das maldições e coleras do clero e de Roma? O unico pensamento, que hoje absorve o Papado, é desmanchar aquella obra nacional, chamar sobre ella os odios do mundo, o ferro estran-

geiro, podendo ser; é assassinar a Italia resuscitada! Estes factos são por todos sabidos. O que talvez nem todos saibam é o papel que o catholicismo representou no assassinato da Polonia. «A intolerancia dos jesuitas e ultramontanos, diz Emilio de Lavelaye, foi a causa primaria do desmembramento e queda da Polonia.» Esta nação heroica, mas pouco organisada, ou antes, pouco unificada, era uma especie de federação de pequenas nacionalidades, com costumes e religiões differentes. Encravada entre monarchias poderosas e ambiciosas, como a Austria, a Russia e a Turquia d'então, a Polonia só podia viver pela liberdade politica, e sobre tudo pela tolerancia religiosa, que conservasse amigos e unidos contra o inimigo commum os grupos autonomicos de que se compunha. A essa tolerancia deveu ella, com effeito, a força e importancia que teve na historia da Europa até ao seculo 17.º: catholicos, gregos scismaticos, protestantes, socinianos viveram muitos tempo como irmãos, n'uma sociedade verdadeiramente christã porque era verdadeiramente tolerante. Um dia, porém, os jesuitas, la do centro de Roma, olharam para a Polonia como para uma boa preza. Aquella nação era effectivamente um escandalo para os bons padres. Tanto intrigaram, que em 1570 tinham já logrado introduzir-se na Polonia: o rei Estevão Bathory concede-lhes, com uma culpavel imprudencia, a universidade de Wilna. Senhores do ensino, e em breve das consciencias da nobreza catholica, os jesuitas são um poder: começam as perseguições religiosas. Em 1648, João Casimiro, que antes de ser rei fôra cardeal e jesuita, quer obrigar os camponezes ruthenios, sectarios do schisma grego, a converterem-se ao catholicismo. Estes levantam-se, unem-se aos cossa-

cos, tambem do rito grego, e começa uma guerra formidavel, cujo resultado foi separarem-se cossacos e ruthenios da federação polaca, dando-se á Russia, em cujas mãos se tornaram uma arma terrivel sempre apontada ao coração da Polonia. Nunca esta nação teve inimigos tão encarniçados como os cossacos! Sem elles, a Polonia, enfraquecida entre visinhos formidaveis, devia cair, e caío effectivamente. A partilha expoliadora de 1772 não fez mais do que confirmar um facto já antigo, a nullidade da nação polaca.

Assim pois, meus senhores, o catholicismo dos ultimos 3 seculos, pelo seu principio, pela sua disciplina, pela sua politica, tem sido no mundo o maior inimigo das nações, e verdadeiramente o tumulo das nacionalidades. « O antro da Esphinge, disse d'elle um poeta philosopho, reconhece-se logo á entrada pelos ossos dos povos devorados. »

E a nós, hespanhoes e portuguezes, como foi que o catholicismo nos annullou? O catholicismo pesou sobre nós por todos os lados, com todo o seu peso. Com a Inquisição, um terror invisivel paira sobre a sociedade: a hipocrisia torna-se um vicio nacional e necessario: a delação é uma virtude religiosa: a expulsão dos Judeus e Moiros empobrece as duas nações, paralisa o commercio e a industria, e dá um golpe mortal na agricultura em todo o Sul da Hespanha: a perseguição dos *christãos novos* faz desapparecer os capitaes: a Inquisição passa os mares, e, tornando nos hostis os indios, impedindo a fusão dos conquistadores e dos conquistados, torna impossivel o estabelecimento d'uma colonisação solida e duradoira: na America despovoa as Antilhas, apavora as populações indigenas, e faz do nome de christão um symbolo de morte: o terror

religioso, finalmente, corrompe o caracter nacional, e faz de duas nações generosas, hordas de fanaticos endurecidos, o horror da civilisação. Com o Jesuitismo desapparece o sentimento christão, para dar logar aos sophismas mais deploraveis a que jámais desceu a consciencia religiosa: methodos de ensino, ao mesmo tempo brutaes e requintados, esterilisam as intelligencias, dirigindo-se á memoria, com o fim de matarem o pensamento inventivo, e alcançam alhear o espirito peninsular do grande movimento da sciencia moderna, essencialmente livre e creadora: a educação jesuitica faz das classes elevadas machinas inintelligentes e passivas; do povo, fanaticos corruptos e crueis: a funesta moral jesuitica, explicada (e praticada) pelos seus *casuistas*, com as suas restricções mentaes, as suas subtilezas, os seus equivocos, as suas condescendencias, infiltra-se por toda a parte, como um veneno lento, desorganisa moralmente a sociedade, desfaz o espirito de familia, corrompe as consciencias com a oscilação continua da noção do dever, e aniquila os caracteres, sophismando-os, amolecendo-os: o ideal da educação jesuitica é um povo de crianças mudas, obedientes e imbecís; realisou-o nas famosas Missões do Paraguay; o Paraguay foi o *reino dos ceus* da Companhia de Jesus; perfeita ordem, perfeita devoção; uma coisa só faltava, a alma, isto é, a dignidade e a vontade, o que distingue o homem da animalidade! Eram estes os beneficios que levavamos ás raças selvagens da America, pelas mãos civilisadoras dos padres da Companhia! Por isso o genio livre popular decaío, adormeceu por toda a parte: na arte, na litteratura, na religião. Os santos da epoca já não tem aquelle caracter simples, ingenuo dos verdadeiros santos popu-

lares: são frades beatos, são jesuitas habeis. Os sermonarios e mais livros de devoção, não sei porque lado sejam mais vergonhosos; se pela nullidade das idêas, pela baixeza do sentimento, ou pela puerilidade ridicula do estylo. Em quanto á arte e litteratura, mostrava-se bem clara a decadencia n'aquellas massas estupidas de pedra da architectura jesuitica, e na poesia convencional das academias, ou nas odes ao divino e jaculatorias fradescas. O genio popular, esse morrêra ás mãos do clero, como com tanta evidencia o deixou demonstrado nos seus recentes livros, tão cheios de novidades, sobre a Litteratura portugueza, o snr. Theophilo Braga. Os costumes saídos d'esta escola sabemos nós o que foram. Já citei a *Arte de Furtar*, os *Romances picarescos*, as *Farças populares*, o *Theatro hespanhol*, os escriptos de D. Francisco Manoel e do Cavalleiro de Oliveira. Na falta d'estes documentos, bastava-nos a tradição, que ainda hoje reza dos escandalos d'essa sociedade aristocratica e clerical! Essa funesta influencia da direcção catholica não é menos visivel no mundo politico. Como é que o absolutismo espiritual podia deixar de reagir sobre o espirito do poder civil? O exemplo do despotismo vinha de tão alto! os reis eram tão religiosos! Eram por excellencia os reis *catholicos*, *fidelissimos*. Nada forneceu pelo exemplo, pela auctoridade, pela doutrina, pela instigação, um tamanho ponto de apoio ao poder absoluto como o espirito catholico e a influencia jesuitica. N'esses tempos santos, os verdadeiros ministros eram os confessores dos reis. A escolha do confessor era uma questão de Estado. A paixão de dominar, e o orgulho criminoso de um homem, apoiava-se na palavra divina. A theocracia dava a mão ao despotismo. Essa

direcção via-se claramente na politica externa. A politica, em vez de curar dos interesses verdadeiros do povo, de se inspirar d'um pensamento nacional, traía a sua missão, fazendo-se instrumento da *politica catholica romana*, isto é, dos interesses, das ambições d'um estrangeiro. D. Sebastião, o discipulo dos jesuitas, vai morrer nos areaes de Africa *pela fé catholica*, não pela nação portugueza. Carlos 5.º, Filippe 2.º poem o mundo a ferro e fogo, por que? pelos interesses hespanhoes? pela grandeza de Hespanha? Não: pela grandeza e pelos interesses de Roma! Durante mais de 70 annos, a Hespanha, dominada por estes dois inquizidores coroados, dá o melhor do seu sangue, da sua riqueza, da sua actividade, para que o Papa désse outra vez leis á Inglaterra e á Allemanha. Era essa a *politica nacional* d'esses reis famosos: eu chamo a isto simplesmente trair as nações.

Tal é uma das causas, senão a principal, da decadencia dos povos peninsulares. Das influencias deletereas nenhuma foi tão universal, nenhuma lançou tão fundas raizes. Ferio o homem no que ha de mais intimo, nos pontos mais essenciaes da vida moral, no crer, no sentir — no *ser:* envenenou a vida nas suas fontes mais secretas. Essa transformação da alma peninsular fez-se la em tão intimas profundidades, que tem escapado ás maioras revoluções; passam por cima d'essa região quasi inaccessivel, superficialmente, e deixam-na na sua inercia secular. Ha em todos nós, por mais modernos que queiramos ser, ha la occulto, dissimulado, mas não inteiramente morto, um beato, um fanatico ou um jesuita! Esse moribundo que se ergue dentro em nós é o inimigo, é o passado. É pre-

ciso enterral-o por uma vez, e com elle o espirito sinistro do catholicismo de Trento.

Esta causa actuou principalmente sobre a vida moral: a segunda, o Absolutismo, apezar de se reflectir no estado dos espiritos, actuou principalmente na vida politica e social. A historia da transformação das monarchias peninsulares é longa, e, para a minha pouca sciencia, obscura e até certo ponto desconhecida: não a poderia eu fazer aqui. Basta dizer que o caracter d'essas monarchias durante a Idade-Media contrasta singularmente com o que lhes encontramos no seculo 16.º e nos seguintes. Os reis então não eram absolutos; e não o eram, porque a vida politica local, forte e vivaz, não só não lhes deixava um grande circulo de acção, mas ainda, dentro d'esse mesmo circulo, lhes oppunha á expansão da auctoridade embaraços e uma continua vigilancia. Os privilegios da nobresa e do clero, por um lado, e, pelo outro, as instituições populares, os municipios, as communas, equilibravam com mais ou menos oscilações o peso da coroa. Para as questões summas, para os momentos de crise, lá estavam as Côrtes, aonde todas as classes sociaes tinham representantes e voto. A liberdade era então o estado normal da Peninsula.

No seculo 16.º, tudo isto mudou. O poder absoluto assenta-se sobre a ruina das instituições locaes. Abaixou a nobreza, é verdade, mas só em proveito seu: o povo pouco lucrou com essa revolução. O que é certo é que perdeu a liberdade. A vida municipal afrouxa gradualmente: as communas hespanholas, depois d'um sangrento protesto, caem exanimes, aos pés d'um rei, que nem sequer era inteiramente hespanhol. As instituições locaes, cerceadas por todos os lados,

sentem faltar-lhes em volta o ar, e o chão debaixo de si. Quem poderá jamais contar essas invasões surdas, insensiveis do poder real no terreno do povo, essas lutas subterraneas, as abdicações successivas da vontade nacional nas mãos d'um homem, as resistencias infelizes, a longa e cruel historia do desapparecimento dos fóros populares? É uma historia tão triste quanto obscura, que ninguem fez nem fará jamais! Vê-se o desfeixo do drama: os incidentes escapam-nos. Mas ao lado d'essa luta surda, houve outra manifesta, cuja historia se erguerá sempre como um espectro vingador, para accusar a realeza. Essa luta é a grande guerra *communera* das cidades hespanholas. Vencidas, esmagadas pela força, as cidades hespanholas encontraram um heroe, de cujo peito saío ardente um protesto, que será eterno como a condemnação de quem o provocou. Eis aqui o que D. Juan de Padilla, chefe dos *communeros*, escrevia á sua cidade de Toledo, horas antes de ser decapitado. «A ti, cidade de Toledo, que és a coroa de Hespanha, e a luz do mundo, que já no tempo dos Godos eras livre, e que prodigalisaste o teu sangue para assegurar a tua liberdade e a das cidades tuas irmans, Juan de Padilla, teu filho legitimo, te faz saber que pelo sangue do seu corpo mais uma vez vão ser renovadas as tuas antigas victorias...» A cabeça de Padilla rolou, e com elle, decapitada tambem, caío a antiga liberdade municipal. A centralisação monarchica, pesada, uniforme, caío sobre a Peninsula como a pedra d'um tumulo. A respiração de milhares de homens suspendeu-se, para se concentrar toda no peito de um homem excepcional, de quem o acaso do nascimento fazia um deos. Se, ao menos, esse deos fosse propicio, bom, providencial! Mas a centralisação do

absolutismo, prostrando o povo, corrompia ao mesmo tempo o rei. D. João 3.º, esse rei *fanatico e de ruim condição*, Filippe 2.º, o *demonio do Meio-dia*, inquisidor e verdugo das nações, Filippe 3.º, Carlos 4.º, João 5.º, Afonso 6.º, devassos uns, outros desordeiros, outros ignorantes e vis, são bons exemplos da realeza absoluta, infatuada até ao vicio, até ao crime, do orgulho do proprio poder, possessa d'aquella *loucura cesariana*, com que a natureza faz expiar aos despotas a desigualdade monstruosa, que os põe como que fóra da humanidade. A taes homens, sem garantias, sem inspecção, confiaram as nações cegamente os seus destinos! Se Filippe 2.º não fosse absoluto, jamais teria podido tentar o seu absurdo projecto de conquistar a Inglaterra, não teria feito sepultar nas agoas do oceano, com a *invencivel armada*, milhares de vidas e um capital prodigioso inteiramente perdido. Se D. Sebastião não fosse absoluto, não teria ido enterrar em Alcacer Kebir a nação portugueza, as ultimas esperanças da patria.

Outras monarchias, a franceza por exemplo, sujeitavam o povo, mas ajudavam por outro lado o seu progresso. Aristocraticas pelas raizes, tinham pelos frutos muito de populares. A *burguezia*, a quem estava destinado o futuro, erguia-se, começava a ter voz. As nossas monarchias, porém, tiveram um caracter exclusivamente aristocratico: eram-no pelo principio, e eram-no pelos resultados. Governava-se então pela nobreza e para a nobreza. As consequencias sabemol-as nós todos. Pelos morgados, vinculou-se a terra, criaram-se immensas propriedades. Com isto, annullou-se a classe dos pequenos proprietarios; a grande cultura sendo então impossivel, e desapparecendo gra-

dualmente a pequena, a agricultura caío; metade da Peninsula transformou-se n'uma charneca: a população decresceu, sem que por isso se aliviasse a miseria. Por outro lado, o espirito aristocratico da monarchia, oppondo-se naturalmente aos progressos da classe media, impedio o desenvolvimento da *burguezia*, a classe moderna por excellencia, civilisadora e iniciadora, ja na industria, ja nas sciencias, ja no commercio. Sem ella, o que podiamos nós ser nos grandes trabalhos com que o espirito moderno tem transformado a sociedade, a intelligencia e a natureza? O que realmente fomos; nullos, graças á monarchia aristocratica! Essa monarchia, acostumando o povo a servir, habituando-o á inercia de quem espera tudo de cima, obliterou o sentimento instinctivo da liberdade, quebrou a energia das vontades, adormeceu a iniciativa; quando mais tarde lhe déram a liberdade, não a comprehendeu; ainda hoje a não comprehende, nem sabe usar d'ella. As revoluções podem chamar por elle, sacudil-o com força: continúa dormindo sempre o seu somno secular! A estas influencias deletereas, a estas duas causas principaes de decadencia, uma moral e outra politica, junta-se uma terceira, de caracter sobre tudo economico: as Conquistas. Ha dois seculos que os livros, as tradições e a memoria dos homens, andam cheios d'essa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo. Embalarám-nos com essas historias: atacal-as é quasi um sacrilegio. E todavia esse brilhante poema em acção foi uma das maiores causas da nossa decadencia. É necessario dizel-o, em que péze aos nossos sentimentos mais cáros de patriotismo tradicional. Tanto mais que um erro econo-

mico não é necessariamente uma vergonha nacional. No ponto de vista heroico, quem póde negal-o? foi esse movimento das conquistas hespanholas e portuguezas um relampago brilhante, e por certos lados sublime, da alma intrepida peninsular. A moralidade subjectiva d'esse movimento é indiscutivel perante a historia: são do dominio da poesia, e sel-o-hão sempre, acontecimentos que puderam inspirar a grande alma de Camões. A desgraça é que esse espirito guerreiro estava deslocado nos tempos modernos: as nações modernas estão condemnadas a não fazerem poesia, mas sciencia. Quem domina não é já a musa heroica da epopea: é a Economia Politica, Caliope d'um mundo novo, senão tão bello, pelo menos mais justo e logico do que o antigo. Ora, é á luz da Economia Politica que eu condemno as Conquistas e o espirito guerreiro. Quizemos refazer os tempos heroicos da edade moderna: enganámo-nos; não era possivel; caímos. Qual é, com effeito, o espirito da idade moderna? é o espirito de *trabalho* e de *industria:* a riqueza e a vida das nações teem de se tirar da actividade productora, e não ja da guerra esterilisadora. O que sae da guerra não só acaba cedo, mas é alem d'isso um capital morto, consumido sem resultado. É necessario que o trabalho, sobre tudo a industria agricola, o fecunde, lhe dê vida. Domina todo este assumpto uma lei economica, formulada por Adão Smith, um dos paes da sciencia, nas seguintes palavras: «o capital adquirido pelo commercio e pela guerra só se torna real e productivo quando se fixa na cultura da terra e nas outras industrias.» Vejamos o que tem feito a Inglaterra com a India, com a Australia, e com o commercio do mundo. Explora, combate: mas a riqueza adquirida fixa-a no

seu solo, pela sua poderosa industria, e pela sua agricultura, talvez a mais florescente do mundo. Por isso a prosperidade da Inglaterra ha dois seculos tem sido a admiração e quasi a inveja das nações. Pelo contrario, nós, portuguezes e hespanhoes, que destino démos ás prodigiosas riquezas extorquidas aos povos estrangeiros? Respondam a nossa industria perdida, o commercio arruinado, a população diminuida, a agricultura decadente, e esses desertos da Beira, do Alemtejo, da Estremadura hespanhola, das Castellas, aonde se não encontra uma arvore, um animal domestico, uma face humana!

Um exemplo, o da agricultura portugueza antes e depois do seculo 16.º, porá em evidencia, com factos significativos, essa influencia perniciosa do espirito de conquista no mundo economico. Esses factos são extrahidos de tres obras, cuja auctoridade é incontestavel: a *Memoria* historica de Alexandre de Gusmão sobre a Agricultura portugueza; o livro de Camillo Pallavicini *La economia agraria del Portogallo;* e a *Historia da Agricultura em Portugal*, pelo snr. Rebello da Silva. Uma coisa que impressiona quem estuda os primeiros seculos da monarchia portugueza é o caracter essencialmente agricola d'essa sociedade. Os cognomes dos reis, o *povoador*, o *lavrador*, já por si são altamente significativos. No meio das guerras, e apezar da imperfeição das instituições, a população crescia, e a abundancia generalisava-se. A arborisação do paiz desenvolvia-se, a charneca recuava diante do trabalho. As armadas, que mais tarde dominaram os mares, sairam das matas semeadas por D. Diniz. No reinado de D. Fernando era Portugal um dos paizes que mais exportavam. A Castella, a Galliza, a Flandres, a Alle-

manha forneciam-se quasi exclusivamente de azeite portuguez; a nossa prosperidade agricola era suficiente para abastecer tão vastos mercados. O commercio dos cereaes era consideravel. No seculo xv vinham os navios venezianos a Lisboa e aos portos do Algarve, trazendo as mercadorias do Oriente, e levando em troca cereaes, peixe salgado, e frutas secas, que espalhavam depois pela Dalmacia e por toda a Italia. Sustentavamos tambem um activo commercio com a Inglaterra. As classes populares desenvolviam-se pela abundancia e o trabalho, a população crescia. No tempo de D. João 2.º chegára a população a muito perto de tres milhões de habitantes... Basta comparar este algarismo com o da população em 1640, que escassamente excedia um milhão, para se conhecer que uma grande decadencia se operou durante este intervalo!

Déra-se, com effeito, durante o seculo 16.º, uma deploravel revolução nas condições economicas da sociedade portugueza, revolução sobre tudo devida ao novo estado de coisas criado pelas conquistas. O proprietario, o agricultor deixam a charrua e fazem-se soldados, aventureiros: atravessam o oceano, á procura de gloria, de posição mais brilhante ou mais rendosa. Atrahida pelas riquezas acumuladas nos grandes centros, a população rural afflue para ali, abandona os campos, e vem augmentar nas capitaes o contingente da miseria, da domesticidade ou do vicio. A cultura diminue gradualmente. Com essa diminuição, e com a depreciação relativa dos metaes preciosos pela affluencia dos thesouros do Oriente e America, os cereaes chegam a preços fabulosos. O trigo, que em 1460 valia 10 reis por alqueire, tem subido, em 1520, a 20 reis, 30 e 35!

Por isso o preço nos mercados estrangeiros, nem siquer póde cobrir o custo originario: a concorrencia d'outras nações, que produziam mais barato, esmaga-nos. Não só deixamos de exportar, mas passâmos a importar: «do reinado de D. Manoel em diante, diz Alex. de Gusmão, somos sustentados pelos estrangeiros». Esse sustento podiam-no pagar os grandes, que a India e o Brazil enriqueciam. A multidão, porém, morria de fome. A miseria popular era grande. A esmola á portaria dos conventos e casas fidalgas passou a ser uma instituição. Mendigavam aos bandos pelas estradas. A tradição, n'um symbolo terrivelmente expressivo, apresenta-nos Camões, o cantor d'essas glorias que nos empobreciam, mendigando para sustentar a velhice triste e desalentada. É uma imagem da nação. As chronicas fallam-nos de grandes fomes. Por tudo isto, decrescia a olhos vistos a população. Que remedio se procura a este mal? um mal incomparavelmente maior: a escravidão! Tenta-se introduzir o trabalho servil nas culturas, com escravos vindos da Africa! Felizmente não passou de tentativa. Era a transformação d'um paiz livre e civilisado, n'uma coisa monstruosa, uma oligarchia de *senhores de roça!* a barbaridade dos desvastadores da America, transportada para o meio da Europa! Com estes elementos o que se podia esperar da industria? uma decadencia total. Não se fabrica, não se cria: basta o ouro do Oriente para pagar a industria dos outros, enriquecendo-os, instigando-os ao trabalho productivo, e ficando nós cada vez mais pobres, com as mãos cheias de thesouros! Importavamos tudo: de Italia, sedas, veludos, brocados, massas: de Alemanha, vidro: de França, panos: de Inglaterra e Hollanda, cereaes, lans, tecidos,

Havia então uma unica industria nacional... a India! Vae-se á India buscar um nome e uma fortuna, e volta-se para gozar, dissipar esterilmente. A vida concentra-se na capital. Os nobres deixam os campos, os solares dos seus maiores, aonde viviam em certa communhão com o povo, e veem para a côrte brilhar, ostentar... e mendigar nobremente. O fidalgo faz-se cortezão: o homem do povo, não podendo já ser trabalhador, faz-se lacaio: a libré é o sello da sua decadencia. A criadagem d'uma casa nobre era um verdadeiro estado. O luxo da nobreza tinha alguma coisa de oriental. Do luxo desenfreado, ao vicio, á corrupção, mal dista um passo. A paixão do jogo estendeu-se terrivelmente: jogava-se nas tavolagens, e jogava-se nos palacios. O ocio, acendendo as imaginações, levava pelo galanteio ás intrigas amorosas, ás aventuras, ao adulterio, e arruinava a familia. Lisboa era uma capital de fidalgos ociosos, de plebeus mendigos, e de rufiões.

Ao longe, fóra do paiz, foram outras as consequencias do espirito de conquista, mas igualmente funestas A escravatura (alem de todas as suas deploraveis consequencias moraes) esterilisou pelo trabalho servil. Só o trabalho livre é fecundo: só os resultados do trabalho livre são duradoiros. Das colonias, que os Europeus fundaram no Novo Mundo, quaes prosperaram? quaes ficaram estacionarias? Prosperaram na razão directa do trabalho livre: o Norte dos Estados-Unidos mais do que o Sul: os Estados-Unidos mais do que o Brazil. E essa joven Australia, cuja população duplica todos os 10 annos, que já exporta para a Europa os seus productos, cujas instituições são ja hoje modelo e inveja para os povos civilisados, e que será antes de

um seculo uma das maiores nações do mundo, a que deve ella essa prosperidade phenomenal, senão ao influxo maravilhoso do trabalho livre, n'uma terra que ainda não pisou o pé d'um homem, que se não dissesse livre? A Australia tem feito em menos de 100 annos de liberdade o que o Brazil não alcançou com mais de tres seculos de escravatura! Fomos nós, foram os resultados do nosso espirito guerreiro, quem condemnou o Brazil ao estacionamento, quem condemnou á nullidade toda essa costa de Africa, em que outras mãos podiam ter talhado á larga uns poucos de imperios! Esse espirito guerreiro, com os olhos fitos na luz de uma falsa gloria, desdenha, desacredita, envilece o trabalho manual — o trabalho manual, a força das sociedades modernas, a salvação e a gloria das futuras... Mas um fantastico idealismo perturba a alma do guerreiro: não distingue entre interesse honroso e interesse vil: só as grandes acções de esforço heroico são bellas a seus olhos: para elle a industria pacifica é só propria de mãos servis. A tradição, que nos apresenta D. João de Castro, depois d'uma campanha em Africa, retirando-se á sua quinta de Cintra, aonde se dava áquella *extranha e nova agricultura* de cortar as arvores de fruto, e plantar em logar d'ellas arvores silvestres, essa tradição deu-nos um perfeito symbolo do espirito guerreiro no seu desprezo pela industria. Portugal, o Portugal das conquistas, é esse guerreiro altivo, nobre e fantastico, que voluntariamente arruina as suas propriedades, para maior gloria do seu absurdo idealismo. E já que fallei em D. João de Castro, direi que poucos livros teem feito tanto mal ao espirito portuguez, como aquella biographia do heroe escripta por Jacintho Freire. J. Freire, que era padre, que nunca vira a India, e que ignorava tão profunda-

mente a politica como a economia politica, fez da vida e feitos de D. J. de Castro, não um estudo de sciencia social, mas um discurso academico, litterario e muito eloquente, seguramente, mas emphatico, sem critica, e animado por um falso ideal de gloria á antiga, *gloria classica*, atravez do qual nos faz ver continuamente as acções do seu heroe. Ha dois seculos que lemos todos o D. João de Castro de Jacintho Freire, e acostumámonos a tomar aquella fantasia de rethorico pelo tipo do verdadeiro heroe nacional. Falseámos com isto o nosso juizo, e a critica d'uma epoca importante. É preciso que se saiba que a verdadeira gloria moderna não é aquella: é exactamente o contrario d'aquella. Uma só coisa ha ali a aproveitar como exemplo: é a nobreza d'alma d'aquelle homem magnanimo: mas essa nobreza d'alma deve ser aplicada pelos homens modernos a outros commetimentos, e d'um modo muito diverso. Foi aquelle genero de heroismo, tão apregoado por J. Freire, que nos arruinou!

Como era possivel, com as mãos cheias de sangue, e os corações cheios de orgulho, iniciar na civilisação aquelles povos atrazados, unir por interesses e sentimentos os vencedores e os vencidos, cruzar as raças, e fundar assim, depois do dominio momentaneo da violencia, o dominio duradoiro e justo da superioridade moral e do progresso? As conquistas sobre as nações atrazadas, por via de regra, não são justas nem injustas. Justificam-nas ou condemnam-nas os resultados, o uso que mais tarde se faz do dominio estabelecido pela força. As conquistas romanas são hoje justificadas pela philosophia da historia, porque criaram uma civilisação superior áquella de que viviam os povos conquistados. A conquista da India pelos inglezes é justa, porque é

civilisadora. A conquista da India pelos portuguezes, da America pelos hespanhoes, foi injusta, porque não civilisou. Ainda quando fossem sempre victoriosas as nossas armas, a India ter-nos-hia escapado, porque sistematicamente alheavamos os espiritos, aterravamos as populações, cavavamos pelo espirito religioso e aristocratico um abysmo entre a minoria dos conquistadores e a maioria dos vencidos. Um dos primeiros *beneficios*, que levámos áquelles povos, foi a Inquisição: os hespanhoes fizeram o mesmo na America. As religiões indigenas não eram só escarnecidas, vilipendiadas: eram atrozmente perseguidas. O effeito moral dos trabalhos dos missionarios (tantos d'elles santamente heroicos!) era completamente annullado por aquella ameaça constante do terror religioso: ninguem se deixa converter por uma charidade, que tem a traz de si uma fogueira! A ferocidade dos hespanhoes na America é uma coisa sem nome, sem parallelo nos annaes da bestialidade humana. Dois imperios florescentes desapparecem em menos de 60 anos! em menos de 60 annos são destruidos dez milhões de homens! dez milhões! Estes algarismos são tragicos: não precisam de commentarios. E todavia, poucas raças se tem apresentado aos conquistadores tão brandas, ingenuas, doceis, promptas a receberem com o coração a civilisação que se lhes impunha com as armas! Bartholomeu de las Casas, bispo de Chiapa, um verdadeiro santo, protestou em vão contra aquellas atrocidades: consagrou a sua vida evangelica á causa d'aquelles milhões de infelizes: por duas veses passou á Europa, para advogar solemnemente a causa d'elles perante Carlos 5.º Tudo em vão! a obra da destruição era fatal: tinha de se consumar, e consumou-se.

Ha, com effeito, nos actos condemnaveis dos povos peninsulares, nos erros da sua politica, e na decadencia que os colheu, alguma coisa de fatal: é a lei de evolução historica, que inflexivel e impassivelmente tira as consequencias dos principios uma vez introduzidos na sociedade. Dado o catholicismo absoluto, era impossivel que se lhe não seguisse, deduzindo-se d'elle, o absolutismo monarchico. Dado o absolutismo, vinha necessariamente o espirito aristocratico, com o seu cortejo de privilegios, de injustiças, com o predominio das tendencias guerreiras sobre as industriaes. Os erros politicos e economicos saiam d'aqui naturalmente; e de tudo isto, pela transgressão das leis da vida social, saía naturalmante tambem a decadencia sob todas as formas.

E essas falsas condições sociaes não produziram sómente os effeitos que apontei. Produziram um outro, que por ser invisivel e insensivel, nem por isso deixa de ser o mais fatal. É o abatimento, a prostração do espirito nacional, pervertido e atrophiado por uns poucos de seculos da mais nociva educação. As causas, que indiquei, cessaram em grande parte: mas os effeitos moraes persistem, e é a elles que devemos attribuir a incerteza, o desanimo, o mal estar da nossa sociedade contemporanea. Á influencia do espirito catholico, no seu pesado dogmatismo, deve ser attribuida esta indifferença universal pela philosophia, pela sciencia, pelo movimento moral e social moderno, este adormecimento somnambulesco em face da revolução do seculo 19.º, que é quasi a nossa feição caracteristica e nacional entre os povos da Europa. Já não cremos, certamente, com o ardor apaixonado e cego de nossos avós, nos dogmas catholicos: mas continuâmos a fechar

os olhos ás verdades descobertas pelo pensamento livre.

Se a Igreja nos incommóda com as suas exigencias, não deixa por isso tambem de nos incommodar a Revolução com as suas lutas. Fomos os portuguezes intollerantes e fanaticos dos seculos 16.º, 17.º, e 18.º: somos agora os portuguezes indifferentes do seculo 19.º Por outro lado, se o poder absoluto da monarchia acabou, persiste a inercia politica das populações, a necessidade (e o gosto talvez) de que as governem, persiste a centralisação e o militarismo, que annullam, que reduzem ao absurdo as liberdades constitucionaes. Entre o *senhor rei* d'então, e os *senhores influentes* de hoje, não ha tão grande differença: para o povo é sempre a mesma a servidão. Eramos *mandados*, somos agora *governados:* os dois termos quasi que se equivalem. Se a velha monarchia desappareceu, conservou-se o velho espirito monarchico: é quanto basta para não estarmos muito melhor do que nossos avós. Finalmente, do espirito guerreiro da nação conquistadora, herdámos um invencivel horror ao trabalho e um intimo desprezo pela industria. Os netos dos conquistadores de dois mundos podem, sem deshonra, consumir no ocio o tempo e a fortuna, ou mendigar pelas secretarias um *emprego:* o que não podem, sem indignidade, é *trabalhar!* uma fabrica, uma officina, uma exploração agricola ou mineira, são coisas improprias da nossa fidalguia. Por isso as melhores industrias nacionaes estão nas mãos dos estrangeiros, que com ellas se enriquecem, e se riem das nossas pretenções. Contra o trabalho manual, sobre tudo, é que é universal o preconceito: parece-nos um symbolo servil! Por elle sobem as classes democraticas em todo o mundo, e se

engrandecem as nações; nós preferimos ser uma aristocracia de pobres ociosos, a ser uma democracia prospera de trabalhadores. É o fruto que colhemos d'uma educação secular de tradicções guerreiras e emphaticas!

D'essa educação, que a nós mesmos démos durante tres seculos, provem todos os nossos males presentes. As raizes do passado rebentam por todos as lados no nosso solo: rebentam sob forma de sentimentos, de habitos, de preconceitos. Gememos sob o peso dos erros historicos. A nossa fatalidade é a nossa historia.

Que é pois necessario para readquirirmos o nosso logar na civilisação? para entrarmos outra vez na communhão da Europa culta? É necessario um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado. Respeitemos a memoria dos nossos avós: memoremos piedosamente os actos d'elles: mas não os imitemos. Não sejamos, á luz do seculo 19.º, espectros a que dá uma vida emprestada o espirito do seculo 16.º A esse espirito mortal opponhamos francamente o espirito moderno. Opponhamos ao *catholicismo*, não a indifferença ou uma fria negação, mas a ardente affirmação da alma nova, a consciencia livre, a contemplação directa do divino pelo humano, (isto é, a fuzão do divino e do humano), a philosophia, a sciencia, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inexgotaveis do seu pensamento, sempre inspirado. Opponhamos á *monarchia centralisada*, uniforme e impotente, a federação republicana de todos os grupos autonomicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal, dando-lhe um caracter radicalmente democra-

tico, por que só ella é a base e o instrumento natural de todas as reformas praticas, populares, niveladoras. Finalmente, á *inercia industrial,* opponhamos a iniciativa do trabalho livre, a industria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontanea, não entregue á anarchia cega da concorrencia, mas organisada d'uma maneira solidaria e equitativa, operando assim gradualmente a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro. Esta é a tendencia do seculo: esta deve tambem ser a nossa. Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espirito moderno: regenerar-nos-hemos abraçando francamente esse espirito. O seu nome é Revolução: revolução não quer dizer guerra, mas sim paz: não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. Longe de appellar para a insurreição, pretende prevenil-a, tornal-a impossivel: só os seus inimigos, desesperando-a, a podem obrigar a lançar mão das armas. Em si, é um verbo de paz, porque é o verbo humano por excellencia.

Meus senhores: ha 1800 annos appresentava o mundo romano um singular espectaculo. Uma sociedade gasta, que se aluia, mas que, no seu aluir-se, se debatia, lutava, perseguia, para conservar os seus privilegios, os seus preconceitos, os seus vicios, a sua podridão: ao lado d'ella, no meio d'ella, uma sociedade nova, embrionaria, só rica de ideas, aspirações e justos sentimentos, sofrendo, padecendo, mas crescendo por entre os padecimentos. A idea d'esse mundo novo impoe-se gradualmente ao mundo velho, converte-o, transforma-o: chega um dia em que o elimina, e a humanidade conta mais uma grande civilisação.

Chamou-se a isto o Christianismo.

Pois bem, meus senhores: o Christianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Christianismo do mundo moderno (1).

(1) Reedição do opúsculo: CONFERENCIAS DEMOCRATICAS — *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos tres ultimos seculos. Discurso pronunciado na noite de 27 de maio, na sala do Casino Lisbonense por Anthero do Quental.* Porto, na typ. Commercial. 1871. In-8.º, de 48 pags. sendo uma de advertencia. *(Nota do editor.)*

CARTA
AO EX.MO SR. ANTONIO JOSÉ D'AVILA
MARQUEZ D'AVILA,
PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS

Ex.mo Sr. — Pego na penna, mais pesaroso do que irritado. As miserias moraes de qualquer homem contristam-me, porque vejo n'ellas o abaixamento da alma humana, que devia pairar serena e sem macula. As miserias moraes dos homens, que pela posição, pela autoridade, pelos annos, teem missão de dar o exemplo da justiça incorruptivel, e ser como apostolos entre as nações, essas compungem-me dobradamente, porque vejo n'ellas a degradação d'uma coisa augusta, a lei, e o envilecimento d'uma coisa veneranda, os cabellos brancos. Nada d'isto, porém, exclue a indignação: sómente, é uma indignação entristecida. Porque havia V. Ex.ª, velho que eu não conheço, ministro que eu quizera respeitar, fazer calar em mim o respeito que é devido aos annos e á posição, e obrigar-me a fallar-lhe n'um tom, que não é o da colera, mas que é o da indignação, e que pode ser o do desprezo? Se os cabellos brancos, que passam diante de mim, em vez de terem a compostura placida das cabeças dos santos, trazem nos seus anneis emmaranhados as palhas da loucura, posso eu deixar de sorrir os esgares do louco, e enxotal-o do meu caminho, se m'o embaraça?

Vou ser descaridoso com V. Ex.ª, porque V. Ex.ª deixou de merecer a minha caridade.

Dirigindo-me a V. Ex.ª, dirijo-me sobre tudo ao publico: por isso escrevo pela imprensa. Particularmente não lhe escreveria, porque me prezo de não ter por correspondentes senão pessoas intelligentes, pouco condecoradas, e de provada orthodoxia em grammatica portugueza. V. Ex.ª não está n'este caso. Além d'isso, a questão não é pessoal. Para mim o marquez d'Avila é apenas mais um titular: isto é, uma coisa hirta que passa, e que dois merceeiros mostram um ao outro. Já vê V. Ex.ª que era impossivel incommodar-me, e menos ainda offender-me. A questão é com um ministro, cujo nome me é indifferente, e com a opinião publica, que tem de julgar os actos d'esse ministro.

Ora, a portaria com que V. Ex.ª mandou fechar a sala das Conferencias Democraticas, é um acto não só contrario á lei e ao espirito da epoca, mas sobretudo attentatorio da liberdade do pensamento, da liberdade da palavra, e da liberdade de reunião, isto é, d'aquelles sagrados direitos sem os quaes não ha sociedade humana, verdadeira sociedade humana, no sentido ideal, justo, eterno da palavra. Pode haver sem elles agglomeração de corpos inertes, que a força da gravidade social sustenta juxtapostos: não ha associações de consciencias livres. — Além d'isso é um acto tolo.

Ora, se fosse sómente um acto tolo, tel-o-hia commettido V. Ex.ª reflectida e conscienciosamente. Como é muito mais, como é quasi uma grande coisa, como é quasi um crime contra a dignidade humana, tenho boas razões para suppôr que V. Ex.ª não soube o que fez. V. Ex.ª contemplava cuidadosamente o seu museu de

venéras: entre a contemplação extatica da ordem do Elephante e a contemplação seraphica da ordem do Camello, teve uma distracção, e fez uma portaria. Obrou como um verdadeiro ministro constitucional. Simplesmente, não se lembrou V. Ex.ª que as pessoas que salpicava com a sua prosa, apesar de não terem o peito coberto de venéras, ou antes, por isso mesmo, sentiam n'esse peito coração, dignidade, independencia. Um ministro constitucional não podia prever estas excentricidades. V. Ex.ª obrou como quem é: nada mais. Quasi que sinto desejo de o applaudir.

Resta o acto. É illegal, disse eu. É-o. Ninguem pode ser julgado sem processo, diz a Lei Fundamental, V. Ex.ª não só julgou sem processo, como tambem condemnou: porque impedir-nos de fallar é já uma condemnação, e é uma condemnação maior ainda attrahir sobre as nossas cabeças, apontando-nos á indignação do paiz, como inimigos da ordem e das crenças publicas, a reprovação universal. Fazer isto, contra homens indefesos, com todo o peso da autoridade, do logar, da reputação, é além de tudo cobarde.

Diz tambem a carta constitucional: «Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras e escriptos, ou publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura, comtanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem, no exercicio d'esse direito.» Pois lá estavamos, para responder pelas nossas palavras perante os tribunaes. Havia lá logar, para que a autoridade competente podesse tomar nota d'essas palavras. Nenhum de nós fallava anonymo, creio eu! Quebra-se acaso os prelos d'um jornal, porque esse jornal publicou um, dez, mil artigos reprehensiveis? Processa-se cada um dos artigos, e a imprensa continua

trabalhando. Além da responsabilidade pessoal de cada conferente, havia dois homens que perante a autoridade se tinham compromettido a responder porquanto ali se dissese. Um d'esses homens sou eu. Iria aos tribunaes, e sujeitar-me hia á condemnação legal se me condemnassem. Não pediamos impunidade; pediamos justiça, e só isto era justo. Fechar brutalmente a porta é uma coisa muito differente. Sabe V. Ex.ª o que é? não sabe. Pois é, para os que já tinham fallado, a condemnação sem processo: e é a *censura previa* para todos os que ainda não tinham fallado, nem tinham por conseguinte dado elementos para serem julgados. Suppoz-se que diriam coisas feias: *censurou-se previamente:* fechou-se a porta. Um inquizidor não raciocinava melhor. V. Ex.ª é um inquizidor... de *cache-nez*.

É um acto contrario ao espirito da epoca, disse eu. A epoca é liberal, e o acto é despotico. A epoca é tolerante, e o acto é inquisitorial. A epoca é intelligente, e o acto é estupido. A epoca, que é pensamento, diz á politica, que é acção: comprehende, interpreta e applica a minha idéa; a portaria de V. Ex.ª diz ao espirito da epoca: submette-te á letra da lei, que não comprehendo, nem sei, nem quero interpretar. *Interpretar* a lei é o proprio da intelligencia, que a rasão popular colloca aonde a lei tem de se executar: *impôr* a lei, que se não intende, é o proprio da incapacidade em cujas mãos poz o acaso, por irrisão, o poder durante alguns instantes. V. Ex.ª já ouvio fallar em Pitt, em Gladstone, em Peel, em Bright, em Russell, em Palmerston? Não ouvio. Pois foram ou são grandes estadistas, n'um paiz entre todos de liberdade e legalidade. E sabe V. Ex.ª o que fizeram e o que

fazem estes estadistas? Encontravam d'um lado, leis velhas, contradictorias, oppressivas, mas *leis*: leis da idade media, dos Tudor, dos Stuart, catholicas, protestantes, de varios tempos, de espiritos variadissimos... mas sempre *leis:* do outro lado encontravam a opinião do seculo, o pensamento e o sentimento da sociedade contemporanea: encontravam uma opinião liberal, tolerante, intelligente, civilisada, mas só *opinião.* Que fizeram os estadistas inglezes? Deixaram a *letra* e seguiram o *espirito:* interpretaram, condescenderam, deram rasão á opinião. O que é a lei? é a opinião armada, nada mais. O que é a opinião? é o espirito da sociedade em que vivemos. Os estadistas inglezes são philosophos: a Inglaterra é um grande povo. V. Ex.ª não é um estadista inglez. É Antonio José da Villa, das Ilhas de baixo (1).

Portugal, dizia-se ha annos, é o paiz mais liberal da Europa! A Europa, diziam os correspondentes dos jornaes provincianos, inveja a nossa sorte, e acha-a unica! A Europa, diziam no Gremio os jogadores de bilhar, estuda com affinco as nossas instituições, e duvída se chegará a imital-as! A Europa quasi que não comprehende a nossa phenomenal liberdade de pensamento! Sómente, meus senhores, ninguem se lembrava de pensar. Um dia decidiu-se alguem a pensar livremente. O sr. marquez d'Avila poz logo o seu chapeu ensebado em cima da liberdade do pensamento!

(1) Antonio José da Villa é o nome verdadeiro do illustre ministro: seu pae, o honrado plebeu, chamava-se simplesmente mestre José da Villa. Avila, é apenas a mascara aristocratica do *parvenu.* Quem diz o que pensa é criminoso: quem renega o nome de seu pae é ministro. *C'est la moralité de cette commédie...*

A politica, sr. marquez, sabe V. Ex.ª que é uma sciencia, sabe que a sciencia filha castissima do Espirito, só tende a elevar, a instruir, a moralisar, a santificar a vida humana? A politica é o instrumento da justiça social. Revestida, pela autoridade, d'um caracter quasi religioso, é uma voz de grandes echos, que diz á verdade *falla!* que diz á consciencia *revela-te!* que diz ás almas *emancipae-vos!* que sobre tudo diz aos costumes *moralisae-vos!* Para ter o direito de dizer isto, a politica tem mais que tudo de ser moral, — é preciso que todos a julguem mais que tudo moral. V. Ex.ª é politico: diz-se politico, e dizem-n'o alguns dos seus continuos. Ora veja V. Ex.ª que juizo faz da capacidade moral da sua politica a opinião d'aquelles que V. Ex.ª governa... Diz-se (o que se não diz?) que, antes de se chegar ao *terror*, se usou de meios mais brandos — meios suasorios. Diz-se que se offereceu a alguem uma candidatura, quando esse alguem se mostrou resolvido a fallar sobre um assumpto pouco palaciano... Como se este encontro de circumstancias não podesse ser filho d'uma naturalissima coincidencia! Estes enredos corruptores são só proprios dos politicos da escola de Machiavelo, homem de genio infernalmente profundo, sublime quasi na sua corrupção, perverso mas grande. Ora nós temos toda a certeza de que V. Ex.ª não é por forma alguma Machiavelo, nem ha meio de o tomarmos por seu discipulo. Decididamente, V. Ex.ª não é o grande Machiavelo.

O mundo das intenções, quando o não conheço completamente, é sagrado para mim. Ora eu não sei de que côr é o interior moral, que cobrem as venéras de plaquet de V. Ex.ª Quem sabe lá qual é a ver-

dadeira côr d'um grande politico? Por emquanto, sr. marquez, o nosso dever é suppôl-o moralmente incolor.

A opinião estava indignada, dirá V. Ex.ª: a opinião pedia, clamava, reclamava que se punisse o attentado! Que opinião? A dos ultramontanos, primeiro; depois, como era de esperar, a dos judeus. V. Ex.ª diz-se liberal. Diante de V. Ex.ª estavam, d'um lado, alguns homens que se occupavam serenamente, com respeito, com moderação extrema, de tirar as ultimas conclusões aos principios liberaes: do outro lado, a opinião dos ultramontanos e dos judeus. V. Ex.ª, que é liberal, o que fez? poz, como liberal, o seu liberalismo ao serviço dos ultramontanos e dos judeus! Talvez que V. Ex.ª cubice ainda, para o museu que dependura ao peito, duas condecorações novas: a dos jesuitas e a dos rabinos. O furor de collecionar tem abysmos!

Nós somos, ao que parece, os terroristas, os homens perdidos, os homens perigosos. É o que se colhe d'estas palavras sinistras, com que se abriram as Conferencias: «Não pretendemos *impôr* opiniões; vimos simplesmente *expôr* as nossas: não pedimos *adhesão*, pedimos apenas *discussão*. Collocamo-nos placidamente no campo das idéas: repugnam-nos as revoluções violentas, e é exactamente porque nos repugnam que appellamos para a discussão serena.» Bem se vê que só o espirito infernal da anarchia póde inspirar estas palavras de odio e extreminio. Opiniões d'estas não se escutam, esmagam-se!

Agora, a diatribe pessoal, a insinuação perfida, a calumnia manifesta dos jornaes ultramontanos, que nos apresentam como *communistas*, *vendidos á Iberia*,

agentes da Internacional, e nos apontam assim á desconfiança, ao desprezo publico, ao odio talvez, isso é legitimo, é constitucional, é legal, é justo e irreprehensivel: é tudo para bem dos *bons principios!* Parece que os *bons principios* do marquez d'Avila são exactamente os *bons principios* da *Nação* e do *Bem Publico!* Tocante confraternidade da virtude!

E todavia, sr. marquez, não foi um pensamento de odio, de anarchia, de revolta, que presidio á criação das Conferencias: foi um pensamento de amor. Em face dos problemas temerosos — problemas sociaes, politicos, religiosos — que agitam o presente e obscurecem o futuro; em face da transformação universal dos espiritos, que se poem em marcha para um horisonte desconhecido; em face dos enigmas fataes, que a Revolução, precipitando-se, apresenta aos povos; — que tentou fazer aquella meia duzia de homens desajudados? Desunir? revoltar? não: avisar o espirito publico da necessidade de considerar aquelles problemas; convidal-o a reflectir, com serenidade e imparcialmente, nas soluções que pensadores eminentes tem proposto; conjurar as tempestades possiveis de ámanhã, por meio do estudo e da tolerancia de hoje; appellar para a concordia de todas as vontades leaes, n'um pensamento de liberdade, de conciliação, de exame. Foi isto o que tentámos fazer, na medida limitada das nossas forças, é certo, mas com um sentimento muito fraternal e muito puro. Para V. Ex.ª, que se diz *conservador*, era este um perverso pensamento de revoltosos. Mas o publico não o entendeu assim: o publico, que nos ouvio com sympathia, com tolerancia, com um alto espirito de conciliação, que o honra, e que nos faz crer que as esperanças do futuro não estão inteiramente

perdidas. E esse publico, sr. marquez, pertencia principalmente ás classes *conservadoras;* eram magistrados, proprietarios, officiaes do exercito, deputados, funccionarios, capitalistas: eram, como V. Ex.ª *conservadores:* a differença é que eram *conservadores* intelligentes. — Não o entendeu tambem assim o jornalismo liberal, que não julgou conveniente discutir, é verdade, mas que respeitou a lealdade das nossas intenções, e o exercicio de um direito anterior e superior a todos os codigos. — Não entenderam finalmente assim os centos de pessoas, que, na noite de 26 de junho, espontaneamente (e não por deferencia pessoal para com as nossas individualidades, mas só pela sympathia da commum indignação) nos acompanharam quando levavamos o nosso protesto ás redacções dos jornaes de Lisboa. — Esta sympathia, sr. marquez, consola de muita coisa, porque todos os votos se podem comprar, só não se compram os votos do coração. Quantas manifestações d'este alcance moral conta V. Ex.ª na sua carreira politica? Conquistou-lhe um d'estes votos do coração a *lei das rolhas*, por exemplo?

Mas offendeu-se a crença e as instituições do Estado, diz a Portaria. Vejamos como. Verberou-se o ultramontanismo; mas exaltou-se o sentimento christão. Accusou-se o absolutismo; mas apontou-se a todos a liberdade como a estrella do futuro. Indicou-se como causa da decadencia da politica e das lettras a corrupção dos costumes; e appellou-se para a regeneração moral. O que foi que, n'isto tudo, offendeu os *homens da ordem?* Foi a exaltação do sentimento christão? foi a apotheose da liberdade? foi o culto da moral? Ou foi então a censura das doutrinas fanaticas, a reprovação do despotismo e da immoralidade? Parece que,

no conceito do sr. marquez, as crenças e instituições do Estado são ultramontanas, absolutistas e corruptoras — visto que tanto se doeu. Houve desacato! Repetir verdades eternas é desacato. Agora, jurar no parlamento a religião e as instituições do Estado, desprezando-as no fundo do coração, isso é respeital-as! No Casino a franqueza é um crime social: no parlamento a hypocrisia é uma virtude politica. Que pensariam Socrates e Jesus das virtudes parlamentares do sr. Antonio José d'Avila?

Ah, sr. marquez! em presença de certos factos (e é este um d'elles) sinto uma melancholia profunda invadir-me, envolver-me a alma! É assim que, no momento mais solemne do seculo XIX, e n'um dos momentos mais criticos da nossa historia, com os perigos visiveis e invisiveis que correm sobre nós de todos os lados do horisonte, é assim que homens encanecidos na arte, tão cheia de lições e experiencia, de governar os outros homens, dão ao mundo o espectaculo da incapacidade, da intolerancia, e da mais assustadora ignorancia das verdadeiras questões do nosso tempo?! São estas as lições com que educam o sentimento publico, a opinião? É assim que preparam o futuro? Aonde vamos nós por este caminho? ao absolutismo? não, que não teem força para tanto. Vamos á mais repugnante das dissoluções sociaes, a dissolução dos principios, a gangrena dos espiritos, a morte moral!

O assumpto é serio e triste. Já me não posso rir, e a indignação cedeu inteiramente á melancholia que inspira o destino provavel d'uma nação, que os seus *salvadores* se esforçam cada vez mais por condemnar irremissivelmente! Já me não posso rir, sr. marquez, apesar de continuar a vel-o: é que por detraz

de V. Ex.ª, em redor de V. Ex.ª, dentro de V. Ex.ª, vejo eu uma coisa bem pouco para riso: um mundo que apodrece!

Este estado de coisas, e o estado dos espiritos que elle accusa, não serão a justificação mais eloquente do pensamento e do facto das conferencias? a prova luminosa de que eram necessarias, de que eram proficuas? de que estava ali, senão um exemplo a seguir, pelo menos uma tentativa louvavel a respeitar, a animar? Pois que! quando os pensamentos se abaixam, quando os caracteres se degradam, quando os principios se obscurecem, quando as intenções se envenenam, quando os actos publicos revelam a triste anarchia que vae nas consciencias... pois que! não será esse o momento proprio, conveniente, necessario, de appellar para a regeneração das idéas, para a propagação dos estudos, para a dedicação das vontades, para a ressurreição moral? Não será esse o momento de dizer cada um a verdade que tem dentro do coração?

V. Ex.ª diz que não. V. Ex.ª tem 60 annos, é marquez, ministro pela decima vez, governa alguns milhões de homens... e o conselho que nos dá — com essas honras e esses annos — a nós, rapazes, *é que mintamos!*

É o que tem a dizer á mocidade portugueza um conselheiro da corôa de Portugal!

. . . . . .

Ex.mo sr.: nem eu nem V. Ex.ª passaremos á historia: e muito menos as ineptas portarias que V. Ex.ª faz assignar a um rei sonambulo. Mas suppondo por um momento que alguma d'estas coisas possa passar ao seculo XX, folgo de deixar aos vindoiros com este escripto a certeza d'uma coisa: que em 1871 houve em

Portugal um ministro que fez uma acção má e tola, e um homem que teve a franqueza caridosa de lh'o dizer (1).

(1) Reedição do opúsculo: *Carta ao Ex.mo Sr. Antonio José d'Avila, marquez de Avila, presidente do conselho de ministros, por Anthero do Quental.* Typographia do Futuro. S. d. (1871). In-8.º gr. de 8 pag. *(Nota do editor.)*

PROTESTO

CONTRA O ENCERRAMENTO DA SALA DAS CONFERENCIAS DEMOCRATICAS

Em nome da liberdade de pensamento, da liberdade de palavra, da liberdade de reunião, bases de todo o direito publico, unicas garantias da justiça social, protestamos, ainda mais contristados que indignados, contra a portaria que mandou arbitrariamente fechar a sala das Conferencias democraticas. Appelamos para a opinião publica, para a consciencia liberal do paiz, reservando-nos a plena liberdade de repondermos a este acto de brutal violencia como nos mandar a nossa consciencia de homens e de cidadãos.

Lisboa, 26 de junho de 1871. — *Anthero de Quental, Adolpho Coelho, Jayme Batalha Reis, Salomão Saragga, Eça de Queirós* (1).

(1) Reproduzido de Anthero de Quental, *In Memoriam.* Porto, 1896, p. xx. *(Nota do editor.)*

RESPOSTA
AOS JORNAES CATHOLICOS

I

Respeito todas as opiniões: nenhuma todavia tanto como a opinião dos vencidos, cuja fé é superior aos factos que os esmagam, e muitas vezes á sciencia que os condemna. As opiniões, se vivem muito pelas ideias, vivem tanto ou mais ainda pelo amor e pelo caracter dos que as representam. Considero assim o partido catholico. Combato-o, respeitando-lhe a lealdade da crença. Esperava d'elle a reciprocidade d'este sentimento. Não posso pois senão extranhar, e sobretudo lastimar, o procedimento dos jornaes catholicos, que para impugnar as conclusões da minha conferencia sobre as causas da decadencia da Peninsula, recorreram deslealmente a insinuações perfidas sobre as minhas intenções e a minha convicção, adulteraram as minhas palavras, e me attribuiram opiniões a que nem de longe alludi. Isto tem um nome muito feio, e que eu não quero dar a pessoas que, apesar de tudo, me obstino em respeitar.

A *Nação*, por exemplo diz:

«Fez tambem o sr. Quental a apotheose da communa, apresentando-a como um beneficio para o paiz. A communa! Paris que seja a resposta mais energica a similhante loucura.»

As pessoas que me ouviram sabem bem que não fallei senão nas communas hespanholas, e da revolução *communera* no tempo de Carlos V: n'um discurso sobre a historia peninsular era até impossivel introduzir a communa de Paris. Além de ser falso o que a *Nação* affirma, há nas suas palavras a intenção perfida de lançar sobre mim e sobre as minhas opiniões o descredito e a animadversão publica, representando-me como solidario com os insurgentes de Paris.

Diz tambem a *Nação:*

«Quando se vem a publico com taes asserções, ou não há convicção, ou, obedecendo a *mandatos occultos*, affronta-se tudo, porque um *poder superior assim o ordena.* A «Internacional» tem ramificações».

A *Fé* apoia as insinuações do seu collega: «Por isso bem dizem os nossos collegas da *Nação*, que a Internacional tem agentes e muitos.»

O *Bem Publico* insiste e desenvolve:

«Este senhor ou quiz fazer ostentação de gymnastica intellectual no trapesio do paradoxo; ou escarnecer cruelmente da voracidade dos tubarões liberaes para tudo o que é doutrina de erro e odio; ou apostolisa, mais ou menos interessantemente, os criminosos devaneios da communa, por conta da *Iberia* e da *Internacional.*»

Finalmente a *Fé* inventa simplesmente uma 3.ª conferencia, em que eu teria dito horrores: «Acabamos agora mesmo de ouvir a 3.ª conferencia do sr. A. de Quental: o mesmo thema, negação de tudo quanto é nosso». A *Nação*, a *Fé* e o *Bem Publico* devem saber que a consciencia publica dá a cousas d'estas o nome de calumnia, e os tribunaes e nome e a pena de diffamação. Apontar, faltando á verdade, um homem á

desconfiança e ao odio dos seus concidadãos, é cousa muito feia: feia em todos, mas sobretudo feiissima em quem, como catholico e legitimista, tem a pretenção de representar na nossa sociedade depravada e plebêa as virtudes evangelicas, caridade, limpeza de coração, amor da verdade, e as virtudes aristocraticas, cavalheirismo, lealdade, grandesa d'alma. Parece que a veracidade é apenas boa para os plebeus: assim seja.

Tudo isto, a final, são pequenas miserias, inseparaveis, ao que parece, da condição precaria de peccador catholico. Assim seja, tambem. Nem eu sou tão moço ou tão inexperiente que dê a estas cousas mais importancia do que merecem. A indignação dos meus vinte annos transformou-se gradualmente n'um sorriso, que ainda tem mais de caridoso do que de desdenhoso. Todos nós somos homens fracos. Os catholicos são mais fracos do que os outros homens. Pois o seu Deus que os allumie! O que eu estranho e lastimo não é essa fragilidade humana. Estranho e lastimo não terem, ao lado d'ella, qualquer outra cousa mais aproveitavel, por exemplo, idêas, argumentos, sciencia. Por melhor vontade que eu tenha de lhes responder, sinto-me realmente embaraçado, porque não vejo a que responder! Dedusindo da argumentação da *Nação* as invectivas e as insinuações, fica bem pouco com effeito. Nega em primeiro lugar a decadencia da peninsula, «porque a Europa tremia diante de Carlos V, Filippe II, e D. Manuel». Respondam-lhe Filipe IV, Carlos II, Carlos IV, Fernando VII, Affonso VI, Pedro II, João VI, que tremiam diante da Europa. E porque tremiam? Ora veja a *Nação!* exactamente porque Carlos V, Fillipe II e D. Manuel tinham feito tremer! O poder d'aquelles

potentados era phantastico, não tinha bases solidas. Esses monarchas *gloriosos* legaram, por seus erros, uma situação deploravel aos seus infelizes successores. Foram as *premissas:* os outros, as *conclusões* logicas. Saiba a *Nação* que só são *monarchas gloriosos* aquelles que fundam alguma cousa que dure para o futuro — não os que fazem muita bulha, e matam muita gente. Guarde a *Nação*, como catholica, toda a sua sympathia para os assassinos coroados: eu, como impio, guardarei a minha para os homens de paz, iniciadores do trabalho, verdadeiros *apostolos*, no sentido christão e humano da palavra.

Encontro em seguida este periodo curioso: «Portugal teria sempre sido um paiz insignificante, se os seus homens se não tivessem alargado pelas regiões de além-mar; ao atrevimento dos descobridores, ao valor de audazes capitães, devemos nós hoje ainda o nome da nação».

Acha a *Nação* que o Portugal de D. Diniz, e de D. João I não passava de *um paiz insignificante!* Para um representante do partido da tradição, a declaração é pelo menos curiosa. Mas passemos adiante. Fazer conquistas e viver á custa d'ellas, esmagando os povos conquistados, em vez de transformar as conquistas em colonias, e os vencidos em cidadãos, é simplesmente arvorar o roubo em systema de politica nacional, e é o que nos fizemos. Não fallei contra as conquistas em si, mas contra o *espirito guerreiro*, que nos tornou incapazes de as conservar e transformar; isto é, de as conservar transformando-as. Perdemos as conquistas, e as colonias dão-nos perda. Entende o jornal legitimista que é por isso que ainda hoje temos o nome de nação! Assim será. Não pensaria assim a *Nação*, se

se désse um pouco mais á economia politica, e um pouco menos á theologia. Não escreveria, por exemplo, a seguinte phrase: « Quereria talvez o sr. Anthero que Portugal fosse um paiz unico ou exclusivamente de industria? dá vontade de rir como se arremessam essas proposições que não passam d'uma bonita theoria, vindo a pratica demonstrar o contrario». A pratica, a que a *Nação* se refere, demonstra, ao que parece, que se não fossem as prodigiosas conquistas de que vivem e se alimentam a Suissa, a Belgica, a Dinamarca, a Allemanha, a Italia, essas nações estariam na maior miseria, porque, emquanto a industria e agricultura, são coisas que lá se não conhecem. É uma *pratica* extremamente theorica a da *Nação*.

Por emquanto permitta-me que, á sua opinião, em coisas de economia politica, prefira a de Adão Smith, um dos fundadores da sciencia, quando diz que «as maiores riquezas, alcançadas pela guerra ou pelo commercio longinquo, quando se não fixam na agricultura e nas outras industrias, são inteiramente improductivas».

Ora nós consumimos as grandes riquezas conquistadas, sem as fixar na industria: por isso caímos na pobreza, de que ainda nos não levantámos, e por isso a população, que em 1460 era de mais de 3.000:000, se achou ser em 1640 apenas de 1.200:000 habitantes. A economia politica da *Nação* é nova, e leva a consequencias curiosas. «Dá vontade de rir que um paiz seja unica e exclusivamente industrial», diz o economista do absolutismo. Quer isto dizer que nunca uma nação poderá sustentar-se por si, pelos seus recursos proprios; que, por conseguinte, tem de fazer a guerra para viver; que haverá sempre, por um decreto divino

e fatal, consquistadores e conquistados (isto é, roubadores e roubados), e que metade da humanidade deve viver eternamente na miseria, para que a outra metade viva na opulencia. Isto é que é economia politica providencial! Realmente, se é isto o que se ensina em Roma, vejo que as ideias economicas dos doutores catholicos estão á altura das suas ideias philosophicas e moraes!

Depois d'isto, diz-nos tambem a *Nação* que «ha hoje a mania de fallar nos *direitos do homem e na liberdade da consciencia*, phrases modernas, apenas boas para captar os parvos e que nada significam».

II

Penso ter mostrado praticamente e sufficientemente que não me falta vontade de responder á *Nação*, mas que é quasi impossivel... por que não há a que responder. Discuto facilmente, mas com quem sabe: o que não posso é estar aqui repetindo o que devia já vir sabido das aulas do lyceu. A *Nação* que venha para a outra vez com alguma coisa melhor e mais seria, e levará resposta mais comprida.

Posto isso, passemos ao *Bem Publico*, que pelo menos escreve melhor. Entre parenthesis: é curioso vêr como, entre os jornalistas portuguezes, os que se dizem representantes das *legitimas tradições nacionaes* e do *legitimo espirito portuguez*, sejam exactamente os que escrevem em peior portuguez.

Toda a argumentação do *Bem Publico*, póde ser concentrada d'este modo: «o sr. A. de Quental dá como uma das causas da decadencia da peninsula o catholicismo: mas a peninsula foi catholica durante toda a edade media, epoca que o prelector considera

como gloriosa e fecunda: logo, o catholicismo, que engrandeceu a peninsula até o seculo 16.º, não podia do seculo 16.º em diante causar a decadencia d'ella senão por uma contradicção, extraordinaria até o ponto de ser milagrosa, ou pela introducção de algum elemento extranho ao principio christão, que lhe fizesse perder a virtude; ora, como o sr. Anthero não crê em milagres, e não apontou esse elemento extranho, essa *excrescencia*, segue-se que argumentou contra si mesmo».

Tudo isto é rigorosamente logico; mas os principios de que se parte é que são falsos: nas premissas do *Bem Publico* ha uma inexactidão e uma omissão. *Inexactidão:* eu não disse que fosse o catholicismo em geral a causa da nossa decadencia, *mas só o catholicismo do concilio de Trento*, que se distingue d'aquelle tanto como Belarmino, Lainez e os ultramontanos de hoje se distanceiam dos padres da egreja, dos theologos da edade media, de Gerson, por exemplo, de Clemengis ou de Eneas Silvio, grandes liberaes, muito christãos (e muito catholicos, se quizer) mas muito pouco romanos. *Omissão:* esse elemento extranho, essa *excrescencia,* não só não deixei de o apontar, como o *Bem Publico* affirma, mas até insisti n'elle longamente: foi a *politica ambiciosa, machiavelica e antichristã* da corte de Roma, dirigida então (e de então para cá) pela influencia dos jesuitas, em cujas mãos os papas fanaticos ou corruptos da segunda metade do seculo XVI, um Julio III, um Paulo IV, um Pio V, não passavam de instrumentos e agentes politicos. Ora, nenhuma d'estas minhas duas proposições fundamentaes póde o *Bem Publico* negar com provas. O concilio de Trento creou um catholicismo particular, di-

verso do catholicismo da edade media, e sobretudo diversissimo do christianismo primitivo.

Se o catholicismo estava definido e feito desde o primeiro dia, de que serviram então os concilios? Não tinham razão de ser. Se o concilio de Trento não alterou o catholicismo; se, ao fechar-se depois de 16 annos de trabalho, de lucta, de discussão, de intriga, o deixou no mesmo estado em que o tinha recebido; que significa então este sempiterno concilio? Que nome daremos aos cinco papas, aos centos de bispos, arcebispos, doutores, etc., que trabalharam 16 annos para nada fazerem? Se o concilio não introduziu materia nova, desusada, contraria á tradicção que quer então dizer a resistencia que lhe opposeram as nações? os Paizes Baixos, que se revoltam em 1566, quando a Hespanha tenta publicar alli os decretos de Trento? a França, onde as decisões do concilio nunca tiveram autoridade legal?

Não façamos tal injuria á côrte de Roma, que tem sido corrupta, mas sempre habil.

O concilio de Trento innovou, e innovou no peior sentido, no sentido do despotismo. Em primeiro lugar, introduziu um dogma novo, e o mais hostil á razão á dignidade humana e ao sentimento da justiça — o *peccado original*, a condemnação hereditaria da humanidade, com todas as suas consequencias funestas, a incapacidade do homem se salvar por seus merecimentos, mas só por *obra e graça* de Jesus Christo a annulação da liberdade, a sentença de eterna escravidão moral. O concilio de Trento lança mão d'esta arma envenenada, que lhe forneciam a tradição biblica e a theologia (ponto discutivel e opinativo, visto que ainda não fôra definido, e de que apenas se occupára um concilio

particular e insignificantissimo, o de Orange, no anno de 529, composto de 13 bispos gaulezes), e vira essa arma, arvorando um dogma novo, contra a sociedade e o pensamento modernos. Foi o trabalho da secção 5.ª Em segundo logar, insiste a catholica assemblea em pontos já estabelecidos; mas dando-lhes um desenvolvimento e uma applicação nova, conducentes ao fim despotico que se tinha em vista, o que, nos resultados, equivale a uma verdadeira innovação.

O dogma da *presença real,* por exemplo, fôra já definido, ainda que vagamente, no 4.º concilio de Latrão; foi até por essa occasião que Innocencio III inventou a palavra tão famosa quanto barbara, *transubstanciação.* Mas a assemblea de Trento, dominada por um espirito anti-christão e descaridoso de intransigencia com os protestantes, que não podiam admittir aquelle absurdo physico e metaphysico, e vendo n'elle um instrumento para a sujeição moral, pela idolatria e pelo desafio á rasão dos povos catholicos, insistiu largamente no dogma, deu-lhe um alcance e importancia que nunca tivera, e fulminou os 11 canones da sua sessão 93.ª, contra quem tentasse rebellar-se contra o inintelligivel arvorado em verdade suprema. É por isso que este dogma, considerado na sua importancia e nas suas consequencias, se pode dizer não ter existido *realmente* senão depois do concilio de Trento. Um principio pode existir n'uma instituição durante muito tempo, como que em estado latente: só no dia em que se lhe tirarem as consequencias e se applicarem largamente é que começa verdadeiramente a *ser.*

O mesmo se deve dizer da *confissão auricular.* A confissão existiu desde os primeiros dias do christianismo; nem precisava que alguem a instituisse, porque

é uma tendencia natural e irresistivel do coração humano, n'uma sociedade fraternal, o desabafar cada qual, no seio de seus irmãos pela mesma crença, as suas dores e os seus remorsos. Todos praticamos isto com os nossos amigos intimos, e foi o que praticaram os primeiros christãos. A confissão era livre; nos primeiros tres seculos, até as mulheres podiam confessar, assim como podiam dizer missa; qualquer *irmão*, independentemente do caracter sacerdotal, podia ouvir de confissão. Mais tarde estabelece-se a necessidade de se ser padre para se poder confessar. A confissão era facultativa. O mesmo canone 21 do concilio 4.º de Latrão, que cita o *Bem Publico*, apenas determina ser a confissão obrigatoria *para o caso da communhão pascal:* tudo o mais que estabelece refere-se á *capacidade e condições para bem confessar*, e não á *obrigação de se confessar* imposta aos fieis.

Já vê o *Bem Publico* que o concilio de Trento, impondo essa obrigação, não só amplia e explica, mas *innova* realmente.

Foi só na sessão 14.ª da assemblêa tridentina que se estabeleceu essa obrigação, expondo-se larga e terminantemente em quinze canones toda a materia, e no sentido mais hostil á liberdade, á dignidade e á rasão humanas.

Mas foi sobretudo na disciplina, e nas relações da egreja com o estado que o concilio produziu uma verdadeira revolução, assustando os governos, e provocando uma resistencia, que só a tenacidade manhosa do jesuitismo pode vencer no fim de muito trabalho.

Na sessão 5.ª tornam-se as ordens regulares independentes dos bispos, e quasi exclusivamente dependentes de Roma. Na sessão 6.ª o concilio, depresando

o direito de nomeação dos governos, dá ao papa o poder de nomear bispos para o lugar dos que não residem. Segundo o disposto na sessão 13.ª, só ao papa, pelos seus commissarios, compete julgar os bispos e os padres. Na sessão 25.ª determina-se que sejam executadas todas as constituições dos papas em favor dos ecclesiasticos, contra os direitos dos varios estados, aonde grande numero d'essas constituições nunca foram admittidas. Póde dizer-se que quasi não houve secção em que se não estabelecesse alguma cousa contraria á tradição recebida, e attentoria do poder e auctoridade civil: leiam-se as sessões 24.ª, 14.ª, 22.ª, 25.ª, 21.ª e 5.ª, que são outros tantos ataques aos direitos da sociedade civil. Finalmente, nas sessões 23.ª e 25.ª (que foi a ultima) triumpha o principio da superioridade do papa sobre os concilios; digna corôa d'aquella obra de despotismo moral e de theocracia!

Já por aqui pode o *Bem Publico* vêr, que não foi debalde que, durante 16 annos, trabalharam os seraphicos padres tridentinos. Tanto não perderam o seu tempo, que crearam uma época nova na historia christã — a época (diria eu, se gostasse da antithese) antichristã. Se o *Bem Publico* conhecesse essa historia como philosopho e não como crente, saberia que se divide naturalmente em tres grandes periodos. O primeiro que vae dos tempos fabulosos em que se fórma a lenda christã, até Constantino e ao concilio de Nicea; é o periodo christão por excellencia, por que então não se vivia ainda do dogma e da disciplina que não existiam, mas só do *sentimento e da fé*, sem que se fisesse sentir a falta de organisação e unidade de uma egreja que estava ainda por crear. A palavra *catholico* não apparece em parte alguma: a egreja está ahi aonde

alguns homens simples se juntam no amor e na fé em J. Christo. É o periodo da *democracia religiosa.* O segundo periodo vae d'ahi até o seculo XVI: apparecem as egrejas nacionaes, com as suas liberdades, os seus concilios particulares, a sua autonomia: mas ao mesmo tempo, o dogma define-se, complica-se a jerarchia, fixa-se a disciplina, e Roma, apoiada nas ordens momasticas, apparece com as suas pretensões, e o seu espirito politico e dominador.

D'esta lucta resulta um certo equilibrio de poderes, uma divisão de funcções, muito similhante ao que resulta do moderno systema da monarchia representativa. É, com effeito, o periodo do *constitucionalismo religioso.* O christianismo é já *catholico*, mas ainda não é *romano.* Essa ultima transformação foi o trabalho que coube ao concilio de Trento. Pelas citações, que acima ficam, se vê claramente qual o espirito que presidiu a esse trabalho.

Foi um espirito de concentração, de unidade absoluta, de despotismo. É o periodo do *absolutismo religioso.* Quem operou essa revolução? as nações catholicas? não porque isso implicaria a propria abdicação: Roma, e os bispos italianos, creaturas da curia romana, é que a operaram. Durante toda a edade média votava-se nos concilios por nações: no de Trento inaugura-se o voto por cabeças.

Todas as nações reunidas perfasiam apenas a conta de 60 votos, contra 187 italianos! Roma triumphava: a sua maioria compacta esmagou as nações, nas pessoas dos seus representantes!

Penso ter respondido sufficientemente ao argumento do *Bem Publico.* O *catholicismo constitucional* da edade média não impediu, antes ajudou, os progressos

da peninsula, porque era *liberal* e porque era *nacional*. O *catholicismo absoluto* de concilio de Trento causou a decadencia e a ruina da peninsula, porque era *despotico* e *estrangeiro*. Eis ahi o elemento estranho, a *excrescencia* perfidamente introduzida no christianismo, que o desvirtuou, que lhe deu outro caracter, e que se logrou animar por algum tempo a egreja com uma vida ficticia, foi só para a perder mais tarde irremediavelmente, a ella e quantos a seguiram cegamente.

Comprehenderá depois d'isto, o *Bem Publico* a differença que ha entre o christianismo primitivo, catholicismo da edade média, e catholicismo romano ou de Trento? Para quem tem estudado estas materias como *philosopho* (isto é, livremente e desapaixonadamente) e não como *crente* (isto é, com a cegueira da paixão) são aquellas tres divisões de toda a evidencia. O christianismo primitivo dá tudo ao sentimento e nada ao dogma e á disciplina: *é um sentimento;* nada mais. A edade média é o periodo da transição para o catholicismo de Trento, que dá tudo ao dogma e á disciplina, e nada ao sentimento: *é uma maquina*, nada mais. Ora se o sentimento, o *espirito*, está na rasão inversa do dogma, da *letra*, nada pode haver de menos catholico do que o puro christianismo, nada de menos christão do que o puro catholicismo. Por isso mantenho a minha distincção. Os protestantes, de todas as seitas, não só são christãos, porque vivem do espirito christão, mas são-n'o muito mais do que os catholicos, em quem esse espirito morreu. Se alguem deixou inteiramente de ser *christão*, é precisamente o papa e o sacro collegio, por isso mesmo que são inteiramente *catholicos*. O *Bem Publico* e a *Nação* (permitam-me dizel-o sem offensa) são tambem, quanto a mim, pessimos christãos.

Eu sou naturalista e, como tal, pouco affeiçoado aos deoses. Simpathiso porém com o que ha no sentimento christão de puro ideal, de humano, de eterno. N'este sentido, não tenho duvida em me dizer christão, apesar de não pertencer a egreja alguma... engano-me! exactamente por não pertencer a egreja alguma. É n'este sentido tambem que me considero melhor christão do que o papa, porque comprehendo e sinto melhor do elle o christianismo.

Emquanto á peninsula, direi simplesmente que quando deixar de ser catholica, então voltará outra vez a ser christã. Assim faço todos os votos por a conversão d'estes povos, incluindo o *Bem Publico* e a *Nação*. (1)

(1) Publicado no *Jornal do Commercio*, n.º 5.295, de 22 de Julho de 1871. Rodrigo Veloso editou em opúsculo (Barcelos, 1895) esta *Resposta*, antecedendo-a duma nota, na qual inseriu a seguinte passagem duma carta que Joaquim de Araújo lhe dirigiu: «Depois da minha edição dos *Sonetos* (1881) tentamos, Oliveira Martins e eu, reunir em volume os escriptos escolhidos de Anthero; elle redigiria um prologo autobiographico, explicando esses escriptos. — «Será o unico merecimento do livro» nos disse muitas vezes o grande poeta. Ao começarmos a faina de reunir os materiaes da edição nos recommendou Anthero o artigo *Resposta aos jornaes catholicos*, que eu não conhecia; foi Camillo Castello Branco, quem, muito tempo depois, e abandonada já por Anthero a ideia da edição, me deu a ler esse trecho de prosa, que me capitulou de uma das cousas mais bellas e mais *eloquentes*, que ainda lêra em lingua portuguesa. Foi publicado em o n.º 5295 do *Jornal do Commercio*, 18.º anno, quinta feira 22 de julho de 1871, e ao tempo reprodusido, em parte, na *Persuasão* de Ponta Delgada, pelo illustre jornalista e meu muito respeitavel amigo F. Maria Supico. O trecho trasladado na *Persuasão* sahiu tambem há dous annos na *Nova Alvorada*. Faço menção d'este luminoso repto de Anthero de Quental no meu *Ensaio de Bibliographia Antheriana*, sob o n.º 33 e ainda na sub-secção *Escriptos dispersos*». *(Nota do editor.)*

REQUERIMENTO

Ex.mo Senhor Procurador Geral da Coroa. — Por portaria de 26 de Junho do corrente ano de 1871, mandou o Governo de Sua Magestade fechar a sala das Conferencias Democraticas, no Largo da Abegoaria, porque, segundo a dita portaria, «ali se havia feito uma serie de prelecções, em que se expôs e procurou sustentar doutrinas que atacam a religião e as instituições do Estado, factos estes que ofendem clara e directamente as leis do reino e o codigo fundamental da monarquia». Essas conferencias estavam legalmente autorizadas, tendo-se os abaixo assignados comprometido perante o magistrado competente a responder pelo uso ou abuso, que eles, ou qualquer outro prelector, ali fizessem da palavra. No dizer da Portaria, houve não só abuso, mas abuso criminoso, do direito da palavra, e foi esta a opinião de V. Ex.ª, que, segundo a portaria, foi consultado a este respeito. Não consta, porém, que tribunal algum decidisse da realidade do delito, nem que os responsaveis fossem, como era legal, processados pelos aludidos abusos. O crime continuava, pois, em despeito da Portaria, a ser hipotetico, e neste sentimento continuavam os abaixo assinados a esperar durante oito dias que a autoridade competente procedesse contra eles, como era do seu dever, já que o não tinha feito antes da Portaria, como

ainda mais era de seu dever. Este silencio da autoridade priva evidentemente os abaixo assinados dum direito sagrado, qual é o de se justificarem publicamente perante os tribunais e o país do crime que lhes imputa o poder executivo. Se esse silencio quere significar da parte da autoridade uma intenção de indulgencia, que além de ilegal é descabida, os abaixo assinados protestam solenemente contra tal suposta indulgencia, que só serve para mais seguramente os representar como delinquentes. Se significa um esquecimento da justiça, não querem eles ser tambem coniventes nesse descuido. Os abaixo assinados teem direito de se justificarem perante os tribunais, num processo publico e legal, duma imputação, que os faz passar aos olhos do país por homens convictos dum delito grave, e os aponta, como discolos, á indignação publica: nenhuma autoridade lhes pode recusar tal direito. Se delinquiram, querem ser condenados pelo juiz competente, e não por uma informação feita na sombra, e pela decisão individual dum homem, a quem lei alguma dá poder para tanto. Pedem por isso a V. Ex.ª, em nome do bom direito que lhes assiste, queira V. Ex.ª dar as suas ordens para que imediatamente se lhes instaure processo pelos supostos abusos da palavra, cometidos nas Conferencias Democraticas, de que eles, desde o principio, se constituiram responsaveis. Esperam Receber Mercê. Lisboa, 4 de Julho de 1871. — (aa.) *Anthero de Quental — Jayme Batalha Reis* (1).

(1) Publicado pelo sr. Jaime Batalha Reis no periódico *Diario de Noticias*, n.º 19.897, de 6 de Junho de 1921. *(Nota do editor.)*

O QUE É A INTERNACIONAL

A Internacional!

Palavra terrivel, dizem uns: palavra sublime, respondem outros. Quem terá razão?

A Internacional é hoje o campeão do movimento socialista. Antes, pois, de explicarmos quaes sejam as idéas e a organisação d'esta famosa Associação, convém dizermos duas palavras sobre o Socialismo, cuja bandeira ella ergue com mão robusta no meio das nações.

O SOCIALISMO CONTEMPORANEO

O que é o Socialismo?

Será um parto monstruoso, filho das paixões, da inveja, do espirito de anarchia? Será uma doutrina extravagante, sem raizes na natureza humana, sem precedentes na historia dos povos?

Não! O socialismo, tão antigo como a injustiça e a oppressão do pobre pelo rico, do desvalido pelo poderoso, não é mais do que o protesto dos que soffrem, contra a organisação viciosa que os faz soffrer. É a reclamação da justiça e da igualdade nas relações dos homens; dos homens que a natureza criou livres e iguaes, e de que a organisação social fez como que duas raças inimigas, uma que manda, goza e opprime,

outra que obedece, trabalha e soffre: d'um lado, senhores, aristocratas, capitalistas: do outro, escravos, servos, proletarios!

No dia em que esta desigualdade monstruosa e impia appareceu no mundo, appareceu tambem logo a protestar contra ella, o Socialismo.

O Socialismo não é d'hoje nem d'hontem. Todos os grandes pensadores, desde Pythagoras, e Platão, e Christo, e os Grachos, e os santos da primitiva egreja, e os fundadores das ordens monasticas, todos reclamaram contra a miseria e a desigualdade, em nome do direito natural e inalienavel que todo o homem tem á vida, ao bem estar, aos meios de desenvolver a sua actividade, trabalhando, á familia e á instrucção. A todos elles fez o espectaculo da injustiça social soltar palavras de amargura e indignação.

Este movimento socialista renasce com mais força do que nunca no seculo XIX. Porque?

Porque o seculo XIX é o seculo das grandes revindicações. Porque n'este seculo scientifico e positivo o povo proletario, depois de illudido durante centenares de annos por falsas promessas de melhoramento, que nunca se realisavam, da parte dos reis, dos sacerdotes e dos poderosos, convenceu-se finalmente que não era d'essas classes interessadas na sua miseria que devia esperar o livramento, mas só de si, do seu esforço, da sua virtude e da sua união! O povo teve consciencia do seu direito ultrajado, do seu trabalho menospresado, sentio uma voz intima dizer-lhe que tambem os filhos do povo eram homens, e como taes deviam levantar as cabeças, e conquistar para si na sociedade o logar que compete a homens livres e dignos!

Meditou então, e perguntou: porque soffre o povo?

porque é que aquelles de cujas mãos sae todo o trabalho, toda a producção, toda a riqueza, todas as condições primarias do progresso e da illustração, vivem na miseria, na ignorancia, na abjecção? porque é que a ociosidade que nada produz, tem a melhor parte do sol e da luz das sociedades, emquanto que a actividade, que tudo fecunda, vegeta n'uma obscuridade humida e doentia? qual é a causa d'esta impia desigualdade?

E a voz da Justiça, d'accordo com a voz da Sciencia, respondeu: porque a sociedade está constituida sobre uma base injusta, que em vez de servir para o melhoramento das condições de todos, serve só para o engrandecimento de alguns poucos, á custa do maior numero. O principio falso do egoismo preside por toda a parte ás relações sociaes dos homens, em vez do santo principio da fraternidade; e o mundo, em vez de nos apresentar o espectaculo consolador d'uma só familia humana, uma familia de irmãos, apresenta-nos o quadro cruel d'um vasto e confuso campo de batalha, onde cada homem é um combatente que só procura engrandecer-se com os despojos d'aquelles que devia considerar como seus irmãos!

Ha, effectivamente, um grande combate travado: ha dois exercitos e duas bandeiras inimigas: d'um lado o Trabalho, do outro o Capital: d'um lado aqueles que, trabalhando, produzem: do outro lado aquelles que, sem esforço, e só porque monopolisaram os instrumentos do trabalho, terras, fabricas, dinheiro, vivem da pesada contribuição que impoem a quem, para produzir e viver, precisa d'aquelles instrumentos, d'aquelle capital.

O Capitalista diz ao Trabalhador: se queres produzir, se queres viver, se queres existir, aceita sub-

misso as minhas condições, recebe a minha lei, sê o meu criado e o meu servo: eu apreciarei o teu trabalho, darei por elle o que entender e quizer, serei o teu director, o teu amo, o teu tyranno, e só assim terás tu direito a existir! Se essas condições te parecerem duras, crueis, inadmissiveis, deixo-te n'esse caso a liberdade de morrer de fome, a liberdade da inanição!

É isto justo? é isto humano? Não, mil vezes não: e todavia é esta a cruel realidade! A *concorrencia* e o *salario* põem o trabalho á mercê do capital: e este, sentindo-se forte, extrae do trabalhador tudo quanto elle produz, deixando-lhe apenas o sufficiente para não morrer, isto é, para poder continuar a trabalhar!

Pois bem! o sentimento inato da Justiça diz ao povo que isto *não pode ser:* e a Sciencia Economica demonstra-lhe que isto *não deve ser*.

É n'esta affirmação da Consciencia e n'esta demonstração da Sciencia, que consiste o Socialismo contemporaneo.

Não pode ser, affirma a Consciencia: porque quem trabalha deve receber o producto integro, total do seu trabalho, que é seu e lhe pertence até á ultima parcella, porque foi *produzido exclusivamente* pelo seu esforço, pela sua actividade; deve receber todo esse producto, e não só uma parte desfalcada, minguada, reduzida miseravelmente. Se o não recebe, ha um roubo: esse roubo não será voluntario, intencional; mas nem por isso deixa de existir, e de ser roubo. O salario não é mais do que uma maneira legal e *civilisada* do Capital pôr uma faca aos peitos do Trabalho.

Não deve ser, demonstra a Sciencia: porque, no phenomeno da producção da riqueza, o capital e o

Trabalho não são dois factores iguaes, não concorrem igualmente, não podem, pois, ter direitos iguaes. Se trabalho e capital concorrem ambos para a producção, n'uma collaboração harmonica, devem ser ambos retribuidos: mas se o valor, a riqueza é apenas o producto d'um d'elles, só esse tem direito a ser retribuido; o outro é intruso e parasita. Pois bem: a Sciencia economica, reformada e rectificada por aquelle grande pensador popular, aquelle propheta do proletariado, Proudhon, demonstra-nos que só o trabalho produz, só elle tem valor, só elle direito a retribuição. O capital, por si, é esteril: a terra, as machinas, o dinheiro, por si, nada produzem: só o trabalho, lançando mão d'esses instrumentos, lhes dá valor, poder, vida, fecundidade. Sem capital, o trabalho pode ainda produzir: mas sem trabalho, que o vivifique, o que é o capital mais do que uma materia inerte, esteril, morte? A riqueza é o trabalho transformado em producto, isto é, o trabalho sob outra fórma: o capital não é mais do que uma condição, um instrumento d'essa producção. Omnipotente, posto em actividade pelo esforço do trabalhador, sem esse esforço é como se não existisse. É como o vento, se não existisse a vela, como a sciencia se não houvesse o pensamento — inuteis, estereis.

Eis ahi, pois, o que a Consciencia affirma e o que demonstra a Sciencia. Mas a Sociedade pratíca exactamente o contrario: logo a sociedade está organisada contra a consciencia e contra a sciencia, isto é, contra todas as leis da natureza: é uma monstruosidade.

O que vemos, com effeito? Vemos a legião avida e parasita dos capitalistas, tendo monopolisado os instrumentos do trabalho e o credito, dictarem as leis ao trabalho, imporem-lhe um jugo despotico, calcarem

aos pés os direitos sagrados do trabalhador, e sugarem da produção, filha exclusiva do trabalho, a melhor e a maior parte. O capital é o rei do mundo: é mais: é um deus, o deus d'esta sociedade corrupta e injusta, mas um deus feito á imagem d'ella, como ella corruptor, injusto e tyrannico! O resto, o que fica depois d'esse roubo legal e organisado, é o que se atira, quasi como uma esmola, ao trabalhador, com o nome odioso de *salario!* O salario, resumindo em si todas as injustiças, todas os oppressões, todas as miserias da sociedade actual, será de futuro o grande acto de accusação e corpo de delicto contra essa sociedade — e já hoje o começa a ser no tribunal da consciencia popular!

É assim que a classe trabalhadora, despojada da maior parte do producto da sua actividade, e condemmnada a uma menoridade perpetua, não tem podido elevar-se pelo pensamento, pela instrucção, pela consciencia civica e particular, até aquella altura a que todo o homem que trabalha tem um duplo direito, já como homem, já como pertencendo á classe dos unicos productores de toda a riqueza e de todo o bem estar! Crime de horrivel fratricidio social, perpetrado por uma classe contra outra, já ha muitos seculos symbolisado no mytho de Abel e Caim!

Mas depois d'esses seculos de oppressão e trevas, começa hoje a raiar uma grande luz! A essa luz nova começam por toda a parte a abrir-se os olhos do povo proletario — e na Europa, na America, do seio de todas as nações sae um grito formidavel e unanime: Justiça! a cada um o producto integro do seu trabalho! abaixo a tyrannia do capital! abaixo a exploração do homem pelo homem!

Esse grito, symbolo do pensamento novo, do pensamento popular, é o Socialismo contemporaneo. É a applicação d'este principio de eterna justiça: *dar a cada um o que é seu.* Essa applicação é a gloria do povo moderno, e a grande, a suprema obra do seculo XIX: emancipar o trabalho, apagar por uma vez da face da terra a odiosa divisão de classes, fundindo-as todas n'uma só de trabalhadores livres e iguaes, não ricos e pobres, senhores e servos, governantes e governados, capitalistas e operarios, mas todos *homens*, debaixo do mesmo ceu, e em face do mesmo trabalho justo e digno!

Eis a sublime concepção popular do nosso tempo, elaborada para o povo e pelo povo: sim, pelo povo, representado pelos pensadores saidos do seu seio, inspirados do seu sentimento, solidarios nos seus soffrimentos e miserias!

D'este novo dogma social, a Internacional, creação essencialmente popular, é ao mesmo tempo o legislador, o soldado e o sacerdote. Vejamos pois as suas doutrinas e os seus actos.

O PROGRAMMA DA INTERNACIONAL

Toda a doutrina da Internacional, e a sua originalidade, póde dizer-se que está contida n'uma definição nova da propriedade — n'uma rigorosa e fundamental distinção entre a *propriedade individual*, sobre a qual o individuo tem um direito extenso e absoluto de usar e dispor, e a *propriedade collectiva*, que é o patrimonio da humanidade, da qual o individuo, por isso mesmo que faz parte da humanidade, tem direito de *usar*, mas de que, por isso mesmo que não é mais

do que uma parcella da humanidade, não tem direito de *dispor*.

Esta distincção fundamental foi em todos os tempos reconhecida por todas as sociedades. O ar, os mares, os rios, os terrenos inexplorados, foram sempre considerados patrimonio de todos, e propriedade de ninguem. Mas o Capital, por isso que representa uma accumulação de esforços anteriores e é, por assim dizer o *trabalho armazenado*, entendeu-se sempre que não devia ser considerado senão propriedade individual. É n'este ponto que está a originalidade audaciosa da Internacional.

Certamente, dizem os publicistas do Socialismo, quem possue um capital, accumulação do trabalho anterior, tem direito a elle. Mas se esse capital, que, por um lado, é indispensavel á producção, visto que é o *instrumento* do trabalho, por outro lado não cria realmente, não *produz*, mas sómente torna *possivel* a producção, não será a sua monopolisação nas mãos de individuos uma injustiça flagrante, impondo-se o capital ao trabalho, ao verdadeiro productor, dictando-lhe leis, e tendo-o na sua dependencia? Além disso o regimen actual do capital monopolisado estabelece uma contradicção, de que não é possivel sair-se. Se, de accordo com a sciencia, que demonstra que o capital, não produzindo, não tem direito a ser retribuido, se estabelecesse, como uma lei industrial positiva, a gratuidade dos capitaes, estes deixavam para logo de se formar e accumular, e a producção, falta de instrumentos, estagnava-se e tendia a desapparecer. Se, para não cair n'esta consequencia, se aceita a pratica actual da remuneração ao capital, este accumula-se rapidamente nas mãos de alguns, constitue um mono-

polio oppressor, absorve a maxima parte do producto que pertence ao trabalho, vota as classes trabalhadoras á miseria e á eterna dependencia do salario e da concorrencia, e a sociedade fica tendo por base a espoliação e uma insanavel injustiça!

Entretanto, é por este segundo partido que tem optado as nações modernas, talvez mais ainda por incapacidade de resolverem o formidavel problema, do que por corrupção e endurecimento no mal. Mas este estado de coisas lança uma perturbação profunda em todas as relações sociaes dos homens, determina a hostilidade de classes, e é no fundo a origem de todas as revoluções e da instabilidade dos governos e das nações. Não póde haver paz com a espoliação arvorada em principio e razão de Estado!

É este terrivel dilema, que tantas vezes tem ameaçado com a morte as civilisações mais prosperas (pelo menos na aparencia) que a Internacional, reduzindo a uma synthese os trabalhos e doutrinas das escolas socialistas do nosso seculo, veio dar uma resolução cabal e definitiva.

Se o capital, diz ella (1), é indispensavel para a producção, e, por outro lado, a sua monopolisação nas mãos de individuos é, alem d'uma iniquidade, origem de universaes perturbações no regimen industrial e nas relações sociaes, estabeleça-se um systema, que, ao mesmo tempo que garanta a cada qual o pleno direito da propriedade individual, filha do seu trabalho, arranque todos os capitaes activos — isto é, os instrumentos do trabalho — ao monopolio dos individuos, e

(1) Toda esta exposição é um resumo das discussões e resoluções dos congressos da Internacional, em Genebra (1866), Lausane (1867), Bruxellas (1868), e Basilea (1869).

faça d'elles o que devem ser, patrimonio da humanidade, ao dispor de todos os trabalhadores.

Que o producto *integro* da actividade de cada individuo lhe pertença plenamente; isto é o direito individual: que o instrumento d'essa actividade e producção seja gratuito, e que, para poder *gratuitamente* estar ao dispor de cada qual, não pertença a ninguem particularmente, isto é, pertença a todos e seja patrimonio da collectividade; isto é a justiça social. Que todos trabalhem livremente, e que ninguem tenha poder de impor condições e de levantar tributo sobre o trabalho alheio, tal é a base da nova concepção da economia das sociedades, firmada na distincção fundamental entre a propriedade individual e a propriedade collectiva.

D'aqui o nome de *collectivismo* dado á doutrina. Não é o communismo, porque admitte e garante a propriedade individual, a liberdade do trabalho, e o debate no preço dos productos. Não é tambem o individualismo estreito e egoista, que, em nome da liberdade industrial, serve de mascara á profunda anarchia e injustiça do regimen actual. É simplesmente o direito economico na sua realidade: o direito do individuo garantido pelo direito de sociedade. A cada um o que é seu.

Qual a realisação pratica d'estes principios? A associação universal de todos os trabalhadores, constituindo corporações livres, possuidores dos instrumentos do trabalho, postos assim gratuitamente ao dispor de todos os seus membros, e realisando d'este modo a fusão harmonica dos dois elementos rivaes — trabalho e capital — reunidos n'um só, a unidade do trabalho livre e senhor dos seus instrumentos. Esses instrumentos são todas as grandes forças, naturaes ou arti-

ficiaes, que, como materia prima, como condição, ou como meio da producção, são indispensaveis ao trabalho: a terra, o sub-solo, as florestas, as machinas, os navios, os edificios. Sem isto não ha producção, e é isto que, para ser gratuito, deve entrar na propriedade collectiva.

Com estes instrumentos, postos livremente ao seu dispor, a actividade de cada individuo cria, trabalhando, a *sua propriedade*, a propriedade individual, sobre a qual o seu direito é pleno, absoluto. Dentro da associação o individuo move-se livremente, dispõe de si, contrata, debate preços, entra, sae, usa do capital da associação para o sêu trabalho, e tudo quanto por esse trabalho cria lhe pertence: só esse capital lhe não pertence individualmente: *usa*, não *dispõe:* é de todos que trabalham, de todos que queiram trabalhar: é *collectivo*. A collectividade é uma pessoa: representa a humanidade laboriosa.

Mas estas collectividades não existem isoladas: ligam-se entre si as associações, entendem-se fraternalmente, fazem-se mutuamente credito, estabelecem um systema universal de bancos de circulação e troca, e permutando assim directamente os productos, supprimem os intermedios (que só vivem da falta de accordo entre os productores e os consumidores, e augmentam de 20, de 50, de 100 por cento o preço dos objectos), acabam para sempre com a especulação, o commercio, a agiotagem, realisando d'este modo o *desideratum* da sciencia economica em materia de trocas — a venda a *preço de custo*. Este *desideratum*, de que a sociedade actual, apesar dos seus progressos, se afasta cada vez mais, é o que realisa natural e quasi fatalmente o Collectivismo, por meio da solidariedade entre todas as

associações, que são ao mesmo tempo productoras e consumidoras. É a este vasto systema de credito mutuo e gratuito que se chama a *Federação agricola-industrial.* É n'ella que está o futuro economico do mundo, e, por elle, o seu futuro politico, intellectual e moral.

A esta immensa consequencia do principio collectivista, junta-se uma outra, de não menor alcance para a realisação da Justiça social: é a extincção definitiva da desigualdade economica (e, como corolario, da desigualdade politica e moral), representada pelo regimen das *classes.* Classes *altas* e classes *baixas*, classe proprietaria e classe trabalhadora, o que é isto senão a persistencia das antigas tyrannias, dos antigos privilegios, das *castas*, do *patriciado*, da *aristocracia*, uma fórma, emfim, das oppressões e injustiças das idades ignorantes e barbaras? Todas estas raizes podres do velho mundo, arranca-as o socialismo, com mão forte, da superficie do mundo novo! Perante uma organisação social, racional e equitativa, não póde haver privilegios legaes: não ha outra desigualdade senão aquella que determina a differença da actividade, de energia, de vontade, isto é, de virtude. Como ninguem poderá viver do monopolio dos capitaes, terão todos que trabalhar; e como o capital será gratuito e universal, serão iguaes para todos as condições do trabalho. Não haverá senão uma classe: a dos productores livres e solidarios: iguaes perante a lei e a organisação social, desiguaes sómente no grau de esforço e persistencia que dedicarem ao trabalho.

Eis, esboçado a largos traços, o programma do Collectivismo. Será uma utopia? É, pelo contrario, a applicação directa das leis naturaes do mundo econo-

mico, e das leis da natureza. Será uma doutrina de odio, de guerra, de anarchia? Que o julgue a consciencia recta dos homens de bem! Fazer reinar a Justiça na esphera dos interesses, e, por esse meio, nivelar as classes, levantar os opprimidos, supprimir a miseria, chamar as multidões á vida da intelligencia, da dignidade, do bem estar e da moralidade, realisando em todos os seres humanos o que até hoje mal se tem realisado em raros priviligeados — uma *personalidade humana* — é esta uma obra que será amaldiçoada por quantos vívem e prosperam á custa das injustiças sem numero de um mundo condemnado, mas que todos os homens de coração limpo, no fundo da sua consciencia, acharão meritoria e santa... sim! a mais santa de quantas revoluções se teem emprehendido no mundo!

ORGANISAÇÃO DA INTERNACIONAL

Esta grande renovação social, para se realisar, seguirá o exemplo das revoluções politicas (tão frequentes, e quasi sempre tão estereis n'este seculo), apoderando-se, por meio de uma revolução, do Estado e dos poderes constituidos, e decretando d'ali, n'um só dia, a refundição das instituições e dos costumes? Não: não é revolucionariamente, e d'uma hora para a outra, que uma tão vasta transformação, que abrange todas as relações dos homens em sociedade, se póde effeituar, mas sim evolutivamente, por meio de successivas transformações, por uma lenta preparação, que eduque os homens para uma nova ordem de coisas, e torne possivel, sem se passar pelo chaos, o novo genesis social.

Preparar, desenvolver, ajudar este vasto movimento, tal é o fim da Internacional, e é em conformidade com este plano pacifico e methodico que está organisada.

E, antes de tudo, a Internacional comprehendeu uma coisa essencial: que a causa do povo não póde ser commettida a representantes officiosos, mas deve ser revindicada pelo mesmo povo, e pelo povo todo: que é por mãos de trabalhadores, e não por outras, que deve ser hasteada a bandeira da emancipação do trabalho. Grande pensamento, sem o qual os maiores esforços seriam baldados! O povo proletario, a quem directamente interessa a grande renovação, só será digno de gosar dos resultados d'ella quando, por sua união, dedicação e virtude, a tiver tornado possivel. Em quanto esperar por salvadores e Messias, que lhe caiam do ceu, continuará na miseria — e será, até certo ponto, merecedor d'ella.

Esta altissima idéa da dignidade do proletario comprehendeu-a a Internacional, e por isso lavrou os seguintes *considerandos* na primeira pagina dos seus Estatutos:

« Considerando:

Que a emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos proprios trabalhadores, e que os seus esforços para conquistar a emancipação não devem tender a alcançar novos privilegios, mas sim a estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres;

Que a submissão do trabalho ao capital é a fonte de toda a servidão politica, material e moral;

Que, por isso, a emancipação economica dos trabalhadores é o grande principio a que se deve subordinar todo o movimento politico;

Que, se todos os esforços, até hoje empregados, tem sido baldados, é por falta de solidariedade entre os obreiros das diversas profissões em cada paiz, e de uma união fraternal entre os obreiros de todas as nações;

Por estas rasões,

O Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, celebrado em Genebra em 1866, declara que esta Associação, bem como todas as sociedades e individuos que a ella adherirem, reconhecerão que deve ser a base da sua conducta para com todos os homens, a Verdade, a Justiça e a Moral, sem distincção de côr, crença, ou nacionalidade:

O Congresso considera como um dever reclamar os direitos do homem e do cidadão, não sómente para os membros da Associação, como para todos quantos cumpram com os seus deveres. *Não mais direitos sem deveres, não mais deveres sem direitos.*

É por isso que, com o nome de Associação Internacional dos Trabalhadores se funda uma associação, para estabelecer um ponto central de communicação e de cooperação entre os operarios dos diversos paizes, que aspirem ao mesmo fim, isto é, ao auxilio mutuo, ao progresso e á completa emancipação da classe trabalhadora.»

Assim pois, é o povo quem d'esta vez se encarrega da obra da propria emancipação, e d'esta vez podemos dizer que o triumpho será seguro.

Para o alcançar o que é necessario? Organisar os trabalhadores do mundo todo, fazendo-os caminhar como um exercito unico e compacto á conquista dos seus direitos. Mas essa organisação deve ao mesmo tempo ser tal que, servindo de disciplina que una,

seja juntamente uma escola que eduque, e um centro que prepare os elementos da ordem social futura.

A todas estas condições satisfaz a organisação da Internacional.

1.º Reune n'uma Secção todos os trabalhadores do mesmo officio em cada localidade.

2.º Reune todas as Secções do mesmo officio n'uma Federação universal, que abrange todas as localidades e todas as nações.

3.º Reune todas as Secções dos varios officios de cada localidade n'uma Federação local.

4.º Reune todas as Federações locaes n'uma Federação regional, em cada nação.

5.º Finalmente, reune todas as Secções e Federações de todos os povos, na vasta alliança fraternal da Associação Internacional, que assim fica sendo o unico e universal representante da classe trabalhadora em todo o mundo.

Cada uma d'estas Secções e Federações é livre e senhora das suas determinações, dentro dos Estatutos e Regulamentos da associação: com tanto que os respeite, no mais governa-se cada um independentemente, administra os seus fundos, delibera segundo os seus interesses e as suas aspirações.

Não ha auctoridade, nem chefes occultos, nem ordens mysteriosas; tudo se faz á luz do dia, pela maioria dos suffragios e com o concurso de todos. É já um modelo da liberdade e igualdade da futura republica democratica social. Nas Federações, as Secções pactuam, combinam-se, contratam: nenhuma manda: e a Associação em si não é mais do que o pacto federal de todas as Secções e de todos os membros. O prin-

cipio auctoritario e centralisador do velho mundo desappareceu inteiramente!

Assim pois, as Federações combinam os esforços collectivos: as secções trabalham.

Qual é esse trabalho?

É o mesmo que perguntar quaes sãos os fins d'esta organisação, e implicitamente os da Internacional.

Esses fins são:

1.º Educar socialmente as classes trabalhadoras. Não nos referimos aqui á famosa *educação popular*, tão apregoada pelos philantropos da classe burgueza, que se reduz a uma instrucção incompleta e banal, incapaz de servir ao homem do povo para a comprehensão e pratica dos seus verdadeiros interesses, e boa sómente para o estragar com pretensões litterarias, deslocadas e nocivas. Dizemos intencionalmente *educar socialmente*, por que nos referimos a uma educação pratica, effectiva, e verdadeiramente democratica, em que os trabalhadores, pelo estudo e pela gerencia dos seus proprios interesses, pela revindicação dos seus proprios direitos, adquiram a consciencia da sua posição, formulem as suas aspirações, e versando-se na administração dos seus proprios negocios, relacionando-os com todas as espheras da economia social, se tornem capazes de viver d'uma vida propria, com uma idéa sua, independentes da protecção e do patronato em que até hoje tem vegetado, como servos, não como homens. Effectivamente, o que explica, e até certo ponto justifica, a exploração e dominio das classes capitalistas, é a incapacidade administrativa das plebes, a impotencia em que teem sempre estado para se organisarem, viverem sobre si, como um organismo que encontra nos seus recursos pro-

prios quanto precisa para existir e desenvolver-se. É isto o que o organisação da Internacional, unindo os homens do trabalho, primeiro pelas afinidades naturaes dos seus interesses (em Secções e Federações de cada officio) e depois pelo laço universal da idéa do trabalho (Federação de todos os officios) vem realisar. Esta é que é a unica educação popular — a educação social — porque só esta é pratica, organica e emancipadora.

2.º Transformar gradualmente as condições economicas da classe trabalhadora. A passagem do regimen actual do capital monopolisado, para o regimen do capital collectivo, ou do socialismo, não se póde effectuar, como já dissémos, revolucionariamente, d'um dia para o outro, e sem transição.

A sociedade é um organismo, e os organismos transformam-se, não se revolucionam. É pois necessario preparar essa preparação; e é isso exactamente o que tem em vista a Internacional. A questão está toda em levantar e melhorar cada vez mais as condições do trabalho, e cortar os privilegios do capital, enfraquecel-o, bloqueal-o, tornal-o dia a dia mais dependente e precario, até que se renda e desapareça: n'uma palavra, transferir a força economica, que reside nas mãos dos capitalistas, para as mãos dos trabalhadores. Isto alcança-se por meio da *resistencia*, com a arma legal e franca da *greve*, conquistando ora o augmento do salario, ora a diminuição das horas de trabalho, ora garantias para a dignidade e liberdade do operario dentro da fabrica. Alcança-se ainda por meio da associação *cooperativa*, sobre tudo a de consumo, que liberta o consumidor do jugo da especulação (outra fórma da tyrannia do capital) aproxima-o do produ-

ctor, e tende a nivelar o preço de venda dos objectos com o preço de custo ou de producção. Mas isto não se póde realisar senão por meio da organisação dos trabalhadores em Secções e Federações de Officio. Sem Secções de officio não ha resistencia possivel: sem Federação, a greve é um esforço vão: o capital, combatido por uma Secção n'uma localidade, póde ir buscar a outra localidade, a outro paiz até, onde os trabalhadores não estejam organisados, forças para oppor e esmagar a resistencia. É pois necessario que todos os operarios de cada officio não formem no mundo todo mais do que um corpo de exercito, disciplinado, unido — um por todos, todos por um. — Mas, á medida que as condições e bem estar dos trabalhadores se levantam á custa do capital, vão-se tornando possiveis reformas e instituições parciaes, que preparam a emancipação definitiva. Taes são: o resgate dos instrumentos do trabalho, a supressão do patronato, a organisação do credito e da troca, o estabelecimento de officinas cooperativas solidarias, e de basares de venda a preço de custo, etc. D'este modo, tendo-se gradualmente substituido a federação dos individuos, dos grupos, das industrias, ao conflicto anarchico de interesses egoistas, que nos apresenta a sociedade actual, a evolução definitiva poderá realisar-se placidamente e sem abalo, pela entrada de todos os capitaes no seio das Associações — de tal sorte que as Secções e Federações da Internacional, recebendo uma sancção legal, e passando a fazer parte da constituição economica da sociedade, ficam naturalmente sendo a base e a fórma organica d'essa sociedade renovada. Neste ponto de vista, a Internacional pode dizer-se que é um edificio que se forma subterraneamente, que se

alteia, e cresce, tornando cada vez mais delgada e fraca a camada superficial de terra que o encobre, até que um dia, pelo só effeito natural do seu crescimento, rompa essa capa e apareça inteiro, feito, estavel e unico.

3.º A solidariedade, o credito e a justiça universaes. Será este o resultado do vasto trabalho, que deixámos indicado. É, (permitta-se a expressão), o *fim final* da Associação Internacional. Todo o socialismo está nisto. Garantir todos os direitos, creditar todas as actividades, nivelar, não todos os individuos, mas as condições de desenvolvimento de todos os individuos, de sorte que a desigualdade não resulte de factos exteriores, e fortuitos, mas só da differença de energia, aplicação e virtude entre pessoas a quem a sociedade reparte com mão justa a mesma educação e os mesmos meios, tal é o ultimo e supremo trabalho da Internacional! supremo e ultimo, com effeito, porque, no dia em que isso se tiver realisado, terá ella desaparecido tambem, como Associação, como representante d'uma classe, para se sumir, para se deixar absorver na grande federação universal do trabalho, sociedade sem fronteiras, sem distincções de classes, sem luta de interesses, onde não haverá já logar para uma instituição de combate, porque o motivo da luta terá tambem deixado de existir. A Internacional terá então desaparecido, não como vencida, mas, pelo contrario, absorvida (por assim dizer) pelo seu mesmo triumpho! Será, se quizerem, uma transmigração, um metempsycose: a alma da Internacional, o seu pensamento, passará d'ella para a nova sociedade, encarnado n'um ser mais perfeito, mais harmonico, mais bello — mas que a fará lembrar pela

semelhança das feições, da indole, das formas. A associação do socialismo transitorio de combate terá dado logar á sociedade do socialismo pacifico definitivo! (1)

CONCLUSÃO

E agora, para concluir, duas palavras sobre as relações do Socialismo e da Internacional com a sociedade contemporanea. A Associação Internacional, e com ella o Socialismo, são acusados pelos conservadores de todo o mundo (isto é, pelos especuladores de todo o mundo) como imoraes, dissolventes, peste e gangrena da civilisação. Isto diz-se nos parlamentos francez, hespanhol e italiano, e imprimem-no os jornaes conservadores (isto é, especuladores) d'essas nações. Depois do que levamos dito, será fazer injuria á intelligencia e ao senso moral do leitor tentar rebater calumnias, que a mesma coisa é serem expostas e ficarem logo destruidas. Se o Socialismo e a Internacional representam o pensamento e a acção das classes populares, e se esse pensamento e essa acção não passassem de imoralidade e revolta, teriamos de confessar que o povo trabalhador (isto é, a maioria da humanidade) estava corrupto e perdido, a ponto de não ter em si mais do que inspirações de odio e

(1) Este capitulo é feito sobre os seguintes «documentos officiaes»: *Rapport sur le 4.ème Congrès de l'Association Internationale des Travailleurs,* tenu à Bale, en 1869, par G. Molin, délégué du cercle des Prolétaires positivistes. *Regulamentos Tipcos, aprobados por el Primer Congresso Obrero de la Region Española de la Associacion Internacional de Trabajadores.* Barcelona, 1870. *Statuti-Regulamenti della Societa Internazionale,* Milano, 1871. *La Solidariedad,* organo de la Asociacion Internacional, em Madrid, 1870-1871.

anarchia! E este é, com effeito, o intimo pensamento das classes conservadoras: as suas acusações contra o Socialismo e a Internacional resolvem-se n'um insulto ao povo, e no despreso pela razão e pela moralidade da maioria dos homens! O povo que lhes agradeça — e que os conheça.

Mas nós, trabalhadores, que assistimos, espectadores enojados, á comedia tristissima dos governos da burguezia, que sabemos a somma de baixesa, de intriga, de vilania e de corrupção que representam um parlamento, um ministerio e um jornal subsidiado, deixemos que passe por nós, na sua dança macabra, toda essa *córte dos milagres*, que nem ao menos como a outra, tem a franqueza do cynismo, e não nos indignemos com as vaias dos histriões officiaes ou officiosos, que, em verdade, não o merecem.

A nossa preocupação é outra, e superior á colera, á indignação, ao desprezo até, deve ser a nossa attitude. Obreiros materiaes do presente, obreiros espirituaes do futuro, absorvamo-nos no nosso duplo trabalho, convencidos de que, em quanto o nosso pensamento emancipador se não tiver realisado, em quanto a reforma social não fôr um facto, toda a acção politica não representará para nós mais do que dissipação de tempo, dispersão de forças e — o que é peior — auxilio dado aos nossos inimigos, vida emprestada por nós ao organismo fatal que nos suga a nossa substancia!

O programma politico das classes trabalhadoras, segundo o Socialismo, cifra-se em uma só palavra: *abstenção*. Deixemos que esse mundo velho se desorganise, apodreça, se esphacele, por si, pelo effeito do virus interior que o mina. No dia da decomposição

final, nós cá estaremos então, com a nossa energia e virtude, conservadas puras e vivas longe dos focos de infecção d'esta sociedade condemnada.

A todos os partidos, a todos os governos, e todos os *salvadores* faremos nma só pergunta: *e a reforma social?* se nos responderem com negativas ou com evasivas, tel-os-hemos por inimigos — pouco importa que se chamem monarchia, constitucionalismo, ou republica.

Para o povo não ha senão uma Republica: a Republica Democratica Social. Essa é a dos trabalhadores, é a da Internacional: que só essa seja tambem a nossa! (1)

(1) Reprodução do opusculo: *O que é a Internacional. — O Socialismo Contemporaneo. O Programma da Internacional. A Organisação da Internacional. Conclusões.* Lisboa, Typographia do Futuro. 1871. In-8.º de 30 pág. *(Nota do editor.)*

TENDENCIAS NOVAS DA POESIA CONTEMPORANEA

A PROPOSITO DAS «RADIAÇÕES DA NOUTE» DO SR. GUILHERME DE AZEVEDO

O seculo XIX, cujos primeiros annos enflorou uma corôa poetica de esplendor incomparavel, tem mentido cruelmente ás esperanças da sua aurora. Envelhecendo, perdeu o dom do canto, ou, pelo menos, o sentimento que faz os cantores verdadeiros. Os Gœthe, os Byron, os Lamartine, os Miczkawicz, os Hugo, os Œhlenschlaeger, não deixaram descendencia digna d'aquella poderosa geração. O romantismo foi um meteoro. O grande canto do seculo esvaeceu-se gradualmente n'um murmurio. A poesia contemporenea não tem unidade, e não tem sobre tudo o largo folego de inspiração, que caracterisa as verdadeiras épocas poeticas. O interesse do tempo dirige-se evidentemente para outro lado. No meio das preoccupações da actualidade, a poesia é como a canção de um conviva distraido que se afasta da sala do festim, e cuja voz se perde pouco a pouco no silencio da distancia e da noute.

Depois do apparecimento do romantismo, a sua queda é o maior facto litterario do seculo. Porém essa queda, que como facto todos reconhecem, mas cuja phenome-

nalidade poucos tentam explicar será uma justa sentença lavrada pela rasão publica, ou será uma condemnação arbitraria que deshonra o tribunal que a firma? Indicará para o espirito do nosso tempo um progresso ou uma decadencia? uma gloria ou um deslustre aos olhos da história?

Não hesito em responder. O romantismo foi justamente condemnado. O seculo, com um sentimento lucido da sua verdadeira missão, afastou-se d'aquelles que lhe fallavam uma linguagem, cujo brilho, cuja eloquencia, cuja sinceridade, por maiores que fossem, não podiam encobrir o falso do principio, que a inspirava. Essa missão é essencialmente positiva, social e racional, e o romantismo era essencialmente apaixonado, individual e subjectivo. Por mais que se virasse para o futuro, a sua alma pertencia ao passado; emquanto que o seculo, ainda nos momentos em que parece invocar o passado, é sempre para o futuro que caminha. No fundo, uma sociedade saída da revolução, e uma poesia que se inspirava das tradições da edade-media, contradiziam-se, negavam-se radicalmente. Um equivoco historico pôde por um momento estabelecer aquelle infundado accordo: no dia, porem, em que se conheceram, separaram-se.

Ainda ha muita gente que *sente*, *chora*, *crê* e *aspira*, á maneira dos grandes melancolicos e apaixonados de 1820. Mas já nos não commovem como então, já não influem poderosamente no mundo que os rodeia. São vozes sem ecco. É quanto basta para que nada signifiquem, historicamente: tanto mais que aquellas vozes frouxas não teem já o timbre ardente de indomavel paixão, que nas outras nos commovia. A paixão d'estas é mais estudada na escola, do que saída do co-

ração. Não é já, como então, um convencimento violento dos direitos da propria loucura, que os inspira: são apenas os livros dos mestres: ora, não é nos bancos apertados da escola, mas no seio da livre natureza, que se criam os verdadeiros poetas.

Os poetas da geração actual vêem-se pois, rasgado aquelle veo phantastico da *sentimentalidade* d'outr'ora, em face d'uma sociedade, que elles não comprehendem, por que ella mesmo a si se não comprehende bem, mas que os não quer escutar senão com a condição de lhe fallarem d'aquillo que a interessa e a preocupa, de se inspirarem da sua vida real e das suas verdadeiras aspirações. É d'esta situação anormal que resulta a incerteza, a anarchia, e fraqueza da poesia contemporanea. A ideia poetica acha-se confusa, embaraçada no meio de factos sociaes, que se não definem claramente: as fontes da inspiração correm escassas ou turvas. A antiga nascente, tão querida e conhecida, está quasi secca! a nova, já por ser nova, e depois por que só deixa rebentar, em cachões, uma agua turbida, cheia de elementos estranhos, assusta os que a ella se chegam pela primeira vez: os mais ousados inclinam-se um momento, tomam a medo um gollo de bebida suspeita, e retiram-se furtivamente como se acabassem de fazer uma acção má.

E todavia, é alli que é necessario beber, porque é alli, n'aquellas aguas rumorosas e confusas, que se conteem os elementos da inspiração real, os principios vitaes de que se nutre a sociedade, e de que tem por conseguinte de se alimentar tambem a poesia, sob pena de se tornar uma abstracção, um phantasma, uma puerilidade. O problema da evolução poetica na actualidade encerra-se todo n'isto.

Mas aqui apresenta-se uma questão, que nos detem. Terá a sociedade contemporanea (essa sociedade, ao que dizem, positiva até ao mais desolador utilitarismo), na sua atmosphera suffocadora de industria, de luctas sociaes e de sciencia friamente analytica, condições de vida e desenvolvimento normal para a constituição delicada das castas musas, das musas melindrosas e scismativas? Não será uma sociedade essencialmente anti-poetica, esta nossa, um mundo rebelde a toda a idealidade? Por outras palavras; poderá haver poesia racional, positiva e social? Será um ser *poetico* o homem do nosso tempo?

Intendo que póde haver tal poesia; que a alma moderna, na sua titanica aspiração de verdade e justiça, é poetica, poetica essencialmente, d'aquella poesia forte e audaciosa dos mythos de Prometheu e Ajax; que ha uma fonte abundante de inspiração n'esta lucta historica de nações, de classes e de ideias, que é a epopêa e a tragedia viva do nosso seculo; que, finalmente, á maneira que os factos confusos da nossa epoca se forem desembrulhando, mais lucida e evidente se irá mostrando a idealidade sublime que n'esse cahos apparente se contém.

E a idéa dessa poesia nova não só existe, mas deve ser superior á idéa poetica das eras anteriores, porque corresponde a um periodo mais adiantado da consciencia humana, penetra com maior intensidade a natureza e o espirito, extrae o bello da propria realidade universal, não das visões de um subjectivismo inexperiente, e dá por base ao sentimento, em vez de sonhos e intuições quasi instinctivas, os factos luminosos da razão.

Os caracteres essenciaes dessa poesia já hoje se

podem indicar, e todos elles se consubstanciam n'uma palavra, que resume tambem as tendencias da nossa civilisação: o Humanismo. A inspiração social e naturalista vem substituir a sentimentalidade toda subjectiva e pessoal, ou o transcendentalismo contemplativo de outras idades poeticas. A poesia deixa de duvidar e scismar, para affirmar e combater; mostra-nos o interesse profundo e o valor ideal dos factos de cada dia; dá ás acções, que parecem triviaes, da vida ordinaria, um caracter e significação universaes; e sorrindo maternalmente para as creanças, as mulheres, os simples, caminha todavia armada no meio das luctas dos homens.

Uma tal missão ninguem dirá que é mesquinha ou vulgar: ha nisto com que tentar os mais altos engenhos, captivar os corações mais generosos. E, sobretudo, deve seduzir os espiritos verdadeiramente poeticos acharem-se em communicação directa e constante com o seu tempo, com as aspirações, os interesses, as crenças da sociedade que os rodea, e de cuja vida vivem, com o meio historico a que fatalmente pertencem.

Certamente que essa evolução nova da poesia tem de ser lenta: é a evolução do ideal social, que a deve inspirar. Ha um certo receio, e uma certa incerteza. O novo assusta: o indistincto faz hesitar. Mas insensivelmente, e fatalmente tambem, caminha-se n'aquella direcção. Os symptomas deste movimento tornam-se cada dia mais accentuados. Em França e Allemanha, sobre tudo, paizes aonde as idéas e tendencias novas se pronunciam n'uma agitação crescente, podem já indicar-se exemplos bem significativos; em Allemanha ainda mais do que em França. Alli a poesia inspira-se resolutamente das luctas sociaes e religiosas do tempo,

e abalança-se já ainda que com incerta fortuna, ás grandes composições epicas, aonde se desenha uma sociedade, consubstanciada nos seus typos e paixões mais caracteristicas. Entre nós, há apenas indicios tenues e raros, mas que, por isso mesmo, devemos recolher tanto mais cuidadosamente, quanto parecem provar que nem tudo está inteiramente morto no espirito portuguez, e nos animam a esperar com alguma confiança n'um melhor futuro. Os nomes de Manoel de Arriaga e Guilherme Braga são penhores valiosos, em que se firme esta confiança. N'um e n'outro, o ideal social tende cada vez mais a sobrepujar o subjectivismo, afoga as individualidades mysticas da religião antiga.

Occorrem-me estas reflexões ao ler o livro do sr. Guilherme de Azevedo. Não é seguramente a *poesia do futuro* a d'aquelle livro: mas ha alli, em muitas composições, um individuo significativo, e por vezes uma inspiração realmente nova e brilhante. Não é já pouco, isto: sobre tudo na nossa litteratura, aonde o estacionamento e a ruminação das velhas fórmas, dos assumptos e idéas conhecidas e gastas, chega a parecer uma como lei organica!

O talento do sr. G. de Azevedo tem o amor do movimento e do progresso, e sabe proval-o dignamente. No seu primeiro livro, publicado ha quatro annos, *Apparições*, ainda o poeta nos vinha envolvido nas faixas infantis da *sentimentalidade* da escola: *Deus e Amor*, tal era o tema que, depois de tantos outros, escrevera na sua bandeira. Passados quatro annos, vemos com prazer que o seu pensamento, sempre activo, absorveu no ambiente do seculo elementos inspiradores de uma poesia mais sã, verdadeira e nova.

Olha mais para a terra do que para o céu; mais para a sociedade do que para si; escuta mais as vozes dos homens do que os murmurios do proprio coração; isto, pelo menos, naquella parte do livro a que me refiro, e que começa: «Apraz-me ver a mãe cheia de crença», a que se intitula «Durante a guerra»; e aquell'outra, «Os abutres»; as composições v, viii, xxv, da collecção, encerram bellezas reaes, e todas com esse caracter humanitario, philosophico, e verdadeiramente inspiradas pela contemplação dos phenomenos sociaes e moraes contemporaneos. São apenas tentativas, repito; nem podia ser mais. Por ora olhemos para ellas com interesse, ainda mais pelo que promettem, do que pelo que são: animemos estes tentames significativos, a ver se afinal saimos do barranco deploravel em que nos achamos, se subimos este declive difficil, até onde nos banhe o ar vital da realidade.

O sr. G. de Azevedo, além de pensador, é artista, um artista fino e esmerado, para quem a fórma, se não é uma religião, tem ainda assim alguma coisa de religioso, como, no templo participam os accessorios do culto do venerando da divindade: a lingua, instrumento sagrado do pensamento dos povos, deve, com effeito, ser assim religiosamente respeitada. É mais uma rasão para desejarmos, que todos esses recursos d'um verdadeiro talento poetico se ponham ao serviço do movimento regenerador da poesia moderna, e que essa voz harmoniosa queira fallar em nome daquillo, que realmente nos commove e prende os corações.

Os talentos decrescem ou exaltam-se, consoante a causa que servem.

O do sr. G. de Azevedo é dos talentos feitos para se inspirarem dos grandes pensamentos do nosso tempo,

como são esses poderosos navios, maravilha da arte moderna, feitos para navegarem nos mares largos e profundos.

1871. (1)

(1) Publicado na *Revolução de Setembro*, 1871. Cf. o *Ensaio de Bibliographia Antheriana* inserto no *In-Memoriam*, n.os 36 e 37. *(Nota do editor.)*

O FAUSTO
DO SNR. VISCONDE DE CASTILHO

Temos aberto sobre a mesa este livro, tão annunciado pela fama, e esperado com tão anciosa curiosidade por quantos se interessam pelos progressos da litteratura portugueza. Lemol-o d'um folego e, chegando ao fim, curtas nos pareceram as horas empregadas na leitura: lastimamos que o livro tivesse apenas 400 paginas, mas fizemos voto de o ler segunda e terceira vez. E o snr. Castilho, que é mestre sem rival na lingua portugueza, parece-nos ter-se excedido a si mesmo n'esta obra, talvez pela variedade prodigiosa dos quadros do poema de Gœthe, que lhe deu azo a mostrar condensados n'um só livro todos os recursos do estilista, que até agora só parcialmente tem revelado em cada obra. As palavras são sempre as proprias que o pensamento pede, os adjectivos frisantes e pitorescos; no grave como no comico, encontra, com arte sabia e consumada, os dizeres, a construcção e o metro mais convenientes ao que quer exprimir. Finalmente, como obra escripta em portuguez *de lei*, o *Fausto* do snr. Castilho é um monumento. Desenvolver este ponto fôra quasi ridiculo visto que ninguem ignora ou contesta a autoridade do snr. Castilho em coisas de linguagem; e por isso passaremos a expôr alguns reparos, que nos suggeriu uma primeira leitura.

Antes de tudo, ha no prologo do traductor uma palavra que não póde passar sem commento. Diz o snr. Castilho, que «em Portugal corria já de annos a esta parte uma certa adoração panica do nome de Gœthe, e o contagioso assombro da tragedia *Fausto*, apenas enxergada mui por longe entre neblinas». Isto é o mesmo que dizer que em Portugal, antes da traducção do snr. Castilho, ninguem lera o *Fausto* de Gœthe ou qualquer das suas outras obras, e que só por uma vaga e confusa tradição se conhecia o poeta e o poema. Este orgulho e esta injustiça são indesculpaveis no snr. Castilho, que confessa não saber uma palavra de allemão, e ter feito a sua traducção sobre as dos traductores francezes. Ora em Portugal, muitas mil pessoas conhecem a lingua francesa, e muitos centos de pessoas conhecem as litteraturas estrangeiras, melhor até do que o snr. Castilho, que, sendo auctoridade em coisas de litteratura patria, não é por certo dos mais curiosos e versados nas dos outros povos modernos. Alem das 2 traducções completas francesas, ha 6 ou 8 inglesas e ha dusias de livros de critica sobre as obras de Gœthe. A gente moça lê isto e conhece-o muito melhor do que os homens da geração do snr. Castilho, que nada revelou além das riquezas da sua vernaculidade: afora isso, a ninguem deu novidades. A sua *advertencia*, o seu prologo ás Aureas nupcias de Titania e Oberon e, sobretudo, as suas rachiticas notas hão-de parecer deploraveis a quem quer que lesse as introducções e commentarios de Blaze de Bury ou de Howard.

Traduzir do francez um poema allemão é coisa arriscada. Póde ficar um excellente modelo de linguagem portuguesa, e isso conseguiu plenamente o snr. Cas-

tilho: mas o que é muito mais difficil é que fique uma traducção verdadeira, não só dos pensamentos, mas sobretudo do estylo, do tom, das *nuances*, da phisionomia, n'uma palavra, que o poeta deu á sua obra. Lembremo-nos de que o mesmo pensamento, exposto em tres ou quatro estylos differentes, equivale quasi a tres ou quatro differentes pensamentos. Uma pagina de Homero, vertida em estylo de annuncio, é tola; em estylo de artigo de fundo, é ridicula; em estylo de discurso academico, é odiosa; só no estylo da poesia popular é que ficará *realmente tradusida,* porque Homero era um poeta primitivo e popular. Logo, traduzir um poema é, sobretudo, tradusir-lhe o estylo, isto é, fazer fallar os conceitos do poeta com o *tom* que elle lhes deu na sua lingua patria. Eneas, no Virgilio, diz quasi sempre logares communs: o que faz com que esses logares communs representem para nós o sentimento e a feição da epocha e do mundo que Virgilio canta, é o estylo particular que o poeta põe na bocca do seu heroe. Se se não traduzir esse *quid* original, essa *nuance* do estylo, o que fica? apenas os logares communs. Adeus mundo antigo, adeus idade heroica e politheista! Do pio Eneas resta apenas um declamador semsaborão. É por isso que as traducções d'um Delile, um Feio, um Odorico Mendes, só teem de traducções o nome e nada mais. O melhor, o essencial, foi-se.

Infelizmente, estes reparos applicam-se muito mais do que desejaramos, á traducção do *Fausto* de Gœthe pelo snr. Castilho. Não fallamos já dos pensamentos e imagens que o snr. Castilho introduz de sua casa, e o *Adão de Barros* e *Eva da Costa*, na noite de Walpurg, e a Martha Espadinha, e os bebedores da taberna

de Leipzig crismados com nomes de fadistas do Bairro alto, o Rans, o Quinteirão, etc. Tudo isso, que é muito, é para nós o menos. O mais é a continua disparidade do estylo entre o poema de Gœthe e a traducção. A preoccupação dominante do snr. Castilho, o *classico*, o *vernaculo*, junta á sua ignorancia do allemão, deram este deploravel resultado: fallarem Mephistofeles e Fausto n'um tal estylo, que o proprio Gœthe não os reconheceria. Em duas palavras: o *romantico* Fausto, o sonhador fluctuante, ora aborrido ora exaltado, sublime e original ainda quando é vulgar, exprime-se, na traducção, em phrases compassadas, sempre no mesmo tom, pesadas e *classicas* como qualquer dos nossos bons frades do seculo 16.º: Mephistofeles, diabolicamente perfido, encobrindo a profundidade do espirito do mal sob a vulgaridade affectada do dizer, o sarcastico e friamente cruel Mephistofeles (tal como o concebeu Gœthe e como o faz fallar no poema allemão) exprime-se, na traducção, n'uma lingoagem pesadamente plebeia, n'um estylo grosseiramente opaco, que só mostra o que ha de cynico e não o que ha de profundo no seu satanico pensamento; falla como qualquer taberneiro portuguez. Fausto, como *classico*, e Mephistofeles, como *taberneiro*, são admiraveis de *portuguesismo:* quem o póde negar? mas é esse o grande defeito, porque o *Fausto* de Gœthe é *romantico* e o Mephistofeles, *diabolico*, e só assim é que são o Fausto e o Mephistofeles de Gœthe. Os do snr. Castilho são os antipodas d'aquelles, porque fallam como nunca Gœthe os fez fallar, nem (segundo os concebeu) podia nunca fazer fallar. Os do snr. Castilho são muito portugueses, assombrosamente vernaculos, prodigiosamente lusitanos. É por isso que não

são de Gœthe: são do snr. Castilho e dos lusitanos que o admiram, que somos nós todos. Mas nem por isso é aquillo uma tradução. Lá isso não. Será o que quiserem (e nós somos os primeiros a curvarmo-nos ao mestre): mas não é o *Fausto*, tragedia romantica do poeta allemão Gœthe. Em tudo o mais estamos de accordo, e admiramos candidamente, sem restricções. Só n'este ponto não.

Francamente: se o snr. Castilho tivesse posto na capa do seu livro este rotulo: Fausto, poema portuguez original do visconde de Castilho — agradava-nos infinitamente mais, porque então já não teriamos de mitigar o enthusiasmo da nossa admiração pelo vernaculo com estes reparos, que a logica nos obriga a fazer, mas que magoam o nosso coração de sinceros discipulos que somos do snr. Castilho — em diccionario e grammatica. (1)

(1) Publicado anònimamente no *Primeiro de Janeiro*, de 4 de Julho de 1872. Vid. Joaquim de Vasconcellos — *O Faust de Gœthe e a traducção do Visconde de Castilho*, Porto, 1872, pág. 461 e seg. e José Gomes Monteiro — *Os criticos do Fausto do snr. Visconde de Castilho*, Porto, 1873. Joaquim de Vasconcellos — *O Fausto de Castilho julgado pelo elogio mutuo*. Porto, 1873, pág. 21 e seg. *(Nota do editor.)*

OS CRITICOS DO FAUSTO

Ponta Delgada, 22 de Julho de 73.

Ex.mo Snr. J. Gomes Monteiro. — Desculpe-me V. Ex.ª a demora d'estes meus sinceros agradecimentos pela offerta do seu livro (1): mas, não sei por que circumstancia, só depois da saída do paquete o recebi. Será necessario significar-lhe o muito gosto com que o li? Não, porque V. Ex.ª me tem por certo na conta de apreciador de tudo quanto é verdadeiro, sensato e digno: e o seu livro é tudo isto, sendo ainda, além de tudo isto, uma obra de justiça e caridade — e tomo esta ultima palavra no rigor do seu sentido evangelico, quero dizer, importando um sacrificio, porque foi por certo sacrificio caridoso da parte de V. Ex.ª, com o seu humor placido e tolerante, os seus annos e a sua respeitabilidade, descer até aquelles sujos liliputianos, embora para os corrigir e alumiar. Mas, infelizmente, creio-os incorrigiveis; porque além do erro da intelligencia ha n'elles (vim a conhecel-o) uma perversão irremediavel e funesta — o azedume das mediocridades impotentes e invejosas.— Quem nos déra muitas d'aquellas lições aos tagarellas malevolos, que por ahi campam de sabios, só porque dizem necedades com um entono e uma audacia que falta aos ignorantes modestos! E

(1) *Os criticos do Fausto do Snr. Visconde de Castilho.* Porto, 1873. *(Nota do editor.)*

não é por lhes querer mal que lhes desejo d'aquellas correcções; é, pelo contrario, por lhes querer ainda algum bem — é, sobretudo, por vêr quanto estes vendilhões, com as suas *pomadas florestaes* do mais charlatanesco germanismo, desacreditam, no animo das gentes ignorantes ou superficiaes, o verdadeiro elixir de longa vida da sciencia e da philosophia! O livro de V. Ex.ª foi um verdadeiro serviço prestado á razão vacilante dos incautos e credulos, que aquella boa gente parece que se apostou a intoxicar de todo com as fumaças do corrosivo absintho, que lhes ministra, como se fosse cordeal e balsamo maravilhoso. Deus se amerceie de nós! E são estes os *representantes* da geração nova, que tanto tem a fazer, e que se alguma coisa fizer será só por meio do estudo sincero, da largueza d'animo, n'uma palavra, da virtude intellectual e moral! Protesto e protestarei sempre contra taes falsos prophetas, em vez dos quaes preferira mil vezes a propria burra de Balaam! Mas os *novos* não são os que nasceram em tal dia e tal anno: tenham que idade tiverem, os *novos* são só os que dizem coisas proprias de intelligencias sans e vigorosas, de corações altos e puros. O resto, pouco importa a certidão de baptismo, nem sequer é velho; é decrepito, é cadaveroso; *sepulchra dealbata.*

Ponho ponto aqui. Agradeço, como individuo, a offerta do seu volume, e como escriptor agradeço a obra boa e o serviço prestado ao senso commum. Sou, com toda a consideração, — De V. Ex.ª — cr.º mt.º obrg.º — *Anthero de Quental.* (1)

(1) Do opúsculo: *Anthero de Quental — Os criticos do Fausto, carta ao ex.mo sr. José Gomes Monteiro.* Porto, 1873. *(Nota do editor.)*

CONSIDERAÇÕES

SOBRE A PHILOSOPHIA DA HISTORIA LITTERARIA PORTUGUEZA (1)

(A PROPOSITO DE ALGUNS LIVROS RECENTES) (2)

I

A philosophia das litteraturas é uma criação do nosso seculo, cujo genio, ao mesmo tempo subtil e profundo, se revela sobretudo nos estudos historicos, e a que um mixto particular de enthusiasmo e scepticismo, de erudição e intuição, dá uma singular facilidade para pe-

(1) ADVERTENCIA. — Foi publicado originariamente este pequeno trabalho em folhetins no jornal o «Primeiro de Janeiro». Parecendo, porém, a algumas pessoas de gosto que havia nas minhas considerações verdade e justiça sufficientes, e que valeria a pena, por isso, dar mais alguma circulação ás idéas emittidas, resolvo-me, para satisfazer ao voto d'essas pessoas, a imprimir á parte estas paginas, acrescentando-lhes algumas observações, suggeridas pelo escripto do snr. M. Pinheiro Chagas, «Desenvolvimento da Litteratura Portugueza», que só pude vêr depois de publicados os folhetins. — *A. de Q.*

(2) *Os Lusiadas;* ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença, por J. P. de Oliveira Martins. Porto, 1872.

Theoria da Historia da litteratura portugueza; these para o concurso á cadeira de litteratura moderna, no curso superior de letras, por Theophilo Braga. Porto, 1872.

netrar o caracter das varias raças, o espirito das varias idades e civilisações.

Uma maneíra mais intima e juntamente mais larga de comprehender a humanidade e o individuo, que caracterisa o pensamento moderno, explica esta especie de condão magico com que o nosso seculo tem aberto os recessos obscuros, em que a alma dos tempos antigos parecia haver-se para sempre sepultado, defendida pelo silencio e pelo mysterio.

Com effeito, em quanto se não viu, por um lado, na humanidade um *todo* vivo, cujos movimentos são determinados por leis naturaes e constantes, embora complexas e obscuras, e, por outro lado, no individuo, dentro da humanidade, uma força, não caprichosa, mas coherente, embora livre, e cujas manifestações são todas respeitaveis e legitimas, tendo todas a sua razão de ser e o seu valor; em quanto, sobretudo, se não comprehendeu que os momentos da historia não são contradictorios entre si, mas representam varios termos d'uma serie por onde o espirito humano, ascendendo, se affirma, transformando em parte as condições do *meio* em que se move, e em parte subordinando-se a ellas, e que, por isso, esses momentos não devem tanto ser *julgados* como *comprehendidos;* em quanto este ponto de vista, ao mesmo tempo idealista e scientifico, se não estabeleceu — a historia critiça, intima, psychologica, era impossivel, e impossivel tambem a philosophia da historia.

É por esta razão que a critica e historia litterarias soffreram em o nosso tempo uma completa e profundissima renovação, e que a historia philosophica das litteraturas só recentemente se pôde constituir.

Considerava-se, ha 100 annos ainda, a obra litte-

raria como uma criação meramente individual, determinada apenas pelo sentimento pessoal, o genio, as disposições do poeta: não se via a relação estreita que ha entre a inspiração do individuo e o pensamento da época, a raça, o meio social, e o momento historico. Uma poetica, tão estreita quanto inflexivel, medía tudo, as producções de povos e tempos os mais diversos, por uma unica bitola, o *gosto*, e, dominada pela preoccupação fanatica do *classico*, bania da historia épocas e raças inteiras, condemnadas como barbaras, incultas, *rudes*. O que ha de mais caracteristico e muitas vezes de mais profundo na obra d'arte, a revelação do sentir intimo dos homens nas diversas condições moraes e sociaes, ficava d'este modo perdido para a critica, era despresado em nome d'um ideal de perfeição uniforme, em grande parte convencional, e em todo o caso abstracto e, por isso, irrealisavel.

Sabemos hoje que a esthetica, sob pena de se excluir systematicamente da realidade, não póde ser absoluta senão nas suas leis fundamentaes, isto é, n'aquillo mesmo em que é absoluto e immutavel o espirito humano: em tudo mais é, como elle, variavel e progressiva. Tem uma statica e uma dynamica: e se a primeira, que é toda abstracta, explica e dá a razão da segunda, que é toda concreta, é a segunda quem explica e dá a razão das obras d'arte, naturalmente concretas e contidas nas condições do tempo e do meio. Ao methodo exclusivamente abstracto substituiu-se o methodo historico, e para logo todas as litteraturas, as antigas e as modernas, as barbaras e as cultas, alumiadas por uma luz nova, appareceram com as suas feições caracteristicas, os seus relevos naturaes, os seus contornos, e vieram tomar cada qual o logar que lhe

competia na serie dos desenvolvimentos do espírito humano. Para logo tambem se tornou manifesta a alta significação das litteraturas, testemunhas desprevenidas e candidas, vindo depôr uma após outra sobre o viver intímo das respectivas sociedades, e denunciando ingenuamente a feição psychologica correspondente a cada povo e a cada idade. A philosophia da historia encontrou n'ellas o instrumento mais delicado e, ao mesmo tempo, o mais preciso, para determinar o grau de valor moral de cada civilisação: na sua mão um poema pôde tornar-se, muitas vezes, o ramo d'ouro da sibylla, com que descesse á região dos mortos, a interrogal-os; versos cantados ha mil, ha dous e tres mil annos por poetas desconhecidos, explicaram os movimentos das raças, as origens, os esplendores, as revoluções e as catastrophes dos imperios.

A historia litteraria deixou de ser uma curiosidade: appareceu como uma realidade cheia de vida e de expressão. Correspondendo a uma ordem de phenomenos distinctos e importantissimos, tornou-se objecto d'uma sciencia e, como tal, um ramo da philosophia. Hoje, por toda a Europa, os estudos da historia litteraria, transformados, seguem com firmeza no caminho aberto com juvenil impetuosidade pela escóla allemã do começo d'este seculo: refundem-se, desenvolvem-se ou corrigem-se as primeiras conclusões, naturalmente incompletas umas e outras prematuras ou em extremo systematicas, e á grande renovação sahida d'este movimento se ligam muitos dos nomes mais illustres e das obras mais fecundas do nosso tempo.

Entre nós, as duas gerações litterarias, que se succederam desde 1830 até hoje, mais apaixonadas e criadoras do que criticas, mais poeticas e enthusiastas do

que reflectidas, e, sobretudo, dominadas por aquella como que instinctiva repugnancia ás idéas geraes propria d'um povo educado pelo catholicismo no que elle tem de mais estreito e esterilisador, receberam com desdem, ou apenas aceitaram, o que havia de mais superficial no movimento renovador, quando não o ignoraram completamente. A historia litteraria continuou *erudita*, como d'antes, na sua gravidade inexpressiva, e a critica, apesar de muitas proclamações revolucionarias, acatou todavia o altar consagrado e o velho idolo do *gosto*. É verdade que o *gosto*, sacudido no seu somno secular por mãos juvenis, teve de abandonar as vestes antigas e compromettedoras do *classico* e de se fazer (ou deixar que o fizessem) *romantico*. Era já um grande passo, confessemol-o: simplesmente, este primeiro passo, timido ainda, obrigava a dar um segundo e mais decisivo — e esse é que não se deu.

Nem se podia dar. Devemos muito áquellas duas gerações, é justo confessal-o. Mas a sua missão foi outra, e outro o seu trabalho. N'este empenho de fazer penetrar o espirito philosophico na historia da litteratura patria, e de levantar entre nós a critica á altura em que mãos vigorosas e illustres a têem collocado n'outros paizes, a geração nova achou-se sem predecessores nem mestres entre os escriptores nacionaes, e teve forçosamente de se virar para os estranhos. D'aqui uma certa confusão, a adopção quasi *sur parole* dos systemas estrangeiros, e algum mau estylo...

Entretanto, a sua vocação é essa, evidentemente critica e philosophica. Menos criadora e espontanea, e libertada já dos preconceitos da educação tradicional, a nova geração tem por área natural dos seus trabalhos os estudos criticos e as idéas geraes. A historia

philosophica, a philologia, as sciencias sociaes, eis o vasto campo que, entre nós, a sua actividade tem de desbravar e fecundar.

Na historia litteraria, os primeiros passos n'este caminho foram dados corajosamente por um trabalhador dotado de energia e perseverança singulares, o snr. Theophilo Braga. Podem disputar-lhe qualquer outra especie de gloria, menos esta, já não pequena, de iniciador. A consideração do que ha de viril e quasi heroico na attitude dos exploradores, faz-nos vêr na sua obra mais ainda o valor d'uma acção pessoal do que o das conclusões scientificas, e dá-lhe um merecimento independente das muitas imperfeições e lacunas, que seria pueril pretender dissimular.

Com effeito, a sua gloriosa iniciativa é compensada, como geralmente acontece aos iniciadores, por defeitos graves: dous, que resumem e d'onde se originam todos os outros: a impaciencia, que leva a conclusões prematuras, e o espirito systematico, que leva a conclusões falsas. Por um lado, uma *verdura* (se assim se póde dizer) de theorias e explicações mais ou menos phantasiosas, e por outro lado uma inflexibilidade canonica na applicação stricta de certas formulas aos problemas os mais complexos, dão muitas vezes aos seus livros aquella feição singular de inconsistencia e ao mesmo tempo de dogmatismo, de aventuroso e juntamente de acanhado, que caracterisa os trabalhos sem precedentes, filhos da febre da innovação e do isolamento. O grande merecimento d'estes livros póde dizer-se que consiste ainda mais em ter levantado as questões do que em tel-as definitivamente resolvido.

Ha, todavia, lados verdadeiramente solidos nas obras do snr. Theophilo Braga. O seu talento é muito mais

analytico do que generalisador; d'aqui, a inferioridade relativa das suas apreciações philosophicas, comparadas com os seus trabalhos propriamente criticos. N'estes, que constituem a parte mais séria e fecunda da sua obra, encontramos os processos da sciencia, como os têem comprehendido os mestres d'este seculo, applicados geralmente com discernimento, com uma grave despreoccupação de tudo o que não é a logica e a verdade, e dando resultados positivos, muitos dos quaes se devem considerar definitivos. Distinguem-se por estas qualidades, entre os volumes da sua grande historia da litteratura portugueza, já publicados, os estudos sobre Sá de Miranda e a sua escóla, sobre os poetas palacianos do seculo XV, e sobre o theatro portuguez nos seculos XVII e XVIII. Ha novidade e ao mesmo tempo segurança em muitas partes d'aquelles estudos: entrevêem-se as revoluções litterarias, no que ellas têem de mais intimo, isto é, nas suas relações com os costumes e as opiniões que se transformam; assiste-se ao nascimento e á decadencia das escólas; vêem-se as razões do progresso de certos generos, do estacionamento ou esterilidade de certos outros. Ha alli verdadeiras descobertas biographicas e chronologicas, e mais d'uma aproximação feliz que lança uma luz nova sobre os assumptos. Apesar da fraqueza e ás vezes puerilidade de certas inducções, do abuso da intuição como processo scientifico, da nimia importancia dada a particularidades insignificantes, da repetição e distribuição pouco logica das materias, deve esta parte da obra do snr. Theophilo Braga (a analytica e critica) ser considerada não só como o que ha de mais solido no edificio levantado por suas mãos laboriosas, mas ainda como um trabalho em si, de indisputavel valor.

O lado inferior e fragil, a meu vêr, são as theorias geraes, a parte philosophica. Sente-se que não é essa a vocação do talento do snr. Theophilo Braga. Ao mesmo tempo chimerico e systematico, dá ás suas doutrinas geraes uma feição dogmatica, que lhes tira aquelle poder de ductilidade e comprehensão, sem o qual uma theoria, para accommodar os factos ao seu rigor inflexivel, tem de os forçar umas vezes e outras vezes de os pôr de lado — isto é, não passa d'uma pura abstracção. É isto o que torna abstrusas certas obras, como a *Poesia do Direito*, por exemplo. É isto mesmo o que encontramos na maneira por que o snr. Theophilo Braga comprehende e explica a philosophia da historia litteraria portugueza. Seguindo Schlegel e a escóla romantica allemã do começo d'este seculo, tomou uma theoria incompleta e d'uma applicação muito particular por um principio universal, applicavel a todas as litteraturas, e fez d'ella o molde em que a litteratura portugueza devia entrar, *coute qui coute*. Sabe-se que aquella escóla considerava a litteratura, juntamente com todas as outras fórmas da civilisação, direito, arte, etc., como a expressão genuina do *genio da raça*, subordinando a nacionalidade, em todas as suas manifestações, a um ponto de vista puramente ethnologico. Só a raça, na sua espontaneidade nativa, era verdadeiramente criadora, só ella original: a tradição, como intrusa, devia considerar-se o elemento esterilisador, e as obras por ella inspiradas falsas, *anti-nacionaes*. Applicando estes principios ás sociedades que se formaram na Europa sobre as ruinas do imperio romano, a escóla romantica oppoz á cultura tradicional o genio popular, ao romanismo as nacionalidades. Viu por toda a parte o dualismo; d'um lado, o espirito monar-

chico e ecclesiastico, formalistico e estreito, conservador das tradições latinas; do outro lado, o povo, todo espontaneo, traduzindo a originalidade do seu genio em criações livres e verdadeiramente inspiradas: por toda a parte uma raça original lutava contra tradições esterilisadoras, que tentavam suffocal-a. A idade média fôra o theatro d'esse combate: a Renascença e os seculos XVII e XVIII pareceram, com a influencia universal do *classico,* dar o triumpho definitivo ao espirito tradicional; porém o seculo XIX, a grande era das reivindicações, erguendo a bandeira do romantismo e das nacionalidades, ia evocar de novo o genio das raças, adormecido no seio do povo, retemperando as nações no baptismo sagrado das *origens.*

Quem não vê o que ha de falso n'esta these, apresentada assim d'uma maneira absoluta? mas quem não vê tambem quanto ha de verdadeiro e profundo no ponto de vista ethnologico, desde o momento em que, deixando de ser o fundamento do systema, se considere apenas como um dos elementos componentes d'elle, embora um dos mais consideraveis? Quem não vê, sobretudo, a fecunda influencia d'esse ponto de vista sobre os estudos litterarios, o conhecimento das origens, a comprehensão das criações populares, a renovação da critica? Póde dizer-se que o que ha de mais falso n'este systema é ser um systema; porque, contendo muita verdade, não é a verdade toda. É muito mais incompleto do que erroneo; porque, se o genio de cada raça fornece com effeito os elementos e como que a materia prima das civilisações, a cultura e a tradição representam o trabalho de aperfeiçoamento do espirito humano, accumulado, que desenvolve aquelles elementos e, fazendo por assim dizer

fermentar aquella materia primitiva, lhes dá uma fórma nova e superior. Para os povos sem precedentes nem tradições d'um mundo anterior, que começam isolados o trabalho da civilisação desde os seus ínicios, e cujas criações representam apenas o fundo originario fornecido pelo caracter da raça, como foram os indios desde o Rig Veda até Kalidassa, os gregos até Alexandre, e os scandinavos até á conversão do christianismo, para esses é aquella theoria rigorosamente verdadeira. Mas como applical-a á Europa da idade média, a esse mundo tão complexo, e que, com ser fundado sobre a ruina do imperio romano, é todavia uma continuação e em grande parte um desenvolvimento da civilisação romana? Na vida dos povos modernos entraram desde o berço energicos elementos latinos que, absorvidos com maior ou menor sympathia, em maior ou menor quantidade, e combinados com os elementos primitivos, constituiram o *temperamento* particular de cada uma d'essas nações, o seu genio nacional. Esse genio é pois complexo, e complexo o caracter das suas criações: reduzil-as a um principio unico é querer de proposito acanhar a historia, proscrevendo arbitrariamente épocas inteiras.

A originalidade de cada uma das modernas litteraturas da Europa está, não em representar os caracteres primitivos de tal ou tal raça, mas sim os momentos de desenvolvimento d'esses caracteres, na sua combinação gradual com aquelles elementos estranhos, que, sob fórma de tradição, constituem ha mais de dous mil annos o fundo commum da civilisação europêa. N'estes termos, a theoria romantica tem o seu valor e a sua applicação. Applica-se tanto mais quanto menos *romanisado* (isto é, civilisado) foi o povo cuja littera-

tura se estuda; mais á Allemanha do que á França; muito á Inglaterra, muito pouco á Italia; muito mais á Hespanha do que a Portugal; em absoluto, a nenhum se póde applicar. A mesma litteratura allemã (sahida da raça que menos elementos latinos absorveu) será por ventura exclusivamente *germanica?* Seria um paradoxo affirmal-o. Do seculo IX em diante a pureza do elemento germanico altera-se, e cada vez mais turvo segue de seculo para seculo. O grande fundador da litteratura allemã, Luthero, que começa com a Reforma a reacção do germanismo contra o romanismo, representará acaso na sua obra, nas suas idéas, nos seus escriptos, o elemento germanico puro, estreme, exclusivo? Pelo contrario, se o caracter de Luthero é essencialmente allemão, a *doutrina* de Luthero essa é quasi completamente extra-allemã, filha da Biblia hebraica e do platonismo grego. E Leibnitz? e Lessing? e Gœthe, o *velho pagão?*... Se os romanticos allemães quizessem ser completamente logicos, tinham de fazer terminar o periodo nacional da litteratura allemã no seculo X, com os Niebelungen, ou quando muito no seculo XVI, com os Meistersaenger: d'ahi por diante em parte alguma se encontra o *germanismo* puro. E todavia, é no seculo XVI que verdadeiramente começa a grande época do pensamento allemão!

Eis as insoluveis difficuldades que levanta o systema ethnologico applicado ás litteraturas modernas, ainda mesmo áquellas em que mais visiveis são as influencias de raça. Que será então, se o quizermos applicar a uma nação sem base ethnographicamente definida, como a portugueza, criação da politica e não da natureza, das instituições e não da raça, e que mais que nenhuma outra, talvez, absorveu e fez o seu genio da

civilisação romana? Evidentemente, a theoria romantica não póde ter aqui senão uma applicação muito limitada e muito secundaria: e é por ter desconhecido esses limites que o snr. Theophilo Braga, collocando-se exclusivamente no ponto de vista ethnologico, não conseguiu, apesar da sua competencia scientifica e provada capacidade, dar senão uma solução incompleta e muitas vezes forçada ao problema da systematisação e explicação geral da litteratura portugueza. Dominado pela necessidade de dar por fundamento ao genio nacional o genio d'uma raça primitiva e *sui generis*, teve, por assim dizer, de inventar para Portugal essa raça primitiva. Estendeu um facto particular de certas provincias, a existencia das populações mosarabicas, a todo o paiz; e, transformando esse phenomeno puramente social em phenomeno ethnologico, fez dos mosarabes uma raça distincta, cuja profunda espontaneidade, apesar de prematuramente suffocada, se revelou em criações sentimentaes, que o snr. Theophilo Braga laboriosamente trata de descobrir, e que, segundo elle, teriam dado á litteratura portuguesa uma feição original, se a tradição classica não tivesse obstado ao desenvolvimento livre d'esse cyclo verdadeiramente nacional. Esta esterilisadora tradição classica vê-a o snr. Theophilo Braga representada na aristocracia asturo-leoneza romanisada, authoritaria e imitadora. A aristocracia, pela instituição monarchica, pelo catholicismo, pelo provençalismo, depois pela reforma dos foraes, o direito romano e o poder absoluto, suffoca o livre genio mosarabico e faz da litteratura portugueza, que nas mãos poeticas do mosarabe promettia ser um jardim oriental, um triste deserto de imitações estereis e infesadas, onde só por milagre a

seiva primitiva faz de longe em longe rebentar alguma flôr doentia, fadada a morrer sem se propagar. D'aqui conclue o snr. Theophilo Braga que litteratura verdadeiramente *nacional* nunca chegou a haver entre nós.

Expôr esta doutrina, nas suas conclusões extremas, é quasi refutal-a. Nem as populações mosarabicas constituiram uma raça, nem a área por ellas occupada se estendeu a todo o paiz, nem na sociedade portugueza existiu nunca o supposto dualismo, a opposição do mosarabe plebeu e do aristocrata godo: nada d'isto se póde provar scientificamente, nem mesmo racionalmente conjecturar. Os mosarabes, isto é, os christãos, que, tendo aceitado o dominio dos arabes, viviam no meio d'elles, adoptando-lhes os costumes, mas conservando a antiga religião, não formaram um grupo ethnographicamente classificavel: eram, como é ainda hoje toda a população da Peninsula, exceptuados os Bascos, um mixto formado pelo sangue ibero, romano, godo e arabe, em proporções extremamente variaveis de região para região. Que tem isto que vêr com uma raça particularmente portugueza? — Depois, essas populações mosarabicas pouco se estenderam ao norte do Mondego: ora, é exactamente do Mondego para o norte que residiu durante os primeiros seculos a força da nacionalidade portugueza, d'ahi que partiu o grande impulso emancipador. Não foram pois os mosarabes os fundadores d'essa nacionalidade, nem os criadores do seu caracter particular. Temos vivido e vivemos ainda hoje d'esse espirito de intrepida personalidade, que fez então erguerem-se os homens energicos do norte de Portugal, não do *genio mosarabe*, que (ainda que tivesse existido) seria sempre secundario. Finalmente, a opposição do mosarabe e do aristocrata godo reduz-se

simplesmente á opposição da plebe e da aristocracia, facto social e não ethnologico, geral em toda a Europa, e que nada tem que vêr com a originalidade das litteraturas. A aristocracia, durante seculos, não esmagou ou suffocou o espirito das populações inferiores, nem entre nós nem em parte alguma: civilisou. Depositarias das tradições romanas e, ao mesmo tempo, representantes do genio de cada nacionalidade, no que elle tinha de mais energico, as aristocracias exerceram uma legitima influencia iniciadora, e, durante 600 ou 700 annos de formidavel tumulto heroico, dispozeram os elementos com que as monarchias da Renascença constituiram definitivamente as nações modernas. Dar á aristocracia um papel todo negativo é querer reduzir ao absurdo, com uma pennada, sete seculos da historia da Europa e contradizer um dos resultados mais seguros da moderna sciencia historica, a classificação dos elementos sociaes e a importancia de cada qual na obra commum.

O erro dos principios vê-se sobretudo nas conclusões. Com effeito, uma vez estabelecido o dualismo e considerado o povo portuguez como mosarabe, e o mosarabe como só inspirado e criador, toda a litteratura culta tinha forçosamente de ser condemnada pelo snr. Theophilo Braga, como anti-nacional, recebendo fóros de nacionalidade sómente a poesia popular: tudo mais não passa de imitação, copia servil, e, como tal, esteril e sem importancia aos olhos da philosophia. Esta larga parte da imitação na nossa litteratura descobre-a o snr. Theophilo Braga com exemplar erudição e excellente critica, mostrando claramente as influencias provençal, franceza, hespanhola e italiana a que obedeceu a litteratura portugueza. Mas não é no facto

das imitações que está a questão. Esse facto não se dá só comnosco; dá-se em todas as litteraturas das nações da Europa então cultas. A influencia provençal fez-se sentir na França, na Italia, na Hespanha e até na Allemanha; os poemas francezes foram, por seu turno, traduzidos e imitados por toda a parte na idade média, e as litteraturas hespanhola e italiana tiveram tambem o seu momento de se tornarem européas. Que prova isto? Prova simplesmente que já na idade média a Europa formava uma especie de confederação moral, e que a troca dos pensamentos, das descobertas, das criações artisticas era já então uma lei natural para nações todas christãs, herdeiras todas da civilisação romana. Mas essa troca não implica a abdicação das originalidades nacionaes. Na adopção das idéas estrangeiras cada povo recebe o que convém ao seu temperamento particular, dá-lhe uma feição propria, e póde mostrar a originalidade do seu genio dentro das fórmas recebidas dos outros. Poucas, pouquissimas obras *originaes*, no sentido exclusivo e absoluto em que o snr. Theophilo Braga toma esta palavra, nos apresentam as litteraturas dos povos ainda os mais criadores: n'esse sentido não é original Virgilio, nem Dante, nem Camões, nem Lope de Vega, nem Shakespeare, nem Corneille, nem Gœthe. Mas as litteraturas apresentam-nos muitas obras primas, formadas d'uma maneira nova e *original* com elementos estranhos ou já conhecidos. Por essas, tão bem como pelas outras, se póde avaliar o caracter, as tendencias, o genio emfim do povo que as produziu, e é quanto basta para se poder affirmar que esse povo teve ou tem litteratura e que essa litteratura é original. O genio, em geral, e em particular o genio nacional, consiste muito

mais na maneira *propria* de dispôr os materiaes herdados ou emprestados, do que na criação, como que inteiriça e d'um jacto, de elementos completamente novos e sem precedentes—*proles sine matre creata.* Ora a humanidade vive sobretudo de tradições, e ha para os povos como para os individuos um verdadeiro ensino mutuo, pelo qual cada um, sem deixar de ser o que é, aproveita da experiencia e do trabalho dos outros. O snr. Theophilo Braga, que é poeta e bom poeta, e além d'isso homem de gosto e consciencioso, por si apreciaria o valor d'estas verdades, se o espirito systematico não obscurecesse o seu bom juizo em se tratando da litteratura portugueza.

Quer isto dizer que as suas idéas, por incompletas, sejam inteiramente estereis para a historia da nossa litteratura? Por fórma alguma. Ninguem, melhor do que o snr. Theophilo Braga, comprehendeu a alta significação da nossa poesia popular, que estudou com verdadeiro amor e respeito religioso: e este sentimento do *primitivo* e do *espontaneo* deve-o ao seu ponto de vista ethnologico. Por este sentimento pôde com muito tacto discriminar a parte da imitação e de convencional nas obras da poesia culta, embora, a meu vêr, concluisse mal do facto d'essa imitação. Por elle pôde caracterisar certas physionomias originaes, até aqui mal comprehendidas, Gil Vicente, por exemplo. Em tudo isto a sua critica é excellente. E é por isso mesmo que os apreciadores do talento e das obras do snr. Theophilo Braga devem, me parece, fazer votos para que a sua sensivel imaginação o não seduza, com vagas miragens, para fóra do campo dos trabalhos de analyse e critica, que são a sua vocação, arrastando-o para as regiões perigosas da synthese e da philosophia,

onde a imaginação e o sentimento, essas fadas encantadoras, se transformam muitas vezes em perfidas ondinas e sereias, para mal de quem as segue com muito candida confiança.

II

Se a escóla ethnologica está representada, entre os escriptores novos, pelo snr. Theophilo Braga, a escóla social e historica — a unica, talvez, a que propriamente se devêra dar o nome de philosophica — acaba de achar igualmente entre nós um digno representante n'um escriptor moço e do maior futuro, o snr. Oliveira Martins, que n'um livro recente estudou, a proposito de Camões (e para nos explicar Camões), a litteratura portugueza do seculo XVI, no ponto de vista largo e comprehensivo, ao mesmo tempo politico e psychologico, que caracterisa esta ultima escóla.

N'este ponto de vista, a litteratura d'um povo, considerada como um todo symetrico, uma obra gigantesca e collectiva, apresenta-se como a expressão do seu espirito nacional, determinado não por tal ou tal elemento primitivo e, por assim dizer, physiologico, mas pelos elementos complexos, uns fataes outros livres, uns criados outros herdados, cuja synthese constitue a *idéa* da sua nacionalidade — raça, instituições, religião, tradição historica, e vocação politica e economica no meio dos outros povos. A idéa nacional, na sua evolução, determina gradualmente o que se póde chamar o temperamento da nação; e, se esta surda fermentação se manifesta em tudo, nos seus actos e nos seus pensamentos, revela-se sobretudo na sua imaginação, isto é, no seu ideal, cuja expressão mais livre

é a arte e a litteratura. N'esta invisivel circulação da seiva interior ha periodos, periodos de revolução, de progresso, de retrocesso, de incubação ou de plenitude de forças: a estes correspondem invariavelmente os periodos artisticos e litterarios, com suas revoluções, suas variações de intensidade, lenta formação de escólas, morbidos estacionamentos, subitas e inflammadas florescencias. E, como n'esta vegetação collectiva, cada ramo, cada folha, cada fructo, se alimenta com a seiva commum e tem uma vitalidade proporcional á força que trabalha o grande tronco, o espirito individua; acompanha o espirito nacional nas suas evoluções, gradua pela d'elle a sua intensidade: a sua liberdade interior tem por limites, realisando-se, as condições do meio em que se desenvolve, e o genio do artista, do poeta, ainda quando protesta e se revolta, é sempre *adequado* ao genio do seu povo e da sua época. É por aqui que a historia litteraria se liga á philosophia da historia, ou antes, que faz parte d'ella. As grandes épocas litterarias coincidem com as épocas de plenitude do sentimento nacional, aquellas em que esse sentimento, tomando consciencia de si, se revela em obras harmonicas e complexas, que são como que o fructo definitivo da lenta elaboração das instituições, dos costumes, dos pensamentos. Reaes e juntamente ideaes, essas obras supremas dizem-nos ao mesmo tempo o que um povo *foi* e o que *quiz ser*, descobrem-nos a sua *aspiração* intima e marcam os *limites* dentro dos quaes lhe foi dado realisal-a. São o commentario moral das revoluções politicas e sociaes, e como que os annaes da consciencia nacional: e, para a philosophia, é na consciencia que a historia encontra a sua explicação definitiva e a sua final justificação.

O que diz Camões a quem, depois de o ter lido com olhos de homem de gosto, o relê com olhos de philosopho? Camões, responde o snr. Oliveira Martins, diz-nos o *segredo* da nacionalidade portugueza. Houve, com effeito, uma nacionalidade portugueza — por mais estranha que esta affirmação nos pareça, a nós, portuguezes do seculo XIX, que não atinamos a encontrar no presente uma *causa vivendi:* houve uma razão de ser tanto para as instituições como para os individuos, e uma idéa nacional, espalhada como a alma collectiva por todo este corpo, então vivo e agil. E não só houve uma nacionalidade portugueza, mas essa nacionalidade, superior aos impulsos cegos da raça e á fatalidade da geographia, produziu-se como uma obra do esforço e da vontade, não resultado de obscuros instinctos primitivos, como um facto politico e moral, não como um facto ethnologico. Quando em Hespanha não havia ainda senão catalães, castelhanos, leonezes e navarros; em França provençaes, gascões, borguinhões, bretões; em Allemanha suabos, austriacos, saxões, hanoverianos; em Italia tantos pequenos estados rivaes quantas cidades, e não se fazia bem idéa do que fosse ser hespanhol, francez, allemão, italiano, porque estas palavras França, Hespanha, Allemanha, Italia designavam apenas vagas agrupações naturaes e não grupos organisados — em Portugal havia só portuguezes, e ser portuguez tinha uma significação definida e precisa. Este é o grande facto, diz o snr. Oliveira Martins, que faz d'elle o seu ponto de partida: d'aqui, a cohesão polilica da nação; d'aqui, a sua physionomia moral. Essa cohesão é a unidade; essa physionomia é o patriotismo. O patriotismo, pondera acertadamente o snr. Oliveira Martins, é cousa muito distincta do amor da terra: e

o patriotismo, como os portuguezes dos seculos XV e XVI o conceberam, foi um phenomeno moral quasi unico na Europa de então, e que os tornou muito mais parecidos com os romanos antigos do que com os povos seus contemporaneos. O patriotismo é uma idéa abstracta, que excede a capacidade toda sentimental da raça; o instincto naturalista da raça dá o amor da terra; não vai mais além: só a idéa nacional póde dar o patriotismo, comprehendido á romana e á portugueza. O Cid batalha mais d'uma vez contra os castelhanos, ao lado dos arabes; o condestavel de Bourbon vira a sua espada aventureira contra a França que o viu nascer; nem por isso deixa o Cid de ser um typo de bravura idealisado pelos hespanhoes, e o condestavel de Bourbon um leal cavalleiro para todos os cavalleiros de França; mas os Pereiras, combatendo ao lado dos castelhanos em Aljubarrota, são malditos, *arrenegados;* e, mais tarde o Magalhães será *portuguez no feito, porém não na lealdade:* apostataram da idéa nacional. Eis a grande differença. Esta noção do patriotismo cria uma ordem de sentimentos particulares dos individuos para com a nação, um modo de ser moral peculiar. É o dever patriotico, como o comprehenderam em Roma Fabricio, Regulo, Catão, em Portugal Castro, Albuquerque — o dever patriotico, cuja expressão suprema é o heroismo. Leia-se a historia da Europa até ao seculo XVI: abundam os *bravos*, mas difficilmente se encontrarão os *heroes*, segundo o typo magnanimo que a antiguidade realisou, e que de novo e no seu ponto de vista realisou Portugal durante os seculos XV e XVI. No *peito illustre lusitano* havia então alguma cousa de grande e transcendente, que impellia a nação para um destino extraordinario e suscitava no meio d'ella os

heroes, que deviam servir a idéa nacional com a abnegação tenaz e superior com que se serve uma idéa religiosa. É que o patriotismo é uma especie de religião civil. Foi por essa religião que, durante tres seculos, nos erguemos no mundo, para realisar um sonho gigantesco e quasi sobre-humano: foi por ella tambem que cahimos exangues e desilludidos, porque a realidade faltou ao sonho, porque todo o sonho, com o seu idealismo, se exalta primeiro, perturba depois, transvia, endoudece aquelles que envolve nas suas nevoas phantasticamente luminosas, mas sempre enganadoras.

A época nacional portugueza, por excellencia, é o seculo XVI. Tudo concorre então para dar ao espirito dos portuguezes aquelle summo grau de tensão, que produz os grandes movimentos nacionaes. A nacionalidade rompe com impulso irresistivel os seus limites tradicionaes, transborda fremente como um rio caudaloso, e affirma-se na sua plenitude pelas descobertas e pelas conquistas. Dentro, a sua força é o resultado da sua concentração: pela reforma dos foraes, pela monarchia absoluta, pela expulsão dos judeus, attinge o maximo de unidade politica, social, religiosa, isto é, o maximo de poder sobre si mesma. Esta energica cohesão depura o sentimento nacional, dá-lhe uma segura consciencia de si, e leva-o áquelle grau de tensão em que o patriotismo, exaltando-se, se transforma n'uma especie de heroismo universal. A nação faz-se heroe: o heroismo é a sua atmosphera ordinaria, e todos participam mais ou menos d'esse contagio sublimador. D'aqui, uma concepção particular da vida social, do direito, do dever, tanto para a nação como para os individuos. *Ser portuguez* é alguma cousa de especial, um typo *sui generis* de virilidade e nobreza, que todos

procuram realisar, e que a litteratura idealisa, de que ella se inspira na phase nova em que então entra. Com effeito, a esta evolução moral corresponde uma evolução litteraria. Á escóla provençal-castelhana, lyrica, aventureira e romanesca, succede a grave escóla italiana, com a feição nova que o espirito portuguez lhe deu, adoptando-a, isto é, moral e epica. Ao trovador Bernardim Ribeiro, ao popular Gil Vicente succedem Sá de Miranda e Ferreira, dous romanos. O velho typo cavalheiresco, phantasioso e sentimental, empallidece diante d'esse outro que surge, nobre e digno, quasi severo, o homem do dever, não da sensibilidade, que João de Barros, Ferreira e Miranda vão levantando, e que Camões virá collocar sobre o sublime pedestal epico.

Este typo, o verdadeiro typo portuguez do século XVI, como se revela nos *Lusiadas*, não é com effeito uma mera invenção do genio de Camões: é uma genuina criação nacional, um ideal do sentimento collectivo, que se foi gradualmente formando e depurando, até encontrar no grande poeta quem lhe désse uma expressão definitiva. É por isso mesmo que elle domina, de toda a sua altura, o pensamento e a obra de Camões. O que o poeta canta é o heroismo portuguez; *o peito illustre lusitano:* e todo o seu poema se resume n'isto, como n'esse poema se resume toda a vida moral portugueza durante um seculo. A razão intima dos acontecimentos, dos costumes, das opiniões encontra-se alli: explicam-se por elle, e só elles tambem o explicam completamente. O poema e a sociedade são por seu turno texto e glosa que mutuamente se commentam.

N'este ponto de vista, historico e psychologico, não no ponto de vista meramente litterario d'uma esteril poetica da convenção, é que os *Lusiadas* devem ser

estudados e comprehendidos — e cabe ao snr. Oliveira Martins a gloria de ter sido o primeiro a fazel-o, a gloria de ter *commentado* philosophicamente os *Lusiadas*. A esta luz tudo se explica na concepção do poema e na substancia moral d'elle: percebe-se a razão d'este estranho phenomeno, estranho e unico, do apparecimento d'um verdadeiro poema epico nacional em plena idade moderna.

Isto em quanto á concepção. Em quanto, porém, a certa ordem de sentimentos, que, no ponto de vista epico, são secundarios, mas que occupam um grande logar no poema, para os comprehender faz-nos o snr. Oliveira Martins considerar outro lado da physionomia tão complexa de Camões e da sua época. Com effeito, se Camões é um portuguez do seculo XVI, é ao mesmo tempo um artista da Renascença; d'aqui todo um lado dos *Lusiadas*, que excede a idéa nacional, e por onde este profundo poema se liga, não já á vida necessariamente estreita d'um simples povo, mas ao vasto movimento do espirito humano nos tempos modernos. Sem este lado, a significação dos *Lusiadas* seria meramente nacional e local, não europêa e universal: teriam só um valor historico e não philosophico tambem. Mas Camões, portuguez pelo caracter e pelo coração, era pela intelligencia mais do que portuguez sómente. Respirava a atmosphera subtil e vivificante da Renascença: no seu vasto espirito, como no dos grandes artistas d'esse tempo, havia um lado mysterioso e profundo que se virava, não para o passado ou para o presente, mas para o illimitado futuro, presentindo já a revolução moral dos seculos XVIII e XIX. Se Camões, como portuguez é patriota e heroico, como homem da Renascença é pantheista; pantheista plato-

nico e idealista, já se vê, como Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, Shakespeare. Portuguez, exalta os feitos por onde o seu povo conquista entre as nações um logar proeminente: homem da Renascença, sente e interpreta a natureza com um naturalismo impregnado de idealidade, que é mais ainda o presentimento d'um mundo moral novo, do que uma imitação da antiguidade pagã. O sentimento pantheista da natureza, sentimento todo moderno, e que devia mais tarde chegar á plenitude em Rousseau, Gœthe, Hugo, appareceu pela primeira vez em Camões. D'aqui, o caracter do seu espanto em face dos grandes phenomenos maritimos; d'aqui, a concepção do Adamastor; d'aqui, o sensualismo da primeira parte do canto XI e o idealismo da ultima. É por este lado que Camões toma logar entre os grandes espiritos, os *Lusiadas* entre as grandes obras dos tempos modernos. A imaginação prophetica do poeta anticipa tres seculos na historia psychologica da humanidade.

Com todos estes elementos, uns portuguezes, outros europeus, uns locaes, outros universaes, recompõe o snr. Oliveira Martins a physionomia complexa de Camões e dos *Lusiadas*, com uma lucidez e segurança de critica verdadeiramente surprehendentes para quem considerar a completa novidade do seu trabalho. A sua luminosa synthese abraça o poeta, a obra e a época: e pela época, pelo poeta e pela obra faz-nos sentir a intima realidade da nação e a sua razão de ser historica. E n'essa mesma synthese comprehende-se tambem a sua decadencia; triplice decadencia, politica, moral, litteraria. Como? pela decadencia da idéa nacional. Com effeito, o patriotismo heroico do Portugal do seculo XVI continha em si mesmo os germens da

propria dissolução. Era grande, mas não era justo: ora nada dura no mundo senão pela justiça. Tinha fatalmente de se corromper essa orgulhosa idéa nacional, fundada na violencia da conquista, na intolerancia religiosa e no despotismo politico. Os vicios interiores do organismo nacional appareceram bem depressa: appareciam já no tempo de Camões: nos *Lusiadas* encontram-se de vez em quando estrophes sombrias, que são como um lugubre *cras enim moriemur* lançado no meio das alegrias d'aquelle festim heroico. Era o futuro velado e lutuoso que o poeta entrevia n'um deslumbramento prophetico. A nação estava, com effeito, condemnada. O heroismo que tem de durar lança as suas raizes na região mais inalteravel, mais incorruptivel da consciencia humana, e as do nosso não chegaram lá: foi uma especie de *sezão nacional;* não foi um acto reflectido, filho da liberdade moral, um esforço supremo pela justiça; foi apenas um egoismo sublime. Por isso, martyres da propria obra, a nossa quéda foi cheia de tristeza e confusão, nem nos ficou no rosto a serenidade luminosa dos verdadeiros martyres.

As paginas austeras em que o snr. Oliveira Martins estabelece esta distincção entre o heroismo da consciencia e o da fatalidade, e mostra Portugal condemnado por aquillo mesmo que fizera a sua virtude e a sua grandeza, são das mais gravemente pensadas que se tem escripto na nossa lingua. É a verdadeira philosophia da historia aquella sua, que reduz e subordina toda a actividade humana á consciencia e á justiça. A injustiça da idéa nacional, como os portuguezes então a conceberam, corrompeu gradualmente as instituições, infiltrou-se nos espiritos e perverteu os costumes: a so-

ciedade, minada interiormente, vacillou, em despeito do esplendor mentiroso que exteriormente a vestia, e começou a desabar. O snr. Oliveira Martins desenhou com mão segura e vivissimo colorido o quadro das implacaveis realidades, que, produzidas pelo heroico idealismo portuguez, se viraram contra elle, o viciaram e acabaram por destruil-o. A nação, atacada d'este modo nos seus orgãos mais vitaes e na mesma alma, que podia produzir no mundo do espirito, da arte, da litteratura? Á decadencia social e moral tinha necessariamente de corresponder a decadencia litteraria. Um desregramento doentio das imaginações privadas de ideal, depois um estreito classicismo e uma poetica de academias, succederam á livre e fecunda expansão do genio portuguez no mundo do sentimento e da phantasia. A idéa nacional levou comsigo para a cova o segredo das criações poeticas. Do seculo XVI até hoje não produziu Portugal uma unica obra artistica ou litteraria verdadeiramente nacional. De vez em quando, n'alguns momentos excepcionaes, o genio d'alguns homens tem-se levantado como um protesto, e tem-se visto ainda uma ou outra obra viva. Mas essa inspiração é toda individual, não é nacional: é um producto natural, que póde demonstrar que a raça não morreu com a nacionalidade, não é filha d'um sentimento commum e como que organico da sociedade portugueza. A decadencia nacional é o grande facto inexoravel da nossa historia, vai em tres seculos: a decadencia litteraria é uma fórma d'ella, nada mais.

Decadencia irremediavel? pergunta o snr. Oliveira Martins, nas ultimas paginas do seu livro. Não! responde-lhe a philosophia revolucionaria. A nossa renovação moral e litteraria será possivel no dia em que,

pela reforma das instituições sociaes, por uma nova e melhor comprehensão da justiça, comece outra vez o espirito a circular n'este grande corpo, mais inerte ainda do que acabado, volte a animal-o uma alma, um ideal collectivo. Então Portugal terá de nóvo uma razão de ser, e a idéa nacional, mais brilhante e mais quente depois do seu eclipse secular, fará rebentar outra vez fructos e flôres d'este chão endurecido sim, mas debaixo do qual ha ainda (embora a grande profundidade) fontes vivas em abundancia. As grandes acções serão outra vez possiveis, e um melhor e mais alto heroismo: por elle serão não só possiveis, mas quasi inevitaveis os grandes pensamentos poeticos. A renovação litteraria de Portugal é correlativa com a sua renovação social e está dependente d'ella: é a conclusão do livro do snr. Oliveira Martins, conclusão que todos devemos aceitar, não como uma vaga esperança, mas como uma verdade philosophica cuja realisação não depende senão do nosso esforço, da energia do nosso sentimento moral. Somos os operarios do nosso proprio destino, e desde já as nossas mãos o vão aperfeiçoando: terá a fórma que lhe dermos.

N'este trabalho solemne da renovação nacional, grande é a tarefa que está talhada para a geração nova, e immensa a sua responsabilidade! Estará ella, pela intelligencia e pelo coração, pela sciencia e pela virtude, á altura d'esta obra austera e formidavel? Muitos o duvidam, vendo-lhe no rosto uma pallidez de mau agouro... Não me cabe a mim decidil-o: direi sómente que (quaesquer que tenham de ser os nossos destinos) para darem testemunho das intenções sérias d'uma parte consideravel da nossa geração, do seu espirito renovador, da sua aspiração a uma melhor scien-

cia, bastarão em todo o tempo obras como a *Historia da litteratura portugueza*, do snr. Theophilo Braga, e o *Ensaio sobre Camões*, do snr. Oliveira Martins.

9 de maio de 1872.

Estavam já escriptas e publicadas estas paginas, quando appareceu, com o titulo de *Desenvolvimento da litteratura portugueza*, a *These* do snr. Pinheiro Chagas, para o concurso da 3.ª cadeira no Curso superior de letras. N'esta resenha das opiniões, emittidas pelos escriptores da nova geração, sobre o systema geral da nossa litteratura, fôra injustiça não consagrar algumas linhas ao trabalho do snr. Pinheiro Chagas, já pelo valor do trabalho em si, já pela posição que seu author occupa estre os escriptores moços.

As conclusões da *These* do snr. Pinheiro Chagas são as seguintes:

1.º — Que o povo portuguez não é constituido por uma raça especial, a que se dê o nome de mosarabe, comprimida sempre e atrophiada nas suas criações pela nobreza, constituida por outra raça, a que se dê o nome de asturiana.

2.º — Que nem as inducções philologicas, nem os factos historicos, permittem que se dê ao povo portuguez uma origem germanica, e á aristocracia uma origem latina; que, pelo contrario, se algum dos elementos constitutivos da raça peninsular predomina no povo, deve ser o elemento hispano-romano, e na aristocracia o elemento gothico.

3.º — Que teve o povo portuguez, durante a idade média, uma vigorosa existencia, manifestada politicamente pela robusta vida municipal, litterariamente pela

sua collaboração nos vastos romanceiros peninsulares, e pelas chronicas de Fernão Lopes.

4.º — Que a litteratura aristocratica aceitou a influencia provençal, a influencia da França do norte, e a influencia italiana, como succedeu nos outros reinos da Peninsula.

5.º — Que no seculo XVI a reacção latinista imperou aqui, da mesma forma que em toda a Europa, mas que a originalidade do nosso povo se manifestou com um vigor admiravel na epopêa de Camões no theatro de Gil Vicente, e nas chronicas dos descobrimentos.

6.º — Que a decadencia da nossa litteratura foi devida a tres causas deprimentes: o despotismo monarchico e centralisador, que imperou em todas as raças neo-latinas, o despotismo religioso que actuou com a mesma energia na Italia e principalmente na Hespanha, e a perda da nossa nacionalidade, que foi uma causa especial, devida a fataes circumstancias historicas.

Estas conclusões, como o leitor vê, entram, salvo leves differenças, no ponto de vista das considerações que apresentei, tanto combatendo o systema do snr. Theophilo Braga, como expondo e commentando o do snr. Oliveira Martins. Por isso não posso, sem me repetir escusadamente, insistir n'estes pontos. Concordo com o modo de vêr tão lucido e tão realmente portuguez, sem deixar nunca por isso de ser scientifico, do snr. Pinheiro Chagas; e folgo de me encontrar (pelo menos n'este sereno campo da historia litteraria, onde se descança, entre flôres ideaes, de tantas lutas que separam os homens de hoje) em communhão de vistas com um espirito tão gentil e cultivado.

Desejo, porém, dar relevo a um ponto, por onde a *These* do snr. Pinheiro Chagas particularmente me

impressionou. É o caracter eminentemente nacional e (vá a palavra, apesar de tão conspurcada pelos vendilhões de portuguezismo) *patriotico* da sua critica.

A sciencia, essa grande potencia imparcial, essa patria commum de todos os espiritos *bem nascidos*, está certamente muito acima do patriotismo, que tantas illusões offuscam, que tantas miserias até encobre ás vezes debaixo da sua apparatosa *toga pretexta*. Mas essa preferencia e esse sacrificio do patriotismo á sciencia dá-se só onde o patriotismo estreito ou refalsado tenta oppôr-se á luminosa sciencia, franca e comprehensiva. Então, caia por terra, seja derrocado sem piedade o edificio ruinoso do orgulho d'um povo. Passe a luz da intelligencia através das ruinas, e purifique-as! — Mas não é isso o que se dá com a historia litteraria portugueza. Cá não existe essencialmente tal opposição. Um largo patriotismo é perfeitamente compativel com a imparcialidade da critica, no estudo dos nossos poetas, dos nossos escriptores, durante 600 annos, que não foram sem gloria nem originalidade.

Vou mais longe. Direi que esse largo e justo sentimento patriotico é até indispensavel para bem comprehender o que houve n'este povo, na sua vida agitada, dramatica, heroica, a sua alma, a sua realidade moral.

Sim, existimos! e existimos como homens, pensando, sentindo, querendo, obrando. Criámos, descobrimos, combatemos; e podemos dizer ao mundo: « Aqui está o que nós amámos! aqui está o que nós odiámos! » — E o que é isto senão *sentir-se* portuguez e ser patriota? E como, sem isto, se poderá comprehender o que pensaram e escreveram portuguezes, e pensaram e escreveram como portuguezes?

A sciencia não contradiz isto. Parte, pelo contrario, d'este ponto de partida. E é em nome d'ella que o snr. Pinheiro Chagas diz com tanta verdade como energia: «os portuguezes não são os parias litterarios da Europa!»

Esta affirmação do passado é-nos necessaria para podermos, através do presente tão cheio de melancolia, crêr e confiar n'um futuro melhor — e preparal-o virilmente.

Que significa pois essa pseudo-escóla, que, em nome de não sei que sonhada decadencia das raças latinas, deprime systematicamente quanto teve ou tem o nome de portuguez, e nos aponta o ideal d'um messianico germanismo (que nem talvez saiba definir), de uma absurda supremacia das raças germanicas, como a unica salvação possivel?

Estranha salvação, com effeito, para a qual é necessario começarmos por deixar de ser quem somos! Aconselham-nos que imitemos pacientemente, sem critica e sem protesto, os exemplos dos nossos mestres e senhores, os allemães, unicos pensadores e sabios, ao que parece, sem verem que *imitação* importa *abdicação*, e que um povo que abdica do seu pensamento é um povo que se suicida!

Como se não bastassem já as nossas miserias actuaes, juntam-lhes mais esta, e capital: a descrença da nossa propria capacidade e da nossa vida moral. É este exactamente aquelle maximo peccado, que a Igreja considerou sem remissão: *desesperação de se salvar*.

Não é assim, pelo desespero e abdicação, que nos salvaremos. Não é assim que quem está prostrado se levanta; esperando que alguem lhe dê a mão. Esse tal jazerá eternamente.

Sejamos nós mesmos. Tenhamos esse valor, e tudo se tornará possivel. Antes de tudo, convém crermos em nós mesmos, no passado como no presente. Crêr em si não é adorar-se. Podemos ter essa crença, sem santificarmos por isso os nossos vicios, sem nos illudirmos sobre as nossas miserias antigas e modernas, sem nos endurecermos na nossa ignorancia e confusão. Podemos crêr em nós, e confessarmos os nossos erros: quem se suicidou só por que uma vez se reconheceu peccador? Se errámos e peccámos (e peccámos e errámos bastante), reformemo-nos corajosamente, mas seguindo sempre uma inspiração propria, consultando a nossa alma, não a dos outros, a voz da nossa consciencia, não a da consciencia alheia.

Foi isto o que fez essa Allemanha, que nos impõem como modêlo os que talvez menos a conhecem, essa Allemanha, que eu admiro, a quem devo muito, mas a quem quero seguir livremente, com um plenissimo direito de critica, e consultando sempre os meus intimos instinctos de *latino*, que sou e não me envergonho de ser. A Allemanha, perdida, ensanguentada, esquartejada em 1808, que fez para não morrer de todo? que fez para voltar á vida, mais robusta e sadía do que nunca? Imitou a França vencedora? renegou do *genio germanico?* não: concentrou-se em si mesma; appellou para o seu *genio* historico, e elle respondeu-lhe com inspirações salvadoras. Foi, mais que nunca, *allemã*.

Sejamos, pois, nós todos, francezes, hespanhoes, italianos, portuguezes, mais que nunca *latinos*.

Ha um *genio latino*, como ha um *genio germanico*. A historia o revela: e, quando a historia fosse muda, a nossa consciencia bradaria sempre, dando-lhe o seu nome.

É a Revolução.

É este o pensamento secular das raças latinas: a revolução moral, politica e social. Concentremo-nos n'elle. Só a elle peçamos inspirações. Com essa fé *abalaremos montanhas.* O momento actual é turvo, certamente; mas a revolução tem luz e calor bastante em si, não só para dissipar um nevoeiro momentaneo, mas para dar vida a um cahos.

Os germanicos, cuidando-se originaes, fazem imperios: nós, latinos, desfaçamol-os. Reformam velhas religiões: prescindamos nós d'ellas. Reconstituem, com os milhões do espolio, uma nova aristocracia: dêmos nós aos povos a igualdade social.

. . . . . .

Peço perdão ao snr. Pinheiro Chagas. Já não estamos tanto de accordo como ha pouco. Certamente que não quererá admittir todas as conclusões que eu tiro da sua *These.* Mas estão lá: estão no seu ponto de vista nacional e latino, que é o meu tambem.

O snr. Pinheiro Chagas tem muito espirito para não ser revolucionario, no grande e verdadeiro sentido da palavra. Se eu lhe disser que a sciencia é a Revolução, e que a Revolução não é mais do que a sciencia, toda a sciencia, applicada a todas as espheras da actividade humana, e feita vida — o snr. Pinheiro Chagas de certo me responde que, assim, tambem quer ser revolucionario.

Ora a Revolução não é outra cousa.

Estudemos, pois, todos.

20 de junho de 1872. (1)

(1) Reprodução do opúsculo: *Considerações sobre a philosophia da Historia Litteraria Portuguesa — (A proposito de alguns livros recentes).* Porto, 1872. *(Nota do editor.)*

DUAS PALAVRAS

A PROPOSITO DO FOLHETO DO SR. THEOPHILO BRAGA, MAS NÃO EM RESPOSTA AO SR. THEOPHILO BRAGA NEM AO SEU FOLHETO (1)

Como foi n'este jornal que publiquei o escripto *Considerações sobre a philosophia da Historia Litteraria Portugueza*, que provocou da parte do sr. T. Braga uma pretendida resposta, que não é mais do que uma miseria intellectual e moral, julgo que será aqui tambem o logar mais proprio para dizer o que se me offerece a tal respeito.

N'aquelle escripto fallei do sr. T. Braga com a consideração que me merecia um trabalhador que eu reputava ter intenções serias: tratando dos seus livros, distingui o que me parecia bom do que me parecia mau, sem faltar uma unica vez ao respeito devido ao autor, já como homem, já como escriptor, e discuti as suas theorias conforme soube, com toda a liberdade, sim, mas com uma cortesia que certamente se approxima mais do favor ou da simpathia do que da intenção de denegrir. Considerei-o como o iniciador, entre nós, dos estudos de historia litteraria, feita conforme a mo-

(1) *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza.* — Exame das affirmações dos snrs. Oliveira Martins, Anthero de Quental e Pinheiro Chagas. Porto, Imprensa Portugueza-Editora, 1872. In-8.º peq. de 48 pág. *(Nota do editor.)*

derna sciencia. Admirei a sua coragem e seriedade como trabalhador, apontando-o n'isto como exemplo á geração nova.

Disse que, se o lado philosophico era o lado inferior e fragil do seu talento como dos seus livros, em compensação as suas faculdades criticas e analyticas tinham a robustez bastante para darem fructos sasonados, e alguns até excellentes. Combati o seu systema geral de historia litteraria portugueza, com razões que entendo serem scientificas e que são, em todo o caso, *razões*. Oppuz as minhas ideias ás suas, lealmente, serenamente, como n'uma discussão entre amigos — e se já não o eramos então, eu nem por isso desestimava o sr. T. Braga, porque, se me offendera dolorosamente, não descera todavia no meu conceito. Fallar publicamente da sua Historia, e com quanta justiça eu pudesse, era um dever que me eu imposera desde o dia em que a obra começou a ser publicada, e que depois do rompimento que se dera entre mim e o sr. Braga, julguei mais impreterivel do que nunca.

Escrevi, pois. Entendo que fui justo: bons juizes assim o reconheceram; independentemente do juiso d'elles, dizia-me o senso intimo que podia ter peccado por falta de sciencia, mas não por falta de consciencia. Toda a gente imparcial viu n'aquelle escripto (o que era realmente) um elogio moderado mas leal ao escriptor T. Braga.

Não era para agradecer, visto que era devido. Mas certamente não era para o elogiado se julgar offendido. Isso não. Ninguem, no caso do sr. T. Braga, se daria por offendido; pelo contrario. Deu-se elle. Porque? Talvez nem elle mesmo o saiba. Respondeu com umas aleivosias indignas de si e de mim e do publico,

e até do papel e dos typos, que tambem devem ser respeitados. Falla tanto em seriedade e moralidade o sr. Braga! São bellas as palavras: mas porque hão de ser só palavras, no seu escripto?

Desejava (e esperei-o, até) que o sr. Braga respondesse com ideias e razões ao que eu com razões e ideias lhe argumentava. Era o natural: era, além disso, o decente, depois de rompidas as nossas antigas relações. Era até um bonito exemplo a dar, este de dois homens, que não são amigos, que discordam em opiniões, e que as discutem galhardamente, sem que a paixão perturbe um instante o entendimento, como dois puros espiritos. Pois não era um bonito exemplo, n'esta terra e n'esta litteratura onde o phrenesi das paixões grandes ou pequenas nos perturba a todos (incluo-me), tantas vezes a razão?

O sr. T. Braga achou que era mais formoso descer ao raso das insinuações maldosas e calumniosas, e desceu, com effeito, muito abaixo de quanto cá n'esta terra e em questões d'estas se tem descido, depois das saturnaes de gallegada de José Agostinho de Macedo. É por isso que não posso nem devo responder ao sr. T. Braga, e é por isso que estas linhas se dirigem a toda a outra gente, menos ao sr. Theophilo. *Não posso*, porque não oppoz uma unica razão ás minhas razões. Disse lá umas coisas que elle sabe. Mas quanto eu affirmára das relações da etnographia com a litteratura, do genio nacional e seus elementos, da originalidade litteraria e do *mosarabismo*, tudo isso ficou de pé: o sr. Braga nada disse a esse respeito, pelo menos coisa que eu entenda. Trata, como refutação universal e summaria, de provar que eu sou *incompetente*; e *prova* isso com a minha *biographia*, *de-*

monstrando que quem, como eu, andou viajando pela America e não sei já que outros paizes, e que, além d'isso, é doente, nada póde dizer nem comprehender de litteratura! Até aqui, são opiniões, ridiculas sim, mas, em summa, innocentes. Isto explica só *porque não posso* responder ao sr. Braga: porque não tenho a quê. Mas como, transpondo os limites do honesto, *explica* a minha critica esquadrinhando as minhas intenções e calumniando-as tão vil quanto estupidamente; como ousa attribuir a divergencia das minhas ideias e das suas a estimulos que eu considero ignobeis, a inveja, o despeito, e outros que o sr. Braga mostra conhecer muito pessoalmente; como traz para tudo isto (tratando-se de raças, de litteratura e dos mosarabes!) cartas particulares, conversas, anecdotas e insultos aos meus mais queridos amigos, tudo guisado n'uma aleivosia de mulher má, velha e estupida — é por estes motivos que eu, além de não *poder* responder ao sr. Braga, não *devo* fazel-o, porque fazia uma coisa indigna d'um homem que se respeita. O sr. T. Braga do recente folheto é um cano de esgoto moral: é nocivo á saude do meu espirito approximar-me d'elle. Não me approximo.

Disse uma vez por todas ao sr. T. Braga, que questões pessoaes não se tratam no campo da imprensa, mas n'outra parte. Supponho que não me quiz então comprehender, apesar de eu ter empregado uma dura palavra: *mente!* Por isso me vejo obrigado (e custa-me isto) a repetir-lh'a aqui em publico: *o sr. T. Braga mente, como um pequenino miseravel, que mostra ser.* Estou prompto, hoje como então, a responder por estas palavras, annunciando aos amigos do sr. Braga que não me acho tão doente como Sua Senhoria quiz inculcar.

Ao publico, para quem só escrevo, devo dizer que a respeito do bello livro do sr. Oliveira Martins, *Ensaio sobre os Lusiadas*, imprimi em tempo n'este jornal uma pequena noticia (anonyma por isso que ia publicada nas locaes) em que disse que o trabalho do sr. Martins «não tinha precedentes». E claro está que os não tem, porque aquelle livro é um estudo *philosophico* de *historia social e moral* como os de Quinet, Michelet, Burckardt, Bunsen, etc., em que a historia litteraria é apenas um subsidio e um instrumento, e não o objecto que se estuda por si. Os livros do sr. Theophilo, pelo contrario, como os de Paulin e Gaston Paris, Schlegel, etc., fazem parte d'uma obra *critica* que estuda a *historia litteraria* pela historia litteraria em si, como o titulo indica. Em que podiam ser *precedentes* do escripto do sr. Martins? Podiam ser-lhe *subsidios*, quando muito, mas nunca *precedentes* do *genero* a que pertence o *Ensaio sobre os Lusiadas*. Note-se, além d'isto, que sobre os Lusiadas ainda o sr. T. Braga não publicou trabalho algum. Que o sr. Braga tem *intenções* de ser philosopho na sua *Historia de Litteratura*, é certo: mas, por ora, ainda se não demonstrou que *intenções* e *factos* fossem a mesma coisa. D'essas intenções platonicas é que saiu o famoso systema do mosarabismo, que é exactamente o que na obra do sr. Braga não tem valor algum. Affirmei, por tudo isto (e toda a gente de senso concordou comigo) que o livro do sr. O. Martins era, no seu genero, sem precedentes. O sr. Braga baralha tudo e tudo confunde, porque não entende mais. Não tenho culpa d'isto. Dirão que nem elle tambem, porque é erro de intelligencia. É certo, e não o crimino por isso. Mas tem culpa, e muita, quando para explicar o que não entende, vae *descobrir* n'um homem

que sempre lhe mostrara affeição, intenções perfidas, inveja e não sei que mais, envolvendo isto em insinuações, que fazem rir pelo que são de tolas, mas que nem por isso deixam de ser tão nojentas como as suas calumnias e como elle mesmo, calumniador.

N'essa mesma noticia, referindo-me ao longo estacionamento da critica entre nós, dizia que «continuara impassivel a seguir o seu trilho de erudição fradesca, datas, nomes, etc.» Já se vê que me referia á geração dos *velhos*, nem podia imaginar que alguem tomasse aquellas palavras como allusivas á nova geração, que eu apresentava como revolucionaria, e muito menos ao sr. Braga, meu amigo e companheiro de luta, a quem eu, já na imprensa, já fallando em publico, collocara sempre no devido logar. Pois tomou elle para si essa allusão! E porque? porque não fallei no seu nome! E da parte de quem? de um homem que lhe fôra sempre leal, com quem vivera durante annos na intimidade de companheiro de casa e estudo, e cujo caracter conhecia como franco até á imprudencia! E a esse homem, em vez de lhe pedir uma explicação amigavel *accusa-o*, como juiz, de má fé, n'uma especie de tribunal grotesco de tres testemunhas, e com ares inquisitoriaes, collocando assim o *accusado (!)* na impossibilidade de dar a *exigida* explicação, sob pena de parecer *reu* e acceitar a competencia do *juiz* e do *tribunal!* Esse homem, apertado entre a amisade e a dignidade, sacrificou aquella a esta, como devia, e não deu a explicação exigida. *De là sa chute*, como diz Bossuet. Fui posto no index da egreja autolatrica e considerado como traidor — traidor? não, que o *crime* tinha um caracter religioso: *impio*. A gente sente calafrios, quando considera este abysmo da imbecilidade humana, e se lembra de que

tambem assim podia ser! Tudo isto, porque? porque *não fallei* no sr. T. Braga! Não vinha a proposito, era uma simples noticia de trinta linhas, escripta á pressa e anonyma — não importa! *devia* fallar... Creio que é um caso virgem, este! No mundo do sr. Theophilo ha obrigação de fallar em Sua Senhoria, sempre que se trata de litteratura portugueza. E quer lembre, quer não lembre. Aquelle nome é soberano, não se póde varrer um instante de uma memoria acostumada á veneração. Fraca memoria é signal de impiedade: «queimado e feito em pó», como diz a ordenação: *morro por ella!...* A profundidade d'este abysmo de ridiculo é tal que, por mais que, cá de cima, o sondo com a vista, ainda não pude dar-lhe bem com o fundo. O sr. Braga adora-se a si mesmo nos seus vinte volumes. Perfeitamente. Mas querer que os outros o adorem, isso é que excede os limites de acção e liberdade que a policia concede á loucura mansa. Ou crentes ou infieis: tal é a sua divisa, como a boa da egreja catholica. Mas ao menos, a Santa madre egreja impõe isto em nome de um Deus tal ou qual. Aqui não ha Deus, mas ha o sr. Theophilo, que, com tempo, papel e tinta, ainda espera chegar lá. É uma compensação. A autolatria, ou adoração de si mesmo, tem d'estes effeitos. Já transformou cruelmente a Nabucodonosor. O sr. Theophilo é um Nabucodonosor litterario — depois da transformação. O sr. Theophilo tem pouco geito para Deus, valha a verdade. N'aquelles tempos aureos do Egypto, em que até os escaravelhos e os patos eram deuses, vá que chegasse lá. Mas n'um seculo, como o nosso, que não crê, de uma maneira absoluta, nem em Christo, nem em Cesar, nem em Homero, nem em Napoleão, julgo que me será per-

mittido a mim não crer absolutamente na divindade do sr. Theophilo.

Humanamente e relativamente creio. Por isso escrevi as *Considerações*, onde apesar de *impio*, lhe digo bastantes coisas agradaveis, e nenhuma desagradavel. Dei a prova, ali, dos meus *rancores* e das minhas *invejas!* Litterariamente ainda creio no sr. Theophilo nem mais nem menos do que ha seis mezes, ha um anno, ha tres, seis, oito annos. Agora moralmente é que deixei de crer n'elle ha quatro ou cinco dias.

O meu juizo sobre esta laboriosa e suja personalidade, encerra-se em duas palavras: «O sr. Braga, *como litterato*, tem o seu valor, nunca lh'o neguei, antes o apoiei sempre: o sr. Braga, *como homem*, é apenas um villãosinho muito mesquinho; não o sabia antes: sei-o só agora; por isso só agora o digo». Sim, é muito pequenino, é muito villãosinho, para eu ter por elle a consideração moral que tenho, por exemplo, pelo meu engraxador, que, ignorante e boçal como é, é honrado e crê, quando lhe dou um vintem, que é um vintem que lhe dou e não o veneno ou polvora algodão, e quando lh'o não dou porque o não tenho, crê que o não tenho realmente, e não descobre tenções reservadas nas minhas botas, como descobriria o sr. Theophilo, se fosse meu engraxador. Mas eu é que nem para isso o quero já hoje.

Já vêem os leitores que muito menos o posso acceitar como accusador. Mas posso, querendo, dizer alguma coisa sobre as accusações, sem que isso importe reconhecer a auctoridade do accusador, pelo contrario, exactamente para mostrar que tal auctoridade lhe não assiste. Lê-se por exemplo no folheto, que tenho aprendido quanto sei nos livros do sr. Theophilo. *Quanto*

sei, será talvez dizer muito, por que sei, verbi gratia, um pouco de allemão que sr. Braga ignora, apezar de citar auctores allemães e textos n'essa lingua: sei tambem um tanto ou quanto de civilidade, que não aprendi nos seus livros, e muito menos na sua convivencia: sei de grammatica portugueza o sufficiente para conhecer que o sr. Braga, quando escreve, se esquece que lh'a ensinaram nas primeiras lettras; sei que os *mosarabes* não são uma raça germanica; sei finalmente que a dignidade é um sentimento com que a gente vive e por que vive, e não um vestido de apparato que só serve nos grandes dias em que os hierophantes do charlatanismo litterario e de outros peiores o envergam por cima dos sujos vestidos ordinarios para fazerem figura na cerimonia mystica de embaçar o seu similhante; sei que mentir é mau; calumniar, peior; e que imprimir as calumnias... é... é... querer ser por gosto o que são e foram em todos os tempos, em toda a parte os T. Bragas de toda a parte e de todos os tempos. Nada d'isto me ensinou o sr. Braga, e mais tudo isto é elementar. Agora a respeito de Gil Vicente, de Sá de Miranda, do Cancioneiro de Rezende, do Theatro Portuguez, sim, senhores, aprendi alguma coisa, muitos factos novos para mim nos livros do sr. Theophilo. Nem sei porque o havia de negar (que nunca o neguei) nem sei que podesse ser de outro modo. Lá disse um mestre «não ha pagina que não tenha a sua utilidade.» Ora, a *Historia da Litteratura,* segundo nos diz o auctor, tem 3500 paginas, e eu li essas 3500 paginas. Se nada lá tivesse aprendido, seria isso a condemnação da sua obra, porque provava não haver n'ella cousa que aproveitasse aos outros. Não é assim: aproveita-se lendo a *Historia da Litteratura;* e eu gosto que todos

saibam ser ou não meu amigo o sr. Braga (ou qualquer outro) nada influe nas minhas opiniões litterarias scientificas. Tinha que ver se o sr. Theophilo, por se tornar meu inimigo, tivesse o poder de me obrigar a mentir a mim mesmo e de negar, perante a minha consciencia, uma verdade qualquer! Nem algum d'aquelles que eu mais amo e a quem mais devo, Hegel por exemplo, ou Christo ou Proudhon, teria força para alcançar isso de mim. E sempre lhes devo um pouco mais do que ao sr. T. Braga. Este para a minha consciencia, peza tanto como um imponderavel: ame-me ou odeie-me, não dou pela differença. Quando o sr. Braga tiver sentimentos de gente honesta, então pezará para mim proporcionalmente ao valor d'esses sentimentos, e confessal-o-hei candidamente. Agora, lá plagiar as ideias do sr. Theophilo, isso não plagio, estejam descançados, por muito que elle phantasie. E isto por varias razões, entre as quaes uma simplicissima; a mesma que me impede de responder-lhe com argumentos litterarios — porque não ha no sr. Theophilo ideias que plagiar como não ha argumentos a que responder. Se eu descesse ao Limbo, apprendia muito por lá, porque reflectia muito sobre as miserias do nada. Mas se de lá voltasse, trazia só a minha reflexão e experiencia e não plagiava o Limbo, porque não podia trazer commigo, um bocadinho do nada.

Ora aqui está um tempo bem empregado, realmente; dirá o leitor. Gastar algumas horas para provar que um tolo máu é tolo e máu, não valia a pena. — E não valia. Obrigou-me a isto o sr. T. Braga, caprichando em não responder uma palavra ao Anthero do Quental, *litterato* que lhe fallara nas *Considerações*, e dirigindo-se accintosamente ao Anthero do Quental, *homem*

que havia mezes, já lhe significara não querer existir para o sr. Theophilo. Pois um escriptor que declara ter tanta sciencia, e ter lido tantos livros em *tantas e tão desvariadas linguas*, como diz o Fernão Lopes, e possuir tantos methodos ignorados pelo resto dos mortaes, e ter descoberto tantos factos, tantos symbolos, tantos godoslites e tantas aravias arabico-germanicas... um escriptor assim de polpa não achou nada a objectar scientifica e litterariamente ás minhas pobres e magras *Considerações!* Aquellas rachiticas *Considerações* em que se não cita nem allemão, nem musica arabe, onde nem sequer apparece a sombra de um modesto wisigodo! É incomprehensivel. Mas a vaidade pequena e lorpa, quando ferida (por quem? isso é lá com ella) tem d'estas coisas, e produz uma extranha perturbação no estado mental d'aquelles que victima. Nasce d'ahi uma doença muito triste, a que eu chamarei a hydrophobia dos infinitamente pequenos e de que é um exemplo illustre, n'este momento, o sr. Theophilo. N'este estado não se tem ideias, nem argumentos, nem sentimentos: tem-se *atrabilis* — e o atrabiliario não é precisamente o modelo dos bons argumentadores. É o caso do sr. Braga, mosarabe, auctor de 3500 paginas e atrabiliario. Pois não podiamos estar agora aqui discutindo placidamente qualquer coisa mais util, e sobretudo, mais agradavel? as raças, por exemplo a sua influencia nas litteraturas, a idade-media, os mosarabes? Tanto mais quanto era precisamente d'isso que se tratava. O sr. Theophilo não o quiz assim. Quiz antes dar a si mesmo o desgosto de o dizer ao publico. *Fiat voluntas tua.* Se eu podesse, em caso algum d'esta vida, querer mal ao sr. Braga, penso que lhe quereria mal por isto, por me obrigar a perder tempo

e a fazel-o perder aos outros com coisas d'esta natureza.

E ahi está o trabalhador *serio e moral!* Pergunta a gente a si mesmo, como é que um homem que trabalha seriamente, póde abrigar sentimentos tão mesquinhos! Ora, como eu creio na virtude nobilitadora do trabalho, vejo-me obrigado a descrer da *seriedade* do trabalho do sr. Braga. O trabalho serio preserva a alma de rancores, de odios pequenos, de desconfianças malevolas — e a alma do sr. Braga está cheia d'essa turva bilis até trasbordar.

Os grandes trabalhadores que o sr. Braga cita a cada passo, Grimm, Muller, Michelet, Burnouf etc., foram ou são, entre todos, humanos, puros, confiados, generosos. Cite-os menos e medite-os mais, talvez ainda possa lavar, com essas aguas lustraes, a lepra do seu espirito enfermo pelo muito odiar. Faça-se bom, que isso ha de tornal-o mais intelligente: escreva depois e terá muita gente que o applauda.

Mas ia-me esquecendo que não é com o sr. T. Braga que estou fallando. Não ha resposta possivel para coisas taes, dictadas por um tal espirito. Inepcias d'aquellas, tão sujas e tão pequenas, caem: no momento em que nascem, na lama moral que as gerou. A resposta unica é a indifferença de um absoluto despreso pelo escripto e por quem o escreveu. E, todavia, não! não se deve despresar absolutamente um homem. Deve-se, ao menos, ter dó d'elle, e é, com effeito, piedade o que no fundo, me inspira o sr. T. Braga. Tenho soffrido, vendo descer assim um homem a quem eu apertei durante annos a mão como a um amigo, um bom e leal amigo. Paciencia! Diz elle que o odeio. Porque hei-de eu odiar o sr. T. Braga? Estimei-o du-

rante dez annos. Já veem que só posso agora lastimal-o.

O que é certo é que a satisfação que ha n'estas linhas, é só ao publico que a dou: e não ainda a todo o publico, mas particularmente áquelle limitado numero de pessoas que me conhecem como realmente sou, nem grande sabio nem pequeno sabio, nem grande homem nem pequeno homem, mas simplesmente um homem, como os outros com cabeça, coração e consciencia como outro homem qualquer. Não me entendo senão com aquelles que, sem se julgarem honrados, se consideram meus eguaes — isto é, com o commum dos homens, de senso e dignidade.

Não venho aqui para mostrar que tambem sei *demolir* reputações, e que n'estas tristes guerras da *litteratura pessoal* tambem sou *condottiere* como qualquer outro. Tomara eu que me deixem socegado. É o que só peço aos deuses immortaes dos varios Olympos da Litteratura portugueza. Muita gente me julga aggressivo, enganam-se. A palavra que mais expontanea sae do coração é a palavra do Dante: *a paz!* que é tambem aquella do Evangelho: *beati mites.* É o que digo pela manhã e á noite — e, se não me puchassem pela lingua, pouco mais diria. Sem ser muito christão, agradam-me infinitamente bastantes coisas do christianismo, e, entre ellas estas duas: o silencio e a paz espiritual!

Mas deixemos isto.

O que eu quero dizer é que não tem outro fim este escripto senão declarar ás pessoas que me estimam, e a quem eu estimo, que não respondo ao sr. Braga, e explicar-lhes porque não respondo. Para isso tive de motivar os *porquês*, que se reduzem a estes tres pontos: 1.º porque o sr. Braga não oppoz razões nem argu-

mentos a nenhum dos themas da minha critica. 2.º porque o sr. Braga entendeu que devia descer ao raso dos escrevinhadores imbecis, que respondem a ideias com personalidades, e dos individuos baixos por natureza ou educação, que respondem a palavras de cortezia com brutalidades soezes. 3.º porque o sr. Braga, na maneira porque tractou essas questões pessoaes, mentindo, adulterando ou interpretando perfidamente, mostrou a villeza sufficiente para não merecer da minha parte a menor consideração, como homem. Antes da publicação d'este folheto, tinha-me *offendido* o sr. Braga, mas não tinha *desmerecido* aos meus olhos; agora não me *offendeu*, porque o que é nullo não offende, mas *desmereceu*, porque o nullo póde ser miseravel e é esse o seu caso agora.

Posto isto, entendo que nada mais tenho a dizer.

Aos meus amigos, conhecidos e desconhecidos, aperto cordealmente a mão, e, como só n'elles pensei começando este escripto, só nelles penso ao terminal-o.

Porto, 27 de julho de 1872. (1)

(1) Publicado in-*O Primeiro de Janeiro*, n.os 168 e 169, de 30 e 31 de Julho de 1872.

THEORIA DO SOCIALISMO,

EVOLUÇAO POLITICA E ECONOMICA DAS SOCIEDADES DA EUROPA POR J. P. DE OLIVEIRA MARTINS

Pelo assumpto do livro, pela maneira por que nelle se resolvem as questões que o assumpto envolve, e pela muita amizade, além da affinidade de crença philosophica e politica, que me liga ao auctor, estava eu obrigado a fallar publicamente desta recente e, por tantos lados, notavel obra do sr. Oliveira Martins. Se o não tenho ainda feito, contando o livro perto já de tres mezes depois de publicado, é porque preoccupações de outra natureza, envolvendo dispendio de tempo e de attenção para coisas bastante differentes, me teem totalmente impedido. Agora mesmo, só lhe poderei consagrar uma rapida noticia, expondo apenas a impressão geral, que uma primeira leitura, por varias occasiões interrompida, me deixou, tanto dos defeitos como das serias qualidades, que avultam na *Theoria do socialismo.*

Comecemos pelos defeitos, e pelos pontos em que discordo (sem pretender por modo algum incluir estas divergencias no numero dos defeitos) da maneira de vêr do auctor. Depois, mais desassombrados, apreciaremos o pensamento essencial da obra.

Os defeitos são, me parece, exclusivamente de forma e composição.

Ha uma idéa fundamental no livro que determina uma linha logica, desenvolvendo-se sem soluções de continuidade da primeira até á ultima pagina; ha, nos pontos que essa linha percorre, uma successão natural correspondente ao encadeamento normal dos principios e dos factos na sciencia e na historia. O que falta, porém, é uma definição *cathegorica* da idéa geradora, e uma exposição precisa e desenvolvida dos principios, de tal sorte que estes não se entrevejam sómente, mas appareçam de facto como a *razão sufficiente* dos phenomenos historicos e a elles *adequados*. É a esta falta que se deve attribuir a difficuldade e obscuridade que encontram as intelligencias não preparadas por uma conveniente educação philosophica (e são muitas, desgraçadamente) em certas partes desta obra, aliás methodica e bem deduzida. Quero com isto dizer que não é da idéa que provém a obscuridade, mas da composição e do estilo. Bastava que o auctor tivesse dado ás *theses*, que precedem cada um dos seus capitulos, um desenvolvimento proporcional, em vez de as encerrar em formulas, ás vezes um tanto algebricas, e que nas suas exposições de principios *arejasse* um pouco o estilo, tornando-o mais ductil e menos technico, para que as abstrações philosophicas se tornassem accessiveis ao simples senso commum, a que se reduz o criterio de 90 por cento dos leitores portugueses.

Faço estes reparos, não só para que as pessoas que não comprehenderam bem certas paginas do livro do sr. Martins se convençam de que essa obscuridade nada depõe contra a verdade e lucidez da idéa fundamental delle, como tambem por entender que o estilo nas obras não litterarias, e até nas de sciencia pura, não deve ser considerado como coisa accessoria e secundaria. Cer-

tamente que não aconselho aos homens de sciencia que *façam estilo;* mas é que tal conselho não o daria tambem aos litteratos e aos poetas. Para mim entre ter bom estilo e *fazer estilo* ha uma differença essencial: ter bom estilo significa ter o estilo proprio e conveniente das idéas que se expõem; *fazer estilo* significa encobrir a falta de idéas com phrases redundantes e apparatosas, com aquelles *persicos apparatus* que já Horacio queria banir dos festins e, com maior razão ainda, do discurso. Pode haver, e ha effectivamente, bom estilo até nas sciencias mais rigorosas, naquellas a que os espiritos vasios, que querem campar de poeticos, chamam aridas; ha bom estilo em mathematica, por exemplo, e em chimica: Lagrange passa por ter escripto algebra com uma elegancia e belleza verdadeiramente classicas; em chimica, gosa hoje de igual reputação o illustre Wurtz. Mas deixemos isto, porque não é sobre esthetica que me propuz escrever. Direi sómente que o sr. O. Martins nunca *faz estilo*, exactamente porque tem muitas idéas mas que, por não dispor ás vezes convenientemente as suas idéas, consoante os respectivos valores, *cum pondere, numero et imensura*, deixa passar certas paginas, que, sem injustiça, podemos acoimar por não terem bom estilo.

Tomarei tambem nota de alguns pontos em que não concordo com o modo de ver do auctor da *Theoria.* Não é que essas divergencias de opinião sejam muito profundas, quero dizer, que versem sobre pontos essenciaes da doutrina do livro: são, pelo contrario, exotericas, e versam exclusivamente sobre certas apreciações historicas, indifferentes em grande parte á conclusão geral que o auctor tira da evolução das sociedades na Europa desde a epoca romana. Essa conclusão é a

minha tambem, como o leitor verá: e se tomo nota destas divergencias, é porque não me apraz estar completamente de accordo com quem quer que seja, maximamente com aquelles cuja intelligencia préso e respeito — e desejo deixal-o registado. Custar-me-hia tanto não concordar em ponto algum com o sr. O. Martins, como concordar em todos absolutamente. Espero que o leitor comprehenderá, sem mais explicações, o que quero dizer.

Discordo pois, da maneira porque o sr. Martins encara, na sua generalidade, a Edade-média, considerando-a como um periodo de retrocesso em relação á civilisação greco-romana, durante a qual os elementos evolutivos dessa civilisação estacionassem (experimentando alguma cousa analoga áquillo a que em physiologia se chama *interrupção de desenvolvimento*), em virtude das sabidas causas ethnologicas, sociaes e moraes que determinaram a dissolução do mundo antigo, de tal sorte que todo o movimento europeu, durante aquelles nove a dez seculos, se reduzisse, de um lado, á tradicção greco-romana, no que ella tinha de *já definitivo e não evolutivo*, isto é, o Christianismo e o Imperio, e do outro lado, ao reapparecimento de elementos primitivos, os Barbaros, que apenas repetem extemporaneamente phases sociaes, que a civilisação antiga, havia já seculos, tinha atravessado. Daqui parece o auctor concluir que a evolução normal da civilisação foi perturbada, durante um certo periodo, pela introdução violenta de elementos extranhos, constituindo uma como massa indigesta, cuja laboriosa digestão produzindo uma lethargia secular, explica sufficientemente a *interrupção de desenvolvimento* que descobre na idade-média. Esses elementos anormaes, que a civilisação

teve de *digerir* durante mil annos, para poder reatar os termos logicos da sua evolução (seculo 5.º, seculo 16.º), foram, de um lado, o Christianismo com o seu Santo Imperio, do outro lado os Barbaros com o seu sistema feudal. Ora, de mais de uma pagina da *Theoria* concluo eu que, no pensar do sr. Martins, nenhum destes dois phenomenos é inherente á evolução, pois que vê nas invasões barbaras só um phenomeno ethnologico e como que uma fatalidade natural, e no Christianismo uma mera reacção religiosa, um recrudescimento anomalo de transcendentalismo, quando já pelo Estoicismo de um lado, e do outro pelo Epicurismo, entrava o espirito humano na larga estrada da philosophia natural, e entrevia no horisonte a luz salvadora da Immanencia.

A conclusão a tirar é que, sem estes elementos perturbadores, não teria havido *interrupção de desenvolvimento*, seriam poupadas á Humanidade as agonias da sua *paixão* (como Michelet chama á Edade-média), o seculo 16.º teria caido no seculo 6.º, e nós hoje estariamos já aonde só estaremos no seculo 30.º

Se estas conclusões, que não estão explicitas no livro do sr. Martins, se contêem realmente nos seus principios, tenho a objectar-lhe, antes de tudo, que implicam até certo ponto contradicção com a sua idéa fundamental, isto é, a evolução como lei primeira da Civilisação. Que uma circumstancia ou uma serie de circumstancias exteriores e fataes possam produzir n'uma civilisação não sómente uma *interrupção do desenvolvimento*, mas ainda uma atrophia permanente, comprehende-se e em nada contradiz a idéa da Evolução. Mas o que a contradiz e o que não se comprehende é que essa atrophia temporaria ou permanente possa ser expontanea, e saia como um termo necessario da mesma

evolução, cuja essencia é o desenvolvimento. Ora, ainda concedendo que os Barbaros estejam no primeiro caso (e não me parece que estejam absolutamente, porque se as invasões barbaras são um phenomeno natural e fatal, e um agente exterior, a fraqueza interna de uma civilisação, que succumbe á barbaria, tem por força de ter uma causa tambem interna, que é preciso determinar), o Christianismo é que necessariamente estaria no segundo, e teriamos assim, neste ponto, a evolução embaraçando-se e contradizendo-se a si mesma.

Logo, uma de duas: ou a evolução, em determinados casos, pode suspender-se expontaneamente, e não só suspender-se, mas até retroceder e annullar-se a si mesma, o que é contradictorio com a sua idéa essencial; ou não houve realmente na Edade-média um *retrocesso geral* e atrophia dos elementos evolutivos, e é necessario procurar no estudo comparativo dos elementos immediatamente anteriores e posteriores a essa idade a existencia de um *quid intimum*, cujo desenvolvimento, assegurando o resultado total da evolução, como sendo-lhe essencial, pôde ao mesmo tempo, pela sua particular natureza, *suspendel-a parcialmente,* durante um certo tempo e em determinados pontos.

Regeitando a primeira hypothese, como envolvendo um absurdo, fica-nos a segunda, que não só tem a plasticidade sufficiente para se accommodar á explicação dos phenomenos divergentes e apparentemente contradictorios de um periodo tão complexo e revolto como a Edade-média, mas encerra além disso um real valor philosophico, fazendo entrar na historia uma das idéas fundamentaes das sciencias da organisação, a idéa de *crise*, e estabelecendo assim entre o mundo da vida e o do espirito uma concordancia de bastante alcance.

Nestes termos diremos que não se deu na Edade-média uma *interrupção do desenvolvimento*, mas sim uma de aquellas *crises organicas* que são proprias e expontaneas na evolução dentro do mundo dos organismos — fazendo entrar neste a historia, como uma forma organica superior e transcendente. Crises taes são um resultado do mesmo desenvolvimento dessa ordem de forças complexas (que não são independentes e apenas paralelas, mas convergentes e solidarias) que actuam segundo leis analogas, tanto nos organismos como nas sociedades e no espirito.

Vê-se claramente como desta solidariedade e convergencia, combinadas com a acção desigual das circumstancias exteriores sobre cada uma dessas forças, resultem para muitas dellas desencontros e periodos de estacionamento, em quanto umas esperam para se desenvolverem que outras tenham attingido um dado grau de desenvolvimento, sem se realisar o qual ellas mesmas não podem continuar a sua evolução.

É assim que o sabio paleontologista G. de Laporta *(Origens da vida sobre o globo)*, comparando a evolução solidaria dos reinos animal e vegetal nas idades primitivas, nos mostra o primeiro, depois de ter percorrido successivamente uma serie ascendente de typos, estacionar durante muitos milhares de annos, á espera que o segundo, cujo desenvolvimento, por causas em parte desconhecidas, fôra mais demorado, attingisse aquelle termo de ascensão, sem se realisar o qual não podia o reino animal continuar o seu progresso especifico. Se considerarmos (como depois dos trabalhos de Darwin e Haeckel não podemos deixar de considerar), que os chamados reinos animal e vegetal não são somente parallelos mas solidarios, e constituem realmente

um só mundo organico, teremos um facto consideravel, que a paleontologia nos aponta, o exemplo de uma immensa e prolongadissima crise, que esse mundo atravessou, a maior, por ventura, que elle tem atravessado.

Ora é exactamente uma crise analoga que eu sustento ter soffrido a sociedade europea durante o periodo da Edade-média: o *reino* social e politico, depois de rapido e ininterrupto progresso realisado desde Homero até aos Antoninos, teve de estacionar, esperando que o *reino* moral, atravez das varias *especies* do Christianismo e da philosophia Escolastica chegasse a um grau de desenvolvimento parallelo ao seu, que lhe tornasse possivel continuar a progredir. A solidariedade entre o progresso social e moral da humanidade, de um lado, e do outro o desigual desenvolvimento destes dois elementos, bem patente no facto singular (que aliás se explica) de ter o mundo antigo produzido o direito romano sem sair do polytheismo, dão cabalmente, me parece, a razão sufficiente deste *desencontro* de forças, cujo resultado foi a grande crise da Edade-média.

É por tudo isto que, a meu ver, a Edade-média, não pode ser reduzida, como parece fazel-o o sr. Martins, a uma simples *tradição* e a um periodo de *atrophia* dos elementos verdadeiramente evolutivos do mundo greco-romano. Para mim, são verdadeiramente evolutivos *todos* os elementos da Edade-média, e a Edade-média contem *todos* os elementos evolutivos da civilisação antiga: sómente o grande desenvolvimento e as posições respectivas é que são differentes. Considero o Christianismo como essencial á evolução; mais, como o termo necessario de todo o movimento moral da antiguidade: para mim não só não foi elle um *incidente* perturbador, mas não foi de modo algum um incidente.

A *transcendencia*, preparada e organisada por todas as escolas philosophicas desde Socrates, até aos Alexandrinos, incluindo os Estoicos, e até aos Epicuristas (cuja metaphisica era tão idealista e a moral tão mystica como as das outras escolas, e que não foram, como a alguns tem parecido, os precursores *incompris* dos racionalistas e naturalistas modernos), a *transcendencia*, phase necessaria do pensamento humano, tinha forçosamente de produzir uma religião analoga na essencia ao Christianismo, ainda quando lhe faltassem os elementos, quanto a mim puramente morphologicos, da lenda oriental. Uma prova bem clara desta ultima asserção, encontro-a na reacção de Juliano, chamado o Apostata, cuja religião-philosophica não era menos transcendentalista e mystica do que a christan, e que, a ter vingado, haveria produzido uma theologia e uma igreja exactamente como o Christianismo. Quero dizer que, dado o estado moral da humanidade na ultima epoca do periodo greco-romano, se o Christianismo não era inevitavel, o que era inevitavel era uma religião na essencia christan, isto é, mystica. A exaltação mystica, que então se apossou do espirito humano, se foi um mal (e não creio que o fosse absolutamente), foi um mal necessario. Era um termo logico da Evolução; e a Edade-média, que foi o desenvolvimento d'esse termo, não póde por esse lado ser considerada como uma simples *tradição*.

Em quanto aos Barbaros, bastar-me-ha dizer que não creio que fossem elles os destruidores da unidade romana, por si não só prestes a desfazer-se, mas já meia desfeita nos seculos 5.º e 4.º; que sem elles o imperio ter-se-ia igualmente desmembrado; que elles não impediram a extinção da escravidão antiga nem a

formação da burguezia; que independentemente da influencia germanica, já o feudalismo tendia a formar-se expontaneamente no imperio em dissolução, desde o seculo 4.º; que finalmente, muito antes das invasões, já as sciencias e as lettras tinham decaido, e começara um entenebrecimento intellectual, de que os Barbaros não devem ser responsaveis; bastar-me-ha dizer isto para que o sr. Martins aprecie as razões por que, ainda por este lado, nada encontro de anormal e de perturbador no curso da evolução geral da civilisação durante a Edade-média, nem vejo que houvesse *interrupção de desenvolvimento* produzida por causas estranhas e fortuitas.

É este o ponto principal da minha divergencia com o auctor da *Theoria* e por isso o expuz mais detidamente. (1)

(1) Publicado in-*Diario Popular*, de 24 de Fevereiro de 1873. Vid. a *Edade-Média na Historia da Civilisação.* Polemica entre Antero de Quental, J. P. Oliveira Martins e dr. Julio de Vilhena. Prefaciado e anotado por Francisco de Assis d'Oliveira Martins. Lisboa, 1925. *(Nota do editor.)*

A MORTE DE D. JOÃO

I

Com effeito, D. João morreu.

O antigo D. João, o authentico e genuino Don Juan Tenorio, o destemido, descaroavel, quasi epico rufião de Sevilha, ha muito que deixou de existir.

Já no seculo passado pouco mais era do que a sombra desmaiada de si mesmo, que muito a custo se sobrevivia. Quem d'isto se quizer convencer não tem mais do que folhear as memorias de Richelieu, ou as de Walpole, ou ainda as do Cavalleiro de Oliveira.

Para se sustentar á altura do seu terrivel papel e da sua não menos terrivel reputação, tinha de pedir emprestado ao alcool (e, o que é peior, ao *espirito*, á philosophia, — elle o D. João peninsular!) a excitação, o *entrain* que os nervos gastos e anemicos lhe negavam já no organismo derrancado.

Ora, um D. João que bebe, um D. João que faz espirito, é inquestionavelmente um D. João perdido, condemnado, moribundo!

Ahi por 1750, depois das orgias da Regencia, sua ultima façanha (aliás, façanha da decadencia, onde havia mais palavras do que obras e mais cantigas do que beijos), a cachexia senil declara-se irremediavel n'aquelle glorioso arcabouço em que, durante dois seculos e mais, vivera triumphante a alma formidavel, a

alma titanica, satanica, sensual, do desenfreado naturalismo da Renascença. Um ar frio e cortante, que começava a soprar lá das fronteiras da Suissa, o vento penetrante da analyse, do scepticismo racional, da ironia volteriana dos Encyclopedistas, entrava-lhe pelos pulmões, como se trouxesse em si vidro moido, e lacerava-lh'os.

Aquillo incommodava-o cruelmente. Tossia, tossia, dia e noite, com aquella tosse cava, secca, horripilante, caracteristica dos tisicos em terceiro grau de consumpção e dos dogmas em terceiro grau de analyse volteriana.

Ora, D. João, hespanhol *pur sang*, primo direito de Torquemada, de Ignacio de Loyola, de Santa Thereza de Avila, D. João, força é confessal-o, tinha um temperamento horrivelmente dogmatico.

Scelerado, devasso, inexhoravel, não há duvida: mas crente, até ali.

Quem o tomar por philosopho, por impio, faz uma injuria grave á sua memoria. D. João era bom catholico. Acreditava no inferno, na outra vida, e até em Deus. E, realmente, se elle não acreditasse em Deus, que prazer podia ter em o affrontar, em o desafiar? Que valor teria a sua audacia titanica? Acreditava. E é n'isto que precisamente consiste a sua infernal grandeza, que reside o segredo da sua fascinante reputação. D. João, quanto a mim, é um personagem theologico, uma especie de santo do avesso, em todo caso uma phisionomia catholica e dogmatica, o *pendant* natural do jesuita.

Tirem da historia o concilio de Trento, e D. João não tem significação possivel, não se concebe. N'uma palavra: D. João, phisionomia sacerdotal é o missio-

nario do Cathecismo do Concilio de Trento, lido de traz para diante. Sem a religião, o rufião andaluz não passava d'um devasso trivial: é a religião que o eleva á altura d'um principio, que faz d'elle o typo d'um caso morbido da consciencia humana.

Depois d'esta elucidação de alta psychologia, e que a philosophia da historia ha-de por força archivar como uma descoberta de genio, comprehende-se perfeitamente como ao apparecimento de Voltaire, de Diderot, d'Holbach, no meado do seculo XVIII, corresponde naturalmente o desapparecimento de D. João. Os reis e os padres recuam e desmaiam diante da aurora da revolução: D. João, *caballero* e papista, some-se, eclipsa-se com elles.

II

Que significa, pois, em o anno da Graça de 1874, o poema do nosso joven amigo e delicioso poeta Guerra Junqueiro? Que D. João é esse que a sua fantasia caprichosa introduz a fallar como um *crevé* contemporaneo, um *crevé* ideal, o ideal dos *crevés*, se quizerem?

É um resuscitado? Não é.

Este D. João é outro: um D. João espurio, bastardo, adulterino, — que sei eu? — filho legitimo só da corrupção moral e litteraria do nosso tempo. Elle proprio lá o confessa: assassinou á falsa fé o bisarro *caballero* n'uma encruzilhada de Sevilha roubando-lhe a capa heroica, o *sombrero* romantico e a magica guitarra, aquella guitarra que, debaixo dos seus dedos anemicos, sôa sempre como uma melancolica parodia do que foi nos tempos aureos das canções livres, da alegria franca, das francas espadeiradas e dos amores a valer...

Triste D. João da decadencia! Não: tu não és mais do que um *escroc* de boa sociedade, que roubou um titulo, um nome glorioso, para com elle se pavonear na sociedade trivial das Elviras chloroticas do *demi-monde*...

Francamente, meu bom D. João *boulevardier*, queres saber o que eu penso de ti? É que estás tão longe de ser o D. João, que, bem no fundo, não és outro senão o brejeiro do Sganarelo, o proprio Sganarelo, que depois da morte mysteriosa do seu antigo e heroico amo, tendo-lhe roubado a guitarra fatidica, entrou por algum tempo ao serviço do seraphico Lamartine, deixou crescer barba romantica, poucos annos depois jogou o socco na primeira representação do Hernani, em companhia de Gautier, Dumas, Maquet, e outros malandrins da «arte pela arte» e, tendo ouvido por duas ou tres vezes o satanico Baudelaire recitar os seus sonetos criminosos em casa de Mademoiselle Theresa, se passou a Portugal, a convite das redacções melancolicas do *Trovador*, de Coimbra, e do *Jardim Litterario*, de Lisboa...

Sim, tu foste um dos varios trovadores que martyrisaram este pacientissimo povo lusitano com as suas endeixas tropegas e lamuriantes, nas paginas fatais d'aquelles respeitaveis semanarios. Sim, D. João Sgnarello! Tu cantaste a bonina e a mariposa, tu afinaste o bandolim dos pagens trovadores, tu compozeste solaus opiados, com um fim reservado que só tu sabes, tu desgrenhaste a castellan fiel e espicaçaste o corcel do cavalleiro rabido e amante! Tu, finalmente (cumulo de protervía!) foste n'esta terra portugueza o pae da mais funesta linhagem, da geração esgrouviada e tediosa das Ellas!

Maldição sobre ti!...

E depois d'estas bonitas obras, entendeste que tinhas conquistado o direito de te declarares sceptico, frio, fatal, de te arvorares em satanico, como quem acaba de sondar a terra e o ceu, e no fundo de uma não achou mais do que lodo em vez de flôres, e não achou no fundo do outro mais do que seixos em vez de estrellas!

Este sr. D. João de luneta, porque gastou tolamente meia duzia de libras pelos bordeis, e meia duzia de pintos pelos botequins, tendo previamente ficado tres vezes reprovado em exame de portuguez, declara a virtude «um nome vão» a honra, o dever, a dignidade, a sciencia, a justiça, velharias impossiveis, preconceitos fosseis, n'uma palavra, *virtudes burguezas!*... Deixem passar o sr. D. Sganarelo, que não é nenhum burguez: é um artista, um satanico... Aqui onde o vêem, com este fraque e estas luvas e este plastron de Paris, fez um pacto com Satanaz!

Reprobo de botequim!

Tinha que vêr, Sganarello a campar de dr. Fausto!

Tu, ignorantão, não tens direito a ser nem sequer... um espiritualista! Se te tivesses conservado catholico-apostolico-romano, não fazias favor nenhum, semsaborão!

Filho espurio do romantismo e da sensualidade, concebido entre duas quadrilhas de lanceiros, n'um baile de carnaval em casa do commendador X — elixir, alcool, chloroformio da pieguice pervertida — pensas que te não conhecemos, pifio? Conhecemos, sim, e ha muito que andavamos fartos de ti...

Oh! bem haja o poeta, o justiceiro do ideal, que possuido de uma colera inexoravel e sagrada, te pegou por uma orelha, te arrastou para a praça publica, e

ali, á luz terrivel que escorre de seus versos vingadores, te arrancou a mascara, te despojou da capa e do *sombrero* aventureiros, te quebrou a guitarra embaidora — e então, apresentando-te ao povo nos trajos do saltimbanco relaço, que foste, és e serás sempre, te escreveu na testa, com lettras de fogo, a sentença da consciencia publica: «não passas d'um tolo mau».

Bem hajas, musa justiceira!

Sabes só o que eu lastimo? É que o poeta, na sua generosidade (o poeta é sempre generoso, ainda quando castiga) gastasse tanta e tão bella e tão culta e tão delicada fantasia, tanta e tão exuberante poesia, tantos versos opulentos de ideia, de luz, de sentimento, para dizer a um tolo aquillo que já todos iamos percebendo: «a final não passas d'um tolo».

Mas não importa. Bem haja elle. Fez um bello poema, que é ao mesmo tempo uma boa acção. Poucos se pódem gabar de ter feito outro tanto. (1)

(1) Este folhetim, suscitado pelo poema de A. Guerra Junqueiro, *A morte de D. João,* foi publicado na *Provincia,* de Vila-Real, em 1873. *(Nota do editor.)*

PROGRAMMA
DA «REVISTA OCCIDENTAL» (1)

No meio d'este movimento de sciencias que se criam ou de sciencias que se renovam, no meio d'este grande

(1) Collaboradores: Adolfo Alseria, Adolfo Vaillant, Alberto Araus, A. Guepin, Alberto Osorio de Vasconcellos, Alejandro Magariños Cervantes, Alexandre Herculano, Alfredo May, Andrés Mellado, Angel Fernandez de los Rios, Angel Floro Costa, Andrés Lamas, Anthero de Quental, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Antonio Batalha Reis, Antonio de Azevedo Castello Branco, Antonio de las Casas Genestroni, Antonio Ennes, Antonio Marimon, Augusto Fuschini, Augusto Seromenho, Bartolomé Mitre, Binito Riqué, Bernardino Antonio Gomes, Bernardino de Barros Gomes, Boutelon, Bulhão Pato, Carlo Bianchi, Carlos Claudino Dias, Carlos Maria Ramirez, Carlos Martra, Carlos Morla Vicuña, Carlos de Ochoa, Carlos Santurio, Cayetano Bossel, Cesáreo Martin Somolinas, Charles Quentin, Cirilo Antonio Rivarola, Carlos de Castro, Delfim d'Almeida, Domenico Guiglielmi, Ducca di Canzano, Eduardo Fernandez Bremon, Eduardo Garcia Diaz, Eduardo Chao, Eduardo Maia, Eduardo Palanca, Enrique Rodriguez Solis, Eugenio de Castilho, Eusebio Pascual, Ferdinando Negri, Fernandez y Gonzalez, Francisco Fors de Casamayor, Francisco Garcia Suarez, Francisco Maria Tubino, Francisco de Paula Canalejas, Francisco Pi y Margall, Francisco Rodrigues Sepulveda, Francisco Salmeron y Alonso, Francisco Suñer y Capdevila, Francisco da Veiga Beirão, François Malapert, Frederic Passy, Germano Vieira Meyrelles, Gertrudis Gomez de Avellaneda, Gomes Leal, Gonsalves Crespo, Gregorio Menezes, Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo, Henrique de Barros Gomes, Henrique de Macedo, Janer, Jayme Batalha Reis, Jayme

trabalho de critica, de reconstrucção, de esclarecimento, apparece ao homem moderno a necessidade de comprehender os outros homens para caminhar consciente com o seu seculo. Um homem completo póde, em qualquer epoca, definir-se como sendo o grupo de idéas do seu tempo.

Roldós y Pons, João Adrião Chaves, João de Deus, João Eduardo Lobo de Moura, João Maria Tedeschy, Joaquim Pedro da Costa, John Pfeil, José Alcalá Galiano, José Amador de los Rios, José Antonio Tavolara, José Bermudez de Castro, José Candido Bustamante, José Castilho, José Cristobal Sorni, José Estevão de Moraes Sarmento, José Ferrer de Couto, José Maria Orense, José Pedro Ramirez, José de Navarrete, José Pedro Varela, José Curry da Camara Cabral, José Thomaz de Sousa Martins, José Torres Caicedo, José Falcão, José Julio Rodriguez, José Maria Eça de Queiroz, J. J. Rodrigues de Freitas, Juan de Ariza, Juan Domingo Ocon, Juan Eugenio Hartzenbusch, Juan Valera, Juana Alonso, J. Segundo Decaud, Julio Cesar Machado, Julio Herrera y Obes, Julio Vizcarrondo, Latino Coelho, Louis Blanc, Lourenço Malheiro, Luciano Acosta, Luciano Cordeiro, Lucio Rodriguez, Luiz Benitez de Lugo, Luiz Desteffanis, Luiz L. Dominguez, Luiz Macias y Ortiz de Zúñiga, Luiz Pons y Calarza, Luiz Ricardo Fors, Luiz Vidart, Luiz de Campos, Luiz Guimarães, Manuel de Arriaga, Manuel Bento de Sousa, Manuel Bilbao, Manuel Diaz Ulibarri, Manuel Quintana, Manuel Sellen, Maria del Pilar Sinues de Marco, Mariano Soriano Fuertes, Miguel de Bulhões, Nicolás Avellaneda, Nicolás Diaz y Perez, Nicolás Estévanez, Nicolás Salmeron y Alonso, Octaviano Hudson, Oliveira Junior, Oliveira Martins, Oscar Motta, Pablo Antonini y Diez, Pablo Feliz Vicuña, Pedro de Madrazo, Pedro Mata, Perez Gomar, Pietro Cattaro, Pinheiro Chagas, Placido Ellauri, Porto Alegre, Prudencio Sañudo, Rafael Maria de Labra, Ramalho Ortigão, Ricardo Gutierrez, Ricardo Sepulveda, Ricardo Sterling, Rodrigo Affonso Pequito, Ruiz Moreno, Salomão Saragga, Salvador Jovellanos, Santos Nazareth, Segismond Lacroix, Serafin Olave y Dias, Silvestre Bernardo Lima, Silvestre Collar y Bueren, Simon F. Bolivar, Ubaldo Romero Quiñones, Vicente Fidel Lopez, Victor Balaguer, Victor Guebhardt, Vilanova, Xavier da Cunha, Yves Guyot.

É para satisfazer esta necessidade que apparecem no seculo XIX as Revistas.

Dizem ellas em poucas palavras os novos pontos de observação descobertos, os estudos originaes, a parte de verdadeira creação d'uma obra, deixando no espirito quadros rapidamente fixados, a impressão exacta ou pelo menos o sentimento essencial d'uma producção.

As condições sociaes dão hoje um outro alcance ainda ao trabalho de vulgarisação das Revistas. Onde dantes não podia chegar o Livro, — monumento de unidade, organismo de funcções exclusivas, especialidade feita para especialistas, — chega hoje a Revista, insinuante, popular, universal. Instruir os povos, nivelar os espiritos, dar a todos os homens a partilha da grande herança da civilisação, é de certo o mais bello caracter da democracia moderna. Uma Revista dá assim em poucas paginas e por pouco dinheiro, os estudos, os resultados, as idéas emfim de centenas de volumes.

Depois, esta communhão de todos na obra produzida, multiplica a sua creação. Um sentimento, uma idéa, acordam, quando formulados, outros sentimentos e outras idéas, augmentando assim o numero dos espiritos productores e elevando o nivel da consciencia. Por isso as Revistas são o melhor meio de suscitar a formação de idéas e de as propagar.

Para nós uma Revista tem ainda um caracter e uma utilidade especial: Se os hespanhoes e os portuguezes formam de ha muito duas nações distinctas, tiveram todavia sempre na organisação philosophica e sentimental de seus espiritos, na physionomia das suas litteraturas, no caracter dos seus actos, a affinidade que lhes deu a origem commum de raças e a acção, tam-

bem egual para ambos os povos, do clima da peninsula hispanica.

Hespanha e Portugal não teem, até hoje, entrado activamente na renovação philosophica, scientifica e artistica d'este seculo.

O grande movimento actual é ao mesmo tempo allemão, francez, inglez, italiano se quiserem, mas não é de modo algum hespanhol ou portuguez.

Se olhâmos para a America tambem comprehendemos de momento que o progresso scientifico e industrial é ahi mais representado pelas colonisações inglezas do que pelas hespanhola ou portugueza.

Quaesquer que sejam as causas d'esta incontestavel differença, são ellas de certo communs aos quatro povos, quasi que diriamos ás quatro raças de que acabamos de fallar. Eguaes nos caracteres essenciaes da sua originalidade no meio das nações da Europa, tambem ao mesmo tempo se separaram da corrente geral.

Uma unidade superior de caracter e uma attitude identica em face do movimento moderno, — reunem assim n'um grupo natural as nações do occidente da Europa, e os povos que foram prolongar na America, de certo modificando-o, o mesmo espirito e a mesma situação.

Parece porém, por uma grande quantidade d'estes phenomenos na maior parte indefinidos, que mais se sentem, que se veem, que uma grande renascença se agita nas creações da Peninsula. Parece que trabalhos isolados, e accordos quasi ineditos com as grandes descobertas geraes, começam a pôr as novas gerações em communhão com o seculo. Sómente essas creações não podem constituir o meio, a atmosphera intellectual que por um lado multiplica como já dissemos os tra-

balhadores, e por outro, como consequencia, eleva todo um povo á altura moral da sua litteratura e da sua philosophia.

Pôr bem em face do seculo XIX e da sua obra as gerações modernas, é sem duvida fazel-as para logo operarias d'essa obra, pois que a corrente d'uma edade commove e arrasta sempre os que uma vez tomaram consciencia d'ella.

Aos hespanhoes e portuguezes ha hoje a apresentar, pelo que já dissemos, as mesmas idéas pelos mesmos meios.

Teem as idéas modernas que tomar d'estes povos uma maneira original e nova, que falta com os caracteristicos de toda uma raça, á unidade multiforme da philosophia, da sciencia, da litteratura contemporanea.

Provocar a reunião dos elementos da nova renascença intellectual da peninsula e a formação das novas escolas hespanhola e portugueza, é o fim da *Revista Occidental.*

O meio a empregar consiste em pôr em contacto effectivo o trabalho moderno e os povos latinos do occidente europeu e da America.

Assim deverá a *Revista*, por um lado expor os trabalhos que todos os dias adiantam a renovação dos estudos no mundo civilisado; por outro definir, nos seus elementos precisos, os caracteres geraes da nossa individualidade e os elementos que tornam natural a autonomia intellectual da Hespanha, de Portugal, da America hespanhola e do Brazil, e os dos grupos ainda diversos que estes quatro povos encerram de certo.

A critica moderna, instrumento delicadissimo de analyse, — fertil pelo seu caracter revelador, serena pela sua qualidade de scieucia, — é o que deve mostrar-nos,

toda a creação de que andamos alheiados, e todos os elementos do que podemos ser no meio d'ella.

Sahe naturalmente d'estas reflexões que a *Revista Occidental* é destinada á exposição e por modo algum á propaganda. A critica moderna colloca-se sempre n'uma altura onde não chegam as perturbações das lutas. Para ella todas as idéas, como todos os factos humanos, são dignos objectos de illucidação. É só pois n'essa região superior e tranquilla que a *Revista Occidental* deverá distinguir os elementos das concepções de qualquer ordem.

Além dos diversos artigos de critica scientifica, litteraria, philosophica, social e artistica, publicará a *Revista*, em cada numero, uma chronica do movimento politico e litterario, e um romance original.

Por tudo o que expomos e pelos nomes na maior parte de verdadeiras celebridades scientificas, artisticas e litterarias, que compõem a redacção da *Revista Occidental* póde bem avaliar-se a importancia d'esta publicação. Porporcionaes a essa importancia são as dificuldades com que teem a luctar os editores e os sacrificios que devem impor-se, sem duvida compensados pelo auxilio dos povos latinos dos dois continentes, visto o serviço que ás suas relações veem prestar os estudos que hão-de formar a essencia da *Revista Occidental*. (1)

(1) Publicado em fôlha volante em 1874. *(Nota do editor.)*

«DA REORGANISAÇÃO SOCIAL — AOS TRABALHADORES E PROPRIETARIOS», POR JOÃO BONANÇA (1)

A «reorganisação social», é um titulo ao mesmo tempo promettedor... e compromettedor. Com effeito todos os bons espiritos do nosso tempo reconhecem quanto ha de precario e contradictorio nas instituições politicas, religiosas e economicas das modernas sociedades, e nada os preoccuppa mais ardentemente do que os problemas que em si envolve um tão grave estado de coisas: mas não é menos certo, por outro lado, que a insufficiencia ambiciosa das «soluções definitivas», até hoje apresentadas, e a estreiteza fanatica ou a redundancia declamatoria dos visionarios, que todos os dias annunciam as suas palingenesias, tem produzido nas intelligencias claras e desapaixonadas uma certa prevenção contra tudo quanto se apresenta com o caracter suspeito de resolução systematica dos problemas sociaes, de reconstituição *ab ovo* do mundo humano e de panacêa universal. Podem uns tachar de scepticismo esta reserva, em quanto outros preferirão ver n'ella uma forma mais alta e lucida do criterio: o facto é que o temperamento intellectual do publico instruido

(1) Impresso em Coimbra, na Imprensa Comercial e Industrial. 1875. In-8.º de IV-239 pág. *(Nota do editor.)*

mudou sensivelmente n'estes ultimos annos e que os prophetas e reformadores vão sendo substituidos, nas preferencias da opinião, pelos homens de sciencia e pelos criticos. Começa a parecer mais util e mais realmente interessante uma boa monographia, cheia de factos lucidamente analysados, sobre o regimen industrial, por exemplo, as attribuições economicas do Estado, o imposto, o caracter social do credito e do capital etc., do que um eloquente apocalypse, em que pela centessima vez se revela ao mundo a formula cabalistica da perfeição politica e da nova idade paradisiaca.

O recente livro do sr. Bonança parece-nos sacrificar, muito mais do que é licito n'estes dias de critica positiva e de desenganos revolucionarios, ao antigo gosto apocalyptico. Não diremos que seja isso absolutamente um defeito, mas o que é com certeza é um anachronismo. Já lá vae o tempo em que um Owen, um Considerant, um Cabet ou um Blanc «reformavam totalmente» a sociedade, em volumes de 200 paginas, no meio dos applausos d'um publico nervoso, cuja imaginação precisava tanto de prophetas e prophecias como a das creanças precisa de contos de fadas e princezas. Sabemos perfeitamente que tudo isso teve a sua razão de ser e a sua utilidade — mas como essa utilidade consistiu em provocar estudos e preparar o progresso actualmente realisado nos espiritos, é precisamente por isso que já hoje nos não contentamos com aquellas (aliás utilissimas) utopias. Hoje, sem que antipathisemos com os prophetas, estimando-os até, pelo contrario, sempre que são sinceros e originaes, pedimos-lhes comtudo que se dignem adquirir, ao lado da inspiração que só Deus dá e não se aprende, algumas

coisas que só se sabem quando se aprendem, e que são todavia essenciaes, por exemplo, a historia, a economia politica e ainda alguma logica correcta e clara. Simpathisamos pois com o nobre proposito do sr. Bonança, procurando as bases da reorganisação da sociedade portugueza: lastimamos simplesmente que em materia tão concreta julgasse ainda, como se julgava ha trinta annos, que bastavam systemas abstractos, raciocinios absolutos e movimentos oratorios. E concedendo que isso baste, lastimamos ainda que no meio d'essas coisas antigas não appareçam de vez em quando, para satisfazer o gosto renovado da época, algumas idéas precisas e bem deduzidas, alguma analyse de factos e instituições feita com clareza, algum conhecimento do valor positivo dos phenomenos economicos e historicos, e aquelle espirito de equidade critica que sabe comprehender e explicar, ainda quando condemna, tudo quanto n'uma dada época teve rasão de ser, utilidade ou necessidade. Isto é que não podemos deixar de lastimar, visto que é alguma coisa peior do que simples anachronismo. O sr. Bonança coloca-se fóra da sciencia, da historia e da observação para resolver os problemas sociaes: ora isto é simplesmente colocar-se fóra da realidade e do criterio moderno, o que equivale a não resolver um só d'esses problemas e a confundil-os todos.

Ha de pois permittir-nos o sympathico publicista que assim como nos é grato confessar quanto prezamos as suas rectas intenções, que são as d'um coração votado á humanidade, e os puros sentimentos d'um bello caracter, que admiramos, nos seja licito não o acompanharmos no terreno falso em que se coloca para estudar as questões sociaes. O sr. Bonança parece

ignorar totalmente as conquistas da sciencia e da experiencia humanas, realisadas n'estes ultimos vinte ou trinta annos. Com os jacobinos-socialistas de 1848, suppõe ainda que a organisação potitica é que faz a sociedade e que, assim como a faz, a póde transformar, compôr e recompôr no sentido d'um systema e d'um partido predominantes: partindo d'este principio, julga que nada ha mais facil do que remodelar a sociedade e transformar radicalmente as suas condições organicas, a propriedade, a industria, o credito, por meio de uma revolução politica que auctorise no poder um certo systema — que naturalmente é o seu. É este um grave erro, condemnado no campo theorico pela sciencia social e no terreno pratico pela esterilidade d'umas poucas de revoluções, a começar pela franceza de 1848. É n'este erro que não cáe já hoje quem sabe, quem vê e quem pensa.

A sciencia não progride debalde, nem é debalde sobre tudo que uma geração assiste ou toma parte em experimentos sociaes feitos em proporções tão vastas que são povos inteiros a materia da experimentação e classes inteiras os experimentadores: não é debalde que se vê a rethorica produzir catastrophes e das illusões originarem-se as tragedias. De todo este ensino theorico e pratico resultou uma maneira de ver nova, que dia a dia ganha terreno no animo de quantos consideram com vivo interesse, mas com serenidade, este grande phenomeno complexo e gravissimo d'uma sociedade em via de transformação — d'uma transformação profunda, universal e inevitavel. Essa maneira de vêr consiste em considerar a sociedade como um organismo dotado d'uma vitalidade propria, com leis suas que não se alteram impunemente; um organismo em que,

se tudo se move e transforma, tudo se move no seu tempo e no seu logar, conforme as condições internas da sua complexa e delicada existência — não como uma machina, que se pode armar e desarmar sempre que se queira, que se póde sem inconveniente fazer trabalhar n'este ou n'aquelle sentido, consoante um plano *à priori* e um systema de gabinete; ou então, como uma materia inerte, sobre que os empiricos podem fazer á vontade os seus experimentos e que a tudo se amolda, como o barro na mão do oleiro. A sociedade tem uma vida intensa e regular, que resulta d'um concurso de forças, umas de creação recente, outras legadas pela historia, mas que se não improvisam nem suprimem de repente, e que todas obram segundo leis que não podem ser illudidas nem violadas sem se produzir logo uma alteração grave n'aquelle organismo collectivo. A sociedade não póde pois ser transformada se não no sentido d'essas suas leis organicas e d'uma maneira organica tambem, isto é, segundo o processo natural por que se transformam todos os seres vivos, por uma lenta e gradual substituição de elementos, por um novo equilibrio de forças, realisado por tentativas e não bruscamente, revulsivamente. Se o direito abstracto e revolucionario tem um logar no meio d'essas forças, tem um tambem a tradição, com a qual é preciso contar sob pena de crise. Como ser complexo, a sociedade não obedece a um impulso unico: o seu movimento não é uniforme como o d'uma massa rigida e impenetravel. A sua maneira de se mover consiste n'uma serie de movimentos intimos e por assim dizer moleculares, cujos effeitos só lentamente apparecem e que se não podem provocar repentinamente.

É este um ponto de vista da doutrina philosophica

da Evolução: e a doutrina da Evolução começa a dominar as sciencias sociaes, como já domina as naturaes. O seu influxo penetrou e vae transformando o espirito revolucionario, que é já hoje muito outro do que era ha trinta e quarenta annos. O antigo revolucionario, hirto, systematico, intratavel e chimerico, tende a desapparecer. Esse velho typo é já hoje (embora encarne por acaso n'um rapaz de vinte annos) uma curiosidade archeologica. O revolucionario contemporaneo é sobre tudo um homem de sciencia e de critica. Hoje não basta dizer-se uma pessoa revolucionario, ou desejar muito sel-o, para o ser effectivamente. A Revolução, por isso mesmo que é uma grande realidade, profunda e complexa, é que não póde ser um simples thema de raciocinios abstractos, de declamações e de visionices sentimentaes. Por isso que a Revolução é uma grande realidade, é que se não é revolucionario senão no terreno das realidades, no terreno da observação e da sciencia, n'aquelle ponto de vista objectivo, que Proudhon tão bem definiu em duas palavras — *des reformes toujours, des utopies jamais* — e que elle (sempre que era verdadeiramente Proudhon), soube como ninguem pôr em pratica. Fóra d'isto haverá utopistas, escolasticos, enthusiastas, haverá martyres das suas proprias illusões, haverá tudo quanto quizerem — menos revolucionarios. (1)

(1) Publicado in-*Revista Occidental*, t. I. Lisboa, 1875, págs. 764-766. *(Nota do editor.)*

«O JAPÃO:
ESTUDOS E IMPRESSÕES DE VIAGEM»,
POR PEDRO GASTÃO MESNIER (1)

Ha muito tempo que em lingua portugueza se não publica relação de viagem tão interessante, tão cheia de novidade e ensino, como esta.

O paiz descripto é, além de originalissimo, pouco conhecido ainda: o viajante que o descreve é, além de intelligente e curioso, instruido não só com uma cultura geral scientifica, mas com um conhecimento especial das linguas e da historia do oriente asiatico. São elementos estes mais que bastantes para d'elles saír naturalmente um livro cheio de interesse, o que todavia não impede que, muito naturalmente tambem, o apparecimento d'elle nos surprehenda e quasi maravilhe, porque, n'este ramo de viagens, a nossa litteratura, tão opulenta outr'ora, tem caído gradualmente n'uma esterilidade lastimosa. Os portuguezes, que fôram grandes viajantes, exploradores e grandes narradores de suas peregrinações, têem ido perdendo, com muitas outras coisas, este dom de observar e contar. Ha ainda possessões portuguezas em tres partes do mundo e ha ainda portuguezes que vão á India, á Africa, á Oceania

(1) Impresso em Macau, na Tipografia Mercantil. 1874. *(Nota do editor.)*

ou á China: quando voltam trazem ás vezes algum dinheiro, e quasi sempre molestias de figado ou de estomago... não fallando nos achaques da consciencia. Mas a isto se reduzem ordinariamente as suas acquisições em materia oriental ou tropical.

O sr. Mesnier achou que era melhor fazer como os portuguezes antigos, que, se arruinavam a saude, como os modernos, por aquelles pessimos climas, sabiam tirar d'ahi algum proveito, senão para si, ao menos para os outros. Achando-se no Japão durante o anno de 1873, na qualidade de secretario da embaixada extraordinaria portugueza áquelle imperio, dispôz-se a vêr e estudar esse paiz singular, mundo ainda ha doze annos tão mysterioso como o podia ser no seculo XV o reino legendario do Preste João.

Ora percorrendo o interior em aventurosas excursões, ora nas cidades abertas ao commercio europeu, vagueando pelos bazares e praças dos bairros indigenas, penetrando umas vezes nos pagodes, nas casas de chá ou de banhos, onde a vida japoneza se patentêa na sua originalidade e franqueza, outras vezes estudando nas bibliothecas as chronicas nacionaes ou recolhendo da bocca de algum personagem da côrte do Mikado tradicções curiosas e caracteristicas, em muitas das quaes vive ainda a memoria dos portuguezes do seculo XVI — n'uma palavra, aproveitando o seu tempo e a sua intelligencia — o sr. Mesnier colligiu sobre os costumes, a raça, as revoluções politicas e os recursos actuaes d'aquelle imperio informações, dados e observações que tornam o seu livro uma valiosa contribuição para o conhecimento, ainda tão imperfeito, que temos na Europa d'esse extremo Oriente, esse «paiz do sol nascente», como lhe chamam pittorescamente os natu-

raes. Pelo menos assim o entenderam os inglezes de Hong-Kong, juizes competentes em tal materia, dando ao livro do viajante portuguez as honras de uma traducção, que appareceu na *China Review*, importante revista que se publica n'aquella cidade.

Além d'este interesse geral, tem o livro do moço viajante um outro mais particular para nós, portuguezes, descendentes dos primeiros descobridores d'aquelle imperio. O sr. Mesnier seguiu com curiosidade não isenta de commoção patriotica, em varios portos do Japão, os vestigios gloriosos dos grandes navegadores e dos heroicos missionarios portuguezes do seculo XVI. Vive ainda a memoria do nosso nome em varias tradicções locais, tradicções confirmadas umas vezes por um monumento, uma ponte, as ruinas d'um forte ou d'uma egreja, outras vezes pelas chronicas indigenas, que, se desfiguram os nomes, conservam inalterados os feitos. D'estes alguns são completamente ignorados pelos historiadores portuguezes coevos, não chegou á Europa a noticia d'elles e só ali se conserva n'aquellas chronicas barbaras, durante séculos vedados com mysterio cioso á curiosidade dos europeus. Migalhas da nossa historia, que nos tempos da opulencia deixavamos cair prodigamente por todo esse Oriente e que, n'estes dias de pobreza, é dever levantar com mão piedosa onde quer que se nos deparem! O sr. Mesnier tem o sentimento do que foi esse antigo Portugal das descobertás e conquistas, a comprehensão d'essa originalissima phisionomia moral da nossa nação no seu momento supremo de força, crença e dedicação. O capitulo do seu livro em que trata do descobrimento do Japão pelos navegadores portuguezes, das primeiras relações d'aquelle imperio com os europeus, dos trabalhos e luctas dos nossos

missionarios e da revolução politica, que, tendo como resultado o exterminio das christandades indigenas e a expulsão dos estrangeiros, fechou o Japão sobre si, material e moralmente, por mais de dois séculos e o tornou incommunicavel, é um trabalho não só muito interessante, mas de bastante valor historico pelas informações e documentos inéditos tirados das chronicas e tradicções japonezas.

Ha porém um ponto d'esse capitulo sobre que temos que fazer um reparo.

Afigura-se-nos que o sr. Mesnier dá importancia demasiada a essas christandades japonezas, e parece attribuir ao zelo dos missionarios e á efficacia moral do catholicismo aquellas subitas conversões de populações inteiras, com os seus principes e chefes hereditarios á frente (o que significa simplesmente, por ordem dos seus principes e chefes) conversões que aliás, pelo theor da sua narrativa, se explicam muito melhor, ou antes, só se explicam pelo jogo dos interesses politicos e economicos d'aquellas populações, para as quaes o christianismo, cujo espirito de fórma alguma comprehendiam, era apenas um pretexto e uma arma de revolução provincial contra os poderes centraes do imperio. Que fossem zelosos e habeis os missionarios, e muitas vezes dedicados até ao heroismo, é ponto que não soffre a menor duvida. Mas não ha zelo, habilidade ou heroismo capazes de produzirem só por si resultados d'aquella natureza: e, suppondo um instante que os podessem produzir, nunca seria no meio das populações asiaticas, as mais refractarias á indole e espirito do christianismo, e que hoje os juizes mais competentes, como Burnouf, Max Muller, Stanly, declaram absolutamente inconvertiveis. Se a fé ardente dos

nossos missionarios se illudiu então com apparencias, não é uma rasão para que nos illudamos nós hoje. Dêmos á memoria d'esses homens heroicos o tributo de veneração que merecem os seus nobres e altos esforços, mas reconheçamos com a critica moderna que, se o Oriente póde ser convertido ás idéas do Occidente, só o será por outros missionarios e outra mui diversa doutrina.

A mingoa de espaço não nos consente dizer mais como desejáramos. Terminamos pois fazendo votos para que a tradicção dos verdadeiros viajantes portuguezes, já tão obliterada, mas que de tempos a tempos algum livro, como o do sr. Mesnier, nos indica não estar de todo perdida encontre nas nossas possessões quem a saiba comprehender e continuar. Será uma esperança louca pretender que os nossos empregados na Africa e no Oriente façam mais alguma coisa do que dormir, sonhar com a volta á patria e deixar que de todo se desacredite o nome portuguez? Não ousamos esperal-o, mas de todo o coração o desejamos. (1)

(1) Publicado in-*Revista Occidental*, t. II. Lisboa, 1875, págs. 254-256. *(Nota do editor.)*

JULIO MICHELET

Não cabe nas dimensões, nem quadra á indole d'esta publicação um estudo critico sobre Michelet, historiador e philosopho. Não tentamos pois aqui explicar o pensamento e aquilatar o alto valor scientifico e philosophico d'uma das obras litterarias mais vastas d'este seculo — aliás tão fecundo em obras vastas — uma das mais ricas de originalidade criadora, de intuição e profundeza, ao mesmo tempo que assombrosa de erudição renovadora e variadissima. Contentar-nos-hemos apenas com encarar (e ainda assim quasi de relance) pelo seu lado mais accessivel ao grande publico, pelo lado por assim dizer exterior, esta grande e sympatica personalidade litteraria.

Suppomos que o leitor conhece mais ou menos os dados principaes da biographia de Michelet. Não ignora, provavelmente, que nasceu de paes pobrissimos n'um dos ultimos annos do seculo passado e em Paris, no meio do tumulto guerreiro e politico d'aquelle periodo agitadissimo. Como que a paixão e energia indomavel da epoca se reflectiram na predestinada creança, moldando-lhe a indole para as grandes luctas e os arrojados pensamentos. Quasi só, passando parte do dia entregue a trabalhos manuaes, o corajoso pequeno consagrava ao estudo quantas horas da noite podia furtar ao somno e conseguia adquirir d'este modo

uma educação classica regular e solida. Em 1824 encontramol-o já vantajosamente reputado no mundo litterario pela edição *Sciencia Nova* de Vico e por aquelle seu admiravel livrinho, *Précis de l'histoire moderne*, onde alguma coisa fazia já presentir a originalidade genial do futuro historiador da França. Pouco depois, sentava-se como professor na cadeira de historia da Escola Normal Superior, illustrada por Lakanal e Daunou — joven professor quasi tão moço como os seus ouvintes.

Mas em 1830, ao estrondo tragico do throno dos Bourbons, desabando no meio do enthusiasmo d'um mundo novo que surgia, é que verdadeiramente desabrocha o pensamento de Michelet, que o seu genio toma posse da região onde devia dominar. Á grande luz dos *tres dias* heroicos de julho, Michelet entrevê, como n'um relampago, a missão historica da França, sente-se penetrado como uma pythonisa pelo espirito renovador do seculo e adquire aquelle condão, que ninguem possuio como elle, o condão por excellencia do historiador, aquella especie de espirito prophetico retrospectivo, que faz sentir, comprehender, adivinhar o crer e viver intimo das idades idas e permitte reconstruil-as, quasi ressuscital-as. É então que começa a escrever a obra gigantesca da *Historia da França*, que devia proseguir, sem levantar mão, durante 43 annos, isto é, até á sua morte absorvido o operario na obra e por ella consumido.

Durante este largo periodo a influencia de Michelet sobre o espirito do seculo não fez senão crescer: e todavia, o homem que assim dominava no mundo do pensamento era um homem pessoalmente quasi obscuro, vivendo retirado n'um bairro longinquo da grande

capital, pobre, mal visto pelos poderosos do dia, sem posição politica, sem salão, sem *cotterie* — um humilde, um monge, um santo! Vio-se este bello espectaculo: o imperio dos espiritos conquistado e mantido pelo puro espirito!

Ha só um momento em que Michelet toma parte activa nas luctas do dia: de 1844 a 48 move, em companhia de Quinet e de Miczkewiez, o grande poeta da Polonia, aquella ardente cruzada contra o jesuitismo, contra a invasão surda e insensivel, mas tenacissima, da reacção ultramontana no terreno do Estado, da educação e da familia. Foi o primeiro grito de alarme, soltado em frente do grande inimigo do seculo, quando ainda encoberto e mascarado parecia coisa pouca e insignificante. Os habeis politicos e optimistas sorriram-se então da *phantasia exageradora* dos tres philosophos. São tres poetas! diziam. Que dizem hoje?

Pertencem a esse periodo de lucta os livros *Le Peuple*, *Les Jésuits* e *Du Prête, de la Femme et de la Famille,* essa maravilhosa analyse psychologica e historica da influencia do confessionario e da direcção espiritual na familia e no Estado. Publicado no meio das tempestades da controversia politica, traduzido em todas as linguas da Europa, este livro forneceu o pretexto ao governo reaccionario, presidido por Guizot, para demittir Michelet da cadeira de professor de historia moderna no Collegio de França. Como se podessem tapar aquella bocca inspirada, tirando-lhe o pão de cada dia!

A Republica ephemera de 1848 reinstalou Michelet na sua cadeira de professor. Mas em 1851, depois do golpe de Estado, o honrado philosopho pedio espontaneamente a sua demissão, não querendo receber um

salario da mão impia d'um governo, que escorria sangue innocente aleivosamente derramado. Causava-lhe horror aquella aguia carniceira dos Napoleões.

O periodo que vai de 1851 a 74, data da sua morte, não foi o menos fecundo da vida de Michelet. É então que, ao mesmo tempo que conclue o grande monumento da Historia de França, deixa cair da penna inspirada, como a desdem, aquellas joias litterarias d'um lavor tão fino e tão raro, *L'Amour*, *L'insècte*, *L'Oiseau*, *La Sorcière, Biblie de l'Humanité*, *Nos Fils*, tratando ora a historia dos homens, ora a natureza com o espirito d'um vidente e a erudição d'um sabio.

Não cabe aqui, já o dissemos, estudar uma por uma todas as obras, algumas profundas, outras formosissimas, criticando-as e separando as idêas fecundas e resultados positivos de certas fantasias brilhantes, mas aventurosas, que por ventura n'ellas se encontrem. Basta-nos caracterisar, d'uma maneira geral, a *maneira* do grande historiador e philosopho, indicando aquillo que dá á sua obra e á sua personalidade litteraria uma physionomia tão particular, aquillo por que se distinguem entre todas.

Michelet possuio, como ninguem n'este seculo, o sentimento da *realidade viva*, da *verdade natural*, esse condão dos grandes poetas e dos grandes artistas, que lhes faz adivinhar, com uma intuição quasi infallivel como um instincto, o ser intimo de tudo quanto tem ou teve vida, na natureza e na humanidade. A larga e lucida sympathia do seu genio fazia-lhe descobrir, atravez das formas opacas, a energia interna na qual reside o segredo da actividade e originalidade dos seres capazes de acção propria. Como que sabia sair de si, para viver momentaneamente a vida dos outros seres

e reproduzil-a depois inteira, palpitante, actual. A erudição e a sciencia não eram para elle um fim, mas um meio: o instrumento com que penetrar além da realidade exterior e morta, até á realidade intima, a alma das coisas, dos homens, das idades historicas. Como Platão, procurava em tudo a *idêa:* mas essa idêa, em vez de ser abstracta, como a do philosopho grego, era concreta e activa, era a essencia mesma das coisas.

Foi com estes dons de poeta e vidente que Michelet escreveu a historia. Animar, ao calor d'uma imaginação inspirada e profunda, as idades idas, evocal-as, tal foi o condão originalissimo do seu genio. Elle mesmo, vendo na historia mais do que uma fria *narração* de factos, ou uma secca *analyse* de instituições, ousou definil-a *uma resurreição.*

Notem outros os inconvenientes d'este methodo, por assim dizer inspirado, e apontem com mão ciosa as lacunas do monumento litterario em que Michelet encerrou não só a intelligencia, mas a sua alma inteira. Nós diremos que foi só nos seus livros que chegamos a comprehender o que a historia offerece de mais difficil a comprehender-se: a significação, o pensamento, o sentir das idades primitivas, dos periodos legendarios, em que surgem obscuramente as grandes criações populares e espontaneas — os vastos movimentos das raças, que se chocam ou sobrepõem, as tradições, que se transmittem e degeneram em lendas, as crenças, que se transformam, as instituições, que se degradam, revolucionam e renovam, as nacionalidades, que surgem como apparições á grande luz da historia, e as idéas, que se relevam á consciencia dos povos, no meio de tempestades seculares. É n'esta alta região, ao mesmo tempo poetica e philosophica, que triumpha

o genio de Michelet. A prosa do historiador guinda-se então naturalmente ás alturas da epopeia: desdenhando os processos artificiaes da *cor local*, e do *pittoresco*, attinge o bello e a verdade pelo movimento vivo; pela impressão quasi directa da realidade, como se fôra uma testemunha ocular.

Saint-Beuve caracterisou perfeitamente esta *maneira* tão original, e inimitavel como tudo quanto é genial, quando disse de Michelet: «que tentára escrever a historia de França com uma sucessão de relampagos e conseguira o intento». Ha, com effeito, no seu estylo, o que quer que é agitado, intermittente, cortado, como no estylo dos prophetas, que, inflados pelo sopro dominador do Espirito, saem a cada instante fóra dos moldes pautados do discurso regular. E Michelet era, de facto, propheta; propheta do passado; agitava-o um sopro de ardente inspiração: o Espirito da humanidade.

É por isso que abrangia facilmente, na sua vasta sympathia, tudo quanto é humano, superior ás rivalidades de raças, aos preconceitos nacionaes. Podia applicar a si o verso do comico romano:

Homo sum, nihil humanum a me alienum puto.

As raças opprimidas, as nações que luctam para conquistar a existencia historica, encontraram n'elle um interprete eloquente das suas reclamações, das suas dôres, do seu pensamento menosprezado. Elle, que estudára na historia o genesis doloroso e obscuro das grandes nacionalidades modernas, comprehendia aquelles queixumes e aquellas imprecações, e clamava á Europa que o abandono egoista da Polonia, da Romania, da Bohemia equivalia a um fratricidio. *Légendes démocratiques du Nord* e *Pologne martyre* são

livros que deram ao nome de Michelet n'aquelles paizes opprimidos, uma aureola de popularidade e amor, quasi tão brilhante como a dos heroes e martyres da patria.

Michelet pertence ao numero escolhido d'esses altos espiritos, que a França tem tido o privilegio de produzir em quasi todos os seculos — grandes escriptores francezes, pelo cunho de nacionalidade do pensamento e do estylo, e ao mesmo tempo mais do que escriptores francezes, escriptores europeus, universaes, pela largueza e generalidade dos conceitos, pela attitude propagandista e philosophica, sobretudo pela sympathia facil e franca com que abrangem o lado humano e universal das ideias e dos acontecimentos. A Europa adopta-os, revindica-os como seus, e cada nação recebe docilmente a influencia e direcção d'esses mestres, que só se impõem pela sympathia.

O que succedeu com a Italia, com a Hungria, com a Romania, e até certo ponto com a Inglaterra e a propria Allemanha, succedeu tambem com Portugal. Michelet é um dos mestres de mais incontestada auctoridade para a geração nova; não ha uma unica intelligencia, dotada de certa elevação e cultura, entre os homens que não contam ainda 40 annos, que não recebesse, mais ou menos intensamente, o influxo d'aquella palavra eloquente e penetrante. Foi com elle que aprenderam o segredo d'aquelle espirito renovador da historia, ao mesmo tempo critico, philosophico e poetico, e que ás vezes com a luz do passado allumia tão profundamente o horisonte do futuro. Foi com elle que apprenderam a vêr e amar na Natureza uma existencia espontanea, uma *vida* universal, e não uma successão de formas inertes, e na Humanidade, uma razão

e uma consciencia collectivas, uma *alma*, e não um mecanismo ou uma abstracção. Foi com elle, finalmente, que aprenderam aquelle criterio supremo, em que se combinam a philosophia e a experiencia, e que consiste em marcar por limite ao espirito de systema, por mais logicamente deduzidas que sejam as formulas do systema, as affirmações espontaneas da consciencia moral.

Isto, enunciado, pode a alguns parecer pouco. Tenho para mim que é muitissimo. O tempo se encarregará de mostrar praticamente a fecundidade d'este ponto de vista. A verdadeira philosophia foi e será sempre um alto e largo eclectismo, em que os dados da razão pura se combinam com as affirmações do sentimento moral, limitando-se e corrigindo-se mutuamente. O espirito de systema pode brilhar na escola: mas na vida e na historia só triumpha definitivamente e faz obra fecunda o espirito pratico e *humano*.

Tal é a lição que resulta conjunctamente da doutrina e da vida de Michelet. Os que chegaram a comprehendel-a sabem quanto ella vale e quanto reconhecimento devem á memoria d'aquelle que a deu, não só com a palavra, mas com o exemplo d'uma existencia nobre e pura até á santidade.

Aqui, n'esta grande capital da intelligencia, onde elle trabalhou e ensinou, um dos seus discipulos portuguezes folga de poder assignar esta pagina humilde, consagrada á memoria d'um dos primeiros e, porventura, o mais querido entre os mestres da nova geração.

Paris, 4 d'agosto de 1877. (1)

(1) Publicado in-*Dois Mundos*, n.º 1. Paris, 31 de Agosto de 1877. *(Nota do editor.)*

ALEXANDRE HERCULANO

A morte de Alexandre Herculano não é sómente um luto para a litteratura portugueza: é um verdadeiro luto nacional.

Ultimo representante d'uma illustre geração, em quem o forte genio portuguez reverdeceu ainda n'este seculo com uma seiva tardia, Alexandre Herculano era mais do que um grande escriptor: era, em toda a força dos termos, um grande homem, uma d'essas raras individualidades em quem se reflecte, como n'um espelho, o caracter d'uma raça, em quem um povo reconhece, por uma intima affinidade, a expressão genuina do seu temperamento intellectual e moral, nas idêas e nos sentimentos, nas qualidades culminantes e até nos defeitos caracteristicos.

Antes de tudo, Herculano foi isto: um *representative man*, como tão bem dizem os inglezes, o representante do genio da sua nação: e foi este intimo sentir de patriota, que penetrava o seu ser, decidindo dos seus gostos e das suas opiniões, que determinou irresistivelmente a sua vocação litteraria. Escrever a historia do seu paiz não é, com effeito, entrar em communicação directa com a alma nacional, viva e palpitante, para quem a sabe interrogar com amor, nas instituições, nos feitos, nas crenças, em todos os factos d'uma grande existencia collectiva? Foi esse amor, essa paixão, que lhe afinou o entendimento, abrindo-lh'o a uma

sciencia nova, a uma critica alta e severa ao mesmo tempo que penetrante, e lhe armou o animo com a coragem necessaria para enterrar contente os melhores annos da existencia n'esse obscuro hypogeu da historia, onde muitos só encontram a satisfação d'uma curiosidade erudita, mas onde elle buscava ardentemente, como ensinamento e talvez como consolação, os reflexos d'aquella luz moral que sae das gerações fortes e creadoras.

É que o historiador era tambem um poeta e um crente. O seu nobre espirito sentia-se confrangido na fria atmosphera do scepticismo e indifferença, que tantas vezes degeneram em pequenez moral, da nossa época perturbada, e refugio para o passado, onde entrevia figuras amigas, d'onde lhe fallavam vozes fraternaes, cuja linguagem rude mas sincera e grave elle comprehendia melhor do que os requebros artificiosos dos delicados do dia.

Na physionomia moral de Alexandre Herculano ha certas linhas que fazem lembrar o perfil energico e simples dos heroes typicos da nacionalidade portugueza. Pertencia a essa grande linhagem, que acabou com elle — e o seu seculo, admirando-o, considerava-o todavia com um certo espanto inintelligente, como se sentisse vagamente que aquelle homem pertencia a um mundo extincto, um mundo cujo altivo sentir já ninguem comprehendia.

E acabaram, com effeito, por não se comprehenderem.

O seculo, levado na carreira vertiginosa d'uma revolução moral e social cujo termo ninguem póde prever, escutava entre distrahido e impacientado aquella voz austera, que lhe fallava de virtudes esquecidas, de

idêas que já não pareciam mais do que simulacros, de instituições em que já ninguem via mais do que engenhosos artificios — e espantava-se de encontrar tantas illusões unidas a tanto genio e tanta sciencia. Elle, pelo seu lado, persistia e como que se endurecia n'essas generosas illusões, que eram as crenças a que devotára a vida inteira, considerava entristecido mas não abalado, o espectaculo da vertigem e da corrupção contemporaneas, que talvez lhe parecessem providenciaes, e o seu amargo sorriso continha muitos desdens, mas nenhuma retractação.

Só a morte podia pôr um termo a este dissentimento, que estava na natureza das coisas.

Não nos cabe a nós ser juizes entre um grande homem e uma época, que tantos acclamam gloriosa, em quanto outros persistem em têl-a por mesquinha. A historia (como ás vezes succede) dará talvez razão, ao mesmo tempo, á época, que não podia ser maior nem melhor do que as circumstancias a fizeram, e ao homem nobre e sincero cuja altiva integridade repugnava invencivelmente a que pactuasse com o abaixamento moral dos contemporaneos, embora tal abaixamento lhe parecesse providencial, preferindo a attitude isolada e austera do protesto e as más vontades que elle provoca nos caracteres vulgares, á influencia e dominação alcançadas pela connivencia com as paixões, os desvarios e os vicios da época.

Ha glorias mais brilhantes e ruidosas: nenhuma póde haver mais pura.

Paris, 25 de setembro de 1877. (1)

(1) Publicado in-*Dois Mundos*, n.º 2. Paris, 31 de Setembro de 1877. *(Nota do editor.)*

LOPES DE MENDONÇA

Lopes de Mendonça foi um dos representantes entre nós — um dos mais nobres pelo caracter e talvez o mais distincto pelo espirito — da geração politica e litteraria que o sol ephemero de 1848 fez surgir, ébria de vagas esperanças, por toda a Europa.

A esse brilhante e inconsistente movimento de 1848 chamou Quinet «uma revolução romantica», marcando perfeitamente com esta phrase o caracter ao mesmo tempo grandioso e indeterminado, a inanidade e o ardente enthusiasmo, a cegueira e o heroismo fantasioso d'aquella grande explosão popular. A «revolução romantica» vinha fechar, como conclusão natural, o periodo romantico da politica no seculo XIX.

O que caracterisa esse periodo é a grandeza generosa das aspirações combinada com a indeterminação das ideias, um vago idealismo, ou antes sentimentalismo, que envolve e abraça, sem dar por isso, as maiores contradicções praticas e se lança no caminho das mais perigosas aventuras com um sorriso de confiança ingenua e quasi infantil. Este phenomeno, que não é dos mais frequentes na historia, d'uma revolução sem pensamento, sem rumo e quasi sem rasão de ser immediata, explica-se pelas condições particulares do meio em que se desenvolveu.

Em primeiro logar, a philosophia social da época,

Essa philosophia, em que se amalgamavam incoherentemente o subjectivismo Kantista e o espiritualismo ecletico, traduzia-se socialmente no individualismo — não o individualismo frio e secco dos economistas inglezes, nem ainda o individualismo heroico dos jacobinos — mas um individualismo sentimental, por isso contradictorio, cheio ao mesmo tempo de reivindicações e de effusões e que pretendia corrigir o egoismo das reclamações do direito individual com os preceitos moraes e poeticos da fraternidade. Era uma philosophia social romantica, muito apta para animar enthusiasmos e largas esperanças, mas radicalmente impotente para definir um principio juridico e fixar uma norma pratica de reformas.

Em segundo logar, a attitude determinadamente hostil das monarchias constitucionaes, dominadas pela alta burguezia, ávida, egoista e sem outro pensamento politico além do da propria conservação, em face d'uma sociedade cuja transformação democratica se acelerava de dia para dia, de classes novas cujas aspirações, cujas reclamações, cujos interesses eram propostos systematicamente ou intencionalmente hostilisados.

D'aqui, uma surda fermentação, um mal estar em todo o corpo social, e o desprestigio d'uma auctoridade que cessára de ser a expressão do pensamento collectivo, para só representar uma como que conspiração legal de interesses oligarchicos.

N'estas condições, a queda das monarchias constitucionaes era imminente, sem que se podesse ao mesmo tempo dizer que essa queda implicava uma verdadeira revolução, porque as classes contra ellas insurgidas não tinham realmente em vista destruir, no seu principio, o regimen existente, mas pelo contrario entrar

n'elle, apossar-se d'elle, alargando-o apenas até ás proporções da nova democracia. O movimento corria o risco de ir — como foi realmente — muito além do seu alvo legitimo; e um impulso revolucionario, produzindo-se no meio d'uma situação assim equivoca e contradictoria, não podia ser senão um desastre.

Em terceiro logar, finalmente, a attitude da classe operaria vinha lançar no meio d'esta confusão intellectual e politica mais um elemento de perturbação, e o mais formidavel de todos.

A classe operaria aparecia pela primeira vez na arena politica, onde até então seguira sempre a burguezia como sua cliente, isolada e fazendo bando á parte, fallando em seu nome proprio e afirmando-se como uma cathegoria social *sui generis*. Mas, ao mesmo tempo que presentia a importancia capital do seu papel no drama social moderno e que manifestava, pela sua attitude, a resolução de o representar, a classe operaria achava-se ainda não só impotente para fazer valer o seu direito, mas até incapaz de o definir, falta de organisação como classe e falta de educação politica sufficiente. Em vez de ser um partido, era uma turba: turba trabalhada por um espirito inquieto de revolta, de renovação social messianica, que em vez de doutrinas tinha utopias, e em vez de chefes, sectarios.

O seu primeiro passo no caminho do futuro tinha de ser um passo de cego. O seu peso enorme, lançado na balança das revoluções, desequilibraria todos os partidos, sem que d'ahi lhe resultasse outra vantagem senão a de se manifestar, n'esse primeiro momento, como uma força collossal, perturbadora e destruidora do velho mundo social. Tal resultado, embora

importantissimo para o futuro, não podia immediatamente, senão provocar uma reacção universal.

Foi o que succedeu. O Socialismo, tão mal comprehendido pelos seus adversarios, como mal definido pelos seus partidarios, foi transformado pela reacção n'um monstro, o famoso *espectro vermelho*, e o terror extravagante, se bem que fundado, do *espectro vermelho*, abriu caminho a uma reacção tão geral e irresistivel, que arrastou comsigo não só o Socialismo, não só a Republica, mas ainda o proprio regimen liberal e todas as garantias legaes tão custosamente conquistadas.

Estranho, imprevisto e todavia necessario resultado d'uma revolução sem intuito social definido, sem programma positivo, sem linha politica determinada!

O drama romantico veio a dar por toda a parte n'uma conclusão tragica.

A Hungria foi esmagada, esmagadas a Italia, a Rumania, a Polonia.

Na Allemanha, na Austria, o cezarismo dissolve os parlamentos nacionaes, cahoticos e impotentes, rasga as constituições democraticas, que o susto lhe fizera jurar no primeiro momento de surpreza, e estabelece solidamente e por muitos annos o regimen militar. Em França, d'onde partira o impulso revolucionario, o Socialismo, tornado a execração de todos os partidos, cae exsangue nas barricadas de junho: e o movimento reaccionario, uma vez lançado, não pára sem ter destruido a Republica, as garantias liberaes constitucionaes, humilhado a democracia e sobre todas estas ruinas estabelecido o Imperio conservador, ao mesmo tempo rural, militar, bancario e clerical.

Taes foram os resultados da «revolução romantica».

Mas a geração que a preparou e a consumou não podia prever taes resultados. A sua confiança era tão longa como vastas as suas aspirações: e se aquella era infundada, estas eram generosas e alevantadas. Talvez nunca a historia registrasse uma tão completa catastrophe, sahida d'um tal concurso de bellos sentimentos, de elevados intuitos, de personalidades brilhantes e heroicas. Os promotores e fautores d'aquelle movimento, os Lamartine, L. Rolin, Arago, L. Blanc, Proudhon, Raspail, Mazini, Garibaldi, Manin, Gargern, Rosetti, Bem, Kossuth, e todos os que indirectamente o prepararam, oradores, pensadores, poetas, Lamenais, Michelet, Quinet, Hugo, Sand, Sue, Leroux, Mickiewicz, Gioberti, Manzoni, Cantu, Mamiani, Feuerbach, Heine, formam uma pleiade incomparavel pelo talento e pelo caracter, e não admira que, apezar do vago e incoherente das suas doutrinas, dominassem tão completamente o espirito da geração que atraz d'elles se lançou fanatisada no caminhó do inevitavel desastre.

Foi a essa geração, mais enthusiasta do que reflectida, poetica e facilmente crente, que pertenceu o nosso Lopes de Mendonça.

Formou-se o seu espirito n'aquella atmosphera apaixonada de indefinidas esperanças e com a rectidão d'um nobre caracter abraçou, em todas as suas consequencias, aquellas doutrinas que tão bem respondiam aos impulsos da sua natureza generosa.

Vivendo no meio da sociedade burgueza e monarchica, e dependente d'ella, sem a autoridade pessoal e sem a força emprestada d'um partido, ousou tirar as consequencias rectas das doutrinas que abraçára e confessar-se democrata e socialista. A posteridade não se esquecerá d'esta nobre isempção.

Entretanto, em Portugal, e ainda independentemente das suas condições pessoaes, Lopes de Mendonça não podia ser mais do que uma voz sem echo serio, um generoso *dilettante* revolucionario, um inoffensivo precursor. Isso foi. Na historia politica, o seu nome não occupará mais do que poucas linhas, como um vago symptoma de tendencias ainda obscuras, em quanto a historia litteraria lhe deverá algumas paginas, como o primeiro critico de temperamento verdadeiramente moderno.

Essa direcção decididamente moderna do seu espirito patenteia-se sobre tudo no seu livro «Memorias de Litteratura Contemporanea», livro que abunda em meritos variados, mas ao qual bastaria este só para o recommendar ainda hoje á attenção.

O seu ideal politico e social eleva o critico muito acima do ponto de vista convencional e puramente litterario, faz-lhe comprehender o valor e alcance social da poesia e da arte, e a sua real e effectiva importancia historica. N'este sentido, póde dizer-se que Lopes de Mendonça foi não só o precursor, mas o mestre da moderna critica litteraria em Portugal. Não cabe porém aqui consideral-o detidamente por este lado. Quanto ao lado politico, dando-lhe, como já demos, o nome de precursor socialista, cremos ter definido sufficientemente a sua acção e pago á sua memoria o tributo que lhe deve o Socialismo portuguez.

Mas que pensaria elle hoje — elle que, como todos os da sua geração, cuidava resolver a questão social pelo accordo da burguezia e do proletariado na republica — em face das tendencias do Socialismo contemporaneo? As esperanças poeticas d'uma solução pacifica, os sublimes sonhos de abnegação e fraternidade

social, em que se embalavam os gentis espiritos de 1848, desfizeram-se para sempre, rotos, dispersos, n'um cyclone de fogo e sangue...

O espirito inexoravel da guerra social soprou sobre a Europa e é para a guerra que caminhamos, é só pela guerra que será cortado o nó dos problemas que a mão suave da fraternidade não vingou desatar. A revolução socialista, que se aproxima, não será uma poetica mascarada republicana como a revolução de 1848, mas uma séria tragedia historica. As classes não se convertem: podem morrer, mas morrem impenitentes.

Tal é a lei da historia, que é uma dura e impassivel lei natural, não uma lei moral, sentimental.

As revoluções não peroram diante dos seus inimigos: destroem-n'os. Essas obras da fatalidade são obras de ferro e fogo, não obras do sentimento e eloquencia. A fraternidade, quando deslocada e extemporanea, póde ser mais perigosa e mais custosa do que uma franca e patente hostilidade. O que trazia no ventre a fraternidade de 1848? uma desillusão amarga, e logo os furores da reacção, o desespero das insurreições, o encarniçamento da repressão, sangue, odios, ruinas sem conta...

Eis a vegetação sinistra que cresceu á sombra das *arvores da liberdade*, plantadas nas praças como penhor de paz e fraternidade. Talvez que o Socialismo, caminhando agora armado e em ordem de batalha, e sabendo bem que os que encontrar em frente de si não são incredulos a converter mas inimigos a aterrar e a destruir, sendo preciso, consiga mais com menor custo de sangue. (1)

(1) Publicado in-*O Operario*, 2.º ano, n.º 1. Porto, 30 de Maio de 1880. *(Nota do editor.)*

ACTA DO DUELLO
ENTRE CYPRIANO JARDIM E CAMILLO CASTELLO BRANCO

Os abaixo assignados, Gerardo Augusto Pery e Abilio Eduardo da Costa Lobo, por parte do ex.mo sr. Cypriano Jardim, e Visconde de Moreira de Rey e Anthero do Quental, por parte do ex.mo sr. Camillo Castello Branco;

Constituidos em tribunal de honra, com plenos poderes dos nossos respectivos constituintes, para julgar e resolver a pendencia entre elles suscitada, reunimo-nos para esse fim no dia 21 de outubro de 1879, resolvidos, antes de tudo, a esclarecer uma questão que, de princípio, nos pareceu ter mais por fundamento um equivoco, do que uma intenção de offensa real.

Examinando attentamente os documentos apresentados por parte do sr. Cypriano Jardim, reconheceram as testemunhas do sr. Camillo Castello Branco, quanto ficava provado de uma maneira positiva e evidente não só: não ser o sr. Cypriano Jardim o auctor do artigo *Historia e Sentimentalismo*, origem desta pendencia, como tambem ter sido o silencio do sr. Cypriano Jardim, relativamente á paternidade supposta do artigo que lhe era attribuido, esclusivamente filho da falta de direcção na carta do sr. Camillo Castello Branco, do que resultou ficar retida no correio.

Esclarecido este ponto, que capitulamos de essencial, entendemos que ficava naturalmente e com justiça dissipado o engano em que estava o sr. Camillo Castello Branco, quando attribuiu aquelle artigo ao sr. Cypriano Jardim, o que se impõe immediatamente á sua boa razão e lealdade, reconhecendo portanto o sr. Camillo Castello Branco que a sua primeira carta, publicada no n.º 2286 do *Diario Illustrado*, só tivera por fundamento um equivoco, e desejando desde este momento que ella seja considerada como não existente.

Por outro lado, as testemunhas do sr. Cypriano Jardim, apreciando e tendo na devida conta este reconhecimento leal da verdade dos factos pelas testemunhas do sr. Camillo Castello Branco, reconhecem que a carta do sr. Cypriano Jardim, publicada no n.º 562 do *Diario de Portugal* e 2288 do *Diario Illustrado* deixa de ter razão de ser, visto ter ella sido unicamente um desforço á carta do sr. Camillo Castello Branco, que acaba de ser dada como não existente, e não envolver aquelle seu escripto, alem desse seu sentimento de desforço, intenção alguma de apreciação offensiva do caracter pessoal do sr. Camillo Castello Branco, ao qual, aliás, faz toda a justiça.

Posta a questão nestes termos, unicos que consideramos justos, entenderam as testemunhas do sr. Camillo Castello Branco que cessavam naturalmente os motivos e fundamentos da sua carta inserta no n.º 2291 do *Diario Illustrado;* carta que estão authorisados a declarar que não implicava mais do que uma desaffronta da sua dignidade, emquanto a julgou offendida, e não uma apreciação injuriosa para a pessoa e caracter do sr. Cypriano Jardim e que por isso póde e

deve desde este momento ser considerada como não existente.

Esclarecida assim a questão, por se ter dissipado o equívoco que lhe deu origem, entendemos em nossa consciencia que cessaram completamente, de parte a parte, os motivos de aggravo, e damos por terminada esta pendencia sem quebra da dignidade dos nossos constituintes, antes com o lustre dos seus brios, pois que, pondo de parte um resentimento de momento, lealmente reconheceram, acima de tudo, a verdade e a justiça.

Porto, 21 de outubro de 1879. — *Gerardo Augusto Pery.* — *Abilio Eduardo da Costa Lobo.* — *Visconde de Moreira de Rey.* — *Anthero do Quental.* (1)

(1) Publicado in-*O Primeiro de Janeiro,* de 24 de Outubro de 1879, mas reproduzido do *In Memoriam* cit., pág. L. *(Nota do editor.)*

NO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES

Ha, para um grande Poeta, alguma coisa mais triste do que ter «vivido pobre e miseravelmente e assim morrer», como diz com tão pungente eloquencia o epitaphio de *Luis de Camões*. É não ser comprehendido, nem ainda depois de morto e justamente por aquelles que se apregoam herdeiros e interpretes do seu pensamento.

É ter erguido um monumento que o futuro deixará eternamente vasio. É ter acclamado a gloria e o genio dum povo, no momento preciso em que essa gloria se eclipsa, em que esse genio vacilla e, como uma luz preste a apagar-se, lançando um ultimo clarão já fumoso e triste, se extingue para sempre.

Ha nações para as quaes a Epopeia é ao mesmo tempo o epitaphio. (1)

(1) Reproduzido do *Almanach Litterario e Charadistico*, 3.º ano, 1881, pág. XLIV. *(Nota do editor.)*

A POESIA NA ACTUALIDADE

(A PROPOSITO
DA «LIRA INTIMA» DO SR. JOAQUIM DE ARAUJO)

A phase poetica da Humanidade póde dizer-se que está a terminar. Este seculo terá visto os ultimos poetas, como viu os ultímos crentes.

O espirito humano entrou decididamente numa phase de racionalismo, de analyse e critica, que parece dever ser definitiva.

A faculdade synthetica, depois de ter creado as linguas, os mithos e as religiões, manteve-se ainda, durante largos seculos, no dominio da poesia. Mas ainda ahi se terá estancado dentro em pouco. A analyse ficará senhora absoluta de todo o terreno, gradualmente abandonado pela faculdade creadora.

Porque razão, tendo-se esta esgotado tão cedo no dominio da linguagem e do mitho religioso, pôde manter-se, no da poesia, viva e activa, ainda por tanto tempo, e atravessando uma successão notavel de phases historicas?

É o que comprehenderá facilmente quem considerar a natureza da poesia, natureza dupla, ao mesmo tempo intuitiva e analytica, filha da reflexão e da espontaneidade, em que o poder creador e synthetico trabalha sobre elementos que lhe são extranhos, em vez de tirar

de si e do seu proprio fundo a materia sobre que se emprega a sua actividade.

Filha da pura intuição, por um processo espontaneo e verdadeiramente instinctivo, a producção das linguas e dos mithos cessa no momento em que a primeira reflexão acorda no espirito humano, e é justamente nesse momento que a poesia apparece. Ella representa o periodo de transição entre a pura espontaneidade e a reflexão pura, entre o dominio absoluto da synthese e o dominio absoluto da analyse.

A especulação metaphisica, a theologia e a poesia caracterisam essa phase intermedia do desenvolvimento psycologico e racional da Humanidade.

Em todos tres a *materia* é já um producto do pensamento reflectido, da analyse mais ou menos consciente, senão intencional e systematica: em todas tres tambem é a synthese que dá a *forma*, é a intuição immediata que liga entre si e reduz a uma unidade concreta, por uma força plastica e como que organica, aquelles elementos de origem diversa.

É por isso — digamol-o de passagem — que entre a poesia, a metaphisica e a theologia ha relações tão intimas, ha um ar de familia tão caracteristico, que immediatamente denuncia uma verdadeira communidade de origem.

A poesia, tomada nos seus altos exemplares, nos Psalmos hebreus, na Tragedia eschileana, e ainda na de Sophocles e Euripedes, em Hesiodo e Pyndaro, em Virgilio e Lucrecio, em Dante e Calderon, participa da natureza da especulação metaphisica e do dogmatismo theologico. E, por outro lado, o que são a metaphisica e a theologia senão vastos poemas cosmogonicos e psycologicos, construidos com uma amalgama

de symbolos e raciocinios, em que a imaginação, apesar duma subtileza sylogistica toda formal, domina e triumpha?

É por isso que o periodo classico da poesia é tambem o do vigor e fecundidade do espirito especulativo *à priori* e do dogmatismo. É por isso ainda que os momentos do desenvolvimento historico de qualquer destas manifestações psycologicas correspondem rigorosamente com os das outras duas. No fundo, não são mais do que tres formas paralelas dum mesmo estado sentimental e mental.

Na nossa civilisação occidental, o periodo poetico (melhor diriamos poetico-metaphisico-theologico) da Humanidade, o periodo de collaboração, ponderação e harmonia das faculdades analytica e synthetica abrange um espaço de tempo de mais de dois mil annos, que vem desde Hesiodo — ou, se quizerem, desde Homero, ou, pelo menos, desde os hymnos homericos — até ao primeiro quartel do seculo XIX.

Nos seus momentos essenciaes, que são outras tantas revoluções profundas do espirito humano, coincide exactamente com as phases historicas da especulação metaphisica e da theologia.

O primeiro, porventura o mais bello e grandioso, representa o acordar do pensamento reflectido, ao emergir do somnambulismo do periodo instinctivo, no meio das criações ao mesmo tempo enigmaticas e profundas da inconsciencia, que por toda a parte o rodeiam, como um povo mudo de esphinges.

Ha nas producções deste periodo uma grandeza e uma harmonia incomparaveis, um vigor juvenil, que galga sem esforço ás eminencias da belleza moral e humana. É que se a reflexão acordára, a imaginação

intuitiva e plastica tinha ainda um poder e uma vida, que mais tarde haviam de cair, abandonando o terreno á reflexão systematica.

É pois este o periodo poetico por excellencia, como é por excellencia o periodo da especulação philosophica ou religiosa.

Desde Hesiodo e Pindaro até Lucrecio e Virgilio, a poesia desenvolve-se como um mundo, uma criação nova e maravilhosa — paralelamente com o movimento duplo da especulação, que, desde Pythagoras e Heraclito até Plotino e Proclo, fundava dum lado o idealismo racional e lançava, do outro, as bases sobre que se havia de erguer (sem lhe acrescentar nada de essencial) a theològia christan.

O fundamento psycologico deste periodo é uma concepção idealista e transcendental do Universo, mas vasada por tal forma nos moldes symbolicos, e por todos os lados tão penetrada de humanismo espontaneo, que, apesar do seu fundamental transcendentalismo, tem toda a apparencia da realidade, embora essa realidade seja no fundo fantastica.

Isto quer dizer que o elemento poesia é o dominante, ainda fóra da sua esfera propria, e que a philosophia e a theologia se resentem por tal forma d'este influxo dominante que no fundo se reduzem, quanto lhes é possivel, a concepções poeticas.

No segundo periodo encontramos invertida esta relação. O racionalismo (embora só formal) domina de tal modo na philosophia dum Abailard, dum Duns Scotto, dum Occam, e na theologia dum S. Thomaz, dum S. Boaventura, dum S. Anselmo, que a propria poesia como que contráe os habitos pedantescos da escola, especulando e dogmatisando como quem

cursou regularmente o *trivium* e o *quadrivium* e meditou longamente, á sombra dos claustros asceticos, sobre a trindade e a unidade, a graça e o livre arbitrio, o mysterio da eucharistia e a immaculada conceição.

Os trovadores provençaes, Dante, Petrarcha, Calderon, ainda nos seus raptos mais liricos, na expressão dos sentimentos mais intimos ou das relações humanas mais geraes, são argutos e sophisticos, suspendem-se a cada passo raciocinando e demonstrando, e por toda a parte substituem ao largo symbolo poetico, simples e forte na sua espontaneidade, a alegoria artificial e complicada, onde como que se reflectem as dificuldades pueris da escolastica e a hierarchia inextrincavel do dogma christão.

E, todavia, tudo isto, no fundo, é ainda poetico — porque o racionalismo dominante é só formal. Debaixo da pesada e fria sylogistica, palpita intensa a vida sentimental: a imaginação reveste as fórmas da escola, mas é sempre imaginação; e todo o systema, exteriormente geometrico e racional, tem por base a velha estructura mithica, onde a intuição creadora amontoara outrora symbolos, lendas, sonhos, imagens, todo um mundo grandioso e extravagante de fantasmas espirituaes.

Scotto e S. Thomaz, S. Anselmo e Pedro Lombardo deliram gravemente, *secundum artem:* accumulam *ergos* e *distinguos*, dilemas e sylogismos, mas só para introduzirem ordem e methodo no delirio — e outro tanto fazem Dante e os trovadores, indo atravez das ondas turvas dum oceano de subtilezas logicas, buscar lá no fundo, a mil braças de profundidade, a perola mystica, a inspiradora dum sonho de fakirs, onde a alma se lhes

abisma, aniquilda, na visão do infinito, da graça, da beatitude — amorosa ou celestial.

Tudo isto é ainda poesia. Esta poesia presupõe um estado psycologico singular, em que o espirito, trabalhado por uma necessidade imperiosa de logica, de razão, se agita sem poder quebrar o antigo molde de concepção transcendente das cousas, e neste esforço desesperado só consegue deturpal-a, revestindo-a com uma forma intellectual que não só lhe não é adequada, mas até lhe é contradictoria e antipathica.

Todos os bons criticos teem notado no Christianismo o que quer que é contrafeito, violentado, doentio, que leva facilmente á extravagancia ou ao idiotismo. É o effeito natural daquelle estado de espirito, daquelle ingrato esforço, sempre illudido, para unir o que a natureza separou, para introduzir a razão num mundo fantastico, creado pelo somnambulismo da imaginação.

Este modo de ser contrafeito e doentio da consciencia christan em parte alguma se torna tão sensivel como na poesia da Idade Media. Aquelles trovadores, que suspiram segundo a arte sylogistica, aquelle Dante, que põe na bocca dos condemnados a argumentação dos doutores *in utroque*, aquelle Calderon, que põe em scena as virtudes theologaes e os peccados mortaes, debatendo sabatinas escolasticas, representam-nos o desequilibrio dum estado psycologico singular, melhor ainda do que Santa Isabel lambendo as chagas dos mendigos ou S. Bernardo perdendo o sentido do gosto á força de jejuns.

Veio a reacção. Mas que reacção? A da calma razão, conscia e methodica? Não: a Renascença é outra cousa. É uma explosão de naturalismo, mas naturalismo idealista e poetico, a tal ponto que pôde,

sem esforço, aliar-se ao mysticismo e produzir a Reforma.

A razão representava agora um grande papel — todavia papel ainda subordinado. Marsilio Ficino, Giordano Bruno, Ramus, Rabelais estão ainda muito longe de Kant e podem dar facilmente a mão, como de facto dão, a Ariosto, a Shakspere e a Camões. Luthero, que via o diabo, e Loyola, que via a Virgem, tocam-se por mais de um lado — e na caldeira ardente da Renascença, onde fervem tantos elementos que parecem contradictorios, fica, no fundo, um deposito commum: o naturalismo poetico, uma concepção das coisas, que não reflecte já as formas mithicas da imaginação primitiva, nem tambem as abstracções duma reflexão ainda incerta, mas os sentimentos naturaes do homem, dando ao naturalismo uma feição subjectiva, cuja verdadeira expressão é o humanismo.

Uma tal evolução psycologica, sendo essencialmente poetica, devia produzir uma renovação e abrir uma terceira idade na historia da poesia.

Assim foi. Dum lado, Shakespeare, o interprete universal das paixões, do outro, Camões, Ariosto, Lope, Tasso, os poetas humanistas por excellencia, do outro ainda, os liricos da renovação protestante, Luthero, Hans Sachs, Ulric de Hutten, Opitz, Simon Dach, Fleming, Paul Gerhardt, dão-se as mãos fraternalmente para representarem uma concepção das cousas puramente naturalista, mas sem systema positivo e vaga bastante para que, na interpretação do symbolo commum, ficasse á imaginação a liberdade de o interpretar no sentido das tendencias mais diversas da natureza humana — ardente, aqui, e desenfreado na explosão de paixões quasi bestiaes; ali, contido e moderado nos

limites duma tradição renovada; mais além, concentrado num só sentimento profundo e religioso — mas por toda a parte livre na creação dum mundo interior, que só obedece ás leis immanentes da propria expansão.

Na poesia da Renascença as faculdades de analyse e synthese atingem o grau de mais perfeito equilibrio — justamente na vespera do momento em que esse equilibrio se ia romper para sempre, com o imperio decidido da analyse, pela constituição das sciencias e a correspondente organisação dum ponto de vista racional, systematicamente positivo.

Com effeito, para que o naturalismo vago da Renascença perdesse a sua plasticidade poetica, bastava que viesse a receber uma organisação positiva — e tal alteração era inevitavel.

Era a ultima e a maior das revoluções do espirito humano. Entre os destroços do passado, com os deuses e as entidades metaphisicas, ficaria tambem soterrada a poesia.

Foram porém ainda necessarios mais tres seculos, para que tal resultado se manifestasse claramente.

O cyclo poetico do fim do seculo passado e do primeiro quartel do actual é apenas um incidente, o rebento tardio da velha arvore, que, antes de morrer, concentrou nelle um resto de seiva.

Essa poesia (signal bem claro de enfraquecimento) é toda subjectiva. É o individualismo, o *egotismo* que a inspira nos seus grandes representantes, Byron, Shelley, Schiller, Heine, Lamartine, Hugo (onde é verdadeiramente Hugo), Miczkiewicz, Espronceda, Herculano, João de Deus (que, por vir tão tarde, não deixa por isso de pertencer a essa illustre familia), Leopardi, Foscolo. Elles não representam já a vida collectiva

do espirito humano, a crença e as aspirações dum mundo, a apotheose gloriosa ou sombria da humanidade, que os tem por interpretes: representam-se apenas a si, elles, os ultimos duma raça condemnada a desapparecer e que, sentindo a ferida interior por onde lhes foge a vida, interrogam inquietos o horisonte e, chorando ou rugindo, se assentam á beira da estrada para morrerem.

Este inevitavel *egotismo*, este retirar-se da materia poetica objectiva da esfera da poesia, é a prova do seu fim proximo. Porque, na poesia do seculo, só essa, a pessoal, foi verdadeira e espontanea. A outra, cujo grande representante é Gœthe, a que pretendeu abraçar a realidade e tornar-se objectiva, entrando na grande tradição, essa, quem bem a considerar verá quanto é forçada, estudada, intencional, quanto é cousa de escola e de systema, alheia á commoção espontanea, e que a final se resume toda num sabio *dilettantismo*, que em Gœthe e em mais dois ou tres chega a parecer grandioso, mas sem nos commover.

Como se da philosophia, da sciencia e da historia fosse possivel extrair o que ellas não conteem! como se a accumulação da analyse podesse produzir o contrario da analyse, um symbolo plastico, uma intuição poetica! Eu tambem acreditei nisso algum'hora, como acreditei em muitos outros dogmas da moderna superstição do Progresso. Mas um estudo mais profundo da philosophia da historia, mostrando-me o verdadeiro processo da evolução psycologica da humanidade, fez-me abandomar esse com muitos outros erros vulgares. Toda a critica da doutrina do Progresso (que, na sua forma vulgar, pouco mais significa do que uma especie de idolatria intellectual) está neste dizer con-

ceituoso de Saint-Simon, o socialista: «as faculdades succedem-se, mas não se accumulam».

A tentativa de Gœthe era van. E se elle, um dos maiores espiritos do seu seculo e do nosso, o não conseguiu, loucura seria esperar ainda bom exito duma empreza que o momento historico condemna.

Mas a propria poesia se encarregou do officio cruel, officio que seria impio se não fosse fatal, de se reduzir a si mesma ao absurdo, de contradizer o seu intimo principio, de se renegar.

Lastimoso espectaculo, mas instructivo!

Emquanto o grande *dilettanti* allemão accumulava em vão, com as faculdades dum grande espirito, os recursos dum saber universal, para extrair a vida do que é inerte e crear com sciencia, erudição e philosophia um vasto symbolo poetico, uma epopeia moderna, e produzia, no fim de trinta annos, aquelle frio e sabio pandemonio do Segundo Fausto — um outro allemão, com pouca bagagem scientifica (para que?), mas dotado dos dons de espirito que fizeram outrora os vates de Israel, encarregava-se de mostrar, como poeta, que a poesia ia acabar. Heine, escarnecendo o que adorava, fazendo a satyra da propria commoção, elevando o scepticismo á categoria duma esthetica, chorando e rindo — rindo do proprio choro, chorando do proprio riso — desenhou a figura tragica da ultima Musa, aquella que, como o anjo do ultimo dia, vinha entoar o *consumatum est* sobre os destroços do antigo sentimento poetico e quem sabe se de todo o sentimento...

O riso cheio de fel e lagrimas de Heine foi o suor da agonia, o suor de sangue da poesia, que a prosa racional, decididamente e universalmente triumphante

no mundo, ia pregar num madeiro, dizendo-lhe: «se és filha de Deus, livra-te a ti mesma!»

E áquella voz sarcasticamente desesperada respondiam outras: Baudelaire, em França, prostituindo a poesia, a antiga inspiradora da virtude e do heroismo, e obrigando-a a respirar as pestiferas *flores do mal* e a cantar o vicio incuravel, a maldade impenitente — e, além dos mares, na America democratica e scientificamente brutal, Poe assentava o Desespero no solio sagrado, a repetir num somnambulismo de tedio incuravel, de tedio infinito, o seu estribilho de morte:

«Never, oh, never more!»

Foi assim que a poesia, na segunda metade do seculo XIX, annunciou ao mundo, a seu modo, praticamente, poeticamente, a sua proxima extincção.

E o mundo ouviu e não comprehendeu. — Mas passou e esqueceu: era o que bastava.

«Never, oh, never more!»

Outrora, em Israel, os poetas foram os pastores do Povo. Os vates sagrados, depois de crearem Deus, fizeram do Povo o primogenito desse Deus e o seu servo fiel no cativeiro do mundo. E, pelos seus poetas, impoz Israel a sua fé ás nações, a fé que elles haviam creado. — Um pouco mais tarde, em Athenas, a Republica erguia em face da Acropole a estatua de bronze de Eschilo, como um segundo genio tutelar da cidade: as representações das suas tragedias eram solemnidades religiosas, faziam parte do culto publico, e uma copia authentica conservava-se nos archivos da

Republica, entre os documentos dos tratados, das alianças, das fundações de colonias, como uma das bases da grandeza nacional. — Mais tarde ainda, a Senhoria de Florença fazia explicar publicamente, na Igreja de Santa Maria, a Divina Comedia, como um quinto Evangelho, e encarregava esse officio a Boccacio, o maior erudito da epoca. — Camões morreu na miseria: mas não serviu o seu livro de consolação ao seu povo decaido e cativo? não o uniu o povo no culto messianico prestado ao Salvador encuberto? não lhe commentou as estrophes como texto de prophecias de futura grandeza? não lhas contaram os ultimos portuguezes do Oriente, entre balas, no cerco de Columbo? Esta apotheose transformou num solio, ou num altar, a legendaria enxerga do hospital.

E o que é hoje a poesia? o que é hoje o poeta? que diz elle hoje ao mundo, que valha a pena ao mundo parar para o escutar? Uma experiencia de Berthelot ou de Virchow, uma descoberta de Darwin ou Haeckel, uma pagina historica de Ranke ou Renan valem mais, dizem mais ao espirito do seculo, do que toda a Babel sonora das estrophes de Victor Hugo.

E o mundo, a elle, que lhe diz, que elle intenda e que o inspire? Que lhe podem dizer o determinismo, o transformismo, a concorrencia vital, a fatalidade da história? O mundo real, o mundo visto á luz da sciencia, é uma cousa atroz — atroz e ao mesmo tempo inexpressiva. *Despair and die!*

O divorcio é completo. A poesia deixou de ter missão social. Os raros poetas, que ainda existem, são apenas os restos destroçados duma raça de outras idades e que breve terá desapparecido.

A poesia passou decididamente á categoria de lttte-

ratura amena — ao lado da theologia, outra especie tambem de litteratura, com a differença de ser mais enfadonha. *Resquiescant in pace.*

Quererá isto dizer que a poesia ou pelo menos o poetar, tenha de desapparecer *completamente?*

Não é esse o meu pensamento. Mas afigura-se-me que ficará reduzida á expressão isolada de sentimentos muito pessoaes e muito limitados, e cultivada e amada só por aquellas pessoas, que, ou permanentemente e por natureza, como as mulheres, ou temporariamente, como os rapazes muito moços e dotados dalguma fantasia, reagem contra a tyrannia da reflexão e tendem a isolar o seu mundo de sentimentos da influencia mortal do espirito analytico e positivo.

A alta poesia, epica, tragica, lirica — essa irman da metaphisica e da religião — terá assim desapparecido, mas subsistirá a poesia subjectiva, familiar e pessoal, como expressão de estados de espirito, ou particulares, ou raros e passageiros.

A poesia conservar-se-ha pois, mas tendo perdido o antigo caracter de uma das grandes forças sociaes e espirituaes da Humanidade, de agente poderoso da civilisação. Ao som augusto da grande lira de Orpheu já se não erguerão cidades nem civilisarão povos. Essas cordas solemnes e soberanas terão emudecido para sempre. Mas as mais tenues continuarão a ouvir-se, para gosto e consolo dalgumas almas ternas e juvenis.

Tudo isto vem mais ou menos a proposito do formoso livrinho de versos do sr. Joaquim de Araujo, mancebo em quem brilham dotes litterarios nada vulgares: e como quer que ao percorrer o livro me acudissem estas reflexões, fui-as pondo no papel, imaginando que algumas pessoas as poderão achar curiosas.

Com effeito, os versos do autor da *Lira Intima* parecem-me representar menos mal a especie de poesia, que poderá ainda subsistir dentro dum estado social e mental inteiramente moldado pela sciencia e dominado e dirigido pelo espirito de analyse e pela reflexão.

É uma poesia ao mesmo tempo juvenil e requintada, em que a commoção poetica está mais no vago do que no profundo do sentimento. A imaginação é viva, mas move-se só dentro de certos limites estreitos e como que tem a consciencia desses limites. É ingenua e a sua commoção é verdadeira: e todavia, nessa ingenuidade, sente-se o que quer que é estudado. Vê-se que ignora a realidade, mas parece ao mesmo tempo que essa ignorancia é intencional.

Numa palavra, esta poesia innocente e requebrada, requebrada na sua innocencia e innocente no seu requebro, só a posso comparar a certas raparigas singulares, muito novas e muito candidas, mas educadas num meio em extremo elegante, fino, mundano, de tal sorte que as suas graças, sem deixarem de ser perfeitamente naturaes e ingenuas, adquirem do meio em que se formaram, um não sei que esthetico e requintado, como se fossem calculadas e filhas duma sabia experiencia. Ha no olhar, no sorrir innocencia e candura verdadeiras, sem que deixem com isso de parecer como se tivessem sido estudados ao espelho.

E este subjectivismo como que intencional e esta ingenuidade como que estudada que me parecem caracteristicas, no ponto de vista das considerações que fiz atraz, no livro do sr. Joaquim de Araujo.

De resto, o poeta, nos versos finaes da sua colle-

cção, parece-me ter-se definido duma maneira, que dá razão ao meu modo de ver. Diz elle:

Este livro não resume
As lutas da nossa idade,
Mas tem o vago perfume
Dos sonhos da mocidade.

Não amarra ao duro poste
Dumas estrophes de bronze
Toda a miseravel hoste
De infames, como Luiz onze.

. . . . . .

No emtanto faz quanto póde
De alevantado e completo,
Sem exageros na ode,
Sem *parti-pris* no soneto.

Prefere um ceu todo limpo
A um idilio extravagante,
E ás divindades do Olympo
Paolo e Francesca do Dante.

. . . . . .

Não segue, não acompanha
Nenhum doirado estandarte:
Alheio a qualquer campanha,
Põe as escolas de parte,

E vê que o Bello reside
No logar que lhe compete...
Ou nos psalmos de David,
Ou nas tragedias de Gœthe.

Bem longe de pretenções,
De que se mostra incapaz,
É o engaste das canções
Firmes, leaes, dum rapaz...

. . . . . .

São os vinte annos, e são sinceros. Mas esse mundo de sentimentos juvenis formou-se e desenvolveu-se dentro doutro mundo, em que tudo é velho, tudo reflectido e mecanico. E por mais que o poeta, por uma especie de instincto da conservação na ordem moral, tentasse isolar-se daquella influencia antipathica, ella lá se foi infiltrando e denuncia-se a cada passo, não só nos requintes do estylo, na imagem erudita, feita mais de reminiscencias litterarias do que de impressões naturaes, nos effeitos calculados da rima, como sobre tudo na preoccupação e insistencia com que o poeta repete a si mesmo que é moço, que é a luz cor de rosa dos sonhos juvenis que doura o horisonte da sua poesia, que é o roúxinol dos vinte annos que canta nas suas balsaminas amorosas — insistencia inconsciente, tanto mais caracteristica por isso mesmo, e que revela a presença importuna dum meio anti-juvenil e prosaico, contra o qual o poeta, vagamente inquieto, protesta perante o proprio sentimento.

Por este lado, como já disse, e para quem estuda as condições feitas á poesia pela sociedade contemporanea, a leitura do livro do sr. Araujo é muito interessante.

Mas não é este merecimento, até certo ponto extrinseco, o unico da *Lira intima*. Num ponto de vista restrictamente litterario, ha ali bastante que louvar. Citarei, por exemplo, como composições delicadissimas, por uma certa graça aerea e uma fantasia fina-

mente melancholica, *Eterno Feminino*, *Tercetos*, *Intermezzo*, *A Esmeralda Cervantes*, *Idilio*, outras ainda e especialmente aquellas simples quadras *A minha irman*, talvez do livro toda a lagrima poetica mais pura e crystalina. (1)

(1) Conforme o opúsculo que leva o título dêste artigo, impresso no Porto, Officina Typographica de João Eduardo Alves, 1881. 8.º de 20 pág. *(Nota do editor.)*

NORMANDIA E BRETANHA

A Normandia — ninho d'onde levantou o vôo aventureiro, ha mais de 800 annos, aquella aguia, ainda apenas emplumada, que depois de atravessar o Estreito e com o andar dos seculos veio a ser a Grã-Bretanha — é uma terra franceza, que por mil aspectos, e não só pelas recordações historicas, faz lembrar a Inglaterra, que defronta e parece continuar ainda a desafiar. Para sermos fieis á verdade historica, deveriamos antes dizer que é a Inglaterra — não Londres e Liverpool, está claro, mas a velha Inglaterra antiquada e rural, *old England* — que faz lembrar a Normandia, como a filha robusta e emancipada conserva, em despeito de tudo, os traços de physionomia da mãe envelhecida e humilde.

Como quer que seja, o facto é que o viajante que acaba de atravessar o Estreito, julga a cada instante, ao percorrer a Normandia, não ter ainda saído de Inglaterra. A lingua é outra: mas tambem nem em toda a Inglaterra se falla inglez: e o aspecto da natureza, o sólo, o systema de culturas, a architectura, certas particularidades dos costumes e vestuario, tudo faz lembrar ao viajante artista e um pouco antiquario aquella boa velha Inglaterra dos condados, rural e aristocratica, a Inglaterra de Goldsmith e de Sterne, de Addison e de Steele, tal como ainda lhe duram os vestigios quasi intactos em tantas comarcas de Sussex, de Kent, de Oxford.

N'este sentido, a Normandia é como uma evocação historica. Mas esta impressão só póde ser bem sentida e comprehendida por inglezes. O que porém é perfeitamente accessivel a qualquer *touriste* continental, ainda o mais ignorante da historia correlativa de França e Inglaterra, é o caracter altamente monumental e medieval d'esta velha provincia normanda, um dos grandes centros da vida politica do mundo occidental durante a primeira metade da Idade-Media, e que durante um momento — um momento de bons dois seculos — exerceu uma influencia preponderante nos destinos de meia Europa.

Não é só a abundancia verdadeiramente extraordinaria de monumentos, que desperta esta impressão de nobreza historica da velha provincia. É sobre tudo o predominio quasi exclusivo d'um só typo, o ogival-normando; é a harmonia, a unidade, o ar de familia, que existe n'uma tal variedade de monumentos; é ainda a influencia d'este typo sobre o estylo das construcções mais vulgares e que em nada pretendem ser monumentaes; é finalmente não sei que vaga e indefinida relação, mas que se sente perfeitamente, entre o estylo predominante dos monumentos e os costumes e vestuarios (onde ainda se conservam) dos habitantes; como se homens e coisas se fundissem n'uma hnrmonia intima, filha da historia, para darem a impressão d'alguma coisa de vital, de organico, que foi, e cuja fórma primitiva se conserva persistente, em despeito do puir lento de muitos seculos. Tudo isto falla d'uma vida historica intensa, que teve o seu momento de plena manifestação, que chegou á consciencia de si mesma, e a fixou em obras que conservam o seu cunho atravez dos tempos, e a infiltrou lentamente nos habitos, no

modo de viver, quasi na physionomia dos habitantes. Esta impressão, que se sente espontaneamente ainda antes de ser reflectida, é altamente poetica e artistica.

Caen, a cidade ducal, durante quatro seculos disputada entre inglezes e francezes, trez vezes tomada e saqueada, retomada e resaqueada, tem, no aspecto enegrecido e triste, escripta a historia de tamanhas luctas. É uma cidade não só antiga, mas *velha*. Todos os melhoramentos e embellezamentos modernos — a sua Academia universitaria, a Escola de marinha, os seus trez passeios publicos — só conseguem tornar mais saliente o ar de profunda tristeza que envolve a antiga cidade batalhadora. Só é verdadeiramente bella onde lhe consentem ser *velha* á sua vontade: no heroico castello e nas suas formosas igrejas, ainda não corroídas pela lepra elegante do *rifacimento*.

Póde ser que a este condão de tristeza e abandono deva Caen o ter escapado melhor do que outras cidades normandas, especialmente Rouen, ao furor de renovação e *melhoramento*, que tão funesto é para as gastas e venerandas reliquias do passado. Esta devastação modernisadora caío sobre Rouen como uma desolação artistica. O mesmo viajante, visitando-a com um intervallo que seja apenas de meia duzia de annos, encontra-lhe, com tristeza se é artista, uma diminuição assustadora de caracter pittoresco. Duas leis, que, á primeira vista, parecem sabias e opportunas, mas cuja sabedoria é, no fundo, mais que muito questionavel, estão arruinando Rouen, pelo menos aos olhos d'um artista. Póde ser que, no entender de muitos, que só visitam Rouen, como visitariam Trouville ou Baden, isto é, para se divertirem e sem a menor preoccupação de arte ou archeologia, não pareça desastroso o effeito

d'aquellas duâs leis, uma que prohibe as edificações de madeira, á antiga, e a outra que dispõe que todos os edificios sejam alinhados. Já dissemos que póde haver apparencia de razão n'essas leis, que estão apagando rapidamente a historia visivel da capital do Departamento do Sena Inferior. Para as intelligencias de campanario é coisa assente que o ideal da edificação urbana é a linha recta até ao infinito, e que a uniformidade é o typo da perfeição esthetica. Para outros a questão é toda *pratica*. Dizem esses que uma cidade construida toda em linhas rectas, que se cortam em angulos não menos rectos, é que convem ás exigencias da vida moderna, que se preoccupa pouco com pittoresco e só attende ao que é *pratico*. Mas não seria difficil demonstrar a esses logicos da linha recta que uma cidade construida toda segundo esse plano d'um perfeito xadrez, tem inconvenientes muito serios, ainda no ponto de vista o mais pratico. Desapparecem as travessas, e com ellas a linha obliqua, que poupa muito tempo e caminho: e quem pretender seguir uma linha diagonal tem de descrever um interminavel zigzag, que monta o mesmo que ter de dar uma volta de meia cidade para bem de a atravessar.

Rouen, a Rouen industrial e manufactureira de hoje, só muito escassamente corresponde agora á descripção esplendida, e então exacta, do poeta que a saudava em 1830 n'estes versos formosissimos:

. . . . la ville aux vieilles rues,
Aux vieilles tours, débris des races disparues,
La ville aux cent clochers carillonnant dans l'air,
La Rouen des châteaux, des hôtels, des bastilles,
Dont le front hérissé de flèches et d'aiguilles
Déchire incessamment les brumes de la mer.

(Victor Hugo, *Les Feuilles d'Automne*.)

D'então para cá, ruas e quasi bairros inteiros desappareceram, incluindo as casas de aspecto tão pittoresco que figuram na nossa illustração. Apzear d'esta devastação, Rouen é ainda grandemente digna da attenção do *touriste*. Entre as casas antigas, que desappareceram, uma das mais interessantes, por todos os motivos, era certamente a casa onde nasceu Corneille, o grande poeta normando. Foi deitada abaixo ha de haver vinte annos. Em vão tambem procurâmos, n'um dos angulos da praça do mercado, o pequeno mas elegantissimo edificio gothico, d'onde Joanna d'Arc foi levada ao supplicio. Ao logar onde foi queimada chamam agora a Praça da Donzella (Place de la Pucelle), tendo-lhe erigido recentemente um monumento de gosto bem vulgar, uma imagem de Bellona.

Estes e outros edificios antigos, não menos interessantes, desappareceram para dar logar á Praça de Solferino, ao Caes Napoleão, á rua Imperial e á interminavel rua da Imperatriz, desesperadamente rectilinea, que atravessa a cidade quasi de lado a lado. Mas emquanto tantas habitações historicas caíram barbaramente sob o camartello do progresso material, devemos confessar que tem havido mais respeito para com os edificios publicos. Está de pé o elegante Hotel Bourgthéronde, estão de pé a cathedral e as outras admiraveis igrejas de Rouen; subsistem tambem, em diversos pontos da cidade, varias fontes de rico lavor gothico: só isto compensa bem o incommodo da viagem. Ha ainda, que mereça ver-se, a Vieille Tour, restos do castello onde esteve prisioneiro o principe Arthur, e de cujas ameias, segundo uma tradição local, se despenhou procurando evadir-se.

Rouen póde *ver-se* n'um dia, ainda que um só mo-

numento de Rouen, ou uma parte d'um monumento possa entreter um dia inteiro de contemplação. Tudo depende dos olhos que vêem e do espirito que contempla: para o espirito verdadeiramente artistico, um dia, passado defronte d'uma obra prima, ou d'uma ruina que reçuma recordações poeticas, é como um momento. Mas, tomando simplesmente a media decente da capacidade artistica e contemplatoria do commum dos *touristes*, póde ainda dizer-se afoitamente que uma semana não é tempo demasiado para bem ver e admirar quanto resta ainda em Rouen de interessante aos olhos do apreciador de coisas historicas e pittorescas. Abundam com effeito, singularmente, os monumentos civis e ecclesiasticos, n'esta formosa cidade, tocada já, mas ainda não corroída pela lepra do utilitarismo industrial. Perfeito, irreprehensivel aos olhos d'um purista meticuloso da architectura, não ha talvez um só. Mas que monta isso, onde a harmonia, a graça, a originalidade compensam de sóbra o que possa haver de irregular ou sobremodo ousado? A impressão geral, o *ensemble*, é o essencial na architectura. Concedâmos pois que a fachada da formosa cathedral de Notre Dame, toda lavrada e arrendilhada de cima abaixo, como uma obra de delicada ourivesaria, é viciosa pelo excesso de ornamentação. Boa parte d'este delicioso trabalho pertence, inquestionavelmente, ao periodo de decadencia da arte ogival ou gothica: o que não impede que o portico central e toda a parte superior da frontaria, construidos pelo Cardeal d'Amboise no primeiro quartel do seculo XVI, sejam admirados por aquelles proprios juizes rigorosos, a quem o saber e o gosto mandam preferir o estylo puro dos porticos lateraes, mais antigos e mais simples. No meio da

confusão dos periodos, estes dois porticos, não deficientes de ornamentação, na sua sobriedade, são bons exemplares do estylo simples e grave do seculo XII. As duas torres, que flanqueiam o edificio, pertencem a épocas differentes, e differençam-se tambem uma da outra na altura e no aspecto, segundo o verdadeiro espirito do estylo gothico. A mais antiga data do meado do seculo XIII; a outra, que é a mais ornada — chamada «la Tour du beurre» por ter sido edificada com o producto da Bulla de indulgencia concedida aos que queriam comer manteiga durante a Quaresma — foi começada por fins do seculo XV e concluida durante a primeira metade do seculo seguinte. Embora tão differentes de estylo, estas duas torres emmolduram garbosamente a grandiosa fabrica, que, como conjuncto, se poderia considerar perfeita, se não fôsse o deploravel corucheu de ferro forjado, com que recentemente substituiram o antigo corucheu, que um raio derrubára na primaverra de 1822.

Quem entra na cathedral de Rouen, o que sente immediatamente é uma admiração solemne e placida, na qual se fundem e desapparecem as impressões desagradaveis, recebidas fóra, das discordancias perturbadoras, das incorrecções do risco, do fanatismo destruidor, da ornamentação superflua ou ignára. É possivel que dentro, como fóra, haja a mesma discordancia nas innovações: mas sóme-se na impressão geral, que é toda de grandeza e sublimidade. Se nos pousa o olhar, por exemplo, no pesado guardavento, massiça e feiamente classico, que tapa o côro, este disparate artistico fere-nos apenas como nos poderia ferir a vista de qualquer vulgaridade casual, estranha áquelle logar. O grande segredo d'esta profunda impressão, que se

recebe — e que nunca mais se apaga — na cathedral de Rouen, é a proporção. A solemne harmonia do todo, não dá logar a reflexões sobre esta ou aquella imperfeição de detalhe. Ha taes imperfeições: mas deve-se ainda assim dizer que a harmonia ou proporção das differentes partes é, no interior da igreja, incomparavelmente maior do que a que póde apresentar qualquer vista do exterior, ainda a melhor, a que esconde quanto possivel o perfil esguio do corucheu de ferro forjado, para fazer sobresaír os porticos, as torres e a esculptura da frontaria. Em tudo quanto é essencial, o interior da igreja pertence ao estylo do seculo XIII. Nave e côro medem 435 pés; a nave só, 90: mas estes numeros não dão idéa, nem aproximada, da impressão de grandeza, de amplitude. Repousou aqui, durante seis seculos, o coração de Ricardo «Cœur de Lion», legado por este rei inglez á sua querida Normandia: hoje encontra-se, como uma curiosidade, no Museu de Antiguidades, no boulevard Beauvoisine. A estatua de Ricardo, na capella da Virgem, por detraz do altar-mór, soffreu bastante dos Huguenotes, que, durante as guerras de religião, que ensanguentaram o reinado dos ultimos Valois, por duas vezes se assenhorearam da capital da Normandia e devastaram mais ou menos as suas principaes igrejas. A um dos lados da mesma capella, em que a estatua de Ricardo, de corôa e manto regio, occupa o primeiro logar, encontra-se o magnifico tumulo de marmores dos dois cardeaes d'Amboise, thio e sobrinho, cujas imagens, tambem de marmore, se ajoelham sob um docel da mais rica ornamentação. Os restos dos dois celebres prelados, que ali repousavam, foram profanados pelo populacho, n'um dos dias mais ominosos da Revolução de 1793, sendo aquellas

pobres cinzas dispersadas e derretido o chumbo do caixão em que se guardavam. Fronteiro ao tumulo dos dois cardeaes, fica o de Luiz de Brézé, Seneschal de Normandia, com um mavioso epitaphio latino, mandado ali gravar pela sua esposa fidelissima «Diana de Poictiers». Este monumento é geralmente attribuido a João Goujon, «o Correggio dos esculptores», como já alguem lhe chamou, alludindo com muita propriedade á peculiar suavidade da sua maneira. Estava muito longe este grande artista do estylo que convem á esculptura ecclesiastica, e achava-se certamente muito mais á vontade quando ajudava a construir o Louvre para Henrique II, e o adornava com os baixos relevos e as figuras colossaes da Salla das Cariatides. Não é porém certo que fôsse João Goujon — que era Huguenote e pereceu na matança da noite de S. Bartholomeu — quem esculpio este bello exemplar do estylo da Renascença, na cathedral de Rouen; ainda que, em verdade, a maneira é tão sua, que só por si leva a suppor que fôsse elle effectivamente o autor. A figura luctuosa, que ajoelha chorando, é a da inconsolavel viuva — que, poucos mezes depois da morte do marido, veio a ser a amante do rei. Bom numero de igrejas de Rouen foram secularisadas, ou, se quizerem, profanadas: e é curioso observar as occupações modernas da vida domestica, ou commercial e industrial, exercendo-se no meio das reliquias perduraveis do passado religioso. Uma tal confusão extravagante de muros cobertos de esculturas e de chaminés de tijolo, de nichos gothicos lavrados a primor e de vidraças rectangulares, como se observa nos bairros mais antigos, é uma das feições caracteristicas d'esta cidade. Notavel exemplo é a antiga igreja de S. Lourenço, cujo portico é particular-

mente formoso. Vê-se o mesmo certamente, por toda a Normandia, mas em parte alguma com tanta frequencia como em Rouen. Não se póde dizer, consideradas as coisas só pelo lado pittoresco, que este facto seja para lamentar. É ainda assim preferivel que estas igrejas profanadas se tivessem transformado em habitações ou fabricas, do que viessem a caír pouco a pouco em ruinas e acabassem por desapparecer. A municipalidade d'esta veneravel capital nunca se tornou notoria por um excesso de zelo artistico e archeologico; e seria esperar muito d'uma corporação, que no tempo de Napoleão I chegou a meditar a demolição do mais grandioso monumento da historia ecclesiastica de Rouen — a igreja de Saint-Ouen — suppôl-a capaz de empregar cuidados e dinheiro na conservação de quatorze ou quinze igrejas secundarias. N'uma rua, que tira o nome do objecto principal que a adorna, isto é, na «rue de la Grosse Horloge», encontrâmos ainda muito da graça e originalidade da velha cidade Normanda, combinadas não sem distincção, com um certo modernismo placido e temperado. Encostada á veneravel torre dos signaes «Le Beffroy», d'onde ainda hoje o toque de recolher, ou *couvre-feu*, sôa todas as noites, encontra-se a notavel casa, que atravessa a rua sobre um arco bem lançado e contém o grande relogio, cujo elegantissimo mostrador adorna a parte superior do arco. Quem desejar um exemplar de architectura civil mais interessante do que o Tribunal de Rouen, deve desistir de o procurar em França, e buscal-o sómente na Belgica ou na Hollanda. «Erigido n'uma época, escreve um dos que melhor o estudaram, em que o estylo gothico ou ogival se havia já tornado como que fantastico nas suas fórmas e exuberante senão extrava-

gante na ornamentação, o Tribunal de Rouen ostenta ainda assim tanta originalidade e magnificencia, que é coisa dura ter de o condemnar á conta de falta de gosto e pouca pureza de estylo. Foi reparado e completado em tempos recentes, d'uma maneira intelligente e judiciosa. A fachada foi adornada da melhor maneira que comportavam os fracos recursos, de que o architecto dispunha; as janellas quadrangulares são emmolduradas em elegantes festões de cantaria finamente lavrada; os botareus são adornados com nichos e coroados por pequenos corucheus; e as janellas das mansardas, encostadas aos altos tectos inclinados, são abrigadas por doceis delicadamente rendilhados, com estatuetas». As trez alas do edificio occupam os trez lados d'uma praça; uma d'ellas chamada a Salla dos Procuradores, é tambem uma especie de Bolsa, logar de reunião habitual de negociantes e banqueiros. A ala central foi construida por Luiz XII, para ser a séde do tribunal supremo do Ducado. Na outra ala, que é a mais recente, encontram-se os diversos tribunaes, tudo sallas espaçosas e elegantes.

O calcareo representa um papel importante em toda a região do Sena e dos seus affluentes, papel que, consequentemente, é tambem consideravel na economia architectonica d'esta região. É a pedra calcarea que fornece a materia prima de bom numero de edificios, tanto antigos como modernos. Sirva de exemplo aquelle grande templo de Saint-Ouen, que rivalisa com a cathedral de Notre-Dame, e que é todo, ou quasi todo, construido de pedra calcarea, contendo bocados de pederneira em muitos sitios, o que não impedio que fôsse trabalhada e lavrada conscienciosamente pelo escopro do canteiro, como se não tivesse obstaculos

d'aquella natureza. Nas pedreiras calcareas de Orival podem ver-se uma capella e differentes casas, não construidas com a pedra d'aquellas pedreiras, mas simplesmente abertas e escavadas n'ellas. A cozinha e as adegas do grande castello de la Roche Guyon são tambem escavadas na rocha viva, e apenas revestidas com tijolos; e, segundo descreve Arthur Young, «n'esta região, as casas dos pobres são abertas, como buracos, na rocha calcarea, o que lhes dá uma apparencia singularmente primitiva». N'uma cidadesinha contigua ao citado castello, que pertenceu durante seculos á familia dos La Rochefoucauld, ha duas ruas assim construidas, uma por cima da outra. Em quanto La Roche Guyon, em que se encontram reunidos todos os tempos e todos os estylos, se conserva de pé, e serve mesmo de habitação, pertencendo actualmente ao duque de la Rochefoucauld-Liancourt, outras fortalezas, outr'ora formidaveis, não são hoje mais do que montões informes de pedras. Tal é, entre outros, Château Gaillard, porventura a ruina mais pittoresca de toda a Normandia. Não é só pela sua elevada posição, que domina um horizonte de muitas legoas em volta, que Château Gaillard merece especial menção n'uma descripção da Normandia: é ainda pelo seu valor historico. Era esta fortaleza com que Ricardo coração de Lião desafiou a França, apezar do tratado feito com Philippe Augusto, e assignado em Louviers. Ricardo, illudio o tratado, e tendo-se compromettido a não fortificar a cidade de Andelys, foi erguer-lhe defronte, sobre um monte isolado, aquella poderosa fortaleza. Apezar da vastidão das ruinas, não dão ellas já todavia idéa nem de metade da grandeza de Château Gaillard. Fabricas de fiação e outras tem maculado n'estes ul-

timos tempos grandemente a belleza da paizagem, com as suas cheminés esguias, que vomitam rolos de fumo negro. Ainda assim o panorama variado, que se disfructa do alto d'estas ruinas, é um dos mais bellos do Norte da França. Quasi tão formosa tambem é a vista que se toma do alto d'um monte fronteiro, cujo nome, allusivo a uma lenda local, é o de Monte dos Dois Amantes: em toda a volta, abraçam-se com o olhar os valles do Sena, Eure e Andelle, com as cidades de Louviers e Elbeuf e um sem numero de pontes, castellos, matas, aldeias e granjas. Jnnto a Andelys, fica Villiers, pequena povoação, illustre por ter sido o berço do grande pintor francez do seculo XVII, Nicolau Poussin. Quanto aos «Dois Amantes» do monte a que deram o nome, se são populares na tradição local, são, na historia, não menos obscuros. A lenda local falla, é verdade, de Maria de França, celebre poetisa Normanda do seculo XIII; mas Maria de França, se nasceu, como se suppõe, na Normandia, passou a vida em Inglaterra na côrte dos Plantagenets, e não póde, por conseguinte, ser a heroina das aventuras romanescas, que a lenda attribue aos «Dois Amantes». Mas as lendas poeticas nascem e prosperam perfeitamente, sem se encommodarem com as exigencias meticulosas da historia. E fazem bem, porque a historia é, como a realidade, secca e triste: só a livre fantasia, voando doidamente pelos espaços do Ideal, entrevê e ás vezes abraça a verdadeira belleza. Mas deixemos os «Dois Amantes» maravilhosos, envoltos na nevoa doirada da lenda, e prosigamos a nossa excursão.

Edificações erguidas no alto de montes abruptos e que entestam com as nuvens, como a desdenharem a

terra que lá fica em baixo, estão pedindo naturalmente o nome do Archanjo São Miguel — patrono sagrado dos logares altos. Ha, por toda a parte, d'estes ninhos religiosos perdidos sobre rochedos, todos embevecidos na contemplação do ceu mais proximo e esquecidos da terra; mas a terra é que se não esquece d'elles, ella que os contempla de longe como maravilhas e os venera com amor. D'estes sanctuarios erguidos entre nuvens, nenhum em França póde competir, já em belleza, já em popularidade, com o antigo sanctuario do Monte de São Miguel, na Normandia. Ergue-se o rochedo quasi a pique, no meio d'um immenso areal, que mede muitas legoas quadradas. A viagem nem sempre é segura. As areias mudam continuamente de situação; e, durante as marés altas, o estreito cóne de granito, sobre que assenta o castello, fica inteiramente rodeado de agua, sendo alternativamente ilha ou terra-firma, consoante o volver das marés. « O Monte de São Miguel, escreve um viajante, não se póde dizer alto; mas a sua posição isolada no meio do mar e o seu cume ponteagudo tornam-no o objecto mais preeminente por toda aquella costa: visto a distancia, parece d'uma altura consideravel. É circundado na base por uma forte muralha, que data dos ultimos seculos da Idade-Media, com torres de espaço em espaço: por cima da muralha erguem-se irregularmente as casas da cidade, que parecem coladas ou espalmadas no rochedo e empilhadas umas sobre as outras ». É pois este rochedo, apezar da estreiteza da sua base, o local d'uma cidade. É verdade que o numero dos habitantes d'esta singular cidade não excede 200, e a propria cidade consiste toda n'uma unica rua, rua aldeã, tortuosa, estreita e immunda. Possue porém duas hos-

pedarias, aceiadas e commodas, oasis salubres no meio d'este esterquilineo medieval.

Ha boas razões para se suppor que este rochedo, muito antes ainda da introducção do Christianismo n'esta velha terra druidica, era já um local consagrado a praticas religiosas.

O Paganismo precedeu aqui, como em tantos outros sanctuarios famosos, os ritos e doutrinas dos primeiros monges. Mais tarde, talvez nos começos do seculo VIII, Santo Auberto, bispo de Avranches, fundou no alto d'este rochedo granitico um mosteiro Benedictino. O mosteiro, protegido pela devoção ou pela politica de Rollo e dos outros Duques de Normandia, floresceu e tornou-se importante; tão importante que já no seculo XI o encontrâmos contribuindo com um troço consideravel de homens de armas para engrossar as forças com que Guilherme o Bastardo se dispunha a invadir a Inglaterra. No seculo XII é grande a sua reputação, como um dos primeiros centros do saber no Occidente: presidia a este movimento de estudos Roberto de Farigny, seu abbade, theologo subtil. Esta douta tradição subsistio ainda por muitos annos depois da morte do abbade. Na contenda secular entre os Duques de Normandia, tornados Reis de Inglaterra, e os seus suzeranos, os Reis da França, o Monte de São Miguel representa um papel consideravel, como fortaleza e ponto estrategico de primeira ordem. Cercado por duas vezes, em 1417 e 1423, manteve-se sempre inexpugnavel. A Ordem de São Miguel, fundada por Luiz XI, tinha aqui a sua séde. Durante seculos, foi este sanctuario objecto de uma das romarias mais concorridas e mais brilhantes de toda a França: e não era raro verem-se confundidos na multidão, encostados

ao bordão de peregrino, romeiros de sangue e nome real. A Revolução de 1793 fez cessar estas romarias: a fortaleza monastica foi transformada n'uma prizão, onde jazeram, esperando a morte, centenares de padres, chamados *refractarios*, por se negarem a prestar obediencia ás leis da Convenção sobre a Constituição civil do Clero.

Entra-se no Monte de São Miguel por trez portas, que se transpõem uma depois da outra: a ultima, que dá accesso á fortaleza propriamente dita, está a meia altura da encosta e é flanqueada por dois torreões, que datam de 1257. Do mesmo seculo, ainda que um pouco anterior, é o convento, chamado popularmente «La Merveille», nome justificado pela grandeza do edificio, que mede 246 pés de comprimento, sobre 108 de altura. Compõe-se o edificio de trez andares, n'uma serie de cryptas abobadadas: por cima de tudo, estende-se um elegantissimo claustro, no melhor estylo do seculo XIII. Os intervallos dos arcos, levemente ponteagudos, são occupados por uma maravilhosa creação de folhagens, ramadas, flores e grinaldas, que, em variedade de fantasia e delicadeza de execuaão, difficilmente se encontrará igualada em qualquer outra parte. As columnas de granito, finas e airosas, tem capiteis muito simples, em forma de calix, com um abáco circular. Os arcos, com os seus ornatos, e os ornatos da cornija que corre acima de tudo, são de calcareo brando: mas o resto é tudo granito, columnas, abobadas e muros, como se o edificio fôsse uma prolongação do rochedo granitico, sobre que assenta, e que ainda se enterra profundamente sob as areias de Cancale. A igreja conventual, que corôa este grupo singular de construcções naturaes e artificiaes, pertence

aos seculos XII e XV. O estylo mais antigo, que caracterisa a nave normanda, é simples e pesado, e quasi ermo de ornamentação, que apenas escassamente apparece nos capiteis. Não póde ser posterior a 1140. O côro é no estylo gothico florido dos fins do seculo XV e começo do XVI: os arcos assentam nas columnas immediatamente, sem intervenção de capiteis. Por baixo do côro, um circulo de pilastras curtas e grossas, quasi encostadas umas ás outras, com uma ao centro, fórma uma crypta de aspecto mui curioso. Reparos e concertos, que o tempo e incendios frequentes tornaram necessarios, tem sido feitos, n'estes ultimos annos com cuidado e discrição. A vista que se goza do alto da igreja, a uma altura de mais de 400 pés acima das areias na base do Monte, é esplendida, e não o é menos o aspecto pittoresco dos innumeros corucheus e botareus, mesmo aos pés do espectador. O panorama inclue os rochedos de Cancale, na costa bretã, as ilhas do Canal e a cidade de Avranches, com o rochedo fronteiro de Tombeleine.

Dol, na Bretanha, outr'ora séde episcopal, possue uma Cathedral sombria e grandiosa, no estylo ogival mais antigo, excepto os porticos, que são relativamente modernos. Um d'estes, o que dá accesso á nave pelo lado do Sul, tem esculpturas entalhadas em pedra calcarea branda, que fazem lembrar o trabalho admiravel que caracterisa os claustros do Monte de São Miguel. A frontaria da cathedral, toda de granito, tem um aspecto antigo e grave, ou antes severo. Encontram-se n'esta cidadesinha obscura curiosos exemplares de architectura *romanesca*, como por exemplo, o notavel edificio chamado «Maison des Plaids», e nas proprias construcções vulgares e domesticas, é frequente de-

parar-se com bons modelos do estylo gothico antigo: taes são os pilares de granito lavrado d'aquellas curiosas arcadas, que se estendem debaixo de algumas casas. As antigas muralhas e fortificações de Dol subsistem em grande parte, assim como subsistem vestigios do fosso, que n'outro tempo rodeava a cidade. Uma parte d'esse fosso foi entulhado e transformado n'um terraço, que serve de passeio e d'onde se alcança uma vista agradavel do monte Dol. Este rochedo isolado foi ha muitos milhares de annos, ou melhor de seculos, segundo todas as probabilidades que a inducção geologica autorisa, uma ilha no meio do mar, em vez de se erguer, como hoje o vemos, no meio d'uma planicie arenosa. Com a sua igreja monumental, com as suas casas e moinhos de vento, espalhados irregularmente pela encosta, fórma, de qualquer lado que se encare, um agradavel contraste com a monotonia da planicie árida, que o rodeia. Em Dol, está-se apenas a dois passos da Normandia, e já o typo bretão domina completamente. A ultima povoação normanda, que atravessámos, foi Pontorson, situada no meio d'uma amena região, farta e bem regada, onde as mattas e os terrenos lavrados alternam graciosamente. Por toda a parte aguas correntes e arvores vergando com o pezo dos frutos. Chega-se a Dol e conhece-se immediatamente que se entrou na dura e árida Bretanha. Desde o monte até ao mar, estende-se um terreno baixo e alagadiço cuja reputação quanto a salubridade, é muito duvidosa. O viajante, ainda o mais artista, paga aqui distraidamente e á pressa o seu tributo de admiração á velha cidade pittoresca e aos costumes primitivos da sua população, aferradamente bretã: aguilhoa-o o desejo de deixar esta região pouco menos de desolada, e

é com um suspiro de alivio que lança um ultimo olhar áquelles muros pesados de granito, mal caiados de branco e ornados com esculpturas cinco e seis vezes seculares.

Para Saint-Malo póde tomar-se o caminho de ferro, que nos leva a todos, ou a quasi todos os sitios dignos de serem vistos, que encontrariamos seguindo a estrada antiga. Pelo caminho de ferro, são apenas quarenta minutos de viagem de Dol a Saint-Malo, ou, mais propriamente, de Saint-Servan á estação chamada de Saint-Malo, mas que ainda fica a alguma distancia d'esta cidade. O caminho é todo beira-mar, e os usos dos pescadores, por toda aquella costa, são curiosos e originaes. Saint-Malo, outr'ora ninho de corsarios destemidos, nas guerras entre a França e a Inglaterra, nos seculos XVII e XVIII e ainda no começo do seculo actual, patria de Duguay-Trouin e do terrivel Surcouf, é hoje uma cidade de banhos de mar, e não das mais elegantes e animadas. N'isto contrasta com as suas ruidosas, vistosas e estouvadas visinhas, Deauville, Fécamp e Trouville. Esta ultima empunha, quasi indisputadamente, entre as suas loucas irmãs, o sceptro adornado de guizos da folia elegante. Segundo a phrase de Guia-Conty «Trouville é um extracto concentrado de Paris: a sua vida é uma festa e essa festa é uma mascarada». Um viajante contemporaneo accrescenta: «só sobre os *costumes* de banho, podia bem escrever-se um livro: ha o *costume* Mephistopheles, ha o arlequim, a lagosta, a aranha, o gafanhoto: todas as fórmas, todas as côres, todas as fantasias. Não menos singulares do que estes vestuarios excentricos são as pessoas que os trazem, e mais singulares por certo achariamos ainda, se fossemos inquirir, as fontes de que se ali-

menta o luxo extravagante d'esta mascarada». Isto é Trouville, a praia elegante (d'uma certa elegancia *chiffonnée*), especie de prolongamento estival e maritimo do «Boulevard dos Italianos» e dos «Campos Elyseos»: e assim como não ha senão um «Boulevard dos Italianos» e uns «Campos Elyseos» assim não ha senão um só Trouville. Já são d'outro modo Dieppe, Cherbourg, Graville: é d'outro modo inteiramente Saint-Malo. Mais d'uma vez se tem chamado a esta velha cidade fortificada a Cadiz franceza. Com effeito, primitivamente Saint-Malo era uma ilha, e só em tempos recentes passou a fazer parte da terra-firme, sendo a ella ligada artificialmente por um grande paredão, obra notavel no seu genero, chamado Le Sillon, e que fórma o ponto. Como não havia meio de alargar os limites naturaes da cidade, isto é, da ilha d'Aron, sobre que a cidade está situada, a necessidade impoz á architectura local a altura desmarcada das edificações. É n'isto, especialmente, que Saint-Malo faz lembrar Cadiz. N'uma como na outra, as casas são torres, erguendo-se precipitosamente andar sobre andar, dos dois lados das ruas, antes viellas, estreitas e tortuosas. Muralhas e fortificações rodeam completamente a ilha, e é este passeio circular muito favorito de todos os viajantes. D'uma cidade tão antiga podia esperar-se mais, quanto a edificios publicos interessantes. A cathedral foi restaurada em tempos recentes, e é lástima que o fosse, pela maneira inintelligente e pretenciosa por que o fizeram. O aperto da cidade insular favoreceu naturalmente o desenvolvimento do suburbio na terra-firme, Saint-Servan, que é hoje uma cidade maior do que Saint-Malo. Quem quizer demorar-se ficará mais agradavelmente do que em qualquer das duas cidades ir-

mãs, na graciosa povoação de Dinard, do outro lado da ria do Rance. Ha vapores diarios, que navegam rio acima, e para o apreciador do pittoresco é esta a melhor maneira de seguir da costa para o interior da Bretanha. O Rance é um rio pequeno, mas a paisagem das suas margens póde, sem exageração, dizer-se encantadora. A ponte de Dinan é o ponto extremo aonde chega o vapor de Saint-Malo. Está-se assim, em trez horas, na região mais formosa da Bretanha — trez horas, que parecerão sempre curtas a um viajante de gosto. Entre Saint-Malo e Rennes o trajecto mais curto é o do caminho de ferro: mas se o *touriste* preferir essa linha recta e monotona, por amor da commodidade ou da rapidez, á linha sinuosa e pittoresca do valle do Rance, merecerá, por tal delicto, que o confundam eternamente com os *commis-voyageurs* e os negociantes de gado gordo. Longe d'aqui o vulgo profano dos viajantes apressados, absorvidos em meditações commerciaes, e fazendo calculos e contas de regra-de-trez diante das mais saudosas ruinas d'um passado nobre e poetico! Longe tambem a turba vulgar e ruidosa dos viajantes do domingo, trivialmente alegres, como caixeiros em dia santo, que transportam para o meio da placida natureza as phisionomias prasenteiramente lorpas e os gestos pretenciosos dos frequentadores de botequins e cervejarias! O Rance fez-se exclusivamente para os verdadeiros artistas, para os espiritos poeticos. Entre Dinard e Dinan succedem-se, sem interrupção, as vistas mais encantadoras: só por si, este curto trajecto de meia duzia de legoas dava para encher, e sumptuosamente, o album d'um artista. O rio é largo; o que faz com que, apezar dos alcantis que orlam as margens, não falte ao panorama aquelle

elemento essencial de toda a boa pintura: a perspectiva. Se o viajante, além de artista, fôr solido e bom caminheiro (vantagem que lhe desejamos do coração) em tal caso aconselha-se-lhe que desembarque no sitio chamado L'Ecluse, e que faça a pé o resto do caminho. É conselho que nos ha-de agradecer.

O facto de haver caminho de ferro entre dois pontos não é razão sufficiente para que se tome necessariamente o caminho de ferro. É o caso com Dinan. Para o *touriste*, que se dirige da costa para esta cidade, não ha senão dois caminhos admissiveis: ou o rio, ou a estrada antiga, em grande parte marginal. São ambos lindos; mas ainda assim, o rio é, em geral, preferivel á estrada, a não ser um pouco antes de se chegar a Dinan, onde o rio estreita e a estrada, que dá uma volta, segue por uma região aberta, com largos horizontes. São bellos, quasi sem excepção, todos estes rios que nascem nas «Côtes-du-Nord» — os legendarios Montes Armoricanos, ainda hoje quasi tão desconhecidos como no tempo de Cesar, o que é de pasmar, ficando a pouco mais de duas horas de caminho de regiões populosas e commerciaes. Como os montes, de que são filhos, estes rios bretões conservam muito do mysterio antigo, que os envolvia; o commum dos *touristes* não os visita, porque os não conhece, e podem dizer-se, no ponto de vista artistico, por explorar. Para o viajante, que mira á novidade, á originalidade, isto constitue um merecimento excepcional. Mas a Bretanha é toda ella, mais ou menos, uma *terra incognita*, no meio do paiz mais visto e conhecido do mundo.

Estes irmãos Armoricanos são, além do Rance, o Ille-et-Vilaine, que juntos dão o nome a este *departa-*

mento da França Septentrional, e o Trieu, o Guer e o Aulne, todos elles de mediocre importancia para o negociante, mas altamente interessantes para o pintor. O Rance, que é o principal, nasce na vertente Sueste d'aquellas montanhas, as Côtes-du-Nord, que, correndo de Leste a Oeste, dividem em duas partes proximamente eguaes o *departamento* de Ille-et-Vilaine. Inclinando-se de Sueste para Nordeste, passa por Saint-Jouan-de-l'Isle, depois por Evran, até que, tendo chegado a Dinan, adquire já amplitude e poder bastantes para sustentar embarcações tão respeitaveis, como o vapor da carreira de Saint-Malo, e leval-os indolentemente atravez d'uma successão de desfiladeiros e precipicios, de aspecto o mais pittoresco. Difficilmente se encontrará em toda a Bretanha, uma vista mais alegre do que a que repentinamente se descobre, quando, do alto do tombadilho do vapor, Dinan nos apparece ao longe. Coroando um monte de granito escarpado a ponto que não se concebe, á vista, como as casas se não despenham pela encosta alcantilada, o que ajunta ao aspecto pittoresco o que quer que é de maravilhoso, assim apparece esta incomparavel cidadesinha. Os viajantes que chegam a Dinan, tendo vindo pela estrada real, atravessam o valle do Rance sobre um viaducto de granito, cujos alicerces foram lançados nos primeiros annos do reinado de Luiz Philippe, mas só terminado em 1852. Muito se póde dizer contra o mau effeito, no ponto de vista artistico, d'aquelles arcos esguios no meio da paisagem, com que destoam realmente. É certo porém que muito ganhou a commodidade com a construcção d'aquella ponte, aliás deselegante. Antes d'ella existir, os viajantes, que vinham por terra de Saint-Malo para Dinan, tinham de subir a pé toda a

altura da alcantilada costa: agora, é atravessar a ponte e está-se na cidade. Os arcos centraes d'esta alterosa construcção apoiam-se em pilares, que se erguem 130 pés acima do rio, em cujo leito assentam. O que se ganhou em commodidade perdeu-se em pittoresco, como quasi sempre succede n'este pobre globo, onde o *confortable* e a belleza andam desde o começo, em guerra aberta. Outr'ora — nos bons tempos pittorescos e cançativos — quem vinha de Saint-Malo entrava em Dinan, depois de atravessar a ponte velha e de transpor uma porta não menos velha, de gothico lavor, pela rua de Jerzaal, verdadeiro despenhadeiro, onde só a pé se podia transitar, e ainda assim quasi com tanto risco como n'uma ascenção ao Monte Branco. Em compensação a vista era admiravel. A cada passo que se dava, alargava-se o horizonte, descobriam-se perspectivas novas, não só nos arredores, mas na propria cidade, que como todas as que são construidas sobre montes, teem em si mesmas um panorama. Mas a melhor vista de Dinan ha-de, ainda assim, ser tomada fóra da cidade, na margem opposta, d'alguma das eminencias por detraz do Hospicio dos Alienados. Vêem-se d'ahi, na melhor perspectiva, não só as vetustas torres e campanarios de Dinan, mas ainda um bom tracto de terreno, e bem caracteristico, no aspecto, da terra bretã: terra singular, cortada e recortada, como um labyrintho, por um multidão de caminhos profundos, como fóssos, tortuosos e que parecem sem sahida. Á vista d'esta configuração do torreno, que se diria moldado para emboscadas, comprehende-se perfeitamente como bandos mal armados e indisciplinados de Chouans podéram por tanto tempo pôr em cheque os exercitos compactos e aguerridos da Republica.

Entre as velhas edificações de Dinan, nenhuma impressiona tanto o expectador como o Castello, com o seu aspecto maciço e inabalavel, mesmo na beira d'um despenhadeiro e, por assim dizer, na beira tambem da alcantilada cidade. Aqui, o heroe antigo, cuja memoria anda associada a estas pedras musgosas, é o atrevido e aventuroso bretão, o chefe das « Grandes Companhias » cavalleiro e *condottiere*, como todo o genuino heroe da romanesca Bretanha, Bertrand Duguesclin. Este castello defendeu-o elle, contra os temidos archeiros do Duque de Lancaster, em 1389. Foi aqui tambem, n'esta mesma praça, a que deu o seu nome e onde hoje se ergue a sua estatua, que o impetuoso bretão, renovando as proezas favoritas dos antigos gaulezes, venceu, em combate singular, um famoso cavalleiro inglez, Thomaz de Canterbury. O coração de Bertrand Duguesclin foi depositado na igreja de São Domingos, mais tarde arrasada: mas uma lapida, encontrada entre as ruinas, e onde se lia que debaixo d'ella repousava aquella preciosa reliquia, foi transportada para a igreja de São Salvador, onde hoje se encontra. O corpo de Duguesclin foi sepultado em Saint-Denis, entre os tumulos dos reis. Mas a tormenta da Revolução passou por ali e dispersou, com as cinzas dos reis, as do valente cavalleiro a quem um d'elles deveu a coroa. Muralhas da cidade, bastiões, torres, antigas casas historicas, tudo quanto em Dinan tem o cunho genuino medieval é digno de estudo e admiração. Na rue de la Croix mostra-se uma casa em que, segundo a tradição, habitou Duguesclin; e na rue de la Vieille Poissonnerie, vêem-se casas velhas de mais de cinco seculos, uma d'ellas conservando ainda uma inscripção com a data de 1366, em quanto outras ao lado, até

onde se póde conjecturar pelo aspecto, parecem ainda mais antigas.

Combourg, que nos fica agora á direita, celebre pelas suas grandes feiras de gado e onde Rosa Bonheur deve ter estudado o assumpto de mais de um dos seus quadros, tem no seu «Château» um d'esses raros palacios acastellados da Bretanha que ainda duram em perfeito estado de conservação. O Château de Combourg, com as suas gallerias de pedra e as suas setteiras, tem muito d'uma fortificação e concebe-se que, outr'ora, podesse resistir a um cerco. É um edificio quadrangular, com uma torre em cada angulo. Pertencia primitivamente á familia Duras; mais tarde, no seculo passado, veio a ser propriedade dos Chateaubriand. Passou aqui a infancia o romanesco e melancholico autor do *Renato* e do *Genio do Christianismo:* mostra-se aos viajantes o seu quarto de estudo, que se conserva como elle o deixou. Para todos aquelles que avaliam quanto a cultura intellectual da Europa deve á litteratura franceza, é um dos grandes attractivos d'estes velhos palacios bretões e normandos a lembrança de que tantos d'entre elles foram o berço de escriptores illustres. Perto de Vitré, para onde nos dirigimos agora, encontra-se o «Château des Rochers», que foi por tanto tempo residencia de Madame de Sévigné. O castello de Vitré, esse, tem um caracter mais feudal, e outra tambem é a sua importancia historica: castello e cidade constituem uma imponente e melancholica reliquia da Idade-Media. Quatro seculos de existencia tormentosa pouco damnificaram as solidas muralhas e as torres com ameias e setteiras do castello de Vitré: o baluarte dos Senhores de la Tremouille é ainda bastante forte para poder servir de

prisão. N'um dos pateos, encontra-se um objecto curioso, de feição em parte gothica em parte italiana, cuja destinação primeira se ignora, parecendo talvez ter servido de pulpito, ao tempo em que os La Tremouille se fizeram calvinistas. Augmenta a incerteza esta inscripção latina, que lhe corre em volta do elegante róstro: «Post tenebras, lux», que tanto póde ser allusiva á velha pretensão ao throno de Napoles sustentada por aquelles ambiciosos fidalgos, como ter uma significação religiosa e alludir ás esperanças de triumpho da seita protestante. A igreja de Notre Dame é insignificante, como exemplar architectonico: pertence ao periodo de decadencia do estylo ogival, e só merece menção por causa dos notaveis esmaltes de Limoges que contém. No adro da igreja ha um pulpito de pedra: estes pulpitos ao ar livre são muito communs nas igrejas da Idade-Media, época em que a vida religiosa absorvia quasi por completo a vida civil, e em que por conseguinte o pulpito era tambem uma tribuna politica, erguida diante das multidões.

Falla-se muito da immundicie propria de certas povoações meridionaes, na Hespanha, na Sicilia, em Portugal: mas a verdadeira immundicie esqualida, que não é disfarçada pelo clima, pela intensidade da luz, a immundicie triste e suffocante no Norte nevoento, encontra-se n'esta terra selvagem da Bretanha. Vitré é d'isto exemplar acabado; o que não impede que seja, ao mesmo tempo, um dos pontos em que o viajante encontra, não alterados ainda, os usos e costumes tão pittorescos da velha provincia Armoricana. Ha n'elles o que quer que é de selvagem, mas não sem uma certa nobreza rude e simples: os homens trajam habitualmente vestidos de pelles, o que lhes dá um aspecto

selvatico, mas original. A medida que nos approximâmos dos confins do Finistère, mais pronunciados encontrâmos estas feições peculiares das populações celticas, porventura as mais antigas, senão as aborigenes da Europa. Com as suas feições duras, o seu ar taciturno, os seus longos cabellos e os seu fatos escuros, o bretão parece com effeito o homem d'uma outra raça, d'uma raça primitiva, e o seu aspecto como que confirma as hypotheses dos eruditos, que fazem d'elle o representante de populações aborigenes. A região em que nos achâmos póde dizer-se o centro da Baixa Bretanha, isto é, da Bretanha por excellencia, a antiga Armorica, a «Bretagne bretonnante» como lhe chamam com desprezo os francezes, que nunca se entenderam bem com esta gente esquiva. Não exageraremos, se dissermos que em parte alguma da Europa reinam tão completamente a superstição e a ignorancia. Ploermel, Plouaret, Mouconteur, e outras povoações que ficam entre Rennes e Brest, são celebres pelas suas romarias, a que chamam *Pardons*, e que por muitos lados fazem lembrar os *Kirchweir* da Allemanha do Sul e as *Kermès* flamengas, tendo comtudo uma feição local e bretã, que as distingue. N'estas festas populares, misturam-se o Christianismo e o Paganismo da maneira a mais original, e ingenuamente, como succede com todas as usanças populares, em que os ritos novos se sobrepõem aos antigos, alterando-os mais ou menos, mas sem os obliterar. É assim que nada póde dar uma idéa mais approximada das antigas danças pagans, das Saturnaes romanas, por exemplo, do que a famosa *ronde* que volteia dias inteiros vertiginosamente n'estes arraiaes bretões. E todavia a Bretanha é conhecidamente uma das terras mais catholicas

do mundo. É que o Christianismo encontrou ali cultos e ritos locaes antiquissimos e por assim dizer inveterados, como tudo o que uma raça traz desde o berço, e contentou-se com os transformar, ou adoptar, ou absorver, sem os extirpar. Se este phenomeno se observa na Bretanha mais salientemente do que em muitos outros paizes, é porque a velha Armorica é um d'estes raros cantos do mundo onde a raça primitiva, se conservou relativamente mais isolada, e por conseguinte, mais pura, adherindo por isso com uma tenacidade particular a todas as suas tradições e usanças antigas. Mas este assumpto, embora interessantissimo, levar-nos-hia muito longe.

Ploermel goza d'uma celebridade europêa, graças á opera de Meyerbeer, que popularisou o seu *pardon* e os costumes pittorescos de que elle é como centro. Dinorah e a sua cabra são personagens familiares a toda a gente que frequenta theatros lyricos, na Europa ou na America. Entretanto (e perdoe-nos o grande maestro a ousadia d'esta preferencia) Plouaret parece-nos ainda mais pittoresca do que Ploermel, e o *pardon* de Plouaret sobrelevar ao de Ploermel em tudo quanto se diz primitivo, typico, original, n'uma palavra, caracteristicamente bretão. É verdade que poucos viajantes, ainda os mais artistas, se podem gabar de ter visitado Plouaret: não ha ali coisa que faça lembrar sequer a sombra d'uma hospedaria, e é necessario uma especie rara de heroismo para a gente se arriscar, só por amor do pittoresco, a passar a noite n'um corral, em companhia d'uma junta de bois, varias ovelhas e um porco!

Quimper, capital do departamento do Finistère, conserva ainda em grande parte, as muralhas e torres,

que a cingiam na Idade-Media, e cujos restos ainda hoje a denunciam como uma das antigas praças fortes da provincia. A cathedral é magestosa: e a maneira por que foi recentemente restaurada, e quasi se póde dizer reedificada, faz honra ao architecto a quem tão delicada missão foi incumbida, o Sr. Viollet le Duc, um dos mais capazes que n'este seculo teve a França, artista em quem uma rara erudição alimentava em vez de suffocar o genio. Quimper, ligada pelo seu caminho de ferro a todos os grandes centros, e que tem conseguido modernisar-se sem se vulgarisar, é um dos pontos da Bretanha mais visitados pelos viajantes. E com razão, porque a velha cidade conserva ainda um grande caracter pittoresco, sobretudo nos bairros mais antigos: e bastam alguns passeios na cidade e algumas excursões nos arredores, quer seguindo a costa, quer pelo interior, para se adquirir um conhecimento muito sufficiente dos usos e costumes populares da Bretanha. Póde dizer-se affoitamente, que, tanto pela cidade em si como pelos arredores, Quimper representa o melhor typo bretão, assim como é o centro de quanto ha de melhor no Finistère.

Foi Pierre de Dreux, bispo e cavalleiro, quem fortificou Quimper: e o curioso, que considerar esta cidade, conhecedor da sua historia, maravilhar-se-ha notando quanto ainda hoje ella conserva aquelle duplo caracter, militar e ecclesiastico, que lhe imprimio o valente prelado. O seu Campo de Marte, na baixa d'uma collina arborisada, na margem esquerda do rio Odet, é dominado, da outra margem, pelo edificio da Prefeitura. A cathedral é espaçosa e póde considerar-se um bom exemplar do estylo gothico, no seu ultimo periodo, tendo sido começada no anno de 1424. A altura das

abobadas é extraordinária, e o triforio audacioso e bem proporcionado. A capella-mór é em forma de polygono. A igreja tem duas naves lateraes, com suas capellas, e o côro é notavel pela sua posição irregular, formando um angulo com a nave, no sentido do Nordeste. As duas torres, com seus corucheus, foram reedificadas, em tempos recentes, pelo illustre architecto moderno, de quem já acima fallámos, sendo a despeza feita toda com o producto d'uma subscripção popular. Não conhecemos outro exempo d'um grande edificio assim levantado com o producto d'uma subscripção de vintens e dez reis. Os dias de mercado, que são os sabbados, são, em Quimper, os dias interessantes por excellencia para o viajante, por causa da multidão de gente do campo que então concorre á cidade. Nada porém iguala o espectaculo das famosas romarias, ou *pardons*, de que já fallámos, e que são aqui muito frequentes.

Em Quimper termina a nossa excursão pela selvagem e poetica Bretanha, um dos ultimos baluartes da velha raça celtica. Pobre raça celtica, destinada como todas as raças puras, e por isso pouco amoldaveis a uma civilisação que todos os dias muda de aspecto, a ser submergida pela grande maré das raças malleaveis, transformaveis, progressivas, mas por isso mesmo vulgares e destituidas de caracter pittoresco. Os defeitos do caracter bretão são as suas mesmas qualidades, a sua originalidade muito accentuada, que o condemna ao isolamento e, com o andar do tempo, á morte. Fatal condição do progresso humano! Será pois uma lei da natureza que cada passo no caminho dos melhoramentos sociaes e do aperfeiçoamento intellectual tenha de ser comprado á custa d'um abaixamento do

nivel moral e poetico, da originalidade e do verdadeiro genio? Pungente reflexão, que involve um grande problema philosophico! (1)

(1) Reproduzido da *Europa Pittoresca*, tom. 1, págs. 1-30. Paris, 1881. *(Nota do editor.)*

CASAS NOBRES INGLEZAS

Para as pessoas que passaram quinze dias em Londres, de caminho para qualquer outra parte, ou a tratar dos seus negocios, no meio do reboliço brutal da City ou do Strand, acotovelados, atropelados, enlameados e cheios de carvão de pedra até aos olhos; para as pessoas, tambem, que só conhecem a Inglaterra pelo que ouviram dizer áquelles lastimosos viajantes, e para quem tal palavra vem logo acompanhada das idéas de nevoeiro, *roast-beaf* sangrento e encontrões; para todas estas pessoas, soará pouco menos de paradoxo, e até de heresia, ouvirem dizer que a Inglaterra é um dos paizes classicos do pittoresco! E todavia assim é. Em primeiro logar, a Inglaterra não é Londres, Liverpool, Manchester, um formigueiro negro e gigantesco, no meio d'um nevoeiro eterno. Por muito que isto pareça singular, inaudito, é necessario dizer-se: em Inglaterra ha campo, verdadeiro campo, com casaes, prados, aguas correntes, gado que muje e bala, arvoredo, flores, cantos de aves e risos de crianças por entre as sebes floridas. Por signal que é até este campo inglez (persigne-se com horror o autor da *Lua de Londres!*) um dos mais viçosos, mais rescendentes, mais suaves, com a verdura tenra das suas relvas sempre humidas, com a nobreza placida dos seus grupos de arvores seculares, sob as quaes ruminam pacificamente as famosas vaccas

leiteiras, e que deixam entrever, a distancia, o campanario d'uma igreja neo-gothica, ou as persianas verdes d'um *cottage* simples e aceiado, com as suas trepadeiras aos cantos do muro. Tudo isto, que parece um paradoxo audacioso, é a verdade simples e pura. Em segundo logar, a Inglaterra é, por excellencia, uma terra monumental. E ha boas razões para que o seja. Uma longa tradição, e tradição ecclesiastica e aristocratica, uma larga vida historica, agitada sim, mas não desordenada, antes poderosa na sua turbulencia, como o crescimento d'um gigante, eis ahi a causa ou a condição d'essa abundancia de monumentos, e monumentos todos d'um certo caracter, ligados entre si por um traço physionomico commum, que cobrem o velho solo britanico. O politico humanitario póde deplorar este facto, mas não o póde negar: só os paizes, em que classes privilegiadas, senhoras do poder e da riqueza, dispõem não só de recursos consideraveis, mas sobre tudo da inspiração que nada póde supprir, d'uma idéa tradicional, consubstanciada com a vida nacional, de que essas classes são os naturaes interpretes — só esses paizes offerecem as condições necessarias para um amplo desenvolvimento das artes monumentaes.

Um illustre viajante, que é tambem um artista de merito, escreveu sobre a Inglaterra uma pagina, que merece ser transcripta. «Comparada com os outros paizes da Europa, diz elle, é a Inglaterra eminentemente aquelle em que mais abundam os monumentos de alta significação historica, que estabelecem uma communicação continua entre os varios periodos da sua civilisação, e por conseguinte entre o presente e o passado mais remoto. Os duques e condes, que exerciam o mando sob a suzerania dos reis, e as grandes fami-

lias, que, em recompensa dos serviços de seus fundadores, receberam doações de territorios e titulos correspondentes, espalhavam-se por todos os districtos das Ilhas Britannicas, e ahi se estabeleceram d'uma maneira permanente. O castello roqueiro transformou-se, a pouco e pouco, no solar acastellado, assim como a dynastia brilhante dos Tudors succedeu á rude dynastia, exclusivamente guerreira, dos Plantagenets. A fortaleza dos conquistadores, sem mudar absolutamente de caracter, adquirio, com o suavisar dos tempos e dos costumes, o esplendor do palacio aristocratico. Cada um d'esses palacios era o solar d'uma familia poderosa, na qual a jerarchia fomentava a capacidade do mando, que ordinariamente derivava do dominio e do cargo correspondente o seu titulo nobiliario; que nunca abandonava, no correr de muitas gerações, o solar avoengo; que reputava dever glorioso ampliar e embellezar o veneravel palacio, habitação secular d'uma dynastia de fidalgos. O viajante, que percorre este paiz, maravilha-se ao mesmo tempo do grande numero e da rara belleza d'estas reliquias d'um passado, que, n'esta terra classica do espirito conservador e do respeito pela tradição, faz ainda sentir em tudo, nas instituições, nas idéas, nos costumes, o seu influxo persistente. Por toda a parte se lhe deparam campos de batalha, logares consagrados por um interesse historico ou poetico, abbadias illustres, cathedraes, e os altivos solares das grandes familias, que, pelo valor do braço ou o acume da intelligencia, se elevaram aos primeiros logares, e conservando-os durante seculos, governaram, combateram e reinaram.»

Esta pagina, apezar do que tem de enthusiastica, não é exagerada: o ponto de vista historico e aristo-

cratico é por tal fórma o dominante em Inglaterra, que se impõe ainda ao simples artista, só preoccupado com os effeitos por assim dizer scenicos das obras da natureza ou dos homens. Mas é tempo de deixarmos estas considerações abstractas, para estudarmos os factos concretos, isto é, os monumentos. Seja o primeiro um dos mais conhecidos e descriptos e por ventura o mais pittoresco de todos, Haddon Hall.

Emergindo do meio do arvoredo, destaca-se o nobre perfil de Haddon, onde sobresae a altiva torre da Aguia. As torres e torreões, erguendo-se acima da ramagem compacta da floresta, ferem a imaginação, ainda antes de se devisar o corpo do edificio. Mas entremos. Eis-nos no atrio ou pateo, o amplo quadrangulo do mais esplendido palacio acastellado do seculo XVI. A parte mais antiga do edificio é anterior ao anno de 1452; mas o resto, que é sem comparação a parte mais importante, pertence todo ao seculo XVI. Entremos pela sala, chamada o quarto do capellão, onde se conservam ainda reliquias, como armas e petrechos militares, do tempo das guerras civis, no reinado do desditoso Carlos I.º A Capella e a Sala dos Banquetes pertencem á parte mais antiga do edificio, assim como a Sala de Jantar á mais recente. Aquellas teem um caracter grave, e até severo: no seu estylo sobrio e forte reflecte-se o espirito da época, ainda feudal, aspera, concentrada nas suas paixões de dominação, tantas vezes violenta, mas tendo uma nobreza simples, primitiva, que mais tarde se ha de transformar sob as influencias, em parte civilisadoras, em parte enervadoras, da côrte, da monarchia. Então os ursos feudaes, já açamados, hão de aprender a dançar com certa graça, e a architectura dos seus castellos, transformados em

palacios, ha de ressentir-se d'esta grande revolução politica. Como os donos, os velhos solares, depondo a pesada armadura, adornar-se-hão bisarramente, como dizendo na sua linguagem que terminou o periodo dos combates e vai começar o das festas. E as festas não eram já, como nos rudes tempos feudaes, os banquetes ruidosos e grosseiros, onde os javalis inteiros eram servidos em grandes pratos de estanho, onde os guerreiros bebiam a cerveja amargosa por taças de corno, como no tempo dos *vikings* barbaros, e que tantas vezes acabavam em pelejas sanguinolentas. As festas agora eram outras. Eram saraus brilhantes, como os da côrte de Isabel, onde o esplendor das salas, a riqueza dos vestuarios, o garbo cortezão das maneiras e o requintado das conversações estavam dizendo que os selvaticos barões se haviam transformado em aristocracia palaciana. Em vez das armaduras de ferro, tabardos de seda e veludo; em vez da algazarra e as disputas violentas do banquete patriarchal, a musica, as danças e os conceitos requebrados da galanteria. Por isso, ao lado da antiga e austera Sala dos Banquetes, ergueu-se a elegante e nobre Galleria dos Festins. É esta, sem contestação, a parte mais bella do edificio, visto interiormente. O tecto, de carvalho antigo, é todo lavrado com primor inexcedivel e com aquella riqueza de fantasia na ornamentação, que caracterisa a epoca da Renascença. As janellas, amplas e rasgadas, dão sobre o largo terraço, que illuminado em noites de festa, continuava a galleria no meio do arvoredo. Os rouxinoes gorgeavam mysteriosos pela matta, em quanto as damas da côrte de Isabel, pelo braço dos namorados cavalleiros, lhes escutavam sorrindo os galanteios requebrados, n'aquelle estylo pre-

cioso e apaixonado dos Sonetos de Shakespeare, o estylo da moda então. A Torre da Aguia pertence á parte primitiva do edificio. Apezar do seu ar pesado e maciço, não destoa no aspecto geral de Haddon Hall, porque, como já notamos, o proprio d'estes magestosos edificios é a mistura ou combinação do estylo rude, forte e simples do castello feudal, com a architectura elegante e sumptuosa do palacio aristocratico, mixtura que deriva talvez o effeito particular, que produz, das impressões e reflexões historicas, que suggere. Com effeito, architectonicamente, esta classe de edificios está muito longe de appresentar aquella regularidade e harmonia que dimanam d'um pensamento unico e synthetico, tal como o que preside ás grandes obras e ás grandes épocas. Mas em compensação, o seu desenvolvimento e, por assim dizer, crescimento fez-se por um processo a que podemos chamar organico, por uma justaposição historica, em que cada época concorreu com o seu pensamento particular; e como o laço que liga estes pensamentos diversos, é o d'uma evolução natural, a harmonia que resulta de tudo isto é como a dos seres vivos, indefinivel, fluida, irreductivel a uma fórmula abstracta e que se sente muito melhor do que se analysa.

A todas estas mansões aristocraticas anda ligada uma lenda romantica, que, aos olhos do viajante dotado de imaginação, envolve aquellas pedras musgosas n'um nevoeiro diaphano de poesia. Como os proprios edificios a que andam ligadas estas lendas são umas vezes rudes e semi-barbaras e fallam só de paixões violentas e lances tragicos, outras vezes, aventureiras e cavalheirosas, deixam entrever uma sociedade em que a tragedia se transformou em romance sentimental.

A lenda de Haddon Hall é genuinamente romantica, como convem a uma lenda contemporanea do autor de Romeu e Julieta. Uma porta estreita e meia dissimulada entre a folhagem, que dá sobre o Terraço, é conhecida como a porta de Dorothea. Porquê? E quem era essa Dorothea de romanesca memoria? A filha unica do senhor de Haddon em 1565, Jorge Vernon, o ultimo representante d'uma longa dynastia baronial. Dorothea Vernon, como outra Julieta, amou o filho e representante de outra casa nobre, tão nobre como a sua d'ella, a de Belvoir, mas separada da de Haddon por um d'estes odios seculares, que cavavam um abysmo entre os membros de duas familias egualmente orgulhosas de seus titulos e preeminencia. Não recuava diante de tão pouco uma contemporanea de Maria Stuart. Resolveu fugir. Quando menos podia o pae severo, que a vigiava, suspeitar tal resolução, n'uma noite de festa, em que a longa galleria reflectia sobre o parque as suas mil luzes, Dorothea, deixando furtivamente as danças, toma por aquella porta mais excusa, atravessa o parque cosida com as sombras do arvoredo, e eil-a fóra, caindo nos braços do herdeiro de Belvoir, que a esperava, com um cavallo prompto para a fuga. O vestido de baile d'essa noite servia, na manhã seguinte, de vestido de casamento, e um capricho do coração feminino desatava d'este modo o nó de odios que, durante seculos, haviam apertado as mãos energicas de cem cavalleiros. Assim terminou a familia de Vernon, sendo os seus dominios transferidos para a casa rival de Belvoir.

De Haddon Hall para Kenilworth a transição é brusca. D'um lado, o esplendor antigo conservado e como que tornado mais poetico pela suavidade da na-

tureza, que o rodeia, pelas sombras profundas da floresta, que envolve o nobre edificio n'um oceano de verdura: do outro lado solidão, abandono e ruinas. Mas como quadra bem a solidão com estas ruinas! Como solidão e ruinas estão em harmonia com a historia terrivel, com as tradições tragicas do velho castello de Simão de Montfort! Kenilworth não tem como Haddon, uma lenda romanesca e sentimental a cobrir-lhe, a envolver-lhe, como uma hera macia, com a sua verdura suave, as pedras enegrecidas pelos seculos. Com as suas ruinas asperas e descarnadas pelos temporaes de cem invernos, as suas lendas são todas de violencia são dramas de ambição, que desfecham em muito sangue: e ainda no seu momento de supremo esplendor, quando as suas immensas salas se illuminavam para receberem uma rainha, que visitava com toda a pompa d'uma côrte do seculo XVI, o valido no seu solar principesco, ainda então o genio sinistro de Kenilworth não desenrugava a face tragica, e lá ao longe, o ultimo arranco da esposa sacrificada barbaramente á ambição do marido, respondia aos sons festivos que saiam das janellas illuminadas de Kenilworth. A historia d'este famoso castello tem dois momentos culminantes, em que a sua existencia, pelo papel representado pelos seus chefes, se liga por assim dizer á mesma existencia da nação ingleza: um, no seculo XIII, na idade feudal, com Simão de Montfort: o outro no seculo XVI, na idade monarchica aristocratica, com Roberto Dudley, o valido da rainha Isabel, que por pouco não veio a ser tambem seu marido. Em 1240 Henrique 3.º dava o castello de Kenilworth, com o titulo de conde de Leicester, a um cavalleiro francez, refugiado na sua corte. Este cavalleiro não era outro senão Simão de Mont-

fort, o inexoravel destruidor dos Albigenses, e educado n'essa escola cruenta das guerras da religião. Não mentiram n'elle a escola e o sangue de que provinha. Levantado á maior altura e valimento pelo rei, que, na sua luta contra o partido feudal, julgára encontrar na energia e no nome d'um Montfort um apoio e um instrumento, Simão vira contra o rei seu bemfeitor o poder que d'elle recebêra, e eil-o á frente da liga feudal, que dentro em pouco, com as armas na mão, pretendia impor a Henrique condições ainda mais humilhantes para o poder real do que as que imposera no reinado anterior, fazendo assignar a Magna Charta a João Sem-Terra. Foi uma luta formidavel, que durou por annos: um dos grandes episodios d'esse duello de seculos entre a monarchia e o feudalismo, que ensanguentou a Inglaterra; duello, cujos annaes são, mais do que nenhumas outras Chronicas nacionaes da Idade-Media, uma mina inexhaurivel de interesse tragico, de terrivel pathetico, como bem o prova o Theatro de Shakespeare, que saío quasi todo da inspiração sombria d'aquellas sanguinosas tradições. D'este episodio da grande luta, a que presidio Simão de Montfort, foi, se assim se póde dizer, centro material, o castello de Kenilworth. Ali se reuniram os conjurados: d'ali sairam desfraldando o pendão da revolta. Ali se refugiaram quando, depois de annos de combates, se viram perdidos, os mais tenazes, os mais indomaveis: ali sustentaram um ultimo cerco, agarrados com a ancia do desespero áquellas pedras, que a tantos d'elles serviram de tumulo. Já então o velho Simão dormia em paz, no campo da sua ultima batalha perdida. Mas seu filho, Simão tambem, recebeu das mãos do moribundo o pendão feudal, para o hastear sobre os muros

de Kenilworth, e ali, durante seis mezes, desafiou as forças de Henrique 3.º Seis mezes durou o cerco, que só terminou por uma capitulação, em que os rareados defensores da causa feudal conseguiram do cançasso e da fraqueza do rei, não só a impunidade, mas a realisação de muitas das suas primeiras pretenções. Mas o rei, que cedia, como rei, ás exigencias do feudalismo revoltado, como homem, não podia esquecer a traição do velho Montfort, do valido ingrato, e proscrevia-lhe o sangue e a linhagem, degradando-os do titulo de condes de Leicester, e confiscando para a corôa o castello de Kenilworth. Tal é o drama do nosso sombrio castello, no seculo XIII: como o seculo, rude e violento, mas, como elle, grandiosamente pittoresco, d'um pittoresco guerreiro e tragico. Do seculo XIII temos de passar, sem transição, para o seculo XVI. Durante este largo intervallo de tempo, em que tamanhos acontecimentos politicos tomaram logar, a conquista e a perda quasi successivas da França, a Guerra das duas Rosas, a humilhação do Feudalismo e a supremacia do poder real, a historia de Kenilworth é muda. Mas no seculo XVI o velho castello resurge, e esplendidamente, com a elevação ao titulo de conde de Leicester do joven e bisarro favorito da rainha Isabel, Roberto Dudley. Roberto era casado: mas quando foi que a ambição pesou jamais consideração d'esta natureza? Aspirou, no seu coração de ambicioso, a dobrar o animo orgulhoso de Isabel a uma ultima concessão e a sentar-se ao lado d'ella no throno de Inglaterra. E a rainha, aquella singularissima mulher, fria e perfida ainda sob o imperio da paixão, sorria com o seu sorriso dubio, animando a louca infatuação do valido, que a lisongeava, mas sem se comprometter. Trez vezes a re-

cebeu elle, com a sua côrte, em Kenilworth, reconstruido, augmentado e embellezado sumptuosamente, para que as suas torres altivas, as suas vastas salas, as suas immensas gallerias dissessem bem alto o pensamento audacioso a que se abalançava o coração do novo conde de Leicester. Foi este o momento de esplendor de Kenilworth, esplendor quasi regio. Particularmente a ultima visita da rainha de Inglaterra ao castello de Kenilworth ficou, por varios motivos, memoravel. Acompanhavam a rainha 20 damas de honor e 31 barões, todos da primeira nobreza, alem de mais de cem fidalgos, que formavam a guarda de honra. Escudeiros e servos innumeros. Toda esta multidão se alojou no castello. Dezesete dias durou a regia visita, que foi uma festa continuada. Banquetes, saraus, representações theatraes, concertos, mascaradas, com aquella largueza, aquelle estylo grandioso de ornamentação, que o seculo XVI, o seculo por excellencia do esplendor nobre, dos effeitos vistosos, punha nas suas festas, nada faltou para tornar esta visita um dos acontecimentos mais espectaculosos d'uma época essencialmente amiga de espectaculos brilhantes. A darmos credito ao testemunho d'um contemporaneo, consumiram-se ali, diariamente, 16 pipas de vinho e 40 de cerveja: quanto aos bois e carneiros, mortos todos os dias, assim como a caça grossa e meuda, diz a mesma testemunha, «eram mais que o bastante para o abastecimento de uma cidade». Estes promenores podem dar uma idea do resto. Uma grande multidão de gente d'aquelles arredores e de muitas legoas em torno, pobres e ricos indistinctamente, que deixavam as suas casas para virem ver a rainha e a côrte e as grandes festas que lá iam dentro do castello, acampava por

aquellas cercanias, renovando-se todos os dias sem jamais diminuir. Á noite, o castello illuminava-se de cima para baixo, e não só interiormente, mas exteriormente tambem, pelos amplos terraços e pelo parque, em volta do lago, sobre o qual o conde mandára construir uma ponte, para que a rainha podesse entrar nos seus dominios por um caminho que pés vulgares não tivessem ainda pisado. Tal era a bisarria quasi extravagante, d'aquelle homem exaltado pelo orgulho e pela ambição. Até onde o levou essa exaltação ambiciosa? Até ao crime, dizem alguns, porque esse fino cortezão, elegante, formoso, discreto, astuto e atrevido, um dos exemplares mais acabados do typo do homem de côrte do seculo XVI, tinha ao mesmo tempo, envolto e dissimulado no meio de tantas qualidades seductoras, um animo frio e impiedoso, que tudo sacrificava ao egoismo da sua frenetica ambição. Como quer que fôsse (porque é duvidoso ter sido elle o autor do crime de que alguns o accusam) o facto é que, uma manhã, no fosso do castello de Cumnor, onde, havia annos, chorava desterrada da côrte e esquecida ou desprezada do marido a condessa de Leicester, apparecia semi-nu e ensanguentado um cadaver de mulher. Esse cadaver era o da joven, formosa e desventurada Amy Robsart, condessa de Leicester. Suicidára-se? Assim se disse então, assim o acreditavam ou fingiram acreditar os que rodeavam o conde valido. Mas a suspeita d'um crime pairou então sobre a sua cabeça, assim como paira ainda hoje sobre a sua memoria. O conhecimento do caracter do valido de Isabel, cruel e audacioso, sob as fórmas elegantes do cortezão exemplar, e a ambição violenta, que se apossára do seu animo e que elle não occultava, dão áquella suspeita uma certa

probabilidade. Em todo o caso, se houve crime, foi um crime gratuito, porque o valido, se conservou até ao fim o valimento, não logrou subir como esposo os degraus d'aquelle throno a que ousára erguer os olhos. Á coquetterie orgulhosa e fria de Isabel bastava-lhe o espectaculo d'aquella paixão violenta e louca, que ella alimentava com arte consumada, mas nunca, satisfazia. O conde de Leicester, apezar de fino e experiente cortezão, não conhecia aquelle caracter de mulher egoista, dissimulada e perfida, ainda quando realmente commovida.

Com a morte de Leicester terminou, e d'esta vez para sempre, o esplendor de Kenilwort. A sua historia, d'ahi por diante, é a historia lastimosa d'uma lenta e continuada ruina, durante dois seculos. Passou por ali o terremoto d'uma revolução, a mais formidavel de quantas abalaram o solo da Inglaterra: depois o tempo e o abandono consumaram a ruina. Em 1644, Kenilworth, tornado novamente propriedade da corôa, tentou um momento resistir, em nome do rei, ás tropas fanaticas do Parlamento. Cercado e tomado por Cromwell, foi por elle dado a alguns officiaes do seu exercito. Estes duros puritanos, tão utilitarios quanto fanaticos, estavam bem longe de poder comprehender a dupla belleza, artistica e historica do velho castello. Singular typo de homens, aquelles puritanos de Cromwell! Com a Biblia na mão e dentro do circulo dos sentimentos religiosos, exaltados, quasi inspirados e realmente poeticos — Milton foi um d'elles — fóra d'esse circulo, obtusos, grosseiros e sordidamente utilitarios. Os officiaes a quem Cromwell concedeu o castello de Kenilworth fizeram o que, no logar d'elles, fariam quaesquer outros da sua seita e partido, o que

faria o proprio Cromwell, quem sabe? o proprio Milton, talvez. Passaram a *explorar* Kenilworth: o parque, como prado para pastos: o castello como uma especie de pedreira. Arrancaram a mata, esgotaram o lago, demoliram muros e torres. O nobre edificio, que durante sete seculos assistira a cem combates, resistira de pé a vinte cercos, cahia agora ingloriamente, obscuramente, bocado a bocado, pedra a pedra, sob o camartello vulgar d'aquelles cabouqueiros ledores da Biblia. O tempo continuou a obra dos *nivelladores* (os homens de Cromwell davam a si mesmos este nome expressivo) e Kenilworth é hoje uma ruina. As revoluções, que por vezes fazem algumas coisas boas, tambem fazem muito d'isto, ruinas. Quem considerar desapaixonadamente os casos varios e confusos da historia d'esta pobre humanidade ha de reconhecer que as revoluções, que revolvem e agitam a massa espessa das camadas sociaes, impedindo assim que apodreça na inercia e estagnação, e que são por conseguinte abalos salutares ao corpo social, umas vezes revulsivos, tonicos outras vezes, são comtudo grandemente funestos a quanto se diz arte e pittoresco. A arte embora se accomode bem com a paz, porque a sua natureza não é guerreira e porque a paz gosa da reputação universal, ainda que nem sempre merecida, de ser «a amiga das artes», a arte, dizemos, embora pacifica por inclinação, está longe todavia de ser incompativel com a agitação d'uma idade guerreira, com os tumultos e os combates, como pretendem Boileau e outros mestres de rhetorica. Para destruir este singular preconceito d'uma esthetica de burguezes, basta considerar que as idades por excellencia fecundas de criação artistica, em todas as direcções, a das repu-

blicas gregas, a medieval e a da Renascença, são ao mesmo tempo das mais agitadas e guerreiras que a historia memora. Durante esses periodos famosos, a arte, no sentido mais lato da palavra, poesia, architectura, esculptura, pintura, floresce livremente, amplamente, com um rigor genial nunca visto, no meio das sociedades cujo estado normal é o estado de guerra, sociedades sem policia, tumultuarias, violentas. E coisa ainda mais notavel: n'essas idades memoraveis na historia da arte, os artistas são elles mesmos homens de acção, guerreiros e aventureiros, levando a vida agitada e precaria do tempo. Eschilo combateu em Marathona e Platea, e não quiz que o seu epitaphio memorasse d'elle outros feitos senão de guerra. Sophocles commandou, como general, um exercito atheniense e Phidias militou, como soldado, n'esse mesmo exercito. Os artistas do primeiro periodo da Idade-Media, que ergueram os templos maravilhosos e os admiraveis castellos que cobrem a Europa occidental e central, e os do segundo periodo da mesma idade, que formaram a grande escola de pintura anterior á Renascença, não só viveram no meio de sociedades agitadissimas, mas foram quasi todos homens de acção, soldados e aventureiros. O mesmo sabemos dos grandes artistas da Renascença. Miguel Angelo fortificou e defendeu Florença, sua patria. Leonardo da Vinci era indifferentemente engenheiro hydraulico e engenheiro militar. Benvenuto Cellini e Salvatore Rosa levaram uma vida tão desordenada e tumultuosa, que se nos afigura hoje, a nós burguezes do policiado seculo XIX, verdadeira vida de bandidos. Não se póde pois dizer com verdade que «a paz, amiga das artes,» seja realmente indispensavel á arte e aos artistas. Agora, com o que

a arte é incompativel, radicalmente incompativel, é com as revoluções — dizemos as revoluções profundas, que comovem a sociedade no que ella tem de mais intimo, abalando com as instituições as crenças, os costumes, o modo tradicional de ser e viver. Esses grandes e profundos abalos é que são, por natureza, funestos á arte — não porque as revoluções trazem comsigo a desordem e geral perturbação, mas porque quebram violentamente as tradições, tanto das idéas como dos sentimentos. Ora a arte vive essencialmente d'essas tradições. É esse o cibo que alimenta e vivifica o genio creador. A arte não olha só para o futuro como se tem dito: é bifronte e olha tambem para o passado. E é esse duplo ponto de vista, alto e comprehensivo, essa sublime communicação estabelecida entre o que foi e o que ainda não é, que lhe dá aquella vasta intuição da verdade humana, aquelle como que caracter religioso, que faz d'ella, logo abaixo da religião, e ao lado da philosophia e da sciencia, uma das grandes potencias moraes da humanidade.

Mas estas considerações distanciaram-nos um pouco de Kenilworth, não tanto todavia como póde parecer á primeira vista. Erguido no meio do tumulto de guerras incessantes, batido mas não abalado por cem combates e cercos, o velho castello atravessou de pé os periodos mais tempestuosos da historia de Inglaterra, para cair, em plena paz, sob o camartello dos revolucionarios! Outro tanto succedeu em França depois de 1790, a tantas admiraveis igrejas, a tantos edificios seculares, onde o genio da velha França catholica e monarchica havia posto o seu sello. Outro tanto succedeu em Portugal, depois de 1834. Não é no meio da revolução, no ardor febril do primeiro momento,

que desabam os edificios onde o pensamento da velha sociedade se fixára e como que cristalisára. É depois, é no meio da paz que succede á agitação, quando já está consumada de todo a obra de destruição na esphera das idéas e das instituições. E porquê? Porque se quebrou a tradição, porque já ninguem comprehende o pensamento por assim dizer amalgamado com aquellas pedras, porque já nenhum coração tem um echo a responder ao sentimento que ali se exprime. Não ha razão para se conservar o que já se não comprehende nem ama. E o espirito utilitario passa então, como um vento gelado, sobre as obras do genio antigo, as obras onde vivia a sua alma, agora sem communicação com a alma das novas gerações, e os muros sagrados, dentro de cujo recinto palpitára outr'ora a fé, com as suas effusões e os seus dramas sublimes, vão agora servir para accomodar uma fabrica, um armazem, um theatro ou um quartel — e as muralhas heroicas, onde se encostaram peitos valentes, animados por grandes paixões politicas, caem agora pedra a pedra, para serem vendidas e empregadas em construcções vulgares e insignificantes. *Sunt lacrymae rerum*... As revoluções teem, bem o sabemos, a sua necessidade determinada pelas grandes leis da historia, e por isso a sua legitimidade. E comtudo, não podemos sem magoa considerar as ruinas de tantos nobres e formosos edificios, que, se não fossem as revoluções, estariam ainda hoje de pé. E depois quem sabe? Talvez ainda n'isto haja uma lei providencial, porque, sem este facto doloroso, não teriamos o sentimento correspondente, esse sentimento poetico das ruinas, que é uma das cordas mais graves da lyra do nosso seculo, e ao qual devemos a inspiração das Meditações de Lamartine e da

Harpa do Crente de Herculano. Foi tambem este poetico sentimento das ruinas, que, uma tarde, n'um dos primeiros annos d'este seculo, fez subir a encosta do castello de Kenilworth, e ficar-se largas horas absorvido no meio d'aquellas muralhas derrocadas, um homem, moço ainda, um poeta, que a Inglaterra acclamava já como o mais brilhante e o mais profundo dos seus romancistas. Era Walter Scott. Largo tempo scismou ali sentado, evocando na imaginação as scenas deslumbrantes e os dramas occultos da grande epoca de esplendor de Kenilworth, quando uma rainha se hospedava ali, no meio das pompas d'uma côrte improvisada, emquanto lá ao longe, n'outro castello, mas esse isolado e esquecido, outra mulher chorava, pressentindo talvez a morte proxima, cuja sentença lhe fôra lavrada no meio das festas e de risos. Isabel, Dudley, Amy Robsart, reviviam na sua imaginação, e todo o grande seculo XVI, com a sua vida intensa e pittoresca, o seu movimento quasi frenetico de grandes acontecimentos e grandes paixões. Alguns mezes depois Walter Scott publicava um novo romance, com o titulo de Kenilworth, e o publico inglez, primeiro, e depois todo o publico europeu, acolhiam-no como uma das suas mais poeticas creações. O velho castello podia agora acabar de cair, podia desapparecer de todo, na sua forma material, porque lá ficava restaurado e indestructivel, n'uma forma superior e immortal, a da poesia.

Deixando Kenilworth e seguindo no itinerario da nossa peregrinação, encontrâmos no caminho uma outra «casa nobre» á qual não poderiamos, sem grande desprimor, recusar uma visita. Penshurst não se recommenda ao viajante, como Kenilworth, pelo grandioso

das suas tradições, nem, como Haddon Hall, pela superior belleza artistica das suas construcções. Mas nem por isso é somenos o titulo que recommenda Penshurst. Nasceu aqui um dos primeiros poetas da Inglaterra, e era este o seu solar avoengo. Philippe Sidney foi com Spenser, com Ben Johnson, com o grande Shakespeare, um dos fundadores da litteratura ingleza, e como todos os poetas e litteratos do seculo XVI, não pertence somente ao paiz que lhe deu o berço, mas á Europa moderna e culta, de cujo espirito renovado foram elles os promotores. Tem isto de particular o seculo XVI, o grande seculo da Renascença social, scientifica, artistica e litteraria: que os seus homens superiores, por muito que no caracter, na physionomia, tragam impressas as feições da raça e nação a que pertencem, são pelo espirito, cosmopolitas, simplesmente humanos, como o titulo de humanistas, de que se ensoberbeciam, tão bem indica. Emergindo do particularismo da Idade-Media, aspiravam a alguma coisa universal, um ponto de vista largamente accomodado á natureza humana em geral, e foram por isso os promotores e fundadores do espirito moderno, cuja feição essencial é esse humanismo, esse «modo de ser e de sentir» amplamente humano, que, a datar do seculo XVI, cada vez se tem affirmado mais nas sociedades cultas da Europa e é o melhor documento da superioridade d'ellas. Estes homens foram, a seu modo, os apostolos da fraternidade das nações e da união da humanidade n'um unico espirito. Poetas, artistas, eruditos ou homens de sciencia, foram, cada um na sua esfera, os precursores do mundo moderno e, por assim dizer, os nossos patriarchas espirituaes. Os seus nomes não são glorias locaes simplesmente: são

verdadeiras glorias da humanidade, em geral. Não causará pois estranheza que nós, apezar de não sermos inglezes, nos desviemos alguns passos do nosso caminho, para saudarmos em Penshurst a casa avoenga de Philippe Sidney, poeta inglez da Renascença. Em Inglaterra ainda hoje são lidas as suas obras, «a Arcadia» e a «Defesa da Poesia»: mas é certo que, para o estrangeiro, não teem ellas aquelle interesse sempre vivo e novo, que conservam e conservarão indefinidamente as do seu grande contemporaneo Shakespeare. Trez seculos cavam um grande intervallo entre o pensar e o sentir dos homens, que elles separam, e só aos genios superiores é dado transpor esse intervallo. A nós hoje, o que mais nos póde interessar em Philippe Sidney, não são as obras, mas o mesmo homem, cuja vida e caracter nos mostram um acabado exemplar d'um dos typos mais conspicuos do seculo XVI, e do fidalgo homem de lettras, cortezão e erudito, batalhador e escriptor, como o foram Cervantes e Camões e Sá de Miranda e Ronsard e Tasso, e tantos outros menos illustres, aos quaes todos se applica o verso do mesmo Camões:

N'uma mão sempre a penna e n'outra a espada.

Sidney, nascido em 1554, morreu em 1586. Mas que vida tão cheia a d'esses curtos 32 annos! No verdor da mocidade ainda, com 22 annos apenas, vê-mol-o tomar parte no drama politico do seculo, representando logo, como estreia, um papel de primeira ordem. Isabel, que sabia rejuvenecer-se rodeando-se de gente moça e auspiciosa, nomeava-o seu embaixador junto do Imperador. Não era um papel de cortezão

de apparato que lhe davam para representar, mas uma missão de verdadeiro diplomata e homem de estado. Debatia-se então a sorte de duas grandes potencias, uma, a Hespanha, no zenith, mas n'aquelle momento em que o zenith é já o precursor do declinar, outra, a Inglaterra, erguendo-se lentamente no horizonte, no meio de nuvens de tempestade. N'esta luta, que se dizia religiosa, a religião que no espirito das multidões se confundia com a causa nacional, era para os politicos apenas um pretexto. Não a conversão do mundo, mas o dominio d'elle, tal era no fundo o mobil d'este duello de gigantes. Que espectaculo para uma intelligencia larga e activa e que theatro para um ardor e uma coragem juvenis! Na fornalha ardente d'aquelle seculo impetuoso, os homens ou succumbiam ou recebiam, logo ao entrar, uma tempera como de aço. Sidney, que não era da raça dos que succumbem, revelou-se, de improviso, politico audacioso e diplomata sagacissimo. Por instigações suas, agita-se a Allemanha lutherana, e forma-se, sob a direcção da Inglaterra, aquella liga dos principes protestantes, contra o Papa e a Hespanha, que foi o primeiro arrancar das espadas que só tornariam a entrar na bainha mais de um seculo depois e tendo feito verter torrentes de sangue. Estava jogada a luva entre o Catholicismo e o Protestantismo, ou melhor, entre as velhas nações que se tinham engrandecido pela Igreja, e as novas, que as iam eclypsar, combatendo a Igreja. Os fios d'esta tragedia historica tinha-os, n'um momento, tido todos na mão um rapaz de 22 annos. Que seculo aquelle, e que estreia na vida a dos poetas de então! Pouco tempo depois, encontrâmos Sidney em Paris, n'aquella terrivel noite de São Bartholomeu, lutando de espada

em punho, em defesa de seus irmãos, os Calvinistas, contra os sicarios e os fanaticos sanguinarios, que n'essa noite funebre lançaram na historia do catholicismo a nodoa mais indelevel. N'um momento vêmol-o disposto a acompanhar Drake, o grande navegador, n'uma das suas explorações das costas da America do Norte. Impedem-no de dar seguimento a esse plano os seus deveres de soldado, e lá vai o poeta diplomata batalhar nos Paizes Baixos contra o inimigo que se erguia por toda a parte em frente da Inglaterra protestante, a Hespanha catholica. Foi n'um d'esses campos de batalha que encontrou a morte. As circumstancias d'essa morte heroica são dignas de menção. Vendo Pelham, o commandante da divisão em que ia, despir a couraça, como quem desdenha do perigo, ou o desafia, não lhe soffreu o animo parecer menos brioso ou arrojado do que o seu chefe. Despe tambem a sua e corre assim indefeso para onde mais travada ia a peleja. Um pelouro varou-lhe o peito, que a couraça não protegia. Moribundo e ardendo n'aquella sêde que accompanha os ferimentos da morte, ia a chegar aos labios ressequidos uma borracha com agoa, quando vê ao lado um outro moribundo, que com um gesto lhe implorava uma gota sequer. «Vejo que a tua necessidade é ainda maior do que a minha» diz o heroe, estendendo-lhe a borracha, que não chegára a levar aos labios — e com esta palavra de superior caridade, expirou. Como era possivel, perguntâmos hoje confundidos, no meio d'uma vida d'estas, achar ainda tempo e disposição de espirito para escrever um poema como a «Arcadia» que fixou em grande parte os typos da metreficação ingleza, e uma obra didactica, como a «Defesa da Poesia», obra ao mesmo tempo de erudito,

de pensador e de poeta, e que é um dos primeiros monumentos da prosa ingleza moderna? Como? Da mesma maneira que Miguel Angelo, pintando os frescos da Capella Sixtina, erguendo a cupula e a arcaria de São Pedro, esculpindo as estatutas do tumulo de Julio 2.º, tinha ainda tempo e engenho para fortificar Florença, para commentar a Biblia e para compor alguns centos de sonetos, que são dos mais bellos que tem a lingoa italiana. Da mesma maneira que Camões, batendo-se em Africa, na India, na Oceania, levando desde a mocidade a vida agitada do soldado em viagens trabalhosas até ao fundo do Oriente, tinha tempo e disposição de espirito não só para compor uma Epopeia e todo o cyclo de poemas lyricos, que, no seu genero, valem talvez tanto como a Epopeia, mas ainda para ser o cosmographo, o observador da natureza, o indagador curioso e paciente dos costumes e tradições dos povos do extremo Oriente, que no seu poema se manifesta aos entendidos, com assombro d'elles pela exactidão, a copia, a critica, como se dispuzesse já dos recursos da ethnographia moderna! Podiamos, ao lado d'estes, citar ainda muitos exemplos. Mas quem conhece um pouco de historia do seculo XVI, a historia intima, a dos costumes, das lettras e das artes, já não pasma deante d'esta fecundidade e multiplicidade de recursos dos seus homens eminentes, pois sabe que é esse grande seculo, na historia moderna, uma como idade genesiaca, em que a vida parece dotada d'uma plasticidade excepcional, em que o espirito humano attinge um poder de concepção e expressão desconhecido, operando syntheticamente, como n'um estado de inspiração, e galgando por isso d'um vôo as distancias por onde se arrasta lenta e difficil-

mente o espirito analytico. Mas esta ordem de considerações levar-nos-hia muito longe, e talvez até esta digressão tenha já parecido ao leitor estirada demais e descabida.

Deixemos pois Penshurst, onde a memoria d'um poeta nos poz deante dos olhos a imagem do seculo XVI por um dos seus lados mais sympathicos, para entrarmos em Hever (que não sabemos se se ha de dizer castello se palacio de Hever) aonde essa imagem nos apparecerá ainda, mas d'esta vez sombria e pelo seu lado mais rude e brutal. Hever foi a casa de Anna de Boleyn, ou, como diziam os nossos antigos, Anna Bolena, e d'ali sahio para se assentar no throno de Inglaterra, que para ella foi apenas a escada brilhante do patibulo. Paremos um momento deante d'um retrato, que se acha n'uma das salas principaes. É o retrato de Anna de Boleyn, ainda solteira, ainda alegre e feliz, antes que o pezo d'uma coroa lhe esmagasse a fronte graciosa e suave. Este retrato que como pintura vale pouco, preferimol-o todavia, pela expressão de mocidade alegre e livre, ao solemne retrato feito por Holbein, que se encontra no Museu do Louvre, em Paris. Holbein retratou a rainha, não a mulher, e o seu quadro mostra-nos apenas uma captiva hirta e immovel sob o peso das joias da coroa ingleza, que para ella foram os grilhões da fatalidade. Este, o de Hever, ainda que fraca pintura, deixa-nos ver a mulher, uma creatura fina e graciosa, toda movimento e vida, com aquelle sorriso entre amavel e malicioso, que denuncia a sua origem franceza e a sua primeira educação na côrte de França. A expressão da physionomia é toda intelligencia e bondade, com uns laivos talvez de vaidade, innocente vaidade juvenil, bem desculpavel

n'aquelles olhos cheios de graça insinuante. É curioso, diante d'esta imagem delicada, lembrar-se a gente do retrato ideal e idealmente monstruoso, que as paixões religiosas fizeram da pobre Anna, a innocente causa ou antes simples occasião do scisma que separou a Inglaterra da communhão catholica. Tudo n'ella era hediondo e abominavel e a sua belleza uma mera apparencia diabolica. Segundo Sander, um dos seus furiosos calumniadores, o seu halito empestava, tinha seis dedos em cada mão, que escondia cuidadosamente sob as luvas, e no seio um cancro asqueroso, «por isso, diz ingenuamente o bom do inglez, nunca se decotava, ao envez das damas inglezas, que sem difficuldade deixam ver os seus bellos seios». De sorte que até a modestia da pobre era pretexto para lhe inventarem defeitos horriveis! Este retrato de Hever, que nunca foi bom e está agora muito deteriorado pelo tempo, merecia ser restaurado por mão habil e delicada, pois é o unico que existe de Anna de Boleyn em solteira. Quanto á casa de Hever, como tantas d'estas casas nobres inglezas, é um edificio de genero mixto, meio castello e meio palacio, um castello gradualmente transformado em palacio e deixando ainda ver a sua forma primitiva. Data, no seu aspecto actual, do tempo de Eduardo 3.º, e a sua architectura é d'aquelle particular estylo chamado Tudor, por ser formado e desenvolvido durante o periodo em que esta dynastia reinou. As janellas das duas salas grandes de Hever são bons e perfeitos exemplares d'este estylo Tudor.

Scarborough é um castello, um verdadeiro castello: somente é um castello em ruinas. Esse estado de decadencia torna-o ainda mais nobre, mais poetico, se menos imponente, lá no alto do seu rochedo precipi-

toso, com um aspecto de mysterio, quasi phantastico. Scarborough é um dos mais antigos castellos de Inglaterra e parece, nos seus fundamentos primitivos, ter sido contemporaneo das primeiras invasões dos Anglo-Saxonios. Pelo menos é tradição ter sido tomado de assalto, no seculo IX, por Harold Hardrarda, um dos terriveis *vikings* ou reis do mar, piratas, descobridores, conquistadores, que tudo isso elles eram, os temerarios homens do Norte, que desciam nos seus «cavallos marinhos» a descobrir terras, assolando-as outras vezes e fazendo-se reis d'ellas. Foi assim que um d'elles se fez duque de Normandia, em França, em quanto outros sete conquistavam a Inglaterra, fundavam a Heptarchia anglo-saxonia e lançavam as bases primeiras da futura nação ingleza. Este Harold Hardrarda, se chegou a tomar o castello de Scarborough, não o conservou por muito tempo, pois foi batido e morto, pouco depois, em Stamford, por Godwin, outro rei pirata, que todavia lhe outorgou generosamente «sete pés de terra ingleza», para que não perecesse de todo a gloria do velho *viking*. O primitivo Scarborough foi, ao que parece, incendiado no meio d'esta luta dos dois heroes rivaes. Como quer que seja, o verdadeiro Scarborough, aquelle de que ainda restam as ruinas imponentes, só mais tarde apparece na historia, no tempo dos Plantagenets, quando a favor da confusão das guerras civis que acompanharam o estabelecimento d'aquella dynastia, Guilherme conde de Albemarle, se tornou como que senhor independente n'esta parte da Inglaterra. A sua fortaleza principal era então o castello de Scarborough. Henrique 2.º, subindo ao throno, reclamou, como soberano, a obediencia que lhe era devida pelo seu vassallo, mas só com as armas na mão a conse-

guio. Foi então o primeiro cerco que soffreu Scarborough, pelo menos o primeiro historicamente comprovado. Depois d'este, os que se seguiram, e os assaltos, sortidas, combates de toda a especie, que Scarborough presenciou, não teem conto, porque o velho castello, sendo dominio da coroa, representou um papel em todas as guerras civis da Inglaterra e todos sabem que a historia ingleza, durante a Idade-Media, não é mais do que uma longa serie de guerras civis. Scarborough foi pois theatro de mais de um acontecimento historico. Foi aqui que Pedro de Gaveston, o indigno favorito, procurou em vão um refugio contra os seus inimigos: depois d'um apertado cerco, teve de render-se e foi decapitado. Durante a grande revolução de 1640, Scarborough foi duas vezes cercado pelas tropas do Parlamento: o segundo cerco durou mais de treze mezes. A tomada de Scarborough pareceu facto tão importante que o Parlamento, para o celebrar, mandou cunhar uma medalha de prata, tendo n'um lado um castello e do outro esta inscripção: «obsidium Scarborough, 1645». Em 1665, Jorge Fox, o illustre visionario, fundador da seita dos Quakers, esteve aqui preso durante alguns mezes. Entretanto já n'esse tempo o castello estava muito decahido. A decadencia data de 1645, quando o Parlamento, depois de tomado o castello, ordenou que fosse desmantellado. O que resta da antiga fortaleza é apenas uma enorme torre quadrangular, que tem de altura coisa de 32 metros, mas conhece-se examinando-se a parte superior das muralhas, que a altura, n'outro tempo, era ainda mais consideravel. Estas muralhas teem cerca de quatro metros de espessura. Só a força extraordinaria d'esta architectura de Ciclopes póde explicar como a velha

torre, isolada e exposta por todos os lados se tenha conservado firme e pareça ainda hoje indestructivel. A torre, assim como o rochedo sobre que assenta, defronta com o mar e domina a cidade e bahia de Scarborough, que lhe ficam aos pés, lá em baixo. Vista do mar, isolada e negra, n'aquella altura, tem o quer que é de severo e dramatico, que impressiona profundamente.

Deixemos agora castellos e casas nobres e entremos na velha cidade burgueza de Bristol, que nem por ser burgueza deixa de ter tambem o seu pittoresco. Percorramos, por exemplo, esta rua estreita e pobre, que vae dar á bella igreja, chamada do Templo, por ter sido outr'ora dos Templarios. Estamos no bairro antigo de Bristol, e das suas ruas mais antigas é esta a principal. Tudo n'ella faz ainda hoje lembrar a Idade-Media: a irregularidade da calçada, a pouca largura da rua e sobretudo o aspecto das casas, cujo primeiro andar se projecta e sobresae trez ou quatro palmos sobre a linha do andar terreo, feitio de construcção genuinamente medieval e que ainda hoje se encontra com frequencia em varias cidades flamengas e rhenanas. Seguindo por esta rua e por meio d'estas casas de aspecto tão original, tendo deante dos olhos, ao fundo, a torre da igreja do Templo, não é precisa muita imaginação para nos julgarmos, durante um momento, transportados ao seculo XIII, quando por aqui subiam e desciam os cavalleiros monges, arrastando a sua capa branca, sobre que se destacava uma larga cruz vermelha. Entretanto, e pago este tributo ao devanear da imaginação, devemos dizer que as casas que vemos não são contemporaneas dos Templarios, mas um pouco posteriores. Datam do seculo XV, quando no tempo

de Eduardo 3.º foi para aqui trazida, para fomentar a industria nacional, uma colonia de tecelões flamengos, então os primeiros artifices do mundo. A colonia prosperou e a industria tambem, de tal sorte que d'essa semente importada, desenvolvendo-se atravez dos seculos, veio a sair a tecelagem ingleza, que está para a de Gand, Bruges e Ypres, no seculo xv, como o cedro está para o hissope. Os tecelões trouxeram comsigo, juntamente com os seus teares, o estylo das construcções flamengas, tão originaes e onde como que se estampa um reflexo da vida concentrada e sedentaria das cidades operarias da antiga Flandres. É uma observação que já tem sido feita por mais d'uma vez, que onde quer que uma vida nacional sã e forte produz um typo, uma physionomia bem definida de modo de ser social, a architectura manifesta logo essa vitalidade collectiva, dando um estylo, uma originalidade pittoresca ainda aos edificios mais humildes, á casa do pobre como ao palacio principesco. É o que, na Idade-Media, mostram bem as cidades livres ou communas independentes da Italia, do Rheno, e das Flandres. O mesmo espirito independente, que ergueu e lavrou as cathedraes e os paços municipaes, presidio á construcção das habitações dos humildes artifices, e é por isso que estas tambem são pittorescas e, ousemos dizel-o, bellas no seu genero.

Não deixaremos Bristol sem lançar, que mais não seja, um volver de olhos a um edificio curioso, o Hospital de São Pedro. A fórma geral é elegante, e participa um tanto do estylo das casas flamengas na circumstancia do andar terreo se desviar, retraindo-se, da linha dos andares superiores. A ornamentação da frontaria é graciosa e, sem se ligar a nenhum estylo bem

definido, agrada pelo mesmo capricho de phantasia que manifesta.

Approximâmo-nos do termo da nossa excursão e temos de trigar o passo. Só de relance deitaremos o olhar a este alteroso edificio, que nos fica no caminho. É o Castello de Chepstow. Este é um verdadeiro castello, um castello roqueiro e fortificado. Visto cá de baixo, das margens do Wye, á hora dubia do crepusculo, lembra mais uma obra caprichosa da natureza do que um trabalho saído das mãos dos homens. Como uma vasta mole de rochedos sobrepostos, cujo sopé viesse banhar-se na corrente do rio, não parece ter sido edificado, mas ter apenas surgido por effeito d'uma sublevação geologica. O Castello de Chepstow, nos seus primeiros fundamentos (de que ainda subsistem restos) é de origem normanda e data do seculo XI. Foi reedificado e ampliado no seculo XIII, no tempo dos Plantagenets. Foi successivamente solar de trez grandes familias aristocraticas, os Fitz-Osbern, os Clare e os Herbert: actualmente pertence á casa ducal de Somerset. Cromwell em pessoa cercou Chepstow, em 1644, e o tomou de assalto. É esta a unica memoria historica d'este castello, que, ao envez do commum dos solares e fortalezas de Inglaterra, atravessou isolado e em socego os seculos mais tormentosos da historia ingleza. É pois um castello *obscuro:* mas o que perdeu em interesse historico ganhou-o por outro lado, conservando-se intacto a favor da sua mesma obscuridade. É bom exemplar da architectura militar dos seculos XIII e XIV, e um dos mais bem conservados. E agora, a caminho para Glastonbury. Da antiga Abbadia, que occupava, com as suas dependencias, uma área que media umas poucas de milhas em circumferencia, só restam ruinas. E que é

feito do espinheiro sagrado, plantado, segundo reza a lenda, nada menos que pela proprio José de Arimatheia? O sopro gelado da incredulidade queimou-o tambem, nem vestigios restam d'elle? Para ver este milagroso arbusto, que florescia no coração do inverno, precisamente na vespera do dia de Natal, concorriam aqui milhares de peregrinos de todos os angulos das Ilhas Britannicas, quando havia fé nas Ilhas Britannicas e floresciam os espinheiros sob a neve de Dezembro. A vasta *hospedaria*, que os monges aqui tinham e onde recebiam caridosamente centenares de peregrinos, subsiste ainda e em perfeito estado de conservação. Mas que destino foi o seu? O nobre edificio, consagrado pela fé religiosa e a caridade christã, converteu-se tambem ao utilitarismo da epoca. É ainda hospedaria, em verdade, mas hospedaria onde já não é Christo quem recebe os hospedes extenuados por uma longa viagem emprehendida só pelo incentivo da Fé. Quem os recebe agora é um gordo e rubro estalajadeiro, de barrete na mão e com um sorriso mercenario nos labios, um sorriso que se traduz em seis shillings diarios, cama e meza, não incluindo o vinho! N'uma palavra, o hostau religioso converteu-se n'uma estalagem e chama-se hoje «George Hotel». Alternativas das coisas e dos sentimentos! Para sermos justos, devemos dizer que não se come mal em «George Hotel». Mas o viajante, se fôr um pouco poeta, preferirá ainda assim ficar sem jantar e ir-se passear na praça, defronte do velho e nobre edificio, a scismar n'aquelle espinheiro, que florescia em pleno inverno britannico, e em José de Arimatheia, o bom rico de Jerusalem... a scismar na relação mysteriosa entre a fé e o anachronismo, e n'esta singular condição das

coisas moraes, que torna o anachronismo indispensavel á paz do espirito e ao contentamento do coração, como se a alma humana não tivesse mais ferozes inimigos do que a geographia e a chronologia! O peregrino do seculo XIII, que chegava ali, á porta amiga do hostau religioso, com os pés inchados por uma marcha de semanas atravez de serras cobertas de neve, mas contente e consolado com a idéa de que ia ver o arbusto milagroso plantado pela propria mão de José de Arimatheia — sim, pela mão do proprio José de Arimatheia — este peregrino, que fazendo esta dura viagem ganhava seguramente um logar no ceu, um logar d'onde poderia talvez, durante toda a eternidade, ver a face benigna de José de Arimatheia, no meio da Assembléa dos santos patriarchas, este peregrino não seria porventura feliz, o mais feliz que é dado ao homem ser n'este mundo? Singular e gravissima relação entre a geographia e chronologia e a felicidade humana! Problema é este, que merece bem ficar-se a gente um dia sem jantar, a passear, scismando n'estes casos intrincados, defronte do velho hostau dos monges do seculo XIII, transformado em hospedaria no seculo XIX. (1)

(1) Reproduzido da *Europa Pittoresca,* tom. I, págs. 31–59. Paris, 1881. *(Nota do editor.)*

VENEZA

Veneza, apezar de decadente, é ainda bella — talvez a mais bella entre todas as cidades da Europa meridional. É, seguramente, entre todas ellas, a mais pittoresca, a mais original e a mais placida, d'aquella placidez nobre a que os italianos chamam *soave austero*. Esta placidez, este socego é um dos maiores encantos da antiga capital dos Doges. O viajante, cançado e aturdido pelo tumulto vulgar das grandes cidades modernas, experimenta, ao entrar em Veneza, sensação egual á do caminheiro, que, depois d'um dia de sol e fadiga, se espreguiça indolentemente n'um banho tepido e perfumado. Veneza, em despeito das transformações inevitaveis por que tem passado, é ainda e será sempre uma cidade semi-oriental, por conseguinte cidade de repouso suave e de indolente scismar. Apezar da sua posição maritima, nunca mais será um centro, um emporio commercial: por causa da sua excepcional edificação lacustre, jamais se transformará n'uma cidade industrial. Ficará eternamente, com os seus canaes, as suas cupulas byzantinas, as suas gondolas e os seus bandos de pombas mansas e familiares, como uma reliquia encantadora d'um mundo extincto e a terra preferida pelos artistas, pelos poetas, pelos scismadores amigos d'um silencio cheio de imagens e pensamentos. Esta cidade tem uma physionomia

unica: latina e byzantina, ao mesmo tempo, occidental e oriental, christã e mahometana, juntaram-se n'ella e fundiram-se n'uma harmonia graciosissima os genios mais diversos. Molle e voluptuoso, como o Oriente, vivo e caprichoso, como o Occidente, o genio de Veneza participa dos mais oppostos, mas é só semelhante a si mesmo. É isto o que a torna unica. Não é só esta singularidade d'uma cidade a que, por assim dizer, falta o solo, sem ruido de trafico, sem poeira nem lama, edificada não sobre sete collinas mas sobre «um cento de ilhas» que impressiona o viajante: é ainda e principalmente a feição tão particular da sua architectura, tão rica e sobre tudo tão imprevista, que a primeira impressão que nos causa é a do espanto puro e simples — um espanto que só lentamente cede o logar á comprehensão, sem a qual não ha admiração verdadeiramente intelligente.

Para se comprehender este caracter tão particular de Veneza, é necessario ter-se presente a sua historia: a historia aqui, e não uma esthetica abstracta, é que dá a intelligencia d'estas maravilhas architectonicas. É preciso lembrarmo-nos do papel especial, que, durante toda a Idade-Media, deram a Veneza a sua posição geographica e a sua situação politica. As condições geographicas e as politicas, concordes, como tantas vezes tem succedido, fizeram de Veneza, durante bons dez seculos, a Carthago e a Tyro da Idade-Media, — o mediador activo e intelligente entre civilisações diversas e hostis, entre o mundo latino e o byzantino, primeiro, depois entre o mundo christão e o mussulmano. Veneza tomou d'uns e d'outros, apropriou-se por uma lenta e insensivel infiltração e como que assimilou esses genios diversos e com elles compoz o seu,

já na politica, já na religião, já na arte. Durante toda a Idade-Media, Veneza, constituida o centro, póde bem dizer-se, do commercio do mundo, negociava directamente com Constantinopla, o Egypto, a Syria, as Ilhas do Mediterraneo, os portos do Mar Negro, a Asia Menor e toda a Europa Occidental; indirectamente, por meio das caravanas dos Arabes e Syriacos, d'um lado, do outro lado, por meio das grandes feiras do Rheno, onde concorriam os negociantes das cidades Hanseaticas, com a Persia, a Mongolia, a India, a Arabia, os povos do Baltico, a Polonia e a Russia. Ao mesmo tempo que as suas relações commerciaes abrangiam o mundo conhecido, as suas relações politicas punham-na em contacto, com as nações mais diversas por indole, religião e costumes. Senhora da Istria, da Dalmacia, d'uma parte da Albania, das Ilhas Jonias, das Cycladas, de Creta e de Chypre, Veneza dava uma mão ao Oriente e outra ao Occidente, dominava ao mesmo tempo sobre povos barbaros e sobre os representantes das mais antigas civilisações, fazia communicar fraternalmente o mundo catholico com o scismatico, guiava e explorava em proveito proprio o grande movimento dos Cruzados, e emquanto o Papado, os Imperios Allemão e Byzantino e os reinos do Occidente se chocavam e destruiam mutuamente, engrandecia-se com os seus destroços. D'este monopolio commercial e d'esta especial situação politica saío o genio de Veneza, e d'esse genio o typo de architectura que temos sob os olhos. Mas aqui convem ceder a palavra a um dos homens que melhor teem comprehendido e explicado a Italia da Idade-Media e da Renascença e o caracter da sua civilisação artistica. «O que é proprio e particular de Veneza, diz o Sr. H. Taine,

o que faz d'ella uma cidade a que nenhuma outra se assemelha, é este facto, que, unica entre todas as cidades da Europa, depois da queda do Imperio Romano, só ella se conservou livre e continuou sem interrupção o regimen, os costumes e o espirito das republicas antigas. Imagine-se Cyrene, Utica ou Corcyra, uma colonia grega ou punica, que milagrosamente tivesse escapado á invasão e transformação universal, prolongando quasi até nossos dias uma forma antiga da humanidade. Com effeito, Veneza é uma colonia d'uma d'essas antigas cidades, uma colonia de Padua, que se refugiou n'um logar inaccessivel, fugindo diante de Alarico e Attila. Como quasi todas as colonias antigas, conservou-se durante algum tempo unida á metropole por uma especie de vassalagem. A filha engrandeceu sob o patronato da mãe, e separou-se d'ella. Desde esse momento a sua independencia é absoluta. Escapa aos reis barbaros, escapa á grande engrenagem feudal: o filho de Carlos Magno retira-se deante das suas lagunas, os imperadores allemães reconhecem-na independente, em quanto um laço puramente nominal a liga a Constantinopla. Esse mesmo laço quebra-se em breve. Entre os Cezares doirados da Byzancio e os Cezares coiraçados de Aix-la-Chapelle, os seus paúes e a sua bravura manteem-na livre. Diz-se romana, mais romana do que Roma vencida e degenerada, e unica representante agora do genio romano. E com razão. Retirára-se a tempo do meio da podridão imperial, para reviver, á moda das antigas republicas, militante e laboriosa, n'um recanto onde não podia chegar a onda bruta do feudalismo. Nem a cota de malhas germanica, nem a opa de seda byzantina tolhem movimentos aos seus filhos. Não se trans-

formaram em escribas, sob a mão vil do eunucho, ou em soldados, ás ordens d'um barão barbaro: trabalham, navegam, edificam, deliberam e votam, como outr'ora os Athenienses ou os Corinthios, livres e eguaes. Durante os primeiros seculos, o governo é uma pura democracia. O viver, o vestir é simples e o mesmo para todos. Cassiodoro, no seculo VI, maravilha-se de ver como entre elles o pobre e o rico são eguaes, como vivem uniformes e concordes. Veneza é então como uma imagem das sobrias e activas democracias gregas. A instituição dos Doges não altera esta primitiva liberdade. O Doge é magistrado e não senhor. Se se mostra tyranno, expulsam-no, tonsuram-no ou executam-no. A religião tem muito tambem do caracter dos cultos locaes antigos. São Marco é para Veneza uma especie de Jupiter Capitolino ou de Minerva Poliade: o corpo do Apostolo, trazido furtivamente de Alexandria, protege o sólo da patria como outr'ora Œdipo, enterrado em Colona, protegia o sólo atheniense. O espirito publico tem em Veneza a força que tinha em Athenas no tempo de Cimon e Milciades. Era como um rebentar e reverdecer da oliveira antiga, no meio do inverno feudal... Nós hoje, cidadãos das grandes nações modernas, não chegâmos a comprehender a intensidade das energias que se desenvolviam n'aquellas sociedades tão limitadas. Vivemos como perdidos em estados grandes de mais. Não imaginâmos que provocações incessantes á coragem e á iniciativa comportava uma sociedade reduzida a uma simples cidade... Quando uma sociedade se desenvolve assim por si só, é por força inventiva, creadora, tira de si um gosto e uma arte proprias. A vida espontanea produz as creações originaes, e a invenção entra

no campo da intelligencia depois de ter fecundado o da acção.» Esta pagina do illustre critico nos ajudará a comprehender o caracter tão particular da architectura veneziana, fazendo-nos sentir as razões intimas do gosto que a produzio.

N'outro tempo não se chegava a Veneza senão por mar. Hoje a cidade está ligada á terra-firme por um extenso viaducto, o do caminho de ferro, que atravessa as vastas lagunas sobre um cento de arcos. Esta maneira de entrar em Veneza é talvez mais commoda, mas certamente pouco pittoresca. O methodo antigo deve pois ser preferido. O viajante apeia-se em Mestre, que é a ultima estação antes de Veneza e ainda na terra-firme, aluga uma gondola, e póde assim aproximar-se da incomparavel cidade sem nada perder d'aquella magica perspectiva. O longo e tortuoso canal, com as suas voltas repetidas, deixa-nos entrever ora um aspecto ora outro, ainda fugitivos e vaporosos, da sultana do Adriatico, que lá ao longe se divisa meia encoberta. Esta expectativa, assim prolongada, é encantadora. A pouco e pouco, surgem no horizonte torres e cupolas, aereas, vagas a principio, como uma cidade de fadas, depois mais definidas e numerosas. Ainda uma volta do interminavel canal e eis-nos em Veneza. O Canal Grande é para Veneza o que são para Paris a rua de Rivoli, o Corso para Roma e Regent-Street para Londres. Projecta-se atravez da cidade como um enorme S, começando na estação do caminho de ferro, e acabando em frente do palacio dos Doges. Á medida que nos aproximâmos do Rialto, tornam-se mais frequentes os palacios, a maior parte d'elles no estylo da Renascença, exceptuada porém a sumptuosa Ca d'Oro, exemplar perfeito, outr'ora, do

rico e elegante gothico veneziano, hoje em grande parte perdida e deturpada. Eis-nos no Rialto. Como a maior parte das pontes da Idade-Media, como a Ponte Velha de Florença e as antigas Ponte de Londres e Ponte Nova de Paris, o Rialto era e é ainda hoje conjuntamente um caminho e uma especie de feira permanente ou bazar, com suas lojas d'um lado e outro, construcções ligeiras e elegantes, de estylo uniforme, e que não contribuem pouco para dar ao edificio um aspecto dos mais originaes. Construido no seculo XVI, o Rialto atravessa o Canal grande com um arco que mede proximamente vinte metros. É ainda hoje o centro da actividade commercial de Veneza, mas centro bem decadente! No seculo XVI, o Rialto era um ponto unico na Europa, o que são hoje a Bolsa de Paris e o Royal Exchange de Londres, o coração da vida mercantil do mundo. De cada lado da ponte ha um mercado: um, o do peixe, o outro da fruta. Este chama-se o Campo San Giacomo e é digno de ser visitado, sobre tudo durante os mezes de Setembro e Outubro. As peras, as uvas, os pecegos, os melões, que embalsamam o ar e recreiam a vista, provam que os venezianos, ainda na decadencia, não perderam aquelle fino epicurismo, que, em melhores tempos e n'uma esphera mais alta, fez d'elles os mestres das artes plasticas. Mas voltemos á nossa gondola, que entretanto nos ficará esperando, amarrada a um marco. Estes marcos são caracteristicos dos canaes venezianos. N'outro tempo, indicavam os palacios dos nobres e eram pintados com as cores heraldicas dos seus donos. A propria gondola, o *cabriolet*, o *fiacre* de Veneza, não deve passar sem menção. Na sua fórma geral ha alguma coisa da canoa commum e alguma coisa das antigas galeras escandi-

navias. No centro eleva-se um pequeno gabinete, com cortinas mais ou menos ricas. As gondolas são ordinariamente pintadas de preto, com uma cercadura dourada. Á proa e á popa ha um estrado, e de pé, sobre esse estrado, rema o gondoleiro, apoiando o remo n'um tolete curvo e saliente da altura quasi d'um metro, chamado *fercola*. A destreza com que estes homens conduzem as delicadas embarcações atravez de canaes ordinariamente estreitos, dobrando rapidamente as esquinas, sem se chocarem, é realmente admiravel. Seria difficil descobrir um meio de locomoção mais commodo e agradavel do que este. A vida em gondola é o ideal da vida preguiçosa. Os barcos de pesca maiores do que as gondolas, são tambem curiosos. Com as suas duas velas latinas abertas, dão idéa d'uma borboleta gigantesca, e os mastros terminam ordinariamente da maneira mais pittoresca, com um grupo de emblemas religiosos, ou uma capella em miniatura, com o seu santo e a sua lampada. É este um uso romano, apenas transformado pelo Christianismo. Os romanos como bem sabem os archeologos, traziam os penates no convez dos seus navios. Estes trazem os seus santos protectores no topo dos mastros. A significação ou a intenção é a mesma. Divaguemos ao acaso pela cidade. Os canaes são por via de regra, estreitos e tortuosos. Mas a architectura, boa ou mediocre, abunda por toda a parte. É difficil distinguir e classificar, no meio da confusão dos estylos, Gothico florido, Oriental, Italiano da Renascença, que se misturam phantasiosamente, ás vezes no mesmo edificio. Esta confusão dos estylos, tão caracteristica do gosto veneziano, é o desespero do archeologo e o encanto do viajante, simples *dilettante*, que só procura o pittoresco e desdenha de

boa mente a erudição. Entre todos os edificios de estylo gothico (pseudo ou simili-gothico seria mais rigoroso dizer) sobreleva em elegancia de desenho e opulencia de ornamentação a famosa Ca d'Oro, outr'ora propriedade da familia patricia dos Taglioni, que deu á Republica doges, generaes, diplomatas e artistas, uma d'estas familias como os Sanuto, os Cornaro, os Taliero, verdadeiramente principescas, que conquistavam ilhas longiquas e recebiam, como reis, embaixadas dos potentados do Oriente. A Ca d'Oro, como os «principes mercadores» de Veneza, está hoje muito decadente: decadencia devida em parte ao tempo, mas em maior parte ainda á inintelligente restauração de que foi victima, ha de haver alguns annos. Depois da Ca d'Oro, são ainda dignos de menção, entre estes velhos palacios, ou ruinas de palacios, o Palazzo Cavalli, um dos mais bem conservados, o Palazzo Camelo, que é quasi uma ruina, mas ruina formoza, e a casa, assim chamada, de Desdemona! A casa de Desdemona! exclama o leitor, que leu Shakespeare, e está persuadido que Desdemona, assim como Ophelia e Julieta e Cordelia, são filhas aereas da phantasia do poeta e nunca habitaram outros palacios alem das mansões brilhantes mas impalpaveis da imaginação... O facto é que a filha de Brabantio podia muito bem ter existido: entre as jovens patricias venezianas do seculo XVI, mais d'uma haveria tão formosa como ella, como ella tão boa e tão desditosa. E a ter existido, que habitação mais propria lhe poderiamos desejar do que este gracioso palacio, tão grave na sua elegancia, tão delicado e tão senhoril? Nada d'isto repugna á imaginação, antes pelo contrario. Aquellas janellas tão bem lançadas e rendilhadas tão garbosamente, estão pedindo

para as occupar dignamente, uma figura graciosa e nobre de mulher, que, pela tarde, se venha ali assentar, scismando, em quanto sem ruido deslizam sobre a agua escura do canal as gondolas brilhantes e enfeitadas dos jovens patricios de Veneza. Se a obra do poeta, lida, nos deu tanto prazer, porque não prolongaremos esse prazer imaginando por um momento reaes aquellas scenas inimitaveis? A tradição da casa de Desdemona, como todas as tradições, apoia-se mais na boa vontade de quem a acolhe do que em testemunhos solidos e irrefragaveis. Pois não sondemos nós a solidez d'esses testemunhos: acceitemos a tradição pelo que ella vale, e tenhamos um momento de illusão poetica, prazer que não dão por certo as verdades historicas authenticas e solidamente documentadas. O Canal Grande estende-se e ondula entre duas linhas quasi continuas de palacios, que datam pela maior parte, da Idade-Media, com as suas janellas ogivaes, os seus balcões rendilhados, com aquella rica phantasia de ornamentação que parece inexhaurivel. Outros, em menor numero, datam da Renascença e sustentam graciosamente trez fileiras sobrepostas de columnas antigas. N'uma volta do canal, vê-se repentinamente erguer-se da agua, como uma rica vegetação marinha, como uma arvore gigantesca de coral esbranquiçado, Santa Maria della Salute, com as suas cupolas, a sua profusão de esculpturas, o seu frontão carregado de estatuas. Mais ao longe, n'outra ilha, avista-se San Giorgio Maggiore, branco e redondo como uma concha de nacar. Á esquerda, apparecem São Marcos, o Campanile, a praça, o palacio dos Doges. É um espectaculo unico. A admiravel praça, orlada de porticos e de palacios, estende n'um amplo quadrado a sua floresta de columnas, os

seus capiteis corintheos, as suas estatuas, a disposição nobre e variada das suas fórmas classicas. Semi-gothica e semi-byzantina, eleva-se a Basilica n'uma extremidade da praça, com as suas cupolas doiradas, os seus corucheus agudos, as suas arcadas cheias de estatuetas, as suas abobadas carregadas de mosaicos: singular e mysterioso sanctuario, especie de mesquita christã, em que se unem, sem se comprehender como, os genios de duas civilisações e duas religiões hostis. Ao lado da Basilica, o gigantesco Campanile, nu e erecto como um mastro de navio, ergue até ao ceu e annuncia de longe aos viajantes do Adriatico a soberania de Veneza. E aos pés do Campanile, encostada a elle, a delicada *loggetta* de Sansovino parece uma flor, tal é a profusão com que a revestem o marmore, o bronze, os baixos-relevos, as estatuas, todo o luxo inventivo da arte a mais elegante. Aqui e ali, vinte illustres reliquias formam como um museu ao ar livre: é um grupo de columnas quadrangulares, trazidas de S. João d'Acre; uma quadriga de cavallos de Bronze, despojo de Constantinopla; quatro pilares de bronze, onde fixavam os estandartes da cidade; dois fustes de granito, encimados pelo crocodilo e o lião alado da Republica. Taes são os ornatos monumentaes d'esta praça, sem rival no seu genero. No meio d'elles, o palacio dos Doges parece um diamante unico no meio d'um diadema. A primeira impressão que se recebe, em frente d'este edificio incomparavel, é a da novidade. Sente-se que é esta uma architectura sem precedentes, fóra dos generos, dos typos convencionaes e conhecidos. Comprehende-se então quanto é illimitada a invenção humana, quanto para alem das fórmas classicas ou gothicas, se abre ainda á imaginação creadora um

mundo a explorar, e chega-se a concluir que a Arte, n'isto semelhante á Natureza, póde violar todas as regras mais ou menos convencionaes e produzir todavia obras perfeitas. Com effeito, o palacio dos Doges, centro ao mesmo tempo da vida politica e da vida artistica de Veneza durante bons oito seculos, começado no anno de 813, continuado por differentes vezes até á conclusão no meiado do seculo XV, enriquecido pela esculptura e a pintura principalmente durante os seculos XVI e XVII, reflecte todo o desenvolvimento espontaneo e original do genio veneziano. Não é byzantino, nem gothico, nem mourisco: é tudo isto ao mesmo tempo, mas por um modo seu, combinando estes elementos d'uma maneira particular, imprevista, genial. Com espanto, mas um espanto agradavel, vemos aqui a phantasia oriental collocar audaciosamente os cheios sobre os vasios, em vez de assentar o vasio sobre o cheio. Sobre uma columnata de fustes potentes assenta uma segunda ligeira e esbelta, toda rendilhada de ogivas, e sobre esta base, ao parecer tão fragil, ergue-se um muro maciço de marmore. Por cima d'este muro, tão extraordinariamente erguido, corre uma cornija de pyramides canelladas, de agulhas, de corucheus, de festões, como uma cercadura bordada, uma renda de marmore. É impossivel levar mais longe a inversão de todas as regras estabelecidas, e produzir ao mesmo tempo impressão mais agradavel, mais perfeitamente esthetica. Entra-se: é um verdadeiro deslumbramento. Em volta de duas cisternas, revestidas de bronze esculpido, quatro fachadas monumentaes ostentam a riqueza das suas formas architectonicas e as suas estatuas, onde brilha o gosto da Renascença no seu periodo juvenil. Nada nu ou frio: tudo tem figura e relevo.

Estamos longe das épocas pautadas, longe dos monumentos convencionaes, em que um gosto pedantesco, com o pretexto da correcção e da medida, faz arrefecer a invenção viva e sincera. Vê-se que os artistas venezianos não tiveram em vista conformar-se ás regras de Vitruvio e merecerem o applauso dos eruditos, mas simplesmente agradar aos olhos e á imaginação. Para isso, em vez de copiarem os modelos consagrados, deram largas á propria imaginação: ornaram, bordaram, se assim se pode dizer, sobrepuzeram columnas e estatuas: fizeram não uma obra correcta, mas uma obra alegre e rica. Vêem-se colossos pagãos, Marte e Neptuno, em face de figuras biblicas, Adão e Eva. Rizzo e Sansovino accumularam aqui os marmores preciosos das suas escadarias, os estuques phantasiosos, os caprichos elegantes dos seus arabescos. Armaduras e ramagens, grifos e faunos, nymphas, plantas marinhas, animaes phantasticos, tocam-se, confundem-se, e estes contrastes, em vez de parecerem disparatados, agradam, alegram a vista. Como são nobres e verdadeiramente principescas estas amplas escadarias, como trazem logo á idéa os personagens magnificos e theatraes dos quadros de Ticiano e Tintoreto, doges, senadores, almirantes, com as suas simarras de seda, as suas pomposas dalmaticas, as suas tiaras byzantinas, magnificencias senhoris em proporção e harmonia com esta architectura, que para ellas effectivamente foi feita. No alto d'esta escadaria, um grande quadro de Tintoreto mostra-nos um São Marcos, gigantesco e formidavel como um Saturno, tendo ao lado duas soberbas figuras de mulheres, a Força e a Justiça, de cujas mãos um Doge recebe a espada do governo. Eis-nos agora nas grandes salas de estado. Todos os mestres da

grande escola veneziana concorreram para adornar estas salas, verdadeiramente imponentes. Estão aqui todos, Ticiano, Tintoreto, Veronese, Palma, Pordenone, assim como os esculptores Palladio, Aspetti, Sansovino. É como se o genio todo da grande cidade se tivesse aqui concentrado para glorificar a patria, traçando com o pincel e o escopro o memorial das suas victorias, pintando e esculpindo a apotheose da sua grandeza. Não ha em todo o mundo um tropheu igual: batalhas navaes, navios de longa proa recurvada, como colos de cisnes, galeiras embandeiradas, estandartes desfraldados ao vento do mar, tropel tumultuoso de combatentes que se chocam, multidões illyrias, sarracenas, gregas, corpos nus bronzeados pelo sol, estofos entretecidos com fios de ouro, armaduras esmaltadas, toda a pompa heroica da historia de Veneza, desfilando de Zara a Damietta, de Padua aos Dardanellos! É um espectaculo prodigioso, que não pode descrever-se. Entre esses quadros, um, o Paraiso de Tintoreto, é o mais vasto que se tem pintado: mede noventa pés em largura sobre trinta de alto: contam-se n'esta téla enorme nada menos de 600 figuras. Segundo o professor Ruskin, as partes mais antigas do edificio são o lado oriental, e a fachada que dá sobre o mar. Na opinião d'este illustre archeologo, já no seculo IX havia aqui um palacio construido para servir de habitação aos Doges e para as deliberações do senado, quando os Venezianos decidiram fixar na ilha do Rialto a séde do governo da Republica. Se ainda no edificio actual se conserva encravada alguma parte d'esse primitivo palacio é o que já hoje se não póde decidir. Ruskin só se julga authorisado a affirmar que era este o sitio do edificio do seculo IX, cuja frente olhava a actual

Piazetta. Esse primeiro palacio ducal conservou-se, apenas levemente alterado, até aos primeiros annos do seculo XIV, quando começou a construcção do palacio actual, a que Ruskin chama gothico, designação que conservaremos como vinda de tal mestre, mas fazendo observar que estas palavras, *gothico*, *byzantino*, *mourisco*, não podem ser empregadas, quando se trata do estylo singularmente livre e phantasioso da architectura veneziana, senão no sentido mais lato, e nunca como termos d'uma classificação rigorosa. Fique isto dito por uma vez: Veneza, ao mesmo tempo que era incapaz de crear um estylo do todo o ponto novo, não quiz tambem sujeitar-se ás regras precisas dos estylos de que se inspirava, imitando-os livremente, alterando-os e ás vezes confundindo-os. É esta a sua originalidade: crear alguma coisa nova e imprevista com elementos anteriores e conhecidos: *non novim sed nove*. Posto isto, podemos sem inconveniente chamar com Ruskin, *gothico* ao actual palacio dos Doges, começado nos primeiros annos do seculo XIV. A edificação d'esse novo palacio liga-se intimamente ás novas condições politicas do Estado veneziano n'aquelle seculo, quando a Republica, atravessando uma d'essas crises organicas que são proprias do crescimento das nações, alterou a sua constituição, transformando-a de democratica em aristocratica. O Senado usurpou ou assumio a authoridade legislativa, que até então residia na assembléa geral do Povo, e este engrandecimento da sua fortuna politica reflectio-se naturalmente no engrandecimento do edificio que manifestava, por assim dizer, materialmente, a importancia d'aquella alta corporação. Assim pois, como observa Ruskin, este edificio marca uma época na historia de Veneza. E accrescenta: «assim

como o palacio byzantino era coevo, na sua fundação, com o estabelecimento do Estado, assim tambem o palacio gothico é coevo com o estabelecimento do poder aristocratico». A construcção começada no principio do seculo XIV, proseguio gradualmente, até incluir o claustro central: muito provavelmente, a fachada do lado do mar só se concluío em 1423, quando se acabou tambem a Salla del gran Consiglio. N'esse momento, o Senado veneziano pareceu de repente atacado d'uma d'estas bellas paixões de economia, paixões passageiras, mas a que todos os senados estão mais ou menos sujeitos. Mandou suspender os trabalhos, resolvendo que se conservasse toda a parte do antigo palacio do lado da Piazetta e decretando ao mesmo tempo a prohibição de se propor em qualquer tempo a continuação da obra, com multa de mil ducados para o transgressor! Este facto extravagante é todavia authentico, e pode ler-se na bella chronica Veneziana de Marino Sanuto. Houve felizmente um Doge, o famoso Mocenigo, que, depois d'um fogo, que damnificou seriamente o palacio, ousou propor em pleno Senado a continuação dos trabalhos, juntando ao mesmo tempo á proposta uma bolsa com os mil ducados. Os senadores, que, apezar da sua terrivel reputação, tinham imaginação e eram artistas, approvaram a proposta por acclamação decidindo que os mil ducados fôssem sim recebidos, mas como dom voluntario do Doge para a continuação da obra. «No dia 27 de março de 1424, diz Ruskin, soava o primeiro golpe de martello sobre os muros byzantinos do velho palacio de Ziani, condemnado a ser demolido. Era o primeiro acto do periodo da Renascença e o primeiro golpe na architectura de Veneza e na propria Veneza.» Esta ultima phrase ressente-se

singularmente das exageradas preoccupações politicas e artisticas de quem a escreveu. Como se sabe, o illustre archeologo e critico inglez é partidario exclusivo e quasi fanatico, em Arte, da Idade-Media, em politica, da democracia. D'ahi o seu desdem, que encobre uma especie de colera, contra a architectura e a pintura da Renascença, d'um lado, do outro lado, contra as sociedades aristocraticas e as suas obras. N'isto o bom senso, o gosto e o saber do eminente critico são compromettidos gravemente pelas tendencias estreitas e puritanas do espirito inglez. Que a aristocracia no seu tempo e no seu lugar, póde ter muito de bom, provalh'o sem ir mais longe, o exemplo da sua propria Inglaterra. Que, particularmente, em Veneza, foi a fórma aristocratica que transformou a pequena e humilde colonia de refugiados n'um grande Estado, que chegou a ser um Imperio, é o que reconhecem os historiadores ainda da escola mais radicalmente democratica, como Sismondi e Ferrari. Quanto á Arte da Renascença, o seu defeito não consistio, como pretende Ruskin, em ter sido uma reacção contra o estyo byzantino, em pintura, contra o estylo gothico em architectura. Antes da Renascença, e ainda no seculo xv, já o gothico declinava por toda a parte, corrompido pela exageração do seu proprio principio, emquanto a pintura byzantina inerte, immovel, não conseguia, depois de dez seculos, sair do periodo hieratico, antes retrocedia á força de exageração purista, canonica, conservadora. O mal, o defeito da Renascença, ou antes do movimento saido da Renascença, depois de exgotado o seu impulso primeiro e genial, foi a superstição da antiguidade, das regras classicas, o culto do convencional, que acabou por suffocar toda a inspiração. Mas

esse é o periodo da decadencia. A architectura da Renascença deve ser estudada e apreciada em Bruneleschi, em Bramante, em Miguel Angelo, e não em Bernini, apezar do seu raro talento. Deve ainda ser estudada e apreciada em Veneza, onde a liberdade e audacia singulares do genio veneziano reagiram quasi até ao ultimo momento contra a exageração vitruviana, contra o fanatismo cultista. Menos regular, menos classica, a architectura veneziana da Renascença tem uma graça viva, uma originalidade phantasiosa, que difficilmente se encontrarão n'outra parte, e é pena lastimar que um tão grave erudito, um tão fino critico como o illustre professor inglez, nos venha dizer « que o primeiro signal da Renascença em Veneza, foi o primeiro signal da destruição da Arte veneziana ». Tamanhas allucinações põe ás vezes o espirito de seita, ainda nas melhores cabeças! Antes de darmos costas ao nobre palacio dos Dandolo, dos Mocenigo, dos Sanuto, lancemos ainda um olhar, que o merece, áquella grave ponte que ali está, fechada e impenetravel como um segredo de Estado, ligando por cima do canal deserto o brilhante paço ducal com um outro edificio, bem differente d'elle, pesado, triste e sem ornatos, mas que, apezar d'isso, lhe era n'outros tempos absolutamente correlativo. Aquelle sinistro edificio é a antiga prisão de Estado de Veneza, e esta ponte coberta, por onde communica com o palacio dos Doges, não é outra senão a famosa e poetica ponte dos Suspiros. Poetica, dizemos nós, por ter sido cantada por poetas; mas triste e sinistra poesia! Por ali passavam, por aquella galeria, como já no caminho do eterno esquecimento, aquelles que a politica inexoravel do illustrissimo Senado decidia deverem desapparecer, por perigosos ao

Estado, da scena do mundo: não humildes reus, mas os mais altos potentados, generaes, senadores, membros da aristocracia. Esses julgava-os e condemnava-os o Senado directamente, e sem mais transição passavam da nobre Sala del Consiglio para a escuridão da masmorra, d'onde só mortos sairiam. É a lembrança d'esses dramas mysteriosos, filhos da politica tenebrosa da illustre Republica, que dá a esta ponte não sei que lugubre poesia. A ponte, como tal, nada tem de notavel: é feia e pesada. Mas quem, sobre tudo de noite, passa debaixo d'aquelle arco maciço e olha para cima e se lembra das tragedias, das agonias, dos crimes, cuja idéa esta simples palavra Ponte dos Suspiros traz ao espirito, experimenta uma impressão poderosa, que difficilmente lhe esquecerá.

Contornemos agora o palacio ducal e atravessemos de novo a praça de São Marcos. Lancemos de passagem um olhar a estes bandos de pombos, que esvoaçam alegremente, ou pousam familiares no meio da praça, sem que a vista dos transeuntes os assuste, porque ninguem ousa maltratal-os. São tambem historicos, e como taes illustres, alimentados pelo municipio e protegidos solicitamente. Segundo uma tradição, que nada tem de inverosimil, estes pombos são os descendentes de certos pombos correios por meio dos quaes Dandolo, durante o cerco de Candia, no seculo XIII, recebia noticias da ilha e finalmente a do triumpho dos venezianos. Como os gansos sagrados do Capitolio, os descendentes d'estes pombos passaram desde então a ser sustentados á custa da Republica. O que se não comprehende é como propagando-se livremente e protegidos desde então, isto é, ha uns bons 600 annos, sejam hoje apenas alguns centos e não mi-

lhares e até milhões, segundo pedia a progressão natural. Estes pombos *municipaes* fazem lembrar, alem dos gansos do Capitolio, os ursos de Berne e os corvos da Sé de Lisboa.

Eis-nos finalmente em frente de São Marcos. O leitor não pode esperar encontrar aqui o que se chama uma descripção d'este grande monumento. Para o fazer cabalmente, por modo intelligivel e que aproveitasse, seria necessario um volume. Parece-nos preferivel, em vez d'uma descripção acanhada e confusa, e portanto inutil, dar simplesmente a impressão geral, e para isso recorreremos ás palavras eloquentes d'um illustre critico francez, já atraz citado. Difficilmente encontrariamos melhor interprete e mais autorisado. Eis como se exprime o Snr. H. Taine, no seu bello livro *Voyage en Italie*. « Os venezianos foram a Constantinopla, e trouxeram de lá, para as suas igrejas, as fórmas arredondadas, os arcos semi-circulares, as cupolas globosas, tão caras á architectura byzantina. Mas ao implantal-as no sólo patrio, transformaram-n'as, e a Igreja de São Marcos differe tanto de Santa Sophia, quanto differe uma nação joven, conquistadora e inventiva d'um velho imperio grave e compassado. Vendo-a, os architectos soltam exclamações indignadas, não podem dar dois passos sem verem violadas as regras e confundidos os estylos. Não era possivel sobre este chão movediço, copiar a enorme cupola de Santa Sophia: pois bem, em vez d'uma grande, fizeram cinco pequenas, alargando-as exteriormente em forma de bolbo, com flechas e ornatos exoticos. É que a phantasia creadora, ainda copiando, não se deixava prender pelo canon hieratico do modelo. A phantasia aqui, como por toda a parte em Veneza, é senhora e rainha.

Desde o peristylo, conhece-se-lhe o imperio exuberante. A nudez antiga dos arcos do portico foi adornada com um revestimento cannelado, que projecta em pontas gothicas a sua grinalda de estatuetas. Leves e finos corucheus vieram collocar-se sobre os contrafortes. Quinhentos columnellos de porphyro, de marmore verde, de serpentina, sobrepuzeram e apertaram sobre as fachadas os seus andares incoherentes, os seus bustos classicos ou barbaros, o acervo magnifico das suas pedras multicolores. Portas sarracenas rasgam-se aqui e alli entre capiteis extravagantes, onde aves, liões, folhagens, espigas, cruzes, se complicam em desenho emaranhado e phantastico. No tecto, mosaicos innumeraveis desenrolam mil scenas biblicas concebidas e executadas com a simpleza e a inhabilidade infantil das enluminuras dos velhos missaes gothicos. Reconhece-se em tudo isto o homem da Idade-Media, requintado e perturbado pelo christianismo, desdenhando o simples e chão para procurar insaciavelmente o complexo e o multiplo, e bordando inquieto sobre a téla classica importada, uma decoração gotica original. Acrescentemos que esse homem, em Veneza, era alem d'isso marinheiro e viajante. Tendo visitado, alem dos mares, as basilicas byzantinas e as mesquitas mahometanas, precisava de amontoar os marmores, os bronzes, os reflexos scintillantes do ouro e da purpura, para exprimir no seu christianismó a poesia faustosa e complexa com que o penetrára o espectaculo deslumbrante do Oriente... Entremos. Não póde haver maior contraste, e mais singular, do que esta passagem repentina da praça de São Marcos, ampla e alegre, cheia de luz e de animação graciosa, para o interior da basilica. Descem-se dois degraus, e eis que os olhos

mergulham repentinamente na purpura tenebrosa d'um sanctuario pequeno, de fórma desconhecida, cheio de reflexos amortecidos, apertado e sobrecarregado como o subterraneo em que um pachá guarda os seus thesouros. Duas unicas côres mas as duas mais poderosas, o revestem de cima a baixo: uma a do marmore de veios avermelhados, que luz nos fustes das columnas, nos muros, nas lages do pavimento: outra, a do ouro que brilha nas cupolas, incrustado nos mosaicos, e como que atrae e fixa a luz. É um tom indiscriptivel o d'este brilho poderoso no meio da quasi escuridão do estreito recinto. A pouca luz que penetra vem de cima, filtrada atravez de vidros coloridos. Fórmas innumeraveis, pilares sobrecarregados de esculpturas, bronzes, candelabros, centenares de mosaicos, parecem ondular no ar, onde fluctuam em atomos luminosos os contrastes da noite e do dia... Estes architectos dos seculos XI e XII tinham um modo de sentir unico e só d'elles. Meios byzantinos e meios arabes, transbordava-lhes da imaginação uma poesia desconhecida aos barbaros do Norte. Não exprimiam como elles uma tristeza idealista, um infinito vago. Havia no fundo das suas imaginações uma alegria meridional, que se exprime na côr intensa com que impregnaram a sua igreja, n'este revestimento continuo de mosaicos brilhantes, n'estas galerias esculpidas, n'estes pulpitos, n'estes balcões, na rica decoração d'estas portas arabes ou gothicas. Mil contrastes, que n'outra parte pareceriam disparatados, imperfeições evidentes, filhas da inhabilidade, harmonisam-se aqui, fundem-se, perdem-se na impressão geral e não se dá por ellas. Em volta do altar-mór, as quatro columnas que sustentam o baldaquino quasi desapparecem sob uma profusão de figuras,

que as revestem cada uma no seu nicho, desde a base até ao capitel. Consideradas uma por uma, são imperfeitas, semi-barbaras: denunciam immediatamente o esforço vão e a impotencia d'uma arte incipiente. Considerae-as porém no seu conjuncto, a oito ou dez passos de distancia: o effeito total é admiravel. Ha n'esta multidão indistincta, uma força expressiva, que se impõe, impressiona, domina. O artista medieval, incapaz de exprimir a individualidade, tem o sentimento do conjuncto, das massas. Não comprehende, como o artista grego ou como mais tarde, o artista da Renascença, os traços definidos, caracteristicos do individuo: mas vibra n'elle poderosamente o sentimento das grandes collectividades, a alma das multidões christãs, oppressa e grandiosa ao mesmo tempo, sob o veo religioso da Idade-Media. É este sentimento intenso e apaixonado que anima estes mosaicos hieraticos. Vieram de Constantinopla os artistas, antes operarios, que os fizeram: denunciam-se bem na insignificancia, na impotencia d'uma arte ao mesmo tempo decrepita e infantil, que tal foi a arte byzantina. Falta a expressão, falta o traço individual e falta a observação da natureza viva e real. É tudo mesquinho, frio, insignificante. Mas coisa singular, o povo joven que recebeo essas figuras do povo decrepito, soube fazer com ellas um conjuncto harmonico e bello. A obra hieratica e inexpressiva entrou como um fragmento na obra inspirada e sincera. A distancia e no meio d'esta profusão, não se notam já as anomalias quasi ridiculas das figuras hirtas e mecanicas. O que se sente é a impressão poderosa da multidão. Sente-se a gente no meio d'uma assembleia de santos, d'uma historia infinita, de todo o ceu legendario. Esquecemos os promenores, para

nos deixarmos possuir pelo sentimento do todo, nobre, profundo, religioso. Assim fez tambem a antiga Veneza heroica e piedosa; e foi por isso que, durante seculos, prodigalisou as suas riquezas, o seu trabalho, as suas conquistas. Era este o mundo ideal que a sua fé entrevia, tão vivo para ella, tão povoado como o mundo real.» O leitor não nos perdoaria a impertinencia, se, depois d'estas paginas realmente eloquentes tentassemos ainda acrescentar alguma coisa a respeito de São Marcos. Passemos pois adiante, com a satisfação de termos encontrado no caminho um tal *cicerone*.

Ainda uma volta pela cidade, ainda uma visita a uma igreja: será a ultima. No meio d'uma praça, eleva-se a estatua equestre de Collione, um dos grandes generaes da Republica. É a primeira estatua equestre fundida na Europa depois da queda do Imperio romano. Foi seu autor Verochio, encarregado d'esse trabalho no anno de 1470. O facto d'esta primazia, mais do que o merito absoluto da obra, que pecca pelo excesso de *realismo*, como hoje se diz, torna notavel esta estatua, que é simplesmente um retrato do famoso *condottiere*. Defronte d'ella está a igreja de São João e São Paolo. É uma igreja gothica, d'um gothico italiano, o que quer dizer alegre. Os pilares redondos, os arcos largos, os vidros quasi todos brancos, afastam do espirito as idéas funebres e mysticas que suggerem as cathedraes dos paizes do Norte. Como o Campo Santo de Pisa, como Santa Croce em Florença, esta igreja está cheia de tumulos. É o mausoleu, a necropole historica da Republica. Doges, generaes, almirantes, quasi todos os personagens que representaram um papel na historia de Veneza, teem aqui o seu tumulo. Pela maior parte, são do seculo xv, ou do co-

meço do seculo XVI, o periodo mais brilhante da nação, aquelle em que os grandes homens e as grandes acções encontraram, para as celebrar, a grande arte que renascia. D'estes monumentos uns mostram-nos a aurora d'aquella grande luz, outros o seu esplendor, outros finalmente o declinar. Póde assim seguir-se, como observa Ruskin, n'uma serie de sepulcros, a historia do genio veneziano, desde o nascimento atravez da virilidade, até á decadencia. No monumento do Doge Morosino, que tem a data de 1380, a fórma gothica apparece-nos, elegante já, mas ainda pura. Simples na concepção, sobrio de ornamentação, representa na sua austeridade o verdadeiro typo do monumento funerario: simplicidade, elevação, gravidade. Já no tumulo do Doge Marco Corneri, que é de 1419, esta austeridade, toda medieval, apparece temperada pelo sentimento da fórma corporea viva, que ha de vir a ser o dominante no seculo seguinte. Esta transição do estylo da Idade-Media para o da Renascença é ainda mais sensivel no tumulo do Doge Venieri, que é de 1470. Certos promenores da ornamentação fazem já lembrar o seculo XVI. Á medida que nos aproximâmos d'esse seculo, até entrar n'elle, os tumulos de Mocenigo, de Marcello, de Loredan e de Pesaro, sente-se diminuir gradualmente aquella simplicidade austera da arte medieval. Uma especie de pompa heroica sobrecarrega o monumento funebre: as arcadas amplas, os finos arabescos, as fileiras de columnas com seus capiteis de acantho, os largos panejamentos bem lançados, as estatuas robustas e em attitudes variadas, tudo isto lhe dá uma nobreza grandiosa, uma expressão artistica imponente, que substituem a gravidade fria e immovel do periodo anterior. O monumento do Doge Vendra-

mini, já em pleno seculo XVI, póde dizer-se marcar o apogeu da arte da Renascença. N'este monumento, a gravidade antiga subsiste ainda, mas combinada agora com o gosto pittoresco, com a liberdade, com o poder expressivo do estylo da Renascença. Tudo n'esta obra prima denuncia a idade poderosa e limitada em que o artista, reduzido a cinco ou seis sentimentos energicos, concentra n'elles uma sensibilidade intacta e faculdades completas, que mais tarde, pelo effeito do proprio desenvolvimento, hão de vir a dispersar-se.

Este monumento, com mais dois ou trez do mesmo periodo, marcam o apogeu da arte da Renascença. Com o seculo XVI acabam as grandes paixões, e com ellas os grandes pensamentos e a grande arte. Os tumulos do seculo XVII, pomposos e vasios de expressão, são apenas, segundo a phrase de Taine, «grandes maquinas de opera». Um requinte de ornamentação, um luxo emphatico, tão improprio de monumentos d'esta ordem, servem apenas para patentear a ausencia do sentimento e da verdadeira inspiração. Este seculo cortezão e pedantesco, o seculo de Luiz XIV e de D. João V, não produzio, póde dizer-se affoitamente, uma unica obra verdadeiramente superior. O estylo é mau, como são acanhados os pensamentos, como são mesquinhos os costumes da epoca. A extincção da vida politica collectiva, da livre iniciativa, juntamente com a timidez da intelligencia, entorpecida pelo excesso da disciplina ecclesiastica, reduziram a arte a uma impotencia real, sob as apparencias do fausto apparatoso e cortezão. Mas as côrtes são más escolas de independencia, e onde não ha independencia não póde haver verdadeira inspiração, arte verdadeira. O seculo XVII não é um cidadão, cheio de grave sentimento da sua

independencia e da sua responsabilidade: é simplesmente um cortezão, um ente brilhante e mesquinho, que fita de continuo a face do principe, para sorrir se ella sorri, entristecer-se se ella se obumbra, reflectindo sempre um sentimento alheio, como um espelho, polido mas sem vida propria. É por isso que a sua arte é tambem uma arte de reflexo e de imitação, de apparato e de impostura. No fundo, apezar da sua luxuosa ostentação, verdadeira arte de decadencia. Parêmos pois aqui, que não temos realmente mais nada a ver. Lancêmos ainda um olhar aos nobres monumentos dos seculos XV e XVI, tão cheios de sentimento profundo na sua simplicidade, saudêmol-os como os testemunhos d'um dos mais bellos momentos do espirito humano, e deixemos a necropole historica de Veneza. Veneza, tambem temos de a deixar... Chegámos ao termo da nossa peregrinação. Saiâmos de Veneza com esta impressão ultima, a impressão dos tumulos, que é austera mas salutar. Em Veneza tudo falla do passado, por conseguinte da morte. E o que é a historia, essa agitação de ephemeros, durante um momento, entre duas eternidades, mais do que o proemio da morte e uma necropole successiva? (1).

(1) Reproduzido da *Europa Pittoresca*, tom. I, págs. 60-87. Paris, 1881. *(Nota do editor.)*

ÍNDICE

Pág.

O sentimento da immortalidade 1
Espontaneidade 15
O futuro da música 26
Portugal perante a revolução de Hespanha 47
Poemas do Macadam 83
Programma das conferencias democraticas 90
Causas da decadencia dos povos peninsulares nos ultimos tres seculos 92
Carta ao Ex.mo Sr. Antonio José d'Avila 141
Protesto contra o encerramento da sala das conferencias democraticas 153
Resposta aos jornaes catholicos. 154
Requerimento 168
O que é a Internacional 170
Tendencias novas da poesia contemporanea 193
O «Fausto» do Sr. Visconde de Castilho 201
Os criticos do «Fausto». 206
Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza 208
Duas palavras a proposito do folheto do Sr. Theophilo Braga, mas não em resposta ao Sr. Theophilo Braga nem ao seu folheto. 241
«Theoria do socialismo, evolução politica e economíca das sociedades da Europa» por J. P. de Oliveira Martins. . . 255
A morte de D. João 265
Programma da «Revista Occidental» 271
«Da reorganisação social — Aos trabalhadores e proprietarios», por João Bonança 277
«O Japão: Estudos e impressões de viagem», por Pedro Gastão Mesnier 283

Pág.
Julio Michelet 288
Alexandre Herculano 296
Lopes de Mendonça 299
Acta do duello entre Cypriano Jardim e Camillo Castello Branco 306
No tricentenário de Camões 309
A poesia na actualidade 310
Normandia e Bretanha 327
Casas nobres inglezas 359
Veneza 391

OBRAS

DE

ANTERO DE QUENTAL

Publicadas:

OS SONETOS COMPLETOS — Conforme a 1.ª edição.

PRIMAVERAS ROMANTICAS — Conforme a 1.ª edição.

PROSAS — Edição conforme ao original. — Vols. I e II.

ODES MODERNAS — Conforme a 2.ª edição.

A sair:

PROSAS — Vol. III.

CARTAS — Nova edição, aumentada.

Pedidos à

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA

ANTERO DE QUENTAL

PROSAS

VOLUME III

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1931

PROSAS

Edição e propriedade de Couto Martins.
Lisboa

ANTERO DE QUENTAL

PROSAS

VOLUME III

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1931

Desta edição
fêz-se uma tiragem especial de 200 exemplares numerados.

N.º 63

PROSAS

PUBLICADAS ENTRE OS ANOS

DE

1884-1890

« LE PORTUGAL CONTEMPORAIN » — OLIVEIRA MARTINS

En dehors de la littérature proprement dite, le Portugal ne possède aujourd'hui qu'un seul écrivain réellement supérieur : c'est M. Oliveira Martins, l'auteur de la *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*. Définir son genre et le classer d'un mot me semble chose presque impossible, par la simple raison que ce mot n'existe pas encore : *socialiste* a un sens en même temps étroit et vague : *sociologiste* serait un barbarisme. Si, depuis les Grecs on a toujours écrit l'histoire, disserté sur la politique et plus ou moins observé l'économie et les mœurs des nations, ce n'est que depuis un demi-siècle à peine qu'on a été amené à étudier scientifiquement la Société, en la considérant comme un tout naturel et réel, dont les phénomènes sont susceptibles d'être ramenés à des relations générales et fixes, c'est-à-dire à des lois. De là la constitution d'un nouveau et dernier groupe de sciences, qui est venu s'ajouter à celles qui existaient déjà : le groupe des sciences morales.

M. Oliveira Martins (*socialiste* ou *sociologiste*, comme on voudra) s'occupe donc de sciences sociales, et, quoique jeune encore, mérite, par la profondeur de ses recherches, l'originalité et l'ampleur de ses vues et la fermeté de sa méthode, d'être rangé parmi les maî-

tres et promoteurs de ces études nouvelles. En outre, son estyle, par ses qualités de vigueur, de vie et d'élévation, quoique trop souvent incorrect et déparé parfois par le mauvais goût, fait de l'auteur de la *Bibliotheca das Sciencias* un écrivain de premier ordre.

Les premiers ouvrages de M. Oliveira Martins *(Theoria do Socialismo* et *Portugal e o socialismo)*, parus à Lisbonne vers 1873 et 1874, appelèrent sur les lèvres du petit nombre de personnes en état de les juger un *Tu Marcellus eris!* prophétique. Touffus d'idées hardies, mais encore mal définies, et auxquelles manquait une base solide de connaissances positives, obscurs e confus par le style, ces deux livres dénonçaient pourtant les maîtresses qualités qui font le penseur et l'écrivain d'ordre supérieur.

En effet, le germe des doctrines exposées plus tard dans la *Bibliotheca* s'y trouvait déjà formulé dès la première page dans ces mots: « La théorie du socialisme c'est l'évolution ». Depuis, la pensée laborieuse de notre auteur n'a fait qu'approfondir et développer cette idée, en l'étayant de solides études économiques, politiques et historiques.

Laissant là la manière sèche et étroite des économistes et leur méthode tout abstraite, M. Oliveira Martins conçoit la société comme un tout vivant, un être collectif qui, comme l'homme lui-même, est à la fois naturel et rationnel, sujet dans son développement à la double action des lois de la nature, auxquelles se rattache la sociabilité elle-même dans ses formes primordiales, et des principes juridiques et moraux qui sont le domaine propre et exclusif de l'humanité. La lutte, l'équilibre, la pénétration et l'opposition de ces deux éléments constituent, aux yeux de nôtre auteur,

l'être même de la société, dont le développement, changeant et variable comme celui de toute chose vivante, peut présenter des aspects très dissemblables et impropres: rien n'y est absolu, rien n'y est nécessaire, hormis les lois générales de la nature et l'essence rationnelle et morale de l'homme. La méthode des sciences sociales ne peut donc pas être abstraite: elle doit être, avant tout, historique.

C'est à ce point de vue, et non pas seulement en naturaliste et économiste, mais encore en juriste et moraliste, que M. Oliveira Martins s'est placé pour étudier dans sa *Bibliotheca* l'ensemble des phénomènes, — travail, distribution, propriété, classes, gouvernement, juridiction, culte, etc., — qui constituent le vaste domaine, encore imparfaitement jalonné, des sciences sociales. La *Bibliotheca* comprend déjà 12 volumes. En outre, M. Oliveira Martins a publié un Mémoire sur la *Circulation fiduciaire* et diverses brochures se rattachant toutes aux questions sociales. L'espace nous manque pour donner même une courte analyse de chacun des volumes déjà parus de la *Bibliotheca*, et il faut que je me borne à l'exposition sommaire que je viens de faire des idées culminantes et de la méthode de l'auteur. Mais je dois au moins appeller l'attention des personnes compétentes sur deux de ces volumes (*Quadro das instituições primitivas* et *O Regime das riquezas*), qui, par leur grande originalité de vues et de forme, mériteraient bien d'être traduits en français ou en allemand.

La fécondité de la méthode historique de l'auteur y devient évidente. A l'encontre des économistes orthodoxes, qui dessèchent la réalité humaine dans leurs formules et prétendent réduire la vie de la société à

une espèce d'algèbre inflexible, M. Oliveira Martins, plongeant en pleine réalité, nous montre l'origine variable et les formes multiples des institutions sociales assujeties dans leur développement non à des lois purement naturelles, comme le prétendent les économistes, mais avant tout à des raisons intimes et *humaines*. Jamais les fatalités naturelles n'y étouffent complètement l'être moral de l'humanité, et, même dans ses formes premières et plus rudes, la société apparâit comme le domaine de la liberté. La concurrence y joue un grand rôle, sans doute, mais contrecarré ou endigué par des forces juridiques et morales. La pure mécanique sociale, telle que la rêvent les économistes, n'y triomphe jamais non plus que cet individualisme abstrait qui serait plutôt l'idéal de la sauvagerie que celui de la civilisation. Celle-ci, loin de marcher de plus en plus dans le sens des fameuses « lois naturelles », tend au contraire à s'en affranchir, et la société, dont l'idéal est la justice et non la nécessité, va graduellement se rapprochant de ce type de raison et de liberté qui est l'être même de l'homme.

On voit, par ce rapide aperçu, que M. Oliveira Martins se rattache à l'école appelé en Allemagne des *Katheder-Socialisten:* il doit beaucoup aussi à ce puissant penseur, si mal compris encore aujourd'hui, P.-J. Proudhon. Mais, socialiste doublé d'un historien, il projette sur toutes ces questions une lumière qui les fait voir sous des aspects nouveaux en dehors du terrain forcément étroit des écoles et des discussions, et dans les larges perspectives de la réalité. Là est, à mon avis, sa principale originalité.

Je voudrais être bref; mais je dois pourtant dire encore quelque chose des deux ouvrages *(Historia de*

Portugal et *Portugal Contemporaneo),* qui M. Oliveira Martins a consacrés à l'histoire de notre pays, et qui se rattachent à la *Bibliotheca,* plutôt qu'ils n'en font partie. A première vue, ces livres semblent ne devoir intéresser que les seuls Portugais; on verra qu'ils ont une portée bien plus générale.

Le Portugal contemporain est une énigme que personne en Europe ne comprend et dont, même chez nous, bien peu de gens savent le mot. On cite généralement le Portugal comme un modèle des petits pays libres et sages: pas de révolutions ni de luttes de classes; la paix, le fonctionnement régulier du régime parlamentaire; on l'oppose souvent à l'Espagne, périodiquement convulsionée. Et pourtant ce pays modèle est — la Turquie exceptée — le plus mal administré qui soit en Europe. Après 50 ans de paix, sa dette publique est une des plus écrasantes et elle s'accroît tous les jours, car le budget portugais se solde régulièrement en déficit. L'esprit publique est nul en dépit d'une multitude de journaux ordinairement éphémères et tous plus insignifiants les uns que les autres, et la politique est devenue l'apanage, de haut en bas et de droite à gauche, d'une classe de gens à peu près ignares et tenus généralement en estime médiocre. Quant à l'armée, le moins qu'on en puisse dire est qu'elle est aussi fantastique que coûteuse, tandis que l'instruction populaire est lamentable et que l'enseignement supérieur (a l'excepction de deux ou trois écoles spéciales) est souverainemente pedantesque ou vide (1). Le seul

(1) En seul fait suffira. A l'École des hautes études littéraires *(Curso Superior de Letras)* de Lisbonne, la chaire de litterature ancienne est occupé par un monsieur qui ne sait pas un mot de grec — et, chose plus curieuse encore, parmi les membres du jury

sentiment national un peu perceptible est une espèce de haine sourde et instinctive contre l'Espagne, qu'on ne connaît pas, et, dans les classes cultivées, l'admiration béate de tout ce qui est français, qu'on suit à tort et à travers, dans les lois, les mœurs, la littérature et la langue même, qui va s'adultérant de plus en plus.

Voilà, on en conviendra, pour une nation réputée « le modèle des petits pays sages et libres », des aspects singulièrement imprévus !

La raison de ce remarquable phénomène de pathologie sociale est que Portugal est la seule nation en Europe *qui soit réellement vieille et caduque*. On peut lui appliquer les constitutions, les lois, les réglements et les phrases qu'on voudra ; rien n'y fait, car il n'y a pas de stimulants pour la décrepitude. Elle acceptera les libertés comme les coups, les constitutions comme les épidemies, avec le calme indifférent de l'insensibilité et de l'inconscience. De là sa paix profonde et son étonnante sagesse ; de là aussi un irrémédiable affaissement. Les contradictions sans nombre qui présente notre état social, politique et intellectuel, et qui déroutent l'observateur (pas un voyageur en Portugal n'a compris ce pays), n'ont pas d'autre raison. Les mots ne répondent plus aux choses, et les meilleurs lois ne sont que de petits chiffons de papier emportés de France. C'est un système de mensonge naïf et inconscient. La réalité, c'est cet affaissement irrémédiable d'un organisme national arrivé à l'extrême limite de ses forces vitales.

de concours qui l'a reçu (composé de professeurs du dit *Curso Superior* et de membres délégués de l'Académie Royale de Lisbonne), *pas un seul non plus ne connaissait le grec !*

L'étiologie historique de ce cas remarquable a été faite, pour la première fois, et supérieurement, par M. Oliveira Martins, dans son *Historia de Portugal*, tandis que son *Portugal Contemporaneo* fait toucher du doigt les contradictions incurables de la situation actuelle, issue, non de la raison consciente e d'un effort viril de toute la nation, mais des illusions plus au moins généreuses d'un petit nombre de révolutionnaires et de l'atonie des masses, sur lesquelles on faisait cette expérience doctrinaire: *in anima vili.* On y apprend à connaître le *quid* spécial de la révolution portugaise de 1834, la fatalité qui y menait et qui changeant tout à coup d'aspect, allait présider aux convulsions d'abord, puis aux mécomptes, aux désillusions, aux compromis lâches, et finalement au marasme actuel. Le *Portugal Contemporaneo* est l'histoire cruelle de cet avortement. L'auteur y fait, pièces en main et pas a pas, le procès de ce libéralisme bourgeois, en même temps abstrait et utilitaire qui, après 50 ans de domination incontestée, aboutit à une situation inextricable et de la débâcle imminente. Comme description détaillée d'un cas de pathologie sociale, ce livre, qui, sous d'autres rapports, n'intéresse que les Portugais, peut offrir un intérêt spécial à toux ceux qui s'occupent, en hommes de science et en philosophes, des choses de la société.

Les causes premières de cette maladie profonde à laquelle succombe actuellement la nation portugaise ont été mises en lumière par M. Oliveira Martins, dans son *Historia de Portugal.*

Em 1580, après la catastrophe d'Alcacer-Kibir, le Portugal était réellement mort. L'œuvre féconde et glorieuse de sa vie historique était accomplie; mais l'ouvrier héroïque gisait exténué. L'application en

grand, pendant trois quarts de siècle, d'un faux système d'exploitation coloniale avait ruiné le pays et troublé profondement sa constitution sociale: le jésuitisme, d'un autre côté, avait épaissi ou perverti son intelligence, brisé son ressort moral, faussé son libre génie, et, en étouffant tous les germes de l'esprit moderne que la Renaissance avait si abondamment semés, paralysé tout développement ultérieur et tué l'avenir. Philippe II, en réunissant le Portugal à la couronne d'Espagne, n'a donc fait que cueillir un fruit mûr. L'histoire du Portugal aurait dû finir à cette époque-là. La restauration nationale de 1640 a été un fait en grande partie artificiel, possible seulement par l'abbatement de l'Espagne, qui avait perdu sa force d'attraction.

Le nouveau Portugal, qui commence à cette date-là, n'a rien de l'autre, rien de sa force noble, de son hardi génie. Ce n'est qu'un triste bâtard, un être malingre et malvenu, le produit artificiel de la diplomatie, que son grand ami, l'Anglais hérétique, protège, rudoye, amuse et exploite. De sa seule force, il ne tiendrait pas debout: il est donc juste qu'il paye celui qui le soutient. Il le payera des restes de son noble héritage, de ses colonies, qui s'en iront l'une après l'autre grossir l'empire de la nouvelle reine des mers; il le payera encore en traités de commerce, qui le ruineront au profit de son loyal protecteur. Cela s'appella la glorieuse restauration portugaise de 1640 — œuvre néfaste entre toutes, qui démembra l'Espagne et compromit pour des siècles, peut-être pour toujours, l'avenir de la peninsule ibérique.

Mais, à côté de l'Anglais hérétique, le jésuite aussi avait travaillé à cette œuvre glorieuse: il reçut sa paye.

On lui abandonna complètement l'éducation, l'âme de la nation. Le Portugal a été, pendant deux siècles, plus encore que le Paraguay, le véritable paradis des jésuites. Leur produit spécial, leur œuvre de prédilection, le cagot, y arriva à la plus merveilleuse perfection. Le cagotisme a été véritablement le trait, le signe particulier du nouveau Portugal: c'est par là qu'l acquit une physionomie. Comme état de psychologie collective, il survécut à la destruction des jésuites, il a traversé les révolutions: il s'est accommodé du libéralisme, et, chose surprenante, de l'incrédulité elle-même! Il dure toujours, et la situation trouble, maladive, énigmatique d'aujourd'hui est avant tout son œuvre.

Voilà, aussi brièvement que possible, la vérité sur le Portugal moderne. Cette vérité n'était pas inconnue avant les livres de M. Oliveira Martins: on la pressentait plus au moins, en tâtonnant à travers le brouillard d'illusions séculaires et officielles: quelques-uns même avaient osé la formuler. Mais, seuls, les livres de M. Oliveira Martins l'ont déduite historiquement, c'est-à-dire, en présentant nettement les faits et en les ramenant à leurs causes. Dans ces livres si vivants, si incisifs, la forme est narrative et pittoresque, le fond est philosophique. C'est de la très ferme étiologie historique. En suivant l'histoire à travers la variété animée des scènes et des personnages, le lecteur s'aperçoit tout-à-coup qu'on lui a fait une démonstration en règle. Ce n'est pas là une des moindres originalités de la manière de M. Oliveira Martins.

Du reste, pour nous autres, tout est original dans ces livres, l'idée comme la forme, le point de vue critique comme la manière réaliste. Le Portugal, depuis sa Révolution, n'avait encore eu qu'un seul homme

supérieurement doué et fortement préparé pour le travail de l'histoire : A. Herculano. Mais, outre que Herculano ne s'est jamais occupé que de l'histoire antérieure à 1580 (qu'on peut considerer comme l'histoire d'une autre nation) il était trop dogmatique dans ses vues et trop raide et guindé dans son estyle, pour qu'on puisse trouver dans ses livres la vie et la philosophie, c'est-à-dire l'âme et la forme de l'histoire. Son œuvre puissant d'effort et de savoir, souvent éloquente, a suivi toutefois une direction trop particulière.

Pour les autres qui se sont occupés de l'histoire moderne du Portugal, Rebelo da Silva, en dépit de son admirable talent littéraire, n'a été qu'un médiocre rhéteur : Pinheiro Chagas n'est qu'un compilateur dénué de toute critique et même de toute idée. Ceux qui ont osé affronter les livres de M. Théophilo Braga ont eu quelquefois la consolation d'y rencontrer l'ombre d'une idée neuve et juste et quelques aperçus hardis ou ingénieux, trop vite noyés dans le fatras babylonien d'une érudition en délire. Les ouvrages historiques de M. Oliveira Martins restent donc originaux au premier chef et sans précédents dans nôtre littérature. Dans les littératures étrangères, ils se rattachent surtout à Michelet et Carlyle — avec moins d'imagination et d'intention poétique, mais avec plus de fermeté et de largeur dans les vues.

Vous allez croire maintenant que l'homme audacieux qui a osé dire à son pays les vérités les plus cruelles et les plus humiliantes pour sa vanité, doit être chez nous une espèce de paria, un lépreux tenu à distance par le monde officiel, quelque chose comme Proudhon l'a été en France sa vie durant ?

Rassurez-vous. M. Oliveira Martins est membre

de l'Académie Royale de Lisbonne et de l'Institut Universitaire de Coimbra.

Il a vu un de ses livres, et non pas des moins sévères *(A circulação fiduciaria)*, couronné par cette même Académie Royale. Le monde officiel le fête, le choye, l'aime de tout son cœur. Les ministres sont très heureux quand il veut bien se charger de quelque travail qui demande beaucoup de savoir et beaucoup de désintéressement. Je ne sache pas non plus que ces terribles livres aient eu de contradicteurs. En un mot, il ne tiendrait qu'a lui d'être l'homme du jour dans le pays qu'il a si malmené.

Etonnant, n'est-ce pas ? — Pour qui sait comprendre, ce simple fait en dit plus long que de gros volumes !

1884.

(1) Publicado *in-Revue Universelle et Internationale*, Paris, 1884. Reproduzido no opúsculo intitulado *Oliveira Martins*, Lisboa, 1894. *(Nota do editor).*

SOCIALISMO E PHILANTROPIA

No meio dos muitos symptomas de enfraquecimento e desordem moral, que a sociedade contemporanea apresenta, e que, no pensar de muitos, parecem indicar uma degeneração dos elementos mais intimos da civilisação, ha um facto consolador e que contrasta singularmente com aquellas tendencias morbidas: é o desenvolvimento extraordinario que a caridade tem tomado por toda a parte, se não como sentimento individual, o que é quasi impossivel verificar, pelo menos como facto social e collectivo, como caridade, digamos assim, civica e secular.

Esta especie, póde dizer-se nova, de caridade e caracteristica do nosso tempo, se não vem aureolada, como a outra, a das sociedades profundamente piedosas, por aquella poesia com que só a commoção intima e o sentir religioso têm o condão de revestir quanto elles inspiram e quanto d'elles sáe, tem ao menos por si o vulto e grandeza material, se assim se póde dizer, dos resultados que consegue. Subscripções abertas para accudir a alguma grande calamidade, que assola regiões inteiras e faz victimas aos milhares — inundações, terremotos, crises industriaes — junctam em poucas semanas sommas tão consideraveis, que só por centenas de contos se podem calcular.

E não é só extraordinariamente e com intermittencias que esta claridade civica opéra, mas tambem d'uma maneira regular e constante, por meio de instituições, que o seu espirito, mais forte que as doutrinas liberaes ou individualistas, tem imposto ao Estado moderno, como uma funcção nova, não prevista pelos publicistas doutrinarios. Debaixo do seu influxo irresistivel, o Estado moderno, apesar de theoricamente liberal, tornou-se de facto cezarista. É pae dos pobres e, como outr'ora os Cezares romanos, distribue a «annona» aos necessitados. N'esta esphera da caridade, não só civica mas official, a grandeza material dos resultados é, como se poderia prever, ainda mais consideravel: o simples orçamento das instituições de caridade official da cidade de Paris é de mais de 2:000 contos por anno — o orçamento do exercito de algumas nações pequenas!

Dir-se-ha (e tem-se dicto) que esta caridade secular é uma falsa caridade: que, se abstrahirmos dos resultados e considerarmos só o sentimento, acharemos nelle muita impureza, que o deturpa: que, finalmente, o bem que se faz, ou á custa do orçamento do Estado, ou por meio de subscripções espectaculosas, de concertos, bazares e bailes, onde impera mais que tudo a vaidade, póde ser cousa util, cousa recommendada até pela boa politica, mas não merece o nome sublime de Caridade.

Ha certa verdade nisto, e reconhecemos que não é esta rigorosamente a Caridade do Evangelho. É Philanthropia; — e o facto de ter surgido nas linguas modernas esta palavra nova só por si bastaria a mostrar (apesar dos apódos inintelligentes de certos puristas) que o sentimento que produz este grande phenomeno

social é distincto da Caridade propriamente dicta. O sentir geral teve d'isto uma noção obscura, e adoptou a palavra nova para exprimir uma cousa, que, apesar de não poder definir claramente, percebia ser nova tambem.

Mas o que é então esse sentimento novo? o que é e o que vale essa apregoada Philanthropia?

Vastas paginas escassamente chegariam para analysarmos e profundarmos este grande mas ainda obscuro ponto de psychologia social. Nos flancos d'esta palavra, que já hoje é tanto, está ainda mais do que o presente: está o futuro; e conforme ella for, assim será elle tambem.

Alguns dizem que a Philanthropia é a secularisação da Caridade. Eu cuido que não. A Caridade, sentimento affim das cousas metaphysicas e, por consequencia, das cousas religiosas, nunca será secularisada —da mesma fórma que nunca haverá uma religião secular, nem uma metaphysica nos limites do senso commum e practico. Ella, a sublime irmã da Poesia (e filhas ambas d'aquelle «primo Amore», de que fala o Dante), lá tem marcada a sua funcção, ou antes missão, na esphera das cousas ideaes, das cousas que estão no mundo, mas que não pertencem ao mundo.

A Philanthropia essa é do mundo: é practica e secular. A sua irmã não é a Poesia, é a Justiça. Sentimento obscuro ainda, vai mais longe, muito mais longe, do que as suas obras actuaes parecem indicar; e muitos que a trazem no seio, se conhecessem tudo quanto ha de sahir d'aquelle germen possante, talvez, aterrados, tentassem abafal-o. Ella é, na região ainda do sentimento, o prenuncio d'uma radical transformação nas noções da ordem social, d'uma concepção da so-

ciedade segundo as normas da pura Razão, e tal que, deante d'ella, a desigualdade, fonte e origem da miseria como cousa normal, tem de desapparecer, tem de ser varrida violentamente para o monturo barbaro das fatalidades historicas.

Quem, pois, diz Philanthropia diz, ainda que o não queira, socialismo e egualdade: jura por uma divindade encoberta, divindade que não conheceram nossos avós, e em cujas aras têm de arder em holocausto muitas cousas que respeitaram e até veneraram nossos paes.

Vingará esse germen extraordinario? Quem o póde dizer! É o segredo do futuro. Mas se ainda uma vez a Historia tem de mentir ás esperanças que nella tem posto a razão, não deixaremos porisso de ter como cousa, entre todas honrosa para o nosso tempo, esta comprehensão nova da sociedade, percebida pela intelligencia privilegiada de poucos com o nome de Socialismo, e sentida pela alma sympathica de muitos com o nome de Philanthropia.

(1) Publicado *in-Beja-Créche*, Número único, Coimbra, 1885. *(Nota do editor.)*

ESMOLA

Entre as victimas da barbaridade de sociedades materialisticamente industriaes, como a nossa, a victima maior e mais deploravel é sem duvida a mulher pobre. Se as ricas soubessem isto, se podessem calcular o peso afrontoso de soffrimentos, physicos e moraes, de miserias do corpo e da alma, com que uma sociedade madrasta esmaga as suas pobres irmãs desherdadas, empalideceriam, estou certo, no meio das suas festas, cheias de magoa e remorso da propria opulencia. Não o podem saber: os preconceitos fataes da posição e da educação como que cavam um valo profundo entre ricos e pobres, e a Fraternidade, ideal supremo dos corações humanos, só com o olhar desanimado, só com desejos impotentes e votos estereis transpõe aquelle valo, gradualmente tornado abysmo. O que as mulheres ricas fazem em favor das suas irmãs opprimidas é, não receiarei dizer-lho, pouco, bem pouco. É apenas uma gotta de agua doce lançada no oceano amargo e turbido da miseria crescente. Esse pouco, porém, se é socialmente cousa quasi insignificante, tem moralmente um valor, que lhe não regatearei. É um protesto, ainda que em parte inconsciente, da immorredoura voz da Fraternidade humana, abafada mas não extincta pela desigualdade social: Que esse sublime

instincto moral encontre o seu melhor refugio no coração feminino, é cousa natural. A mulher, disse Michelet, é por natureza Fada. Eu diria antes, que é por natureza Irmã de Caridade (1).

(1) Publicado *in-Esmola — Corbeille de versos e prosas.* Pôrto, 1885. *(Nota do editor.)*

O TALENTO E A VONTADE

Em 1869 escrevia Alexandre Herculano a um dos *novos* de então, a quem consagrava especial estima, e que depois tem sabido mostrar quanto essa estima d'um grande homem era bem empregada n'elle: «Sempre tive grandes duvidas sobre a doutrina da superioridade das intelligencias; isto é da differença de intelligencia a intelligencia, quando estas são completas. No que acreditava, na epoca em que pensava n'essas cousas, era na superioridade das vontades. O *querer* é que é raro, e tenho a consciencia de que fui um homem que *quiz* nas cousas litterarias.»

Parece-me que Alexandre Herculano, escrevendo estas linhas, não quiz contestar, como pode parecer á primeira vista, o facto da desigualdade das intelligencias. Esse facto é evidente. O que quiz, segundo entendo, foi contestar a importancia, que muitos reputam decisiva, d'essa desigualdade, no ponto de vista dos resultados, da acção da intelligencia nas cousas humanas. Como se dissesse: o que distingue entre si os homens e praticamente torna uns superiores e outros inferiores, é a vontade, a maior ou menor intensidade d'ella; emquanto que a intelligencia é apenas subsidiaria, apenas um instrumento ao serviço d'essa faculdade soberana: por isso, embora possa haver entre as in-

telligencias, comparadas independentemente de tudo mais, differenças consideraveis, effectivamente e no ponto de vista concreto da pratica e dos resultados é como se taes differenças não existissem.

Alexandre Herculano, como quasi todos os homens de grande caracter e forte sentimento moral, era pouco inclinado ás subtilezas da analyse psychologica e ainda menos ás especulações metaphysicas. Entretanto, se é correcta a maneira porque entendo as suas palavras, encontrou-se n'este ponto o seu vigoroso senso-commum e elevadissimo senso-moral com o resultado das mais subtis analyses psychologicas e especulações metaphysicas de Schopenhauer e do seu discipulo Hartmann. Sustentam com effeito estes profundos pensadores que a vontade é que é a essencia do ser, a sua base e verdadeiro *substratum*, emquanto que a intelligencia, faculdade derivada, segundo elles, é apenas o instrumento para os fins superiores e em grande parte inconscientes e mysteriosos da vontade; como quem dissesse: apenas a lampada na mão do mineiro.

No nosso tempo, em que, segundo a phrase de Lange na sua *Historia do Materialismo*, «o principio da intelligencia tem assumido um predominio perigoso» e em que a consideração pelo talento orça já quasi por uma verdadeira superstição, aquelle modo de ver deve afigurar-se a muitos como paradoxal e até ridiculo. Eu por mim tenho-o na conta de profundamente verdadeiro e considero o predominio do «principio da intelligencia» e a superstição extravagante do talento como um symptoma, senão da decadencia, certamente da grave perturbação moral do nosso tempo.

A intelligencia entregue a si mesma, tomando-se como fim de si mesma e não como meio para os fins

superiores da vida humana, por potente que seja, perverte-se e esterilisa-se. Essa intelligencia sem rumores e sem governo só leva ao scepticismo e, d'ahi ao desespero ou a uma indigna apathia epicurista. Em qualquer dos casos, suicida-se. O patriotismo, o amor da justiça e da verdade, a realisação dos ideaes da vida moral, tal é o seu fim, o fim de que ella tem de ser o instrumento, e é elle que estimulando-a e, se assim posso dizer, moralisando-a, a torna vivaz e fecunda. N'este caso a superioridade da obra, reagindo sobre o instrumento, tempera-o, engrandece-o, aperfeiçoa-o.

E é por isso que a qualidade do instrumento, considerado em si mesmo, a potencia maior ou menor da intelligencia, é cousa secundaria, quasi diria indifferente. A tempera da vontade, a energia com que affirma os seus altos fins, a paixão com que os ama e tende immutavelmente para elles, isso é que é vital e essencial. O foco e centro de toda a grandeza é esse: é ahi que a intelligencia se apura, se avigora e chega porventura ao genio, não pelo seu poder proprio, mas na proporção d'aquelle amor que a inspira e fecunda.

O grande Newton, a alguem que se extasiava deante do seu genio, respondia: «o genio é a paciencia». E d'outra vez: «quanto fiz, consegui-o simplesmente querendo sempre a mesma cousa e pensando sempre n'ella». Definição profunda e até sublime. O genio é a paciencia, a vontade constante, a constante attenção; por outras palavras: o genio é o amor, porque o amor é tudo isso, ou implica tudo isso. Quem ama verdadeiramente, quer e póde. O amor da patria, o amor dos homens, o amor da justiça, o amor da verdade transfiguram e elevam as mais vulgares intelligencias. Os

que sabem observar terão notado mais d'um d'estes admiraveis e instructivos exemplos.

Deixemos pois á turba dos espiritos superficiaes o culto vão do talento. Não confiemos, se nos queremos elevar acima d'ella, n'esses dons gratuitos e muitas vezes perfidos da natureza. Não é só o pão do corpo que tem de ser comido, segundo a expressão biblica, com o suor do nosso rosto. É tambem o pão do espirito. Abençoemos o esforço, manifestação da nossa intima liberdade, e confiemos só nas inabalaveis determinações que o sentimento moral inspira á vontade. Amemos e queiramos: o resto virá por si e nos será dado de sobra (1).

(1) Publicado *in-Consagração* — Número único, publicado pela Academia Alexandre Herculano, a-fim-de comemorar a data do nascimento de Alexandre Herculano (28 de Março) — Pôrto, 1886.

A «PHILOSOPHIA DA NATUREZA» DOS NATURALISTAS

I

Um livro sobre as modernas theorias transformistas, publicado em Paris e em francez, e firmado por um nome portuguez, é facto tão extraordinario, que por si só bastaria para attrahir as attenções. Mas no livro do snr. Vianna de Lima, não é só a extranheza do facto que deve chamar a nossa attenção: é ainda o seu valor intrinseco. Esta *Exposição summaria das theorias transformistas* é, como o titulo indica, uma especie de *summa* das doutrinas professadas sobre a philosophia da natureza por uma escola consideravel, cuja cabeça, E. Haeckel, é um dos nomes mais illustres, e justamente illustres, da Allemanha intellectual, na segunda metade do nosso seculo: e a obra do adepto não é indigna, nem pela intelligencia nem pelo saber, da escola nem do mestre.

Não sou naturalista e, tendo a consciencia da minha incompetencia, não me atreveria a escrever sobre a obra do sr. Vianna de Lima, se o seu livro fosse propriamente um livro de sciencias naturaes, e se os quatro estudos, de que se compõe, se conservassem escrupulosamente nos limites rigorosos do campo scientifico. O livro, porem, do snr. Vianna de Lima, apezar da

modestia do titulo, aspira de facto a ser um livro de philosophia da natureza, e, n'esse terreno, creio poder, sem temeridade, emittir algumas opiniões fundamentadas. Prestarei, assim uma homenagem ao moço portuguez (portuguez pelo nome e pelo sangue: ouço que é brazileiro) que tão galhardamente nos representa no grande mundo da intelligencia, aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para dizer alguma cousa sobre uma escola philosophica, cujos chefes respeito e cuja importancia não desconheço; mas cujas tendencias estão muito longe, em meu entender, de serem satisfactorias.

Alexandre de Humboldt, o naturalista encyclopedico e quasi legendario do primeiro quartel d'este seculo, costumava dizer causticamente, referindo-se á philosophia da natureza puramente especulativa, que então deslumbrava com os clarões do genio de Schelling e Hegel, não só a Allemanha pensadora, mas ainda a Allemanha scientifica, *que achava singularissimos aquelles naturalistas que pretendiam fazer chimica sem molhar a ponta dos dedos.*

Tinha razão.

Hoje, nós outros metaphysicos, podemos com igual razão dizer que são singulares estes philosophos, que, com os dedos mais que ensopados em chimica, pretendem fazer philosophia sem nunca se terem dado ao trabalho de reflectir.

Com effeito, a philosophia é, de sua natureza, especulativa, e a sciencia não póde ser para ella mais que uma materia prima.

Um homem de sciencia, por encyclopedico que seja, se não tiver ao mesmo tempo reflectido muito e profundamente sobre as questões puramente racionaes,

que a sciencia suscita e não póde por si resolver, reflectido sobre as ideas abstractas, que são, umas, postulados para as differentes sciencias, outras, principios ordenadores d'uma explicação geral das cousas, um tal homem de sciencia, apesar do seu encyclopedismo, não poderá nunca aspirar ao titulo de philosopho. Pode dizer que *sabe*, mas não que *entende*, porque o problema do universo, como problema total e concreto, será para a sua intelligencia, aliás opulenta de factos, tão obscuro, como é para a intelligencia dum simples e ignorante. A philosophia não é o mero ajuntamento ou ainda o quadro empiricamente ordenado dos factos do universo: é a comprehensão e explicação racional e total d'esse grande quadro. Ora, uma tal explicação só é possivel no ponto de vista das ideias ultimas e fundamentaes da rasão *(substancia, causa, fim)* e essas ideias teem por isso de ser tomadas em si, pesadas e analysadas. Não faz outra cousa a metaphysica; e sem metaphysica não ha philosophia, porque não ha verdadeira comprehensão racional, nem verdadeira e total explicação. Metaphysica (ou especulação) e sciencia (ou observação) são duas series convergentes, que partem de pontos oppostos e com leis de desenvolvimento diversas; mas, como são convergentes, encontram-se: o ponto onde se encontram e, sem se fundirem, reciprocamente se penetram, é que é a philosophia. A philosophia tem pois por materia a sciencia, por forma a metaphysica; ou ainda, a philosophia é a observação (quero dizer, os seus resultados) considerada no ponto de vista absoluta da rasão.

O desconhecimento d'estas verdades e o desdem pela metaphysica, filho em grande parte da reacção, aliás justissima, provocada pelos excessos e intoleravel

dogmatismo da especulação, na Allemanha, e pela sua insignificancia e convencionalismo, em França; e, por cima d'isso ainda, o maravilhoso desenvolvimento das sciencias naturaes, durante os ultimos 40 annos, deram de si o apparecimento d'uma pseudo-philosophia da natureza que se pretende positiva e puramente filha das sciencias e que julga ingenuamente poder resolver os intrincados problemas das idéas, sem ter o incommodo de reflectir e só com grande somma de physica, chimica e physiologia.

D'estes naturalistas philosophos o mais eminente, tanto pelo saber como pelo genio, é o apostolo de Darwin na Allemanha, o illustre autor da *Historia natural da Criação*, Ernesto Haeckel. É entre os discipulos de Haeckel que vem tomar logar, com o seu livro, o snr. V. de Lima.

Profano, não me é dado conhecer e dizer até que ponto a rigorosa verdade e o rigoroso methodo scientificos tem sido violentados pelo sabio e engenhoso, mas não menos phantasioso e temerario professor de Munich (1), para se dobrarem e acommodarem ás suas doutrinas geraes. Sei só que outros mestres eminentes, como Virchow, Helmholtz, Huxley e Du Bois-Reymond estão longe de se darem por inteiramente satisfeitos com a orthodoxia scientifica de muitas das affirmações do padrinho do *monero batybio*. A mim só me é permittido occupar-me com as ideias e tendencias propriamente philosophicas da escola monista-evolucionista, cuja cabeça é Haeckel; e o livro do discipulo, que se propoz resumir a doutrina, ser-me-ha occasião para fazer sobresahir (embora só em dois

(1) Aliás de Iena. *(E. P.)*.

pontos, mas capitaes ambos) a confusão e deficiencia na analyse das ideias, que impedem, a meu juizo, que a pretendida philosophia da natureza monista-evolucionista, apezar da imponente massa de sciencia sobre que assenta, attinja a verdadeira altura d'uma philosophia da natureza.

Monismo e evolução são as duas noções que formam a base da doutrina Haekeliana. Comecemos por indagar que ideia precisa envolve esta palavra — *monismo*. Parece-me que a palavra é que é nova, não a ideia. Tanto valeria dizer pantheismo, ou ainda materialismo, pois não encontro no fundo d'aquella expressão nada mais do que n'estas duas outras; a saber: uma concepção unitaria da substancia.

Esta concepção, porem, (na sua simplicidade e em quanto não fôr definida d'uma maneira particular) é propriedade commum de muitas escolas antigas e modernas e precisa sahir d'essa generalidade e indeterminação para poder caracterisar uma maneira especial de comprehender as cousas: assim o atomismo, assim o pantheismo de Spinoza, assim o idealismo realista de Hegel etc. Ora, é justamente essa falta de definição precisa, essa vaga de generalidade e indeterminação, que eu noto no *monismo* de Haeckel. *Monismo* parece-me apenas uma palavra nova (e muito dispensavel) e não a mais.

Com effeito, affirmar abstractamente a unidade de substancia é, no terreno da philosophia da natureza, pouca cousa: o que importa é definil-a. Definil-a é apresental-a nas suas relações com a realidade, é caracterisal-a na sua maneira de ser positiva, é mostrar, não como a concebemos *em si* (pertence isso á metaphysica), mas como a concebemos *realisavel*.

Uma materia abstracta, una e simples, apenas vagamente susceptivel de se manifestar por omnimodas modalidades, é uma base insufficiente para a philosophia da natureza; porque é uma base insufficiente para a sciencia. O que a sciencia exige e o que é preciso á philosophia da natureza é determinar n'essa infinidade de modalidades, qual é a fundamental ou elementar, aquella a que se reduzem todas as outras. Ora é isso justamente o que as sciencias da natureza teem feito, reduzindo todas as modalidades da materia ao elemento primordial *movimento*. Os monistas, sempre que fallam como homens de sciencia, adoptam (e não podiam deixar d'adoptar) esta concepção. Mas, como philosophos, em vez de receberem das mãos da sciencia este resultado, para o elaborarem e desenvolverem, caem no vago e em inextrincaveis confusões.

É assim que o nosso auctor começa por se declarar anti-materialista e pretende repellir o atomismo, affirmando que a materia não póde ser definida per esta ou aquella propriedade, mas que «para o monismo, a materia é o que é *in situ*... é aquillo que se manifesta aos nossos sentidos e ao nosso entendimento por modos diversissimos, sob forma de phenomenos infinitamente variados... pretender isolar (d'este conjuncto) certas propriedades, abstrahir certas qualidades, é grande erro... para elle (o monista) qualidades, propriedades especificas ou funccionaes, funcções, etc. são inherentes á materia em que se manifestam e formam com ella um todo indissoluvel». Entretanto, meia pagina abaixo, dá a entender que todas as propriedades da materia são fórmas do movimento e se reduzem a movimentos elementares: «a força é a propriedade ou a maneira de ser mais geral da materia... todas as forças são

reductiveis a movimentos... uma força não é mais do que materia em movimento». Mas, se isso é assim, a materia não é já «tudo o que é *in situ*» as suas propriedades não são já «inisolaveis e indissoluveis», nem é «grande erro abstrahir do conjuncto d'ellas certas propriedades», visto que, de facto, a materia é caracterisada por uma propriedade fundamental, o movimento, da qual todas as outras não são mais do que modalidades, ou, mais terminantemente, grupos e combinações de movimentos simples elementares. Seriamos assim levados ao dynamismo, concepção já mais precisa e mais pratica do que o vago e indeterminado monismo, e que, depois de Leibnitz, cada vez mais tem ido penetrando, ou antes, impondo-se á philosophia das sciencias.

Já por aqui começamos a ver quanto a concepção monista da materia é confusa e mal definida e, por conseguinte, pouco philosophica. Mas não o é só por isto. A confusão primeira faz-se sentir em todos os aspectos da ideia de materia. É impossivel, com effeito, passar-se naturalmente da noção d'uma substancia una, simples e apenas virtualmente susceptivel d'omnimodas modalidades, para a rica e quasi infinita variedade dos seres e qualidades de que se compõe a universal realidade. Que importa que essa doutrina sibyllina nos diga que a sua substancia una e simples é virtualmente susceptivel de toda a variedade de formas e qualidades? A questão está justamente em se saber como é que, sendo una e simples, tal substancia póde effectivamente dar de si o movimento e a variedade.

Sobre isto (e isto é justamente o nó vital da questão) é muda a doutrina.

Como é que essa substancia una e simples se de-

termina? como é que, sendo una e simples, se póde dar n'ella opposição, diversidade, movimento?

A concepção monista implica continuidade — e tudo no universo é descontinuo: implica simplicidade — e tudo no universo é complexo: implica inalterabilidade e indistincção — e tudo no universo é perpetua mudança, differenciação e instabilidade.

O nosso auctor levanta-se desdenhosamente contra o atomismo. Entretanto o seu monismo, ou é cousa nenhuma, ou tem de se resolver na ideia de atomo. Pois o que está no fundo da concepção atomista? A ideia da descontinuidade da materia. E tal ideia impõe-se: impõe-se como um facto á sensação; impõe-se como um postulado á sciencia, que, sem presuppor a descontinuidade, é incapaz d'avaliar e exprimir por numeros (e é esse o typo e a forma perfeita do conhecimento scientifico) seja o que fôr na successão dos phenomenos; impõe-se finalmente á especulação, que não póde conceber movimento onde não ha distincção, opposição e successão, e não póde pensar a distincção sem pensar *ipso facto* a descontinuidade.

Foi precisamente esta objecção que encontrou deante de si e contra a qual veio desmanchar-se a physica cartesiana com a sua ideia da materia-extensão.

Como se concebe o movimento n'uma tal materia? perguntava-lhe o atomista Gassendi. E Boileau, com o seu solido bom senso, resumia a questão nos dois versos celebres:

> C'est en vain que Rohault sèche pour concevoir
> Comment, tout étant plein, tout a pu se mouvoir

O snr. V. de Lima, levantando-se, com os seus mestres, contra o atomismo, e acceitando ao mesmo

tempo, com as sciencias physicas, a reducção da ideia de materia á de movimento, mostra mais uma vez a inconsistencia do monismo no terreno das ideias geraes da natureza e a falta de analyse segura que patenteia a concepção fundamental sobre que assenta.

Declamar contra o atomismo é facil: evitar com uma palavra vaga e ao mesmo tempo pomposa as difficuldades que envolve a concepção da materia, é mais facil ainda: mas não é isso o que se espera de verdadeiros philosophos; e uma tentativa de philosophia da natureza, só merecerá este nome, quando sobre a analyse das ideias de substancia, força e movimento se assente uma doutrina da materia que satisfaça ao mesmo tempo ás exigencias puramente racionaes da especulação e as mais praticas da indagação scientifica. Nada d'isto encontro no monismo de Haeckel e seus discipulos: o terreno sobre que pretendem construir está, quanto a mim, muito longe de ser solido.

II

Falta-me ainda encarar, n'esta esphera da ideia de materia, a concepção monista, sob um outro ponto de vista. É o da espontaneidade da materia.

O snr. Vianna de Lima affirma, por assim dizer, dogmaticamente, nas suas *Observações preliminares*, essa espontaneidade e protesta contra a physica da inercia: entretanto, todo o seu livro, toda a sua maneira de comprehender a evolução presupõe a inercia da materia. É que d'uma affirmação a uma theoria vae uma certa distancia, e não me consta que algum dos mestres do monismo tentasse ainda formular essa

theoria. O assumpto envolve com effeito uma difficuldade, que me parece exceder a capacidade especulativa dos doutores monistas.

A ideia da espontaneidade da materia (ideia puramente especulativa, em que peze ás pretensões do positivismo dos nossos naturalistas philosophos) parece estar em contradicção com a theoria da conservação do movimento, que domina nas sciencias physicas e já em grande parte nas sciencias da organisação.

Não vejo que a doutrina monista resolva, como ella póde ser resolvida, n'uma esphera superior, esta contradicção. Pelo contrario, no livro do sr. V. de Lima, pela maneira por que o principio da conservação do movimento é applicado, sem a menor reserva ou explicação, desde a physica até á psychologia, e a evolução apresentada como o exclusivo resultado do puro mechanismo, a espontaneidade da materia, praticamente e apesar das affirmações preliminares, é constantemente desconhecida, ou antes, é negada implicitamente a cada instante. De facto, é como se o livro todo não tivesse outro fim senão destruir a these estabelecida nos prolegomenos — these que todavia é, philosophicamente, o seu fundamento. Com effeito, se havemos de entender que todo o movimento, seja de que ordem fôr, é não só condicionado por um movimento anterior, mas realmente e exclusivamente uma transformação d'esse movimento anterior, é claro que tal concepção do movimento exclue *in limine* a ideia de espontaneidade. A condição passa a ser causa: o effeito, mera prolação da causa, é uma apparencia sem ser proprio, sem autonomia.

Consideremos mais de perto a contradicção que d'aqui resulta. Se, por um lado, a materia em geral

é dotada d'espontaneidade, isto é, se o movimento lhe é inherente; mas se, por outro lado, qualquer movimento particular e todo e qualquer movimento se reduz no fundo, a uma simples transformação das acções anteriores que o condicionam; pergunta-se: como se consegue então a espontaneidade geral e theorica da materia? Se o movimento A se reduz a uma simples transformação do movimento B, que o condiciona e não é por isso espontaneo, o movimento B está para com o movimento C, que por seu turno o condiciona, exactamente na mesma relação, assim como o movimento C para com o movimento D, o movimento D para com o movimento E e assim indefinidamente — de sorte que em parte alguma se encontra movimento espontaneo. O que significa, pois, a espontaneidade attribuida theoricamente á materia? E, sobre tudo, como se explica o proprio facto do movimento, que d'este modo está em toda a parte sem estar em parte alguma? que é por toda a parte effeito, sem ter causa em parte alguma? como se concebe esse modo de ser, que, não tendo autonomia em nenhum dos pontos onde se realisa e realisando-se universalmente, parece ser e não ser ao mesmo tempo?

Ainda por este lado, se me não engano, a ideia da materia, segundo os monistas, está muito longe de apresentar a definição e consistencia necessarias. Ora essa idéa tem de ser a pedra mestra de toda a construcção philosophica na esphera da natureza. A final de contas bem apertada e espremida, a doutrina da materia, segundo a philosophia monista, reduz-se, como creio ter mostrado, ás noções correntes, nas sciencias physicas, de atomo e força. Não só não ha n'ella originalidade alguma, mas o que é peior, apresentam-se

nos aquellas noções envolvidas nevoentamente n'uma concepção vaga, d'onde é necessario extrahil-as e, no fim de tudo, em vez de esclarecidas e aprofundadas, obscurecidas por forma tal que nada ha de lucido e fecundo a tirar d'ellas para uma comprehensão superior e verdadeiramente philosophica dos phenomenos da natureza.

Com as observações que acabo de fazer não pretendo de modo algum contestar o valor e a legitimidade, na esphera das sciencias physicas, das noções de materia, atomo, força e movimento, nos limites em que a sciencia emprega estas noções: ellas não são, com effeito, para a sciencia mais do que hypotheses, restrictas a um determinado campo e não tendo por fim senão a coordenação racional d'uma determinada ordem de phenomenos, d'um determinado aspecto da phenomenalidade. A sciencia, usando d'estas noções, não pretende impol-as fóra da sua esphera, nem dal-as em absoluto, como explicação ultima e irreductivel das cousas. A conservação do movimento, scientificamente, é um facto: um facto, que pela sua generalidade, envolvendo a explicação de innumeros outros factos, tem o valor d'uma theoria, mas d'uma theoria puramente scientifica. Se a conservação do movimento implica o determinismo, implica-o só nos limites e no ponto de vista do puro mechanismo, no ponto de vista da realidade como systema de movimentos — sem que a sciencia possa ou pretenda concluir d'ahi para um outro ponto de vista, que não é o seu, e em que o mechanismo já não apparece como o limite e termo ultimo do conhecimento.

Sciencia e especulação (volto a repetil-o) são cousas muito diversas, embora dependentes uma da outra, e o

que basta á sciencia não é sufficiente para a especulação. Ideias, que no terreno scientifico bastam e são por isso, n'esse terreno, muito legitimamente consideradas irreductiveis, não bastam já nas regiões da especulação, onde com effeito são reductiveis a categorias mais transcendentes. Se o conjunto das sciencias não pode, como todos os verdadeiros pensadores reconhecem, supprir a philosophia ou substituir-se a ella, é justamente porque o conjuncto das ideias geraes das sciencias, não inclue em si a totalidade dos elementos racionaes da comprehensão do universo, mas apenas o conjuncto d'esses elementos no ponto de vista da phenomenalidade. Ora o monismo, attribuindo ao ponto de vista das sciencias physicas um caracter absoluto, arvorando as ideias geraes d'um grupo de sciencias em ideias ultimas e irreductiveis, exorbitou da sciencia sem ao mesmo tempo fazer acto de philosophia. É o que talvez consiga mostrar ainda mais claramente, fazendo a critica da ideia de evolução segundo os monistas.

III

A theoria geral da evolução, diz o snr. Vianna de Lima (e são estas as primeiras palavras do seu livro) não é *um systema*; é a synthese comparativa, a conclusão que sae do conjuncto de todos os factos positivos que o espirito humano tem podido até agora abraçar... é a unica concepção racional e verdadeiramente scientifica do mundo.

É necessario fazer aqui uma distincção importante. A evolução não é, com effeito, um systema no dominio circumscripto de cada uma d'aquellas sciencias onde

esta ideia, por assim dizer, se impõe, onde mil factos a confirmam e onde fóra d'ella seria impossivel encontrar-se um principio geral de coordenação. Ahi, sem duvida, a evolução não é um systema, mas propriamente uma theoria scientifica.

Mas estarão n'este caso todas as sciencias? De modo algum.

A ideia de evolução não intervem senão onde o elemento historico representa um papel proeminente, isto é, acima de tudo, nas sciencias da organisação (incluindo n'este grupo a anthropologia e fazendo participar d'elle as sciencias sociaes, nos limites em que estas teem um caracter biologico) e depois ainda, mas d'uma maneira menos necessaria e menos definida, na astronomia, ou propriamente, astrogenia. É só ahi que a divisão do trabalho se exerce, differenciando gradualmente e como que analyticamente as formas contidas virtualmente e, por assim dizer, envolvidas n'um germen ou facto primeiro, que é o ponto da partida de toda a serie. A physica e a chimica, porem, estão completamente fóra dos dominios da ideia de evolução. A chimica parece reduzir-se toda á atomicidade, e a maior ou menor complexidade de composição não foi nunca considerada como um desenvolvimento, assim como a irreductibilidade dos corpos chamados simples, se não é um dogma, é certamente um facto que se impõe á sciencia e que, emquanto assim se impozer, obstará a toda a theoria geral evolucionista dos phenomenos chimicos. Por outro lado, entre as forças physicas, não ha hierarchia, mas parallelismo, e a reductibilidade d'umas ás outras implica unidade, mas não evolução, cousas bem distinctas.

Onde está, pois, a generalidade scientifica da ideia

de evolução? A verdade é que uma theoria positiva da evolução, como o sonham os monistas, *essa synthese comparativa que sae do conjuncto de todos os factos positivos* só seria possivel se se dessem duas condições capitaes: 1.º que a ideia de evolução se impozesse a toda a ordem de phenomenos, ou (o que para nós vale o mesmo) presidisse superiormente a todas as sciencias: 2.º que alem de explicar, dentro do districto de cada sciencia, os factos n'elle comprehendidos, explica-se tambem a passagem evolutiva de cada uma d'essas ordens para a sua immediata, sem ter de recorrer a nenhuma ideia nova e superior.

Ora, nenhuma d'estas condições se realisa.

A ideia d'evolução (como já indiquei, e por isso não insisto n'este ponto) só impera em certas sciencias e, por conseguinte, n'uma esphera limitada da phenomenalidade.

Em segundo logar, a passagem d'uma determinada ordem de phenomenos para outra não se póde explicar evolutivamente, no terreno rigorosamente scientifico, porque, n'esse terreno, o elemento commum d'essas varias ordens é só um elemento abstracto, o movimento, que pela sua mesma abstracção, não é capaz de dar razão do que ha de especial em cada uma d'ellas e a caracterisa, isto é, a forma ou funcção especial que representa. É assim, por exemplo, que embora os phenomenos vitaes se reduzam, em ultima analyse, ao movimento, isto é, a grupos e combinações complexas de movimentos elementares, nem por isso a vida pode ser satisfactoriamente definida como um modo de ser do movimento; porque uma tal definição, pela sua mesma abstracção, nada define; nem o quadro de todos esses movimentos póde ser dado como equivalente á

ideia synthetica da vida; nem, finalmente, a concepção mechanica da vida representará outra cousa mais do que um aspecto da phenomenalidade da vida e nunca a concepção mesma da vida.

Parece-me claro, em vista d'isto, que a doutrina de evolução formulada por Hacekel e seus discipulos não é de modo algum, como se pretende, uma doutrina positiva, fundada nas sciencias e sahindo d'ellas como a sua natural consequencia. Creio ter mostrado que essa doutrina implica uma extensão abusiva da inducção scientifica e a illegitima generalisação d'uma hypothese, que se é perfeitamente fundada no terreno de determinadas sciencias, só ahi e só n'esse ponto de vista tem authoridade scientifica.

A doutrina monista tem, pois, em despeito das suas pretensões de positividade, um caracter especulativo e é propriamente *um systema*, uma construcção philosophica em que o *a priori* representa um papel preeminente: n'uma palavra, apezar dos elementos scientificos que contem, não é uma doutrina scientifica, mas uma hypothese philosophica.

Resta agora ver se, como hypothese philosophica, a ideia d'evolução, tal como a concebem os monistas, apresenta aquella definição e consistencia sem as quaes a mais ampla e brilhante hypothese é muito mais um producto da imaginação, do que da razão.

Creio que não apresenta.

Especulativos inconscientes, os monistas especulam mal. Tal como a concebem, a evolução, destituida de todos aquelles elementos de analyse racional, que só lhe poderiam dar um verdadeiro cunho philosophico, não é um principio: seria apenas (se as suas pretensões de positividade fossem fundadas) um facto; facto

culminante e universal, mas simples facto e não principio.

Ora os factos são apenas a materia prima da philosophia: são aquillo que se pretende explicar, em quanto que só os principios fornecem o criterio e o ponto de vista d'essa explicação; e a doutrina monista da evolução, que, como doutrina positiva, como generalisação scientifica dos factos da natureza, está muito longe de ser rigorosa e fundada, pecca por outro lado gravemente, como hypothese philosophica, como doutrina especulativa, pela falta d'analyse das ideias sobre que, para merecer o nome de philosophia da natureza, se deveria apoiar.

Com effeito, se o universo evolve porque é que evolve? Se a sciencia nada tem que vêr com esta questão, a philosophia é que tem muito e tudo — e já mostrei que é sómente como tentativa philosophica de explicação que o evolucionismo monista deve ser considerado.

Uma theoria geral philosophica do desenvolvimento das cousas implica, pois, uma theoria da razão de ser d'esse desenvolvimento. Sobre esta questão essencial o monismo é peior do que mudo: é absurdamente negativo.

A ideia de evolução implica necessariamente a de finalidade; esta contem a explicação racional d'aquella, que, só por si, é inintelligivel e até contradictoria. Se o movimento, acto essencial da materia, é autonomo (e é esta a these monista fundamental) tal movimento não póde ser concebido senão como um impulso espontaneo, por conseguinte, como uma verdadeira determinação voluntaria: ora onde ha determinação voluntaria sem mobil, sem fim? Pois não é precisamente

o fim que determina a vontade, e que explica o acto? Um movimento autonomo, que não tende a um fim, é perfeitamente inconcebivel: pois se não ha fim porque e para que o movimento? A ideia de finalidade é a pedra angular de toda a construcção philosophica no terreno da natureza.

Assim o comprehendeu Leibnitz na sua Monadologia, assim o comprehenderam Schelling e Hegel, os verdadeiros paes da moderna philosophia da natureza.

O horror pueril á metaphysica e a pretensão chimerica de fundar uma philosophia da natureza positiva e exclusivamente architectada no terreno da sciencia levou Haeckel (e muitos outros atraz d'elle e com elle) a desconhecerem a importancia capital da ideia de finalidade e a minarem aquillo que justamente lhes deveria servir de primeiro fundamento para o edificio que levantavam. É o que espero deixar sufficientemente provado no meu proximo artigo.

IV

O Snr. Vianna de Lima consagra as ultimas 100 paginas do seu volume a combater a ideia de finalidade nos dominios da natureza e triumpha facilmente dos theologos ou simili-theologos, que, despojando a materia das suas propriedades espontaneas e da sua infinita virtualidade, veem em tudo os effeitos d'uma direcção exterior e se extasiam diante das harmonias intencionaes da Criação.

Era facil o triumpho. Sómente, o snr. Vianna de Lima tomou a nuvem pela deusa, tomou a concepção

infantil e anthropomorphica da finalidade pela propria ideia metaphysica de finalidade.

Se o Snr. Vianna de Lima se despojasse por algum tempo dos seus habitos de pensamento de puro naturalista e estudasse um pouco os tão abominaveis metaphysicos, não só Leibnitz e Hegel, mas ainda o representante nosso contemporaneo da alta especulação, Hartmann (que é, não menos do que foram aquelles dois, profundamente versado nas sciencias da natureza) veria que a ideia de finalidade não se reduz, como lhe parece, áquella concepção anthropomorphica, que com tão facil felicidade refuta no seu livro. Veria que a finalidade póde ainda ser concebida como immanente á materia e como aquelle segundo elemento que vem integrar, juntando-se ao movimento, a noção da realidade; que, n'este caso, longe de ser contradictoria com a espontaneidade do movimento, é justamente a explicação do movimento; que o que parece effeito, no ponto de vista do puro mechanismo, é causa no ponto de vista da finalidade, sem que uma cousa repugne á outra, porque são duas espheras do conhecimento, que ao mesmo tempo que se oppõem, reciprocamente se completam.

Perceberia então uma cousa, e é que, não só o movimento em geral (o movimento em si, independentemente de qualquer ideia de desenvolvimento) é racionalmente inexplicavel e, por conseguinte, inconcebivel sem a ideia de finalidade ou de causa final, mas que mais particularmente a evolução, isto é, o movimento como hierarchia ou desenvolvimento, implicando a ideia d'um typo, que as formas evolvendo, tendem a realisar, implica por isso mesmo uma finalidade.

O typo é realisado na serie, não é um producto

d'ella: pois, se fosse um producto, como se explicaria a serie? Quem diz evolução diz progresso. Ora, progresso que não tende para cousa alguma, que não tem um typo e um fim, não se comprehende. Se não ha typo, não ha medida ou termo de comparação na serie, não ha, por conseguinte, hierarchia: ha variedade de formas parallelas e equivalentes; mas não desenvolvimento.

No meio d'essa multidão de formas inexpressivas, tudo será igualmente perfeito ou imperfeito: haverá ainda transformismo; mas não haverá evolução progressiva.

É assim que o ultimo capitulo do livro do snr. Vianna de Lima deita por terra a doutrina estabelecida laboriosamente nos que o precedem. É assim que metade da doutrina de Haeckel deita por terra a outra metade. É assim que uma philosophia da natureza que pertende não ser uma philosophia especulativa, acaba por não ser cousa alguma.

Que concluiremos de toda esta critica? Concluiremos, em primeiro logar, que os naturalistas, quando não são ao mesmo tempo philosophos, não podem construir uma philosophia da natureza que se sustenha de pé. Concluiremos, em segundo logar, que não póde haver, por muito que se apregoe, philosophia da natureza positiva (puramente scientifica), assim como em geral não póde haver philosophia positiva. O erro commum em que laboram os positivistas das differentes communhões (são varias, e todas egualmente positivas) é este: que o conhecimento scientifico é o typo do conhecimento, o conhecimento ultimo e perfeito; e que, por conseguinte, esgotando o ponto de vista scientifico a comprehensão da realidade, basta reunir em quadro

as conclusões de todas as sciencias, ou generalisar as ideias fundamentaes communs a todas ellas para se obter a mais alta comprehensão das cousas, a que nos é dado aspirar. D'aqui a chimera d'uma philosophia positiva.

Não seria chimera, se com effeito o conhecimento scientifico representasse o conhecimento supremo e definitivo, e não apenas uma determinada esphera do conhecimento. N'esse caso a generalisação dos dados scientificos corresponderia a uma verdadeira synthese e a abstracção suprema dos elementos da realidade tomaria o logar das ideias da razão. Infelizmente ou felizmente (que isso importa pouco) a razão subsiste e com ella o ponto de vista das ideias metaphysicas de *substancia*, *causa e finalidade* ás quaes tem de ser referidas, em ultima instancia, as conclusões da sciencia. E porque? Porque essas conclusões, ainda nas suas mais vastas e deslumbrantes generalisações, não se explicam a si mesmas e, representando apenas as grandes linhas e como que a estructura abstracta do mundo phenomenal, precisam ellas mesmas de ser explicadas. Com o seu caracter abstracto são ainda factos, e os factos precisam do reflexo da razão para se tornarem intelligiveis. O conhecimento scientifico constitue apenas a região media do conhecimento, entre o senso commum, d'um lado, e o conhecimento metaphysico, do outro. É pois a razão que tem, em ultima instancia, de se pronunciar sobre o valor e o logar, na comprehensão total do universo, dos dados quer do senso commum, quer da sciencia. Essa comprehensão total é que é a philosophia: edificio sempre em construcção, sempre renovado nos seus materiaes (que o progresso dos conhecimentos positivos lhe vae forne-

cendo dia a dia) sempre instavel e ao mesmo tempo sempre de pé, e que sendo sempre incompleto nunca se póde dizer insufficiente, porque, tal como é, corresponde ás mais altas faculdades do espirito humano, abriga as mais sublimes aspirações, tormento e gloria ao mesmo tempo, d'este mysterioso animal racional chamado homem.

E eis ahi porque uma philosophia positiva é uma chimera. Quem diz philosophia diz idealismo. Só o systema das ideias contem inteira a explicação do systema das cousas. O movimento não esgota o ser: o ser implica movimento e ideia. Os naturalistas, desprezando ou ignorando as ideias, ignoram metade das cousas e a sua philosophia é só meia philosophia, ou antes, é só um arremedo da philosophia. *Tudo quanto é, é racional*, disse Hegel.

Pretender amputar a razão é pretender amputar a realidade.

É dentro da razão, não fóra d'ella, que teem de ser marcados os limites do conhecimento. Só no ponto de vista total da razão se resolvem as contradicções que a realidade apresenta, como outras tantas esphinges á intelligencia indagadôra.

Materia e espirito, determinismo e liberdade, evolução e finalidade, não são ideias contradictorias senão na apparencia: de facto, são só duas espheras differentes da comprehensão, these e antithese, cuja synthese é a razão.

Assim, uma philosophia da natureza, tal como a concebo, uma philosophia da natureza á altura, não só do grande seculo das sciencias naturaes, mas do grande seculo de Kant e Hegel, não tem que regeitar o determinismo universal e a evolução como uma forma me-

chanica d'esse determinismo: mas o que não póde é ficar ahi.

Determinismo e evolução serão apenas o seu ponto de partida, a forma universal da phenomenalidade, que a generalisação scientifica lhe fornece e que ella, a philosophia, terá d'analysar e interpretar á luz das ideias. Só assim terá satisfeito não só á rasão especulativa, mas ás exigencias não menos imperiosas da consciencia humana.

Digo da consciencia humana: e é este um outro aspecto, e aspecto capital da questão que é necessario por em evidencia. Muitos dirão: — que tem que ver a philosophia com a consciencia humana? Responder-lhes-hei: — tem tudo. Por uma singular aberração, são justamente os que mais falam de positivismo e factos positivos os que parecem esquecer ou ignorar que a consciencia humana é um facto, que a sua actividade, expressa e objectivada em milhares de manifestações, desde os codigos até á poesia, e atravez de milhares d'annos, constitue uma ordem de factos tão positivos e tão irrecusaveis como os da physica ou da astronomia. E estes factos não são só positivos e evidentes: são ainda culminantes, pois os phenomenos sociaes e moraes, tendo atraz de si todas as outras ordens de phenomenos e apoiando-se n'ellas, constituem o ponto mais alto da serie evolutiva das cousas.

Os factos da consciencia humana são, pois, não só factos positivos, mas os factos positivos culminantes.

Ora que diriamos d'uma philosophia, que não podesse explicar, mais, que estivesse em contradicção com os factos da physica, por exemplo, ou de chimica? Diriamos ser uma philosophia não só incompleta, mas falsa. E que pensaremos então d'uma philosophia,

que não só consegue explicar, mas está em flagrante contradicção com factos tão positivos como aquelles, e, alem de positivos, superiores e culminantes?

A consciencia humana é, pois, verdadeiramente um criterio philosophico, n'este sentido que uma philosophia incapaz de explicar satisfactoriamente os phenomenos da consciencia, ou em contradicção com elles, é uma philosophia incompleta, ou errada, por deixar de fóra, ou contradizer, uma parte e justamente a parte mais importante da realidade.

Este criterio bastaria só por si (alem de tudo que atraz fica dito) para condemnar toda a philosophia puramente materialista, sob qualquer forma em que se apresente: — mecanismo atomico, determinismo scientifico, monismo ou pantheismo naturalista. Sob qualquer d'estas formas, o materialismo envolve, o que é a sua essencia, a reducção de toda a ordem de phenomenos a forças elementares, sujeitas a uma determinação cega, mechanica e sem fim intelligivel: envolve a negação de todo o elemento racional nas cousas, reduzindo ao mesmo tempo as affirmações da consciencia a puras illusões subjectivas.

A critica do materialismo, n'este ultimo ponto de vista, tem sido mil vezes feita e não preciso reproduzil-a aqui.

O que quero é fazer sentir quanto o monismo evolucionista da escola de Haeckel (que não é mais do que uma forma do materialismo) cuja maior pretensão é ser uma philosophia positiva da natureza, ainda por este lado não é positivo, por não poder explicar uma ordem inteira e a mais importante dos factos do universo.

Declarar que a liberdade e o sentimento moral são

meras illusões subjectivas, e que os mais intimos e mais autonomos phenomenos da consciencia resultam apenas d'acções mechanicas e são a transformação d'essas acções — é facil. Agora o que náo é facil, porque é simplesmente impossivel, é explicar e fazer comprehender (como ha poucos annos ainda Du Bois-Reymond perguntava a Haeckel) como é que o movimento, um grupo de movimentos por mais complexo que o supponhamos, pode produzir, não já os factos superiores da vida do pensamento, mas o mais elementar, a simples sensação? Deante d'esta simples pergunta desaba todo o edificio do monismo. A vida moral não é cousa que se decomponha em retortas, nem se descobrirá jámais o equivalente mechanismo do genio ou da virtude:

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt off in your philosophy.

V

Pretenderei eu acaso com esta critica, contestar o valor dos trabalhos da escola monista, ou ainda a sua importancia philosophica?

De modo algum.

O que eu contesto é o valor do seu systema, como systema, o que eu censuro é a pretensão de fundar uma philosophia da natureza com a simples generalisação dos dados d'um grupo de sciencias, e sem ter em conta o indispensavel criterio das ideias. Mas abstrahindo d'estas pretensões, a tentativa de Haeckel, considerada em si, tem um alto valor. Tem-no, sobre tudo, como symptoma da tendencia, que cada vez mais

se manifesta na esphera da sciencia para uma unidade de comprehensão, que assentando rigorosamente no terreno scientifico, saia ao mesmo tempo da analyse e abstracção inherentes á sciencia, procurando como formula, uma ideia de caracter synthetico, isto é, uma ideia propriamente philosophica.

Esta tendencia é sem duvida alguma, o facto intellectual mais importante do seculo actual e um d'aquelles em que mais se traduz d'um lado, a influencia d'ora em deante cada vez mais predominante do criticismo de Kant, e, do outro, a feição eminentemente positivista do espirito moderno. Se uma philosophia positiva é e será sempre, como já mostrei, uma chimera, a acção e authoridade directa da sciencia na philosophia será d'aqui em deante (quero dizer depois da *Critica da Rasão pura*) um facto que tem de se impor a todos os pensadores.

Mas acção e auctoridade da sciencia na philosophia é uma cousa, e philosophia positiva, outra. As ideias syntheticas da philosophia não saem das sciencias, não são simples generalisações scientificas: são um producto da especulação e quando chegam a apparecer no terreno scientifico é infiltradas para ali das regiões da especulação, é porque a especulação as forneceu, sob forma de hypothese, á sciencia. Não cabe em escrito d'estas dimensões expor a theoria da hypothese. Bastará mostrar como a theoria geral da evolução, hoje com tanto vigor e brilho formulada por Haeckel e seus concorrentes ou discipulos, longe de ser, como vulgarmente se imagina, uma *descoberta* das sciencias naturaes e um resultado directo da analyse scientifica, é, pelo contrario, uma verdadeira hypothese philosophica, que, producto da elaboração especulativa de

perto de trez seculos, acabou por se manifestar no dominio das sciencias.

Com effeito são mais fundas as suas raizes, mais longinqua a sua procedencia.

Essa ideia não saiu das sciencias naturaes, mas penetrou n'ellas por influencia (obscura, é certo e indirecta, mas muito real) das noções metaphysicas lentamente elaboradas, a partir da renascença, dentro da ideia fundamental de *natureza*. A maneira dynamica, autonomica, realista, de conceber a natureza é o que mais radicalmente distingue o pensamento moderno do antigo. A natureza para o pensamento antigo, e ainda para o mais genial dos seus intrepretes e o mais objectivo, Aristoteles, era concebida como abstracta, inerte, passiva; longe de parecer concreta e espontanea, era considerada apenas como um reflexo, acto ou emanação d'um ser ou seres transcendentes e perfeitos (as *ideias* de Platão, a *intelligencia* de Anaxagores, o *motor immovel* e as *formas substanciaes* de Aristoteles etc.) exteriores a ella e só verdadeiramente autonomos. Esta maneira de conceber manteve-se pela Escolastica e pela Theologia christã, até á Renascença. A partir dos ultimos tempos da Edade-media, com a dissolução da philosophia escolastica e as revoluções de toda a especie, intellectuaes, sociaes religiosas, que annunciam a aurora dos tempos modernos, dá-se nas regiões mais profundas da intelligencia humana uma fermentação extraordinaria, que se exprime, ainda com pouca consciencia do seu proprio alcance, nas creações da astronomia e da physica modernas (Kopernico, Keppler, Galileo, Torricelli) e nas reformas philosophicas de Bacon e Descartes; que se avigora com Leibnitz e Spinosa e com os primeiros trabalhos de physiologia,

botanica e sciencias sociaes (Gesner, Harvey, Malpighi, Boerhaave, Hobbes, Grocio, Vico, Lessing, etc.) para acabar, plenamente consciente no seculo XIX, por se affirmar, não já n'esta ou n'aquella ordem de phenomenos, mas em todas as espheras da actividade humana, nas sciencias, na philosophia, na sociedade civil e politica e na propria arte e poesia contemporaneas. O naturalismo é para os tempos modernos o que foi o racionalismo para a Antiguidade: — a formula mais geral da sua actividade.

A doutrina da evolução é apenas uma das determinações, a mais recente e porisso a mais intensa, e intima, do naturalismo moderno.

E convirá notar que o seu apparecimento é simultaneo na astronomia, na geologia, na biologia, na linguistica e na historia: Lamarck, Laplace, Werner, Goethe, Geoffroy Sainte-Hilaire, Herder, Saint-Simon, Bopp, Adelung, são contemporaneos, ou proximamente contemporaneos.

O evolucionismo dentro das sciencias da natureza não é mais do que a applicação a uma ordem de factos do principio fundamental do pensamento moderno, uma das suas determinações particulares.

Mas esse principio é uma hypothese geral e, como todas as ideas syntheticas, um resultado da especulação, não é um facto positivo. Se apparece no dominio das sciencias, é como hypothese philosophica, não como lei scientifica. Se as sciencias da natureza e da sociedade convergem hoje no sentido da evolução, convergem movidas pelo influxo intimo do estado mental-metaphysico que as envolve, não pela força exclusiva e independente do seu desenvolvimento proprio. Não ha, como se pretende, a eliminação do elemento meta-

physico pelo elemento scientifico: ha uma mutua penetração; penetração da especulação na sciencia, pela hypothese que a vem fecundar; penetração da sciencia na especulação, pelo correctivo imposto, em nome da realidade, dos factos positivos, ao á-priorismo inherente ao pensamento especulativo.

E é por isso que o concurso da sciencia e da especulação é indispensavel para a constituição definitiva da philosophia moderna (da qual todos os systemas, desde Bruno e Bacon até aos nossos dias, são apenas esboços e prenuncios), para a organisação systematica do pensamento moderno em todas as suas determinações.

Creio com Haeckel, assim como com Schelling, Hegel, Hartmann, Comte e Spencer, que é no terreno da evolução que essa grande synthese tem de ser construida, e que, depois do seculo XVIII e depois de Kant, já não é possivel uma philosophia que não seja essencialmente uma theoria geral do desenvolvimento, isto é, uma philosophia da evolução. Mas creio tambem que a organisação da ideia d'evolução n'essa theoria geral do desenvolvimento é problema que excede muito a capacidade especial das sciencias da natureza, quero dizer, a esphera theorica d'essas sciencias, porque excede os limites e alcance do puro espirito scientifico.

A metaphysica do seculo XIX apezar do descredito em que momentaneamente parece ter caido, não disse ainda a sua ultima palavra, nem abdicou. Se a conclusão final das sciencias tem de ser, como creio, o mechanismo universal, e conclusão final do pensamento metaphysico tem por seu lado de ser o universal idealismo. Mas já hoje se começa a comprehender que entre estes dois termos não ha contradicção essencial

e que esta *these* e *antithese* é reductivel a uma *synthese,* que satisfaça plenamente tanto a sciencia como a especulação. Essa synthese em que o idealismo apparecerá com complemento necessario do mechanismo já hoje se deixa entrever; e creio que nem a todos parecerá temeridade e paradoxo, concebel-a, como eu a concebo, nem idealista nem materialista no antigo e mais usual sentido das palavras, mas n'um sentido novo e mais profundo, como um *materialista idealista* (1).

(1) Publicado in-*A Provincia,* do Pôrto, n.os 48, 49, 50, 51 e 52, respectivamente de 1, 2, 3, 4 e 5 de Março de 1887. Reproduzido por Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro num opúsculo de XIII-45 págs. Ponta Delgada, 1894. *(Nota do editor.)*

UMA EDIÇÃO CRITICA DE SÁ DE MIRANDA

POESIAS DE FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Edição feita sobre cinco manuscriptos ineditos e todas as edições impressas, acompanhadas de um estudo sobre o Poeta, variantes, notas, glossario e um retrato, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos; Halle, Max Niemeyer, 1885.

É esta a primeira edição critica das Poesias de Francisco de Sá de Miranda, o Horacio e o Seneca portuguez, como lhe chamaram os contemporaneos, o reformador do Parnaso portuguez no seculo XVI.

Foi necessario que se passassem mais de 300 annos (Miranda morreu em 1558: a primeira impressão de parte das suas obras tem a data de 1595) para que apparecesse uma edição critica, indispensavel todavia desde o primeiro dia. E ainda assim não a devemos a nenhum dos nossos — como a nenhum dos nossos devemos a admiravel edição do Cancioneiro de Garcia de Resende (de Stuttgard) a edição diplomatica do Cancioneiro do Vaticano (publicada em Halle pelo italiano Monaci) e tantos outros valiosissimos trabalhos sobre a nossa lingua e litteratura, publicados, no decurso dos ultimos 50 annos, em Allemanha, Hollanda e França. Uma senhora allemã (hoje portugueza pelo casamento), pessoa tão modesta como intelligente e la-

boriosa, e a quem a historia da lingua e litteratura portuguezas tinha já a agradecer trabalhos, que, por passarem desapercebidos n'esta verdadeira Caverna do Esquecimento, que é o Portugal de hoje, nem por isso deixam de ser de primeira ordem, emprehendeu e levou a cabo a restauração do texto do grande poeta moralista do seculo XVI, que até agora andava, mais do que o de nenhum outro dos seus contemporaneos, incerto, obscuro e deturpado. O trabalho corresponde plenamente ao muito que havia a esperar do saber e penetração da auctora d'aquella notavel série de Estudos camoneanos, que começaram a lançar alguma luz sobre o estado cahotico do texto do nosso grande lyrico.

Dez annos de aturado trabalho; estudo comparativo escrupulosissimo das edições impressas e dos manuscriptos ineditos; conhecimento profundo e quasi topographico da epocha, dos costumes, dos personagens, da lingua, das tendencias intellectuaes, uma extraordinaria familiaridade com todas as *fontes* do grande seculo; um grande e seguro sentimento da realidade historica; criterio penetrante e elevado, ainda no meio das minudencias a que tem de descer — eis o que representa esta edição critica, que não encarecerei chamando-lhe um modelo.

Não sei se entre os *romanistas* da Allemanha (penso sobre tudo no sabio Storck) haverá algum que tivesse podido desempenhar-se do encargo, como se desempenhou a sr.ª D. Carolina Michaëlis: mas creio que afoutamente se pode affirmar que em Portugal, com excepção d'esta senhora, ninguem mais o poderia fazer, com igual exito. Não é este um facto bem singular?

Hoje, são os estrangeiros que estudam e estimam

a nossa antiga litteratura: nós não. A crescente e hoje quasi total desnacionalisação do espirito publico é o facto mais consideravel da nossa psychologia collectiva, nos ultimos 50 annos. Os da actual geração, pode dizer-se que, pelo pensar, pelo sentir, deixaram já de ser portuguezes. Ha por ahi muito rapaz intelligente e, a seu modo, instruido, que conhece mais ou menos Molière, Racine, Voltaire e até Rabelais e Ronsard, e que nunca leu um auto de Gil Vicente, uma canção de Camões, uma egloga de Bernardim Ribeiro ou de Bernardes, uma carta de Ferreira ou de Sá de Miranda.

Os que conhecem um pouco intimamente a historia das revoluções portuguezas n'este seculo (não fallo só das politicas) e têem reflectido sobre ella, acharão facilmente a explicação d'este facto e, mais do que a explicação, a necessidade d'elle. Mas nem por isso deixa de ser cousa triste de considerar este abysmo de esquecimento, que se abre cada vez mais largo entre o pallido, anemico e inexpressivo Portugal de hoje e aquelle seu grande ascendente, o heroico, o pittoresco e inspirado seculo XVI. A falta de sentimento nacional poderia, até certo ponto (no que diz respeito ao estudo da nossa antiga litteratura) ser suprida pelo sentimento historico, pela curiosidade critica e *philologica*, como dizem os allemães: mas a decadencia dos estudos historicos tem vindo acompanhando *pari passu* a decadencia do sentimento nacional sem que um ponto de vista mais largo, puramente scientifico, viesse, como em França, por exemplo, substituil-o efficazmente, para compensar aquella falta, pelo menos na esphera da intelligencia e do gosto.

Esse sentimento *philologico* (geral, humano, critico,

não restricto e nacional) é o que caracterisa, entre todas as nações cultas, o espirito allemão. Na sua imparcial sympathia, tão vasta como a natureza humana, abraça ao mesmo tempo a antiguidade e os tempos modernos, as edades classicas e os periodos barbaros, o Oriente e o Occidente, todas as raças e todas as culturas. Essa sympathia exige uma só condição: a originalidade. Tudo quanto foi realmente vivo, quanto manifestou uma maneira *sui generis* de ser e de sentir, tudo quanto revelou uma face distincta da complexa natureza humana, tem direito á sua attenção. E é por isso que a erudição allemã se distingue por uma feição unica: é uma erudição viva. Houve sempre erudição e eruditos: a curiosidade pelas cousas passadas é uma das funcções da intelligencia. Mas uma erudição que sente ao mesmo tempo que indaga, que critica e juntamente sympathisa, minuciosa e enthusiasta, indagadora e poetica; uma erudição que revolve montanhas de textos, datas, documentos, para descobrir, não factos seccos e mortos, mas a alma e a vida das cousas extinctas; uma erudição, se assim se pode dizer, inspirada, tal como nos apparece n'esses heroes da philologia, os Boeckh, Welcker, Hermann, F. A. Wolf, Winckelmann, Grimm, Niebuhr, Creuzer, Otfried Muller, Ritschl e tantos outros; uma tal erudição era cousa desusada e sem precedentes. Ella transformou a comprehensão da historia, fazendo circular uma vida nóva atravez d'essas cryptas dos seculos sepultos, onde a candeia fumosa da velha erudição academica apenas espalhava uma claridade phantastica, quasi tão morta como as cinzas que ali repousam.

E ahi está porque vemos uma senhora allemã publicar estudos magistraes sobre o texto de Camões,

publicar uma edição critica das Poesias de Sá de Miranda, preparando-se assim, durante annos, com toda a casta de subsidios linguisticos, historicos e archeologicos, para nos dar (ou antes, para dar á Allemanha) uma historia da litteratura portugueza. Outros lhe darão a historia da litteratura indiana, ou da chineza, da grega, da hebraica, da poesia dos Trovadores, das epopeias da Edade Media, que sei eu? pois não ha um canto do vasto mundo da historia, que escape á curiosidade ardente e penetrante da erudição allemã. A snr.ª D. Carolina Michaëlis internou-se pelo reino semi-classico do Romanismo e ahi conquistou para si uma provincia, bem mais famosa do que conhecida, ainda dos mesmos nacionaes: a lingua e litteratura portuguezas.

Mas, dirão muitos, que necessidade havia d'uma edição critica de Sá de Miranda? pois não ha por ahi tantas edições dos poetas Quinhentistas, d'esses famosos *classicos*, que pouquissimos lêem, é certo, mas que ninguem que se preze deve deixar de citar com veneração, e até pode romper no excesso de ter na sua bibliotheca?

Estes ignoram (nem admira) que esses veneraveis *classicos* são, até certo ponto, um mytho. Excepto o de Ferreira, nada ha mais duvidoso do que o texto d'esses desgraçados poetas. Das suas obras, a maior parte só se imprimiram depois da morte dos auctores, n'alguns casos 20, 30 ou mais annos depois. Imprimiram-se sobre copias manuscriptas e geralmente copias de copias, e os editores não se esqueceram de juntar aos erros dos copistas, ou aos suppostos erros, as suas proprias *emendas*. A mesma paternidade das obras é em muitos casos duvidosa. Dos sonetos attribuidos a

Camões pelo seu mais recente editor, o snr. T. Braga, boa terça parte não lhe pertencem ou são duvidosos. Trez eglogas de Bernardes são dadas geralmente como de Camões. Ha autos de Gil Vicente que pertencem muito provavelmente a outros auctores. Poderiam multiplicar-se estes exemplos. Em geral, os poetas de maior nomeada absorveram pouco a pouco as composições dos menos famosos. E ainda se fosse só isso! Mas o proprio texto de cada uma das composições não offerece, em geral, authenticidade sufficiente; a linguagem foi retocada pelos copistas ou editores; muitos versos foram substituidos. Junte-se a isto a variedade de lições, de edição para edição, de manuscripto para manuscripto (dos que ainda existem, e são bastantes) e comprehender-se-ha o que quiz dizer com a palavra *mytho*. Quiz dizer, que quando cuidamos lêr Camões, por exemplo, podemos muito bem estar lendo Bernardes, ou Caminha, ou Bernardim Ribeiro, ou *vice-versa;* podemos tambem estar lendo algum d'aquelles infelizes *minores*, que foram absorvidos na aureola dos cinco ou seis astros de primeira grandeza — ou podemos simplesmente estar admirando o parto engenhoso do editor do seculo XVII.

Os antigos editores portuguezes nunca primaram por criticos: se ainda hoje é tão raro encontrar um que o seja! O editor portuguez era, antes de tudo, um *devoto:* elle sahia á estacada, não para apurar um texto, o texto preciso, com as suas lacunas, defeitos ou erros, se os tem, mas para levantar *o seu poeta* acima de todos os outros, attribuindo-lhe o maior numero possivel de composições e com a forma mais perfeita possivel. Se encontrava um papel velho, no canto d'alguma bibliotheca, devia ser do *seu poeta:* publica-

va-o. Se os versos eram maus, é porque a copia estava errada: emendava-os. E é assim que, de edição para edição, foi crescendo o numero de composições duvidosas, crescendo o numero de interpolações e emendas, com que o texto cada vez mais se ia deturpando.

Dos poetas do seculo XVI, os dois mais maltratados pela *devoção* impertinente dos editores são sem duvida Sá de Miranda e Camões. Para este ultimo não sabemos quando chegará o dia da justiça (da justiça philologica, entenda-se), mas deve estar longe, a avaliar pela maneira porque os seus dois mais recentes editores, aliás benemeritos pelo trabalho e grande amor ao poeta, os srs. Visconde de Juromenha e Theophilo Braga, se houveram nas suas edições, que, em pontos de critica, correm parelhas com as dos mais *devotos* editores do seculo XVII. Talvez nunca chegue, a não ser que se metta n'isso algum allemão. Sá de Miranda, ao menos, pode agora lêr-se com segurança no texto critico, admiravelmente discutido e apurado, da edição de Halle.

Sou pouco erudito, nem estou escrevendo um artigo para alguma Revista philologica, mas uma simples noticia para um jornal diario: por estas duas razões, não me posso alargar pela analyse do trabalho da snr.ª D. Carolina Michaëlis, entrando pela parte technica d'elle. Quero só observar ainda uma cousa: é que este volume de mais de 1000 paginas e carregado de notas é um livro interessantissimo. Porque? pelo que acima disse do caracter da philologia allemã. O sentimento historico anima toda aquella erudição: a comprehensão da epocha dá relevo e interesse ás indagações apparentemente aridas de datas, genealogias, etc.

A cada passo encontramos uma circumstancia, um facto biographico, pormenores de costumes, que abrem repentinamente uma nesga do horisonte sobre aquella vida extincta e a fazem resurgir para a nossa imaginação. Quanto saber, mas saber intelligente, saber que diz e ensina, enterrado modestamente n'aquellas notas, que occupam as ultimas 200 paginas do volume! Essas notas, juntas com a magistral Introducção, constituem uma verdadeira monographia de Sá de Miranda. Com aquelles elementos poderia a auctora ter feito um livro propriamente de *litteratura*, que se contaria entre os melhores e seria lido, citado e festejado. Preferiu a essas vaidades o cumprimento quasi religioso d'um encargo ha tres seculos por cumprir, fazendo ao velho poéta o maior serviço que elle imploraria, se podesse erguer a voz do seu tumulo: a restauração do texto das obras. O *bom Sá* (como lhe chamavam no seculo XVI e depois) encontrou a final um nobre espirito, que piedosamente e quasi filialmente escutou aquelle queixume d'uma pobre larva e consagrou dez annos da sua vida para a satisfazer. O *bom Sá* deve agora dormir descançado no seu tumulo.

Bom Sá! Diz o velho biographo que, nos seus ultimos tempos, «com a magoa do que lhe revelava o espirito dos infortunios da sua terra se affligia tanto, que muitas vezes se suspendia e derramava lagrimas sem o sentir.» Tenho scismado muitas vezes n'estas lagrimas do poeta humanista da Renascença. E, não sei como, a minha imaginação approxima-as logo da tragica melancholia de Miguel Angelo, da nobre tristeza de Vittoria Collona, da misanthropia incuravel de Machiavel, da nuvem de desgosto e desalento que envolveu a velhice de quasi todos os grandes espiritos

da Renascença. Tinha motivo de chorar o nosso Sá de Miranda, como tinham motivo de se entristecerem os seus illustres congeneres. É que elles presentiam todos uma cousa sinistra: o abortamento da Renascença. Áquella immensa aurora succedia, quasi sem transição, o crepusculo nocturno: e elles, os videntes, devisavam n'aquelle crepusculo inquietador os movimentos de formas estranhas e sombrias, como de monstros desconhecidos, e ouviam passar vozes mais assustadoras ainda, vozes que cresciam formidaveis de todos os pontos do horisonte, sem se ver quem as soltava.

Ahi por 1550, o abortamento da Renascença era já visivel aos olhos dos que ainda restavam d'aquellas duas incomparaveis gerações dos promotores d'ella. O Concilio de Trento entrara já na sua 6.ª sessão e era agora irremediavel a scisão do mundo latino com a Reforma germanica. Começavam as guerras de religião, que iam durar, n'uma furia crescente, perto de 100 annos, destruindo nações inteiras. Os Jesuitas abriam os seus Collegios, onde o espirito da Renascença, sophismado, amesquinhado, pervertido, servia de capa á reacção. Por toda a Peninsula fumavam e crepitavam as fogueiras da Inquisição. O Humanismo alado transformava-se em erudição plumbea, inerte. A Arte cahia da creação no amaneiramento. Um furor indescriptivel, furor de disputas, furor de matanças, apossava-se da Europa e o pensamento livre, os sentimentos largos e humanos, a alta cultura pareciam prestes a desapparecer da face da terra.

Tudo isto viam ou previam aquelles grandes espiritos. Tinham sonhado salvar o mundo pela razão, e a razão parecera impotente, e o mundo desesperado

appellava definitivamente para a sem-razão. D'ahi aquellas incuraveis melancholias d'uns, aquella desdenhosa misanthropia d'outros; d'ahi as lagrimas do nosso Sá. Este antevia ainda outra cousa: a morte da patria. Aquelle ouro do Oriente parecia-lhe já (como depois se viu bem que era) um caustico sobre o corpo da nação, que lhe queimava, que lhe roia as carnes, até a deixar secca de todo, um esqueleto. Tinha motivo sobejo de chorar, o pobre poeta!

Sim, lembram-me muitas vezes aquellas lagrimas. Descubro mais de uma analogia entre aquella idade e a nossa. A razão não morreu, afinal. Soterrada, respirando apenas, resurgiu toda. Sómente, mudou de trajo e de nome: já não é Humanismo, como no seculo XVI; chama-se agora Philosophia, mas é sempre a mesma, é sempre a razão. E nós tambem, filhos da Philosophia, sonhamos salvar o mundo pela razão, dar-lhe ordem e paz com as leis eternas por ella reveladas. Mas o mundo parece novamente atacado de vertigem, parece appellar mais de uma vez para a sem-razão, para os instinctos bestiaes e para uma superstição mais monstruosa ainda do que as passadas: a superstição da força. A democracia, á maneira que triumpha, perverte-se, parecendo preparar-se para merecer um despotismo sem nome, o despotismo anonymo da multidão, o achatamento universal.

Lembram-me as lagrimas de Sá de Miranda. Se teremos tambem de as chorar na nossa velhice? Esperemos que não, ou digamol-o, pelo menos, para não desanimar ninguem — para não desanimarmos também nós (1).

(1) Publicado in-*A Provincia*, 2.º ano, n.º 145, de 28 de Junho de 1886. Reproduzido na *Nova Alvorada*, 3.º ano, n.º 8, de 1 de Novembro de 1893. *(Nota do editor.)*

TENDENCIAS GERAES DA PHILOSOPHIA NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX

I

A philosophia é eterna como o pensamento humano: mas, porque é eterna como elle, é que é como elle continuamente instavel e fluctuante, susceptivel de progresso e sujeita ao retrocesso, desenvolvendo-se, como todas as coisas vivas, segundo uma linha sinuosa e complicada, que representa ao mesmo tempo a directriz da força intima inicial e a acção mais ou menos perturbadora das forças concomitantes que lhe condicionam a expansão. Sempre igual a si mesma, no fundo, mas n'um fundo envolto, inconsciente e quasi impenetravel, é continuamente diversa de si mesma nas suas manifestações, nas affirmações conscientes e systematicas do mysterioso principio ideal que forceja por exprimir e que, a cada ensaio de expressão definida, encobre quasi tanto quanto revela. Ella representa assim, n'este seu *fieri* incessante, o que ha de absoluto no pensamento humano e o que ha de relativo na consciencia que o pensamento humano tem de si mesmo: uma *potencia* infinita e um *acto* limitado: o segredo sublime das coisas gaguejado n'uma linguagem deficiente e barbara, cheia de lacunas e obscuridades:

e esta sua incuravel imperfeição é justamente a condição da sua indestructivel vitalidade, da sua fecunda e incansavel actividade. A philosophia alimenta-se das suas proprias duvidas. Duvidar não é só uma maneira de propôr os grandes problemas: é já um começo de resolução d'elles, porque é a duvida que lhes circumscreve o terreno e que os define: ora, um problema circumscripto e definido é já uma certa verdade adquirida e uma preciosa indicação para muitas outras verdades possiveis. É pela duvida que a philosophia concebe, é a duvida que a torna fecunda e a sua relatividade é, afinal, toda a sua razão de ser.

Illudem-se então os que procuram a verdade na philosophia? Sim e não. Illudem-se, por certo, se procuram na philosophia a verdade total e definitiva, a formula completa, nitida e inalteravel da lei suprema das coisas, esse segredo transcendental, que, uma vez conhecido, se isso fosse possivel, os tornaria deuses, segundo a expressão biblica, ou, segundo o nosso modo de vêr, os tornaria inertes, inintelligentes, moralmente decrepitos, adormecidos beatificamente á sombra da arvore da sciencia. Saber tudo equivaleria a nada saber. Uma philosophia definitiva, feita e assente uma vez para todo o sempre, implicaria a immobilidade do pensamento humano: o absoluto anesthesial-o-hia. Essa tal verdade, aspiração ingenua de espiritos incultos, póde animar os crentes e exaltar os enthusiastas: nos dominios do puro pensamento nunca produzirá senão vertigem e illusão.

Mas a verdade philosophica, com ser outra, nem por isso deixa de existir e ser verdade. A sua relatividade não implica erro, mas só limitação. É symbolica. Imagem imperfeita da verdade incognoscivel,

apresenta todavia alguns traços, alguns vagos lineamentos do inattingivel original. Não é o absoluto, mas participa da natureza do absoluto e tem em si, como diz o poeta, *parte alguma de infinito*. O sol, visto através do nevoeiro, é ainda o sol e as propriedades physicas e chimicas da sua luz, diminuidas e alteradas, são todavia as propriedades fundamentaes da luz solar. Se nunca o podessemos vêr senão através d'esse meio offuscante, poderiamos ainda assim estudal-o e conhecel-o. É assim que cada esboço, cada tentativa de definição da verdade philosophica contém em si, apesar das alterações inherentes ao nosso indissipavel nevoeiro, a indicação preciosa d'alguma propriedade fundamental da verdade absoluta.

O que é então a philosophia? É a equação do pensamento e da realidade, n'uma dada phase do desenvolvimento d'aquelle e n'um dado periodo do conhecimento d'esta: o equilibrio momentaneo entre a reflexão e a experiencia: a adaptação possivel em cada momento historico (da historia da sciencia e do pensamento) dos factos conhecidos ás idéas directoras da razão, e a definição correlativa d'essas idéas, não por esses factos, mas em vista d'elles.

É por isso que a cada periodo historico corresponde a sua philosophia: e, se o espirito humano parece condemnado a mover-se dentro d'um certo numero de fórmas fixas, de typos fundamentaes de comprehensão, sempre os mesmos e como que inquebrantaveis, esses typos apresentam todavia uma feição particular em cada periodo historico, e os systemas, que os traduzem, repetem-se sem serem identicos. O idealismo indiano distingue-se do idealismo grego e de ambos se distingue o idealismo germanico: o conceptualismo de

Kant não é o conceptualismo de Socrates, assim como o *nous* de Anaxagoras se não confunde com o *espirito* de Descartes, que todavia lhe corresponde, e o atomismo de Democrito pareceria bem extravagante no nosso seculo, sem que isso impeça que o nosso seculo tenha, e muito legitimamente, a sua escóla atomistica. A razão é, em si, a mesma sempre e em todos os tempos: mas a experiencia, em virtude da qual a razão define, coordena e systematisa as suas concepções, é que varía continuamente.

É por isso que, entre os varios systemas, que em cada idade se repetem, systemas typicamente distinctos e, ao que parece, irreductiveis entre si, ha o que quer que é commum e como que um ar de familia. O espirito da época penetra-os a todos: o genio da raça e da civilisação, que os viu nascer, imprimiu em todos igualmente o seu cunho indelevel. A Academia e o Portico podem combater-se: são todavia irmãos. Entre Plotino e Aristoteles, por exemplo, ou entre Bacon e Leibnitz, ha certas affinidades, certa obscura concordancia, que a critica philosophica só vagamente logra rastrear, mas que se sentem e são muito reaes. Haverá, em cada época, em cada civilisação, uma metaphysica latente, mais profunda que a que se formúla nos diversos systemas e tão profunda que a todos escapa, mas que influa insentida em todos e de que cada um murmure muito confusamente um vago echo? E estará essa metaphysica latente em relação perfeita com o estado intimo psychologico de cada periodo da civilisação humana, influenciando-se reciprocamente, formando em commum o *stratum* mais fundo da alma collectiva de cada idade, de tal sorte que as grandes criações espirituaes, mergulhando as ultimas radiculas

n'essas profundezas, tragam de lá aquelle elemento commum, que lhes dá, no meio dos seus mais patentes contrastes, aquella indefinivel conformidade?

É possivel que assim seja. Em todo o caso, n'este ponto de vista, que é aliás indifferente á exactidão ou inexactidão das explicações que se possam dar ao facto, os differentes systemas têm de ser considerados, dentro de cada periodo historico, como os aspectos diversos d'uma mesma figura, de que são, entre si, os traços complementares, quero dizer, como momentos e modalidades do espirito geral e total do periodo. Sem o quererem, completam-se uns aos outros, e é só no conjunto d'elles que o espirito que anima a idade, o cyclo humano que os produziu, se encontra inteiro e póde ser bem estudado e comprehendido. A expressão completa d'esse espirito seria pois uma theoria geral do universo, que formulasse superiormente, reduzindo-os á sua unidade, todos aquelles pontos de vista parciaes, aquelles momentos limitados de comprehensão, que cada systema representa isolada e divergentemente. Seria essa a synthese do pensamento da época e a sua verdadeira philosophia. Será possivel tal synthese? Decidil-o *à priori* seria talvez arrojo, comquanto a unidade fundamental da razão e os continuos esforços que faz para se possuir na sua inteireza e simplicidade constituam uma grave presumpção no sentido affirmativo. Por outro lado, havemos de reconhecer que a experiencia historica (e o seu testemunho é sem duvida de grande peso) está longe de ser favoravel a esta supposição, antes parece indicar no espirito humano a incapacidade de se elevar tão alto, de reunir n'um feixe compacto todas as suas concepções, apresentando-o quasi como condemnado a um certo fraccionamento,

ou, pelo menos, ao vago e á indeterminação nos pontos verdadeiramente capitaes. Mas, admittindo ainda que essa synthese por assim dizer cyclica não seja possivel, ou, pelo menos, reconhecendo, pois é um facto, que não o tem sido até hoje, nem por isso é menos evidente o phenomeno historico d'uma convergencia gradual dos systemas uns para os outros, tendencia em que se patenteia a invencivel necessidade de unidade que ha na intelligencia humana, e que, se não logrou ainda realizar-se em parte alguma, tem chegado entretanto a produzir quasi por toda a parte uma especie de penetração reciproca das diversas doutrinas, de aproximação dos differentes pontos de vista, um ecletismo ou um syncretismo mais ou menos systematico.

O syncretismo apparece pois como o possivel succedaneo d'aquella synthese irrealizavel. O cansaço que resulta de discussões interminaveis, em que os contendores não avançam nem recuam um só passo; o apparecimento correlativo do scepticismo, que, ameaçando cada escóla, parece ameaçar o proprio pensamento philosophico; o mesmo desenvolvimento de cada systema, que se complica com o andar do tempo, vindo a perder a nitidez da sua estructura primitiva; a erudição, que invade gradualmente o terreno da pura especulação e acaba por se lhe substituir em parte; talvez uma surda elaboração geral na região mais funda das idéas metaphysicas; finalmente, o espirito pratico das multidões não philosophantes, indifferentes ás exigencias de rigor logico dos iniciados e ás suas subtilezas, mas que precisam de affirmações dogmaticas para a direcção da vida e por isso exigem resultados e não disputas: tudo isto concorre, nos ultimos tempos d'um grande cyclo historico, para aplanar o terreno entre as escólas,

aproximal-as e como que fundil-as no syncretismo. Foi o que se viu nos ultimos tempos da civilisação antiga, no periodo alexandrino, quando Pythagoricos, Platonicos, Estoicos e até Peripateticos se uniram, como que presentindo a morte proxima, para redigirem em commum o testamento do genio hellenico, uma ultima formula, menos nitida mas talvez mais ampla, subtil e profunda, d'aquelle racionalismo idealista, que, juntamente com o humanisno da arte, da poesia e da politica, criou o typo mais bello, mais rico e mais acabado da vida moral dos Aryas. Foi ainda o que se viu no declinar da Edade-Média, quando Thomaz de Aquino, recolhendo a herança de tres seculos de meditações e encarniçadas disputas, a herança de Anselmo, de Abeilardo, de Lanfranco, de Alberto, joeirando, por assim dizer, as idéas da complicada Escolastica, formulou na gigantesca *Summa,* senão uma verdadeira synthese, pelo menos a reducção a uma unidade systematica das tendencias das varias correntes do espirito medieval, mais ou menos confundidas ou harmonisadas no seu sabio eclectismo.

Hoje, ao cabo de quatro seculos de elaboração do pensamento moderno, parece dar-se alguma coisa semelhante. Desde a hora genesiaca da Renascença até aos nossos dias, o espirito moderno tem produzido, repetindo a seu modo os cyclos anteriores, póde dizer-se, todos os grandes systemas representativos d'aquellas maneiras fundamentaes ou typos de comprehensão, dentro dos quaes até hoje a intelligencia humana se tem sempre e invariavelmente movido. Foi mais uma vez idealista, espiritualista, pantheista, materialista; e não lhe faltou tambem o scepticismo comprazendo-se em oppôr aquellas affirmações dogmaticas umas ás

outras, para as destruir umas pelas outras e, com ellas, a possibilidade de qualquer philosophia. Na esphera das grandes construcções systematicas, o seu poder criador parece esgotado e extincta, n'esse terreno, a sua originalidade. E tambem de todos os lados o espirito pratico, debatendo-se no meio da confusão moral da sociedade contemporanea, aspirando, como no periodo greco-romano, a uma direcção segura, pede mais uma vez aos philosophos resultados e não disputas. A hora do joeiramento das verdades adquiridas, da critica e coordenação dos diversos pontos de vista e da conciliação dos systemas parece ter soado para a philosophia moderna. Entre os muitos symptomas, que o indicam, um dos mais frisantes é por certo o gradual enfraquecimento do espirito de systema, do fanatismo dogmatico. Não só se não criam já novos systemas, verdadeiramente originaes e inteiriços, mas todos os homens realmente intelligentes, inclinando-se, como é natural, mais ou menos para certas soluções geraes, forcejam entretanto por se conservarem sempre accessiveis a outras influencias, venham ellas d'onde vierem, comtanto que sejam racionaes. O *adepto* d'uma escóla, segundo os velhos moldes, absoluto e intransigente, faz-nos hoje muito proximamente o effeito d'uma intelligencia acanhada, ás vezes quasi d'um extravagante. Um largo criticismo vai rapidamente substituindo o antigo dogmatismo. Por este lado ainda, tudo indica que somos entrados no que se póde chamar o periodo alexandrino do pensamento moderno.

Até que ponto poderá ir essa conciliação dos systemas?

Haverá affinidades intimas, que permittam uma penetração reciproca dos pontos de vista tidos por di-

vergentes? Existirá algum principio de unidade capaz de se impôr superiormente e de dar ao todo aquella cohesão systematica sem a qual não ha verdadeira philosophia? N'uma palavra, caminha-se para uma verdadeira synthese, ou simplesmente para um eclectismo mais ou menos bem ordenado, mais ou menos comprehensivo? É questão a que só a história da philosophia moderna, analysada criticamente nas suas tres grandes phases caracteristicas, póde responder: e essa resposta é que é effectivamente para alguma coisa como uma synthese do pensamento moderno que parece caminhar-se.

A historia mostra-nos, com effeito, a existencia d'um *substratum* de noções metaphysicas communs a toda a philosophia moderna, que penetram mais ou menos profundamente os diversos systemas, e não só os systemas mas ainda todas as criações espirituaes dos povos modernos, affeiçoam os seus processos de pensar, inspiram as theorias geraes das suas sciencias como determinam as tendencias typicas da sua arte, da sua poesia, da sua politica, modificam a sua religiosidade, infiltram-se no sentido geral, constituindo por assim dizer a atmosphera intellectual e psychologica do mundo moderno, ao qual dão a sua feição historica particular e a sua unidade fundamental. Essas noções capitaes são as de *força*, de *lei*, de *immanencia* ou *espontaneidade* e de *desenvolvimento:* quatro palavras que, para o commum da gente, não parecem ter grande significação, porque, sendo já habituaes, geralmente não se lhes mede o alcance, mas que representam, tanto em amplitude como em profundeza, a maior revolução intellectual da humanidade. É em virtude d'estas noções que o pensar moderno se distingue do

pensar antigo, e não accidentalmente mas systematicamente, oppondo a um mundo de idéas outro mundo de idéas, a uma direcção logica outra direcção logica, a pontos de vista fundamentaes outros pontos de vista fundamentaes, a uma comprehensão da natureza intima das coisas outra comprehensão radical e systematicamente diversa. Se o pensamento antigo se inclinava todo para a abstracção e para reduzir o problema do universo a uma especie de formalismo dialectico, o pensamento moderno, pelo contrario, pende para um decidido realismo, pela sua maneira de propôr o problema das idéas e de encarar a relação das idéas com o mundo objectivo. Se, no pensamento antigo, a metaphysica era quasi uma derivação da logica, no pensamento moderno a logica é que tende a ser dominada e determinada pela metaphysica. Se, para o pensamento antigo, a realidade apparecia como uma emanação do sêr em si absoluto e só verdadeiramente existente, para o pensamento moderno é a realidade o *fieri* incessante d'um sêr em si só potencialmente existente e que só realizando-se atinge a plenitude. Se, segundo o pensamento antigo, o principio da energia e propriedades dos sêres lhes era exterior e como que n'elles infundido, e radical a distincção da materia e da fórma, segundo o pensamento moderno materia e fórma são indissoluveis, fundem-se na natureza autonoma dos sêres, cujo principio de energia lhes é proprio, ou antes, constitue a sua mesma essencia. Se, para o pensar antigo, o movimento das coisas apparecia como a recorrencia, n'um grande circulo fatal, dos mesmos typos, inalteraveis e fixos desde toda a eternidade, para o pensar moderno a fórmula d'esse movimento é uma criação em permanencia, a transformação e renovação

incessantes. Se a necessidade dos factos apparecia ao pensamento antigo como um decreto superior, imposto aos sêres e, porque imposto, determinando-lhes a natureza, essa necessidade apparece ao pensamento moderno como a expressão da mesma natureza dos sêres, como a sua lei, isto é, como a fórma adequada da sua espontanea actividade. O pensar antigo via a realidade fraccionada n'um certo numero de divisões e categorias, generos ou especies, substancias incommunicaveis e irreductiveis entre si, de tal sorte que cada secção do universo, cada categoria de sêres, fechada no seu typo como n'uma prisão, se movia eternamente n'um circulo prescripto, sem influir, nem poder ser influida pelas outras: o pensar moderno quebra essas prisões logicas, faz circular através dos typos pretendidos irreductiveis uma vida commum, vê na realidade o acto unico d'uma substancia omnimoda, por virtude da qual todos os sêres, momentos e modalidades d'ella, communicam continuamente entre si, influenciando-se mutuamente, oppondo-se e, por essa constante e universal opposição, realizando, não a reciproca annullação, mas a integração de todos os momentos na unidade, cujas diversas potencias manifestam. Finalmente, o pensamento antigo fazia do universo uma machina, cuja estructura obedecia a um plano preconcebido: o pensamento moderno faz do universo um sêr vivo, cuja fórma de actividade não obedece senão ás tendencias espontaneas do seu proprio desenvolvimento. Um levava ao immobilismo, o outro leva ao movimento. Um, para achar a unidade, tinha de a ir buscar fóra do universo: o outro encontra a unidade immanente na mesma diversidade.

A existencia d'um conjunto de concepções funda-

mentaes, de que se inspiram, ou, pelo menos, de que partilham todos os systemas modernos, é pois um facto de evidencia historica. É por ellas que se estabelece a linha de demarcação entre o pensamento antigo e o moderno: e este contraste, fazendo sobresahir nitidamente os traços caracteristicos d'um e d'outro, evidencia bem a realidade d'um terreno commum, que torna possivel a synthese das idéas modernas. Resta vêr se essa synthese tende effectivamente a realizar-se.

As noções fundamentaes do espirito moderno foram propostas, logo ao alvorecer da Renascença, por aquelles seus philosophos-prophetas, que como que philosophavam por inspiração — Nicolau de Cusa, o precursor de Copernico, Cardano, Telesio, Agrippa de Nettesheim e Paracelso, os cabalistas, Pomponazzi, Serveto, um pouco depois Jordão Bruno — e quasi immediatamente encontraram, para se apoiarem, as memoraveis descobertas da astronomia e da physica na segunda metade do seculo XVI. De facto, a philosophia e a sciencia dos modernos têm caminhado sempre de mãos dadas, apoiando-se, inspirando-se e corrigindo-se mutuamente: cada passo para diante no terreno da especulação provoca logo no campo das sciencias uma remodelação das suas theorias geraes, assim como a fundação de mais uma sciencia, ou simplesmente o levantamento de mais uma secção no edificio de qualquer d'ellas, propondo á especulação um mundo novo de factos, obriga a philosophia, que tem de os interpretar superiormente, a aprofundar ou definir melhor os seus principios. No seculo XVI despontavam apenas as sciencias modernas, e o philosophar era mais um sonho genial do que um operar rigoroso

e firme do entendimento. A renascença foi simplesmente a prophetiza do espirito novo. Entreviu as idéas fundamentaes do periodo moderno, annunciou-as em phrases confusas e entrecortadas como as das sibyllas, não lhe foi dado formulal-as. Essas idéas, incubadas nos primordios da philosophia moderna, só gradualmente se haviam de ir desentranhando, e o formulal-as tinha de ser a obra commum de todas as escólas, obra historica e collectiva, da qual cada systema é apenas um factor, cada grande philosopho apenas um obreiro. E é justamente esse caracter collectivo e cyclico que faz com que a philosophia moderna tenha verdadeiramente uma historia, isto é, uma unidade de desenvolvimento.

É no seculo XVII, com Descartes, Bacon, Leibnitz e Spinosa, com Galileu tambem e a fundação da physica moderna, assim como com o triumpho das idéas de Copernico sobre o systema do mundo, o que tudo importava uma revolução enorme na comprehensão dos primeiros principios do movimento e da materia, é só então que a philosophia moderna começa a tomar verdadeira consistencia. O Cartesianismo, considerado d'uma maneira geral e no seu valor historico — e só assim o devemos considerar aqui — não é uma menor affirmação da idéa de *força* do que a Monadologia de Leibnitz. O *cogito ergo sum* não é sómente a carta de alforria da intelligencia moderna: estabelecendo a absoluta unidade e autonomia do principio pensante, estabelece implicitamente a unidade do mundo pensado (que a physica cartesiana, reduzindo a materia á extensão, affirmava ainda por outro lado) e leva forçosamente á conclusão da «identidade do ser e do saber», assim como á da autonomia d'um universo que, ana-

logo no fundo ao espirito, só pelas suas idéas immanentes existe e se governa.

Que importa que Descartes, preso ainda pelo sentimento e por uma certa timidez, senão prudencia, aos credos tradicionaes, não se atravesse ou não pudesse tirar nitidas as ultimas consequencias dos seus principios? Tirou-as Spinosa e o pantheismo sahiu do Cartesianismo, necessario e irresistivel, apesar dos protestos dos cartesianos amedrontados. A reprovação universal, que então pesou sobre o pobre Spinosa, não impediu que ficasse assente por suas mãos uma das pedras angulares da philosophia do futuro. Por seu lado Leibnitz, na Monadologia, fazia da *força* a essencia commum da materia e do espirito: revolucionava, por certo muito mais profundamente do que suppunha, a velha concepção dualista e, com a sua *harmonia pre-estabelecida*, reconhecia, embora sob uma fórma que o futuro havia de rejeitar, a completa autonomia dos sêres, pois outra coisa não significava affirmar a espontaneidade das energias a que reduzira a sua essencia. Espiritualista por um lado, mecanista por outro, reunia no seu pensamento duas tendencias que pareciam contraditorias, mas que o futuro ha de ir mostrando, á medida que as desembaraçar das formulas ainda estreitas do seculo XVII, que são perfeitamente reductiveis a um principio commum. A Monadologia é toda ella uma grande affirmação da idéa de *lei:* essa idéa sahia ao mesmo tempo da elaboração das sciencias physicas; e, com a dupla auctoridade da sciencia e da philosophia, penetrava no espirito moderno para nunca mais d'elle sahir.

Assim, n'um periodo de pouco mais de cem annos, a concepção moderna do universo, vaga ainda e incon-

sistente no seculo XVI, alarga-se e adquire estabilidade: alarga-se, com Spinosa, como *infinito* e *immanencia*: com Galileu, Kepler e Newton, com Descartes, Leibnitz e Bacon, torna-se estavel como *força* e *lei*. A natureza apparecia-lhes já quasi como a nós nos apparece. Quasi: a fecundal-a, a dar-lhe plasticidade e vida, faltava ainda alguma coisa á concepção do seculo XVII: faltava-lhe a idéa de *desenvolvimento*. Trouxe-a o grande seculo revolucionario, o seculo XVIII.

Trouxe isso, e trouxe ainda alguma coisa mais. A idéa de *desenvolvimento* é a consequencia e o complemento natural das idéas de *força* e *immanencia*. Sahindo da evolução logica d'ellas, é o ultimo elo da grande cadêa das concepções modernas fundamentaes. Appareceu pois no seu tempo e no seu logar. Com effeito, se a essencia da *força* é a actividade, a sua existencia presuppõe uma série contínua de *actos*, *actos* que, succedendo-se e apoiando-se cada um no anterior e como que envolvendo-o, não podem ser a simples repetição do mesmo *acto* (pois a repetição do mesmo *acto* reduz-se, metaphysicamente, a um *acto* unico) mas um avanço do posterior relativamente ao anterior, que n'elle vem contido, um alargamento da esphera de acção da *força*, isto é um *desenvolvimento*. Todo o sêr tende para a affirmação de si mesmo, isto é, para a expansão e realisação da sua essencia. Se essa essencia, que exprime a sua mesma existencia, lhe é immanente, a sua potencia ou virtualidade de expansão e realização é necessariamente illimitada, pois no momento em que encontrasse um limite *absoluto* a essencia do sêr estaria em contradicção comsigo mesma: realizar-se, e realizar-se n'uma successão illimitada de *momentos*, em que cada um abrange o anterior e por

isso comprehende mais do que elle, tal é a sua lei. Ainda por este lado chegamos á idéa de *desenvolvimento*. O universo apparece-nos agora não já sómente como o grande sêr autonomo e eternamente activo, mas como o sêr de illimitada e infinita expansão, tirando de si mesmo, da sua inesgotavel virtualidade, de momento para momento, creações cada vez mais completas, mais ricas de energia, vida e expressão, envolvendo-se e desdobrando-se, em voltas cada vez mais largas e sinuosas, na espiral sem termo do seu maravilhoso desenvolvimento. Divino e real ao mesmo tempo, manifesta a si mesmo a sua essencia prodigiosa, contempla-se n'uma infinidade de espelhos e em cada um sob um aspecto diverso, desenrolando a sua eterna existencia n'uma série de panoramas, desde as forças elementares e puramente mecanicas, as mil affinidades da materia bruta, até ao instincto que sonha, á intelligencia que observa e compara, á razão que ordena, ao sentimento que fecunda, até á contemplação e á virtude dos sabios e dos santos.

Esta sublime idéa rebenta por todos os lados, do chão fecundo do espirito moderno, na segunda metade do seculo XVIII. Ella inspira o naturalismo de Diderot, o pantheismo de Lessing, o idealismo de Vico, o deismo de Herder, assim como o humanismo poetico de Gœthe e Schiller, anima a paixão revolucionaria de Rousseau e faz-se até sentir no sêcco racionalismo de Voltaire. Por outro lado, sae naturalmente das sciencias que então se criam ou recebem fórma nova: na chimica, na geologia, na botanica, na zoologia, a idéa de *desenvolvimento* evidenceia-se por tal modo, que se impõe irresistivelmente ás suas theorias fundamentaes. E a historia, que então começa a aprofundar-se pelo estudo

das origens e das instituições, a linguistica, que desponta, vêm offerecer mais um ponto de apoio ás especulações dos philosophos.

Mas, disse eu atraz, o seculo XVIII, trazendo a idéa de *desenvolvimento*, trouxe ainda alguma coisa mais. Affirmára-se com effeito a *força*, a sua *immanencia* e o seu *desenvolvimento* governado por *leis* necessarias. Mas a *força*, em si, o que é? e essas *leis*, qual é o seu typo? Se é pela razão que conhecemos uma e outras, que relação ha entre essas realidades e as idéas por meio das quaes só as percebemos? Serão estas effectivamente adequadas á realidade, e não meras illusões subjectivas? O que é então conhecer? qual é a natureza do sujeito pensamente, e que grau de confiança devem merecer-nos, no ponto de vista do seu valor representativo, as nossas proprias idéas? Aqui apparece-nos a grande figura de Kant.

Kant representa na philosophia moderna um papel muito analogo ao de Socrates na philosophia antiga. Ao conceptualismo d'um corresponde o criticismo do outro. Conceptualismo e criticismo foram para ambos o instrumento com que, depois d'um periodo de fecunda elaboração de idéas, mas elaboração como que cega, inspirada por uma absoluta confiança na auctoridade da intelligencia e dominada pelo mais intemperante dogmatismo, sondaram as bases do conhecimento, pesaram, por assim dizer, uma por uma as faculdades da razão e, parecendo proscrever toda a especulação metaphysica, avigoram-n'a de facto, disciplinando-a e abrindo-lhe horizontes novos. Da revisão severa a que ambos submetteram as idéas do seu tempo resultou um deslocamento do terreno da especulação, e esse deslocamento foi, em ambos os casos, um aprofundamento,

porque a metaphysica, obrigada por elles a refluir para a sua origem, retemperou-se, concentrou-se, e tendo n'essa concentração alcançado uma maior intimidade com os seus proprios principios, uma maior compenetração de si mesma, transportou essa maior capacidade de comprehensão e penetração para o mundo objectivo, que, visto a essa luz nova, pareceu ampliado e como que outro.

O criticismo de Kant está muito longe de ser simplesmente uma nova fórma do scepticismo, como pareceu e parece ainda hoje a muita gente. Não o era na sua intenção e muito menos ainda o é de facto. Nem tão pouco vai de encontro ás tendencias metaphysicas do pensamento moderno: pelo contrario, submettendo-as a uma verificação rigorosa depura-as e firma-as; sondando a razão nos seus ultimos elementos, amplia-as e é, tudo bem considerado, um passo mais no sentido d'essas mesmas tendencias. O que pretende, com effeito, Kant? assentar as verdadeiras bases da certeza dos nossos conhecimentos. E essas bases onde as encontra? no espirito e só no espirito. O espirito é pois para Kant, quer elle o saiba ou não, o verdadeiro *noumenon*, o espirito é o sêr typo, medida de todos os sêres, revelação da sua mais intima natureza. As leis do espirito são as leis do universo na sua fórma mais perfeita, e é partindo do espirito que se ha de conhecer o mundo objectivo, não partindo do mundo objectivo que se ha de conhecer o espirito. Mas quem não vê n'esta maneira de propôr a questão das idéas uma nova affirmação, e a mais energica de todas, da autonomia da *força* e da sua *immanencia*? O universo, no Kantismo, reflue todo para a consciencia e some-se n'ella, mas para de lá sahir trans-

formado, analogo ao espirito ou identico com o espirito. O subjectivismo de Kant é pois, ou coisa alguma — a impossibilidade de qualquer conhecimento além do da mesma faculdade de conhecer, n'este caso sem objecto — ou então, como o entenderam Fichte, Schelling e Hegel, o reconhecimento da «identidade do sêr e do saber», a generalisação do espirito a todo o universo, um idealismo realista, que, ao mesmo tempo que subordina todos os sêres ás leis da razão, põe a razão e as suas leis latentes em todos os sêres, ainda os mais elementares. Sendo isto assim, e não parece que possa ser d'outro modo, a critica de Kant veio, pelo rodeio do scepticismo, confirmar e ampliar prodigiosamente as idéas fundamentaes do pensamento moderno, levando-as, póde dizer-se, até ás suas ultimas conclusões.

É necessario distinguir no Kantismo os propositos do seu auctor, o que elle julgava fazer e provar, e aquillo que realmente fez, o alcance, que em grande parte lhe escapou, das suas proprias idéas. As idéas d'um grande pensador, cujo largo ambito elle rarissimas vezes mede bem, não são o que elle quiz ou pretendeu que ellas fossem, mas sim aquillo que de facto representam na evolução do pensamento geral a que se ligam. Assim, a verdadeira significação historica do Kantismo é aquillo que legitimamente sahiu d'elle, o realismo transcendental de Schelling e Hegel. Como de Socrates sahiu Platão, um pythagorico e eleata, mas pythagorico e eleata corrigido e afinado pela subtil dialectica do mestre, assim de Kant sahiram Schelling e Hegel, repetindo o naturalismo e o pantheismo do periodo anterior, mas repetindo-os no ponto de vista do novo idealismo implicitamente contido na *Critica da*

Razão Pura, refundindo-os e apresentando-os com uma physionomia inteiramente outra. Repetição que é mais ainda do que uma renovação: é alargamento das bases, é aprofundação das idéas mães, é concentração de todos os elementos do ponto de vista até alli dispersos. A nova philosophia fundada sobre a «identidade do sêr e do saber» leva as idéas fundamentaes do espirito moderno, as idéas de *força*, de *immanencia* e de *desenvolvimento*, até ao maximo grau de condensação. Schelling e Hegel fundaram definitivamente a doutrina da evolução, e fundaram-n'a na mais alta região das idéas, d'onde ella domina todo o pensamento do nosso seculo. A evolução, vista d'essa altura, não é sómente o processo mecanico e obscuro da realidade: é o proprio processo dialectico do sêr, tem as suas raizes, communs com as raizes da razão, na inconsciente mas fundissima aspiração da natureza a um fim soberano, a consciencia de si mesma, a plenitude do sêr e a ideal perfeição. A lei suprema das coisas confunde-se com a sua finalidade e essa finalidade é espiritual. Com Schelling e Hegel a philosophia da natureza compenetra-se dos seus verdadeiros principios metaphysicos: o mecanismo dissolve-se no dynamismo, cujo typo ultimo é o espirito. O universo, á luz do realismo transcendental dos dois grandes successores de Kant, transfigura-se: o seu movimento apparece como uma successão e encadeamento de idéas e a sua immanencia define-se como a da alma infinita das coisas.

II

O Hegelianismo tinha de ser a ultima grande explosão do dogmatismo na philosophia moderna. Era

inevitavel uma reacção. E direi mais: essa reacção era salutar. As idéas fundamentaes do espirito moderno tinham sido affirmadas pelos grandes philosophos allemães do primeiro quartel d'este seculo com uma pujança incomparavel: tinham elles escavado o chão do pensamento a uma profundidade enorme, para lhes procurarem alicerces mais firmes: tinham-nas ligado entre si com a cadêa d'uma deducção logica de resistencia sem exemplo: tinham-lhes, finalmente, feito abranger, no seu prodigioso circuito, um ambito igual ao do proprio universo. Todavia aquella gigantesca construcção não podia sustentar-se por muito tempo de pé e inteiriça. Se as idéas eram as do espirito moderno, a fórma rigidamente systematica que revestiam é que o não era. Ao espirito moderno repugnam-lhe taes systemas fechados e inflexiveis.

Recebe d'elles, de mãos abertas, quanto elles podem dar de bom e novo, mas com a condição de os abandonar depois. O realismo, que o penetra, leva-o a identificar-se com os aspectos cambiantes das coisas, a comprazer-se com a linha sinuosa das realidades; e, se não prescinde de modo algum das idéas como fio conductor no labyrintho da natureza, e até, pelo contrario, o seu naturalismo está todo impregnado de idealismo, não quer todavia que esse fio conductor das idéas se transforme n'uma pesada cadêa, a tolher-lhe a liberdade dos movimentos. Quer receber as suas inspirações immediatamente da realidade, e que essas inspiraçóès então, por uma lenta e surda elaboração, se transformem em idéas e theorias, de que é, de resto, avido: mas não quer que idéas e theorias lhe cáiam já feitas e concatenadas de nenhum laboratorio especial de taes productos. Quer que a sua philosophia tenha

alguma coisa de espontaneo e organico, como a mesma natureza que a inspira. Vê-se, afinal, muito mais genuinamente representado por um homem como Gœthe, poeta, artista, naturalista, por cima d'isso viajante e homem do mundo, tendo tambem uma clara orientação philosophica, mas seguindo-a livre e humanamente, do que por um pesado e tenaz constructor de syllogismos, sejam embora esses syllogismos gigantescos e chame-se Hegel o prodigioso constructor d'elles.

Por tudo isto, já uma reacção contra o dogmatismo da philosophia allemã do primeiro quartel d'este seculo era inevitavel. Mas havia mais alguma coisa e mais grave. O *a-priorismo* absoluto da philosophia transcendental, aquella pretensão exorbitante de *construir* o universo deductivamente e só com o poder da dialectica, e de reduzir todas as espheras do conhecimento a casos particulares das suas formulas supremas e inquebrantaveis, pareceu (e devemos dizer que não foi sem razão) um verdadeiro attentado contra as sciencias modernas, levantadas, com um labor de tres seculos, pedra a pedra, pela paciente observação e pela inducção cautelosa. O illustre Humboldt, esse naturalista encyclopedico, protestava já contra a impertinencia d'aquelles philosophos, que, nas suas cathedras de Iena e Berlim, «pretendiam fazer chimica sem molharem as pontas dos dedos». Era effectivamente arrogancia excessiva: era peor, era um profundo erro. A sciencia é irmã da philosophia, não sua serva. O terreno da especulação está limitado aos primeiros principios das coisas e á analyse das idéas fundamentaes: o grande e variado mundo dos factos pertence inteiro á observação, á experiencia e á inducção. A hypothese, que, geradora da theoria, fecunda a sciencia, é por

certo filha legitima da especulação: mas a hypothese não se impõe á sciencia, alumia-a; nem, em todo o caso, se lhe substitue. É necessario que a observação, governada pelos methodos especiaes de cada sciencia, confirme a hypothese, para que ella tenha então fóros de verdade scientifica. A hypothese é pois simplesmente o ponto de contacto e de intersecção da philosophia com a sciencia. É por meio d'ella que as idéas metaphysicas d'uma época, as suas noções fundamentaes, penetram nas sciencias, affeiçoam as suas theorias geraes e lhes fornecem pontos de vista para o seu ulterior desenvolvimento. Outra especie de influencia, influencia directa e particular da philosophia nos dominios da sciencia, é contra a natureza das coisas, que fez com que philosophia e sciencia nascessem no mesmo dia, logo ao alvorecer do pensamento reflectido, irmãs e iguaes, cada uma com sua feição, seus predicados e sua missão bem definida. A cada sciencia, isto é, ao estudo de cada ordem de phenomenos, preside uma idéa fundamental. Póde a philosophia, e é essa uma das suas funcções, apropriar-se d'essa idéa e de todas ellas, para as tornar materia das suas especulações: mas o desenvolvimento *real* d'essas idéas no mundo dos phenomenos só a sciencia o póde seguir e determinar methodicamente, porque só ella tem instrumentos e auctoridade para isso. Á sciencia, a missão de desenhar, com os traços firmes das leis positivas, o quadro do universo na sua variedade e complexidade phenomenal: á philosophia, a missão de interpretar superiormente a significação d'esse quadro e de descobrir ou tentar descobrir a chave do grande enigma.

E quando ousava a «philosophia transcendental» invadir os dominios da sciencia e impôr ou pretender

impôr as suas construcções dialecticas á observação e á experiencia? Exactamente quando as sciencias modernas, tomando novo folego na sua carreira trez vezes secular, inventariando á pressa as riquezas já adquiridas, viam alargar-se diante da sua ambição um novo e immenso horizonte e se precipitavam n'aquella direcção com a alacridade de quem conta com o triumpho. Ahi por 1830, que maravilhoso espectaculo? Um novo periodo, com effeito, se abria na historia das sciencias, e abria-o justamente a grande idéa philosophico-scientifica do seculo, a idéa de *evolução*. Ella irrompia, quasi ao mesmo tempo, no chão de todas as sciencias, desde a astronomia, que, passando da mecanica para a physica celeste, e dos movimentos no espaço para as transformações no tempo, se inspirava d'ella na grande hypothese cosmogonica da condensação da nebulosa primitiva, até á anthropologia, a ethnographia e a linguistica apontando em commum, na historia do homem, das suas raças, costumes e linguas, uma série de desenvolvimentos e um progresso, que, por ser muitas vezes tortuoso, não é por isso, no conjunto, menos patente. A physica, banindo a velha opinião dos *fluidos imponderaveis*, encaminhava-se já para a doutrina capital da unidade e correlação das forças physicas e, restaurando a hypothese cartesiana do ether, ia dar-lhe, ligando-a áquella doutrina, um alcance imprevisto: emquanto a chimica, não contente com ter surprehendido as affinidades intimas da materia, as dominava e como que disciplinava, passando da analyse á synthese, e pelas mãos de Berzelius, Dumas, Davy, Gay-Lussac, Liebig, *criava* corpos, inorganicos a principio, mais tarde corpos organicos, demonstrando assim praticamente a circulação, no uni-

verso, d'uma mesma materia disfarçada na variedade das fórmas. Mas é no campo da geologia e das sciencias da organisação que a renovação intellectual provocada pela idéa de *evolução* se torna mais evidente. A geologia, depois de Cuvier, Leopoldo de Buch, Alex. de Humboldt, E. de Beaumont, Buckland, Lyell, C. Prévost, encontra a base da sua construcção theorica e torna-se essencialmente geogenia, isto é, a sciencia d'uma evolução: o globo é quasi um sêr vivo, que se desenvolve. E pela paleontologia, que é um dos seus ramos, liga se a geologia ás sciencias da organisação, onde a idéa de *evolução* ia provocar a mais fecunda das revoluções. Os grandes precursores de Darwin, Lamarck e Geoffroy Saint-Hilaire, tinham já apparecido: e se o *transformismo* se não precisára ainda no rigor das suas leis mecanicas, a theoria estava já todavia esboçada e a famosa discussão, na Academia das Sciencias de Paris, entre Cuvier e Saint-Hilaire revelou ao mundo scientifico o poder e alcance da nova doutrina. Finalmente, a anthropologia transformava-se n'uma verdadeira sciencia natural e começavam a apparecer irrecusaveis os testemunhos das origens animaes do homem, emquanto a linguistica, na sua subtil analyse e caminhando de inducção em inducção, apontava, na linguagem humana, para um periodo remoto em que á simplicidade e pobreza extrema das fórmas de expressão devia corresponder a rudeza primordial do pensamento, todo dominado ainda pelo instincto. O vasto quadro do universo e da humanidade, desenhado pela mão da sciencia, completava-se rapidamente com traços cada vez mais firmes, e uma concepção geral da natureza, animando o quadro, dava-lhe uma expressão não só de vida mas de alta intelligencia. As sciencias,

na segunda metade do seculo XIX, tendo-se assenhoreado de idéas capitaes e fecundissimas, possuindo methodos proprios e de grande rigor assim como uma logica sua, a da inducção, julgavam achar-se com direito e com força bastante para desenharem esse quadro segundo as suas proprias inspirações. Reconheçamos que era, pelo menos, mal escolhido o momento pela philosophia transcendental para vir impôr a essas diligentes e poderosas obreiras os seus planos *a priori*.

Mas não eram só as sciencias positivas que repelliam as pretensões da nova metaphysica. A historia, que durante a primeira metade d'este seculo se tinha apossado d'um dominio immenso deixado quasi vacante pelos seculos anteriores; que renovára os seus methodos e com esses methodos renovados abrira um largo sulco de luz no tenebroso passado, resuscitando civilisações esquecidas e interpretando-as com uma lucidez imprevista, com um espirito novo, nas suas instituições, no seu sentir, no seu genio, e estava então representada por homens como Guizot e Thierry, como Niebuhr, Savigny, Bœckh, Bunsen, Movers, Ewald, Voigt, Baur, Ranke, Otfried Mueller — para só nomear os mais illustres; a historia protestava contra a imposição das inflexiveis *construcções*, pretendidas historicas, de Hegel e da sua escóla. A historia tinha encontrado, é certo, n'esse seu revolver de tanta poeira humana, leis naturaes e leis moraes, uma certa regularidade e necessidade na grande trajectoria dos factos: mas, ao lado d'isso, encontrára tambem alguma coisa que não parecia depender de lei ou necessidade conhecida e que theoria alguma da humanidade, por mais ampla e complexa, lograria nunca prevêr: tinha encontrado o *fortuito*. Providencia? acaso? liberdade humana?

Tudo é possivel: mas o certo é que estava ahi um elemento irreductivel á theoria, elemento consideravel, de mais a mais, mas ainda que o não fosse, bastante, só pelo facto de existir, para despedaçar os systemas historicos mais bem *construidos* e para inhibir qualquer espirito recto de se embrenhar no estudo do passado com idéas preconcebidas e systematicas. Não ha philosophia da historia, diziam esses grandes historiadores: ou, se uma philosophia da historia é possivel, será só pela analyse e comparação dos factos, pela inspiração immediata do genio da humanidade, latente nas suas obras, e por uma vasta cadêa de inducções, que ella poderá ser estabelecida. As civilisações succedem-se: mas onde está a necessidade d'essa successão? Em virtude de que lei é que uma raça virgem apparece, á hora precisa e no logar marcado, para addir a herança d'outra raça que desfallece no caminho da civilisação? E os grandes homens, agentes livres no drama da historia, que necessidade os faz nascer no momento aprazado e lhes protege a existencia, durante a infancia e depois, para que não desappareçam antes de terem cumprido a sua missão? Se Napoleão tivesse morrido em Arcole? Se Alexandre não tivesse contrahido uma febre paludosa bordejando nos charcos de Babylonia? Se Paulo, o verdadeiro fundador do Christianismo, na sua vida errante de operario, nunca tivesse ouvido fallar em Jesus de Nazareth? Se os Persas tivessem vencido em Marathona? Se um cyclone tivesse afundado o navio de Colombo no meio do *gulf-stream*? Se... se... se...?

Onde está a necessidade em tudo isto? E todavia, a teia da historia é urdida com estes accidentes. Se d'elles abstrahir-mos, poderá ainda subsistir uma his-

toria, mas por certo tão outra do que é e tem sido, tão essencialmente outra, que nem sequer conseguimos formar uma idéa do que possa ser uma historia necessaria como o desenvolvimento d'um syllogismo ou d'uma equação. — Assim diziam aquelles grandes historiadores, e diziam bem. Hegel, decididamente, não tinha razão.

A historia não é a metaphysica. As idéas metaphysicas dominam e penetram a historia, não a fazem. Na ordem dos factos, não se póde construir *a priori* o que não se conheça já *a posteriori*. Sem direcção metaphysica não poderá nunca haver verdadeira e superior comprehensão da historia: mas, comtudo isso, os historiadores continuarão a procurar o encadeamento e a lei *real* dos factos no estudo critico dos mesmos factos e deixarão sempre uma larga margem áquelle factor — necessario, sem duvida, como tudo, mas d'uma necessidade que escapa á razão, embora provavelmente não esteja fóra da razão — a que chamarão, cada um conforme a cambiante philosophica do seu pensamento, Providencia, acaso, liberdade, ou simplesmente, o desconhecido.

Se a historia protestava em nome do que ha de não-necessario na ordem dos factos humanos, contra a grande *construcção* hegeliana, protestava contra ella a psychologia em nome da liberdade moral e da consciencia. Protesto de significação bem grave! Aquella voz da consciencia, obscura e sumida como parece no meio dos mil rumores do mundo, se pôde sempre, e ás vezes quasi só com um suspiro, fazer cahir algemas e derrubar bastilhas seculares, será potente bastante para desmanchar e dissolver os systemas mais tenazmente entretecidos dos philosophos. Ora a sciencia

que pretende, escutando ás portas da consciencia, revelar ao mundo os seus mais intimos segredos, chama-se a psychologia. É a sciencia da alma. Mas o que é a alma? Todos o sentem mais ou menos vagamente, mas ninguem logrou ainda definir com clareza essa mysteriosa entidade, nem até dissipar completamente as duvidas que sempre tem havido a respeito da sua existencia. Não pensavam por certo assim os graves Escocezes, que, durante a segunda metade do seculo passado, fundaram a mais illustre entre as escólas da psychologia moderna — Reid, Dugald-Stewart e os discipulos d'estes. Puritanos convictos, excellentes cidadãos, paes de familia exemplares, homens de fé ao mesmo tempo que homens de meditação, a alma para elles não era uma hypothese, fluctuando ao capricho das argucias dos sophistas, mas uma realidade, uma suprema realidade, que affirmavam continuamente, tanto na virtude das suas vidas sãs e rectas, como nas immortaes esperanças d'uma outra existencia. Professores d'uma universidade protestante afamada pela honestidade da sua disciplina intellectual, quizeram pôr um dique á onda do scepticismo, que, depois de Locke e Hume, ameaçava, no seu entender, subverter os bons principios e, com elles, os bons costumes. A isso mesmo os convidava a sua fé de christãos e o seu zelo de patriotas. E como eram, ao mesmo tempo, homens de grande saber e espiritos penetrantes e meditativos, resolveram fazer uma sciencia d'essa voz do proprio sentimento intimo. Fecharam os livros e interrogaram a consciencia. A consciencia respondeu-lhes, como era de esperar que respondesse a taes homens, confirmando-os em todos os seus nobres sentimentos, affirmando a existencia, autonomia, espiritualidade e immortali-

dade da alma, affirmando o dever e a liberdade humana. Eram grandes affirmações estas, sem duvida alguma, mas não bastavam a constituir uma sciencia. Responderia com igual clareza a consciencia interrogada sobre as diversas faculdades da alma, a sua essencia, a sua relação com o corpo a que anda ligada, a origem das idéas, a determinação da vontade pela razão e a conciliação d'esse determinismo com a liberdade, a raiz da moral, finalmente, e a sua sancção? Infelizmente não respondeu. A psychologia escoceza perdeu-se n'um dedalo de distincções, divisões e sub-divisões, de analyses subtis e contradictorias, e o que parecia simples acabou por se tornar extremamente obscuro e duvidoso. A famosa sciencia não se constituiu e a psychologia escoceza ficou-se afinal n'uma especie de metaphysica vaga, acanhada e, para tudo dizer, inferior.

Não importa. Não se tinha constituido uma sciencia da alma e, pelo caminho da observação directa da consciencia, resolvido o problema do sêr. Mas, em face do scepticismo e do sensualismo, um momento triumphantes, em face tambem do fatalismo das sciencias da natureza, que já deixavam adivinhar as suas tendencias, e d'esse outro fatalismo mais seductor dos systemas metaphysicos, que iam surgir em breve, não foi perdido aquelle protesto da consciencia. O que ficará liquido, se era pouco comparado com as ambições d'uma sciencia definitiva do espirito, era ainda assim alguma coisa, era até muito, humano e historicamente fallando: era o conhecimento da unidade e autonomia do *eu* e d'aquelle fundo sentimento da sua propria liberdade e intima dignidade moral, que, sob pena de decadencia e degradação, nunca no homem se poderá

obliterar. E quem bem considerar talvez encontre que ainda n'esta esphera reservada do sentimento intimo se fazia sentir a infiuencia omnipotente das noções capitaes da *força* e *immanencia:* infiltrando-se, do pensar geral, n'essa região profunda, ellas teriam, não inspirado, por certo, mas estimulado o sentimento innato da autonomia e da liberdade do *eu.* Pouco importa que, scientificamente, a psychologia dos Escocezes tivesse um valor só muito relativo: ella representa entretanto um facto historico consideravel, uma grave affirmação da alma moderna reinvindicando, por assim dizer, o seu direito sobre si mesma, proclamando-se obreira do seu proprio destino, criadora da sua propria finalidade, espontanea nas suas determinações, e repellindo, como sugestões degradantes, as idéas ainda as mais subtis e engenhosas, que possam entibiar a sua energia moral. Ora, se o sentimento moral não é a philosophia nem se póde substituir á philosophia, é muito certo tambem que philosophia alguma, que o sentimento moral reprove, poderá prevalecer contra elle. N'este sentido, póde dizer-se que os Escocezes conseguiram o seu fim.

Uma grande nação, que acabava de dar ao mundo um exemplo assombroso d'aquella energia que a paixão do direito inspira e que tem no sentimento moral as suas raizes mais fundas, mas que, esquecendo bem depressa esses dictames do senso intimo, ebria com a propria força e cega de orgulho, precipitando-se através de terriveis aventuras, cahira afinal sob o peso da reprovação geral e sob o peso maior ainda da sua má consciencia, essa grande nação, desnorteada, duvidando de si, duvidando do direito, revoltada ainda, mas já inclinada á contrição, foi buscar ás suas placidas ca-

thedras de Edimburgo e Aberdeen aquelles mestres graves e meditativos e quiz fazer d'elles seus directores espirituaes. Precisava com effeito d'uma direcção prudente e temperada e de ser aplacado pela voz dos sabios aquelle espirito dorido mas sempre inquieto. Servia-lhe, n'aquella hora de incerteza, o ensinamento humano e calmante dos pensadores da Escocia. Mas como a França, que imita quasi sempre, é sempre original na sua maneira de imitar, succedeu que o discipulo não tomou no mestre senão aquillo que lhe agradou e pareceu convir-lhe. Tinha por outro lado em casa, na tradição do seu grande seculo XVII, alguma coisa que se parecia um pouco com as doutrinas dos Escocezes e que, em todo o caso, ia bem com ellas: tinha Descartes, Malebranche, Fénelon. Misturando uma coisa com a outra, criou aquelle producto curioso e bem francez, fragil mas elegante, de pouco peso mas de boa apparencia e util commodo: o espiritualismo do seculo XIX. Não desdenhemos todavia d'esse espiritualismo. A fé philosophica de homens como Royer Collard, Maine de Biran, Jouffroy, Cousin, Ravaisson, não é para provocar desdens. Inspirou um grande e brilhante cyclo litterario: amparou milhares de consciencias vacillantes, n'um periodo de transição cheio de incerteza, de amargos pezares, de inquietas aspirações: criou uma escóla de moralistas eloquentes: identificou-se com as causas mais nobres, pugnando pelo direito e pela liberdade dos povos: forneceu o pão do espirito, não só em França mas por toda a Europa latina, a duas gerações por certo não indignas da historia. Nada d'isto é para provocar desdens. Mas, em summa, esse espiritualismo nunca chegou a ser uma philosophia. Em primeiro logar, não tem

methodo. Eclectismo para uns, psychologia para outros, ora invocando o processo da analyse intima (os famosos *factos de consciencia*), ora o processo historico, ficou sempre no estado de tendencia, sem poder definir rigorosamente a sua verdadeira direcção. Depois, o que é uma philosophia que se concentra toda no estudo do homem moral e n'uma ontologia de mythos e abstracções realisadas, Deus, a alma, o finito, o infinito? Dir-se-hia que para taes philosophos não existiam corpos, nem natureza, nem leis naturaes. O espiritualismo de Descartes, justamente porque era systematico e porque era de natureza metaphysica, levou-o á physica, procurando aquella intelligencia penetrante encontrar alli a comprovação dos seus principios transcendentes, e encontrando-a, pois foi um dos fundadores da physica moderna. Estes seus pretendidos discipulos, não sendo nem metaphysicos nem systematicos veem-se condemnados a ignorar o universo real, que entregam, como coisa estranha á philosophia, aos homens de sciencia, escapando-lhes assim a comprehensão e até quasi a noção das idéas capitaes do espirito moderno. Comprehende-se a indifferença ou o desdem com que o espiritualismo da escóla de Cousin foi sempre olhado pelos homens de sciencia. Nada lhes dizia: era para elles, segundo a expressão de Taine «uma philosophia litteraria».

Mas essa psychologia, na qual, a bem dizer, se concentrava isso a que os espiritualistas denominavam tão vaga quanto ambiciosamente «as sciencias philosophicas» (como se todas as sciencias não fossem philosophicas, ou houvesse algumas que o fossem mais especialmente), era ella ao menos uma verdadeira sciencia? E, suppondo a affirmativa, por que razão ainda assim

seria ella, essa sciencia d'um mundo tão particular de phenomenos, a reguladora de todos os nossos conhecimentos e a chave da abobada da philosophia? Mas a psychologia, tal como os espiritualistas a conceberam, nem sequer era uma sciencia. O seu methodo, a analyse intima e immediata, é uma pura illusão: ninguem póde *sentir* e estudar ao mesmo tempo *scientificamente* os proprios sentimentos. E depois, quando podesse, onde estava a verificação? como era ella possivel? Os famosos «factos de consciencia» reduzem-se pois a um certo numero de affirmações fundamentaes do senso moral ou de operações simples, constantes e frequentes do entendimento, do sentimento ou da vontade, chão mil vezes trilhado, mil vezes explorado, desde a antiguidade, por philosophos, moralistas, litteratos e poetas, e onde por certo não ha descobertas a fazer. Resta a ideologia propriamente dita: mas n'esse terreno, que os levaria á metaphysica, nunca os espiritualistas ousaram dar um passo. Finalmente, o seu dualismo, em vez de ser, como o de Descartes, preciso e fecundo em applicações, porque radical e systematico, é vago e por conseguinte esteril. O seu Deus é um Deus de poetas, não de philosophos. E nem bem de poetas: faltou-lhes, para o fazerem tal, o vigor da imaginação rica e independente, o calor do sentir virgem, a liberdade do grande sonho poetico. Por um lado, a religião positiva constrangia-os, obrigava-os a uma prudente reserva: pelo outro, as sciencias, pouco credulas, intimidavam-nos, gelavam-nos. Só poderam produzir um mytho de escóla e um simples Deus official.

Quer isto dizer, por conseguinte, que seja de pouco alcance e pouco peso o protesto lavrado pelos espiritualistas, em nome da consciencia, contra as tenden-

cias fatalistas, e o panlogismo da nova philosophia allemã? De modo algum. Para fallar em nome da consciencia humana lesada, não é necessario ser-se philosopho. Tal protesto, ainda na bocca do homem mais rude, deveria sempre ser escutado com respeito. A auctoridade das consciencias não se pesa na balança das escólas. Para fallar em nome do que é essencialmente humano basta ser-se homem. Mas, além d'isso, esses que erguiam a voz contra as temeridades da nova philosophia allemã eram não só intelligencias cultissimas, mas altos e nobres espiritos muitos d'elles, caracteres rectos, homens em quem a humanidade podia bem delegar os seus poderes e achar-se dignamente representada. Tanto bastava e era até já de sobejo. A verdade é que, no fundo d'esta questão de philosophos, estava uma questão humana, de larga e fundamental importancia humana. A metaphysica, na sua absorvente dialectica, é atreita a esquecer que os individuos não são abstracções, simples determinações logicas d'uma idéa, mas sêres reaes, autonomos, cujo principio de acção reside nas profundezas da sua propria natureza, constituindo um verdadeiro *em si*, distincto e irreductivel, e não um momento transitorio de alguma substancia só e verdadeiramente existente na sua vaga universalidade. Pelo menos, tal tem sido sempre a universal affirmação da consciencia humana, e não parece que dialectica alguma possa destruir no homem este intimo e energico sentimento. Mais do que outro qualquer systema metaphysico, o da nova philosophia allemã, arrastando e como que triturando todos os sêres na sua poderosa engrenagem, substituindo á realidade a dialectica, parecia annullar os individuos, fundidos na absoluta unidade do sêr-idéa, e

supprimir a liberdade como incompativel com a necessidade logica dos desenvolvimentos d'esse sêr. Por muito profunda que fosse a concepção hegeliana da historia, da politica, da ethica — e era-o, sem duvida alguma —, por muito subtis que fossem as suas distincções — e eram-no tambem —, esta objecção surgia irresistivelmente e, ainda quando não ia até condemnar o systema em globo, apontava em todo o caso para uma lacuna gravissima, um aleijão de nascença que tornava suspeita a sanidade de todo o organismo. E, torno a dizel-o, essa objecção não era só philosophica: era *humana:* d'ahi a sua grande força. Em face d'essa necessidade superior dos desenvolvimentos do sêr-idéa, substituindo-se nos individuos ao seu principio intimo de acção, onde ficavam, o que eram o esforço intrepido dos heroes, as luctas secretas da virtude e os seus dolorosos triumphos, a abnegação sublime dos martyres, a renúncia voluntaria dos bons e dos justos, onde ficava o dever e a liberdade e toda a nobreza moral que estas duas palavras exprimem? Coisa curiosa, aqui n'esta profunda região do senso intimo e da verdadeira realidade humana, os espiritualistas, pouco philosophos, nada metaphysicos, pareciam representar mais genuinamente essas idéas de *força* e *immanencia*, de que o Hegelianismo é a mais vasta e poderosa systematisação, do que o mesmo Hegel e o seu systema!

Dentro de que limites exactos têm razão os espiritualistas contra a metaphysica? É o que logo verei se posso precisar. Mas abre-se aqui uma questão mais vasta. Esse protesto da consciencia abrangia não só a philosophia transcendental dos allemães e, em geral, toda a metaphysica systematica, como, por outro lado, as tendencias mecanistas e deterministas das sciencias.

Era pois uma verdadeira crise do pensamento contemporaneo que se manifestava. Metaphysica e sciencia, uma pelo caminho da deducção, a outra da inducção, chegaram ambas a um resultado, que, aos olhos dos espiritualistas — representantes n'este particular, deve reconhecer-se, do sentir mais geral da maioria não philosophante mas entretanto pensante — parece pôr em risco as verdades mais caras ao sentimento moral e dever envenenar as mesmas fontes da vida espiritual dos homens. A crise póde exprimir-se por esta antithese: espiritualismo e liberdade, d'um lado, mecanismo e determinismo, do outro. Poderá resolver-se esta formidavel antithese? E, se não póde, onde fica então aquella synthese do pensamento moderno, que eu atraz não só declarei possivel mas até annunciei como altamente provavel? Talvez o problema não seja tão difficil como parece á primeira vista. Em todo o caso, antes de entrarmos no coração d'elle e de nos precipitarmos *in medias res*, convirá examinar mais de perto a situação presente e vêr com que elementos devemos contar.

Os dois factos mais consideraveis da historia da philosophia na segunda metade do seculo actual são, por um lado, o descredito da especulação metaphysica systematica e das ambiciosas construcções *a priori*, e o consequente predominio do processo inductivo e do espirito scientifico; por outro lado, a transformação ou antes visceral renovação do caduco espiritualismo, retemperado no criticismo Kantiano e n'uma psychologia de tendencias verdadeiramente scientificas. Dois factos do maior alcance. Comecemos pelo primeiro.

O descredito em que cahiu o *a-priorismo*, representado sobretudo pela «philosophia transcendental«

dos allemães, era justificadissimo. Já atraz disse o que ás suas exorbitantes pretensões oppunha tenazmente o espirito scientifico. Accrescentarei agora que, ainda no campo dos metaphysicos, elle provocava, e com razão, vivos protestos. Não está tudo, com effeito, em admittir a «identidade do sêr e do saber», esse como que dogma da moderna metaphysica. Para que, em virtude d'essa identidade, nos considerassemos auctorisados a extrahir do *saber* (a razão), deductivamente e sem recorrer a outra fonte do conhecimento, o *sêr* (o mundo objectivo), fôra ainda necessario que essa razão, que *se sabe*, se soubesse completamente e com igual segurança e nitidez em todas as suas espheras, de tal sorte que não só visse em si mesma o *sêr*, (o que se admittia), mas o visse igualmente claro em todos os seus elementos e na ordem e relações necessarias d'elles. Ora era isso o que não se admittia. A razão não tem de si mesma esse conhecimento total e infallivel. Seria sempre temerario suppol-o: mas a temeridade tomava proporções inauditas em contemporaneos e discipulos de Kant, do homem que, vindo depois de mais de 2:500 annos de sondagem philosophica do entendimento e tendo chegado mais ao fundo do que todos os seus antecessores, acabava de mostrar quanta incerteza e quanta ignorancia se envolve n'esse conhecimento que a razão tem de si propria. A verdade, tudo o attesta, é que a razão só imperfeitissimamente se conhece: com uma certa intimidade, só nos seus elementos fundamentaes, nas suas grandes faculdades e noções. E, se ella é a expressão superior do sêr, isso mesmo nos leva a crêr que, immensa como deve ter sido a sua evolução até esse ponto culminante, estará tão longe d'aquella região inferior, que é o mundo

objectivo, (e ainda do subjectivo das sensações, das paixões e dos sentimentos, que para a razão é tambem *objecto*), que a noção dos estados obscuros e rudimentares d'onde partiu, mas que lhe ficam tanto para traz, se deve ter obliterado e confundido na sua actual consciencia superior: da mesma fórma, se é licita a comparação, que um homem adulto só muito vagamente conserva a noção (quando a conserva) das idéas e sentimentos da sua primeira meninice. Evidentemente a metaphysica, arrastada no vôo da poderosa imaginação poetica allemã, extraviara-se e era necessario chamal-a cautelosamente ao bom caminho.

Mas este descredito das grandes construcções *a priori* não significava falta de confiança no poder e auctoridade da razão, nem implicava uma renúncia á especulação e á philosophia. Pelo contrario, póde bem dizer-se que um recrudescimento de espirito philosophico é uma das caracteristicas da segunda metade do nosso seculo. Sómente, a par com esse recrudescimento, dá-se uma mudança no temperamento da philosophia: de metaphysica torna-se scientifica; de transcendental, realista; de deductiva, inductiva. Querem-se idéas, mas que as idéas se adaptem o mais perfeitamente possivel aos factos, não que pairem, em largo vôo, por cima d'elles. É esta nova tendencia que se patenteia na *Philosophia Positiva* de Augusto Comte, na *Philosophia da Evolução* de Herbert Spencer, na *Logica* de Stuart Mill, no livro *Da Intelligencia* de Taine e n'outras obras consideraveis d'este tempo. Procura-se chegar á synthese pelo caminho da inducção; procura-se até construir a metaphysica partindo da experiencia só e dos factos. Todos almejam por imprimir á especulação um caracter positivo.

E se os philosophos se fazem homens de sciencia, os homens de sciencia dão-se resolutamente a philosophar. As sciencias, no decurso do seculo actual e particularmente depois de 1830, tendo completado o seu immenso quadro collectivo e senhora cada qual das idéas fundamentaes e do methodo proprio da ordem de phenomenos que estuda, adultas, apoiando-se umas nas outras e cada uma na base prodigiosa de myriades de factos accumulados e classificados, as sciencias acharam-se robustas bastante para emprehenderem no seu proprio terreno uma larga generalisação, concatenando entre si os seus principios capitaes. Ou antes, esta generalisação e systematisação dos principios das sciencias fez-se por si e espontaneamente, sahiu como que por um processo organico do mesmo desenvolvimento do espirito scientifico chegado á sua idade adulta e tomando plena consciencia de si mesmo. Brotou assim, do chão das sciencias, como seu espontaneo producto, uma philosophia da natureza bem diversa d'aquella a que os metaphysicos nos tinham acostumado. Se na outra circulava um sopro de idealismo, que tudo penetrava e vivificava, n'esta o realismo é o caracter dominante, é a sua mesma alma. Filha da sciencia, reproduz as feições da sua austera mãe. D'essas feições a mais fundamental é o mecanismo. A sciencia é levada, pela mesma natureza das faculdades que a geram, a procurar os elementos irreductiveis dos phenomenos complexos, decompondo a apparencia enganosa das coisas e resolvendo-a em factos ultimos, os unicos que podem ser apreciados com rigor, até ao ponto de entrarem em formulas mathematicas, expressão completa da perfeição scientifica. Explica pois o complexo pelo simples.

Mas esses factos ultimos, justamente porque foram despojados das *qualidades segundas* que revestem nos phenomenos, cáem completa e exclusivamente no dominio da mecanica. O residuo objectivo de toda a sensação é sempre, em ultima analyse, um movimento: os factos ultimos da sciencia são pois simples movimentos, forças elementares, nada mais. Tal é a razão da inevitavel tendencia mecanista da sciencia, tendencia que uma philosophia scientifica da natureza não podia deixar de reproduzir. Mas do mecanismo sae necessariamente o determinismo, e é essa com effeito a segunda feição caracteristica que a nova philosophia da natureza herdou da sciencia, sua mãe. O mundo da mecanica é o mundo da necessidade. Reina alli, d'uma maneira absoluta, o principio da causalidade mecanica. Não se concebe movimento que não tenha atraz de si outro movimento: nenhum se cria, assim como nenhum se destroe. Uma acção é provocada por outra e a sua intensidade é medida pela intensidade da que a provocou. Tudo alli se passa segundo leis simples e ferreas, nem ha lá logar para o acaso ou a Providencia, assim como o não ha para a espontaneidade: uma série de factos chama outra série de factos, e os phenomenos succedem-se n'uma ordem invariavel e fatal, ordem que por isso mesmo póde ser rigorosamente conhecida, descripta e prevista. A precisão da sciencia funda-se n'esta ancora, e uma philosophia scientifica da natureza tinha de ser determinista, pela mesma razão por que tinha de ser mecanista.

Se os factos ultimos a que a sciencia chega, como ao seu fundo alicerce, são simples e uniformes, os phenomenos que d'elles resultam é que são todavia complexos e variadissimos. Mas esse mundo phenomenal,

multiplo nos seus aspectos, é ao mesmo tempo regular. Os phenomenos apresentam-se em séries, e estas conservam-se entre si n'uma ordem determinada. As séries encadeiam-se e succedem-se, sahindo cada uma da anterior e apoiando-se n'ella. O mais simples precede o mais complexo, este é uma transformação d'aquelle. A fórma geral do universo é pois a d'uma evolução. As sciencias, na sua série hierarchica, desde a mathematica até á sociologia, representam abstractamente essa evolução e, como um espelho, reflectem a ordem e desenvolvimento do mundo phenomenal. Uma philosophia scientifica da natureza tinha pois de ser uma philosophia evolucionista, e é esta com effeito a terceira feição caracteristica da grande generalisação scientifica dos nossos dias. Mas ha duas maneiras de comprehender a evolução. A dos metaphysicos allemães caminhava sim do simples para o complexo, mas ajuntando, em cada momento da evolução, ao typo inferior, para o fazer passar a superior, um elemento novo, um *augmento de ser*, que lhe provinha da virtualidade infinita da *idéa* (da substancia) no seu processo de desenvolvimento. A evolução tinha pois, segundo elles, um conteúdo verdadeiro, era essencialmente substancial. Para a philosophia scientifica da natureza, porém, não ha tal virtualidade, visto não haver tal *idéa*. O seu ponto de partida não é nenhuma substancia metaphysicamente concebida e préviamente dotada de um poder de renovação incessante de si mesma nas suas manifestações, mas sim só aquelles factos ultimos da sciencia, elementos mecanicos simples, nada contendo em si além da sua mesma natureza mecanica e por isso destituidos de toda a virtualidade. Ella tem pois, fiel mais uma vez ao espirito da sciencia, de ex-

plicar o superior pelo inferior, o que equivale, no fundo, a reduzir o superior ao inferior, e de conceber o complexo como resultando puramente d'uma accumulação de simples, o que equivale ainda a admittir que o mesmo ajuntado ao mesmo produz o diverso. A evolução, n'este ponto de vista, é propriamente um estado progressivo de complicação e nada mais. É, por conseguinte, só formal. No fundo, a evolução, segundo a philosophia scientifica da natureza, é uma apparencia e nada contém em si de substancial: o substancial e o verdadeiramente existente são só aquelles elementos mecanicos de que tudo é feito, em que tudo se resolve e cuja complicação gera a phantasmagoria do mundo phenomenal. Arrastados nas espiraes sem termo de um turbilhão incessante, esses elementos chocam-se, reagem, aggregam-se e desaggregam-se, encadeiam os seus movimentos, combinam-se mais e mais: mas, considerados em si mesmos, conservam-se sempre simples, uniformes, inalteraveis e estranhos, por assim dizer, á diversidade e riqueza de aspectos que produzem, diversidade e riqueza que só são taes no espirito de quem as contempla, em si não existentes, puro phenomeno. Reduzido assim a uma illusão subjectiva o que dava á evolução a sua substancialidade, excluido qualquer augmento de ser, qualquer superioridade verdadeira, o universo, aggregado uniforme regido por leis mathematicas, dissolve-se n'uma vasta mecanica de forças elementares.

Esta concepção do universo, resultado da elaboração scientifica de quatro seculos, apparece-nos como alguma coisa simples e grandiosa e, ao mesmo tempo, tenebrosa e desolada. É immensa e todavia falta-nos o ar. É que esta concepção não é o producto harmonico de

todas as faculdades do espirito humano, mas sómente o producto especial de certas. O que lhe falta é o que falta á intelligencia scientifica. A intelligencia scientifica, sendo positiva, tem de se collocar, e sem nunca sahir d'elle, no terreno dos factos; sendo precisa, tem de ir procurar debaixo dos phenomenos complexos e cambiantes aquelles elementos irreductiveis e constantes, os unicos susceptiveis de avaliação rigorosa; sendo realista tem de aceitar esses elementos taes como se lhe apresentam, sem indagar se n'essa idéa immediata que d'elles fórma não haverá porventura alguma grande illusão, se ella não envolve algum fundo problema ontologico, que lhe escapa. D'esta sua attitude em face da realidade resulta um ponto de vista limitado, o que quer dizer incompleto. É a experiencia no seu maximo de organisação, mas é sempre a experiencia. A base do seu edificio é estreita: generalisa impressões e d'ellas tira inferencias, mas os resultados mais elaborados d'esse processo lá trazem sempre o cunho da origem, que é sensual. D'ahi, o ponto de vista por excellencia sensual, o do mecanismo. O mecanismo é o maximo grau de abstracção de que a intelligencia é capaz dentro dos limites e com os dados da sensibilidade, mas é só isso. Reduzindo tudo, por este processo, a elementos mecanicos, reduziu tudo aos elementos primitivos da sensibilidáde e nada mais. Limitou por conseguinte o sêr á sua esphera primeira e inferior. Por mais que faça e quanto mais fizer é só isso o que ha de achar no fundo do seu formidavel cadinho. O universo da sciencia, feito á imagem d'essa intelligencia que opéra só sobre dados primitivos e elementares, é pois um universo inferior e elementar: foi como que amputado dos seus orgãos mais nobres.

É, pela mesma razão, um universo abstracto. A verdadeira realidade, concreta, viva, espontanea, falta-lhe: faltam-lhe as idéas superiores, as que alumiam, interpretando-as, as inferiores, as fornecidas pela sensibilidade. É por isso que as grandes explicações da sciencia, no fundo, nada explicam. Um profundo mysterio continúa a envolver o universo que ella acaba de explicar: o mysterio das idéas, que é o mysterio do que na consciencia está para além da sensibilidade, região obscura onde assentam essas explicações. Assim como o movimento, a que tudo reduz, é um movimento sem causa e sem fim, e a necessidade, a que tudo submette, é destituida de razão e incomprehensivel, assim tambem a evolução, em cuja espiral faz mover-se esse mundo cego e fatal, privada de verdadeira substancia, explicando o concreto pelo simples e reduzindo o superior ao inferior, não tem realidade propria e é, no fundo, uma apparencia vã e uma pura illusão subjectiva.

De tudo isto resulta uma concepção das coisas extremamente precisa, mas limitada á esphera inferior do sêr e por isso abstracta e inexpressiva. D'ahi o que quer que é de glacial e morto na sua lucidez. É um universo que se move nas trevas, sem saber porque nem para onde. Não o alumia a luz das idéas, não lhe dá vida a circulação do espirito. Paira sobre elle um mudo fatalismo. A inerte serenidade, que inspira a sua contemplação, é muito semelhante ao desespero. A sua belleza puramente geometrica tem alguma coisa de sinistro. Nada nos diz ao coração, nada que responda ás mais ardentes aspirações do nosso sentimento moral. Para quê, um tal universo? e para quê, viver n'elle? Nada alimenta tanto o morbido pessimismo dos nossos dias como este gelido fatalismo soprado

pela sciencia sobre o coração do homem. Esta desoladora impressão quão bem a exprimiu o poeta das *Chimeras* n'estes versos admiraveis:

Dieu n'est plus! Tout est mort! J'ai parcouru les mondes,
Et j'ai perdu mon vol dans leurs chemins lactés,
Aussi loin que la vie, en ses veines fécondes,
Répand des sables d'or et des flots argentés:

Partout le sol désert côtoyé par des ondes,
Des tourbillons confus d'océans agités...
Un souffle vague émeut les sphères vagabondes,
Mais nul esprit n'existe en ces immensités.

En cherchant l'œil de Dieu, je n'ai vu qu'une orbite
Vaste, noire et sans fond, d'où la nuit qui l'habite
Rayonne sur le monde et s'épaissit toujours;

Un arc-en-ciel étrange entoure ce puits sombre,
Seuil de l'ancien cahos dont le néant est l'ombre,
Spirale engloutissant les mondes et les jours!

N'esse abysmo, «onde se engolfam os mundos e os dias», quantos hoje, desesperando das divinas promessas da voz interior, que tudo parece contradizer, não desejam afundar-se e sumir-se, esquivando-se á cadêa fatal dos sêres e fugindo para sempre ao phantasma gigante da necessidade e ás suas ferreas leis!

Mais si rien ne répond, dans l'immense étendue,
Que le stérile écho de l'éternel désir,
Adieu, déserts où l'âme ouvre une aile éperdue!
Adieu, songe sublime, impossible à saisir!

Et toi, divine Mort, où tout rentre et s'efface,
Accueille tes enfants dans ton sein étoilé;
Affranchis-nous du temps, du nombre et de l'espace,
Et rends-nous le repos que la vie a troublé.

(Leconte de Lisle).

É pois um erro, uma illusão monstruosa esta concepção mecanica do universo, que resulta da grande synthese scientifica dos ultimos 40 annos? De modo algum. É uma verdade fundamental, mas circumscripta, positiva dentro dos seus limites, mas incompleta na medida da estreiteza d'esses limites. Já vimos que estes sãos os da mesma intelligencia scientifica. E assim como os dados empyricos sobre que opéra a intelligencia scientifica são o *substratum* sobre que assentam as mais altas operações da razão, assim a sua concepção mecanica será o *substratum* do conhecimento racional do universo. Esse quadro rigido do mecanismo universal exprime a dynamica das coisas no que ella tem de exterior e abstracto, por isso mesmo de simples e fixo. É necessario, porque é elementar: e, porque é elementar, é incompleto. Mas, em si, sendo a formula definitiva da experiencia, é verdadeiro, e verdade alguma superior póde prescindir dos dados positivos por elle fornecidos. Tal como é, representa um resultado enorme: a synthese do espirito moderno no terreno do conhecimento scientifico. Outros elementos do mesmo espirito, que aqui faltam e que, pela propria natureza das coisas, aqui deviam faltar, mas que abundam n'outra esphera, virão amplial-o, fecundal-o, alumial-o com a penetrante luz transcendental, que necessariamente lhe fallece. Mas antes de vêrmos como isso póde realisar-se viremo-nos agora para o outro grande facto philosophico contemporaneo acima indicado, a transformação do velho espiritualismo.

III

Em face dos resultados positivos das sciencias, da constituição d'uma psychologia de orientação bem diversa da dos Escocezes e, sobretudo, do trabalho de exploração e sondagem intellectual do criticismo, que, depois de Kant, tomára uma actividade e direcção novas, o velho espiritualismo, ao qual sem desacato ousaremos chamar mythologico, não podia manter-se. O seu dualismo, renovado de Descartes, tornára-se, no tocante á sua concepção da materia, insustentavel perante a physica moderna: no outro pólo d'esse dualismo, o seu Deus real e pessoal, abalado pelas sciencias da natureza, cahia ás mãos do criticismo, que não podia vêr n'elle mais do que uma idéa pura — a «categoria do ideal», segundo Kant — e o typo da vida espiritual. A mesma analyse despojava a alma d'aquella personalidade realista, com que só a imaginação primitiva a dotára, e que os espiritualistas apenas subtilisavam e refinavam, mantendo-a no fundo, quando definiam a alma como uma substancia *sui generis*, um sêr espiritual opposto a um sêr material e só momentaneamente (e incomprehensivelmente) a elle ligado. O criticismo, porém, assim como a nova psychologia não podiam vêr na alma essa substancia de natureza excepcionalissima e todavia real, mas apenas a unidade, quando não simplesmente a somma dos factos intimos da consciencia. O influxo do Kantismo é bem sensivel em todo este processo de dissolução do velho espiritualismo. É o seu subjectivismo e a sua inexoravel analyse que deitam abaixo, como pulverisado, o realismo dogmatico em que se apoiavam as *substan-*

cias e os *principios* dos novos escolasticos. Todas essas entidades phantasticas são reduzidas a um facto unico, a uma unica realidade: a consciencia. Através da poeira de muitas discussões, creio que é este o resultado liquido da evolução da psychologia e do criticismo nos ultimos quarenta annos.

Desfeitos assim os mythos em que se consubstanciára, cahiu pois aniquilado o espiritualismo? Não cahiu. Soffreu uma crise profunda, mas sahiu d'ella renovado e mais sólido. A consciencia, que aquella nevoa mythologica obscurecia envolvendo-a, appareceu mais nitida: reduzida a um facto intimo, esse facto ficou inabalavel e soberano. A difficuldade capital, que surgia irresistivelmente da concepção realista da alma — a união incomprehensivel de duas substancias radicalmente diversas e a dependencia em que a alma está do organismo — essa difficuldade desappareceu com aquella personificação, que a gerára. N'este novo terreno, assim limpo da antiga vegetação parasita, a realidade e autonomia do espirito não offerecem já lado algum vulneravel, tanto faz ao scepticismo como ao materialismo. Ao scepticismo oppõe a nova doutrina espiritualista o testemunho da consciencia, e não precisa de mais. Ao materialismo oppõe a impossibilidade racional de fazer sahir da materia, não se diz já uma idéa ou uma volição, mas o facto de consciencia mais elementar, uma simples sensação. A accumulação de extensão não póde dar senão extensão: a accumulação de movimento não póde dar senão movimento. Do mesmo não se póde extrahir senão o mesmo, nunca o diverso. Ora, na mais elementar sensação ha já implicada alguma coisa que não é a extensão nem o movimento, que não é, por conseguinte, materia. Assim

pois, não só é impossivel extrahir da noção de materia (extensão e movimento) a noção de espirito, mas o mesmo ponto de partida do materialismo, a sensação, que elle toma confiadamente na sua fórma concreta, como se fosse um dado simples e irreductivel, presuppõe e envolve um estado mais intimo e profundo do sêr, presuppõe essa realidade de ordem e comprehensão superior, que é o espirito. N'este sentido, o materialismo póde dizer-se a confirmação e até o melhor argumento do espiritualismo.

Laplace, n'uma pagina justamente celebre do seu *Ensaio Philosophico sobre as probabilidades*, exprime-se assim: «Os acontecimentos actuaes têm, com os precedentes, uma ligação fundada sobre este principio evidente: coisa alguma póde começar de sêr, sem uma causa que a produza. Este axioma applica-se ás acções ainda as mais indifferentes. A vontade a mais livre não póde dar-lhes nascimento sem um motivo determinante; porquanto, sendo todas as circumstancias de duas posições exactamente as mesmas, se a vontade actuasse n'um caso e no outro se abstivesse de actuar, a sua determinação seria um effeito sem causa. A opinião contraria é uma illusão do espirito, que, perdendo de vista as razões fugitivas da determinação da vontade nas coisas indifferentes, acaba por se persuadir de que ella se determinou por si mesma e sem motivos. Devemos pois encarar o estado presente do universo como effeito do seu estado anterior e como a causa d'aquelle que se lhe ha de seguir. Uma intelligencia, que, n'um momento dado, conhecesse todas as forças que animam a natureza, e a situação respectiva dos sêres que a compõem, se além d'isso fosse assás poderosa para submetter esses dados á analyse,

abrangeria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os dos atomos os mais tenues: nada para ella seria incerto, e futuro como passado seria a seus olhos presente. O espirito humano offerece na perfeição que conseguiu dar á astronomia um leve esboço d'esta intelligencia. As suas descobertas em mecanica e em geometria, conjuntamente com a da gravidade, tornaram-lhe possivel comprehender nas mesmas expressões analyticas os estados passados e futuros do systema do mundo. Applicando o mesmo methodo a outros objectos dos seus conhecimentos, conseguiu reduzir a leis geraes os phenomenos observados, e prevêr aquelles que em dadas circumstancias se devem produzir. Todos os seus esforços na pesquiza da verdade tendem a aproximal-o sem cessar da intelligencia que acabamos de conceber, mas da qual ficará sempre infinitamente afastado. Esta tendencia racional da especie humana é o que a torna superior aos animaes; e os seus progressos n'este genero distinguem as nações e os seculos e fundam a sua verdadeira gloria.»

O illustre mathematico e astronomo, definindo admiravelmente n'esta pagina o ideal e a mais alta potencia do conhecimento mecanico, marcou ao mesmo tempo, com não menor precisão, a natureza e os limites d'esse conhecimento. A intensidade, a direcção e o encadeamento das forças que n'um dado momento actuam no universo, eis tudo quanto o mecanismo sabe, ou antes, quanto póde aspirar a saber. Ora, n'essa prodigiosa cadeia de movimentos mathematicamente concatenados, o que o mecanismo ignora e ignorará sempre são as vontades, os pensamentos, os sentimentos, n'uma palavra, a actividade interna de todos

esses sêres, elementares ou não elementares, arrastados no giro da causalidade mecanica. Porque cahiu esta pedra? Porque a sua energia passou do estado potencial ao de força viva. E porque passou? porque uma energia maior actuou sobre ella, desmanchando o equilibrio anterior. Mas que relação de verdadeira causalidade ha entre um facto e o outro? Porque actúa uma força sobre outra força? Porque gera um movimento outro movimento? Que mysteriosa influencia é essa dos elementos mecanicos uns sobre os outros? E essa mesma energia, origem dos movimentos, d'onde provém ella? Ha aqui um elemento fundamental e primordial — um facto intimo do sêr — que a mecanica presuppõe, mas que inteiramente desconhece. Desconhecendo-o, tem de ignorar eternamente a relação que existe entre a natureza profunda dos sêres e essas energias reaes, cujo desenvolvimento as suas formulas comprehendem e avaliam rigorosamente, mas cuja origem absolutamente lhe escapa. Conhece pois a mecanica os movimentos, mas não a causa do movimento. Conhece as acções dos sêres, mas não a actividade interna que as produz. Conhece o universo como série de factos abstractos, não como série de realidades verdadeiramente substanciaes.

Ora, isso que a mecanica ignora — as verdadeiras causas, o sêr intimo e a realidade substancial das coisas — é justamente o que conhece a consciencia. E conhece-o, não pelo mundo, mas por si mesma, porque só n'ella reside a noção do que não é sensivel, mas que o sensivel presuppõe, só ella tem a percepção immediata d'esse *estrato* mais fundo do sêr, inaccessivel da região superficial da pura sensibilidade. O espirito, com effeito, não é já para a consciencia uma actividade

obscura e indeterminada, percebida só por fóra, só nas suas relações exteriores, como méro movimento e resistencia, mas uma actividade que se percebe no intimo do seu proprio sêr, que mergulha nas profundezas da sua natureza e se possue na totalidade dos seus movimentos: é uma força consciente e na plenitude da sua realidade, a força typo. Na consciencia temos o sentimento claro e evidente de que a nossa verdadeira individualidade é essa energia simples, autonoma e espontanea: sentimos que em esphera alguma do seu sêr, ainda nas mais inferiores, em movimento algum do seu desenvolvimento, ainda nos mais elementares, o espirito é puramente passivo. A espontaneidade é a sua essencia, e ainda as impressões exteriores que o modificam, modificam-no segundo as suas mesmas leis: uma sensação é uma modificação da sua substancia, assim como uma idéa é uma modalidade d'essa substancia, assim como uma volição é uma determinação do seu mesmo sêr. O espirito percebe o universo, não adaptando-se a elle, mas adaptando-o a si. O universo, tal como elle se nos representa, é, no fundo, uma creação do espirito: se existe para nós, é porque o concebemos: apparece-nos, não reflectido na intelligencia, mas verdadeiramente visto n'ella. Todos os factos do universo accumulados não produzem uma idéa. Os factos são o ponto de partida das idéas, cuja virtualidade está no espirito: em si são inertes e inexpressivos. O que lhes dá a expressão e verdadeiro sêr é a intelligencia, em cujas categorias entram, fundidos pela elaboração mental, como em outros tantos moldes, ordenando-se n'ellas e por ellas. O conhecimento é pois um facto intimo e proprio do espirito, e o universo conhecido o producto da sua espontanea actividade. E

assim como o espirito é espontaneo na esphera do conhecimento, não o é menos na da vontade. Determina-se esta em vista de motivos, mas não a determinam elles. Tem em si a raiz ultima das suas determinações. Ser causa é a propria essencia da vontade. Não ha volição, ainda a mais elementar, que seja absolutamente passiva: a determinação da vontade nunca é assimilavel á determinação mecanica, porque tem um fim, e esse fim (em ultima analyse) está n'ella mesma. Por detraz da determinação limitada está uma virtualidade illimitada. O sêr que alli momentaneamente se determina, obedecendo, dir-se-hia passivamente, a um motivo, é, em si, sempre identico comsigo mesmo, e não ha motivo algum, ainda no instante em que o determina, que o possa privar d'esta communicação constante com a parte espontanea e infinita da sua natureza e impedil-o de tender, seja por que caminho fôr, para a realisação do seu fim, que é a plena affirmação d'essa natureza infinita. Assim como na esphera das idéas, assim tambem n'esta da vontade o mundo objectivo não fornece ao espirito mais do que um ponto de partida e a occasião do seu espontaneo desenvolvimento.

O espirito é pois uma força espontanea: mas é, por cima d'isso, uma força consciente. É esse predicado que vem completar a sua plenitude e fazer d'elle a força typo. Conhecendo-se, possue-se na identidade fundamental de todos os seus momentos, vê-se na sua unidade e propõe a si mesmo o seu proprio fim. Este conhecer-se tem graus: é mais ou menos intimo: mas, ainda nos infimos graus, a unidade do espirito apparece já, encerrando o mais elementar a virtualidade do mais pleno. Fazendo-se toda a evolução do espirito dentro da sua propria natureza e não sendo mais do que a

gradual realisação de si mesmo em si mesmo, ha opposição entre as successivas espheras do seu desenvolvimento, nunca contradicção. É assim que o espirito, sem sahir de si, se cria e fecunda continuamente, compenetrando-se cada vez mais com a sua propria essencia, extrahindo d'ella, da sua infinita virtualidade, momentos cada vez mais complexos e ricos de sêr, até attingir a mais alta consciencia de si. Reconhece-se então identico com o *eu* absoluto e independente de toda a phenomenalidade: concebe Deus como o typo da sua mesma plenitude, concebe e sente a vida moral como a esphera da realisação d'esse ideal. A realisação d'esse ideal apparece-lhe agora como o seu fim ultimo, aquelle de que os fins anteriormente propostos, limitados e transitorios, eram só imagem e preparação. Este fim ultimo, porém, sendo immanente, confunde-se com a perfeição do seu mesmo sêr: na attracção d'elle reconhece a causa de toda a sua evolução, que só para realisal-o tendia. Pela realisação d'elle é livre — livre na medida exacta em que o realisa — porque, quanto mais o realisa, mais realisa a potencia e a perfeição do seu proprio sêr. Reunindo d'este modo na sua unidade, agora consciente, a causa e o fim, a sua autonomia é completa.

Assim pois, segundo o nosso espiritualismo, o espirito define-se como uma força autonoma, que se conhece na sua intima natureza, que é causa dos seus proprios factos e só ás suas proprias leis obedece, que a essas leis submette os factos objectivos e só assim lhes dá significação e realidade, que a si mesma determina o seu proprio fim, que existe em si e em si encontra a sua plenitude. Sendo a força autonoma, consciente e plena, é a força por excellencia, a força typo.

O espiritualismo resolve-se pois n'um dynamismo psychico, assim como o materialismo da philosophia scientifica da natureza se resolvera n'um dynamismo mecanico.

Na simples aproximação d'estes dois termos: dynamismo mecanico e dynamismo psychico, estão indicadas ao mesmo tempo a posição actual do problema philosophico e a sua resolução. Se a synthese do pensamento moderno é possivel, não póde ella realisar-se senão n'este terreno do dynamismo, que é justamente o da idéa moderna fundamental, a idéa de *força*. Partindo de pólos oppostos e seguindo cada qual as suas naturaes tendencias, sciencia e especulação vêm encontrar-se n'um mesmo ponto. Para uma como para a outra, o verdadeiro sêr, a causa e substancia d'este complicado mundo de apparencias é essencialmente *força:* um systema de forças é em que, para ambas, se resolve toda a realidade. Sómente, emquanto para a sciencia essas forças são abstractas, cegas e passivas, são ellas para a especulação concretas, racionaes e espontaneas. Por conseguinte: forças imperfeitas n'um caso, perfeitas no outro. Ora, como é a força perfeita, que é o typo da força imperfeita, é esta naturalmente que tem de ser explicada por aquella: é a fórma superior do sêr, que fará comprehender a inferior, e não o inverso. O dynamismo psychico será pois a chave do dynamismo mecanico. O espiritualismo dará ao materialismo o que lhe falta, completando-se, por esta insufflação do espirito na materia, a comprehensão ao mesmo tempo positiva e especulativa do universo.

Esta explicação da essencia occulta do mundo phenomenal pela essencia do espirito, potente na consciencia, é perfeitamente legitima. Não é uma genera-

lisação arbitraria, ou apenas mais ou menos plausivel, mas a fórma rigorosa e completa do processo necessario de inducção, que resalta da mesma constituição do nosso entendimento. Pensar sobre o mundo é já suppôr n'elle alguma coisa de fundamentalmente analogo aos principios da razão, é suppôl-o racional. Ora, esta supposição implica a da identidade fundamental do objecto e do sujeito. Supposição tambem: é verdade; mas supposição necessaria, absolutamente irresistivel, sem a qual não havia pensamento possivel sobre a realidade, nem propriamente haveria realidade, e que por isso se não deve considerar como um problema (o famoso problema da certeza), mas como um facto ultimo, irreductivel e como tal, expressão da mesma natureza das coisas. O «problema da certeza» não é propriamente problema, porque consiste em procurar a demonstração categorica d'um facto primordial, que é indemonstravel no terreno da dialectica, mas que na espontaneidade da consciencia tem o caracter da evidencia. O puro subjectivismo de Kant, já atraz o disse, ou é nada, sendo méramente negativo, ou então envolve, como Fichte, Schelling e Hegel o entenderam, a affirmação e o que se poderia chamar a demonstração immediata e intuitiva da «identidade do sêr e do saber». Essa demonstração está contida no mesmo acto do pensamento, e é quanto basta. Mas, se pensar é affirmar a *racionalidade* do universo, e se, por outro lado, a razão está contida na unidade do espirito e é d'ella indissoluvel como o acto é indissoluvel da sua substancia, a *racionalidade* do universo presuppõe necessariamente uma semelhante unidade. A razão do universo presuppõe por conseguinte uma substancia de que seja acto, e essa substancia não póde ser concebida

senão como fundamentalmente analoga ao espirito. Vê-se pois que, se é legitimo o emprego dos principios da razão como medida do mundo objectivo, tem de sel-o igualmente a generalisação das noções do nosso sêr intimo, isto é, dos elementos fundamentaes do espirito tomado na sua unidade, como processo de interpretação da substancia occulta d'esse mesmo mundo. Aquelle mysterioso *noumenon*, que Kant procurou em vão pelo caminho da critica e declarou inattingivel, existe em nós mesmos, contém-se no espirito, ou antes, é o proprio espirito. Será pois com a segurança da mais bem fundada inducção e na região mais alta em que o processo inductivo póde ser empregado, que a synthese do pensamento moderno partirá do conhecimento do espirito para o conhecimento do verdadeiro sêr d'essa apparencia phenomenal, que a concepção scientifica apenas deixa vêr pelo seu lado exterior e mecanico.

Voltamos então, por este caminho, ao idealismo transcendental e ao methodo de *construcção* da philosophia allemã do principio do seculo? Não voltamos. A critica d'esse methodo está feita, e tão bem feita, que não é crivel que o *a-priorismo* possa ainda seduzir mais uma vez o pensamento moderno. Atraz deixei já expostos os principaes argumentos d'essa critica. Em todo o caso, o processo indicado nas tendencias do espiritualismo renovado e do neo-kantismo, que acima tentei esboçar, bem longe de ser uma volta ao *a-priorismo* transcendental, procede justamente da reacção do criticismo que o condemnou. Em primeiro logar, esse processo, como ha pouco disse, é essencialmente inductivo; e, dada a natureza *sui generis* do problema da certeza, isto é, dada a constituição do entendimento

humano, essa inducção é não só legitima, mas necessaria. Em segundo logar, essa inducção, não sendo mais do que uma indicação geral, não póde substituir uma construcção puramente especulativa aos factos da experiencia: tem, pelo contrario, de se deixar guiar por esses factos, recebendo-os na ordem e relações em que a experiencia, na sua fórma systematica e definitiva, isto é, a sciencia, os apresenta. Resulta de tudo isto que este processo constitue propriamente uma *interpretação* da realidade no ponto de vista do espirito, e nada mais. O universo não é creado pela especulação: é anterior a ella e é a experiencia que lh'o fornece; mas fornece-lh'o como um symbolo obscuro que ella, a especulação, tem de interpretar á luz das noções da consciencia. Assim como só a consciencia explica a sensação, ponto de partida da sciencia, assim tambem só o espiritualismo, que parte da consciencia, póde explicar a concepção mecanica do universo, ultimo resultado da elaboração scientifica. A metaphysica e a sciencia não são pois rivaes, mas collaboradoras na obra do conhecimento, e a concepção metaphysica e a scientifica não devem ser representadas como duas espheras oppostas, mas como dois circulos concentricos. Finalmente, e como consequencia do que fica dito, só este processo tem o caracter do verdadeiro *realismo:* elle constitue o saber total, ao mesmo tempo positivo e metaphysico, experimental e especulativo, tomando o sêr na sua unidade, da qual o espirito só arbitraria e violentamente póde ser amputado, e na ordem de desenvolvimento dos seus momentos, dos quaes o espirito é o superior e typico.

Temos pois já conhecido o terreno da synthese do pensamento moderno, o dynamismo, e o processo ade-

quado á realisação d'ella, a interpretação do mecanismo pelo psychismo. Ora, o ponto nodal d'essa synthese (já por certo o leitor o percebeu) é aquella formidavel antithese determinismo-liberdade, que atraz indiquei ao esboçar a situação actual do problema philosophico. Mas esta antithese, considerando-se bem, está longe de ser tão formidavel como parece á primeira vista, e o que já ficou dito da verdadeira natureza do espirito faz presentir o sentido da solução. O que vimos nós, com effeito? Vimos, em primeiro logar, que a noção de *espirito* envolve as de *força* e de *causa*, e vimos, em seguida, que esta *força-causa* é aquelle typo da força, do qual, no ponto de vista synthetico a que somos chegados, temos de induzir a natureza intima de todas as forças, ainda as mais elementares e, na apparencia, mais completamente passivas. Por outras palavras: se todas as forças do universo são, no fundo, analogas ao espirito (á força-espirito) e participantes, em grau mais ou menos pleno, da sua essencia, todas ellas, sem excepção, têm de ser concebidas como essencialmente *forças-causas*. Ora, dizer *força-causa* é dizer força cujas determinações partem radicalmente da sua mesma natureza e têm, para dentro da esphera dos motivos externos, apparentes e mecanicos, por verdadeiros motivos estados intimos. É dizer, por conseguinte, força espontanea. É pois no terreno da idéa de espontaneidade que se resolve a antithese determinismo-liberdade. Não ha sêr totalmente passivo e em cujos actos se não envolve algum elemento, por infimo que seja, da sua natureza absoluta: não ha sêr completamente determinado por outro e reduzido a uma núa fórma sem essencia. Palpita em tudo uma vontade propria, a vontade de realisar o proprio fim. Ha pois alguma coisa de

espontaneo e um accôrdo do sêr com a sua verdade profunda e com a sua infinita virtualidade ainda nos phenomenos mais elementares da materia, onde o determinismo mecanico parece triumphar. Ainda ahi se mantem aquella communicação do acto com a virtualidade e, no grau infimo do sêr, se entrevê a idéa e o fim soberano. A pedra que cae para o centro da terra, a molecula que se une a outra molecula, a gota de agua que se vaporisa, o vapor que se condensa, não obedecem passivamente ás condições que determinam essas fórmas de actividade, porque não são as condições que criam essa actividade em si mesma, nem ainda modalidade alguma d'ella, mas é a natureza autonoma dos sêres que, em dadas condições, produz aquella fórma de actividade que a ellas corresponde, e está d'accôrdo com as condições justamente porque está d'accôrdo comsigo mesma. Por outras palavras: o phenomeno antecedente não *cria* o consequente, é só *condição* para que elle se produza. A *causa* do phenomeno está na mesma natureza do sêr onde elle se dá, ou antes, do qual elle é essencial modalidade. A necessidade da determinação é pois interna e a lei, na sua constancia, exprime apenas a constancia d'aquelle accôrdo do sêr comsigo mesmo, que, em identicas relações, se manifesta por identicas modalidades. No fundo, o sêr, ainda apertado no circulo mais estreito da condicionalidade exterior, é sempre causa: a sua idéa latente, a virtualidade da affirmação plena de si mesmo, que é o seu fim ultimo, vem já envolvida, como um presentimento, como um sonho obscuro, mas tenacissimo, nas suas determinações mais elementares. É bem pouco ainda: as condições d'esse seu infinito desenvolvimento não dispõe d'ellas o sêr n'essas espheras

infimas da realidade, não as cria, tirando-as de si mesmo, são-lhe dadas de fóra e impostas: a sua espontaneidade tem de se affirmar dentro d'esses estreitissimos limites. Esse pouco, porém, é quanto basta para alluir a esmagadora fatalidade do determinismo mecanico e para introduzir no seu mundo tenebroso e passivo um raio de luz e um raio de vida. Não é ainda a liberdade, no alto sentido espiritual d'esta palavra: mas é o prenuncio d'ella e o seu germen. Na espontaneidade inconsciente da materia está a raiz do que na consciencia e na razão se chama verdadeiramente liberdade.

A liberdade, no rigoroso sentido da palavra, é pois a espontaneidade quando plena, isto é, quando o sêr, não já espontaneo apenas na sua actividade exteriormente condicionada (o que sempre é, como acabamos de vêr) o é ainda n'essa mesma condicionalidade, creando conscientemente os motivos das suas determinações e creando-os em vista do proprio fim. N'este ponto culminante, o motivo da determinação identifica-se com a essencia e o fim do sêr que se determina: este, conformando-se com o motivo, conforma-se exclusivamente comsigo mesmo. A sua determinação é agora um facto absolutamente seu, é elle mesmo, na plenitude da sua essencia reflectindo-se na realidade, é essa essencia, substituindo-se a todas as leis exteriores, feita lei unica da sua actividade. Agora, quanto mais se determina, mais livre é, porque as suas determinações, motivadas só pelo seu proprio fim, não envolvendo elemento algum estranho á sua substancia e tirando d'ella a sua materia e a sua fórma, são actos perfeitamente adequados á sua potencia e outras tantas realisações da sua mesma unidade. Agora, o determinar-se já não é limitar-se: é expandir-se, é desdobrar-se indefinida-

mente n'uma intima actividade, que, creando um mundo seu, se cria ao mesmo tempo com esse mundo. Mais um passo ainda e, n'esse estado sublime, o universo phenomenal desapparece como uma phantasmagoria: a realidade unica verdadeira é agora o acto simples d'um sêr todo elle idéa pura e causa e fim da propria idéa, creador em todos os seus momentos e em cada um d'elles pleno e uno, como se a sua infinita virtualidade estivesse presente toda inteira em cada uma das suas determinações.

Este sêr, que está todo em cada um dos seus actos, cuja essencia se substitue ao universo e cuja actividade não reconhece outros limites senão as leis da sua propria natureza, realisa por certo o ideal de ser livre. É por isso tambem que é um sêr só ideal. Deus, se Deus fosse possivel, seria esse sêr absolutamente livre. Mas, por isso que não é *real*, é que é *verdadeiro*. Elle é o typo da plenitude do sêr, typo de que a nossa liberdade moral, aquella que com tamanhos esforços conseguimos realisar, é só vaga imagem, longinqua semelhança. Esse ideal da nossa essencia, esse *eu* do nosso *eu*, ultimo e mais profundo, é o centro de attracção de toda a vida espiritual: é na união com elle que nos sentimos livres, livres na medida exacta d'essa união. Segredo mais intimo do sêr, mas tão sepulto na inconsciencia das coisas, não o descobre o mundo: revela-o a consciencia e é a razão o seu interprete soberano. Só pela razão *somos* verdadeiramente. Por ella se nos torna patente o mysterio da nossa intima actividade e nos conhecemos como força simples, espontanea e creadora das proprias determinações. Na plenitude d'essa espontaneidade reconhecemos o nosso verdadeiro fim: elle se substitue, como motivo interno,

ultimo e absoluto motivo, aos motivos exteriores. A vontade, condicionada agora só pela sua propria essencia, é livre. A lei da causalidade reduziu-se á lei da razão, d'essa razão, que, exprimindo a verdade total do nosso sêr, é ella mesma o mundo da liberdade. Liberdade, é certo, só virtualmente perfeita. Mas o acto limitado tem a sua raiz n'essa virtualidade infinita; e quanto mais pela razão a vontade communica com essa região profunda e se identifica com o seu fim absoluto, tanto mais rico de elementos proprios é a sua determinação e tanto mais livre é. Fixando em si esses elementos do seu proprio ideal, esses principios geradores do seu espontaneo desenvolvimento, este pobre *eu* que somos, ou parecemos ser, tão estreitamente condicionado pelo organismo, pelos instinctos, pelas relações exteriores que o comprimem n'um circulo fatal, este pobre *eu,* que assim começa captivo e quasi esmagado, transpõe gradualmente esses limites, transborda, por assim dizer, sobre o mundo que o continha, substitue motivos proprios aos motivos alheios, faz-se fim onde era meio e, de particular e limitado, transforma-se finalmente no que se diria um outro *eu*, impessoal, absoluto, todo razão e vontade pura. Identificado com o proprio ideal, só agora é *elle mesmo.* Não concebemos que outra coisa seja ser livre.

A liberdade tem pois graus. Se é só na consciencia que a conhecemos, o inconsciente não é todavia absolutamente destituido de razão. Deve pois encontrar-se já n'elle algum elemento de liberdade, por infimo, por diminuto que seja. Entre os dois extremos a distancia é enorme, mas não tal que a intelligencia não possa transpôl-a. Já vimos que a transpõe e por que caminho: não repetiremos o que ficou dito. Chamemos-lhe

só espontaneidade, pois assim convem, a esse impulso obscuro que determina os movimentos moleculares, as simples attracções materiaes: mas não esqueçamos que esse impulso parte do centro do sêr e que a espontaneidade é a propria raiz da liberdade. Assim pois, a distancia que vai da vaga espontaneidade da molecula, que vibra na attracção ou repulsão d'outra molecula, á liberdade do homem que se determina pela razão, não é incommensuravel: ella é a medida exacta da distancia que vai do momento inferior do sêr ao superior, da força elementar e abstracta á força complexa e completa. A todas ellas, elementares ou complexas, conscientes ou inconscientes, uma mesma vontade as anima: transpôr o limite fatal, ascender mais um grau na grande escala da realisação da sua infinita virtualidade. Eterno, immoto, absorvente, um mesmo typo de perfeição e plenitude, só diversamente entrevisto — sonho, presentimento, idéa pura — é o centro commum de attracção de todas as vontades dispersas, de todos os movimentos do universo. A cadeia universal das existencias, na sua prodigiosa espiral de espiraes, apparece-nos como a ascensão dos sêres á liberdade, na qual descobrimos a causa-final de tudo.

Assim se dissipa, á luz do espirito, a grande illusão do mecanismo. Formula da percepção elementar, dando só o aspecto abstracto das coisas, reduz-se propriamente ao systema das condições exteriores da actividade dos sêres e á ordem das suas relações formaes. Para além d'esta abstracção do mecanismo, está a vida propria dos sêres, a sua substancia activa, o mundo das causas effectivas, a razão concreta d'aquella ordem formal e o fim immanente na espontaneidade das forças. Onde o mecanismo vê *transformação de forças,* vê a

razão *correlação d'estados*, que derivam de energias intimas e as exprimem como modalidades suas, momentos logicos do seu desenvolvimento. Tanto basta para que o quadro da realidade desenhado pela philosophia scientifica da natureza, visto a uma luz nova, nos appareça como que transfigurado. Os traços são os mesmos, a expressão é inteiramente outra. Interpretado pelo espirito, espiritualisou-se. A evolução universal só agora é intelligivel: parte d'uma verdadeira causa — a virtualidade infinita do sêr; dirige-se a um fim — a realisação d'essa virtualidade, a plenitude e perfeição do sêr. A sua lei não é fatal, cega, inexpressiva: analoga á razão, é uma lei racional. Porque é uma razão immanente que preside a esse universal movimento, que se exprime n'elle, que n'elle palpita. Uma idéa instinctiva lateja surdamente, como uma pulsação de vida, n'esse universo que a sciencia mede e pesa, mas não explica: é a aspiração profunda de liberdade, que abala as moles estellares como agita cada uma das suas moleculas, que anima o protoplasma indeciso como dirige a vontade dos sêres conscientes. É esse fim soberano, realisado em espheras cada vez mais largas, que torna effectiva a evolução das coisas. Por elle, essa evolução, não já puramente formal e apparente, mas real, substancial, é um verdadeiro *progresso:* cada nova esphera de desenvolvimento traduz um *augmento de sêr,* algum novo elemento, até então só virtual, addicionado agora á realidade, feito fórma, acção e lei no universo. Por um gradual desdobramento da sua infinita virtualidade, o sêr-causa, immanente nas fórmas limitadas, junta ao typo inferior preexistente esse *quid* novo e diverso, com que produz o typo superior. Este não o é só formalmente, ou só na

ordem de successão: é-o substancialmente e em toda a verdade, porque é mais rico de idéa, mais completo de relações e mais livre, porque realisa mais plenamente o fim commum, porque, n'uma palavra, *contém mais sêr*. É só assim que o concreto póde sahir do abstracto, o complexo do simples; não porque o concreto e o complexo sejam, como os representa a abstracção materialista, uma mera accumulação de simples e abstracto e já n'elles se contivessem, mas pela virtude d'aquelle principio de diversidade e superioridade, desentranhado das profundezas do sêr, que se lhe veio juntar a fecundal-os. É pois o typo superior que explica o inferior: é para aquelle que este gravita, é a sua irresistivel attracção que o faz mover-se, procurando realisar a idéa mais alta que elle representa. A evolução não é apenas uma complicação crescente de forças elementares: é um alargamento de idéas, isto é, de existencia verdadeira. E se o ideal supremo, que a tudo attrae, para que tudo gravita, é razão, vontade pura, plena liberdade, a evolução só será perfeitamente comprehendida definindo-se como a espiritualisação gradual e systematica do universo.

Eil-a pois desfeita, aquella cadeia de elementos cegos, sem vida propria, que a abstracção materialista fazia girar sem termo no mesmo circulo fatal. Comprehendida a necessidade como lei e a lei como a expressão do desenvolvimento intimo e espontaneo dos sêres, reconhece-se que a fatalidade é só a mascara da razão: sob aquella mascara terrivel, ella conduz o universo, por mil caminhos sombrios, para a luz e a liberdade. E já tambem, em face d'esse universo onde lateja a razão, onde circula a seiva da idéa, não experimenta o coração do homem aquella impressão de

vacuidade e morte, aquella tristeza funebre, que o mundo fatal e eternamente mudo do materialismo lhe infundia. O espirito humano sente agora palpitar nas coisas o que quer que é analogo á sua própria essencia. Isolado como no vertice de pyramide prodigiosa, sente-se todavia em communicação com a mole immensa que o supporta. Já não é o enigma incomprehensivel, desesperador, que a si mesmo parecia, quando olhando em volta via em tudo a negação do seu pensamento, do seu ideal, da sua essencia: pelo contrário, elle proprio é que é agora a chave do enigma universal; só elle conhece a causa e o fim de tudo, e esse segredo sublime e á sua verdade mais intima, e o seu mesmo sêr.

O universo aspira com effeito á liberdade, mas só no espirito humano a realisa. É por isso que a historia é especialmente o theatro da liberdade. Os que vêem na historia um simples prolongamento da natureza, um phenomeno natural, só mais complexo, desconhecem inteiramente o verdadeiro caracter da evolução. O direito, devemos suppôl-o, é já a aspiração inconsciente do animal: mas só ás sociedades humanas preside effectivamente o direito. Esta linha de demarcação está dizendo que com a humanidade se entrou n'um mundo novo. A razão, dando um passo decisivo, deixou cahir de vez a mascara da fatalidade. Dormente e profundamente soterrada no mundo inorganico, meio acordada já, mas só instinctiva no mundo organico, é nos sêres conscientes, é na sociedade humana que a razão encontra o seu órgão. O progresso da humanidade é pois essencialmente um facto de ordem moral: a obra tão maravilhosamente começada pelo inconsciente só pela consciencia podia ser levada a cabo.

Tendo o seu ponto de partida na pura animalidade, na esphera da paixão e do instincto, a humanidade substitue gradualmente, á medida que se revela a si mesma na sua natureza e no seu fim, áquelles impulsos originarios energias espirituaes, elementos cada vez mais ricos e puros, desentranhados d'essa esphera racional em que vai penetrando, e o direito, interprete da razão na sociedade, é a lei d'esse mundo novo que surge. O progresso presuppõe o acto constante d'aquellas energias: sem o esforço sempre renovado do pensamento para a razão, da vontade para a justiça, de todo o sêr social para o ideal e a liberdade, o caminho andado escorrega debaixo dos pés e a animalidade toma outra vez posse do terreno onde o espirito, adormecendo, não soube manter-se. Enganam-se pois singularmente os que sonham no progresso como que mecanico, caminhando por si e beatificando os homens independentemente da energia moral d'elles: por outras palavras, um progresso realisado fóra do espirito e sem a sua intervenção. Enganam-se, porque a essencia do progresso está justamente n'essa intervenção, cada vez mais larga e intensa, do espirito na humanidade. A natureza é o theatro da historia, não o seu agente. As leis da historia têm a sua ultima raiz nas leis da consciencia. A creação da ordem racional e o alargamento indefinido do dominio da justiça, tal é a definição do progresso. Facto da liberdade, elle consiste intimamente n'um desdobramento incessante da energia moral, n'uma reacção contínua da vontade sob o estimulo do ideal, e é por isso que a virtude é a verdadeira medida do progresso das sociedades.

Mas a ordem creada pelo direito, ampla e harmonica como é e com toda a somma de moralidade e

liberdade que já em si contém, é ainda assim só formal Não é esse ainda o fim ultimo, mas apenas condição para a realisação d'elle. Na consciencia individual é que este se realisa, n'ella só tem o seu desfecho o drama divino do universo. N'ella e por ella se conhece a força universal na sua pura essencia, n'ella e por ella consegue a perfeita identificação comsigo mesmo: despojando-se das fórmas que successivamente revestira na sua longa ascenção, fórmas limitadas, relativas e nunca isentas, ainda nos degraus superiores da evolução, ainda na propria ordem social e juridica, do cunho de fatalidade, *é agora verdadeiramente*, porque só agora é puramente espirito. No mundo da consciencia dissolvem-se todas as leis naturaes e sociaes na unica lei moral. A lei moral, creada pelo espirito para si mesmo, ou melhor, expressão da unidade final realisada pelo espirito em si mesmo, da inteira compenetração da vontade com o seu ideal, é lei perfeita de liberdade, porque o proprio dever, á medida que a sua idéa se aprofunda, perde gradualmente o rigido caracter de obrigação, que lhe dava não sei que longes de fatalidade, e transforma-se em attracção pura, puro amor. A autonomia da vontade, só virtual até este momento, é agora real e completa: determinação, motivo e condicionalidade confundem-se com o seu proprio sêr. Só agora é plenamente causa, porque só agora é plenamente fim de si mesmo. Esta perfeita identificação do *eu* com a sua essencia absoluta, por onde a sua primitiva espontaneidade se define finalmente como liberdade, é que é a essencia do bem. O bem é o momento final e mais intimo da evolução do sêr, em que o espirito se liberta na consciencia de todas as limitações, creando em si, de si e para si um

mundo completo, transcendente e definitivo. O individuo natural subsiste ainda, mas subsiste apenas como o ponto em que se dá este processo espiritual. O *eu* limitado, refluindo, se assim se póde dizer, para o seu centro verdadeiro, dissolve-se n'alguma coisa de absoluto, já não individualisado mas ainda ligado ao individuo: transição do sêr para o não-sêr, que equivale, quanto cabe na realidade, á plenitude e perfeição do sêr. É o que, na linguagem (que para nós não póde ser senão symbolica) do mysticismo, se chama a união da alma com Deus: nós diremos simplesmente que é a união do *eu* com o seu typo de perfeição, ou, talvez com maior simplicidade ainda, a realisação na consciencia do seu momento ultimo e mais verdadeiro.

É por isso que só as obras do bem são verdadeiras na sua totalidade: em tudo mais ha sempre uma parte maior ou menor de limitação, de necessidade, de erro, e, para tudo dizer n'uma palavra, de não-existencia. Só quem, dissolvendo a propria vontade na vontade absoluta e identificando-se com ella, renuncia ao *eu* limitado e a tudo quanto é d'elle — o seu egoismo, as suas paixões, o seu erro profundo e a sua innarravel miseria — só esse alcançou a vida eterna. Confundido com o que sempre permanece, com o que é em si e por si, entrou no illimitado, no inalteravel, e subsiste com elle eternamente. Esta renúncia, verdadeira immortalidade, é por isso mesmo a fonte de toda a virtude. O justo, na sua união com o sêr perfeito, só vê no individuo limitado, que é segundo a natureza, um resto d'escravidão, de particularismo, de erro, que o impede, até onde subsiste, de realisar plenamente aquella união: é renunciando a elle que torna essa união effectiva, tanto mais effectiva quanto mais constante, mais completa

fôr a renúncia. A renúncia a todo o egoismo é para elle o caminho direito que o leva á liberdade, á perfeição, á beatitude. Como não ha de então o justo dar-se aos outros, dar-se a todos os sêres, se com cada acto de dedicação conquista e firma a propria beatitude? Libertando-os, liberta-se: aperfeiçoando-os, aperfeiçôa-se: beatificando-os, beatifica-se. Para conseguir o proprio bem, tem de se fazer como que o instrumento do bem universal. E nem verdadeiramente para conseguir o proprio bem: porque, despojado de personalidade e egoismo, morto para o *eu* individual, o bem attrae-o em si ou fóra de si, indifferentemente, e tende a realisal-o seja onde fôr, seja sob que fórma fôr, simplesmente porque é o bem. A sua existencia agora já não é a de uma individualidade particular, circumscripta no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, pela raça, pela nação, pelo periodo historico, pela educação, por mil circumstancias fortuitas: não: é como que a existencia d'um principio universal, impessoal, absoluto, actuando indifferentemente n'um ponto do espaço, e a sua obra, a virtude, não é tambem uma obra particular e transitoria, mas universal e absoluta. A virtude, liberdade suprema, é por isso a realidade por excellencia, a unica realidade plena. Tudo mais são vagas, incertas aproximações do ideal, pallidas imagens, grosseiros symbolos do sêr verdadeiro. A consciencia do justo é o unico templo do unico Deus; e, n'esse templo, a renúncia ao egoismo é o unico culto. Cessasse um só instante esse culto, esse holocausto do egoismo nas aras do ideal, e immediatamente toda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-hia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ella enche de intrepidez o coração dos

heroes, de constancia a vontade dos justos, de uncção a alma dos santos. Ella dá aos simples a candura e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alardes: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ella é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça, que consegue penetrar n'este mundo de lucta, cegueira e egoismo, vem toda d'alli, porque só alli tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda a sciencia e toda a especulação, só ella torna patente o intimo segredo das coisas e é, em si mesma, a unica verdade evidente, o unico saber sem duvidas nem obscuridades. Ella vence a morte, porque faz comprehender a significação do exito final e apreciar quanto elle vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoismo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim ultimo do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do sêr termina na libertação final pelo bem.

Tal se me afigura, nas suas grandes linhas e no seu processo logico, essa synthese do pensamento moderno, que a critica, apoiada na historia, parece desde já auctorisada a induzir das tendencias da philosophia e da sciencia na segunda metade do nosso seculo, tendencias expressas na posição actual dos problemas e na direcção convergente das principaes escólas. Partindo, vai em mais de quatro seculos, na alvorada d'uma idade nova do espirito humano, d'uma noção fundamental, a idéa de *força*, noção que era já o resultado da elaboração dez vezes secular dos principios legados pelo

pensamento antigo e para a genese da qual concorreram, ao lado da evolução dialectica d'esses principios, a accumulação crescente dos conhecimentos positivos e a maior complexidade da nova civilisação, o pensamento moderno, aprofundando essa idéa, desenvolvendo-a, enriquecendo-a com elementos novos e estendendo a sua área de influencia á ordêm de factos cada vez mais largos, começou por tirar d'ella uma mecanica e uma physica, ou seja uma theoria da natureza; fel-a depois penetrar mais e mais na metaphysica, na psychologia, na biologia, na historia; e tudo faz suppôr que se encaminha rapidamente para construir sobre essa unica base uma philosophia completa, uma concepção systematica do mundo, da razão e da humanidade. Tanto continha em si esta idéa capital, tão largos e ricos desenvolvimentos comportava! É certo que essa synthese das idéas modernas se acha por ora apenas indicada nas tendencias do fundamento contemporaneo e que, se o seu espirito, no que tem de essencial, penetra mais ou menos todas as escólas e quasi se confunde já, em certas espheras, com o espirito da nossa civilisação, em parte alguma foi ella ainda exposta em corpo systematico de doutrina, nem se definiu e completou a ponto de se impôr como a formula intellectual definitiva do nosso periodo historico. Até que grau de precisão conduzirá o pensamento moderno a definição das suas proprias idéas? É o que só o tempo poderá mostrar. Mas, desde já, podemos calcular as proporções do edificio em construcção e caracterisar o typo architectonico a que pertence.

Antes de tudo, essa synthese terá essencialmente o caracter inductivo. Não será uma nova construcção *a priori,* depois de tantos outros, mais um systema — o

ultimo e definitivo systema — mas a coordenação superior e, como já atraz se mostrou, a interpretação dos factos positivos no ponto de vista dos ultimos principios fornecidos ao mesmo tempo pela analyse da razão e pela analyse da consciencia. Será, se assim se póde dizer, um espiritualismo idealista, enxertado, para florir e fructificar, no tronco robusto do materialismo. Superior á sciencia como idéa e como criterio, estará todavia na dependencia da sciencia, que só lhe fornece a materia prima que tem de ser elaborada especulativamente. N'este sentido, parecerá mais, exteriormente, a realisação do programma dos positivistas do que a do programma hegeliano, embora no fundo tenha muito mais do espirito fecundo do idealismo allemão do que do espirito logico-formal do positivismo. Quero dizer que, sendo realista, será ao mesmo tempo transcendental: realista nas suas bases inductivas, transcendental nas idéas metaphysicas que a inspiram e dominam. Reunirá assim, na sua unidade, as duas tendencias divergentes da intelligencia moderna, resolvendo n'essa unidade superior, por uma mutua penetração, a antithese da razão e da experiencia. Sendo synthese, será conciliação; e todas as grandes correntes do pensamento philosophico do nosso seculo se acharão igualmente representadas n'ella, cada uma por aquillo que tem de legitimo: o positivismo, pela condemnação logica dos dados scientificos n'uma ordem de evolução formal; o idealismo dos allemães, pela affirmação fundamental da «identidade do sêr e do saber» e pela concepção d'uma evolução dialectica da realidade; o espiritualismo, pelos elementos psychicos fornecidos á especulação, pela idéa capital de *força*, que só na consciencia tem a sua origem, e pela reducção da finalidade,

em ultima analyse, á lei moral, que é a solução da antithese determinismo-liberdade; o criticismo, finalmente, pela verificação severa dos principios, pela duvida systematica, estimulo contínuo da razão, que representa aquella parte salutar do scepticismo, sem a qual a intelligencia, enlevada na propria contemplação, esquece o que ha de contingente e relativo em toda a verdade e se esterilisa, immobilisando-se n'aquella especie de fanatismo intellectual, que é o dogmatismo.

Dir-me-hão agora alguns, e não dos somenos, que essa pretendida synthese não passa, afinal, d'uma certa unidade de vistas geraes e uma conformidade de tendencias, que póde, sem duvida, accentuar-se ainda mais e ampliar progressivamente o terreno neutro ou commum onde se encontram irmãs as doutrinas rivaes, mas não chegará nunca a constituir uma verdadeira unificação systematica, o *symbolo* uniforme e completo do pensamento moderno. Dentro d'essa unidade mal determinada, objectam elles, ficará sempre logar para graves divergencias de opinião, pemanecerão em aberto questões importantes e, fóra d'ella, subsistirão sempre pontos de vista inconciliaveis, verdadeiras heresias em face do novo dogma philosophico: ora, concluem, não é isso o que se tinha direito a esperar das seductoras promessas d'uma synthese final!

Respondo que assim é, mas que está isso na natureza das coisas e, sobretudo, que é excellente que assim seja. Uma synthese philosophica não é um *symbolo* theologico. Uma igreja póde muito bem, nos seus concilios, definir com rigor extremo a sua doutrina e fixal-a canonicamente até aos ultimos pormenores, justamente porque é uma igreja: dispõe, pela natureza da sua instituição, da auctoridade que decreta e conta com

a fé, que aceita e não raciocina. Mas a philosophia não é a theologia, da mesma fórma que a sociedade moderna não é uma igreja. A sociedade moderna é uma larga communhão de intelligencias e de sentimentos, fecunda na medida da sua mesma variedade e liberdade, rica de impulsos diversos, que são outras tantas manifestações da actividade sempre creadora da natureza humana. A sua unidade não é essa abstracta, exterior e material, contida em formulas sem vida, violenta á natureza, e que por isso só firmada em decretos e imposições auctoritarias se póde manter. É concreta, intima e espontanea: é a unidade organica d'um sêr vivo e é ainda aquella harmonia superior que resulta do accordo das vontades e dos pensamentos, tendendo para um fim commum, mas cujos aspectos são variados, e que póde por isso mesmo realisar-se igualmente bem sob fórmas diversas. A extrema fixidez e uniformidade na ordem espiritual repugna á sociedade moderna, e é essa uma das suas excellencias. Unidade na variedade, tal é a sua divisa: e só essa unidade é fecunda, porque só ella permitte a expansão da natureza humana em toda a riqueza das suas faculdades. A verdade é para a nossa intelligencia forçosamente cambiante: a reunião d'esses cambiantes constituirá ainda assim uma imagem mais fiel d'ella do que uma côr unica e uma feição uniforme e rigida. Depois, o que torna creadora a influencia d'um principio é a sua comprehensão e plasticidade, não o seu rigor de definição. Uma idéa vastamente comprehensiva e profunda, como é a idéa moderna fundamental, é por isso mesmo diversissima de aspectos e póde consistir em fórmas que se oppõem, sem que por isso se contradigam. É uma prova da superioridade do espirito mo-

derno o poder conter em si, sendo uno, uma tal variedade de contrastes. O que seria da civilisação moderna, se todas as intelligencias entrassem no mesmo molde e como que se crystallisassem n'uma fórma definitiva? Desceria ella para logo ao nivel das civilisações inferiores e simplistas. Não desejemos pois uma synthese que seja um *symbolo* canonico, mas contentemo-nos com aquella harmonia geral dos espiritos, que resulta d'um *tom* fundamental, por onde tudo se afina, mas variada e livremente. É necessario vêr estas coisas, porque são as coisas humanas por excellencia, á grande luz da vida collectiva, no meio complexo e movediço da sociedade, e não no recinto estreito e artificial da escóla. Que um constructor de systemas aspire ao rigor geometrico e á absoluta deducção logica, entende-se perfeitamente: é esse o seu officio, ou, fallando mais dignamente, a sua missão. Mas a humanidade não é esse «abstractor de quintas essencias», encarcerado voluntariamente nas masmorras da pura logica. A sua vida é mais ampla, mais agil e mais accidentada: precisa por isso de maior liberdade, e as suas idéas directoras devem ter elasticidade bastante para poderem acompanhal-a nas curvas e meandros dos seus complicados movimentos.

Bem sei que pondo assim a questão sáio do terreno da philosophia propriamente dita para o da sociologia e da historia. Mas, em summa, a philosophia não é uma nova curiosidade de espiritos especulativos: no conjunto das coisas humanas tem o seu logar marcado, desempenha a sua funcção e não vale senão pelas suas applicações. O que d'ella aceitam e fazem seu os que não são philosophos de profissão constitue afinal, historicamente fallando, o que ella é realmente. A syn-

these do pensamento moderno, preparada pelos philosophos, tem de ser a obra collectiva da humanidade culta. Só assim terá o caracter d'um phenomeno historico e d'um grande facto humano. Não será (custa-me pouco reconhecel-o) um grande e perfeito systema, uma impeccavel crystallisação dialectica; mas será mais e melhor do que isso, um alto ideal commum, um principio universal de inspiração, fallando a todas as potencias da alma humana, e a cada uma na sua lingua, accessivel e facil ao coração dos simples como profundo á penetração das altas intelligencias, e tão rico de luzes para a sciencia como de estimulos para a consciencia. O espirito creador da civilisação moderna vêr-se-ha n'esse ideal como n'um espelho, e cada vez com maior clareza. Ou antes, para me expressar em linguagem mais exacta, será elle esse mesmo espirito, que é já o espirito da humanidade (pois a civilisação moderna absorve já todas as raças e nações na sua catholicidade) tornado consciente e progressivamente realisado em factos — nas instituições, nos costumes, na vida moral. E, se definir o espirito d'uma civilisação e tornal-o conscio de si mesmo é a obra essencial da philosophia, não se poderá dizer que a philosophia moderna tenha mentido á sua missão (1).

(1) Publicado *in-Revista de Portugal*, vol. I, n.os 1, 2 e 3, respectivamente de Janeiro, Fevereiro e Março de 1890. *(Nota do editor.)*

O SOCIALISMO E A MORAL

«A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores.» Neste lema da primitiva Associação Internacional dos Trabalhadores encerra-se uma verdade fundamental, e mais comprehensiva ainda do que, porventura, pensavam os que a redigiram, homens de lucta e exclusivamente politicos. A emancipação dos trabalhadores deve ser obra do proprio esforço dos trabalhadores, por conseguinte, antes de tudo e como primeira condição, da sua energia moral, da sua perseverança, da sua firme dignidade, numa palavra, não sómente da agitação collectiva, muitas vezes superficial e inconsistente, mas da solida virtude dos individuos. Cousa alguma grande e duradoura se fundou ainda no mundo senão pela moral: e, se o Socialismo tem de ser uma esplendida realidade, só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades. «Audacia, audacia e sempre audacia!» exclamava Danton no meio do tumulto dramatico da grande Revolução: nós, no meio da confusão de um vasto movimento de classes, no qual o elemento dramatico é pouca cousa, mas enorme o peso das fatalidades economicas, diremos: moralidade, moralidade e sempre moralidade!

Só por ella opporá o proletariado áquellas fatali-

dades esmagadoras uma força capaz de as deslocar: de facto, a maior força que actua nas sociedades, a força de consciencia. Isto quer dizer que o problema economico não é independente e isolado, como se affigura a alguns, mas dependente e connexo com o problema moral e constantemente condicionados um pelo outro. Mas, emquanto acreditarmos na liberdade humana e considerarmos as forças do espirito como as forças sociaes por excellencia continuaremos a affirmar que a reacção da vontade consciente, que o esforço da justa consciencia sobre o mundo da fatalidade será sempre maior do que a acção desta sobre aquellas. O problema do Socialismo é essencialmente o problema da organisação do trabalho: ora a organisação do trabalho depende antes de tudo da capacidade moral dos trabalhadores, isto é, da sua capacidade de ordem, disciplina e justiça. Não ha systemas, por engenhosos que sejam, que possam supprir isto, assim como não ha combinações que possam supprir, numa machina, a falta ou simplesmente a fraqueza e mau estado do motor. Um eminente francês, com quem conversava não ha muitos annos, dizia-me que com a republica e o voto universal, de um lado, e do outro as condições da industria e do capital em França, os trabalhadores francêses estariam ha muito senhores da sociedade e triumphante o Socialismo, se não lhes faltasse uma cousa: a capacidade. O espirito de anarchia e tanta desordem, o ciume e inveja reciprocas, a falta de perseverança e disciplina, muito mais do que a das luzes essenciaes, intibiam as forças enormes do proletariado francês, produzindo em vez de um movimento progressivo e organico, só as convulsões duma sociedade que parece agonizar. Sirva-nos de licção aquelle exemplo.

O grande Proudhon, depois de 30 annos de trabalho e martirio, desenganado da politica das revoluções, chegava finalmente, numa das ultimas paginas que escreveu, a esta conclusão: «O mundo só pela moral será libertado e salvo.» É com esta palavra de ouro que fecharei este pequeno artigo (1).»

(1) Publicado *in-Trabalhador*, n.º 1, de 6 de Janeiro de 1889. Pôrto. *(Nota do editor.)*

EXPIAÇÃO

Portugal expia, com a amargura d'este momento de humilhação e anciedade, 40 annos de egoismo, de imprevidencia e de relaxamento dos costumes politicos — 40 annos de paz profunda, que uma sorte rarissima nos concedeu e que só soubemos malbaratar na intriga, na vaidade, no goso material, em vez de os aproveitarmos no trabalho, na reforma das instituições e no progresso das ideias.

Sob o insulto imprevisto, esta nação parece agora acordar: mas é necessario que o protesto nacional seja ao mesmo tempo um acto de contricção da consciencia publica. Reconhecer os erros passados será já um começo de emenda: e temos muito, muito que emendar. O nosso maior inimigo não é o inglez, somos nós mesmos. Só um falso patriotismo, falso e criminosamente vaidoso, póde affirmar o contrario.

Declamar contra a Inglaterra é facil: emendarmos os defeitos gravissimos da nossa vida nacional será mais difficil; mas só essa desforra será honrosa, só ella salvadora. Portugal ou se reformará politica, intellectual e moralmente, ou deixará de existir. Mas a reforma, para ser effectiva e fecunda, deve partir de dentro e do mais fundo do nosso ser collectivo: deve

ser, antes de tudo, uma reforma dos sentimentos e dos costumes.

Enganam-se os que julgam garantir o futuro e assegurar a nacionalidade com meios exteriores e materiaes, com armamentos e alardes de força militar. Uma era nova começou para esta nação, que acorda, como d'um sonho, do seu optimismo egoista e banal, e severas provações lhe parecem reservadas. Para arrostar com ellas de pouco lhe servirão os canhões e os couraçados em que a imaginação, popular, na sua ingenuidade, vê um symbolo de força.

Mas a verdadeira força é outra. Não é com canhões que havemos de affirmar a nossa vitalidade nacional, mas com perseverantes esforços da intelligencia e da vontade, com trabalho, estudo e rectidão. Nem a nossa dignidade está dependente de um couraçado, ou de dez ou vinte couraçados, mas só e exclusivamente da energia da nossa vida moral.

Esse dinheiro, que o povo portuguez, n'um impeto de paixão patriotica, vae dar sem contar, para inuteis armamentos, melhor se empregaria no fomento da industria nacional e na reforma e alargamemto da instrucção publica. Trabalho e pensamento: uma vida nacional sã não tem outras bases, e é d'isso que acima de tudo precisamos para a restauração d'este organismo social tão enfermiço e depauperado. Semeariamos assim para o futuro, e o nobre enthusiasmo d'este momento, consolidado em factos de indefinida fecundidade, seria aproveitado todo inteiro para a obra da reforma nacional.

Essa reforma, tanto tempo adiada pela inercia e pelo egoismo, impõe-se agora irresistivelmente. O futuro depende todo da direcção que o movimento

tomar no seu ponto de partida. Iniciado pela paixão, urge que o dirija e encaminhe a intelligencia serena. E seja a sua orientação o levantamento da vida moral da nossa querida patria (1).

(1) Publicado *in-Provincia*—Número extraordinário, 6.º ano, 26 de Janeiro de 1890. *(Nota do editor).*

DISCURSO
LIDO NA SESSÃO DE 7 DE MARÇO DA LIGA PATRIOTICA DO NORTE

Meus senhores: — Em primeiro logar, cumpre-me agradecer á assembleia geral da «Liga Patriotica do Norte» a honra que me fez, nomeando-me seu presidente. Esta honra considero-a no momento actual como a maior que um cidadão póde receber dos seus concidadãos. Espero fazer da minha parte para que a «Liga» me ache sempre á altura da confiança que o meu nome e os meus antecedentes lhe inspiraram.

Meus senhores, creio firmemente que a fundação da «Liga Patriotica do Norte» será a primeira pedra do edificio da restauração das forças nacionaes. Não será esta porém uma obra de momentaneo enthusiasmo, mas de aturada paciencia, de patriotica e esclarecida perseverança.

O protesto contra o insulto e a villania da Inglaterra, e o proposito de nos libertarmos da sua aviltante dependencia, implica um esforço viril e persistente para sermos de facto independentes, o que hoje não somos nem politica, nem economicamente. A subscripção nacional, brilhante movimento d'uma paixão nobilissima, será apenas o inicio d'essa obra de resurreição do brio e das forças do povo portuguez. Se precisamos

de armamentos, precisamos todavia de mais alguma cousa do que simples armamentos.

A vida actual, para ser autonoma e independente, tem de ser remodelada. A nação tem de emendar erros profundos e numerosos, accumulados durante muitos annos de imprevidencia, de egoismo, de maus governos e de corrompidos costumes publicos. Esta situação é tanto mais grave, quanto gradualmente se foi estabelecendo entre a nação e os governantes um verdadeiro divorcio, divorcio ha muito latente e que a crise actual veio apenas patentear em toda a sua cruel realidade. Os governos, em Portugal, deixaram ha muito de representar genuinamente os interesses e o sentir da nação. Nem por isso, porém, a acção da «Liga» será revolucionaria. Pelo contrario, a «Liga» considera um tal divorcio como uma calamidade, e a sua acção tenderá a restabelecer a natural harmonia entre o pensamento nacional e o seu orgão, o Estado. Fóra das competições da falsa politica, que nos tem dividido e enfraquecido, mas por isso mesmo no terreno da verdadeira politica, que é a dos grandes interesses nacionaes, fóra dos partidos, porque superior a elles, a «Liga» fará ouvir aos poderes publicos a voz da nação: e essa voz persistente, firme e cheia de auctoridade obrigal-os-ha, por muito inveterado que seja o seu endurecimento, a converterem-se á sua verdadeira missão, que é a dos representantes e zeladores dos interesses da nação, e não só dos interesses materiaes, mas dos mais elevados, os interesses moraes, e entre estes preeminentemente o da dignidade nacional. A moralisação dos poderes publicos, tal é a primeira condição do renascimento e integridade da vida social portugueza.

Por outro lado a «Liga», filha da opinião publica, e inspirando-se n'ella, devolverá á sua inspiradora o seu proprio pensamento refundido, tornado claro, consciente e pratico. Todos os alvitres, que a opinião popular suggira, serão aqui estudados, revestidos, completados. D'elles sahirá um plano de emancipação economica, de restauração das forças productoras, de levantamento do nivel intellectual e de garantia e defeza da integridade nacional, plano de ordem, justiça e moralidade sociaes, que significará, ao mesmo tempo, a emenda dos passados erros e a esperança d'um futuro em que Portugal retome entre as nações civilisadas um logar digno das suas nobres tradições. Esse plano terá por certo a adhesão do paiz, que verá n'elle a expressão consciente do seu pensamento e das suas necessidades. A nação fal-o-ha seu e saberá impol-o aos governantes. Contra a vontade unanime do paiz não prevalecerão as artes corruptoras, com que uma oligarchia das menos escrupulosas, aproveitando-se do indifferentismo e desleixada tolerancia a que a nação se entregara, (reconheçamol-o com contricta sinceridade) como quem abdica do seu direito e dignidade, conseguiu apossar-se da alta administração e do governo, para nos conduzir, no fim de 30 annos de materialismo politico, á beira de um abismo onde nos encontramos.

Taes são «senhores, os altos intuitos da «Liga Patriotica do Norte». Resumindo-os, como acabo de fazer, cuido ter interpretado fielmente os vossos unanimes sentimentos. Sahida do vehemente movimento de indignação popular contra uma affronta que revelou á nação a sua propria fraqueza em face da arrogancia dos fortes, a «Liga» propõe-se dar a esse movi-

mento um caracter permanente, disciplinal-o e alargal-o até ás proporções d'um programma de reforma nacional.

As garantias efficazes de defeza da sua integridade e de respeito da sua dignidade não póde a nação encontral-as senão n'uma profunda reforma da legislação e costumes. Radicou fundo no animo de todos este pensamento. A «Liga Patriotica do Norte», assim como ás Associações congeneres, que sem duvida se vão formar por todo o paiz, cumpre agora tornal-o effectivo, dar-lhe forma pratica e impol-o como a ideia directora d'uma era de renovação nacional. Por arduo e trabalhoso que seja este grande encargo, o patriotismo de todos os membros da «Liga» estará a altura d'elle.

Por amor d'este fim supremo, sacrificaremos todos no altar da patria intuitos e preferencias particulares, dissidencias, azedumes e suspeições, triste legado d'um periodo de mesquinhas luctas, que entibiaram ainda os melhores, e unidos n'um commum ideal, seremos fortes por essa união indissoluvel, tão indissoluvel, como a unidade da patria, cujo sentimento nos inspira a todos, sem distincções.

Terminarei, senhores, dando-vos conta dos meus actos, como presidente da «Liga Patriotica do Norte.»

Em primeiro logar, como presidente da vossa Commissão instaladora, e ainda da Sub-comissão encarregada de elaborar as bases do estatuto da Liga, esforcei-me por que esta nossa lei fundamental exprimisse com a maior clareza e da maneira a mais pratica o pensamento systematico e essencialmente popular e patriotico da Liga. Foi-me esse esforço tanto menos custoso, quanto encontrei na vossa Com-

missão e em cada um dos seus membros luzes, dedicação e unidade de pensamento, posso bem dizel-o, completas. Reconhecereis tambem, que, apesar do nosso ardor, nos não era possivel desempenhar-nos do nosso encargo n'um periodo de tempo mais curto, se considerardes que a obra que nos incumbistes, além da sua complexidade, apresentava certos problemas delicados de organisação que precisavam ser attentamente estudados. Ella vos foi já apresentada, e ides julgal-a. Nada mais devo accrescentar a este respeito; senão que ella representa o melhor não só da nossa intelligencia como dos nossos sentimentos.

Em segundo logar, entendi do meu dever representar ao governo de sua magestade, em nome da «Liga Patriotica do Norte», e pelos motivos que todos conheceis, sobre a necessidade de ser retirado o *exequatur* ao consul inglez n'esta cidade. A vossa Commissão installadora, por um voto unanime, adheriu a esta minha iniciativa. Não vos encobrirei, senhores, que redigindo aquelle documento a minha confiança na firmeza patriotica dos membros do actual governo, confiança que a todos os portuguezes deve, em principio, merecer qualquer governo portuguez, não podia ainda assim destruir completamente no meu animo certas apprehensões e como que um presentimento de que a nossa representação não seria coroada de bom exito. Eram-me bem conhecidas as circumstancias, umas mais antigas, outras actuaes, que reduzem quasi fatalmente os governos de Portugal a um estado de timida dependencia perante o governo inglez. Entretanto, além de que sempre se deve tentar o que é justo, animava-me um tanto a consideração da attitude energica e que eu não tinha rasões para não suppor patriotica, assumida

pelo actual presidente do conselho de ministros, tanto no conselho de estado como na imprensa, logo ao rebentar do conflito anglo-portuguez.

Desgraçadamente, não eram mentirosos aquelles meus tristes presentimentos. A resposta do Presidente do Conselho á nossa representação, se attesta o empenho e bons desejos de S. Ex.ª em obter algum desaggravo para a dignidade nacional, dá ao mesmo tempo testemunho das insuperaveis difficuldades que rodeiam o assumpto, e é, para quem bem lêr aquelle papel, uma lamentosa confissão da impotencia do Governo portuguez em face das arrogantes imposições do Governo inglez.

O Governo portuguez está inerme e coacto. É esta a cruel verdade. Convém que se diga bem alto e que todos d'ella se compenetrem. É tal actualmente a nossa fraqueza e dependencia, que o Governo portuguez não póde sequer conseguir esta cousa simplissima: a liberdade no uso do seu direito e a reparação, ainda moderada, d'um aggravo á dignidade nacional. O Governo inglez entende impôr-nos o seu consul insultador, e a nação portugueza tem de acceitar esta odiosa imposição. O governo portuguez, embora gemendo, nol-o dá sufficientemente a entender!

Ah, Senhores! quanto custa a um coração portuguez ter de reconhecer esta odiosa fatalidade! Mas devo reprimir os impetos da indignação, para só attender á voz austera e salvadora da razão. Sim, tenhamos a coragem de reconhecer essa cruel fatalidade, porque este reconhecimento será para nós salutar. Não recriminemos, não augmentemos ainda mais as funestas divisões que tanto nos têm enfraquecido. Saibamos antes tirar d'este facto desolador o ensinamento que

elle contém. Comprehendamos por elle que o abysmo de fraqueza e humilhação, em que cahimos, é ainda mais fundo do que suppunhamos, e que para sahir d'elle precisamos redobrar de energia e patriotica dedicação. A desforra de tamanhas affrontas vem longe ainda, mas será segura, se soubermos preparal-a com firmeza, união e perseverança.

A attitude que nos convém não é a do protesto violento e esteril: é a da concentração da vontade, applicando-se indefessa até conseguir, pela força e independencia reconquistadas, a desafronta, o socego e a dignidade. Se ainda fossem necessarias provas, esta ultima humilhação nos provaria quanto o pensamento da «Liga Patriotica» é unico e salvador; quanto é necessario e inadiavel que, unidos n'esse só pensamento, todos os Portuguezes trabalhem sem descanso pelo levantamento da nossa infeliz patria, hoje ludibriada e sem defeza. Coragem, paciencia e esforço: tal deve ser d'ora avante a nossa divisa. Se a seguirmos á risca, o futuro, um nobre futuro, digno do nosso nobre passado, nos recompensará amplamente pelos sacrificios do presente (1).

(1) Publicado em fôlha avulsa, a três colunas com o título *Discurso lido na sessão de 7 de março da Liga Patriotica do Norte pelo seu Presidente Antero de Quental. (Nota do editor.)*

REPRESENTAÇÃO SOBRE A NECESSIDADE DE SER RETIRADO O EXEQUATUR AO CONSUL INGLEZ

Ex.mo Sr. — Enviamos a V. Ex.a o protesto dos estudantes do Porto contra a carta em que o sr. Oswald Crawfurd, consul de S. M. Britanica, insultou da maneira a mais insolita e com todas as aggravantes possiveis a briosa mocidade academica d'esta cidade.

No papel, que remetemos, encontrará V. Ex.a reproduzidos os documentos essenciaes relativos á questão, posto supormos que já deva ter d'elles perfeito conhecimento.

Não é necessario chamar especialmente a attenção de V. Ex.a para o que ha de insolito e de insolitamente escandaloso na attitude e na linguagem do consul de S. M. Britanica do Porto. A mentira das suas affirmativas, patente nas mesmas contradições em que cae, põe ainda mais em evidencia a intensão aggressiva que lhe dictou aquellas palavras, ao mesmo tempo que as considerações que lhes junta constituem uma offensa grave para as autoridades do Porto, nas quaes declara não confiar, e implicitamente para o governo e a nação portugueza.

A notificação ao governo inglez de que é retirado o

exequatur ao Consul Crawfurd, é o castigo naturalmente indicado para tal desacato.

Como não pode ser outro o caminho a seguir e como plenamente confiamos no senso e patriotismo de V. Ex.ª, entendemos que seria quasi pôr em duvida estas suas qualidades se viessemos reclamar de V. Ex.ª uma medida sobre a qual, sem a menor duvida, já a esta hora o governo terá decidido em principio.

Se nos dirigimos a V. Ex.ª, é simplesmente para chamar a sua attenção sobre a necessidade de que essa medida reparadora seja posta em execução no mais breve praso possivel de tempo.

Os signatarios d'esta representação têm empenhado toda a sua influencia pessoal para conterem as explosões da justa indignação da mocidade academica e da grande maioria da população do Porto. Mas cada hora que passa aggrava a situação. No momento actual, quando está aberto um conflicto diplomatico com o governo inglez, a carta do consul Crawfurd, coincidindo com o tom provocador da imprensa ingleza, parece a todos revelar um plano de provocação e apresenta á opinião, com grande apparencia de plausibilidade o consul inglez no Porto como representando deliberadamente o papel de agente provocador.

O perigo flagrante que ha em deixar alastrar e arreigar-se esta convicção, e a maneira desvairada por que ella pode influir na direcção da actual corrente de exaltação patriotica, são considerações que não precisam de ser encarecidas aos olhos perspicazes de V. Ex.ª

Mas muito peor seria ainda, se as delongas do governo em executar a medida reparadora que a voz unanime da nação reclama, delongas filhas por certo só de nimio escrupulo e prudencia, deixassem porven-

tura suspeitar a alguns exaltados, (pois a exaltação é cega), que o governo portuguez protege de algum modo um agente provocador da Inglaterra, que, sendo nosso hospede e revestido do caracter de consul da sua nação, nos insulta com a socegada audacia de quem conta com a impunidade!

Tão monstruoso pensamento, ex.mo sr., se elle germinasse n'alguns cerebros enfrenisiados, (e são elles muitos, infelismente, neste momento), seria, já em si, já nas suas consequencias, uma verdadeira, uma tremenda calamidade nacional. Aonde chegariam, quaes seriam os ultimos effeitos d'uma tal suspeita, se ella chegasse a apossar-se do espirito da nação?

Pela nossa parte, repellimos a simples sombra, o simples sonho de uma tal suspeita com horror quasi religioso — e perdoe-nos V. Ex.a se por um instante lhe fizemos passar ante os olhos uma tal perspectiva. Mas ha horas solemnes, em que a maxima e ainda a mais brutal franqueza é um dever do bom cidadão. Uma d'essas horas é esta, e nós cumprimos um sagrado dever expondo sem véos á consideração de V. Ex.a todos os perigos que ha em se demorar por mais tempo o exemplar castigo d'aquelle criminoso.

Ex.mo Sr. — Dirigimo-nos a V. Ex.a como bons e lèaes portuguezes se devem dirigir, num momento de perigo nacional, como é o que atravessamos, a outro portuguez bom e leal: isto é, com o coração nas mãos. Inspira-nos o sentimento da patria, e nenhum outro. Ouça-nos pois V. Ex.a com a confiança de que quem lhe fala o faz com limpida candidez de um sentimento purissimo, sem reservas, sem fins occultos, mas só movido pelo amor da verdade, da dignidade da nação e da paz publica.

Pela nossa parte, confiando inteiramente na alteza do patriotismo de V. Ex.ª e de todos os seus collegas, estamos convencidos de que o simples facto de serem submettidas a V. Ex.ª as considerações que deixamos feitas, e conhecida pelo seu prudentissimo espirito a boa razão, bastará para que o governo se apresse em dar prompta e cabal satisfação á dignidade nacional ultrajada.

Tão convencidos estamos d'isto, que não encontramos melhor maneira de ir acalmando desde já os animos exaltados e de infundir boa esperança em todos, do que dar immediatamente a maxima publicidade a esta carta, que, sendo de conselho e aviso para V. Ex.ª, será para o publico de confiança e apaziguamento.

Deus guarde a V. Ex.ª — Ex.mo Sr. Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho de ministros (1).

Porto, sala das sessões da commissão installadora da Liga, 10 de fevereiro de 1890.

(1) Publicado *in-Provincia*, de 11 de fevereiro de 1890. *(Nota do editor.)*

Este oficio redigido por Anthero foi tambem assignado pela commissão instaladora da Liga Patriotica do Norte, composta de Francisco de Paula Reis Santos, João Chrisostomo d'Oliveira Ramos, José Joaquim Rodrigues de Freitas, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, Augusto Malheiro Dias Guimarães, Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva, Bento de Souza Carqueja, José d'Oliveira Serrão de Azevedo, José Pereira de Sampaio, Lopes de Andrade, José Nicolau Raposo Botelho, Basilio Teles, Luiz de Magalhães, Antonio Rodrigues Padim, Antonio d'Oliveira Monteiro, Ricardo d'Almeida Jorge, Conde de Rezende, Antonio Nicolau d'Almeida, João Paes Pinto (Abade de S. Nicolau), Ezequiel Augusto Ribeiro Vieira de Castro, Maximiano Lemos, Eduardo de Carvalho e Cunha e Joaquim de Vasconcelos.

A QUE VIMOS

Um jornal, orgão da mocidade academica, deve ser, em tempos ordinarios, não sómente uma manifestação vibrante de patriotismo e de imparcial justiça, mas tambem um testemunho da serena evolução das ideias e de meditados planos de reforma.

No meio do tumulto egoista dos partidos, elle representaria a boa fé, o desprendimento e a nobreza da alma juvenil, animada só pelo estreme amor da patria.

No meio da confusão intellectual d'uma sociedade velha, que se debate procurando o norte d'uma nova vida, elle representaria egualmente o esforço são d'um pensamento sincero, guiado pelo estudo e orientado pela luz das ideias modernas.

As circumstancias, porém, vieram alterar este plano. A crise nacional, com a sua intensa vibração, atravessou a alma da mocidade, como uma faisca eletrica. A paixão, a dôr, a indignação substituiram-se á meditação e ao puro idealismo dos crentes. Um fremito guerreiro percorreu as nossas fileiras. O protesto contra a corrupção e a vileza das classes officiaes, que estão desvirtuando o sublime impulso da alma popular, ou que traiçoeiramente meditam suffocal-o, latejou em todo os corações, sahiu unanime de todas as boccas.

As palavras de paz, que meditamos, transformaram-se repentinamente em clamor de guerra.

É isto o que o *Rebate* significa. É esta a attitude combatente da mocidade academica o que elle symbolisa. Sim! As classes dirigentes adormecem novamente no seu somno egoista. Os que se julgam *habeis*, sendo simplesmente *corruptos*, exploram vilmente o movimento nacional em proveito de suas combinações. O governo, representante não da nação mas d'essa oligarchia corruptora, affronta o sentimento patriotico e atraiçôa descaradamente a dignidade nacional.

No templo sagrado da patria tomaram assento os vendilhões da intriga, os mercadores de traições, e rumorejam debatendo o preço por que se compram e vendem entre si, emquanto a alma popular, contricta e humilhada, chora no seu desolado abandono.

E não haverá quem proteste contra esta corrente de torpesa, de baixesa e cynismo, que ameaça subverter o que ainda nos resta de crenças e dignidade civica?

Sim, ha-de haver!

A mocidade academica acha-se quasi unica, em campo, contra o egoismo das classes dirigentes e a corrupção endemica e talvez já inconsciente dos governantes.

Não importa. Ella acceita-o como um grande dever, submette-se a esse enorme encargo e ha-de cumpril-o lealmente.

As Academias do Porto, Coimbra e Lisboa, acham-se unidas n'um mesmo pensamento, n'uma só vontade. Ao velho mundo, aos velhos partidos nada pedem, assim como nada lhes devem. É para um novo mundo que appellam; é dos elementos d'esse novo mundo,

que já fermentam na decomposição do velho, que esperam apoio e sympathia.

Os que n'esta nossa attitude quiserem ver ousadia e nimia pertenção, enganam-se muito. Se tomamos este lugar, é porque o achamos desoccupado por aquelles a quem porventura mais caberia occupal-o.

E se a nossa palavra parecer em demasia amarga e violenta, não nos culpem a nós esses censores prudentes. Culpem-se antes a si, pois é a sua vil e cobarde prudencia que é responsavel por conseguinte da exaltação e quasi furiosa indignação d'aquelles que, sendo moços, antes querem morrer do que submetter-se a tamanha vilania e abjecção!

O Rebate, não será porventura uma voz eloquente, mas será uma voz sincera, ainda nos seus impetos de paixão.

Elle dirá que, no meio de tanta podridão moral como a que se alastra no ignobil theatro da nossa politica, ao menos no coração da mocidade portugueza ha ainda crenças vivas e vontade decidida a pugnar por ellas.

Elle dirá aos velhos partidos, responsaveis dos grandes infortunios da patria, que não contem com a mocidade para os seguir e nem sequer para os attender. Contem sim com ella, mas só para os amaldiçoar!

Elle dirá, finalmente, que se o presente é desconsolador além do imaginavel, se é luctuoso e miserrimo, luz ainda uma esperança no futuro, porque o povo, embora adormecido momentaneamente, não abdicou, nem acceitou no seu coração o jugo dos corruptos.

E emquanto luzir essa esperança, a mocidade portugueza, com os olhos no futuro não abandonará o seu posto de honra.

Á patria pois e ao povo, o nosso esforço e dedicação!

Ás academias do Porto, Coimbra e Lisboa, o nosso abraço de indissoluvel fraternidade (1).

(1) Publicado *in-Rebate,* jornal académico. Pôrto, 1890. *(Nota do editor.)*

ULTIMATUM DE 11 DE JANEIRO

Há no grande movimento nacional, que começou no dia 11 de janeiro, um elemento affirmativo, que é a intensa paixão patriotica do povo portuguez, e um elemento negativo, o descredito das nossas instituições politicas, das praticas de governo e dos homens governantes. Se o primeiro é uma inequivoca manifestação da vitalidade nacional, manifestação bem consoladora para todos os que já começavam a descrer da alma collectiva d'este povo, o segundo é o symptoma d'um estado morbido do organismo social, symptoma tão grave que bem se póde dizer que sobreleva em importancia a todos os outros, aos olhos dos verdadeiros pensadores. Emquanto subsistir este lamentavel divorcio entre o sentimento nacional e o Estado, que por natureza deveria ser o seu orgão, faltará sempre á nação portugueza a primeira condição para o seu perfeito estabelecimento, a qual é o accordo intimo entre o povo e os seus governantes. Sem este accordo, o movimento nacional tomará cada vez mais um caracter incoherente e desordenado, e descambará finalmente n'uma verdadeira anarchia.

É pois necessario que esse funesto divorcio, preparado por trinta annos de materialismo politico, cesse e se restabeleça a intima e indispensavel unidade moral

da nação. Mas como? Pela revolução? Seria essa a maior das calamidades. Como então? Pela constituição dos orgãos genuinos do sentimento nacional, semelhantes á *Liga Patriotica do Norte*, que definindo a pura opinião patriotica e reformadora da nação, a imponham aos governos, quaesquer que elles sejam, e obriguem o Estado a converter-se á sua verdadeira missão de representante e interprete do sentimento nacional. *Moralisar* e *nacionalisar* o Estado, tal deve ser depois de passado o primeiro impeto da paixão, o fim consciente do movimento popular iniciado no dia 11 de janeiro. Quando a nação portugueza tiver governos que verdadeiramente a representem e nos quaes confie, quando o Estado voltar a ser um orgão util e não uma excrescencia parasita e nociva no corpo social, só então poderemos dizer que está dado o primeiro passo no caminho da restauração das forças vitaes da sociedade portugueza (1).

Fevereiro, 1890.

(1) Publicado *in-Anathema*. Número único. Coimbra, Junho de 1890. *(Nota do editor.)*

ENSAIO SOBRE AS BASES PHILOSOPHICAS DA MORAL OU PHILOSOPHIA DA LIBERDADE (1)

1 — Todas as nossas ideas, por mais complexas que sejam se reduzem a outra mais simples e elementar, a idea de *Ser (V. Apend).*

2 — O que é pois *ser?* Esta idea apesar da sua simplicidade apresenta-se-nos simultaneamente sob dois aspectos diversos e como que sendo susceptivel de duas definições differentes e antitheticas, se não contradictorias.

O que é *que é?* O que é real, responde a intelligencia concreta e imaginativa, a experiencia e a sensibilidade — o que cae ou pode cair sob os nossos sentidos, o que *actua*, se move e é movido — n'uma palavra, o mundo, o phenomeno.

Outra é porem a definição que dá a intelligencia abstracta, a pura razão. Para elle *Ser* é só o que *subsiste* por si, o Absoluto, o que está para alem dos sentidos, para alem do mundo dos phenomenos, o *quid* immutavel e sempre identico que supporta a diversidade, alteração e movimento continuos das cousas reaes. Toda a Realidade, diz a razão, presupõe o

(1) O autografo foi encontrado no seu espolio, parte, posto em limpo, e parte em notas soltas, escriptas a lapis.

Absoluto como substancia e causa. A realidade não é mais do que um começar e acabar, um turbilhão em que tudo tem um limite no espaço e no tempo, uma fuga e dispersão infinita de todas as cousas. E como póde dizer-se de um tal mundo, em que tudo começa e acaba, em que nada tem em si a sua causa e em que nada permanece, como póde dizer-se de um tal mundo *que é?*

3 — Isto diz a razão. E se ella não chega a destruir em nós o sentimento innato da realidade, e na intelligencia a convicção intima de que a realidade existe, é certo tambem que esse sentimento e essa convicção puramente instinctivas e extra-racionaes, e por isso não isentos de inquietação e duvida, não teem em si o poder de remover aquella formidavel objecção, nem bastam por si sós a preencher o abysmo que a razão cavou debaixo da realidade. Esta antinomia fica de pé, como um facto e o facto mais importante da nossa vida consciente. Ainda não foi resolvida satisfatoriamente, ha alguns milhares de annos já que a nossa especie se deu a meditar, nem é crivel que o venha a ser, jámais. Achamo-nos em face de uma antinomia fundamental e primordial, que marca o limite extremo do nosso conhecimento, e circumscreve, sobre o desconhecido insondavel, as fronteiras do territorio que a especulação póde percorrer. Porque é que este mundo em que existimos e de que fazemos parte, este mundo *que somos*, sendo o unico mundo que existe para nós, o unico real, o unico possivel, o unico concebivel, é ao mesmo tempo um mundo que não tem em si nem a sua causa, nem a sua razão de ser, nem a sua substancialidade — que não tem em si a sua verdadeira existencia? Existe, por ventura, uma unidade suprema em

que se fundam e desappareçam estes dois elementos antitheticos e ao parecer irreductiveis da idea do Ser e que os deixe por essa synthese, reduzidos a simples *momento*? e qual é essa unidade? e qual a razão d'essa apparente opposição dentro da unidade superior? É bem sabido que ainda não foi possivel á Philosophia dar a estas perguntas uma resposta que satisfaça — quer seja por que a nossa razão limitada não chega a penetrar na região onde tal problema achará a solução, ou por que effectivamente o problema em si não existe e é apenas um resultado da constituição particular do nosso intendimento.

4 — Em vez, pois, de perdermos, depois de tantos outros, o nosso tempo á procura da explicação d'este grande e primitivo mysterio de todas as cousas — explicação que vem sempre a dar em sonho e puro mytho — por que não tomaremos outro caminho? por que não aceitaremos esta antinomia, como o *dado primeiro* da razão, o ponto preciso em que (seja pelo que fôr) o real e o ideal se tocam sem se confundirem, e não tentaremos construir sobre elle, como sobre a rocha primitiva, o edificio das nossas especulações? Seja por que motivo for, esta antinomia é, se não *o facto* em si, com certeza *o nosso facto*, o facto evidente da nossa mesma constituição. Ella é, ao menos para nós, o *incognoscivel*, e só *para cá* desse *incognoscivel* é que a Philosophia póde começar. Sendo assim, só ahi *deve* começar. A razão, no seu maior esforço de analyse, chegou a determinar isto: a existencia, na idea de Ser, de dois elementos irreductiveis — contradictorios e ao mesmo tempo essenciaes. Porque, não o póde saber. Que lhe resta pois? Aceitar como um facto primeiro e ponto de partida da especulação, aquellas duas ideas

ultimas, que estão no fundo e constituem a materia elementar de toda a existencia, — de qualquer existencia concebivel — a materia elementar de tudo —; penetrar pela analyse a natureza intima de cada um desses elementos, determinar as relações necessarias de ambos, e deduzir d'ahi, finalmente, e formular a Lei suprema das cousas, a lei primeira e universal, a que tudo quanto existe obedece pelo só facto de existir, e de que todas as leis da natureza e de espirito não são mais do que casos particulares.

O que é o Absoluto? O que é a Realidade? Em que relação estão, como se comportam um para com o outro estes dois elementos do Ser? Qual é, em vista d'essa relação, a razão necessaria que preside ao Universo? Qual é, por conseguinte, a essencia mesma do Universo? E, dado o conhecimento d'essa essencia, o que devemos pensar da natureza e do seu curso, do Espirito e das suas tendencias, da Humanidade e da sua Historia? Qual é a Causa? Qual é o Fim? qual o Processo?

Tal é, em nosso intender, a materia da Philosophia e tal é o seu methodo — materia e methodo determinados e, por assim dizer, impostos por aquelle facto primario da razão, que é o nosso ponto de partida.

APPENDICES

§ 1.º — Todas ellas são apenas *ideas* de modos de ser. Concebe-se d'aqui que a idea de *Ser* constitue a condição mais geral de todas as cousas — da universalidade das existencias e de cada existencia em particular. A lei primaria das cousas reside pois n'ella, ou d'ella tem de ser deduzida. A experiencia nada póde

ensinar a este respeito, porque a experiencia tem por objecto proprio o phenomeno, isto é, a existencia particular e concreta, como tal, a existencia limitada e individualisada.

Para a experiencia não ha *ser*, ha apenas seres. A inducção presupõe a hypothese, e é claro que em quanto os elementos d'ella lhe forem fornecidos pela experiencia, nunca poderá elevar-se alem d'uma generalidade relativa, isto é, alem da generalidade propria da observação, emquanto estabelece grupos e gráus.

A generalidade intima e superior, na qual resida a lei ou razão primeira das cousas, só póde ser attingida pela pura especulação, pela analyse das ideas em si, independentemente de quaesquer inducções fundadas na experiencia. É isto o que justifica a pretenção, que a Methaphisica sempre mostrou de fornecer os primeiros principios da Philosophia. Uma explicação total e systematica das cousas (e é isso a Philosophia) presupõe necessariamente uma «theoria geral do ser» que sirva de fundamento, como razão ultima das cousas, a todas as theorias particulares. Só a Methaphisica póde formular aquella «theoria geral», assim como em formulal-a se encerra toda a sua missão.

(Até aqui o caderno, posto a limpo, e contem 7 paginas de texto e 2 de Appendices. A numeração dos §§ está emendada, acham-se riscados os algarismos 3 e 4 e assim os que se seguiam, 5 e 6, passaram a ser 3 e 4, ficando aquelles englobados no n.º 2).

(Agora seguem-se notas soltas, escriptas a lapis em pequenos quartos de papel, em reversos de sobrescriptos etc.

Em um d'esses quartos de papel encontra-se a ultima parte do § 4 atraz transcripto, desde as palavras «que todas as leis da natureza e do espirito não são mais do que casos particulares», até ao fim d'esse §, e depois segue sob n.º).

5 — Tudo quanto cáe directa ou indirectamente debaixo dos nossos sentidos, e nós mesmos, em todas as operações da nossa vontade, sentimento e pensamento; a existencia universal, com todas as suas forças, manifestações e tendencias; o mundo, n'uma palavra, o mundo actual e ainda o mundo possivel, passado ou futuro, eis o que em si abrange a idea de realidade.

D'onde vem esta idea? da experiencia. A experiencia é a base da noção da Realidade: a experiencia da nossa propria existencia, a experiencia d'outras existencias fóra de nós, factos primordiaes do nosso senso intimo e da nossa sensibilidade. Esta noção nada deve á razão. A razão recebe-a da experiencia, como alguma cousa que se lhe impõe, alguma cousa que continua a ficar fóra d'ella e sem juntar um unico elemento aos que lhe são proprios: como um puro facto. Assim pois, a razão ao mesmo tempo que não póde recusar o facto da Realidade, não póde tambem vêr n'ella senão o mundo da experiencia, o *mundo dado* e nada mais. A Realidade é pois o phenomeno: phenomeno para a razão, que só vê n'ella o *mundo dado,* um facto extra-racional, e que não lhe pode attribuir *necessidade* alguma, porque não só concebe como igualmente possivel outro *mundo dado* qualquer, mas concebe ainda a possibilidade de nenhum *mundo dado* — phenomeno, por outro lado, para a propria experiencia, para a qual a Realidade só existe no tempo e no espaço, na sucessão e na mudança, no começar e acabar, só existe d'aquella maneira transitoria e relativa que é propria da existencia phenomenal.

Tal é pois, analysada, a idea da Realidade: um mundo concebido pela razão apenas como *possivel*, ao lado de quaesquer outros mundos possiveis ou de ne-

nhum mundo: um mundo em que a razão não encontra *necessidade* alguma, por isso um mundo *fortuito:* um mundo *limitado*, porque a sua existencia só se dá no tempo e no espaço, um mundo *imperfeito*, porque muda e se altera continuamente e por essencia, um mundo *incompleto*, porque tudo n'elle começa e acaba — por tudo isto, um mundo cuja existencia, comparada á plenitude do Ser, é como uma apparencia e como se effectivamente não fosse.

Tal é (em si e como tal) a Realidade.

(Até aqui este § 5 segue-se em tres quartos de papel numerados, 6, 7, 8. Em outro quarto, tambem sob o algarismo 5, como para marcar o § a que pertence lê-se):

5 — A *Lei* não é um absoluto — 1.º — *à posteriori;* a constancia das Leis naturaes sendo apenas a constancia *d'um momento* (no espaço e no tempo, o nosso mundo) não nos auctorisa a induzir a *necessidade* da Lei, para isso era necessario provar ainda a *universalidade* e a *permanencia* do *nosso* mundo: ora tudo faz suppor o contrario; o que é a *Lei?* uma *relação* cuja constancia exprime apenas a permanencia da natureza ou modo de ser das cousas («emquanto varias cousas conservam cada uma a sua natureza ou modo de ser, as relações que ha entre ellas permanecem inalteraveis»). A necessidade absoluta da Lei seria pois a necessidade absoluta da natureza ou modo de ser das cousas. Mas porque seria essa natureza absolutamente necessaria? *Á posteriori*, já vimos que nada o faz suppor, *à priori* tal necessidade não encontra fundamento algum na razão pura, para a qual a realidade nada tem de necessario e é apenas o *mundo dado*, um *mundo possivel*, e mais nada. Finalmente, tal neces-

sidade está em contradicção com a mesma noção de Realidade que é a de um eterno *devenir*.

(Pertence tambem a este § 5 o que se lê em outra nota assim):

1 — Analise da idea da Realidade.

2 — A força não é a substancia: é igual a si mesma em quantidade, sim, mas com a condição de mudar continuamente de forma, e de momento, de ser continuamente phenomeno; o que equivale apenas a dizer que a quantidade de phenomeno é sempre a mesma no Universo, mas sem deixar por isso de ser sempre phenomeno. Ora o phenomeno presuppõe como *quid* que não é élle e o supporta a Substancia: e se a Força é só phenomeno, como ha de ella ser a sua propria Substancia? Affirmar a equivalencia da Força, affirmar que ha sempre a mesma quantidade de Força no Universo é coisa muito diversa de affirmar que ha no Universo uma *certa cousa* (a Força) que ora é este ora (aquelle phenomeno?) Mas que intelligencia pôde jámais representar claramente essa *coisa* que não é *coisa alguma?* (a coisa por excellencia consistiria precisamente em ser coisa nenhuma!) Se a essencia da Força é a actividade e a realisação, e se só ha realidade no phenomeno, se só n'elle se manifesta actividade, como poderemos conceber *a Força* independentemente das forças, isto é, das actividades reaes? Abstrahindo dos phenomenos, abstrahimos do Universo. Debaixo d'elles não havia essa *realidade mãe*, superior e independente de toda a phenomenologia: havia *nada*.

Logo a Realidade é phenomeno e só phenomeno. A Realidade se é alguma coisa, e-o com a condicção de não ter em si mesma a sua propria substancia, por-

que a sua idea, presuppondo necessariamente a da substancia é ao mesmo tempo a antithese d'ella, e se a affirma é excluindo-a. A existencia da Realidade, como tal, é pois uma existencia incompleta, a si mesma insufficiente, effectiva só para si, mas absolutamente apparente, uma existencia que só fundida com a sua mesma negação poderia ser plenamente.

(A materia d'estes 5 § § encontra-se summulada assim):

1.º — Todas as nossas ideas se reduzem á de *Ser*.

2.º — Esta idea encerra uma antithese.

Segundo a experiencia, o Ser é a Realidade.

Segundo a razão, o Ser é o Absoluto.

3.º — Estas duas noções são irreductiveis — como o são a experiencia e a razão.

4.º — Ellas constituem o limite da nossa capacidade: como tal, são o facto primario e o ponto de partida da especulação e determinam a materia e o methodo da Philosophia.

5.º — Analyse da idea da Realidade — Limitação no tempo e espaço: *devenir*. Existencia incompleta imperfeita — Puro phenomeno — A Lei não é um absoluto, mas apenas um phenomeno mais geral — A Força não é a substancia.

(Em um d'estes quartos de papel, escripto a tinta, encontra-se):

§ 6.º — Analyse da idea de Absoluto.

1.º — Valor da idea do Absoluto: Substancia, Causa, Lei, Fim.

2.º — A grande illusão historica *(illusão ontologica)* desde os deuses até Hegel; anthropomorphismo *(an-*

tropopathismo), psychomorphismo e *noomorphismo* (Hegel).

3.º — Que o absoluto é o não ser (não Realidade).

(A seguinte nota pertence certamente ao mesmo plano de trabalho):

O mundo das ideas methaphysicas reduz-se todo a 2 categorias: a de Absoluto e a de Força; na 1.ª se encerram todas as ideas do que está *alem* da realidade, que a realidade presuppõe e que ella suggere irresistivelmente ao espirito como causa e razão que a expliquem e que não estão n'ella. Na categoria de Força se contém todas as ideas que traduzem para o espirito a essencia da realidade e que a explicam, mas só como tal. Pouca reflexão nos bastará para vermos que isto é assim. Quando dizemos Infinito. Causa, Fim, Substancia, Bem, Perfeição, etc., concebemos immediatamente um Absoluto, isto é, alguma coisa existindo por si e sobre si, tendo em si mesmo a potencia, o acto, a razão e o fim da propria existencia, porque é evidente que, a não ser assim, nem o infinito seria infinito, nem a causa causa, nem perfeita a perfeição, nem subsistente a substancia. Substancia, Causa, etc. não são mais do que aspectos diversos d'uma unica idea a de Absoluto. Por outro lado todas as noções da realidade se veem fundir na de Força. Quando dizemos movimento, phenomeno, etc., concebemos immediatamente uma Força, isto é, alguma coisa que por essencia actua, se expande e manifesta, sem o que nem o movimento seria movimento, nem o phenomeno se produziria, etc. Estas ideas pois não são mais do que aspectos d'uma unica idea, a de Força.

Posto isto, trata-se de definir a relação em que

estão estas duas categorias. Como tudo quanto a rasão contem (e por conseguinte o ser) n'ella se encerra, segue-se que o conhecimento da relação em que estão é o segredo das coisas, e por conseguinte o problema fundamental da Philosophia.

A 1.ª coisa que observamos é que estas categorias estão n'uma formal opposição, a ponto de parecerem excluir-se reciprocamente.

É este o grande barranco de toda a philosophia do senso commum, quer seja materialista, quer espiritualista. O senso commum não podendo aceitar esta opposição radical, ou elimina um dos dois elementos contradictorios, o do absoluto (materialistas, positivistas), ou trata de os confundir, attribuindo ao absoluto certos caracteres da realidade, para o tornar compativel com ella, como os Deistas, espiritualistas etc.

D'aqui resulta que o senso commum não chega a comprehender nem uma nem outra coisa e acha-se na impossibilidade de sequer assentar as bases do problema fundamental da Philosophia.

A razão procede de outro modo. Acceita esta antinomia como um dado necessario e primordial, faz d'ella o seu primeiro e unico postulado, e é profundando essa mesma antinomia, definindo a relação dos 2 elementos antinomicos, que procede para a descoberta do segredo das coisas.

A 1.ª coisa pois que temos a fazer é mostrar como as duas categorias são effectivamente antinomicas, como constituem uma antinomia irreductivel.

(Esta outra nota parece conter a indicação de materias a tratar n'aquelle mesmo trabalho):

As 5 esferas da Liberdade relativa, ou illusoria.

1.ª — A attracção e todas as forças phisicas.

2.ª — Os organismos.

3.ª — O instincto.

4.ª — A razão inconsciente, ou a vida moral e social espontaneas.

5.ª — A razão consciente nos limites da Realidade (tendo ainda por fim a Realidade). — A Justiça, o Patriotismo, o Amor, o Saber, a Arte, etc. etc.

(Talvez se refiram a alguma d'aquellas secções as notas seguintes):

1.ª — Concepcção atomica das cousas ou monadologia.

2.ª — Psychologia atomica, ou monadologia transcendental.

1.º — A materia, no fundo subjectiva, não é mais do que a forma elementar e primordial da sensibilidade.

2.º — A sensibilidade não é mais do que a forma elementar da representação — a representação que um ser tem de outro; a representação do limite que esse *outro* lhe oppõe, isto é, a modificação mais geral do *eu* em frente do *não-eu*.

Tudo se faz mechanicamente, menos o mesmo principio do mechanismo.

Materia — Resistencia.

Resistencia — Vontade (de ser o que é).

Vontade — Consciencia.

Isto póde provar-se com o simples «principio da contradicção».

Todo o movimento é provocado: nenhum movimento é *communicado*.

O MOVIMENTO

O movimento reduz-se a uma relação de estados das monadas, ou grupos de monadas (corpos): tem n'isto toda a analogia com o tempo e o espaço, não sendo, como elles, mais do que uma maneira de perceber relações, a maneira por que certas relações se nos apresentam, ou as sentimos ou representamos: não é, em si, alguma cousa: o que é alguma cousa são os estados diversos das monadas e a relação d'esses estados. N'este sentido Zenão d'Elea tinha razão: o movimento é uma illusão, isto é, é illusão aquillo que se nos affigura a realidade no movimento (exactamente como é illusão o que se nos affigura como realidade no espaço); isso é subjectivo só. Objectivo é os seres reaes e seus estados.

O fortuito no Universo resulta do facto da imperfeição actual das monadas, i. é. de nunca serem perfeitamente livres, perfeitamente condicionadas só por si mesmas, perfeitamente iguaes a si mesmas e exprimindo prefeita e completamente a sua natureza. Se fossem perfeitamente livres, obedeceriam sempre e perfeitamente á sua natureza e como essa natureza é em todas identica, as suas correlações seriam d'uma justeza absoluta, absoluta e harmonica entre todos os momentos de todas ellas. Nada haveria de fortuito, pois elle não é outra cousa mais do que essa falta de correlação entre as monadas, que faz com que em todos os acontecimentos haja alguma cousa de irracional, de inexplicavel pelas leis dos seres, por conseguinte de insusceptivel de explicação e previsão. N'um Universo perfeitamente livre, todos os seus elementos,

condicionando-se sempre a si mesmos, mostrariam em todas as suas relações a sua perfeita identidade, nada haveria de irracional e de imprevisto. Mas como as monadas, nunca são inteiramente condicionadas só por si, como os seus graus de desenvolvimento são diversissimos, a correlação das suas naturezas é só parcial e fica larga margem para o fortuito.

(As ultimas notas que vão ser transcriptas parece pertence-em a uma outra ordem de pensamentos):

THEORIA DA VIDA

As formigas — Os homens — Uns e outros definiveis «instinctos servidos por intelligencias».

Qual a differença? De essencia? não: de gráu. Mas differente gráu dá *typo* novo. Porque? porque o predominio (ou mais gráu) de certa faculdade *reage* sobre as outras e faz apparecer aspectos (faculdades) novas. Assim da formiga para o homem.

Mas, sendo assim, podemos transportar para o mundo extra-animal este mesmo principio. O protoplasma é vivo: um albuminoide não o é. Todavia o protoplasma não é mais do que a fuzão de albuminoides (2 ou mais). Pois n'essa fuzão as forças elementares chimicas acham-se em situação tal que uma ou mais adquiriram um *grau* superior, alteraram as relações, *reagiram* sobre ellas e apparece um *typo* novo, com *faculdades* novas. Todavia tudo ali (no protoplasma) se faz por meios physico-chimicos — exactamente como na sociedade humana tudo se faz por «instinctos servidos por raciocinios», precisamente como no formigueiro. Apesar d'isso Paris é Paris e um for-

migueiro um formigueiro. A differença aqui é a mesma que acolá (do albuminoide para o protoplasma) a essencia é a mesma, o *typo* é que é outro, mas essa differença de *typo* basta a explicar as differenças, porque explica o apparecimento, tanto aqui como alem, de faculdades novas.

PHILOSOPHIA DA MORTE

Durante muito tempo a idea da morte passou despercebida para o meu espirito. Lembra-me que quando era rapaz (embora não temesse morrer e até arriscasse a vida facilmente) evitava systematicamente pensar na morte, porque, dizia eu, como era cousa que nunca tinha experimentado não podia ter idea alguma d'ella.

Mais tarde Proudhon, depois pessoas caras mortas, a doença tambem. De todas as minhas reflexões sobre este facto universal, resultou a seguinte Philosophia da Morte que pensei escrever etc.

(Estes periodos que se acabam de ler estão riscados, mas perfeitamente legiveis).

A idea da Morte é a base da vida moral. Os seres que a não tem (crianças, animaes) não são moraes — são bons ou máus apenas. Se o homem fosse immortal estaria exactamente no mesmo caso, por muito que a sua razão progredisse. Porque? porque, sendo immortal, *adorava-se*, considerava-se absoluto. Mas a consciencia da sua finitidade é que lhe faz sentir que o *eu pessoal* sendo nada, não é para esse que deve viver, mas para algo de eterno. D'aqui a capacidade e o desejo de sacrificar a satisfação do que é passageiro ao que o não é. Se o homem fosse immoral (sic, ou

immortal?) isto era impossivel. O christianismo — Louvores da Morte. Explicação dos Sonetos, como não são um paradoxo.

Mot de la fin: Saibamos comprehender a Morte, que é a unica maneira de sabermos comprehender a Vida e de sabermos viver.

A METAPHISICA DA MORTE

Condorcet etc. — Da estreita Philosophia do seculo XVIII não podia esperar-se mais. Mas a Morte tem uma razão metaphisica, por conseguinte é *necessaria*. Os seres são necessariamente relativos, limitados e imperfeitos, por isso que são seres *reaes*, visto que a realidade exclue o absoluto e a perfeição: absoluto e perfeição não se podem conceber senão como typo ideal e não como actualidade e realidade. Mas por outro lado, a tendencia desses seres relativos é realisarem, nos limites das suas condições, aquelle typo ou ideal e como essas condições são limitadas, limitada é essa realisação, d'onde resulta que, realisado esse fim nos limites possiveis, o ser estaciona, deixa pois de ser apto para continuar a realisar o seu fim e perde por conseguinte a sua razão de ser. A Morte não é mais do que a manifestação phisica destá necessidade metaphisica (1).

(1) Publicado *in-Archivo dos Açores*, vol. XII, n.os 11 e 12. Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel). *(Nota do editor.)*

LINHAS NUM ALBUM

No meio da tormenta de furioso egoísmo desencadeada sôbre a sociedade contemporânea e que ameaça subvertel-a, não estará ainda perdida tôda a esperança de salvação, se como refugio e abrigo para os naufragos transidos e extenuados, se conservaram as virtudes e as santas consolações de família (1).

Lisboa, 23 de Junho.

(1) Publicado *in-Nova Alvorada,* Revista mensal literária e scientífica, 2.º ano, n.º 7, pág. 69. Famalicão 1892. *(Nota do editor.)*

INÉDITO

Disse um homem de Estado inglez do século passado, que por certo era tambem um perspicaz observador e um philosopho, Horacio Walpole, que «a vida é uma tragedia para os que sentem e uma comedia para os que pensam».

Pois bem: se temos de acabar tragicamente, nós Portuguezes, *que sentimos*, prefiramos muito esse destino terrivel mas nobre áquele que está reservado, e talvez n'um futuro não muito remoto, á Inglaterra *que pensa e calcula*, o qual destino é o de acabar miseravel e comicamente (1).

(1) Publicado *in-Aguia*, 2.ª série, n.º 3, Pôrto, 1912, e antecedido da seguinte nota: «Dum folheto que esteve para publicar-se por ocasião do *Ultimatum* e cujos originais estão em poder do sr. Conde do Ameal». *(Nota do editor.)*

APÊNDICE

ARTIGOS ANÓNIMOS E TRADUÇÕES

ARTIGOS ANÓNIMOS

A REPUBLICA

No meio das obscuras contradicções do mundo actual, e por entre as suas turvas perspectivas, um facto avulta a todos os olhos, inegavel como a luz, preciso como a evidencia e irresistivel como a lei providencial. É a revolução.

Domina, com a ubiquidade do destino, a humanidade contemporanea, e sob varias formas e varios nomes a penetra por todos os lados. É a renovação universal dos espiritos e das sociedades. No mundo dos pensamentos chama-se philosophia; no das consciencias, liberdade religiosa; no mundo dos factos sociaes, o seu nome é democracia e republica. Mas como os factos sociaes, na sua immensa complexidade, representam nas instituições o estado e a feição dos pensamentos e das consciencias, a Republica deixa de ser uma instituição particular e circumscripta, para se tornar a forma comprehensiva de toda a substancia social e o symbolo visivel da Revolução. É mais do que uma palavra; é um credo: mais do que uma bandeira; é um lábaro.

Por isso quantos elementos fortes e vivos vão surgindo da velha humanidade em decomposição, tudo quanto tem em si pensamento, actividade e futuro, se

vira mal que nasce e gravita para a Republica, como mundos que procuram o seu centro natural de attracção.

O pensamento e a sciencia são republicanos, porque o genio criador vive de liberdade e só a republica póde ser verdadeiramente livre. Os mais illustres representantes da sciencia contemporanea são tambem heroes, e não raro martyres, da causa democratica: Proudhon, Michelet, Feuerbach, Quinet, Vogt, Tyndall, Littré, Ferrari, Burnouf.

O trabalho e a industria são republicanos, porque a actividade criadora quer segurança e estabilidade, e só a republica, equilibrando todos os interesses e libertando todas as energias, é estavel e segura, feita para os que trabalham e não para os que exploram, para os que criam e não para os que somente consomem. A arte é republicana, porque a arte vive de Ideal, e só a republica, assentando a justiça entre os homens, pode dar ao coração do artista um Ideal alto, immaculado, eterno. A mesma religião é hoje republicana, porque a verdadeira religião vive de paz e fé, e só a republica, prescrevendo os velhos sophismas e a perfida protecção dos governos que se dizem religiosos, sabe dar á consciencia humana a paz e independencia necessarias á sua intima e serena adoração. Liberdade e justiça eis a grande aspiração do seculo XIX: ora a republica tem isto de particularmente admiravel, que não se apoiando nem na força, nem na tradicção, nem em coisa alguma de exterior á sociedade, firmada só no direito, cahiria na mesma hora em que deixasse de ser justa. A justiça não é só o seu fim ideal: é a condição mais pratica e immediata da sua existencia. Ha ahi no mundo outra forma de governo de quem se possa dizer o mesmo? Desafiamos as monarchias e

todos os governos do privilegio para serem justos um só dia, sem se suicidarem immediatamente. —

Mas o que é a Republica? ou antes, como se apresenta ella hoje a este mundo velho e sem coragem, e de que modo pretende rejuvenescer e reconstruir as sociedades segundo o seu plano de justiça e de bem? Como ha perto de cem annos, a Republica apresenta-se ainda hoje sendo a energica revindicação do eterno direito humano, proscripto ou desconhecido por governos oppressores ou por instituições artificiosas: mas o instrumento d'essa revindicação não é já hoje, como então foi, a lucta e a paixão, mas a sciencia, o pensamento. Fallava então às consciencias indignadas: falla hoje aos espiritos esclarecidos.

Então era um plano de campanha: hojé é um codigo de leis. É o Moysés da lenda hebraica que, passado o mar vermelho, depõe a espada do libertador, para tomar na montanha o resplendor de propheta.

Symbolisando no seu primeiro e ardente periodo, a negação e o combate, a republica affirma-se hoje como organisação, sciencia e ordem. Para as nações escravisadas por sinistras tyrannias, ella é a liberdade. Para as nações exploradas por oligarchias de privilegiados, ella é a egualdade. Para as nações que veem o seu futuro e o seu patrimonio compromettidos por administradores infieis e inintelligentes, ella é finalmente a economia, a ordem, a probidade, a ultima hora para a orgia dos delapidadores e corruptos. Este ultimo é o nosso caso.

Temos liberdade; mas por inercia ou ignavia, deixamos que as bençãos d'essa mãe redemptora dos povos, só vão fecundar o campo e a casa dos prevertidos, dos hypocritas, dos esbanjadores. Esta liber-

dade, assim incompleta, desajudada das instituições que a definem e organisam, é esteril, é nociva. Não salva, leva á ruina, porque no fundo é só a liberdade do mal, do embuste, da exploração. O complemento necessario da liberdade, que a faz viver e frutificar, é a Republica. Sim, compenetremo-nos bem d'isto: a republica não é somente o direito abstracto e philosofico proclamado com paixão aos ventos do vago ceu da historia: é o direito economico, fiscal, administrativo, practico, palpavel, por assim dizermos, realisando-se palmo a palmo, visivelmente, experimentalmente, na sociedade de cada dia, na vida de cada hora, no individuo como na collectividade, encarnado emfim nos factos e movendo-se como a realidade mais palpitante.

A Republica é, no estado, liberdade; nas consciencias, moralidade; na industria, producção; no trabalho, segurança; na nação, força e independencia. Para todos, riqueza: para todos, egualdade; para todos, luz.

Que ha de mais practico? e de mais practicamente immediato necessario? Não é só a reorganisação do estado nas instituições; é ainda a reorganisação do individuo nos sentimentos, porque se a republica assenta sobre o direito, o direito republicano esse assenta sobre a moral.

Aos outros governos bastam-lhe subditos: este (e é a sua maior gloria) precisa de homens. O cidadão deixa de ser uma abstracção legal para se tornar emfim uma realidade humana. Só homens são dignos da Republica, e fóra d'ella ninguem pode tambem chamar-se verdadeiramente homem.

Em nome pois da Republica appelamos não somente para os interesses do paiz, mas tambem para os seus

sentimentos. Enganar-nos-hemos acreditando que ha nos portuguezes de hoje a virilidade antiga, o caracter e a hombridade de seus avós? Mas que nobre e alta gloria para o povo que fez o seu apparecimento na historia abrindo á Europa o caminho de um novo mundo, concluir agora a sua missão apresentando ás nações maravilhadas não já um novo continente, mas um novo mundo social, um mundo de justiça, a Republica! Como portuguezes, queremos ainda esperal-o (1).

(1) Publicado *in A Republica*, n.º 1 de 11 de Maio de 1870. (Artigo programa). *(Nota do editor.)*

O PENSAMENTO SOCIAL

Cada classe é a seu turno chamada pela lei das sociedades a dizer a sua palavra e a produzir o seu pensamento no drama da historia. Cada uma d'ellas, no momento opportuno, ou melhor, no momento fatal, tem a sua razão de ser e, como tal, a sua legitimidade, o seu direito. O sacerdocio, a aristocracia, a burguezia, trouxeram cada qual á humanidade uma idéa nova, ás sociedades uma nova organisação: disseram uma palavra suprema — depois entraram na sombra.

Ao povo chegou-lhe finalmente a sua vez de fallar tambem.

Por toda a parte a voz solemne e rumorosa das plebes se ergue como o bramido de um grande mar distante: distante, mas que já se deixa ouvir e, de quando em quando, entrever no fundo do horisonte. Não é uma hypothese engenhosa, um systema provavel: é um facto, um grande facto, que se impõe com a força quasi brutal das realidades indiscutiveis. Póde-se tentar combatel-o; negal-o, não.

É o facto supremo do seculo: a entrada definitiva do povo na scena da historia. O pensamento e direcção social da burguezia, que durante um seculo e mais se impoz pela força das cousas ás nações do occidente, está definitivamente esgotado. Foi util, para que negal-o? Foi sobretudo inevitavel. Desorganisou o velho

mundo aristocratico e monarchico, desvinculou e generalisou a propriedade, fundou a liberdade politica, e inaugurou o periodo industrial da humanidade.

Mas, realisadas estas conquistas, parou: como que a assustaram as consequencias da propria obra, retrahiu-se e, perdido o pensamento liberal a que deveu as suas primeiras e gloriosas victorias, tende cada vez mais a constituir-se como uma classe á parte, a conservar os privilegios que momentaneamente lhe puzera nas mãos o azar de uma revolução incompleta, a formar finalmente uma nova aristocracia, a aristocracia do dinheiro e da propriedade. É que a revolução burgueza, feita por uma classe e em nome dos seus interesses de classe, serviu a humanidade nos limites apenas d'esses interesses, e uma vez satisfeitos estes ficou naturalmente esgotada de pensamento e de vontade. Hoje, o dominio d'essa classe classe ávida e sem idéa não póde ser senão nocivo, lethal, para o desenvolvimento revolucionario das sociedades.

Ora, esse movimento revolucionario segue fatalmente, por uma força propria, sem que lhe importem ou o embaracem as deserções d'aquelles que n'um momento o representaram. A revolução prosegue, em despeito da reacção burgueza, porque o seu fim é muito maior do que os interesses de uma classe: pelo contrario, o seu fim é a destruição das classes, privilegiadas umas e outras sacrificadas, para sobre esse terreno nivelado assentar definitivamente o edificio da Igualdade e da Justiça. D'aqui se vê claramente que o orgão e instrumento d'esta ultima evolução revolucionaria não póde por forma alguma ser uma classe. Esse orgão é o Povo, unidade indissoluvel, negação das antigas divisões e affirmação energica da homo-

geneidade juridica da humanidade. O Povo entra assim naturalmente em scena, na sua hora precisa, produzindo um pensamento seu, destinado a ser o principio fecundante, o elemento gerador da nova evolução.

Esse pensamento pertence-lhe: só elle o podia produzir, visto que importando esse pensamento a negação das classes, nenhuma ousaria apresental-o sem se condemnar ao suicidio. É n'isto que está a originalidade do movimento democratico contemporaneo e a sua legitimidade. Entretanto, o que é esse pensamento popular? O que diz, o que affirma elle? Como tudo que começa, é indistincto ainda. É mais profundo e energico do que deductivo e definido. Diz já claramente o que não quer: não diz bem ainda tudo quanto quer, e como o quer.

Toda a affirmação começa pela negação: é um processo dialectico seguido tão fatalmente pelo espirito collectivo.

A affirmação completa vem depois. Entre o sermão sobre a montanha do Evangelho e o dogma de Nicea mediaram mais de tres seculos. O pensamento popular é ainda mais um oraculo do que um cathecismo.

O que convém, pois? Interpretar esse oraculo, profundar-lhe o sentido, definil-o e aproximal-o cada vez mais das fórmas claras e precisas de um cathecismo. Ajudar com a analyse, com a critica, o desenvolvimento laborioso da idéa popular; formulal-a, na medida do possivel; applical-a, como criterio, ás instituições, aos interesses, aos sentimentos da sociedade contemporanea, para se ver o que deve ser destruido e o que se póde conservar; defender essa idéa sagrada dos ataques dos seus inimigos, explicando-lh'a ao mesmo tempo; mostrar os seus progressos, as suas

applicações, os seus combates, os seus triumphos; apontar os perigos, os escolhos, as illusões; e tudo isto debaixo da inspiração serena mas energica e profunda de um espirito de Justiça, tão distante da cegueira da paixão como da cegueira do odio, de um espirito que, se declara guerra ás instituições, proclama ao mesmo tempo a paz aos homens: tal é o trabalho — quasi diremos a missão — a que o desenvolvimento das idéas e os signaes evidentes do tempo estão chamando os verdadeiros amigos da causa popular.

Quanto a nós, por isso mesmo que seguimos o Povo, não seguiremos nenhum partido e, n'um certo sentido, nenhuma escola. Escola ou partido algum póde por ora pretender representar todo o pensamento popular.

Se, porém, ao conjuncto de doutrinas e tendencias, que são o fundo commum dos partidos e escolas democraticas, se chama Socialismo, aceitâmos de boa mente a denominação de socialistas, porque entendemos serem essas tendencias e doutrinas communs a expressão completa (embora não em todo o ponto consistente e harmoniosa) das aspirações sociaes do povo contemporaneo. Assim pois, o que desde já está claro na consciencia popular é o caracter socialista da revolução para que se tende. Ora, em que consiste esse ponto de vista socialista, tão original que póde constituir por si um movimento novo nas sociedades?

Consiste na reivindicação do direito pleno de ser homem para todos os homens: um direito effectivo, que se exprima por instituições e factos, não por estereis declarações legaes: o direito de ser homem, completamente e para todos; e instituições sociaes que a todos dêem iguaes condições para realisar esse di-

reito. D'aqui a negação das classes, a necessidade de tornar universal o capital e o credito, tornando-os gratuitos, a substituição da solidariedade á concorrencia e da propriedade collectiva ao regimen do capital e do salario; o que tudo importa a renovação, segundo este criterio de uma justiça ampla e effectiva, de todas as nossas instituições e praticas industriaes e economicas.

D'aqui ainda o trabalho considerado como base unica de toda a propriedade, de todo o lucro, de toda a retribuição; e a extincção ou annulação de todos os monopolios, naturaes ou sociaes, que embaracem o desenvolvimento pleno do trabalho e o pleno direito dos trabalhadores.

D'aqui, finalmente, as questões sociaes consideradas superiores ás questões politicas, e o socialismo dado como bandeira ao movimento das classes operarias, n'essa insurreição pacifica do proletariado, que é o facto capital do seculo XIX.

É isto o que se encerra n'esta palavra socialismo, e o que encerra a consciencia popular, interpretada por uma sciencia nova, cujo desenvolvimento tem sido parallelo com o acordar d'essa consciencia. É este tambem o nosso pensamento.

O nosso fim não é outro senão acompanhar a manifestação da idéa nova que surge no seio das plebes, e por ella explicar e justificar as suas pretensões e os seus actos.

Convém mostrar ao mundo velho que essa idéa é não só legitima, mas necessaria; que não deve hostilisal-a, antes aceital-a francamente, impedindo assim que essa evolução, por natureza pacifica, gradual e contemporisadora, degenere em movimento desordenado e violento, o que seria deploravel para todos,

sem por isso dar um dia de vida mais ao que está condemnado: convém fazer sentir a todos que só a paz e a liberdade fundam as cousas estaveis, mas fazer sentir tambem aos defensores endurecidos e intransigentes do passado, que o povo trabalhador, de posse afinal da sua idéa, do que lhe dá uma missão e significação historica, não recuará diante de nenhum sacrificio para realisar o seu direito.

A aurora de um dia novo começa a clarear os horisontes. É uma hora santa e solemne, esta.

Erguem-se para um destino superior milhões de seres até hoje sacrificados. Sejâmos dignos d'este bello momento, não conservando em nossos regenerados uma unica das paixões más do velho mundo, mas só o amor da Justiça e a resolução de viver e morrer na sua fé.

Como homens de acção a nossa divisa é esta: critica e reforma das instituições; paz e tolerancia aos homens (1).

(1) Publicado *in-Pensamento Social*, n.º 1. Fevereiro, 1872. (Artigo de abertura). *(Nota do editor.)*

A REPUBLICA E O SOCIALISMO

Perguntam-nos o que pensamos da nova republica hespanhola, e que sentimentos disperta em nós, socialistas, esta phrase de republicanismo em que evidentemente vae entrar a politica burgueza, não só em Hespanha, como em todas as nações latinas?

Trataremos de responder com a maior sinceridade.

E, antes de tudo, uma distincção essencial. Entre as «republicas de facto,» produzidas pela força das coisas, e aceitas mais como uma resultante fatal do jogo dos interesses e dos partidos n'um certo momento, do que como uma solução racional dada aos problemas politicos pela consciencia dos povos em plena intelligencia e liberdade, republicas cujos typos são as de 1848 e 1872 em França, a de fevereiro em 1873 em Hespanha, e as que n'um proximo futuro provavelmente circunstancias similhantes produzirão similhantemente em Italia, Portugal, Belgica e talvez Inglaterra; entre essas «republicas de facto» e a «idéa republicana,» symbolo social que o pensamento dos povos ha um seculo anda elaborando, e que representa uma plena e definitiva concepção da Liberdade, da Igualdade e da Justiça, existe uma profundissima differença.

As «republicas de facto» são, entre as combinações politicas, mais uma combinação politica apenas; não representam na renovação social; não abrem uma idade

nova na vida das nações: sob outros nomes, continuam as tradições governamentaes da monarchia constitucional, com o mesmo equilibrio instavel de interesses antagonicos, o mesmo systema auctoritario de centralisação administrativa, o mesmo militarismo, as mesmas influencias bancarias e capitalistas, a mesma agiotagem da divida publica.

Apesar da boa fé e do enthusiasmo generoso dos seus partidarios, apesar das rectas intenções e do caracter geralmente nobre e ás vezes até heroico dos seus chefes, temos visto estas republicas perverterem-se rapidamente, tornando-se mais retrogadas do que as proprias monarchias. Não é com banaes declarações contra os homens, as ambições pessoaes, as traições, etc., que se explica este facto, que tem adquirido quasi as proporções de uma lei historica: os homens das republicas de 48, de 72, valiam ou valem pelo menos tanto politicamente, e moralmente muito mais, do que os homens das monarchias. A explicação está, d'um lado, na fatalidade da herança monarchica, que estas republicas imprudentemente aceitam, com os seus partidos facciosos, os seus interesses de classes, os seus sophismas e as suas illusões; está, por outro lado, na insuficiencia do pensamento meramente politico que as gera, pensamento vago, declamatorio, no fundo ordeiro e conservador no sentido monarchico dos termos, indifferente quando não hostil ás verdadeiras reformas economicas, financeiras e sociaes, sem as quaes a republica não passa de uma vã palavra e uma experiencia funesta.

Apesar de tudo isto somos republicanos. Mas como?

Somos republicanos d'aquella republica que por ora

não existe senão como idéa e aspiração, a Republica Social, porque só n'ella a fórma republicana deixa de ser uma illusão, tem uma realidade absoluta, assentando sobre instituições economicas e sociaes verdadeiramente democraticas, destruidoras de todos os antagonismos e monopolios de classes, zeladoras do direito e da dignidade do trabalho, destinadas a manter continuamente entre os cidadãos o nivel da igualdade. A republica, n'este caso, não é mais do que a fórma politica daquella organisação economica da sociedade que nós, com o nome de Socialismo, temos sempre prégado como sendo a expressão exacta da Justiça nas relações humanas. Entendida n'este sentido a palavra, somos republicanos, porque se não emprehendemos que haja republica verdadeira fóra do socialismo, não comprehendemos igualmente que fóra da republica possa o socialismo realisar-se completamente.

Mas isto é o completo, o Ideal, e não é d'isto que tratâmos hoje. Hoje é o incompleto e o transitorio que temos diante de nós: não é sobre a «idéa republicana» que temos de nos explicar, mas sobre a «republica de facto.» Diremos pois que somos hostis ou que somos sympathicos á republica hespanhola?

Hostis, não; por modo algum. Sympathicos? entendamo-nos. A republica proclamada em 13 de fevereiro pelo Congresso de Madrid não é a realisação d'um grande principio; é apenas uma experiencia empirica. Apesar do muito que nos merecem os nomes de Pi y Margal, de Castellar, de Figueras, a verdade é esta, havemos dizel-a.

Respeitâmos os republicanos hespanhoes; estamos até dispostos a acreditar na boa fé da conversão dos radicaes ao republicanismo; mas nem por isso deixa

de ser esta fusão, e a obra que d'ella sair, uma experiencia empirica.

A nossa sympathia, pois, é condicional. Se a republica não fôr mais do que a continuação da monarchia sob outro nome, a monarchia menos o monarcha; se representar as mesmas tradicções administrativas e financeiras; as mesmas influencias militares e bancarias; se fizer causa commum com a agiotagem capitalista contra o povo trabalhador; se não fôr mais do que uma oligarchia burgueza e uma nova consagração dos privilegios pelos provilegiados — em tal caso diremos que nos é cordealmente antipathica essa pretendida republica de antropophagos convertidos.

Se não fôr tão longe no caminho da reacção, mas se contentar apenas com meias reformas sem alcance nem futuro, com uma meia descentralisação, uma meia liberdade, um meio militarismo e um meio capitalismo; se fôr incolor, frouxa, indecisa, declamatoria e *pasteleira,* para tudo dizer com uma palavra sagrada — n'esse caso não diremos que somos hostis a essa pseudo-republica de meninas do collegio; mas a nossa sympathia será apenas a sufficiente para lhe resarmos um Padre-nosso por alma.

Se, finalmente, a republica hespanhola, evitando igualmente as violencias da dictadura vermelha e a funesta aliança dos conservadores endurecidos, aplanar com mão firme um largo terreno de liberalismo em que se possam encontrar todos os partidos medios, não para apenas coexistirem inertes, incommodando-se uns aos outros, no meio da impotencia geral, mas para cooperarem activamente, com mutuos sacrificios e justos compromissos, na gradual reforma das instituições não só politicas mas economicas; se d'esta alta conciliação

sair a annullação pela propria impotencia e não pela força, dos partidos extremos, tanto revolucionarios como conservadores; se a republica, começando por vagamente democratica, se fôr definindo dia a dia como social, e isto não pela iniciativa autoritaria, mas pela evolução dos interesses dentro de uma fórma politica que não embarace uma unica auctoridade justa, nem pretira um unico direito, tenha elle que nome tiver — neste caso diremos que essa republica liberal, progressiva e reparadora não é ainda inteiramente a nossa, porque a nossa é o Ideal, mas calorosamente mostraremos que sympathisâmos com ella do coração, porque muito bem sabemos que o nosso Ideal completo não é para hoje nem mesmo para ámanhã, e não pretendemos que ninguem nol-o realise d'um dia para o outro, mas só exigimos garantias sérias para que nós mesmos o possamos ir realisando passo a passo e hora a hora, lentamente, mas sempre; estaremos de todo o coração com essa republica liberal e progressiva, porque nós, que não somos exaltados nem impacientes se entendemos que Socialismo é synomimo de liquidação social, entendemos tambem que liquidação social é synonimo de reforma e não de subversão, de livre iniciativa e não de dictadura, de conciliação e não de exterminio, e por isso mesmo que não prescindimos da liquidação social é que a queremos gradual e equitativa, exactamente para que seja completa e definitiva. Eis em que termos sympathisamos com a republica hespanhola — condicionalmente.

Já lá vão os tempos em que bastava uma palavra brilhante para enthusiasmar e fascinar o povo trabalhador. Temos aprendido muito ha vinte annos, e não esquecemos a lição da experiencia, porque foi á nossa

custa. Hoje só nos interessam realidades seguras. Ora, para nós, a republica não é uma realidade se não tiver por fim pratico a reforma social, e por instrumento a liberdade plenamente garantida á iniciativa popular, dentro e fora da esphera do governo, para ir realisando essa reforma. Para nós só é real e séria a republica em que houver garantido para o Socialismo um logar seu, não um logar dado por favor e concessão, mas legal, legalissimo, indisputado, como um dos elementos essenciaes do organismo republicano. Esse logar não pretendemos que seja um logar de honra, de privilegio, que assoberbe todos os outros, mas só stricto e vigorosamente o *nosso logar*, nem maior nem menor uma linha do que o *nosso direito*.

Isto que dizemos da republica hespanhola de hoje, dizemol-a tambem, sem differença de uma palavra, da republica portugueza de ámanhã, se ámanhã nos lançarem no indeterminado de uma «republica de facto» a cegueira d'uns, a ambição dos outros, as illusões de todos. Aos republicanos portuguezes de hoje e de ámanhã dizemos pois: só no terreno da reforma social — não da reforma, entenda-se bem, feita n'um só dia por vós em nosso proveito ou por nós mesmos em proveito proprio, mas feita por nós todos, de commum acordo, gradualmente em dias successivos, e em proveito de todos — só n'esse terreno podemos nós, socialistas, estender-vos a mão. Não vos pedimos que nos deis o Socialismo: dae-nos sómente um logar na republica para o programma socialista, para a iniciativa socialista, para as reformas socialistas, e estaremos comvosco de todo o coração, porque nos tereis dado quanto com justiça podemos exigir de vós, quanto com justiça póde o Socialismo exigir da Republica. Menos

do que isto, porém, é menos do que o nosso direito, e nós a ninguem sacrificâmos o nosso direito, nem o atomo d'elle.

Muito menos o sacrificâmos a uma vã palavra (1).

A.

(1) Publicado *in-Pensamento Social*, n.º 45 de 23 de Fevereiro de 1873. *(Nota do editor.)*

TRADUÇÕES

A ENTREVISTA

(DE EDGAR POE)

ANTES DE COMEÇAR

O que hoje servimos á complacencia dos leitores não é cousa ordinaria e trivial, como qualquer producto de culinaria nacional; differe muito. Edgar Poe tem suas affinidades de mytho em Portugal; cuidamos até que a sua extranha, mas significativa, physionomia litteraria será apenas conhecida dos mais temerarios e audaciosos filhos da nossa pequena Levi artistica, que atribulada pela curiosidade da *ideia nova,* se aventura ás descobertas mais paradoxaes...

Assim o elegante e apocalypto auctor dos *Contos excentricos* não existe para nós, e por isso galhardo premio merece quem, affrontando os caminhos batidos do nosso gosto litterario, ousa revelal-o ao espanto das gentes!

Espanto escrevemos nós, e deveriamos talvez mais á sensação extranha, que a leitura do Hoffman americano arrancará das fibras á preguiçosa leitora.

É que o *humorista* allemão, confrontado com o phantastico escriptor do Sul, semelha um copo d'água assucarada ao pé d'uma botelha d'alcool. Demais, as

visões doentias do primeiro perpassavam-lhe no espirito allucinado, como a explosão d'um rastilho de polvora na face d'um espelho, e as d'este gravam-se e pendem-se-lhe no cerebro como a imagem na lente photographica. «Senhor da imagem, diz William Huches» — vira-a e revira-a de todos os lados; luta corpo a corpo com esta sombra, e vinga advinhar-lhe a essencia e conhecer-lhe as movediças expressões. — Ahi está por que o phantástico nelle se projecta tão facilmente fóra dos objectos para se apoderar da alma humana...

Ora vejam...

A. Q.

A ENTREVISTA

Ser mysterioso e promettido á desgraça, enturvado pelo deslumbramento da imaginação, tu ardeste nas chammas da tua própria juventude! A minha memória evoca a tua imagem; levantas-te ainda uma vez deante de mim, não, ai! como ora dormes na sombria e gélida valla do sepulchro, mas como *deveras ser*, desperdiçando uma vida de explendidos devaneios numa cidade de vaporosas visões, na tua amada Veneza, nesse paraizo marítimo, cujas largas saccadas relanceam com um sentimento profundo e amargo os mysterios das ondas silenciosas. Sim, tal como *deveras ser*.

Decerto, existem mundos além dos que pisamos, outros pensamentos differentes dos da multidão, outros sonhos que não os sonhos dos sophistas.

Quem, hoje, exprobará a tua vida?

Quem ousará vituperar as tuas horas de allucina-

ção, ou arguir de esbanjamento de vida aquellas loucuras em que desbaratavas a exuberancia da tua indómita energia?

Foi em Veneza, sob a galeria coberta, que chamam *Ponte dei Suspiri* que eu o encontrei pela terceira ou quarta vez. Apenas retenho uma reminiscencia confusa das circunstancias deste encontro... Mas como as recordo eu?! Como pederia esquecê-las?

A escuridão profunda, a ponte dos Suspiros, a belleza das mulheres, e o genio das aventuras indo e vindo ao longo do estreito canal!

A noite escurecia duma maneira estranha; o grande relogio da Piazza martelara a quinta hora da noite italiana. A praça Campanile estava deserta e muda; as luzes do velho palacio apagavam-se uma por uma.

Vindo da Piazzeta entrava em minha casa pelo grande canal; mas, no momento em que a gondola defrontava com a abertura do canal San Marco, uma voz de mulher vibrou subitamente no socego da noite, perturbando-o com um grito selvagem, hysterico, prolongado. Ergui-me dum pulo aterrado por este grito funebre, enquanto o meu gondoleiro largava o seu unico remo, que foi perder-se na treva das aguas.

Força nos foi então abandonarmo-nos á corrente que segue do pequeno para o grande canal. Lembrando um gigante condor de plumagem de ebano a gondola cortava lentamente sobre a ponte dos Suspiros, quando uma multidão de archotes, flamejando na fachada e escadarias do palacio ducal veiu de subito fundir o escuro num clarão livido e quasi sobrenatural.

— Uma creança resvalando dos braços de sua mãe vinha de precipitar-se, duma das janellas superiores do

alto edifício, no sombrio e profundo canal. A onda perfida fechara-se tranquillamente sobre a víctima.

Ainda que a minha gondola fôsse a unica á vista, mais dum robusto nadador luctava já contra a corrente, procurando debalde ao lume d'agua o thesouro que só arrancariam do fundo do abysmo. Sob as amplas lapides de marmore negro forrando a estrada do palácio, alguns degraus acima do nivel das aguas, destacava em pé uma mulher cuja seducção recorda ainda quem uma vez a viu. Era a marqueza Aphrodite, a adoração de Veneza, a mais alegre das louras filhas do Adriatico, a mais bella, sob êste ceu onde todas enfeitiçam, a moça esposa do velho libertino Mentoni, a mãe da formosa creança (sua primeira e unica esperança) que, sepulta nesta agua turbida, scisma angustiosamente nas dôces carícias maternaes, e exhaure sua debil existencia em baldados esforços para invocar o nome querido.

Está só em meio de grupos formados á entrada do palacio. Seus pequenos pés nús alvejando reflectem-se no espelho de marmore escuro da escadaria. Seus cabellos meio desalinhados pela noite ao saír de algum baile, e onde relumbra ainda um chuveiro de diamantes, enrolam e torcem-se em torno da classica cabeça em ondulações de um negro azulado, que lembra os reflexos do hyacintho.

Umas roupas brancas como a neve, aereas como a gaze parecem sós cobrir seu corpo delicado; mas nem um sopro anima o pesado ambiente desta abafada noite de estio, nem agita as pregas de sua roupagem vaporosa, que descae em torno de si, como o vestido de marmore da Niobé antiga.

Todavia — fascinação estranha! — os grandes olhos

luminosos da marqueza não descem sobre o tumulo que lhe tragara a mais querida esperança; fitam-se seguindo direcção absolutamente opposta. É decerto o velho castello da republica, um dos mais notaveis monumentos de Veneza; mas como póde a nobre dama contemplá-lo assim, obstinadamente, se abaixo della estrebucha seu filho nas ancias da asphixia? Esta sombria voragem rasga-se exactamente em face da janella de sua camara: que póde logo avistar ella na architectura, nas antigas cornijas, forradas d'era, dessa cavidade, que a não tenha por milhares de vezes absorvido? Ai! porventura não sabemos, que, em semelhantes momentos, a vista, semelhante a um espelho quebrado, multiplica as imagens dadas e contempla em paragens longinquas a causa duma angustia presente?

A uma dezena de degraus, abaixo da marqueza e sob a abobada do portico, logo se depara o velho satyro de Mentoni. Trajando de baile, segura na mão uma guitarra, de que arranca a intervallos algumas notas, e parece aborrecer-se ate a morte, em quanto expede de tempo em tempo ordens aos que se esforçam por salvar-lhe o filho.

Aínda não recobrado da surpreza, mantinha-me sempre de pé na pôpa da minha barca, e devera ostentar aos olhos dos grupos agitados seus ares de espectros, duma apparição de mau agouro, quando pallido e immovel prepassei ante elles na minha gondola funeraria.

Baldaram-se todas as tentativas. Os mais energicos mergulhadores affrouxavam de seus esforços e abandonavam-se a um tremendo desalento. Bruxeleavam tenuissimas esperanças de salvar a creança... (e a mãe, quem a salvará?...) Mas eis de subito se ale-

vanta dentre a sombra do castello, defrontando as janellas da marqueza e pegado à velha prisão republicana, um homem envolto num manto, que, depois de se haver entremostrado um momento ao clarão dos archotes, à beira vertiginosa da descida, se precipita rapido nas aguas do canal.

Alguns minutos ainda, e vê-los-hemos já no estrado de marmore ao pé da marqueza; — sobraça a creança que respirava ainda.

Então o manto do estranjeiro todo encharcado de agua solta-se do broche e cae-lhe aos pés, mostrando aos espectadores surpresos o vulto gracioso do mancebo, cujo nome era todavía já celebre na maioria das regiões da Europa.

— Nem uma só palavra lhe rompe dos labios.

E a marquêsa? Vai de certo tomar o filho nos braços, apertá-lo contra o seio, abraçar-lhe o pequeno corpo, matá-lo com beijos e caricias?

Illusão. Extranhos braços acolheram a preciosa carga e a arrebatam para o interior do palacio sem o menor reparo da mãe.

Olhae-a; vêde estremecer-lhe os labios, seus labios e os olhos adoraveis; apinharem-se-lhe lágrimas naquêlles, olhos tam «doces e quasi líquidos» como o acantho de Plinio. Sim, verdadeiras lagrimas aquellas. A mulher agita-se em tremor dos pés até á fronte; respira emfim a estatua! O pallor dêste rosto de marmore, o arfar dêste peito de marmore, até ao alvejar de seu pé de marmore, tudo se anima por encanto sob a onda de rubor involuntario.

Um leve frémito perpassa seu delicado corpo, semelhante a esses lýrios de prata, que os brandos sopros do clima napolitano agitam no meio das collinas.

— Porque assim córou a dama? Sem resposta ficará o problema. Talvez reparasse ella, que na precipitação do terror materno, lhe esquecera, deixando o seu *boudoir*, prender os pés gentís nos seus molles pantufos e cobrir suas espaduas venezianas nas roupas que deviam recatá-las. Que outro motivo poderia incendiar aquelle rosto, desvairar-lhe os olhos supplices, originar as palpitações desuzuaes do seu seio túmido, a pressão convulsa de sua mão, que topa por acaso a do moço extranjeiro, enquanto o velho Mentoni se retira indolentemente ao vestíbulo de seu palacio? Como explicar doutro modo o tom quasi surdo — apenas me chegava aos ouvidos o accento das palavras — de exclamação incomprehensivel, que a nobre dama deixa fugir, em vez de agradecer ao salvador de seu filho?

— «Venceste, murmura (a menos que o soído das aguas me não embargasse o ouvir) — tu venceste! — Uma hora depois do erguer do sol serei na entrevista contigo. Seja!»

Serenara-se o tumulto. As luzes amorteciam-se nas janellas do palacio ducal. Só o extranjeiro, que eu acabava de reconhecer, permanecia immovel no patamar. Sacudido por uma agitação inconcebivel, elle tremia, vagueando em torno de si os olhos em procura duma barca; puz a minha á sua disposição, e foi acceita a offerta. Tendo o meu barqueiro conseguido alcançar outro remo no ancoradouro das gondolas, seguimos ambos para a morada do mancebo, que em pouco retomou todo o seu sangue frio, fallando com apparente cordealidade das nossas relações passadas.

Ha caracteres que me apraz descrever minuciosamente. O desconhecido — seja-me lícito designar assim

um homem cuja existencia mal se penetrava, — é um dêsses caracteres.

Sua estatura era um pouco somenos da media, bem que nos éstos da paixão, parecia litteralmente *dilatar-se*, inflingindo assim um desmentido á realidade. A symetria esbelta, quasi direi a delicada symetria de sua figura, accusava mais aquella actividade, que acabava de provar galhardamente, do que a força herculea, que muitos lhe viram desenvolver em conjecturas muito mais arriscadas.

Com a bôcca e barba dum antigo Deus, grandes olhos estranhos, selvagens, dum brilho humido, cujos reflexos cambiavam entre o pardo da avelã e o negro de azeviche, possuía feições duma regularidade tam primorosamente classica, como o busto do imperador Commodo. Todavia era uma destas physionomias, como todos encontramos numa epocha qualquer da vida, para nunca mais a avistarmos; carecia daquella expressão stereotypada, ou dominante, que obriga a entalhá-la na memoria — um dêstes semblantes que se esquecem apenas vistos, mas sempre padecendo um vago e continuo desejo de os recordarmos. Não era que qualquer paixão rápida deixasse de reflectir-se indistinctamente nas suas feições, como num espelho; unicamente o espelho vivo era tam impotente como os outros, para reter o mínimo traço da paixão extincta.

Deixando-me na tarde daquella aventura, pediu-me com insistencia, que passasse no outro dia cedo por sua casa. Breve espaço depois de saír o sol, apresentei-me no seu palacio, vasto edifício dum esplendor sombrio, mas phantastico como os que sobranceiam o grande canal nas vizinhanças do Rialto. Encaminharam-me por uma larga escada de caracol, calçada de

mosaico, para um salão cuja magnificencia sem pat me offuscou, desde que lhe entrei os umbraes. Não ignorava a opulencia do meu hospede. A fama fallava de suas riquezas em termos, que a minha ignorancia classificou sempre de exaggeração ridícula. Mas apenas relanciei os olhos em derredor de mim, espantei-me que a Europa abrigasse um homem bastante opulento para realizar o sonho de régia sumptuosidade, que rebrilhava e pompeava allí.

Estando já fóra o sol, aínda assim, o salão achava-se brilhantemente illuminado. Esta circunstancia, junta á fadiga visivelmente impressa no rosto do meu amigo, fez-me crêr que elle não repousara desde a vespera. A architectura e ornatos da sala evidenciavam plenamente o desejo de maravilhar e offuscar o espectador. Attendera-se mediocramente á decoração que os artistas chamam *l'ensemble;* do mesmo modo pouca diligencia se empenhara no accentuar aquelle interior, abstraíndo-se de qualquer côr local. Os olhos divagavam de um em outro objecto sem se fixarem em nenhum — nem sobre os *grotescos* dos pintores gregos, nem sobre as obras da esculptura italiana de boa epocha, nem sobre os esboços colossaes do Egypto, aínda ignoro.

De todos os lados, ricas tapessarias, tremulavam ás vibrações de uma invisivel música, triste e doce. Senti-me oppresso por um mixto de perfumes, vaporados por incensorios de fórmas exquisitas, d'onde chispavam ao mesmo tempo línguas de fogo azulado ou verde, que a revezes flamejava e oscillava. Os raios do sol nado desferiam sobre esta scena, perpassando as janellas, formadas dum vidro carmezim. Finalmente reflectida em mil pontos por cortinados que se debru-

çavam das cornijas como catadupas de prata incandescente, a luz do sol místurava-se caprichosamente com os lumes artificiaes, e ensopava voluptuariamente um tapete d'ouro que refulgia como lençol d'agua.

«Ah! Ah! cascalhou o meu hospedeiro, que depois de me haver indicado uma cadeira, se atirou e estendeu á vontade numa *causeuse*.

Vejo, continuou elle, reparando na impressão, que a singularidade do seu acolhimento me despertava, vejo, que o meu salão, estatuas, quadros, e a originalidade das minhas ideias em pontos de architectura e mobilia, vejo que tudo isto vos espanta!

Estaes embriagado — é a phrase própria não é verdade? — de tanta magnificencia. Perdoae-me meu caro senhor *(aqui o tom de sua voz desceu muitas notas, e respirou a mais franca cordialidade)* indultae a minha hilariedade um pouco descaridoso. Mas, em verdade, tinheis uns ares tam espantadiços. Demais ha cousas por tal modo absurdas, que é preciso rirmos nos dellas, para não morrermos. Morrer a rir deve ser a mais gloriosa de todas as mortes!

Sir Thomas Morus, um digno homem! finou-se a rir. Encontra-se tambem nas *Absurdidades* de Ravisius Textor uma lista bastante comprida de originaes, que acabaram desta admiravel morte. Sabeis contudo, proseguiu num tom devaneador que em Sparta — hoje chama-se Palaeochori — se descobriu, a oeste da cidadella, entre um cahos de ruïnas apenas visiveis, uma especie de pedestal, sobre que apparecem distinctas as lettras *lasm*, que seguramente representam a terminação truncada da palavra *gelasma* rir? Ora, em Sparta, eram aos mil os templos e altares, consagrados a mil divindades differentes. E não é de estranhar que só o

altar do Riso tenha sobrevivido a tudo? Mas hoje, continuou, com singular mudança de intonação e ademanes, fiz mal em divertir-me a vossa custa, possuíeis o direito legítimo de vos maravilhar. Nada de comparavel ao meu salão de apparato poderia ostentar a Europa. Todas as minhas outras camaras nada se parecem com isto, representam simplesmente o *nec plus ultra* da insipidez *fashionable*. Isto vale um pouco mais, que a moda, não é verdade?

E todavia bastar-me-ía abrir este salão para que elle fizesse fanatismo, ao menos naquêlles, que julgassem acertado imitar-me a troco de todo o seu património. Mas tenho-me acautelado de commetter uma semelhante profanação. Á parte uma excepção, sois o unico além de um criado de quarto, a quem haja sido lícito contemplar os mysterios deste imperial recinto, desde que assim o dispuz.

Inclinei-me agradecendo. O esplendor deslumbrante do salão, a musica, os perfumes, a excentricidade inesperada do acolhimento e maneiras do meu hospede haviam-me impressionado em demasia, para que podesse traduzir em palavras o apreço daquella excepção, que olhava como um fino cumprimento.

«Ahi tem, tornou elle, erguendo-se para metter-me o braço e passeiarmos no salão, ahi tem quadros de todos os tempos desde os gregos até Cimabuée e de Cimabuée até hoje. Muitas dessas telas — bem o vê — fôram escolhidas sem a consulta dos entendedores; apesar d'isso formam todas uma tapeçaria conveniente para uma sala como esta. Ahi tem mais esboços de artistas celebres no seu tempo, cujos nomes a atilada perspicacia das academias pôde atirar ao esquecimento e á minha retentiva. Que me diz, proseguiu, encaran-

do-me bruscamente, desta *Madonna della Pietá?* — Lembra Guido! Bradei com todo o enthusiasmo de que era capaz; pois que estava examinando attentamente a tela indicada, que era duma belleza surprehendente. Um Guido puro e verdadeiro! Onde descobristes vós o primor? Essa Virgem é em pintura o que a Venus é em esculptura!»

— Ah! sim, volveu n'um tom de scismador. A Venus? a Venus formosa, a Venus de Medicis, não é assim? A Venus da cabeça pequena e dos cabellos d'ouro? Uma parte do seu braço esquerdo (neste ponto desceu a voz de modo que me custou a ouví-lo) e todo o braço direito são meras restaurações; segundo o meu modo de vêr a attitude *coquette* deste braço direito representa a hyperbole da affectação...

Fallae-me de Canova! Este Apollo não é mais que uma cópia, sem a menor duvida, não poderia existir... Cego que eu ando, aínda não vinguei descobrir em que consiste a tam preconisada inspiração desta obra. Não posso deixar... lastimae-me... de preferir-lhe o Antinoüs... Não foi Socrates quem disse que o esculptor acha no terço de marmore a sua estatua feita e acabada?

Sendo assim nem por isso Miguel Angelo foi muito original no dístico:

> Non ha l'ottimo artista alcuno concetto
> Che un marmo solo in se no circonscriva.

— Tem-se notado, ou na maioria dos casos deveria notar-se, que sabe cada um discriminar entre as maneiras de um gentleman e as de um mariola, sem contudo se inferir disto que define precisamente onde está

a differença. Admittido que podesse applicar-se esta observação em toda a sua fôrça ás maneiras do meu hospede, reconheci que mais applicavel aínda se tornava, nesta memoravel manhã, ao seu caracter e temperamento moral. Havia uma certa particularidade do seu espírito, que parecia insolá-lo completamente de seus semelhantes, e que eu só bem definirei, designando-a como um habito de meditação profunda e contínua, que o acompanhava nas suas acções mais triviaes, perseguindo-o até no meio da conversação a mais jovial, misturando-se com as suas expressões de alegria, como estas víboras que vemos saír, ennovelando-se, dos olhos das mascaras, que estão a gargalhar zombeteiramente nas cornijas dos templos de Persopolis.

— A despeito porem do tom meio jocoso meio serio em que fallava de umas e outras cousas, não pude fugir a notar-lhe em muitos relanços, já nos gestos já no porte, uma espécie de trepidação, de *satisfação* nervosa, uma irritabilidade inquieta, que me pareceram estranhissimas desde o princípio, e que a intervallos chegavam mesmo a occasionar-me graves cuidados. Suspendia-se muitas vezes no meio de uma phrase, cujas primeiras palavras denunciava ter esquecido, ageitando-se como a escutar com uma profunda attenção, como se esperasse uma outra visita, ou ouvisse um soído, que só podesse existir na sua imaginação.

— Aproveitei-me dêsses momentos de devaneio, ou de apparente distracção, para folhear a primeira tragedia nacional da Italia, o *Orpheo*, do poeta e sabio Poliziano, cuja obra admiravel jazia sobre um divan; deparei com um trecho sublinhado a lapis. Homem nenhum será capaz de lêr esta passagem, engastada no fim do terceiro acto sem experimentar o choque duma

emmoção nova, assim como mulher nenhuma sem suspirar — apesar da immoralidade que a enrosca e abraça amorosamente. Uma pagina inteira estava humedecida de lagrimas recentes; sobre uma folha branca, esquecida no volume, se liam uns versos inglêses manuscriptos, cujos caracteres tam pouco se apparentavam com a escriptura um pouco phantastica do meu hospede, que me custou bastante a conhecê-la.

I

Não sei se era teu seio ilha encantada...
Paraizo de canto,
De perfume, d'amôr e formosura...
Se um templo á beira-mar... um templo santo,
De luz e aroma cheio!
Não sei... pois sabe alguem sua ventura?
Mas dormia embalada no teu seio
Minh'alma socegada.

II

Um suspiro... uma prece...
Leva-os o vento pela noite escura!
Sonho! um sonho que esqueçe!
Mas não se esquece o sonho da Ventura!
Que phantasma nos brada, *avante! avante!*
Esquecer! esquecer! — ?
O coração não quer!
Não quer... não póde... lucta vacillante!
Onde teve seu ninho e seu amôr,
Ahi ha de ficar, sombrio, incerto...
Ha de ficar, pairar no ceu deserto,
Ave eterna de dôr!

III

— Nunca mais! nunca mais
Que diz a onde á praia? Ha um destino
Triste, partido, em seu gemer divino,
E um mysterio infeliz naquelles ais!
— Nunca mais! nunca mais!
E o coração que diz ás mortas flôres
Do seu jardim d'amôres?
Como a onda — *jámais!*

IV

Se eu podesse sonhar? Ah! posso ainda
Sonhar... se fôr comtigo!
Sempre! sempre a meu lado, imagem linda...
A noite é longa... vem fallar comigo?!
Estende os teus cabellos...
O ceu da tua Itália, não, não brilha
Como brilham meus sonhos, vagos, bellos,
Se me fallas á noite em sonhos, filha!

V

Levaram-te! levou-te a onda dos mares!
A aza da aguia! o vento!
Geme captiva — chora sem alento,
Pomba d'amôr, saudosa dos teus lares!
Teu ninho agora, é triste, glacial...
Um leito conjugal!
Antes a terra escura, pobre escrava,
Aonde — sob a abobada sombria —
Tua alma os vôos livres estendia...
E o coração amava!

Estes versos eram escriptos em inglez, circunstancia esta, que me não admirou sobremaneira, apesar da convicção que me tomara, sobre a ignorancia desta

língua pelo meu hospede. Bem sabia a extensão de seus conhecimentos, e o extranho prazer, que o possuia, em os esconder, para me assombrar com sua descoberta.

Confesso todavia que o logar d'onde vinham datados estes versos me fez bastante surprêza.

A palavra Londres traçada no fundo da pagina havia sido aspada cuidadosamente, mas não tanto, que não enleiasse um olhar penetrante na sua decifração. Disse ter sentido alguma surpreza: com effeito sabendo positivamente que a marqueza Aphrodite habitara Inglaterra antes do seu casamento, occorrera-me um dia perguntar ao meu gracioso hospede se porventura a conhecera em Londres. Declarou que nunca visitara aquella metropole. Acrescentarei de passagem, que ouvira tambem dizer, mas sem prestar fé a um boato tam pouco verosimil, que o meu interlocutor não só nascera, senão que fôra educado em Inglaterra.

— «Ha um outro quadro que aínda não vistes», disse elle emfim, sem deixar transparecer o mínimo indício da indiscripção que acabava de praticar.

— Ao pronunciar aquellas palavras correu uma cortina e descobriu o retrato em pé da marqueza Aphrodite. Nunca a arte humana reproduzira com igual esmero a belleza sobrehumana.

A etherea visão que me apparecera na noite precedente na escada do palacio ducal, levantou-se novamente diante de mim. Mas na expressão deste semblante, todo esplendido de sorrisos, alvorecia, notavel contradicção! aquella vaga tristesa, que é companheira inseparavel da bellesa real. O braço direito cruzava-se no seio emquanto a mão esquerda, estendida, indicava um vaso de fórma exquisita.

Um de seus pequeninos pés, unico visivel, parecia apenas roçar o chão e traz ella quasi invisiveis na brilhante atmosphera, que envolvia e divinisava sua bellêza, flutuavam duas azas tam delicadas e leves como só a phantasia é dado concebe-las. Depois de contemplar o retrato relanciei de novo o rosto do meu companheiro, e as palavras do poeta Chapman, no seu *Bussy d'Amboise* me accudiram aos labios:

Il se tient là,
Comme une statue romaine! Il ne bougera pas!
Avant que la Mort l'ait transformé en marbre!

— Vamos! Bradou elle, voltando-se para uma mesa de prata macissa, em que avultavam taças de côres exquisitas; e dois vasos etruscos duma forma nada commum, iguaes aos que o artista representara no primeiro plano do retrato da marquesa Aphrodite, e trasbordados, ao que me pareceu, de puro Johannisberg.

Vamos! toca a beber! É cedo; mas bebamos sempre!... Na verdade é aínda muito cedo, repetiu com acento devaneador, em quanto que um cherubim, armado com um martello d'ouro feria o quadrante para annunciar a primeira hora depois do sol nado. Não importa! Offereçamos uma libação a este pesado sol, cujos vividos fulgores estas lampadas e incensorios forcejam por mitigar.

Depois de me haver convidado a beber com elle, encheu e esvasiou o copo repetidas vezes.

— Senhor! Continuou achegando-se a uma luz com um daquêlles magnificos vasos etruscos já mencionados. Foram sempre a occupação da minha vida os sonhos; donde como vêdes cuidei em affofar um ninho propicio aos devaneios. No centro de Veneza acaso poderia

construir outro mais aprazivel? Verdade é que me cerca um cahos de ornatos architecturaes.

A castidade da arte jonica magoa-se nestes embellezamentos antediluvianos, e as esphinges do Egypto parecem deslocadas sobre um tapete de ouro.

Todavia só os espíritos tímidos poderão aquilatar de dislates semelhantes approximações. A conveniencia local e sobretudo a unidade não passam de meros papões que aterram o homem e o desviam da contemplação do magnifico.

Tempo houve em que eu tambem me não eximia a estas influencias de convenção; mas hoje esta loucura das loucuras varreu para bem longe. Tanto melhor! Semelhante a estes incensorios arabicos, o meu espírito contrae-se nas chammas; e o esplendor do quadro que se desprega ante meus olhos inicia-me nas visões miraculosas do paiz dos verdadeiros sonhos que breve hei de conhecer. No fim destas palavras calou-se de subito, pendeu a cabeça sobre o seio, e pareceu escutar um rumor que eu não pude ouvir. Enfim erguendo-se e apontando os olhos para o ceu repetiu os versos do bispo de Clichester:

> Attends-moi là! je ne manquerai pas
> De te rejoindre au fond de ce creux vallon...

Um minuto depois, subjugado decerto pela fôrça do vinho, deixou-se caír sobre um divan. Um passo rapido echoou na escada e bateram a porta com violencia. Accudi apressadamente com o intuito de prevenir nova pancada, quando um pagem da marqueza Aphrodite se precipitou no salão, bradando em gritos entrecortados:

— «Minha senhora!... minha querida senhora!...

envenenada! Envenenou-se! O bella, bella Aphrodite!»

— Corri desatinado ao divan para accordar o dormente e communicar-lhe a nova fatal. Mas os membros estavam hirtos e a bocca lívida; a morte gelava-lhe os olhos aínda ha pouco cheios de fulgor e vida.

— Horrorisado recuei estrebuxando na mesa de prata; a minha mão deparou com uma taça enegrecida, quebrada, e subitamente comprehendi toda a terrivel verdade (1).

(1) Publicada *in-Século XIX*, jornal de Penafiel (1864-1865), n.os 82, 83, 85 e 86, e reproduzida mais tarde num folheto de 35 págs. *(Nota do editor.)*

CARTA DE HENRI HEINE A GERARD DE NERVAL

ANTES DE COMEÇAR

Ao milagre succede o espanto, e ao espanto nada! porque está cheia a escala das sensações fulminantes. Espantem-se logo, mas sem fazerem biocos de feia incrudelidade.

Eu, a exemplo do Apostolo, tão sómente cubiço para mim *os simples* do coração, e de espirito... no sentido honesto da palavra. Quem não tiver a fé ingenua da creança desvie o rosto e siga seu caminho.

Escreveu algures Theophilo Gautier, que o extraordinário e sobrenatural, á força de o serem, se convertiam para si em facto ordinário e natural; o que o atarantava e ensandecia era a vulgaridade e o lugar commum! Ora porque não serão as minhas gentis leitoras — sublinharam-se as mulheres feias desde que Michelet e Karr se metteram a empalmar as mulheres velhas — da porcelana fina e scintillante de Gauthier?

Quando S. Thomé propunha por metro da crença o orgão visual e o tubo auditivo, á parte a santidade, escorregava na mais singular tolice, que nunca repetiram echos da montanha.

Creiam antes no *que se não vê* — que é a metaphisica — e armem figas, ao que *se vê* que é chato e

absurdo como um facto. Assim escusam de recorrer á Biblia, aos mediuns, ás mezas girantes, e quejandas boias de salvação de facciosa memoria. Com effeito Nerval e Heine resuscitaram, e se V. Ex.as os não enxergam ou palpam, é que certo fluctuam invisiveis, como as vaporosas divindades do Ossian, ou andam disfarçados á guisa de principes constitucionaes, viajando incognitos por essas terras... cultas, visto que já se não diz de Christo.

Não se lhes afigura plausivel e até racional a primeira hypothese? indubitavelmente. Segundo o respeitavel Mesmer, *os espiritos* aninham-se e encovam-se em qualquer parte — n'uma secretária de pau-rosa — no sandalo arrendado do toucador — na copa ponteaguda d'um *tromblon* — e mesmo na corolla dobrada e vigorosa de uma camelia... vermelha! São como a propria virtude — *où vont-ils se nicher!*

Existem, pois, transfigurados é certo; a difficuldade está em V. Ex.as desaventarem as paragens, em que elles se baloiçam. Derrancaram o trama nervoso e delicado das suas pituitarias ao contacto d'esta atmosphera ingrata que está continuo distilando as mais preguiçosas constipações, agora? Os espiritos d'além mundo, bons e maus espiritos, tem por veso annunciarem-se sempre nas graviolencias de enxofre, ou nos aromas do puro ambar.

O Patchouli e Macassar são transitorios, e por isso muito e muito terrenos; ha todavia guloso, que na vertigem carnal do enthusiasmo os prefere aos balsamos celestes e platonicos... eu não!...

Mas não vale descoroçoar; cae bem o despeito em muito pouca gente. Se a tarantula frenetica da curiosidade as morder na fibra occulta do desejo, desde já

lhes insinuo um alvitre, que as jogue elegantemente ao alvo appetecido.

Comprem uma photographia — Nadar — que lhes reprodusa as feições de Gerard de Nerval e Heine, depois rasguem essas jeremiadas do jornalismo, onde as Racheis provincianas choram inconsolaveis sobre as ruinas da viação publica, embarrilem-se (caminho á grosseria) n'uma betesga pensil, a que a linguagem euphonica do cocheiro chama resolutamente uma diligencia, e desatem emfim a visitar *novos ceus*, *novos climas* e *estranhas gentes* que encontrarão os originaes plasticos dos meus segredos d'estado.

Já aconteceu o mesmo com um insigne correspondente do — Freixo d'Espada á Cinta —, o qual, immergindo um dia do egoismo da sua abstracção, afogou o *verbo* em carne e appareceu Balsac!! — Era o mesmo homem de facto, minucioso esmerilhador e micographo potente dos segredos do coração humano: o theatro é que differia um pouco; a cainhez sovina de — Freixo — abafou-lhe as projecções radiosas, que coroaram de luz ao Balsac de Paris.

Victima da fatalidade sujeitou-se á ingloria tarefa de afuroar as luzas-cavernas de caco, dizia elle em estylo masculoso e energico — do regedor e presidente da camara d'aquella immoralissima gleba do Barroso.

Descobriu-se a luz, que crepitava accessa e vivida debaixo do alqueive e poseram-lhe o nome brutal de João Fernandes para não calumniarmos ninguem! Ahi tem; o processo é facil, embora lhes não prometta absolutamente um exito doirado, porque Nerval era mais feio que o toleravel, mesmo n'estas terras de facil e ininterrupta paciencia.

As raças hoje degeneram e as fealdades abundam por ahi, como os barões e conselheiros.

Quanto a Heine, as leves fragosidades da expedição allisar-se-hão de per si. Não exige uma sabia diplomacia de intriga, nem longos preparos e diligencia, para chegar ao desenlace esperado. Procurem e serão premiadas.

Moço elegante e bello, como o Antinous grego, realçado nas feições harmonicas pela ondulação triste d'um impalpavel veu de *houmorismo*, extrema-se bem na galeria viva dos typos incontradiços. Estanceia ahi pela latitude de Coimbra, captivado por aquella terra sagrada do Helicon portuguez, tão embrandecida nos accentos maviosos de Camões, Soares de Passos e João de Deus.

D'antes a perigrinação memorava os crentes das ruinas santas de Jerusalem. Hoje acena ao poeta da fonte rumorosa de Vaucluse, do Pausilippo e da saudosa fonte dos Amores. *Alteri tempi, alteri pensieri.*

Ambos, o cantor de Reisebelder, e o nobre e infeliz *suicida*, alcançaram, por licença poetica, antecipar o clangor da trombeta final, e reunir o atribulado espirito ao involucro terreno.

O mesmo espirito, solto das prisões da materia, revoltou á chrisalida antiga para ensinar aos homens a palavra do seu destino.

Où va l'homme sur terre! diz Victor Hugo. Elles se esforçarão por esclarecer a palavra do abysmo! Oh! Se virá mortifical-os ainda a horrivel desillusão do Adamastor, abraçando o gracioso phantasma de Thetis!...

Não fiquei homem, não, mas mudo, e quedo,
E junto d'um penedo, outro penedo.

Agora para tranquillidade da consciencia caia uma promessa dos sabios á leitora. Hão de aceitar a resurreição d'aquelles romeiros dos Elyseus e as suas confidencias em portuguez, como factos naturaes e positivíssimos! Quem desce das regiões supernas soe trazer em testemunho e signal de sua luminosa hierarchia o dom prestigioso da linguagem universal. Lá em cima fallam-se todas, porque a unidade é um degrau d'esta mysteriosa escada de Jacob, chamada progresso.

No tocante á minha posição de editor, a história é comprida, e as leitoras espirituosas me absolverão por as forçar aos precalços da sua leitura. Depois, a sua curiosidade poderá menos que a impaciencia de beberem os philtros inebriantes d'aquellas cartas!

Será feita a sua vontade, minhas senhoras.

A. Q.

CARTA DE HENRI HEINE A GERARD DE NERVAL

Resuscitastes, meu amigo! Resuscitastes — mas como quem, acordando d'um sonho, que lhe vestiu o espirito com a cambraia luminosa das visões, cae de chofre no meio d'esta realidade descolorida e estupida — realidade mechanica e pautada, a que os burguezes chamam *vida*, e a que o poeta não chama *martyrio*... desde que o martyrio se tornou apanagio dos tolos, e o soffrimento appenso de digestões trabalhosas e infelizes.

Filho d'um olhar profundo de virgem indiana caido sobre as collinas harmoniosas da Grecia — filho do

sentimento e da luz, da perfeição e da belleza — eis-te perdido e extranho, deslocado como um rendado gothico na porta dum celeiro, no meio do nevoeiro espesso e nauseativo a que se chama vida-commum! Eis-te, como uma flôr esplendida dos tropicos, toda sequiosa d'ar e luz, que amarellecesse moribunda no *demi-jour* abafadiço, baço e humido d'algum escriptorio commercial!!

Porque resuscitastes aqui? Que metempsycose de desgraça foi essa tua, que assim te fez trocar algum astro ou sol por estes escuros chafurdos? Porque não alumiou a lua voluptuosa do Oriente a primeira hora d'essa tua transformação, lá por esses jardins da Galilea, que tanto amaste outr'ora?

Que não foi a sombra d'algum portico de templo grego que te vestisse de harmonia a nudez de tua nova encarnação?

E resuscitas aqui! Aqui n'este frio inverno das almas — quando o ceu te dava o palacio das suas estrellas; o mar do sul o seio arredondado de suas ondas; a terra da India a sua vegetação explendida, quando o infinito te dava soes immensos e vôos altissimos, radiantes verdades e misterios sublimes!

Podias ser flor nos jardins da Arcadia, perola no golfo de Bengala, lotus nas solidões da Africa, diamante nos montes do Oriente, napeia ou ondina, huri ou fada nas margens do Bosphoro, ou gigante nas florestas do Norte... e preferes ser homem! — e o ultimo dos homens, então — o portuguez, coisa duvidosa entre a esponja do mar e o musgo da terra!

É triste — triste, e ao parecer, injusto — por que te não foi dado a escolher. Não te chamou o grande Espirito, a lei eterna — o Pan gigante, em fim — não te

chamou ao tribunal explendido da Ordem, a escutar-te as queixas de um destino anterior, e recolher-te as esperanças de um melhor futuro, a receber-te, em fim, nas mãos feitas de raios de justiça, o teu requerimento para melhorias n'uma ulterior transformação! Não desenrolou diante de ti, como caixeiro do Infinito, as peças innumeras, immensas, multicolores, fantasticas, sedas, veludos — e até chitas de pataco — que se chamam o mundo das fórmas! Não poz diante de teus olhos, estendida como deserto sem termo, a pasmosa immensidade do ser, por que escolhesses qual grão d'areia te convinha para vehiculo na tua proxima viagem! Pan — o selvagem D. Juan das selvas e dos bosques — portou-se grosseiramente contigo, meu pobre amigo. Tratou-te como o extranho, deixou-te só n'esta ante-camara do palacio d'elle, que é o Universo, emquanto elle, ingrato ou descuidoso, corria nas florestas, perseguido com mãos lascivas deiades, nimphas, napeias e mais cachopas de seus vastos dominios — com escandalo de todos os Faunos da visinhança!

Fez-te isto a ti — a ti, o seu amigo, o seu hospede, o seu intimo, a ti, o pantheista!

É feio, injusto e brutal. O Pan d'hoje é ainda o mesmo *marufle* que Hercules levou, por uma orelha, perante o luminoso concilio dos Deuzes. É ainda o mesmo; insolente, fatalista e mal-criado — Nem Hegel — Hegel, o Hercules d'este seculo, que tão rudemente lhe sacudiu as agudas orelhas, que tanto lhe quiz ensinar philosophia, allemão, e civilidade, nem esse lhe pôde torcer o selvatico natural, sôbre tudo, aquella rude insolencia antiga para com a especie humana.

E com tudo, tu tinhas direito a suas attenções, ó pantheista! Tu tinhas direito a renascer sob uma

fórma melhor, tu que levaste toda uma vida anterior lapidando, pulindo, abrilhantando as formas artisticas dos mais puros diamantes poeticos, que jamais offuscaram com seu brilho estes meus olhos cançados!

Paciencia! Ou antes, impaciencia de ir correndo de mundo em mundo, de ser em ser! Impaciencia de que se passe este tempo de dura provação, e ver se a philosophia com seu cortejo de santas ideias, chamadas liberdade, justiça e consciência, penetra nos escuros bosques, e armando-lhe em volta cores harmoniosas, logra civilisar o selvagem e grosseiro Pan.

Em tanto, esperando, isto aqui é mau, a forma que te deram, imperfeita e ridicula. A vida que te fizeram triste, descolorida, feia. O pessimo e o terrivel não é que são o mau. O mau é o terrivel, o commum e o baixo. É a paz e o socego de quem não luta, porque não acha *para que;* vive contente porque não sentiu nunca uma hora o desejo de que na terra se chama o *impossivel*, e no ceu (ou nos engana o coração) deve ter o nome de *verdade*. O mal é o goso negativo e apathico dos que não soffrem, porque isso que nos faz ser tristes, a impaciencia sublime que é o Espirito, se lhes dissolveu e sumiu entre os atomos do vento sem que podesse subir-lhes á cabeça ou ao coração.

O Mal é o Bem... *commum.*

É o que isto é. O que é esta terra, esta gente, este viver. Aqui não se pena. Para penar é preciso *desejar:* ora que deseja esta nação exhausta, mais que o somno do esquecimento? este povo caduco, mais que o recosto do cemiterio? cada um d'estes homens, mais que a morte dos vivos que se chama apathia e indifferença?

Paris — aquella tua Paris onde soffreste e amaste, onde foste, á uma, heroe e martyr, onde bebeste a

gloria inebriante pela mão escura da desgraça — a cidade-paradoxo, a terra quasi fabulosa das lamas e dos esplendores, essa podia ser para ti a luta e o soffrimento, a tristeza e a miseria, a ancia e a morte... a vulgaridade, isso é que ella não podia!

A angustia, o desalento, o abandono são bellos, são sublimes muitas vezes. A desgraça pode envolver-se n'um manto luminoso da poesia, melhor, muito melhor que nenhuma ventura.

A trivialidade, essa é que nunca pode ser infeliz. É a compensação, senão o castigo, de sua doce felicidade. As lagrimas de Julietta, os soluços de Hamlet — essas lagrimas é que ella nunca poderá chorar, — nunca poderá soluçar soluços d'aquelles.

Consolemo-nos com isto um pouco, meu amigo. — Nem todos podem erguer ao céu braços tão descarnados, tão mirrados por uma febre interior — a do espirito — como estes nossos.

Abracemo-nos com a nossa mesma tristeza para d'ella tirarmos consolação a tanta magoa. Ella deve ter no seio um grande allivio e uma grande poesia, porque é tão bella — ainda em meio de suas lagrimas.

E tem. Preciso dizer-te qual ella é, essa consolação? Que perola se forma no centro e da mesma decomposição de nossas mortas esperanças?

O sentimento d'uma compensação necessaria para estes destinos quebrados ás mãos do fado — o sentimento da immortalidade — eis que filho bello da harmonia, de luz e de justiça concebe em seu seio a pallida desgraça!

Hegel diz isto muito bem. Mas uma lagrima ainda o diz melhor e com outra eloquencia.

Lembram me estes versos d'um desconhecido:

. . . . . .

Ah! são contadas as lagrimas
Que aqui se vão a chorar!
Debaixo de nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar.

Eu creio na Providencia!
O tronco sêcco da Cruz
Rebenta no Paraizo
Para dar flores e luz.

Ás faces que impallidecem
Ha-de as Deus ainda córar,
Com o reflexo dos cyrios
Que ardem lá no altar.

E se os olhos se annuviam,
Escurecendo-se — Deus
Faz dos escuros da terra
A aurora eterna dos Ceus!

. . . . . .

Este Deus que nos importa a nós saber-lhe o nome? — Jehová ou Pan, Senhor ou lei — chama-lhe um secreto instincto da alma Justiça e Harmonia, e isto basta. Se a esta intuição instinctiva do espirito não correspondesse uma verdade, como se poderia explicar o estado d'esse hospede misterioso no peito de cada homem?

Tudo *o que é*, diz Hegel, é *verdadeiro*. Mas Hegel falla d'estas cousas como um philosopho: demonstra. Se a cabeça se convence, o coração, esse é que não pode consolar-se com um syllogismo.

Eu tenho no peito do infeliz mais bella e clara metaphysica. Leio nos olhos da mulher, que chora, uma demonstração de logica eterna. E na lagrima, que lhe escorrega das faces pallidas, brilha-me uma luz tamanha que me parece astro mais bello que nenhum visto ainda no ceu.

É o sol da Immortalidade (1)!

H. HEINE.

(1) Publicado *in-Século XIX*, jornal de Penafiel (1864-1865), n.º 7 de 24 de Março de 1864. *(Nota do editor.)*

ÍNDICE

Pág.

«Le Portugal Contemporain» — Oliveira Martins. 1
Socialismo e philantropia 12
Esmola. 16
O talento e a vontade 18
A «Philosofia da Natureza» dos naturalistas 22
Uma edição critica de Sá de Miranda «Poesias de Francisco de Sá de Miranda». 53
Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX. 62
O socialismo e a moral 141
Expiação. 144
Discurso lido na sessão de 7 de Março da Liga Patriotica do Norte. 147
Representação sobre a necessidade de ser retirado o exequatur ao consul inglez. 154
A que vimos. 158
Ultimatum de 11 de Janeiro. 162
Ensaio sobre as bases philosophicas da moral ou philosophia da liberdade. 164
Linhas num album. 180
Inédito. 181

APÊNDICE

ARTIGOS ANÓNIMOS E TRADUÇÕES

A Republica 185
O Pensamento Social 190
A Republica e o Socialismo. 196
A Entrevista. 203
Carta de Henri Heine a Gerard de Nerval. 222

OBRAS

DE

ANTHERO DE QUENTAL

Publicadas:

OS SONETOS COMPLETOS — Conforme a 1.ª edição.

PRIMAVERAS ROMANTICAS — Conforme a 1.ª edição.

PROSAS — Edição conforme ao original. — Vols. I, II e III.

ODES MODERNAS — Conforme a 2.ª edição.

CARTAS INÉDITAS DE ANTERO DE QUENTAL A OLIVEIRA MARTINS.

A sair:

CARTAS — Nova edição, aumentada.

RAIOS DE EXTINCTA LUZ.

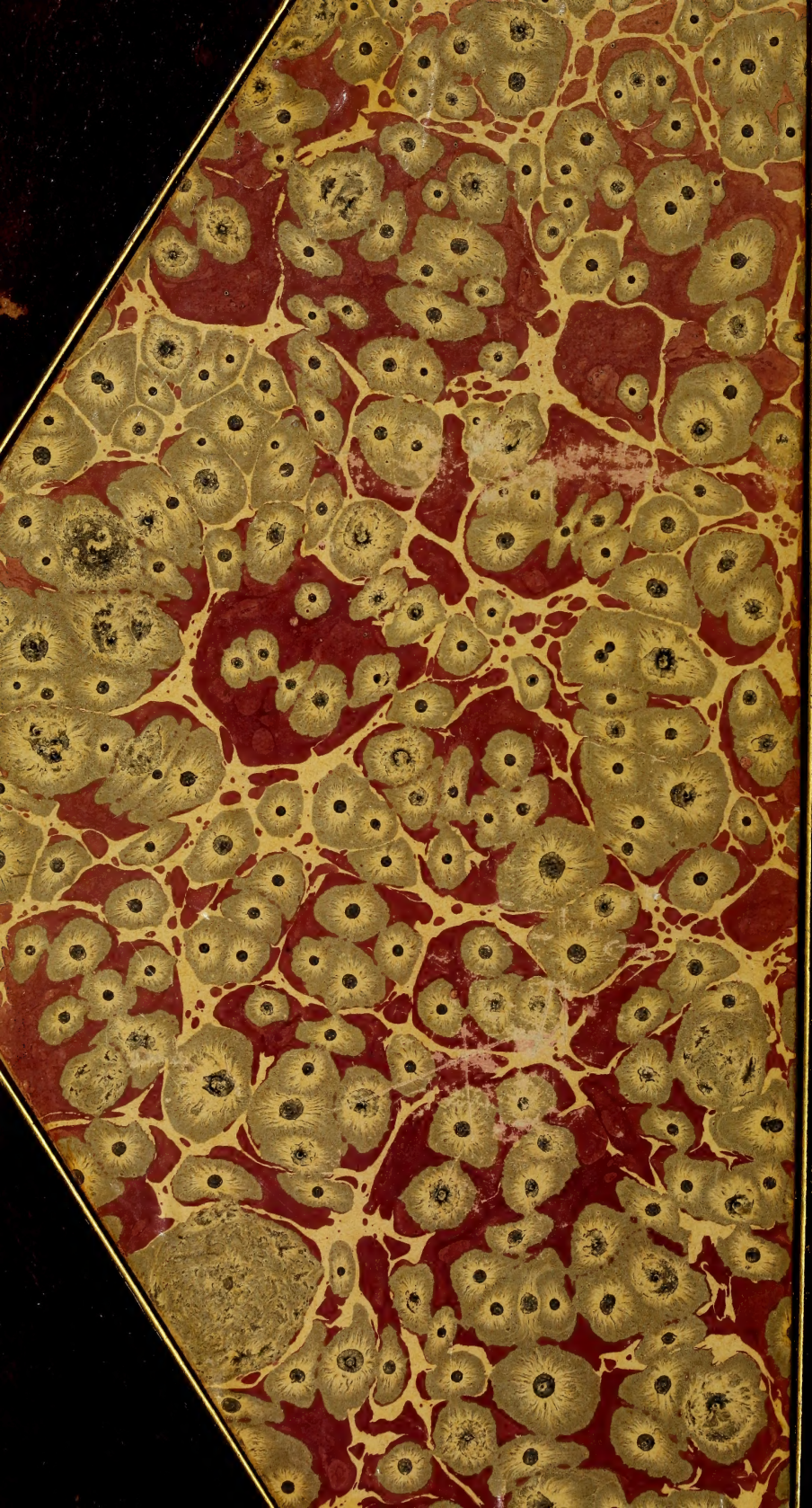
Pedidos à

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA

PQ
9261
Q4A15
1923
v.2-3

Quental, Anthero de
Prosas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY